Singularidades da França Antártica, a que outros chamam de América

Fr. André Thevet

Edições do
Senado Federal

Volume 251

Edições do Senado Federal

Viagens pelo Amazonas e rio Negro, de Alfred Russel Wallace, viajante e naturalista inglês nascido em 1823. No dia 1º de julho de 1858, Wallace apresentou, na Sociedade Lineana de Londres, suas ideias sobre a seleção natural das espécies. Na tarde do mesmo dia, na mesma Sociedade, Darwin leu o manuscrito sobre *A origem das espécies pela seleção natural*. Ambos os trabalhos foram aceitos, pois constituíam pesquisas desenvolvidas simultaneamente, sem contato entre seus autores. Esta obra é o resultado de quatro anos de experiência na bacia do Amazonas, viagem realizada às expensas do naturalista inglês, em que relata suas excursões e impressões. A primeira e a última parte do livro foram extraídas de seu diário de viagem, posto que parte do material que recolheu extraviou-se. Suas observações não se limitam à geografia dos trópicos, à flora e à fauna da região amazônica; alcançam também os costumes e a vida social de índios e portugueses que habitavam a Amazônia.

Na planície amazônica. Livro escrito há mais de 70 anos por Raimundo Morais, um comandante de "gaiolas" que, durante 30 anos, percorreu os rios do maior sistema hidrográfico do mundo. É uma descrição viva da paisagem física e humana de uma das regiões que mais têm atraído a atenção nos últimos tempos.

Edições do Senado Federal

História do Brasil, de João Armitage. A visão do Brasil por um historiador estrangeiro traz dois traços de interessante perspectiva analítica: o primeiro corresponde ao fato de o estrangeiro trazer uma bagagem distinta do cabedal do intelectual nativo, e segundo diz respeito à avaliação distanciada de compromissos imediatos com as experiências circunstanciais. É, portanto, a partir desses dois prismas que a obra do inglês John Armitage surge e se diferencia. O livro estuda o período que cobre a chegada de D. João VI ao Brasil, em 1808, até a abdicação de D. Pedro I e sua partida para Portugal, em 1831. Publicado em 1836, em inglês, pela casa Smith, Elder e Cia, em Londres, em dois volumes, o livro tornou-se durante bom tempo alvo de especulação sobre sua autoria. Uns acreditavam tratar-se de um brasileiro que o escreveu e publicou sob pseudônimo. Uma consulta ao jornal britânico P.C. pôde estabelecer que seu autor era, sim, John Armitage.

História do Brasil, de Robert Southey. O autor é um dos grandes poetas ingleses do romantismo junto aos seus cunhados Coleridge e Lovell. Ao mesmo tempo também é um dos grandes historiadores de sua época. A primeira edição desta obra apareceu, em inglês, entre os anos de 1810 e 1817. E, por fim, em 1862, a Livraria Garnier, lança a primeira edição brasileira, em 6 volumes. Southey valeu-se das pesquisas de documentos do nosso passado colonial feitas na Torre do Tombo e ainda aproveitou estudos do seu tio Herbert Hill, que pesquisou durante trinta anos em Portugal e ofereceu ao sobrinho acesso a documentos fundamentais da nossa História. É a primeira História do Brasil a cobrir período tão extenso e aprofundar os estudos dos séculos anteriores.

Tratamento de um doente (Thevet)

Imagem de fr. André Thevet, em hábito de *cordelier*.

(Reprodução na edição da Companhia Editora Nacional, 1944,
Volume 229, na Coleção Brasiliana)

Singularidades da França Antártica, a que outros chamam de América

. . . .
Edições do Senado Federal – Vol. 251

SINGULARIDADES
DA
FRANÇA ANTÁRTICA,
A QUE OUTROS CHAMAM DE AMÉRICA

Prefácio, tradução e notas do
prof. Estêvão Pinto

Com um estudo sobre o "piã", em apenso,
da autoria do dr. Eustáquio Duarte.

Fr. André Thevet

Brasília – 2018

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL
Vol. 251

Projeto gráfico: Achilles Milan Neto

Congresso Nacional
Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900 – DF
CEDIT@senado.gov.br
Http://www.senado.gov.br/publicacoes/conselho

ISBN: 978-85-7018-947-9

. . . .

Thevet, André, 1502-1590.
Singularidades da França Antártica, a que outros chamam de América / André Thevet; prefácio, tradução e notas do prof. Estêvão Pinto. – Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2018.
504 p. – (Edições do Senado Federal ; v. 251)

Com um estudo sobre o "piã", em apenso, da autoria do dr. Eustáquio Duarte.

1. América, descrição, séc. XVI. 2. Franceses no Rio de Janeiro (1555-1557). 3. Viagem, memórias, Brasil, séc. XVI. 4. África, descrição, séc. XVI. I. Título. II. Série.

CDD 918

. . . .

. . . .

Sumário

. . . .

Obras do Prof. Estêvão Pinto

Pernambuco no século XIX – Recife, 1992 (esgotado).

Lições & exercícios de História do Brasil – Publicação do governo de Pernambuco – Recife, 1930 (esgotada).

A escola e a formação da mentalidade popular do Brasil – Recife, 1931 (esgotada); idem (2ª ed., vol. XVI da "Biblioteca de Educação". Comp. Melhoramentos.), São Paulo, 1932.

O problema da educação dos bem-dotados – Vol. XIX da "Biblioteca de Educação" cit. São Paulo, 1933; idem, 2ª ed. (trad. espanhola da *Revista de Pedagogia*, de Madri), Madri, 1933.

Os indígenas do Nordeste (I vol.) – Vol. XLIV da "Brasiliana", São Paulo, 1935; *idem* (II Vol.) – Vol. CXII da mesma coleção, São Paulo, 1938.

"Alguns aspectos da cultura artística dos pancarus de Tacaratu" – Em *Rev. do Serv. do Pat. Hist. e Art. Nac.*, n. 2. Rio, 1938.

Nota do tradutor

Obs. – A presente tradução foi feita através da edição de 1558 (Paris). Também me servi da edição de Gaffarel (1878), que é acrescida de seiscentas e sete notas. Entretanto, dessas seis centenas de notas, só utilizei realmente umas poucas delas – cerca de quarenta – sendo que algumas foram mesmo ampliadas ou robustecidas de novos dados. Muitas outras notas de Gaffarel tiveram de ser por mim desprezadas, umas porque, como é natural, já não estavam em correspondência com o estado atual dos conhecimentos científicos (por exemplo, aquelas sobre a viagem do Orellana), outras porque não passavam de erros ou lapsos desse ilustre escritor francês (vejam-se os meus comentários, nos lugares pertinentes, caps. XXIII, XXV, LIV, LX, LXXIV e LXXXIII).

Devo aqui, consignar os meus agradecimentos aos drs. Rodolfo Garcia e Jorge Calmon, diretores, respectivamente da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e da Biblioteca Pública do Estado da Bahia, pela maneira prestimosa com que facilitaram os meus estudos. Como também não quero esquecer os diretores do Gabinete Português de Leitura em Pernambuco.

Minha volta antecipada do Rio, em 1939, não me deu tempo para a consulta mais demorada da *Cosmographie Universelle* de Thevet, cujo estudo eu havia reservado para os últimos dias de minha estadia na capital do país. Aguardo outra oportunidade para sanar essa falha – E. P.

. . . .

Prefácio do tradutor

FREI ANDRÉ THEVET nasceu na velha cidade francesa de Angoulême, bem no começo do século XVI (1502). Gaffarel, que andou fazendo pesquisas na terra natal desses franciscanos, não encontrou nada sobre a família e sobre sua mocidade, concluindo, melancolicamente, que o autor das *Singularidades da França Antártica* devia ter sido de origem modesta: "Thevet (escreve aquele escritor) só muito tardiamente recebeu educação, aliás bastante artificial, pois, durante toda a vida, arrastou consigo o fardo de sua ignorância. E, apesar dos esforços por aparentar erudição, o boné com que tão liberalmente o cobriu o maligno Rabelais, deixou sempre à mostra a ponta das orelhas."[1] Não é demais acrescentar que, além de ter sido de origem modesta, era Thevet igualmente pobre[2].

---

1 P. VI e VIII da "Notícia biográfica" apensa à edição de 1878 das *Singularidades*. Gaffarel, com essa frase, repete uma espirituosa observação de Ferdinand Denis, que vem em seu estudo *Lettre sur l'introduction du tabac en France* (1852). Estava em moda, nos meados do século XVI, espalhar as mais jocosas anedotas a respeito do nosso franciscano. Le Duchat, por exemplo, conta que Thevet trouxe do Oriente um enorme crocodilo, ao qual chamavam de *grosse bête de Thevet*. Cf. *Biographie Universelle Ancienne et Moderne.... dirigée par une Société des Gens de Lettres et de Savants*, XLV, Paris, 1826, p. 387.

2 *Les Singularitez de la France Antarctique*, f. 3, ed. de 1558, Paris.

Thevet, na verdade, não nega as suas poucas letras[3]. Mas, numa época em que toda a educação não ia muito acima dos romances de cavalaria, do *Pantagruel* e de alguns *Livres d'heures* maravilhosamente ilustrados[4], não é de desdenhar que um pobre clérigo, de humilde estirpe, tivesse alguma leitura dos autores antigos (Plínio, Aristoteles, Arriano, Josephus, Procópio, Tácito, Platão, Ptolomeu e tantos outros), Isso sem falar nos seus incontestáveis conhecimetos de cosmografia e mesmo de cartografia[5].

É de um dos seus melhores biógrafos a observação de que, se Thevet vivera em nossos dias, teria possuído a mania do *bric-à-brac*. Sabe-se, realmente, que esse franciscano amava as suas "singularidades" com um sentimento quase de pai, guardando-as, ciosamente, até a sua extrema velhice, como aconteceu, para citar apenas um caso, ao possante tacape de

---

3 "*Et si Dieu ne m'a fait Grace de consumer ma ieunesse es bonnes lettres*"... (ib, f. 166).

4 Cf. Abel Lefranc, *La vie quotidienne au temps de la Renaissance*, p. 96 sq,, Paris, 1938.

5 *Les Sing.*, cit., f. 166. Cf. ainda Heulhard (*Villegagnon, Rei de L'Amérique*, etc., p. 109, Paris, 1897). "*Thevet dessinait um peu, et c'est ce qui donne une certaine valeur aux images de ses livres*".
J. Vieira Fazenda ("Fundamentos da cidade do Rio de Janeiro", em *Rev. da Inst. Hist. e Geog. Bras.*, t. 80, Rio, 1917, p. 539 sq.) critica a carta da baía de Guanabara atribuída a Thevet, cuja data é de 1557. Essa carta foi vulgarizada pelo velho Melo Morais (na *Crônica geral e minuciosa do Império do Brasil*) e, depois, por Paul Gaffarel (na *Histoire Du Brésil Français*), isto é, respectivamente em 1871 e 1878. Acha Vieira Fazenda que das três ilhas localizadas à entrada da barra, duas foram tragadas por algum catalismo ignorado; que a Laje ficou fora do lugar; que, enfim, a Villegagnon tomou proporções exageradas. Mas, é preciso notar que essas observações são um tanto apressadas. Examinando-a atentamente, vê-se que a carta de Thevet foi desenhada tendo-se em vista as leis de perspectiva, isto é, como se a carta fora desenhada do alto de um monte. Uma fotografia aérea, se diria hoje. E é natural que os três ilhéus da antebarra – talvez as ilhas hoje chamadas de Cotunduba. Pai e Mãe, – localizadas no primeiro plano, tomassem proporções aparentemente exageradas.
Muito mais defeituosa é a célebre carta de Vaulx de Claye, difundida por Heulhard (*ob. cit.*, p. 208 e 209). Também o autor da carta da baía do Rio de Janeiro, a qual faz parte de um códice quinhentista da Biblioteca da Ajuda, – o *Roteiro de todos os sinais, conhecimentos, fundos, baixos, altura, que há na costa do Brasil* (vj. *Hist. da Col. Port. do Bras.*, III, Porto, 1924, p. 230 e 231), – incide em erros mais graves. E, todavia, o autor do citado códice desenhou a uma época em que se conhecia muito melhor o recôncavo da Guanabara.

Cunhambebe. Mas, também não se deve esquecer que, quando era preciso cortejar os poderosos ou recompensar os amigos, esse seu amor logo se desmanchava todo, abrindo mão Thevet de suas ricas preciosidades com um desprendimento e uma generosidade mais de pródigo: os mantos de plumas de guará para o senhor de Troistieux, gentilhomem da casa do cardeal chanceller de França; os marcos para Nicolas de Nicolaï, geógrafo da corte real; as aves e sombreiros para o rei; as peles de preguiça para Conrad Gessner; as sementes raras para Philippe Melanchton. E isso sem falar nas conchas de todas as variedades e nas plantas de todas as espécies, com que Thevet satisfez a curiosidade dos amigos. Em suma, no homem do *bric-à-brac* não havia só o avarento; havia também o pródigo.

A contradição, ou melhor, o contraste foi mesmo um traço bem acentuado na vida de frei André. Assim, o cosmógrafo, que ainda adota o sistema dos céus concêntricos, o cartógrafo, que ainda emprega a técnica medieval, o geógrafo, que ainda crê nos ímãs atraindo a ferragem dos navios, o filósofo, que ainda lê a *Melusine*, – é também o autor de teorias e hipóteses por assim dizer quase atuais. Hipóteses e teorias, que muitos sociólogos modernos, com poucos reparos, não vacilariam em subscrever. Como, por exemplo, a da habitabilidade das zonas terrestres em geral: "Só nas regiões estéreis [diz Thevet] não se pode viver, como tive ocasião de verificar na Arábia deserta e em outras regiões. Deus dotou o homem de meios necessários para ocupar qualquer parte do globo, – zonas frias, quentes ou temperadas."[6] Ou como a da origem e antiguidade da agricultura, com a qual se coloca Thevet entre os precursores da escola histórico-cultural, isto é, entre os adeptos do descontínuo das formas em que se processa a evolução social[7]. Quantos etnólogos contemporâneos – para dar mais outro exemplo – não apoiariam a sua teoria sobre a nudez dos selvícolas? "Em matéria de vestes [diz o frade] os índios canadenses estão acima dos aborígenes sul-americanos, pois se cobrem com peles de animais selvagens, confeccionadas à sua maneira. Os pelos são

---

6 *Les Sing.*, f. 37.

7 *Id.*, f. 113: "Entretanto, é mais fabuloso do que real dizer que a humanidade viva, primitivamente, como os aminais selvagens. Os poetas é que têm essa opinião, que alguns autores acolhem, como se vê em Vírgílio, na primeira das suas *Geórgicas*. Creio antes nas Santas Escrituras, onde se faz menção dos trabalhos de lavoura de Abel e das oferendas que este fez a Deus."

conservados. Esse costume é, talvez, oriundo da necessidade de precaver-se o índio contra o frio e não de qualquer sentimento, ou ideia moral. Como os demais indígenas americanos não se veem obrigados por tal necessidade, andam todos nus, sem mostras de nenhum pudor."[8]

É esse seu temperament tão cheio de contrastes que explica como, apesar dos cordões de franciscano, pôde Thevet tomar parte em uma expedição de calvinistas, ou em uma expedição pelo menos chefiada por um guerreiro de ideias religiosas no momento tão trêfegas e indecisas[9]. Como também explica

8 Id. f. 153. Cf. H. Obermaier, *El hombre prehistoric y los Orígenes de la humanidad*, p. 103, Madrid, 1932; A. M. Hocart, *Les progrès de l'homme*, p. 106 sq., Paris, 1935; Robert H. Lowie, *Manuel d'anthropologie culturelle*, p. 85 sq., Paris, 1936.

9 "Hipócrita, a fingir tolerância religiosa para angariar colonos e adeptos ao seu cometimento" (escreve Ramiz Galvão, "O livro de Paul Gaffarel", em *Rev. do Inst. Hist. Bras.*, t. 102, p. 571 sq., 1927), ambicioso de glórias e quem sabe se de plantar as raízes de um principado; duro e violento, a ponto de investir em pessoa contra Dubourdel, quando este teve a audácia de insistir em suas opiniões calvinistas; desleal e falsário, que não duvidou assentir na retirada dos genebrinos para a França, a bordo do *Jacques*, mas fazendo-os acompanhar de uma vil denúncia, que os podia levar ao garrote ou à fogueira, naqueles tempos de perseguição religiosa; enfim, desigual no trato e nas opiniões, e, sobretudo, arrebatado e cruel por natureza e educação – Villegagnon era isto, e o sr. Gaffarel o confirma, ainda que uma vez ou outra não deixe de suavizar as linhas do perfil, fazendo sentir a suspeição dos autores protestantes, que de fato escreviam a este respeito com certa paixão."

É verdade que com esse conceito não concordam, porém, algumas testemunhas insuspeitas da época, inclusive Anchieta. Pelo menos no que diz respeito às relações de Villegagnon com os indígenas. Villegagnon (afirma o célebre jesuíta) "castigava mui rijamente e creio que com pena de morte os que pecavam com as índias pagãs". E acrescenta: "Era muito zeloso de se guardar a fé católica, mas como não podia com tantos dissimulava até ver se podia fazer a sua" (*Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões*, p. 311, Rio, 1933). Por outro lado, Heulhard (*ob. cit.*, p. 103 sq.) defende Villegagnon de qualquer ideia relacionada com a vinda dos calvinistas no Brasil. Mas, o certo é que Villegagnon correspondia-se com Calvino – tendo sido a sua célebre carta, escrita primitivamente em latim, divulgada por Léry (hoje se conserva numa biblioteca de Genebra). Com espírito, observa Capistrano de Abreu que Villegagnon "no Brasil foi protestante a seu modo, antes de decidir-se pelo dogma católico, de que não mais divergiu no resto de seus dias" (Cf. *His. Geg. do Bras.* do Visc. de Porto Seguro, I, p. 376, São Paulo, 3ª ed., s/d.).

O fato de os colonos franceses preocuparem-se com o ensino do trabalho manual, entre os indígenas, está também indicando que a gente sob a guarda de Villegagnon era constituída, em sua maioria, por protestantes, entre os quais o gosto por esta atividade parecia ser mais congênito do que entre os católicos. A observação é de Gilberto Freire (cf. *Um engenheiro francês no Brasil*, p. 28, Rio, 1940).

por que jamais foi esse frade muito dócil às regras da ordem, ou muito dado às questões teológicas. Assim o demonstram, pelo menos, muitos episódios de sua vida, sendo o mais conhecido aquele de sua prisão em Espanha[10].

*

André Thevet tomou, ainda bem moço, o hábito de franciscano (*cordelier*). Mas, embora comprometido com os estudos de teologia, sua atenção estava toda voltada para as ciências profanas. Atraído, pois, para as ciências profanas, devorou numerosos livros de história natural e de geografia e, em seguida, ávido por conhecer os países estranhos, dos quais lhe falavam tais livros, obteve permissão para viajar. Daí em diante, passou uma boa soma de anos a percorrer o mundo (a Itália, a Grécia, Quio, Constantinopla, Chipre, a Ásia Menor, Rodes, o Egito, a Arábia, a Palestina, o Líbano, Malta). E era com os amigos – muitas vezes até amigos de última hora – que Thevet obtinha auxílio para as suas longínquas viagens de *globe-trotter*. Os amigos, aliás, tiveram uma grande parte na vida de Thevet. Foram os amigos que lhe deram tudo: o cardeal, o de Sens, que o ajudou na impressão de suas obras; o embaixador genovês, que o conduziu a Constantinopla; o sábio Pierre Gyullius, que o levou à Calcedônia; Villegagnon, que o transportou ao Brasil; a rainha Catarina de Médicis, que o nomeou seu esmoler; o presidente Bourdin, que lhe franqueou a biblioteca; o poeta Dorat, que o pôs em contato com os literatos da Pleidade. É verdade que os amigos, a quem Thevet melhor estimava, eram os navegantes e exploradores das terras excêntricas, desde o mais humilde piloto das Índias até os capitães do renome e da glória de Cartier.

10 .... "*attendu que estant à Seville, certains imposteurs, soubs pretexte que lon me trouva à diz heures du matina au lict, iour de Sainct Thomas, me menerent lié et bagué devant un d'iceux* [refere-se aos inquisidores da fé], *crians que i'estois Lutherien, et que ce iour ie n'avois esté à la messe, sans avoir esgard que r'estois arrivé Le soix auparavané em ladicte ville, fasché rompu de la tempeste et ondes marines. Vray est que, comme estant prest à partir, pour estre conduit en la prison obscure, i'eusse devant la compaignie tire un agnus Dei, enchassé en or, et une petite croix de bois rouge, faite à la grecque que i'avois apportée de Hierusalem, cela fut occasion de ma délivrance, moyennant aussi ledit agnus Dei, que me print ce gentil inquisiteur, qui me commanda de vuider bientost la ville, sur peine d'estre attaint du crime, dont lon m'accusoit*" (*Cosmographie Universelle*, II, f. 491; cf. *Les sing.*, p. VIII da ed. de 1878).

Só em 1554 Thevet retornou à França, onde mandou imprimir a narração de sua acidentada viagem ao Oriente[11]. E o seu engajamento na frotilha de Villegagnon foi uma consequência lógica das coisas. Thevet, como se poderia dizer hoje em dia, *tinha feito a sua cama e nela se achava confortavelmente deitado*. A *Cosmografie du Levant* consagrara-o como geógrafo e narrador de viagens. Além disso, é possível que o trêfego monge houvesse participado de uma expedição misteriosa ao Brasil, aí por volta do ano de 1550, fato esse que passou despercebido a Gaffarel[12]. De qualquer modo, por um motivo ou por outro, vamos encontrar o autor das *Singularidades* no cargo de esmoler do almirante francês, diz-se que por indicação do cardeal Carlos de Lorena, sobrinho de seu primeiro e homônimo protetor. O próprio rei não teria sido indiferente à participação do frade na viagem. Pelo menos, é o que afirma Thevet, com aquele seu jeito muitas vezes obscuro e ambíguo de escrever[13].

A frotilha de Villegagnon, composta de três navios – dois artilhados e um de provisões – deixou o Havre pela tarde de doze de julho de 1555. Tempestades forçaram os barcos a tornar à França, isto é, a Dieppe, onde a reparação dos navios durou quase um mês. Muitos gentis homens, operários e soldados, impressionados com o acontecimento, abandonaram a empresa. Afinal, a catorze de agosto, partiram definitivamente as naus.

A rota é seguida pelos velhos marujos – a Mancha, o golfo de Biscaia, as costas da Espanha e de Portugal, o cabo de São Vicente, Gibraltar, o litoral da Mauritânia, a Madeira, as Canárias (ou ilhas Afortunadas), o Cabo Verde e a Guiné. Thevet, preocupado em mostrar sua erudição

---

11 A *Cosmografie du Levant*, Lyon, 1554, in-4º, impressa na casa de J. de Tournes. Em 1556, J. de Tournes deu uma segunda edição da obra (in-4º, com gravuras em madeira); no mesmo ano, a *Cosmografie du Levant* era impressa em Antuérpia, em casa de J. Richard (in-8º, com gravuras).
Esse livro foi dedicado a F. de la Rochefoucauld, que mais tarde abraçou o protestantismo e pereceu no massacre de São Bartolomeu.

12 Cf. o cap. LX, nota correspondente. Isso vem mostrar que Gaffarel, apesar de referir-se ao mss. de Thevet – *Historie d'André Thevet Angoumoisin*, *Cosmographe du Roy*, *de deux voyages par lui faits aux Indes australes et occidentales,* – não o leu, ou, pelo menos, não o compulsou.

13 *Les Sing.*, f. 2.

de geógrafo, faz longas digressões sobre as regiões costeadas pelos navios, referindo-se, à proporção que as descreve, aos escravos das ilhas Baleares, à pirataria do estreito de Gibraltar, à prática do *corban* entre os mouros muçulmanizados da antiga Barbaria, à destruição da cidade portuguesa de Santa Cruz (hoje Tlemcen), à indústria açucareira das Canárias e aos doces da Madeira (que tinham, segundo o autor das *Singularidades*, o feitio de homens, mulheres, leões, pássaros e peixes)[14].

Foi depois da passagem das Canárias que as febres começaram a assolar a tripulação, tendo sido a capitânia a mais atingida, pois quase toda a sua marinhagem adoeceu, morrendo cinco dos tripulantes – pelo que Villegagnon se passou, cautelosamente, para outro barco. Nessa ocasião também sobrevieram as tempestades, a ponto de o navio, em que viajava Thevet, por pouco não ter ido a pique.

Só a 8 de setembro a esquadrilha conseguiu alcançar o promontório da Etiópia (ou do Cabo Verde), de onde, depois, ventos contrários a compeliram para o arquipélago de nome idêntico. No arquipélago do Cabo Verde, cujos naturais receberam prazenteiramente os franceses, teve o franciscano oportunidade de observar a orcela (*Rocella tinctoria* Ach.), da qual, três séculos depois, ainda nos falam os naturalistas Spix e Martius[15].

Chegou, então, a vez das calmarias, ali pelas alturas da Guiné. E, só à noite, ventos impetuosos, acompanhados de "chuvas pestilenciais", varriam os navios; "*ceulx lesquels estoient moullez de ladicte pluye, saubdain ils estaint couvertz de grosses postules*" (diz Barré) – sinal de que o escorbuto

---

14 Cumpre, aqui, referir um grave incidente a 1º de setembro, após dezoito dias de viagem, sobre o qual, como é de estranhar, não diz Thevet uma palavra. Pretendia Villegagnon fazer aguada na ilha de Tenerife, quando foi inopinadamente recebido a tiros de canhão. É verdade, como observa Gaffarel, que a França estava em guerra com a Espanha; mas o almirante francês não tinha demonstrado nenhuma intenção hostil.
A represália deve ter sido terrível, pois, em poucos instantes a artilharia naval provocou incêndios não só na fortaleza, como na cidade. Viam-se crianças e mulheres, que fugiam em direção ao campo. "*Si nos barques et basteaux eussent esté hors les navires, ie crois que nous eussions faict le Bresil en ceste belle isle*" – diz, com muito bom humou N. Barré, testemunha presencial do acontecimento (cf. Gaffarel, *Histoire du Brésil Français au seizième siècle*, p. 376, Paris, 1878).

15 *Viagem pelo Brasil*, I, p. 81, Rio, 1938.

já dizimava a equipagem. Ainda assim, não deixou Thevet de consignar algumas observações importantes, atualmente confirmadas pelos etnógrafos, relativas às populações da Guiné (o tráfico da malagueta e do marfim, a organização militar feminina, *o silent trade*, etc.).

A passagem da linha equinocial deu-se a 10 de outubro, próximo das ilhas de São Tomé, verificando o nosso frade que as águas do mar, em tal paragem, eram mais doces. Isso devia ter ocorrido nas vizinhanças de um dos dois grandes rios africanos, o Níger ou o Congo, onde, na realidade a salinidade marinha atinge à cifra média de uns trinta e poucos mm. Quanto à ilha da Ascensão, foi ela avistada dez dias depois, isto é, a 20 de outubro. Logo após a esquadrilha ter deixado essa ilha oceânica, começaram a ser vistas quatro estrelas, de admirável brilho e grandeza, dispostas em forma de cruz, que ficavam, todavia, bem longe do polo antártico. "Os marujos, que navegam por essas paragens (observa Thevet), dão-lhe o nome de Carro."[16] Tratava-se do Cruzeiro do Sul e, por essa ocasião, a expedição se encontrava perto do finisterra africano (pretexto para uma digressão a respeito do cabo da Boa Esperança, conhecido também, segundo revelação do franciscano, pelo nome de *Leão do Mar*[17]. No derradeiro dia do mês, finalmente, a marinhagem avista as cumeadas dos Aimorés (as montanhas de Croismouron), sentindo-se, mesmo antes de avistar-se o continente, um novo ar – o ar odorante, o ar das árvores, das flores e das frutas, o ar abrasado e perfumado da terra estranha.

Foi num domingo, a 10 de novembro de 1555, após uma ancoragem em Macaé e uma estadia em Cabo Frio, que Thevet alcançou a baía do Rio de Janeiro. Também num domingo, a primeiro de setembro, avistou a expedição de Villegagnon o arquipélago das Canárias e em outro domingo, dia 8 do mesmo mês, o Cabo Verde. Ainda foi num domingo, a 20 de outubro, que a esquadrilha chegou à ilha da Ascensão. A 3 de no-

---

16 *Les Sing*., f. 40.

17 Ainda hoje, de fato, as colinas, que servem de contraforte à cadeia de Olifant, têm o nome de *Montes do Leão*. A Cabeça do Leão (*Lions Head*) tem a altura de 726 m e olha soberbamente para o mar. Sallústio Alvarado e outros, "África", em *Geografía Universa*l, IV, p. 373, Barcelona, 1930; É. Reclus, *Nouvelle Géographie Universelle*, XIII, p. 434, Paris, 1888.

vembro, mais uma vez domingo, teve lugar a primeira ancoragem no Brasil (isto é, a arribada em Macaé). A travessia do Atlântico (a contar de 14 de agosto, data da partida definitiva) durava, pois, uns três meses. É verdade que a viagem de retorno foi muito mais penosa, tendo o frade navegado no comboio dirigido por Bois-le-Comte. Ficou esclarecida, assim, a participação do sobrinho de Villegagnon na expedição de 1555, circunstância essa que parece ter escapado à maioria dos nossos historiadores[18].

Bois-le-Comte, levando Thevet, de volta, em sua companhia, deixou a baía de Guanabara a 31 de janiero de 1556. Oito dias demorou-se a esquadrilha no Cabo Frio (de onde, evitando os perigos da costa de Mahouac, tomou o rumo do norte) e dois meses foram gastos em dobrar o cabo de Santo Agostinho – motivo pelo qual o franciscano fez uma referência aos cajueiros do Nordeste e ao fortim chamado de Castelmarim, isto é, a *Marini* de Duarte Coelho. Em seguida, a esquadrilha abordou à ilha dos Ratos, ou seja, ao arquipélago de Fernando de Noronha. A linha equinocial foi cruzada a 1º de abril e, daí avante, Bois-le-Comte seguiu uma penosa derrota, costeando, ao sabor das correntes, quase todo o continente americano (o Panamá, as Antilhas, a Flórica, as Bahamas), de onde, afinal, quase à altura da Terra do Bacalhau, seguiu em direitura aos Açores e ao cabo Finisterra, em Espanha.

Durara mais de quatro meses a viagem de regresso.

*

Quando Thevet chegou à França, de volta do Brasil, já estava, ao contrário do que supõe Gaffarel, com a sua obra quase toda concluída. E é possível que a fizesse mesmo a bordo, no decurso da viagem, tendo provavelmente escrito algumas das suas páginas no Brasil[19]. A azáfama em dar publicidade ao trabalho foi tão grande que o nosso cosmográfo, adoecendo ao desembarcar, nem sequer teve tempo de rever as provas, pois a primeira

18 Capistrano de Abreu já havia observado que Bois-le-Comte não fizera outra coisa, durante anos, senão viajar entre a França e o Brasil (nota à p. 415 da *Hist. Ger.* de Porto Seguro, I).

19 *Les Sing.*, f. 15 e 166.

impressão das *Singularidades da França Antártica* é de 1557[20], conforme esclareceu o velho J. C. Rodrigues, que conseguiu adquirir um exemplar da edição *princeps* entre os livros do "finado Felix Ferreira". Esse exemplar, apesar de bichado, avaliou-o aquele bibliógrafo em £ 60[21]. O livro de The-

20 Se não é de 1556, segundo o afirmam alguns autores, Gaffarel, que não conheceu a edição de 1557, supunha ser a primeira a de 1558.

21 Cf. a *Biblioteca Brasiliense – Catálogo anotado dos livros sobre o Brasil*, p. 601, Rio, 1907. A edição de 1557 tem o seguinte título: *LES* | *SINGVLARI-* | *TEZ DE LA FRAN-* | *CE ANTARCTIQUE, AV-* | *TERMENT NOMÉE AMÉRIQUE*: *& DE* | *PLUSIEURS TERRES & ISLES DE-* | *COUVERTES DE NOSTRE* | *TEMPS.* | *Par F. André Thevet, natif d'Angoulesme.* | *(Armas gravadas em madeira) A Paris* | *Chez les heritiers de Maurice de la Porte, au Clos* | *Bruneau, à l'enseigne S. Claude.* | *1557.* | *Avec Privilege du Roi.* | In-4º; tit., 1 f., tendo no v. o *Privilege*; *Epitre* ao cardeal de Sens, odes, pref., etc., 7 fls. não nums.; texto, 1-166 fls. nums. só na frente, com 38 gravuras em madeira; *Table*, 2 fls. não nums. – A 2ª ed. apareceu também em Paris, impressa na mesma casa (in-4º, 1558, 9 gravs.); a 3ª em Antuérpia (in-8º, 8 fs. de introd., 163 fls. de texto, 1 f. de índice, 1558); e a 4ª em 1878 (Paris, com prefácio de Gaffarel e notas ou comentários do mesmo autor). As *Singularidades* foram traduzidas em italiano, por G. Horologgi, *Historia della India America*, *detta altramente Francia Antartica di M. Andrea Thevet*, etc., Veneza, Gab. Giolito de Ferrari, in-8º, 1561 (essa tradução foi reeditada em 1584, in-8º, Veneza).
Não se conhece bem o autor das xilogravuras das *Singularidades*, que alguns atribuem a Assuérus van Londerzeel e outros a J. Cousin.
O original dessa obra, segundo F. Denis, encontra-se na Biblioteca Pública de Paris. Barbosa Machado, iludido pela versão italiana, atribui a André Thevet, a quem chama de André de Teive, nacionalidade portuguesa.
É de Capistrano de Abreu a observação de que o termo *Singularidades*, na linguagem do tempo, correspondia à monografia. Não sei, porém, onde esse historiador foi buscar tal explicação para o título da obra de Thevet. Por *Singularidades* quis referir-se o seu autor às coisas esquisitas, quinze no texto, duas no alto dos capítulos e uma à margem (fls. 3, 16, 25, 27, 28, 38, 40, 45, 47, 61, 90, 91, 96, 105, 137, 138, 142 e 158).
Além das duas obras já citadas, *Cosmographie du Levant e Les Singularitez de la France Antarctique*, os principais trabalhos de Thevet são os seguintes:
1. – *Discours de la Bataille de Dreux avec le portrait d'icelle* (Paris, 1563, in-8º).
2. – *Cosmographie universelle illustrée des diverses figures des choses les plus remarquables veuer par l'auteur, et incogneüs de nos anciens et modernes* (Paris, Pierre l'Huilier, 1575, 2 vols.). O primeiro com 18 fls. de prefácio, 407 fls. de texto, 12 de índice e 88 cartas e gravuras; o segundo com 3 fls. de introdução, 558 de texto, 22 de índice e 120

vet, ao ser publicado em França, constituiu mesmo uma novidade para a época, não só porque o assunto seduzia o promédio dos leitores, como por causa da sua bela impressão, com numerosas vinhetas e gravuras em madeira, notando Gaffarel que, a esse tempo, os trabalhos em *taille-douce* não tinham ainda sido introduzidos nas oficinas de Paris. Thevet, aliás, vangloria-se de ter atraído à capital francesa os primeiros artistas gravadores: "*J'ai attiré de Flandres les meilleurs graveurs, et, par la Grace de Dieu, ie me puis, vanter estre le premier que ai mis en vogue à Paris l'imprimerie en taille douce*".

Que as *Singularidades da França Antártica* foram bem recebidas pelo público, são uma prova disso as suas sucessivas edições. Tal êxito, todavia, teve a duração do fogo de palha, pois o bondoso frade foi logo acusado de fantasiar as histórias que contava. Três séculos e meio depois, ainda era essa a reputação de Thevet[22], mesmo para alguns escritores do renome de

---

cartas e gravuras. Em 1858, o príncipe A. Galitzin destacou os trechos relativos à Rússia, que publicou com o título de *Cosmographie moscovite*, incluindo numerosos comentários ou notas (in-6º, São Petersburgo).

3. – *Les vrais portraits et vies des hommes illustres, Grecs, Latins et payens, anciens et modernes* (Paris, 1584, 2 vols., com 219 retratos ao todo). A 2ª ed. é de 1670-1671, grandemente aumentada, sob o título *Histoire des plus illustres et savants hommes de leurs siècles* (8 vols., *in*-12º).

Gaffarel conseguiu ainda descobrir, na biblioteca imperial da Rua de Richelieu, vários mss. de Thevet. Eis a sua indicação:

a) *Le grand Insulaire et Pilotage* (Cat. – 15.452-15.453);

b) *Description de plusieurs isles* (Cat. – 17.174);

c) *Histoire d'André Thevet Angoumoisin, cosmographe du Roi, de deux voyages par lui faits aux Indes australes e occidentales. Contentennant la façon de vivre des peuples Barbares et observations des principaux points que doivent tenir en leur route les Pilotes et mariniers, pour éviter le naufrage, et autres dangers de ce grand Ocean, avec une reponse aux libelles d'injures publiées contre le Chevalier Villegagnon* (Cat. –15.454);

d) *Second Voyage dans les memes pays* (Cat. – 17.175);

e) *Quinziesme livre de la naturelle et générale description des Indes* (Cat. – 19.031)

f) *Traduction de l'itinéraire de Benjamin de Tudele* (Cat. – 5.646);

g) *Description de tout ce qui est compris sous le nom de Gaule* (Cat. 4.941).

22 "Apesar de muitíssimo interessante, a obra de Thevet é compendiada com dois terços de fabuloso e com um terço de real. Agradável livro de aventuras em países desconhecidos, está longe de ser *história* (J. C. Rodrigues, ob. *cit*., p. 602).

Capistrano de Abreu[23], de Oliveira Lima[24] e de Gilberto Freire[25]. Compreendendo melhor a obra do autor das *Singularidades*, acha Gaffarel que Thevet, embora descrevendo fielmente tudo o que observou em pessoa, tem, não obstante, a tendência para o exagero. E, quanto aos fatos, de que não foi testemunha, ou nos quais não tomou parte, é que o frade cai em falta grave, devido à sua facilidade em aceitá-los sem o menor exame. Daí, as histórias para embalar meninos, e os absurdos, de que se ressente sua obra.

Tive a surpresa de verificar, entretanto, que uma altíssima percentagem das informações prestadas por Thevet – sobretudo os dados de ordem etnológica e de ordem histórica – são reais. E mesmo os fatos não observados diretamente por aquele viajante, como é o caso, por exemplo, da viagem de Orellana. Embora, como é de esperar, algum tanto falha (pois Thevet a transmite através dos depoimentos orais dos marujos e viajantes da época), nem por isso a narrativa da viagem de Orellana, em muitos aspectos, deixou de ser confirmada pelo relatório sincero e fiel de Gaspar de Carvajal[26]. O que prejudicou, em grande parte, a obra de André Thevet foram os defeitos de sua formação intelectual, conforme tão bem o observou Almir de Andrade – o pedantismo literário tão comum no século XVI, a mania de fazer polêmica a pretexto das menores coisas, a citação, a cada passo, dos filósofos gregos e latinos e a falta de senso crítico[27]. Mas ao etnólogo (por mais que isso possa arrepiar a pele do leitor), pouco im-

---

23 "Nota-se nele um misto de observação, de credulidade e de invencionice, que algum compatriota seu poderia clarificar, apurando seus manuscritos inéditos que ainda existem" (cf. a *História do Brasil* de fr. Vicente do Salvador, ed. de 1918, São Paulo e Rio, nota à p. 146).

24 ... "*but there is a good deal of fiction coupled with history*" (*Bibliographical and historical description of the rarest books in the Oliveira Lima collection at the Catholic University of America,* p. 22, Washington, 1926).

25 "De frei André Thevet nem é bem falar. Convém ler o seu livro, mas como se lê um romance" (*Casa-grande & senzala*, p. 82, 3ª ed., Rio, 1938).

26 Vj. a tradução recente de C. de Melo Leitão, coleção "Brasiliana", São Paulo, 1941, acompanhada do *Novo Descobrimento* de Acuña e de uma relação anônima atribuída ao jesuíta Alonso de Rojas.

27 *Formação da sociologia brasileira*, I, p. 201 sq., Rio, 1941.

porta a mediocridade do observador. Por outras palavras, o etnólogo quer saber apenas se os fatos observados são reais, abstraindo deles a deformação operada pelos comentários do moralista, ou pelos reparos do crítico superficial. Esse, aliás, é o pensamento de A. Métraux, que, por não o ter bem explanado, parece ter causado estranheza a Almir de Andrade[28].

Expurgada de seus Aristóteles e de seus Plínios, posto de lado o moralista ingênuo e simplório, abstraindo-se o estilo não raras vezes obscuro e prolixo – nem por isso a obra de Thevet deixa de ser muito útil e interessante. Um americanista como A. Métraux já fez ver que as melhores fontes para o conhecimento das crenças religiosas dos tupinambás são os livros de Thevet, sobretudo no que diz respeito aos mitos recolhidos e publicados no volume segundo da sua *Cosmografia Universal*[29]. Relativamente às *Singularidades da França Antártica*, pertence a Gaffarel (de quem já se conhecem as restrições) a observação de que esse livro, apesar dos defeitos, pode ser lido corretamente. E remata – o material é tão curioso e novo que o fundo acaba sempre conseguindo relevar a forma[30]. É conhecida a opi-

28 *La religion des Tupinamba et ses rapports avec celle des autres tribos tupi-guarani*, p. 2, Paris, 1928. A frase, aparentemente contraditória, é a seguinte: "*Ce 'cosmographe', dont l'erudition était considérable, ne semble pas avoir été doné d'un esprit critique comparable à celui de plusieurs des voyageurs contemporains. Il observait tout et, comme tout l'étonnait, il notait tout, sans se soucier des contradictions ou absourdités des renseignements qu'il obtenait" (ib)*. Em suma, os observadores menos crédulos querem, muitas vezes, corrigir as supostas ou aparentes contradições do seu informante. E isso, quase sempre, constitui um erro maior do que o do simples registro, embora acompanhado do comentário superficial ou pretensioso.

29 Fls. 913 e sq.; transcrito por A. Métraux, *ob. cit.*, p. 225 sq. A teogonia de Thevet é, também, de muito valor para F. Denis, que a reeditou, acompanhada de notas, no livro *Une fête brésilienne célébrée à Rouen en 1550*, etc., Paris, 1850. Julga F. Denis que as fontes informativas do frade foram Villegagnon (segundo revelou Pierre Richer) e um prisioneiro português milagrosamente salvo da morte. Fiz um estudo desses mitos, em *Os indígenas do Nordeste*, II, pp. 185-206, São Paulo, 1938.

30 "*Aussi bien Thevet n'a jamais recherché la réputation d'écrivain. Il ne voulait que satisfaire la curiosité des savants, et il y a pleinement réussi. Sans les* Singularitez de la France Antarctique, *une foule de particularités précieuses sur l'Amérique n'avraient pas été préservées de l'oubli. Quand nous avrons fait lapart de la fantaisie, nous trouverons que celle de la réalité est encore fort considérable, et nous comprendrons que des hommes éminents n'aient pas hésité à lui donner leur approbation*" (*Les Sing.*, p. XXI da ed. de 1878).

nião de que os estudos sobre a antropologia ritual dos tupinambás estariam incompletos sem a obra de Thevet. E, do mesmo modo (acrescentarei), o estudo dos pajés, o das operações bélicas, o das práticas mortuárias, o das doenças e o de certos aspectos da civilização material dos indígenas do Brasil. Isso sem tocar na matéria de outra ordem – as informações sobre os animais e plantas nativas no país.

Como se sabe, é de Thevet uma das descrições mais antigas do tucano, com o seu papo de frouxel amarelo e o seu bico monstruoso, quase tão grande quanto o próprio corpo. Logo, a figura dessa ave, juntamente com o seu nome, correu mundo, atraindo a atenção dos naturalistas (naquele tempo se diziam os *filósofos*)[31]. Também foi Thevet quem talvez primeiro descreveu a cutia[32] – animalzinho do tamanho de uma lebre mesclada, pelo duro como o do javali, glabro no dorso, de pé bifurcado qual o do porco, que vivia exclusivamente de frutas e cuja carne era muito apreciada pelos índios. Isso, por exemplo, quanto aos animais. Das plantas divulgadas inicialmente pelo frade a mais conhecida é o *agaí*, também vulgarmente chamada *chapéu-de-napoleão*, cujo caroço, da grossura de uma castanha comum, tem a forma de um delta grego e servia para a fabricação das campânulas, usadas pelos selvagens às pernas. O agaí é venenoso e tem quase a altura da pereira, sendo as folhas, perenalmente verdes, de três a quatro metros de comprimento. "A casca (acrescenta textualmente Thevet) é esbranquiçada. Quando se decepa algum dos seus galhos, deita um suco também branco, quase de cor do leite. A árvore, cortada, exala um cheiro estranhamente fétido." Como se vê desse resumo, Thevet descreveu satisfatoriamente a célebre apocinácea (no texto, *Ahouai*), observando a drupa obovoide-trígona, o suco lactescente e sua qualidade de planta tóxica,

31 "Parece ter sido Thevet ... quem primeiro descreveu a ave, dando-lhe o nome indígena" (Fernão Cardim, *Tratados da terra e gente do Brasil*, nota de Rodolfo Garcia à p. 121, Rio, ed. de 1925). Há notícias de que Oviedo tratou da ave, de modo genérico. Cf. cap. XLVII, nota correspondente.

32 Rodolfo Garcia, "Glossário das palavras e frases da língua tupi contidas na *Histoire de la mission des pères capucins en l'isle de Maragnon et terres circonvoisines* do padre Claude d'Albeville, em *Rev. do Inst. Hist. Bras.*, t. 94, vol. 148, p. 16, Rio, 1927.

motivo por que tomou ela o nome de *Thevetia ahouai* DC[33]. Aliás, essa qualidade para botânico já foi notada por F. C. Hoehne, o qual afirma que Thevet descreve admiravelmente a brejaúba e, ao contrário de Léry, não a confunde com o ébano[34].

É ainda opinião dos entendidos que foi o autor das *Singularidades* quem deixou a primeira e melhor notícia do processo de fabricar a tinta do jenipapo, tão usada pelos tupinambás nas cerimônias de antropologia ritual e em outras mais das suas atividades importantes. Como também são de Thevet os melhores estudos quanto a alguns espécimes da nossa flora e da nossa fauna. O do javali, por exemplo, pois nem sequer deixou o franciscano de mencionar o batido rápido dos dentes da fera, quando esta se assanhava. E o da preguiça, que alguns consideram de magistral: animal disforme, do tamanho de uma bugia grande da África, o ventre quase arrastando pelo chão, a face parecida com a de uma criança, de pele acinzentada e veluda (refratária à água), pés munidos de três unhas semelhantes às espinhas da carpa (com os quais trepa nas árvores, onde vive mais do que em terra). Esse animal, quando apanhado (observa Thevet) solta suspiros que só menino quando sente dor. Outra coisa digna de nota "é que ninguém jamais viu comer a esse animal, muito embora os selvagens .... o tenham tido sob observação durante muito tempo", acreditando algumas pessoas, porém, que a preguiça vive somente das folhas da umbaúba (*Amahut* no texto), onde ordinariamente vive. É verdade que o ingênuo cosmógrafo, iludido pela abstinência, que mostra a preguiça ao deslocar-se de seu *habitat*, deu versão à lenda ameríndia de que a preguiça não se alimentava, ou, pelo menos, ninguém a tinha visto comer[35].

---

33 É sobretudo do chapéu-de-napoleão (*Thevetia peruviana* Schum.) que se extraem a "tevetina" e a "teveresina", ambas igualmente tóxicas, com ação direta e rápida sobre o músculo cardíaco. Cf. M. Pio Correia, *Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas*, II, p. 216, Rio, 1931.

34 *Botânica e agricultura no Brasil (Século XVI)*, p. 124 e 125, São Paulo, 1937.

35 Léry, embora menos crédulo, também repete a lenda: "*Mais au demeurant (chose qui me semblera possible fabuleuse) i'ay entendu non seulement des Sauvages, mas aussi des truchemens qui avoyent demeuré long-temps en ce pays-la, que iamais homme, ni par les champs, ni à la maison ne vid manger cest animal: tellement qu aucuns estiment gu' il vit du vent*" – *Histoire d'un Voyage faict en la terre du Bresil, autrement dite Amerique*", ed.

O caju mereceu também do citado franciscano uma das suas melhores dissertações, não esquecendo ele de mencionar a forma de rim do fruto propriamente dito, o sabor da castanha assada e até o gosto de sorva meio madura, isto é, o gosto rançoso do suco extraído do pedúnculo.

Oferece Thevet, ainda, importantes subsídios para o estudo nosológico das populações primitivas do Brasil, salientando-se, sobretudo, as suas notas, em primeira mão, a respeito do *pian*, ou bouba. Sabe-se mesmo que sua contribuição constituiu uma das fontes para os trabalhos de Raspail.

Essa aptidão para fixar as características mais importantes das plantas e dos animais da natureza brasílica parece ter sido bem aproveitada por um escritor intelectualmente superior a Thevet. Trata-se de J. de Léry. É estranho mesmo a frequente analogia, nesse particular, existente entre os dois autores rivais – analogia até nas expressões e no encadeamento da matéria. Tal semelhança ocorre, sobretudo, nas descrições da tartaruga, do tamoatá, do ananás, do canindé, do tiê-sangue (*panou*), do beija-flor, do caju e do agaí[36]. Daí o dizer-se que foi Thevet, durante toda a sua vida,

---

de Antoine Chuppin, 1585 (Genebra), p. 154. Ainda em Gabriel Soares de Sousa (*Tratado descritivo do Brasil*), p. 302, 3ª ed, São Paulo, 1938): "e acontece muitas vezes tomarem os índios um destes animais e levarem-no para casa, onde o têm quinze e vinte dias, sem comer coisa alguma".

36 Cf. os caps. XIV, XXIV, XLVI, XLVIII, LII, LIV, LVIII e LXI, notas correspondentes. Essa pilhagem não passou despercebida a Heulhard (p. 122) e a Hoehne (*Bot*., p. 135). Comparando o capítulo LIX das *Singularidades* com o capítulo XIII da *História* de Léry, nos quais ambos os escritores se ocupam do pau-brasil e de outras madeiras do país, Hoehne teve a impressão de que este último se estribara no trabalho de Thevet, "tal a concordância e ordem das matérias". Mesmo quando Thevet comete o erro de descrever a *geraúna* e a *iri* como duas diferentes árvores, sendo elas, na realidade, uma só, esse erro é também repetido por Léry (cf. a p. 188).

A esse propósito, convém chamar a atenção dos estudiosos para a gravura da preguiça, que se vê numa das edições das *Singularidades*, a qual serviu, segundo parece, de modelo para a preguiça desenhada em uma das estampas da obra de Léry. No livro de Ambroise Paré, *De la génération de l'homme – Des monstres* (Paris, 1573, in-8º) – lá surge, mais uma vez, a preguiça rascunhada por Thevet.

Afonso Arinos de Melo Franco (*O índio brasileiro e a Revolução Francesa*, p. 184, Rio, 1937), comparando os livros dos dois cronistas, teve também a "impressão de que o protestante, que publicou o seu mais tarde, tirou muita coisa do católico, apesar do ódio e do desprezo que lhe votava". É também de Afonso A. de M. Franco a

mais do que um explorado. Foi um roubado. Ele, que era de um raro escrúpulo e de uma rara probidade literária. A observação é de Gaffarel, que acrescente: "*Sur la fin de sa vie il était tellement habitué à ces plagiats qu'il s'étonnait naïvement quand, par hasard, on le citait*".

E já que estou falando de roubo, lembro, aqui, as queixas de Thevet a respeito de Nicot, ao qual Afrânio Peixoto, com felicidade, chama o *Vespúcio do tabaco*[37]. "*Ie me puis vanter (*escrevia o frade*) auoir esté le premier en France, qui a apporté la graine de cette plante, pareillement semée,*

---

observação de que a obra de Thevet foi uma das fontes para o estudo de Montaigne (*ib.*, p. 183 a 185).

37 *História do Brasil*, p. 70, Porto e Lisboa, 1940. – Essa questão afigura-se-me, aliás, de somenos importância. É sabido que Thevet levou para a França, em 1556, amostras de *Nicotiana tabacum* L., à qual pretendeu batizar com o nome de *herbe angoumoisine* (em homenagem à sua terra natal), Nicot só teve conhecimento dessa planta posteriormente, em Portugal, para onde fora a ocupar o cargo de embaixador (a sua nomeação de ministro data de 1559, tendo sido lavrada por Francisco II).

Em Portugal, portanto, já se conhecia o tabaco, o que vem a confirmar a informação de Damião de Góis (*Crônica do Sereníssimo Senhor Rei D. Manuel*, etc., p. 69, Lisboa, 1747), a saber, que foi Luís de Góis quem introduziu o tabaco na Europa. Luís de Góis veio para o Brasil em companhia de seu irmão Pero, donatário da capitania da Paraíba do Sul. O erro de Thevet, ao que parece, foi não ter alcançado o valor econômico ou comercial da planta. Thevet, nesse particular, só tinha olhos de literato, embevecido no puro prazer intelectual da sua *singularidade*; Nicot, arguto, enxergou mais longe. Demais, a sua posição de embaixador proporcionou-lhe um contato com o mundo oficial, que o outro, nesse tempo, mero protegido dos poderosos, não poderia ter.

Léry (p. 202 e 203) é de opinião que o *petun*, usado pelos índios da baía de Guanabara, nada tem que ver com a *Nicotiana*, ou erva da rainha, enviada à soberana de França por Nicot. A erva de Nicot era originária da península da Flórida, não se assemelhando ao *petun*, como teve ocasião de verificar pessoalmente. O mesmo quanto à *herbe angoumoisine*, pois se o desenho, que se vê na *Cosmographie Universel*, é o do *petun*, então a planta de Thevet também não deve ser o tabaco usado pelos tupinambás. Martius, por isso, chegou a pensar que a planta vinda da região antilhana seria a *N. Langsdorfii Weim*.

Hoehne, porém, não tem dúvidas de que a espécie descrita por Thevet seja a N. *tabacum* L., nativa no Brasil (Bot., p. 118 sq.): "Nas regiões recentemente desbravadas pela Comissão Rondon, na serra do Norte, no extremo Mato Grosso, encontramos, em 1909 e 1911, várias aldeias indígenas, tendo alguns pés de *Nicotiana tabacum* L. nas imediações, e, como essas tribos não tiveram relações amistosas com os civilizados, acreditamos que tais plantas devem ser ainda relíquias das primitivas culturas, que, por ocasião da descoberta do Brasil, os índios possuíam dessa espécie".

et nommé ladite plante, l'herbe Angoumoisine. Depuis un quidam, qui ne feit jamais le voyage, quelque dix ans apres que je fus de retour de ce païs, huy donna son nom".

Léry (é bom notar) não soube ser reconhecido ao cosmógrafo, de quem surrupiara tão boas notas, tornando-se, ao contrário, um dos seus mais rancorosos inimigos. É certo, porém, que muitas das críticas ou acusações desse teólogo calvinista não devem ser levadas a sério. Algumas são filhas do sectarismo e outras, conforme pude verificar, não têm um fundamento sólido[38]. Mesmo porque o autor da *Histoire d'un Voyage faict en la terre du Bresil* não era infalível, pois Gaffarel e Sérgio Milliet chamaram a atenção para alguns dos seus erros ou enganos[39]. Acrescentarei mais alguns: Thevet, v. g., ao contrário de Léry, não confunde o ébano com o guáiaco,

---

38 Cf. o leitor os caps. XIV, XXIV, LIII, LIV e LX.
Um exemplo típico é o caso da mastigação do milho (ou aipim, mandioca, etc.), destinado ao preparo do cauim, por parte das moças virgens, que Léry nega, afirmando não haver distinção entre mulheres donzelas e casadas. Todavia, Pero de Magalhães Gandavo (*Tratado da terra do Brasil*, p. 51, Rio, 1924) testemunha: "e depois de cozida mastigam-na umas moças virgens". Também Hans Staden ("Então as moças assentam-se ao pé a mastigarem as raízes" – *Viagem ao Brasil*, p. 145, Rio, 1930) e Gabriel Soares de Sousa ("buscam as mais formosas moças da aldeia para espremer estes aipins com as mãos, e algum mastigado", etc., *ob. cit.*, p. 376) confirmam, em parte, a observação de Thevet, pois, aí, a palavra *moça* tem o sentido de *solteira* ou *virgem*.
Outro exemplo característico é o do reparo, que Léry faz ao sentido dado por Thevet à palavra túpica *pa*. Plínio Airosa (nota à p. 38 da recente ed. de Léry, Livraria Martins, São Paulo, 1941) pôs, como entendido que é no assunto, a questão nos devidos termos.

39 Vj. a citada ed. de Léry, Livraria Martins, São Paulo, 1941, ps. 35, 40, 43, 53, 132, 167. No diálogo, apenso ao livro de Léry, entre um tupinambá e um francês, pergunta aquele a certa altura: – Qual o nome da tua terra? – *Rouen* (responde o índio). E há quem observe a estranha resposta, pois Léry era natural de "*Margelle, terre de sainct Sene au Duché de Bourgougne*", sendo possível que esse escritor, segundo a denúncia de Thevet, tivesse aproveitado algum *diálogo* composto por um dos seus companheiros, normando de origem, ou pelo próprio Villegagnon. Villegagnon, como se sabe, escreveu um dicionário em língua brasileira, seguido de um colóquio. E afirma Gaffarel que cópias de seus mss foram emprestados de boa fé a Léry, que os mandou imprimir no próprio nome. Cf. Léry, *ed. cit.*, p. 275.

ou com a brejaúba, nem mostra incerteza quanto à duplicidade da Tenerife e da Grande Canária.

*

Qual era o conceito subjetivo, quais eram as ideias de Thevet sobre o *selvagem*[40] brasileiro?

Embora em virtude do acolhimento, fosse lisonjeira a primeira impressão causada ao franciscano pelos indígenas, o autor das *Singularidades* não esconde, logo, um dos seus defeitos – os índios são muito suscetíveis quanto ao uso de certos alimentos (tartarugas, carnes salgadas, etc.). E o povo é, em geral, bem estranho – sem fé, sem lei, sem religião, sem civilização alguma, vivendo à maneira dos animais irracionais (tais como os fez a natureza, diz o frade), alimentando-se sobretudo de raízes e andando, homens e mulheres, inteiramente nus. Mas, como não existe criatura humana, por mais bruta possível, que não possua sentimentos religiosos, os selvagens brasileiros fazem menção de um "grande senhor", que, lá no alto

---

40 Thevet, nas *Singularidades*, quando se refere aos indígenas do Brasil, usa frequentemente a palavra "selvagem". Só à f. 130 menciona o nome dos tupinambás, mas assim mesmo designando uma região (*region des.... Toupinambau*). Na *Cosmografia Universal* é que Thevet usa a palavra tribal (*les Toupinambaux*; *Tuppin-Inbas* em Staden; *Toüpinambaoults* e *Tououpinambaoults* em Léry). Os tupinambás, como se sabe, eram aparentados dos tabajaras, petiguaras, caetés, tupiniquins, etc. "Se no Maranhão como no Pará, na Bahia como no Rio, houvésseis perguntado a um índio de que raça era, responder-vos-ia logo: *tupinambá*" (Visc. de Porto Seguro, *ob. cit.*, I, p. 16 e 17, o qual cita o trecho da carta de Ramirez, "*Andan derramados por esta tierra*"...).

Outra palavra empregada por Thevet na designação dos aborígenes do Brasil é de *les Ameriques*. Por *Ameriques* queria referir-se o autor das *Singularidades* aos indígenas da América Meridional (descrição à f. 51), à qual dava também o nome de Índias Americanas (f. 1), ou Índias Ocidentais (f. 22). Nelas não estava incluído, ao que parece, o Peru (fs. 147 e 153).

A França Antártica era o litoral frequentado pelos franceses – a baía de Guanabara e regiões circunvizinhas (f. 49); mas é certo que Thevet, no decorrer da descrição, estendeu a denominação de França Antártica à América Meridional tal como ele a entendia (f. 130).

Thevet menciona a palavra Bresil, no seu sentido de região geográfica, apenas quatro vezes (fs. 18, 131, 155 e 158). Sobre o que esse frade entendia por Brasil, cf. o cap. LXVI, nota correspondente.

do céu, troveja e faz chover. Também é verdade que essa nudez é motivada pela crença de que as vestes lhes tirariam a destreza necessária aos seus movimentos livres, sobretudo na guerra. Entre si, são muito leais e não se furtam uns aos outros, menos quanto aos europeus, aos quais, quando podem, pilham à vontade (até consideram mesmo uma virtude subtrair dos franceses alguma coisa). Não obstante, são muito serviçais, guiando os estrangeiros, por cinquenta ou sessenta léguas, de terra a dentro, com dificuldades e perigos, tudo por mero prazer, ou, quando muito, em troca de uma ninharia. Afora (acrescenta Thevet) "muitas outras obras caridosas e honestas, que praticam – nisso até sobrepujando os cristãos". Fisicamente, são mesmo bem conformados e alegres, em geral pouco dispostos às doenças, mas com uns olhos tortos que lhes dão aspecto quase selvagem. Não se veem, por exemplo, tão sujeitos à lepra, à paralisia e às úlceras, como acontece com os franceses. Os selvagens peludos não passam de lendas.

O admirável é que essa pobre gente, embora privada de verdadeira razão e do conhecimento de Deus, seja dada a muitas fantasias, e, sobretudo, à perseguição do Diabo. Na realidade, são os índios idólatras, tanto quanto os antigos gentios, embora, devido à sua ignorância, sejam mais toleráveis que os *ateístas*. Pelo menos, creem na imortalidade da alma. Para evitar que a alma os moleste, devolvem ao morto, publicamente, os objetos, por acaso, em poder de quem quer que seja. Ao que observa Thevet chistosamente: "Quisera Deus que muitos dentre nós tivessem semelhantes ideias... Só assim se evitaria que tanta gente porfiasse em guardar o bem alheio – sem nenhum receio ou pudor."

Entre inimigos, não há tréguas, sendo a vingança uma virtude e a pena de talião um fato. É costume muito difundido entregar-se a moça ao europeu, em troca de ninharia, ou o pai oferecer a filha aos estrangeiros. É esse povo, finalmente, muito carnal e luxurioso.

Como se vê, o aborígene, na concepção de Thevet, era o mesmo selvagem de quase todos os cronistas do mil-e-quinhentos ou do mil-e-seiscentos, isto é, o índio imoral, o índio da licença e da demasia[41], para o qual

---

41 Cf. o recente estudo de Heitor Marçal, "Os índios do Brasil", em *Cultura política*, n. 12, fev. de 1942, p. 16, sq., Rio. É de H. Marçal o reparo de que certas pessoas tomam amor a determinados termos, empregando-os e repetindo-os amiúde. Em Gabriel Soares de Sousa, o vocábulo de estima era *luxúria*. Os "tupinambás eram

não era compreensível aquela conduta sexual, que, no selvagem, não tinha nada de lassidão ou de libertinagem. Como, por exemplo, o costume, que J. Baker[42] chama de inocente – a saber, a oferta da mulher ao estrangeiro – praticado sem outro intuito senão o da hospitalidade.

O retrato, que Thevet faz do índio brasileiro, é, entretanto, atendendo-se à mentalidade da época, um dos mais favoráveis, pois, apesar de dar curso à célebre frase tão da estima dos escritores – isto é, a de que os selvagens não possuíam fé nem lei[43] – reconhece que os indígenas têm lá suas ideias religiosas (crendo até na imortalidade da alma), são muito serviçais e, antropologicamente, não diferem dos europeus. Apenas, quanto a essa última particularidade, estranhou um dos lineamentos somáticos mais comuns aos olhos dos índios americanos, ou seja, a obliquidade, com levantamento do ângulo externo das pálbebras (que é o que quer dizer o frade com a referência aos *yeux toute mal faits... lousches*).

É exato que, mais de uma vez, o autor das *Singularidades* trata o indígena brasileiro com aquele "ar condoído do moralista escandalizado", segundo a expressão de Almir de Andrade; mas esse mesmo ar condoído era o de todos os homens do século XVI, não escapando a ele sequer o próprio Léry[44].

*

Pouco após a publicação das *Singularidades da França Antártica*, fr. André Thevet secularizou-se, indo ocupar, sucessivamente, o cargo de esmoler da rainha Catarina de Médicis, o de historiógrafo e o de cosmógrafo real. Também há notícias de que Thevet exerceu um cargo, o de "*garde des curiosités du Roi*", assim como foi o abade de Masdion, em Saintonge. Lá para os fins da vida, pois morreu no inverno de 1592, Thevet – assim o

---

luxuriosos", "não há pecado de luxúria que não cometam", etc. Daí a fama de libertinos conferida, sem mais exame, aos inocentes índios do Brasil.

42 *Apud* Gilberto Freire, *ob. cit.*, p. 69.

43 É a conhecida frase, que Pero Magalhães Gandavo, depois de Thevet, iria espalhar aos quatro ventos: "porque assim não têm Fé, nem Lei, nem Rei" (*ob. cit.*, p. 49), posteriormente repetida por Gabriel Soares de Sousa (*ob. cit.*, p. 364 e 365), frei Vicente do Salvador (*ob. cit.*, p. 53) e outros mais.

44 Cf. Léry, p. 156, 186 e 270, ed. de 1585.

diz Gaffarel – parece que não usava mais a estamenha dos frades menores de São Francisco, conforme se pode ver do retrato apenso à sua *Cosmografia Universal,* em traje de época, a longa barba derramada pelo peito (embora o fulgor das vestes não chegue a ocultar aquele seu ar ingênuo, que lembra alguma coisa o aldeão Charente – gente simplória, gente rotineira, gente apegada às tradições seculares).

Com a tradução, em nossa língua, das *Singularidades da França Antártica*, presta-se ao bondoso frade a justiça, que estava tardando. Isso sem a pretensão de querer pôr uma espécie de cortina de fumaça sobre aquelas suas qualidades negativas salientadas por todos os críticos. Mas, era preciso não exagerar estas com o prejuízo das boas qualidades, que não faltaram ao cosmógrafo. E, sobretudo, J. C. Rodrigues – isso, sim, um "romance" bem arranjado. Mesmo porque, sem querer comparar Thevet a nenhum deles, romances e fantasias é o que não faltaram a todos os cronistas antigos, inclusive Gandavo, Simão de Vasconcelos, fr. Vicente do Salvador, autor dos *Diálogos,* e até mesmo Gabriel Soares de Sousa[45].

---

45 A propósito, ler os estudos de Afonso de E. Taunay, *Zoologia fantástica do Brasil,* p. 79 sq., São Paulo, 1934 e "Monstros e monstrengos do Brasil", em *Rev. do Mus. Pau.*, XXI, p. 911-1048, São Paulo, 1937. Em matéria de fantasia, não constitui o autor do *Tratado descritivo* (ao contrário do que supõe Gilberto Freire), nenhuma exceção à regra. Cf. p. 305, 306, 328-331, 405 e 406. Em um trecho do *Tratado descritivo*, Gabriel Soares conta que um almoxarife da capitania de São Vicente encontrara uma jiboia, a qual havia enlaçado, de uma só vez, três índios. A muito custo, conseguiu abatê-la, encontrando em seu ventre quatro porcos. Junto do curral de Garcia de Ávila, diz Gabriel Soares que outra jiboia arrastou um touro para certa lagoa e matara-o. A "boiúna" engolia um negro inteiro; se, às vezes, a cobra com a pressa da gula, vinha a morrer, tinha acontecido o homem sair do bucho vivinho da silva.

Uma vez, precisamente no ano de 1580, Gabriel Soares viu uma baleia, que fora dar à praia de Pirajá: a boca era tão grande que, entre as suas faces, estava um negro a cortar, de machado, o beiço inferior. Isso com ambas as mãos e "sem tocar no beiço de cima". Outro peixe, de espécie desconhecida, abordou Tapuã. À maneira dos ciclopes, tinha um só olho "no meio da frontaria do rosto" e era tão alto "que tolhia a vista do mar". Também aconselho o leitor a ler aquela história de uma índia malvada, a qual, aborrecendo-se do filho, enterrou-o vivo, indo depois fazer pacatamente a sua roça de mandioca; de cujo crime, ao ter conhecimento, mandou a dona da casa desenterrar a criança, que ainda acharam viva.

. . . .

Privilégio[1]

Henry par la grace de Dieu Roi de France, aux Preuost de Paris, Bailif de Rouen, Seneschal de Lyon, Thoulouse, Bordeaux, ou leurs lieutenans, et à tout nos autres iusticiers et officiers salut. Nostre amé F. André Thevet d'Angoulesme, nous a fait remonstrer, qu'apres avoir longuement voyagé et discouru par l'Amerique, et autres terres et isles decouvertes de nostre temps, qu'il a redigé par escript, avec grand peine et labeur, les Singularitez de toutes les contrées dessusdictes, ayant le tout mis en bonne forme et deue, pour le contentement et profit des gens studieux de nostre Royaume, et pour l'illustration et augmentation des bonnes lettres: lesquelles Singularitez il anroit grand desir faire imprimer et mettre en lumière, s'il nous plaisoit de grace luy permettre les faire imprimer par tel ou tels Libraires et Imprimeurs de nos villes de Paris et Lyon qu'il voudra eslire. Mais il doubte que quelques autres des Imprimeurs de nostre Royaume le voulant frustrer de son labeur, facent imprimer ledit livre, ou en vendent qui ayent esté imprimez par autre que par celuy ou ceux ausquels il en donera la charge. Nous requerant

---

1 O "privilégio real, hoje direitos autorais, garantidos pela legislação de quase todos os países civilizados modernos, foi, como se vê, concedido a Thevet pelo rei Henrique II, a 18 *de dezembro de* 1556. Segundo que a edição *princeps* das *Singularidades* era a de 1558 (Paris), Heulhard procurou explicar a demora – entre a data da concessão do "privilégio" e a pretensa data da aparição da obra – com a morte do editor (Maurício de La Porte) e a doença do autor, "*à qui la fièvre ne laissa même pas le loisir de revoir son manuscrit avant l'impression*" (p. 180).
A razão, porém, tinha sido outra: as *Singularidades*, conforme o provou J. C. Rodrigues (p. 601-602), apareceram em 1557, "data que depois se mudou para 1558".

sur ce luy impartir nos lettres et grace especiale. Pource est il que nous inclinans à as requeste pour les causes susdites et autres à ce nous mouvans, avons permis et octroyé, permettons et ottroyons de grace especiale par ces presentes audit suppliant, que luy seul puisse par tels Libraires et Imprimeurs que bon luy semblera, et qui luy sembleront plus capables et diligens on nos dites villes de Paris et Lyon, et autres, faire imprimer ledit livre. Et à fin que le Libraire ou Imprimeur auquel ledit Thevet suppliant aura donné la charge de ce faire, se puisse rembourser des frais qu'il aura faits pour l'impression. Avons inhibé et defendu, inhibons et defendons à tous autres Libraires et Imprimeurs et autres personnes quelconques de nosdites Prevotez, Bailliages, et Senechaucés, et generalement à tous nos subiets d'imprimer ou faire imprimer, vendre, ou distribuer ledit livre iusque à dix ans apres la première impression d'iceluy à compter du iour qu'il aura esté acheué d'imprimer, sans la permission et consentement dudit Libraire ou Imprimeur: et ce sur peine de confiscation des livres imprimez et d'amende arbitraire. Si vous mandons et commandons par ces presentes, et à chacun de vous si comme à luy appartiendra, que de nos presente grace, permission, et ottroy, vous faciez, souffriez, et laissez ledit suppliant, ou celuy ou ceux ausquels il aura donné charge de faire ladite impression, iouyr et user plainement et paisiblement de nostre dite presente permission et ottroy. Et à fin que personne n'en pretende cause d'ignorance, nous voulons que la copie en soit mise et inserée dedans les livres qui seront imprimez, et que foy y soit adioustée comme au present original. Car ainsi nous plaist il estre fait. Donné à Saint Germain em Laye, le dix huitiesme iour du mois de Decembre, l'an de grace mil cinq cens cinquante six, et de nostre regne le dixiesme. Ainsi signé, Par le Roi, vous present.

A MONSENHOR, O REVERENDÍSSIMO CARDEAL DE SENS[1], GUARDA DOS SELOS REAIS, FR. ANDRÉ THEVET DESEJA PAZ E FELICIDADE

Monsenhor:

Estando suficientemente advertido de que vos é do agrado a leitura e o conhecimento de uma boa história, com a qual possais recrear o espírito e, entrementes (após os louváveis e não menos laboriosos encargos, confiados, pelo rei, à vossa prudência e sabedoria), descansar de tão graves e importantes misteres – tomei a ousada resolução de dedicar-vos a presente obra. Trata a obra de uma viagem às Índias Americanas, às quais, por terem sido, em parte, povoadas e descobertas pelos pilotos franceses, demos também o nome de França Antártica – região que já hoje se pode chamar a *quarta parte do mundo*, não tanto por estar afastada dos nossos horizontes, mas, antes, por causa da variedade de sua fauna e de seu clima. Demais, as Índias Americanas não eram, até o presente, conhecidas, julgando os cosmógrafos, ou estando eles persuadidos de que a Terra ainda possuía os mesmos limites indicados pelos antigos.

Sei quanto o meu trabalho não merece a vossa atenção. A grandeza do vosso nome, todavia, torná-lo-á menos insignificante. E, tendo em vista a vossa natural benevolência, ouvindo-me, assim como a vossa curiosidade pelas coisas singulares – facilmente compreendereis a minha intenção, que não é outra senão a de satisfazer-vos os desejos e dar-vos, ao mesmo tempo, como já o disse, contentamento e oportunidade para repouso de vossa mente sobrecarregada de tão grandes e enervantes cuidados. Qual o espírito, por mais incansável, que, entregue ao labor incessante dos graves negócios aí afetos ao governo da República, não se enfada e não se consuma? Se, para o bem-estar do organismo, aconselha o médico a variar de alimentos, assim também deve acontecer ao espírito, que se tornará mais leve e aliviado desde quando se entretenha com a narrativa

1 Sobre João Bertrand, cardeal de Sens e chanceler de França, cf. o cap. XXIV, nota correspondente.

de fatos amenos e deleitosos aos ouvidos. E daí a razão pela qual os antigos filósofos, ou outros que tais, se ajustavam muitas vezes, do povo, ou suspendiam, temporariamente, as atividades públicas. O grande orador Cícero, por exemplo, amiúde se ausentava do Senado de Roma, com pesar dos seus concidadãos, a fim de entregar-se mais livremente, no campo, às doces musas.

Não é, portanto, desrazoável que imiteis a Cícero nesse particular, ou, que lhe sigais o exemplo, já que sois, por vossa extraordinária erudição, sabedoria e eloquência, tanto na direção do nosso glorioso país; ou, por outras palavras, um grande senhor, amante de ciências e das boas ações, tal como o descreve Platão em sua *República*.

Ao retornar, enfadado e alquebrado, de tão longa viagem, fostes vós o primeiro a dar-me acolhimento, revelando-se, assim, um patrono de tudo o que é virtude e de todos os que a ela se dedicam. Pareceu-me, por isso, não haver a quem melhor confiar o meu insignificante trabalho, senão a vós. Que a vossa benignidade, ao recebê-lo, seja tão grande quanto é a afeição com a qual vo-lo apresento e dedico. Estou certo de que, lendo-o, encontrareis nele motivo para alegrar o vosso espírito. Embora, por muitas razões, já vos seja eu obrigado, com isso me favoreceis novamente, dando--me, desse modo, oportunidade para prestar-vos humilde e obscuro preito.

Preza ao Criador que a vossa prosperidade seja completa.

ODE

DE ESTÊVÃO JODELLE[1], SENHOR DO LYMODIN A THEVET

Si nous avions pour nous les Dieux,
Si notre peuple avoit des yeux,
Si les grands aymoint les doctrines,
Si nos magistrats traffiqueurs
Aymoient mieux s'enrichur de meurs,
Que s'enrichir de nos ruines,
Si ceux laqui se vont masquant
Du nom de docte en se mocquant
N'aymoient mieux mordre les sciences
Qu'en remordre leurs consciences,
Ayant d'un tel heur labouré
Thevet tu serois asseuré
Des moissons de ton labourage,
Quand favoriser tu verrois
Aux Dieux, aux hommes et aux Rois
Et ton Voyage et ton ouvrage.

Car si encor nous estimons
De ceux lales superbes noms,
Qui dans leur grand Argon ozerent
Asseruir Neptune au fardeau,

---

1 Jodelle (1532-1573) pertencia a uma família de fidalgos franceses e daí o título, que usou por algum tempo, de "seigneur du Lymodin". Suas tragédias, imitadas do grego, com prólogos e choros (*Cléopâtre captive* e *Didon se sacrifiant*), tiveram, ao seu tempo, bastante êxito, sobrepujando em muito os trabalhos de Baïf e de Lybilet. *Cléopâtre captive* chegou mesmo a ser levada em presença do rei Henrique II. Pertence-lhe ainda uma comédia em cinco atos, *Eugène ou la recontre*. Suas *Œuvres et mélanges poétiques* foram publicadas em Paris, no ano de 1574.
Pertencia à Pleiade. Parece que Thevet tinha por esse poera uma grande admiração.

Et qui maugré l'ire de l'eau
Iusque dans le Phase voguerent:
Si pour avoir veu tant lieux
Ulysse est presque entre les Dieux,
Combien plus ton voyage t'orne,
Quand passant soubs le Capricorne
As veu ce qui eust fait pleurer
Alexandre? si honnorer
Lon doit Ptolomée en ses œuvres
Qu'est ce qui ne t'honoreroit
Qui cela que l'autre ignoroit
Tant heureusement nous descœuvres?

Mais le ciel par nous irrite,
Semble d'un œil tant dépité
Regarder nostre ingrate France.
Les petits sont tant abrutis,
Et les plus grands qui des petits
Sont la lumiere et la puissance
S'empeschent tousiours tellement
En un trompeur accroissement,
Que veu que rien ne leur peut plaire,
Que ce qui peut plus grands les faire,
Celuy la fait beaucoup pour soy
Qui fait en France comme moy,
Cachant sa vertu la plus rare,
Et croy veu ce temps vicieux,
Qu'encore ton livre seroit mieux
En ton Amerique barbare.

Car qui vondroit un peu blasmer
Le pays qu'il nous faut aymer,
Il troveroit la France Arctique
Avoir plus de monstres, ie croy

Et plus de barbarie en soy
Que n'a pas ta France Antarctique.
Ces barbares marchent tous nuds,
Et nous nous marchons incognus,
Fardez, masquez. Ce peuple estrange
A la pieté na se range.
Nous la nostre nous merprisons,
Pipons, vendons et deguisons.
Ces barbares pour se conduire
N'ont pas tant que nous de raison,
Mais qui ne voit que la foison
N'en sert que pour nous entrenuire?

Toutefois, toutesfois ce Dieu,
Qui n'a pas bani de ce lieu
L'esperance nostre nourrice,
Changeant des cieux l'inimitié
Aura de sa France pitié
Tant pour le malheur que le vice.
Ie voy nos Rois et leurs enfans
De leurs ennemis triomphans,
Embrasser les choses lovables,
Et nos magistrats honorables
Separans les boucs des agneauxs,
Oster en France deux bandeaux,
Au peuple celuy le leur ardeur,
Lors ton livre aura bien plus d'heur
En sa vie, qu'en sa naissance.

A THEVET.
ANGUMESINO, AUTOR DA PRESENTE HISTÓRIA, OFERECE
FRANCISCO DE BELLEFOREST[1], DE COMMINGES

ODE

Le laboureur, quand Il moissonne
Courbé par les champs undoyans:
Ou quand sur la fin de l'Autonne
Contraint seus bœufs (ia panthelans
Dessoubs le ioug, soubs l'atellage)
Recommencer le labourage,
Qui pouruoir puisse aux ans suyuans:

Ne s'esbahist, quoy que la pene,
Que la rudesse du labeur
Cassent son corps, ains d'une halene
Forte, attend le temps, qui donneur
D'années riches, luy remplisse

1 Belleforest (1530-1583) fora a destinado à carreira de magistrado, tendo feito os primeiros estudos à custa de Margarida de Navarra, irmã de Francisco I. Atraído pelo êxito de Ronsard, abandonou, em má hora, essa carreira, dedicando-se, a princípio, ao verso e, depois, à prosa. Sua *Histoire des neuf rois de France qui ont porte le nom de Charles* (1568) valeu-lhe o cargo de historiógrafo, na corte de Henrique III – cargo esse que perdeu, em seguida, por causa da inexatidão de muitos dados fornecidos pela sua pretensa história. De Belleforest se pode dizer que ensaiou todos os gêneros, sem em nenhum deles ter sido bem sucedido.
Já no fim da vida, Belleforest, em sua obra *Additions à la Cosmographie de Münster*, não se esqueceu de atacar o nosso pobre franciscano, de quem antes se tinha servido descaradamente. Quem o conta é o próprio Thevet: "*L'an mil cinq cês soixante et quatre, ce commingeois qui met le nez partout, me la fureta, ensemble plusieurs autres mémoires que i'avois apportez d'Italie, et desquels aniourd'huy il en fait parade*" (*Cosm. Univ*., f. 706).
Na hora da morte, entretanto, Belleforest arrependeu-se de seus plágios, pedindo a Thevet, em presença de várias pessoas, inclusive o livreiro Gabriel Buon, perdão das injúrias que lhe tinha feito. Cf. Gaffarel, prefácio à ed. de *Les Singularitez*, p. XXIX e XXX, Paris, 1878.

Ses granges, et luy parfournisse
L'attente d'un esperé heur.

Ainsi ta plume qui nous chante
Les meurs, les peuples du Levant,
Du passe point ne se contente,
Quoy qu'elle ait espandu le vent
D'une gloire immortalisée,
D'une memoire eternisée,
Qui court du Levant ao Ponent.

Car encore que l'antique Thrace,
Que l'Arabe riche ayes veu,
Que d'Asie la terre grasse,
D'Ægypte les merueilles sceu:
Encor que ta plume divine
Nous ait descrit la Palestine,
Et que de ce son loz ait eu:

Totesfois ce desir d'entendre
Le plus exquis de l'univers,
A fait ton vol plus loing estendre:
Luy a fait voir de plus divers,
Tant peoples, que leurs païsages,
Homes nuds allans, et Sauvages,
Iusque icy de nul decovvers.

Ie voy ton Voyage, qui passe
Tous degrez et dimensions
D'un Strabon, qui le ciel compasse,
Et les habitez orizons,
Lesquels Ptolomée limite:
Mais leur congnoissance petite
Surpassent tes comceptions,

Car avant costoyé d'Aphrique
Les regnes riches, et divers,
Les loingtains païs d'Amerique
Doctement nous as decovvers:
Encore en l'Antarctiq'avances,
Non une, mais deux telles Frances
Qui soient miracle à l'univers.

Et ce que iamais l'escrit d'homme
N'avoit par deca rapporté
Tu l'exprimes, tu le pains, somme
Tel tu le fais, qu'en verité
L'obscur[i]té. Mesme en seroit clere:
Tant que par se moyen i'espere
Que lon verra resuscité.

Des Mondes cest infini nombre,
Qui feit Alexandre pleurer.
O que d'arbres icy ie nombre,
Quels fruits doux i'y peuz savourer:
Que de monsters divers en formes,
Quelles meurs de uivre difformes!
Aux nostres tu sçais coulourer!

Ie voy la gent qui idolatre
Tantost un Poisson escaillé.
Ors un bois, un metal, un plastre
Par eux mis en œuvre, et taillé:
Tantost un Pan, qui mis en œuvre
Nostre Dieu tout puissant descœuvre,
Qui de l'unieurs emaillé.

Par maintes beautez, feit le moule,
Et l'enrichit d'animaux maints,

Qui la terre en forme de boule
Entoura des ciels clers serains.
De la sortent tes Antipodes,
Ces Peuples que tu accommodes
A ces Sauvages inhumains.

Desquels quand la façon viens lire
Avec tant d'inhumanitez,
D'horreur, de pitié, et puis d'ire,
Ie poursuis ces grands cruautez.
Quelquefois de leur politique
Ie loüe la saincte pratique,
Avecques leurs simplicitez

Làs! si de ton esprit l'image
Dieu eust pose en autre corps,
Lequel d'un marinier orage
Eust euité les grands effors,
Qui eust craint de voir par les undes
Les esclats, les coups furibondes
Des armés, et cent mille morts.

Pas n'aurions de ceste histoire
Le docte et veritable trait:
Mais Dieu soigneux et de ta gloire
Et de l'equitable souhait
De la France, qui ne desire
Que choses rares souvent lire,
Ce desir a mis en effait.

C'est quand il estrena ce pole
De ton bon esprit, et t'esleut,
O Thevet, pour Porter parolle
De ces peoples, ainsi voulut

Que de voir désireux tu fusses,
Et pour le mieux, il feit que peusses
Parfaire ce que autre onc ne sceut.

Ainsi l'Europe tributaire
A ton labeur, t'exaltera:
Pas ne pourra France se taire,
Ains t'admirant s'esgaiera,
Lisant ces merueiles cachées:
Et par nul escriuant touchées:
Les lisant, ele t'honorera.

IN THEVETVM NOVI ORBIS PERAGRATOREM ET DESCRIPTOREM
I0. AURATUS[1] LITERARUM GRÆCARUM REGIUS PROFESSOR

Avre tenus, sed non pedibus, nec nauibus vlis,
Plurimus et terras, mensus et est maria.
Multa tamen non nota maris terræque relicta
His loca, nec certis testificata notis.
At maria et terras pariter vagus iste Theuetus
Et visu est mensus nauibus, et pedibus.
Pignora certa refert longarum hæc scripta viarum,
Ignotique orbis cursor et author adest.
Vix quæ audita subiecta fidelibus edit
Hic oculis, terra sospes ab Antipodum.
Tantum aliis hic Cosmographis Cosmographus anteit,
Auditu quanto certior est oculus.

---

1. João Dinemandy Dorat ou Daurat nasceu em Limoges (séc. XVI), sabendo-se que morreu no ano de 1588. Dinemandy (*dine-matin*) é appelido limosino, adotado por sua família; mas o nome preferido pelo poeta, a quem os companheiros chamavam de *Píndaro moderno*, era o de *Auratus*, forma latina de Dorat.
   Apesar de seu título de poeta real, que lhe deu Carlos IX, Dorat foi sobretudo o erudito, o professor, e crítico.
   Dorat, a quem devemos excelentes notas sobre as *Oracula Sibylina*, apreciava muito a Thevet, tendo mesmo lhe dedicado dois poemas, um em versos gregos e outro em versos latinos, que figuram, ambos, no começo da *Cosmographie Universelle* deste último. Cf. Masson, *Elogium, J. Aurati, poeta latini* (1588); Vitrac, *Éloge de J. Dorat, poëte et interprète du roi* (1775); Barante, *Tableu de la littérature française du XVIII e siècle* (1808).

LES SINGVLARI-
TEZ DE LA FRAN-
CE ANTARCTIQVE, AV-

trement nommée Amerique: & de
plusieurs Terres & Isles de-
couuertes de nostre
temps.

Par F. André Theuet, natif d'Angoulesme.

A PARIS,
Chez les heritiers de Maurice de la Porte, au Clos
Bruneau, à l'enseigne S. Claude.
1558.

AVEC PRIVILEGE DV ROY.

2. *Fac-simile* de titulo de *Les Singularitez de la France Antarctique* (edição de 1558).

Aos leitores

CONSIDERANDO QUE a longa experiência dos fatos e a fiel observação de numerosos países ou nações, com os seus respectivos costumes e hábitos, só pode é trazer perfeição ao homem, pois é essa louvável atividade uma das maneiras de enriquecer o espírito, dotando-o de heroicas virtudes e de sólida ciência, – entreguei-me à proteção e governo do grande Senhor do universo (caso fora eu merecedor de sua graça), abandonando-me, em pequenos barcos de madeira, frágeis e já gastos, nos quais era mais de esperar a morte do que a vida, à discrição e à mercê de um elemento essencialmente inconstante e impiedoso. E tudo isso pelo só desígnio de rumar ao polo antártico, que, anteriormente, jamais fora descoberto pelos antigos, ou deles conhecido, como se pode verificar dos escritos de Ptolomeu e de outros cosmógrafos (estes, como se sabe, nem sequer conheciam bem o nosso hemisfério, cujo equinoccial não ultrapassaram, de vez que julgavam essa região inabitável). Antes já eu fizera uma viagem ao Levante; aliás, a primeira, visitando a Grécia, a Turquia, o Egito e a Arábia, da qual cheguei até a publicar uma relação[1].

---

1 Thevet refere-se à sua *Cosmographie du Levant*, publicada em Lyon, no ano de 1554. O franciscano, ansioso por conhecer a Itália, obteve permissão para visitar esse país.

Tanto naveguei que fui ter às Índias Americanas, perto do Capricórnio, terra continental, habitada e de clima agradável, como adiante descrevo mais longo e particularmente; – ousadia que tomei imitando vários ilustres personagens, cujos heroicos feitos e grandes empresas, tendo sido celebrados pela História, tornam as mesmas ainda hoje objeto de perpétua honra e glória imortal. Qual foi o argumento do poeta Homero, que tão habilmente celebrou, em versos, Ulisses, senão a longa peregrinação por ele feita; depois da destruição de Troia, através de mares e terras, a diversos países e, igualmente, seus discursos e observações? E por que louva Virgílio a Eneias (a quem alguns historiógrafos, todavia, acusam de ter deixado a sua pátria cair, infelizmente, em mãos dos inimigos), senão por haver, o troiano, resistido ao furor das vagas impetuosas e às demais vicissitudes do mar, passando por inúmeras experiências antes de alcançar, finalmente, a Itália?

Ora, assim como o soberano Criador fez o homem de dois elementos totalmente diversos, um rudimentar e corruptível e outro divino e imortal, de igual modo pôs todas as coisas que estão abaixo do firmarnento em seu poder e para uso dele. A fim de alcançá-los, todavia, é preciso vencer certas dificuldades, pois, de outro modo, cairia o homem na ociosidade e na indolência.

É o homem uma criatura maravilhosamente bem feita, reservada, de acordo com a vontade de Deus, à prática de atos virtuosos, podendo, assim, escolher, no mar ou em terra, o que melhor lhe agrade para alcançar o seu desígnio. Mas é possível, como acontece frequentemente, que algumas pessoas, sob tal pretexto, acabem por abusar dessa liberdade. O mercador, por exemplo, que, levado por avareza, ou por insaciável cobiça dos bens terrestres e transitórios, arrisca imprudentemente a sua vida é (conforme o diz Horácio nas *Epístolas*) tão digno de censura quanto é digno de louvor aquele que se expõe, livremente, aos mesmos riscos para enriquecer o seu espirito e, com isso, servir melhor à coletividade. Assim

---

Em Placência, graças ao amparo do generoso e principesco cardeal de Lorena, pôde Thevet visitar o seu ambicionado Oriente, isto é, Quio, Constantinopla, a Calcedônia, Rodes, Alexandria, a Arábia, a Palestina, etc. A história de sua peregrinação aos países orientais também é reproduzida na *Cosmographie Universelle*.

o fizeram o sábio Sócrates e, depois dele, Platão, seu discípulo, ambos percorrendo estranhos países com o fito de atingirem o ápice da sabedoria, que, depois, sem nenhum desejo de louvor ou recompensa, seria transmitida ao seu povo. Cícero não enviou seu filho Marcos a Atenas, parte para que este ouvisse o filósofo Cratipo, parte para aprender os hábitos e costumes dos cidadãos atenienses?

Lisandro, eleito chefe dos lacedemônios, levou a cabo, denodadamente, com o seu lugar-tenente Antíoco, várias importantes expedições contra Alcibíades, homem não menos bravo: mesmo na derrota jamais o seu ânimo ficou abatido e, antes, perseguindo o inimigo, por mar e terra, conseguiu, afinal, dominar Atenas. Temístocles, que era tão entendido em arte militar quanto em filosofia, demonstrando o seu desejo de expor a vida pela liberdade da pátria, convenceu os atenienses de que a prata, extraída das minas e comumente distribuída entre o povo, devia ser empregada na construção de navios, fustas e galeras, para combater a Xerxes, o qual, por ter, em parte, derrotado aquele general, em honra dessa vitória e ao contrário dos hábitos de um inimigo, mandou oferecer-lhe três das principais cidades de seu império. Por que Seleuco Nicator, o imperador Augusto César e vários outros príncipes e personagens célebres usam, em suas divisas ou insígnias, o delfim e a âncora, senão como uma demonstração de que a arte náutica é, dentre todas, a mais importante e honrosa?

Eis aí (pois não me quero alongar mais) alguns exemplos que mostram o valor da navegação. E assim são as demais coisas do mundo, tanto melhores quanto mais difíceis, segundo ensina Aristóteles ao falar da virtude. Que o perigo acompanha sempre os navegantes, como a sombra segue o corpo, – mostrou-o o filósofo Anacársis. Perguntando Anacársis de que espessura eram as pranchas ou tábuas, com as quais se armavam os navios, respondeu-lhe alguém ser apenas de quatro dedos; ao que replicou o filósofo: "A vida dos que viajam nesses navios não está, também, mais distante da morte."

Referindo-me, leitores, a tão notáveis pessoas, não pretendo, com isso, comparar-me a elas, ou, muito menos, a elas igualar-me. Mas também é certo que a grandeza de Alexandre não impediu seus sucessores de tentar a fortuna. Do mesmo modo, a sabedoria de Platão não intimidou Aristóteles, que, como se sabe, discorreu livremente sobre a filosofia. Por

isso, a fim de me não tornar, a exemplo de Diógenes, ocioso e inútil, tomei a resolução de descrever os fatos ou coisas mais notáveis, que cuidadosamente observei em minha viagem às regiões do Meio-Dia e do Poente, – localização e disposição dos lugares (quer ilhas, quer continentes, com os seus correspondentes climas, zonas ou paralelos), temperatura do ar, costumes e maneiras de viver dos habitantes, feições e características dos animais terrestres ou aquáticos, árvores e frutas, minerais e pedrarias, etc., – tudo explicado o mais flagrante e naturalmente que me foi possível. Quanto ao mais, sentir-me-ei bastante feliz se quiserdes acolher a minha obra com a mesma boa vontade com que eu vo-la apresento. Espero, finalmente, que todos a acharão agradável, tendo em vista a minha longa e penosa peregrinação, realizada com o desígnio de ver e, em seguida deixar, por escrito, as mais memoráveis coisas, – como se poderá verificar mais adiante.

. . . .

Aviso ao leitor

(LA PORTE)

A PRESENTE HISTÓRIA, leitor, não duvido vos deixe um pouco admirado, tendo em vista a variedade das coisas apresentadas aos vossos olhos, muitas das quais parecerão, à primeira vista, mais monstruosas do que naturais. Mas, considerando, maduramente, quanto são grandes os poderes da natureza-mãe, estou seguro de que modificareis essa ideia.

Convém ainda, leitor, não estranhardes o aspecto de várias árvores (tais como as palmeiras), feras e aves, diversas, em tudo, das que são descritas pelos nossos modernos naturalistas[1]. Estes pouco merecem fé, porquanto não só jamais viram as regiões, de que fala a presente obra, como, também, não possuem uma sólida experiência e cultura. Consultai, peço-vos, as pessoas dessas regiões ou países, que estão vivendo entre nós; ou recorrei aos que já realizaram a mesma viagem. Uns e outros vos informarão da verdade.

Por outro lado, se alguns termos franceses vos possam parecer ásperos, ou mal aplicados, – é o caso de acusar a febre e a morte. A fe-

---

1 No texto, *observateurs*.

bre, que, prendendo o autor no leito, desde o seu regresso, impediu que o mesmo fizesse a revisão da obra antes de entregá-la ao impressor, tendo o cardeal de Sens, aliás, recomendado pressa em sua execução. A morte, que arrebatou, antecipadamente, a Ambrosio de la Porte. Ambrosio de la Porte, homem estudioso e bem versado na língua francesa, tomara sob a sua inteira responsabilidade o encargo do presente livro.

Todavia, leitor, podereis estar seguro de que não esquecemos o nosso dever. E, por única recompensa, desejamos apenas que a obra vos cause satisfação.

. . . .

Capítulo I

EMBARQUE DO AUTOR

Todas as coisas foram feitas para o homem

TODOS OS ELEMENTOS e bens existentes no universo, desde a Lua[1] até o âmago da Terra, parece que foram feitos para o homem. E, na realidade, assim é. Porquanto a natureza, mãe de todas as coisas, sempre refez ou guardou em si mesma os mais preciosos e excelentes dons de sua obra.

Diferença entre a arte e a natureza

Na arte, dá-se o contrário. Os mais sábios artistas, fora Apeles ou Fídias, quando se punham a pintar, gravar ou ornar uma barca ou estátua, só à parte externa davam brilho, ou guarneciam, deixando a outra parte, a interna, rude e mal-acabada. Com a natureza, procede-se diversamente. O corpo humano é um exemplo, pois todo o artifício e excelência da natureza no seu interior se oculta (o exemplo aplica-se, também, a qualquer outro corpo que não seja o do homem). O superficial nem sequer se pode comparar ao que vem do íntimo, pois a perfeição e acabamento do exterior dependem dos elementos que dentro dele se encontram. A Terra, do mesmo

---

1 A frase denota uma concepção cosmográfica antiga, que vem de Eudóxio (409-356 a.C.), – a das esferas ou céus concêntricos, cujo esquema ainda se vê na *Margarita Philosophica* (Ruisch, 1508). O céu da Lua é o que está mais ligado àTerra.

modo, mostra por fora uma face triste e melancólica, o mais das vezes recoberta de pedras, espinhos, cardos ou coisas semelhantes; mas, se o lavrador abre-a com a relha ou a charrua, encontrará no seu seio esse excelso bem, prestes a recompensá-lo dos esforços, qual seja a virtude vegetativa da raiz e do tronco da planta, defendida externamente por dura casca, algumas vezes simples, outras dupla: a mais preciosa parte do fruto, – aquela que mantém o poder de reproduzir-se e criar outro ser semelhante, – acha-se encerrado no seu mais seguro lugar. Está no centro.

Utilidade da navegação

À maneira do lavrador, que sonda a terra e dela tira os proventos, há também os que não se contentam em olhar a face das águas, mas a querem sondar por meio dessa nobre atividade, – a navegação. E como, à custa dela, encontram e recolhem inestimáveis riquezas, – pois não é outro o objetivo das viagens, – tornou-se a navegação, a pouco e pouco, tão empregada pelos homens que muitos deles, ultrapassando ilhas incertas e mal seguras, conseguiram, afinal, atingir terra firme, boa e fértil. O descobrimento dessas terras firmes, segundo se infere dos escritos antigos, jamais ocorrera, até então, a ninguém.

Causa da navegação do autor às Américas. Louvores ao Senhor de Villegagnon.

A principal causa de minha viagem às Índias Americanas[2] deve-se ao seguinte fato: o generoso Senhor de Villegagnon, Cavaleiro de Malta[3], homem tão consumado quanto é possível sê-lo em assuntos da marinha e

2 Observe-se a persistência com que, ainda ao tempo de Thevet, se dava à América o nome de *Índias*, mesmo depois da concepção da *terra quatripartita*, adotada por Stobnicza, Apiano, Schöner, Münster e outros. Em Espanha, aliás, conservou-se por muito tempo a designação de *Índias Ocidentais*, aplicada ao Novo Mundo; só em meados do séc. XVIII os autores castelhanos, cedendo ao impulso geral e à terminologia adotada pelos ingleses, valeram-se do nome de *América*, reservando o de *Índias Ocidentais* para as Antilhas (Luís Ulloa Cisneiros, p. 232 e 233).
Note-se que Thevet ora escreve *Indes Ameriques* (f. 1), ora, no singular, *Inde Amerique* (f. 5). À f. 22, todavia, emprega a denominação de Índias Ocidentais, com referência à América.

3 Um estudo mais demorado da personalidade de Villegagnon (outros acham melhor escrever Villegaignon) ainda está por ser feito. Algumas fontes: J. Crispin (ou Crespin), *Histoire des martyres persecutes et mis à mort pour la vérité de*

em outras virtudes, assim que recebeu, após madura deliberação, as ordens reais, solicitou-me insistentemente auxílio para a execução de sua empresa, estando, para isso, autorizado pelo rei meu senhor e príncipe (a quem devo inteira honra e obediência), – visto estar bem informado de minha viagem ao Levante e do concurso que eu poderia dar ao empreendimento. Pelo que, de bom grado, acordei em tomar parte na viagem, tanto por desejar satisfazer, dentro de minhas possibilidades, à vontade real, como por causa da empresa, embora laboriosa, mas honesta.

Embarque dos franceses para as Índias Americanas. Havre da Graça. Por que assim se chama.

De modo que, tendo o Senhor de Villegagnon dado ordem, a 6 de maio de 1555[4], para os preparativos da partida, e, em seguida, providenciado a respeito da segurança e comodidade dos navios, assim como

---

l'Évangile, Gênova, prim. ed. de 1560 (a parte relativa à estada dos franceses na baía de Guanabara é atribuída a Léry); J. de *Léry*, *Histoire d'un Voyage faict en terre du Bresil, antrement dite Amérique*, La Rochelle (a prim. ed. é de 1578); J. C. Fernandes Pinheiro, "França Antártica", em *Rev. do Inst. Hist. Bras.*, t. XXII, Rio, 1859. 1ª parte; H. de Grammont, *Relation de l'expédition de Charles-Quint contre Alger, Paris e Argel*, 1874; Paul Gaffarel, *Histoire du Brésil Français au Seizième Siècle*, Paris, 1878; M. T. Alves Nogueira, *Der Mönchritter Nikolaus Durand von Vilegaignon*, Leipzig, 1887; A. Heulhard, *Grande bibliothèque de géographie historique – Villegagnon, roi d'Amérique*, etc., Paris, 1897; A. Morales de los Rios, "Subsídios para a história da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro", em *Rev. do Inst. Hist. Bras.*, t. esp., parte 1ª, Rio, 1915; Visc. de Porto Seguro, *História geral do Brasil*, I, 4ª ed. da Comp. Melh. de São Paulo, s/d. Notas dispersas, ainda, em J. de Anchieta, *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões* (1554-1594), Rio, 1933 e Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, I, Lisboa, 1938.

4 À primeira vista, parece que Thevet diz que a partida da expedição teve lugar no dia 6 de maio de 1555. O exame da questão, todavia, levou-me a uma interpretação mais segura do texto. Assim, 6 de maio deve ter sido apenas a data em que Villegagnon deu ordem para os preparativos da viagem. Léry (p. 3) também afirma que a partida se deu em maio, mas esse autor foi buscar a data, ao que parece, na obra do seu rival. A frotilha de Villegagnon, composta de três navios, – dois artilhados e um de provisões, – só deixou o Havre pela tarde de 12 de julho de 1555. Quem o diz é Nicolas Barré, secretário da expedição, em sua interessante carta de 23 de julho de 1556. Logo, os maus ventos lançaram os barcos nas costas inglesas da Mancha, em Blanquet (talvez o Branksea, diz Gaffarel). Tempestades avariaram um dos navios, forçando a esquadrilha a tornar à França, dessa vez a Dieppe (17 de julho). Muitos

sobre as munições e outros petrechos bélicos (tudo isso com mais dificuldades do que se tratara de uma força terrestre, em vista do número e qualidade de sua gente, da mais vária, – gentis-homens, soldados e artífices), – em suma tudo preparado com a melhor equipagem possível, teve lugar, enfim, o embarque. Partiu a expedição do Havre da Graça[5], cidade moderna, penso que assim chamada (diga-se de passagem) em virtude da palavra Ἀυλώφ, que significa *mar* ou *estreito*, – *ab hauriendis aquis*[6]. Do Havre, situado na Normandia, ao qual banham as águas do Gálico, saíram os navios. Iam todos abandonados à mercê do vento e das ondas, rumo ao mar alto, – justamente chamado pelo nome de Oceano em razão de sua impetuosidade (Oceano, como querem alguns, vem da palavra Ὠκύς.).

---

gentis homens, impressionados com o acontecimento, abandonaram Villegagnon. Do mesmo modo, um bom número de operários e soldados.

A reparação dos navios durou três semanas. No começo de agosto teve lugar o novo embarque, que, como o primeiro, não foi bem sucedido: os ventos fizeram a esquadrilha retornar ao porto. Que porto? A Dieppe? Ao Havre? "*Ains nous convint relascher au Havre, d'ou nous estions partis*", diz N. Barré. A palavra *Havre* tanto pode significar o porto de Dieppe ("*le havre de Dieppe*", "*le dit havre n'a que trois brassés d'eau*", escreve esse autor em outra parte, com letra minúscula), como a cidade do Havre. Todavia é preciso notar que Barré, quando se refere a este último porto, usa, de preferência, o nome completo – *Havre de Grâce*. De qualquer modo, é sabido que a partida definitiva só se deu a 14 de agosto de 1555, possivelmente de Dieppe. Essa é também a orientação de A. Heulhard (p. 105 e 106). J. C. Fernandes Pinheiro (p. 17), inadvertidamente, considera o dia indicado por Thevet como a data em que a expedição de Villegagnon deixou a França.

Sobre a controvérsia a propósito de uma viagem de Villegagnon ao Brasil, anteriormente a 1555, consulte-se A. Morales de los Rios, p. 1074.

A data de 15 de julho, indicada por Crespin para a da partida do Havre, não merece fé. Cf. Gaffarel, *Histoire*, pp. 178, 179 e 476. *Idem* a carta de N. Barré (também em Gaffarel, *ob. cit.*, p. 373-382).

Heulhard (p. 105) acha que o nome *Blanquet* não passa de um erro tipográfico, ou de cópia, por *trinquet* (mastro, traquete), querendo dizer Barré, na frase original, *que o vento obrigou a tripulação a despregar as velas do traquete*.

5 Havre da Graça, por causa de uma capelinha, edificada em princípios do séc. XVI, em honra a *Notre Dame de Grâce*. Como as similares de outras: *Igreja da Graça (Bahia)*, *Nossa Senhora da Graça* (freguesia do Cabo Verde), *Notre Dame de Grâce* (Quebec), etc.

6 Cf. a pitoresca etimologia de Thevet. *Havre*, porto, já se encontrava no baixo latim (harla), nos idiomas germânicos (*hafen*) e no velho francês (*hafne*). Aliás, N. Barré, como já vimos, usou o nome no seu sentido comum, "*le havre de Dieppe*" (cf. Gaffarel, *Histoire*, p. 374).

Superstição dos antigos quando navegam.

Proveniente da supersticiosa e abusiva religião dos gentios, havia o costume de oferecerem-se, segundo as necessidades de cada um, votos, orações e sacrifícios a deuses vários. Daí a prática, existente entre os navegantes, quando estão de partida, de lançarem-se peças de dinheiro ao mar, à maneira de voto ou oferenda. Pensam os marujos, com isso, propiciar os deuses oceânicos e torná-los favoráveis à viagem. Há, também, os que atribuem divindade aos ventos, aos quais procuram apaziguar com estranhas cerimônias. Como se diz que fizeram os calabreses a Iapígio (nome de certo vento) e como procederam, do mesmo modo, os turinos e os panfilienses. A acreditar na *Eneida* de Virgílio, foi devido aos importunos rogos de Juno a Éolo, rei dos ventos, que pôde o mísero troiano atravessar a salvo o mar, seguindo-se a isso uma querela entre os deuses. Pelo que se veem os erros e abusos, em que viviam os antigos, em seu diabólico gentilismo, atribuindo a um elemento, sujeito ao poder humano e, quiçá, dos mais humildes, um dom que só ao Criador é dado possuir. Ao Criador, pois, não me cansarei de louvar, porquanto houve por bem revelar-se à humanidade e tirá-la de tão tenebrosa ignorância. Sobretudo por ter, com a sua graça, favorecido a expedição, mandando um vento em popa que permitiu aos navios vencer o estreito e alcançar as Canárias. As Canárias estão a vinte e sete graus da linha equinocial e distam cerca de quinhentas léguas de França.

Por diversas razões, achei mais conveniente iniciar minha narrativa com a descrição do embarque. Era o melhor método. Motivo pelo qual espero, amigo leitor, que, se a história vos agradar, acompanhar-me-eis de terra em terra, observando comigo a longitude e latitude de cada país. E aguardo, ainda a exemplo de Teseu, que não largareis o fio da meada senão no fim. Mas, se vos depanardes com algum trecho que não corresponda à vossa expectativa, conto que me excusareis, atendendo a que não é possível a um homem, só e sem nenhum favor público, explorar e descobrir longínquas regiões, ainda por cima observando nelas suas coisas singulares, ou nelas executando grandes empreendimentos, dos quais, em circunstâncias outras, seria capaz. Recordo-me, aliás, do que, a propósito, diz muito bem Aristóteles, a saber, que é impossível e muito penoso para alguém fazer qualquer coisa excelente, ou digna de louvores, quando lhe faltam os meios materiais necessários. Acrescente-se a isso que a vida humana é breve e sujeita a mil fortunas e adversidades.

. . . .

Capítulo II

DO ESTREITO, ANTIGAMENTE CHAMADO DE CALPE E HOJE DE GIBRALTAR[1]

O estreito de Gibraltar.

COSTEANDO, pois, a Espanha, que ficara à esquerda, com um bem calmo e propício vento, surgiram os navios diante de Gibraltar, do qual, todavia, por diversas causas, não se aproximaram. O estreito acha-se nos limites de Espanha, separando a Europa da África, como o de Constantinopla separa a Europa da Ásia. Acreditam alguns que é ele a origem do mar Mediterrâneo – o Oceano, como se sentisse demasiadamente cheio, teria transbordado para esse espaço da Terra. Assim o diz Aristóteles, no capítulo “De mundo” de uma de suas obras: *o Oceano, que por todos os lados nos rodeia, precipita-se no ocidente, perto das colunas de Hércules, por uma estreita embocadura, formando em nossas terras um porto*.

Ilhas e outras singularidades de Gibraltar. Ebuso (ou Ieviza) e Frumentária.

Perto do estreito de Gibraltar encontram-se duas ilhas, muito próximas uma da outra, habitadas por povos bárbaros, por corsários e por escravos. Em sua maior parte, os escravos arrastam cadeias nas pernas, tra-

1 No texto, *Gibaltar*. E *passim*. No *Atlas histórico e geográfico de João Soares* (p. 71), o topônimo aparece sob as suas duas formas, *Gibraltar* e *Gibaltar*.

balhando nas salinas, de cujo produto se faz muito tráfico. Dessas ilhas, a maior é a austral. Vista de longe, tem a forma de um triângulo; chamavam--lhe os antigos Ebuso, hoje Ieviza. A outra tem o nome de Frumentária e está voltada para o setentrião[2]. A navegação é ali dificílima, em virtude dos rochedos que afloram às aguas e de outros mais inconvenientes.

O rio Malua.
O rio Sala.

Desaguam nessa região vários rios navegáveis, que lhe trazem muitas riquezas, tais como o Malua[3]. O Malua separa a Mauritânia da Cesariana. O outro rio é o Sala[4], que vai buscar sua origem na montanha do Dure[5]; o Sala que tem a forma da letra grega Δ, atravessa o reino de Fez e lança-se, depois, no estreito. E o mesmo se pode dizer de muitos outros cursos fluviais, assunto que, no momento, deixo para outra oportunidade:

De passagem, direi que, transposto o estreito, logo na costa africana, até o trópico do Câncer, não se vê crescer ou baixar o mar; mas, apenas a gente se aproxima do majestoso rio Níger, situado a uns onze graus do Equador[6], percebe-se alguma coisa das marés. Isso devido ao curso do mesmo rio.

Opiniões diversas sobre a ereção das colunas de Hércules.
Costumes dos antigos reis e senhores.

Nesse estreito do mar Mediterrâneo há duas montanhas de admirável altura: uma para a banda da África, que antigamente, segundo Pompônio Mela, era chamada Calpe, hoje Gibraltar; a outra tem nome de Abila. Ambas se denominam Colunas de Hércules. Segundo alguns,

---

2 Thevet refere-se às ilhas de Ibiza (Iviça em português) e Formentera, que não são, como se sabe, as principais Baleares. A colocação de Formentera no setentrião e Ibiza no austro mostra que o frade francês ainda estava aferrado à técnica dos cartógrafos medievais; na cartografia medieval o mapa aparece, geralmente, invertido, com a borda superior no meio-dia.

3 No texto, *Malue*; à margem, *Malve*. Trata-se do Malua, atual Muluya. Cf. Bouillet, *Atlas*, est. 19.

4 O Ued-Sebu atual, segundo a identificação de Gaffarel.

5 A montanha de Durdus (Bouillet, *Atlas*, est. 23), também chamada Dyrin (Vidal--Lablache, p. 16).

6 Há uma diferença, para mais, de cerca de seis graus quanto à localização exata da latitude da foz do rio Níger.

foi o próprio Hércules quem as dividiu, constituindo elas, outrora, um só e contínuo maciço, conhecido pelo nome de Briaréu. O estreito foi o remate dos trabalhos do herói, que retornava da Grécia, considerando este não ser conveniente ou possível passar além das montanhas, em virtude da vastidão e amplitude do oceano, que se dilatava até o alcance máximo da sua vista. Acreditam outros que esse mesmo Hércules, desejoso de rememorar suas felizes conquistas, erigiu no estreito, do lado da Europa, as duas colunas de admirável tamanho. Pois era costume entre os antigos nobres e senhores levantar altas colunas, ou sepulturas e túmulos, nos lugares onde terminavam suas empresas e viagens, tudo para ostentar, por esse meio, sua preeminência sobre os demais indivíduos. Assim se sabe que fez Alexandre, assinalando os sítios da Ásia Menor, por onde passara. Para o mesmo fim foi construído o Colosso de Rodes. Outro tanto se pode dizer do Mausoléu, considerado uma das sete maravilhas do mundo, que edificou Artemísia em honra e consideração a seu marido. E ainda das pirâmides de Mênfis, sob as quais estavam inumados os reis egípcios. Finalmente direi que, à entrada do mar Maior[7], Júlio César mandou colocar uma alta coluna de mármore branco (a figura dessa coluna e a do Colosso de Rodes podem ser vistas no livro em que descrevo a viagem ao Levante).

Qual teria sido o Hércules das colunas do mesmo nome. Tartesso, antiga cidade africana.

Em virtude de existirem muitos heróis usando o mesmo nome, quero observar, de acordo com Ariano o Historiógrafo, que o Hércules das colunas foi aquele celebrado pelos tírios: por isso edificaram este Tartesso[8], na fronteira espanhola, no mesmo local onde existem as colunas, de que atrás se falou, ali erguendo, também, um templo ao herói, construído e edificado ao estilo fenício, com os sacrifícios e cerimônias comuns ao passado. Donde o fato de se chamar aquela região o *lugar de Hércules*.

7 No texto, *mer maieure*. P. Gaffarel identificou-o com o mar Negro. *Mayor mare*, de fato, é como se lê no mapa de Pedro Bertius (1606).

8 Thevet, no texto, não diz que Tartesso ficava na África. Mas, à margem do mesmo, todavia, lê-se "*Tartesse, ancienne ville d'Afrique*". Como se vê, foi apenas um lapso do frade.

Gibraltar, lugar de tráfico entre a Europa e a África.

O estreito de Gibraltar é hoje um verdadeiro asilo e receptáculo de ladrões, piratas e flibusteiros do mar, – os turcos, mouros e bárbaros, todos inimigos da religião cristã, os quais, vagando em seus navios, assaltam os mercadores que traficam em África, Espanha e França. Mais ainda para deplorar, todavia, é o cativeiro de numerosos fiéis, dos quais usam eles, desapiedadamente, em seus misteres, como se foram os mais vis animais selvagens. Isso sem falar na perdição de tantas almas, assim condenadas pela violação e transgressão das leis cristãs.

. . . .

Capítulo III

DA ÁFRICA EM GERAL

O cabo de Cantin.

PASSANDO além do estreito de Gibraltar, por espaço de oito dias costearam os navios a África, conservando-a à esquerda até a altura do cabo de Cantin[1], que dista da linha equinoccial trinta e três graus, – motivo pelo qual vou agora descrever, em poucas palavras, aquele continente.

As quatro partes da Terra, segundo os modernos geógrafos. Etimologia variada da palavra África.

É a África, segundo Ptolomeu, uma das três partes do globo; ou melhor, uma das quatro partes, no dizer dos modernos geógrafos, que as vêm descrevendo em seguida ao descobrimento de numerosas regiões até então ignoradas, tais como as Índias americanas. Seu nome provém, afirma Josefo, de Afer, o qual, segundo ensinam os historiadores greco-latinos, foi quem a subjugou e nela imperou; anteriormente, porém, se chamava de Líbia, originado, no dizer de alguns, da palavra grega Δίβυς, isto é, o vento do meio-dia, que é lá tão frequente e familiar (se não vem de Libs, que ali já reinou). Diz-se também que a palavra África provém da partícula *a*, ne-

1 No texto, *Canti*. Sua lat. N. exata é de 32° 40’.

gativa, e de ΦρίΧη, frio, ou seja, região onde jamais existe frio, tendo sido ainda chamada, outrora, Espéria.

Situação da África.

Relativamente à sua situação geográfica, começa a África no oceano Atlântico e vai terminar no estreito da Arábia (ou no mar do Egito, segundo Apiano), como semelhantemente e em poucas palavras escreve tão bem Aristóteles. Outros há, entretanto, que a fazem começar no Nilo, indo acabar no setentrião, às margens do Mediterrâneo. Demais, dá-se o nome de África (asim o ensina Josefo nas suas *Antiguidades judaicas*) a todo o continente compreendido entre o mar do Setentrião (ou Mediterrâneo) e o oceano Meridional, embora separada em duas partes, a velha e a nova. A nova África começa nos montes da Lua, tendo seu cabeço no cabo da Boa Esperança, às bordas do mar do Setentrião, trinta e um graus ao sul da linha equatorial[2] (de maneira que toda essa região se estende numa latitude de vinte e cinco graus); a velha divide-se em quatro províncias, a Barbária (que é a primeira), a Mauritânia ou Tangitana, a Cirenaica e a Cesariana.

A África está toda habitada por povos negros. Outrora, era esse país menos povoado do que atualmente – isso sem falar das diversas populações de seu interior, dos mais variados costumes e ideias religiosas, cujo conhecimento merecia uma viagem especial. Ptolomeu não faz menção da parte que fica para o Meio-Dia, por não ter sido ela descoberta ao seu tempo. Mas não me deterei nesse assunto, pois muitos já descreveram com minúcias o continente, entre outros Plínio, Pompônio Mela, Estrabão e Apiano.

Colunas de pedra, com caracteres fenícios.

A África diz Herodiano ser fecunda e populosa, existindo nela, portanto, gentes de diferentes modos de viver. Que os fenícios, algumas vezes, vieram colonizá-la, mostram-no os caracteres de sua língua, encontrados em algumas colunas de pedra, que se veem ainda na cidade de Tíngis, hoje chamada Tamar[3], pertencente ao rei português. Quanto aos

---

2 A ponta extrema do cabo da Boa Esperança está a 34º 22’ de lat. 5.

3 No texto, *Tinge* – Tingis foi o nome antigo da atual, Tânger. Não consta que essa cidade tivesse tomado, em qualquer tempo, a denominação de Tamar. Thevet faz referência, talvez, ao *Pays des Dattes*, ou *País des Tamaras*, nome por que foi conhecido durante algum tempo, parte da região marroquina.

costumes, são eles vários, pois os temperamentos e, consequentemente, os hábitos mudam de acordo com o clima e o meio geográfico, pela afinidade que há entre alma e corpo, conforme o demonstra Galiano em sua obra. Na Europa, na própria França, vê-se como os usos variam em relação ao ambiente – na Céltica, na Arquitânia e na Gália Bélgica, cada uma delas com as suas particularidades.

Costumes e religiões da África.

Em geral, são os africanos cautelosos. Tais como os sírios, que são avaros, os sicilianos, que são sagazes, os asiáticos, que são voluptuosos. Numerosas são as suas crenças religiosas: alguns praticam cerimônias gentias um tanto diferentes das antigas; outros são maometanos. Há ainda os cristãos, mas uns cristãos muito estranhos e bem diversos dos verdadeiros.

Motivo pelo qual os animais são, na África, monstruosos.

Os animais selvagens são também variados. Diz Aristóteles que as feras da Ásia são crudelíssimas, as da Europa robustas e as da África monstruosas. Como as águas são escassas, animais de diferentes espécies se veem forçados a desedentar-se em determinados sítios e, nesses lugares, se juntam uns aos outros, uma vez que o calor os torna prontos e fáceis. Daí a origem de numerosas espécies monstruosas, com múltiplos tipos de um mesmo indivíduo. Donde o provérbio de que a África produz sempre coisas estranhas.

Provérbio

Aos romanos, que, em suas frequentes viagens e expedições à África, dominaram por longos tempos esse continente, – não era desconhecido o provérbio. Cipião o Africano é um exemplo. Os romanos, assim influenciados pelos costumes africanos, adquiriam certos hábitos esquisitos, que chegaram a causar escândalo em sua própria cidade e república.

. . . .

Capítulo IV

DA ÁFRICA EM PARTICULAR

A Barbária – região africana. Origem de seu nome.

QUANTO à região africana do lado do Atlântico, – a Mauritânia e a Barbária (esta assim chamada por causa da diversidade e estranheza de seus habitantes), – é ela povoada pelos turcos, mouros e outros nativos do país[1]; em algumas partes, porém, tais lugares são quase como uns desertos, quer devido ao seu excessivo calor, que constrange os povos a andar seminus, cobrindo apenas as partes vergonhosas, quer por motivo da esterilidade dos campos arenosos. Outra razão da existência de desertos é o número dos animais ferozes, – os leões, os tigres, os dragões, os leopardos, os búfalos, as hienas, as panteras e tantos outros. Receosos desses animais, as gentes do país vão aos seus negócios sempre aos grupos, armados de arcos, flechas e mais instrumentos defensivos, tanto que, se não são numerosos (como acontece quando vão pescar, ou vão a outro semelhante mister), fogem todos para o mar, aonde se lançam e se salvam a nado, ao que o hábito já os tornou afeitos. Os que, entretanto, não têm essa habilidade, ou não sabem nadar, montam às arvores, evitando, assim, o mal que lhes possam causar as feras. De Gibraltar ao Cabo Verde, os naturais perecem mais frequentemente dos assaltos das feras de que mesmo de morte comum.

---

1 Thevet provavelmente se refere aos berberes de Túnis e de Marrocos, aos tuaregues do Saara, etc.

Religião e costumes dos bárbaros. Meca, sepultura de Maomé. Viagem dos turcos a Meca.

Acreditam os bárbaros na infeliz lei de Maomé, mais supersticiosamente que os próprios turcos. Antes da oração, nos templos e mesquitas, lavam todo o corpo, pensando, assim, que a ablução exterior e cerimoniosa, feita por um elemento corruptível, é capaz de expurgar o espírito. E é a oração repetida quatro vezes ao dia, assim como vi aos turcos fazer em Constantinopla[2]. Outrora, quando esses pagãos adotaram, antes que quaisquer outros, tão diabólica religião, eram eles obrigados, pelo menos uma vez na vida, a visitar Meca, lugar da sepultura de seu gentil profeta; do contrário, não gozariam das delícias que lhes eram prometidas. Ainda hoje o mesmo observam os turcos, os quais, em suas peregrinações, viajam como se fossem à guerra contra os árabes das regiões montanhosas, isto é, inteiramente municiados. Estando no Cairo, tive ocasião de assistir a uma dessas peregrinações e à magnificência e triunfo que nelas se guardam.

Corban.

Semelhantes costumes mantêm os mouros da África e outros maometanos, ainda mais curiosa e estreitamente que quaisquer outros, tanto são obstinados e cegos, – o que me deu oportunidade para falar, neste sítio, dos turcos e de suas viagens, quando se destinam a guerras ou a empresas de grande importância. Tanto que, se não podem fazer a peregrinação, sacrificam algum animal selvagem ou doméstico, assim que se reúnem, – costume que, em sua língua, tanto quanto na dos árabes, chama-se de *corban*[3] (isto é, a oferenda), termo de origem caldeu-hebraico. Mas é verdade que os turcos do Levante não usam a oferenda, mesmo diante de Constantinopla.

Os egípcios, primeiros inventores das letras.

Possuem os mouros certos sacerdotes, que são os maiores impostores do mundo. Fazem crer ao povo que conhecem os segredos de Deus

---

2 O pronunciamento de certas fórmulas muçulmanas, acompanhadas de posturas do corpo, é feita cinco vezes ao dia. Cf. D. S. Margoliouth, p. 92.

3 A palavra é de origem aramaica. Há uma interpretação nova em J. H. A. Hart, *The Jewish Quaterly Review*, julho de 1907. Cf. *The Encyc. Brit.*, VII, p. 135.

e de seu profeta, pelo fato de falarem frequentemente com os mesmos. Usam, demais, um processo gráfico muito estranho, acreditando que foram os primeiros povos a empregar a escrita[4], – em discordância com o que se sabe dos egípcios, aos quais os autores especializados em história antiga dão a prioridade na invenção da arte de representar, por intermédio de algumas figuras, a concepção do espírito. Escreve Tácito, de fato, que foram os egípcios os iniciadores de um mecanismo gráfico para representar o pensamento, com figuras de animais, que gravavam na pedra, rememorando, assim, para a humanidade, os fatos antigamente passados. E daí se considerarem os egípcios os inventores das letras, sendo essa invenção, como já se tem escrito, transmitida aos gregos pelos fenícios, então no domínio do mar. Também os fenícios se julgavam os precursores da escrita, quando, na realidade, fora dos egípcios que teriam recebido tal conhecimento[5].

Os bárbaros são assaz belicosos.

A população dessa região, em frente à costa europeia, é assaz belicosa, tendo o costume de ungir-se de azeite, que possui em abundância, quando se destina a empreender alguma violenta tarefa: tal qual os antigos atletas e outras pessoas, a fim de que certas partes do corpo, – os músculos, os tendões, os nervos, os ligamentos, – elastecidos pelo azeite, se tornassem, segundo a variedade do exercício, mais dispostas ao movimento. Como se sabe, tudo o que é brando e flexível está menos sujeito a romper-se.

Santa Cruz, cidade da Barbária.

Fazem, os bárbaros, guerra principalmente aos espanhóis circunvizinhos, parte por causa de suas ideias religiosas, parte por outros motivos. E é certo que os portugueses, nos últimos tempos, tomaram pé nessa região, onde edificaram cidades e fortalezas, introduzindo nela os ensina-

---

4. Os tuaregues possuem uma escrita, que Evans e Petrie demonstraram ser uma representação moderna do mesmo sistema comum ao Egito, a Creta (este) e a Espanha (oeste). Veja-se C. G. Seligman, p. 132.

5 Alguns arqueólogos querem fazer crer que os cretenses ou os cipriotas teriam inventado o alfabeto. A tendência dos orientalistas modernos, todavia, entre os quais se acha Dussaud, propende para dar aos fenícios a prioridade dessa criação (P. Meininger, pp. 277 e 278).

mentos cristãos. Especialmente numa bela cidade, que chamaram de Santa Cruz, por ter sido começada no dia do mesmo nome[6]. Santa Cruz fica ao pé de uma linda montanha, do cimo da qual os infames nativos, aglomerados, lançaram enormes pedras extraídas dos rochedos. De modo que os portugueses se viram forçados a abandonar aquela praça.

Fertilidade da Barbária.

Vivem os bárbaros em tão contínua inimizade entre os que, só por meio de intermediários, traficam com o açúcar, o azeite, o arroz, os couros e outras mercadorias. Possui esse lugar bastantes frutos saborosos, tais como laranjas, limões, romãs, etc., de que se servem os africanos, à falta de outros alimentos. Também usam arroz em lugar do trigo e bebem azeite à maneira de vinho. E vivem, assim, muitos anos, sobretudo (segundo penso) por causa da sobriedade quanto ao uso da carne.

6 Sobre as origens de Santa Cruz (depois Agadir, hoje Tlemcen), leia-se Hoefer, p. 315 sq.

. . . .

Capítulo V

DAS ILHAS AFORTUNADAS, QUE AGORA SE CHAMAM DE CANÁRIAS

Situação das Ilhas Afortunadas e por que eram assim chamadas pelos antigos.

DEIXANDO A BARBÁRIA à esquerda, com vento sempre em popa, os marinheiros reconheceram, então, por intermédio dos instrumentos náuticos, quanto os navios estavam próximos das Ilhas Afortunadas, assim ditas pelos antigos graças à sua fertilidade e boa temperatura. E, de fato, ao primeiro dia de setembro, às seis horas da manhã, avistou-se o cimo da montanha de uma dessas ilhas, da qual se falará adiante mais ampla e particularmente.

Número das Ilhas Afortunadas.

As Ilhas Afortunadas, segundo alguns, se elevam ao número de dez, três das quais os autores não mencionam, por isso que são desertas e inabitáveis; chamam-se as outras sete a Tenerife, a do Ferro, a Gomiera, a grande ilha particularmente batizada pelo nome de Canária, a Fortaventura, a Palma e a Lancelote[1]. As três últimas distam do equinocial vinte e oito

1 Atualmente, Tenerife, Hierro, Gomiera, Grande Canária, Fuerteventura, La Palma e Lanzarote. Conhecem-se, hoje, muitas outras ilhotas desabitadas, seis das quais já possuem nome.

graus, estando as quatro restantes a vinte e sete. Donde se pode ver que, da primeira à última e de norte a sul, há, segundo a opinião dos pilotos, a distância de um grau, ou seja, dezessete léguas e meia (quem quiser conhecer a quantidade de léguas e estádios contidas na terra, de acordo com os graus celestes, ou conhecer a proporção entre a légua e o grau – o que, ao descrever um país, deve observar todo cosmógrafo – consulte Ptolomeu, o qual trata amplamente do assunto em sua *Cosmografia*)[2].

Por que as Ilhas Afortunadas se chamam hoje de Canárias.

Entre as Canárias só a maior tem esse nome, o qual se origina da quantidade dos enormes cães lá existentes. Assim o dizem Plínio e vários outros autores mais novos, acrescentando-se, ainda, que Juba trouxe dessas ilhas dois deles. Atualmente, o nome é, por essa razão, indistintamente comum a todo o arquipélago. Minha opinião é, porém, que as Canárias são assim chamadas por causa da abundância das canas e bambus selvagens, existentes nas costas marítimas (as canas-de-açúcar foram ali plantadas pelos espanhóis, mas não as silvestres, que sempre ali cresceram)[3]. Cães, grandes ou pequenos, não era verossímil se encontrassem nas Canárias, a não ser os trazidos pelos portugueses (como ainda hoje acontece), para a caça das cabras e outros animais selvagens. E sei, por experiência, que os indígenas, descobertos de uns tempos a esta parte, jamais conheceram o cão ou gato, – como mostrarei em lugar oportuno.

Ômbrios.
Uma árvore estranha.
Junônia.
A ilha das Neves.

Plínio descreve-as do seguinte modo. Chama-se a primeira Ômbrios, nela não se vendo nenhuma casa ou edificação, mas nas partes

2 Ptolomeu estimava em 125º 10' a distância entre o meridiano das Ilhas Afortunadas e o promontório Cory (Índia), reduzindo a parte restante a 54º 10'. Esse erro teve a vantagem de animar os nautas a atravessar o Atlântico, do que resultou o descobrimento da América. Cf. Brunet & Mieli, p. 788.

3 P. Gaffarel é da opinião que a verdadeira origem da palavra Canárias é *cannis* e não *cana*, pois a cana-de-açúcar só apareceu no arquipélago ao tempo da colonização. Os cães selvagens, acrescenta Gaffarel, sempre existiram nessas ilhas, pelo menos desde os tempos de Béthencourt.

montanhosas um alagado e árvores semelhantes à férula, porém brancas e pretas, as quais, espremidas, dão água (a água das pretas é muito amarga, ao contrário da água das brancas, que é agradável ao paladar). A segunda é a Junônia, onde só há um edificiozinho, todo construído de pedra. Vê-se mais uma ilha próxima, com o mesmo nome, todavia menor. Outra cheia de grandes lagartos. E, além destas, a chamada ilha das Neves[4] (por estar sempre coberta de nevoeiro), perto da qual se avista a Canária, cujo nome se origina, como já se disse, da multitude de enormes cães ali existentes (de onde levou Juba, rei da Mauritânia, dois dos animais). Na Canária percebem-se vestígios de velhas edificações.

Canárias.
Habitantes das Canárias, reduzidos à fé cristã.

Essas ilhas são habitadas por povos selvagens e bárbaros[5], totalmente idólatras e ignorantes da existência de Deus, adorando o sol, a lua e alguns outros planetas, dos quais recebem todos os benefícios; há uns cinquenta anos, porém, os espanhóis derrotaram-nos e subjugaram-nos, sendo mortos alguns e outros escravizados. Aclimatando-se nas ilhas, os espanhóis reduziram os nativos à fé cristã, de modo que já não há mais habitantes primitivos, senão uns poucos que se retiraram ou ocultaram nas montanhas (como na do Pico[6], da qual falarei mais adiante).

As Canárias constituem um refúgio para as pessoas banidas de Espanha. Essas pessoas são exiladas para as ilhas como punição de seus crimes, de maneira que existem nelas numerosos escravos, que são bem aproveitados na lavoura e em outros trabalhos semelhantes. E me causa admiração como os ilhéus são tão diferentes dos habitantes da África, em língua, cor, costumes e ideias religiosas, embora sejam tão vizinhos uns dos outros.

No tempo do império romano, a maior parte do continente africano foi conquistada e submetida sem que se tocasse nas Canárias (ao

---

4 No texto, *isle de neiges*. Plínio usa a expressão *Nivaria* (*Hist*. N *de Pline*, I. p. 273).
5 Thevet refere-se aos antigos *guanches*.
6 No texto, *Pych*.

contrário do que aconteceu no Mediterrâneo), apesar de sua maravilhosa fertilidade, pois servem as ilhas, presentemente, de celeiro e adega dos espanhóis, assim como a Sicília era dos latinos e genoveses. E, devido às suas culturas, as ilhas dão boas rendas e emolumentos, sobretudo em açúcar, maravilhoso e em muita quantidade, pois há alguns tempos se vem plantando bastante cana. Na realidade se planta cana em outros lugares, porém de qualidade inferior ao das ilhas.

Açúcar das Canárias.
Açúcar do Egito.

A causa de ser o açúcar canarino mais bem acolhido e mais procurado que qualquer outro é a seguinte: as fundações das ilhas do mar Mediterrâneo (para o lado da Grécia, tais como Mitilena, Rodes e outras Cícladas[7]), que produziam bom açúcar antes da dominação dos turcos, foram negligentemente destruídas. De modo que, de todos os países levantinos, só o Egito ficou produzindo o açúcar, extraído das canas das margens do Nilo, o qual é muitíssimo estimado pela população e pelos mercadores tanto ou mais do que o das Canárias.

Açúcar da Arábia.

Os antigos apreciavam muito o açúcar da Arábia, por isso que era maravilhosamente cordial e, sobretudo, de propriedades medicinais, não o aplicando em outro mister; hoje em dia, entretanto, a voluptuosidade aumentou, especialmente na Europa, de modo que todos os molhos se servem açucarados, e, algumas vezes, até as carnes, mesmo quando se trata de um repasto familiar. As leis atenienses, não obstante, proibiam esses costumes, como capazes de amolecer o povo, – exemplo que foi seguido pelos lacedemônios. Mas é verdade que os maiorais turcos bebem água açucarada, uma vez que lhes é defeso o uso do vinho. Relativamente ao vinho, que inventou o grande médico Hipócrates, – diga-se de passagem, – era ele somente permitido às pessoas doentes e débeis. Atualmente, é bebida quase tão comum em França quanto rara em alguns outros países.

---

7 No texto, *esclades*. Talvez erro tipográfico.

Fertilidade das Canárias.
O arbusto chamado papel.

Há bastante quantidade de trigo nas Canárias. Também há bom vinho, melhor do que o de Cândia, produtora das malvasias, – do qual tratarei adiante, no capítulo relativo à ilha da Madeira. E carne suficiente, cabras selvagens e domésticas, aves de todas as espécies, assim como numerosas laranjas, limões, maçãs e demais frutas, palmeiras e muito mel. Nas margens fluviais, existe ainda uma planta chamada *papel*[8] e, nos rios, peixes da família dos silúridas, os quais Paulo Jônio, no seu livro sobre os peixes, julga que sejam esturjões. Desses alimentos, à falta de melhor, saciam-se os pobres escravos, suarentos do exausto labor. E, de passagem, direi que são os escravos duramente tratados pelos espanhóis, sobretudo pelos portugueses[9], mais do que poderiam ser entre os turcos ou árabes (sou constrangido a assim falar por ter visto como são eles maltratados).

A orcela, uma erva.
O breu, goma negra. Como se fabrica.
Madeira ardente, que se usa em lugar da candeia.

Nas montanhas há uma erva, vulgarmente chamada *orcela*[10], que os nativos recolhem diligentemente e com a qual fabricam tintas. Fabrica-se, também, goma negra, de que há abundância em Tenerife. Tem o nome de *breu*[11]. Depois de abatidos os pinheiros, que ali existem em grande quantidade, são os mesmos fendidos em grossas achas, – até umas dez ou doze *chartées*, – dispondo-se as peças, umas sobre as outras, em forma de cruz; sob a pinha cava-se um fosso redondo, de média profundidade.

---

8 No texto, *papier*. Possivelmente alguma planta, que possuía as propriedades do *Cyperus papyrus* L. ou da *Tetrapanax papyriferum* Koch. Talvez a *Phoenix dactylifera*. Sobre a flora das Canárias, cf. Spix & Martius, *Viagem pelo Brasil*, I, pp., 81-82.

9 Essa afirmativa de Thevet está em contradição à maioria dos autores estrangeiros, que observaram o tratamento dos escravos no Brasil (Debané, Burton e outros). Cf. Gilberto Freire, p. 157.

10 No texto, Oriselle. Adiante, escreve Thevet, também Orseille (f. 25 e 27). Trata-se da Roccella tinctoria Ach. Sobre a orcela e sua introdução na Europa, leia-se Spix & Martius, Viagem pelo Brasil, I, p. 81.

11 No texto, Bré. É o pez, substância resinosa, extraída dos pinheiros.

Ateando-se fogo à madeira, quase junto ao seu cume, cai a resina no fosso. Fazem outros isso com menos trabalho, lançando fogo na própria árvore, com o fosso aberto ao seu pé. Esse breu dá muito dinheiro aos que traficam no Peru, do qual se usa apenas no calafeto dos navios e mais barcos de marinha. Do âmago da árvore, cuja cor é avermelhada, os pobres montanheses constroem bastões assaz longos, do comprimento de meia braça e da grossura de uma polegada; acendem-nos em uma das pontas, servindo-se dos mesmos à maneira de candeias.

Assim também os usam os espanhóis.

. . . .

Capítulo VI

A ALTA MONTANHA DO PICO

Admirável altura e circuito da montanha do Pico.

EM UMA DESSAS ILHAS, chamada Tenerife, há certa montanha de tão admirável altura[1], que não se lhe podem comparar as da Armênia, da Pérsia e da Tartária; nem também o Líbano na Síria, o Ida, o Atos, ou mesmo o Olímpio tão celebrado na História. De circuito tem pelo menos sete léguas; dezoito da base ao cume. Dão-lhe o nome de Pico[2]. Conserva-se quase todo o tempo oculta pelo gelo e pelos nevoeiros, tanto que não pode ser vista com facilidade. A causa disso, segundo minha opinião, está no fato de o Pico aproximar-se da região média do ar, que é, por antiperistase, frigidíssima em relação às duas outras, – tal qual ensinam os filósofos. Tanto quanto nos vales, nessa região não se refletem os raios solares, motivo pelo qual é impossível a neve fundir-se. Assim se explica ser a parte superior da montanha constantemente fria.

---

1 O pico de Teide é uma enorme pirâmide traquítica, de 3,716 metros de altura. Note-se que Thevet não faz confusão entre a ilha de Tenerife e a da Grande Canária, como acontece a Léry (*Histoire*, p. 17), o qual mostra, a esse respeito, incerteza.

2 *Pico* não é, na realidade, um nome próprio, como parece supor Thevet.

O pico de Tenerife é tão elevado que, se há calma na atmosfera, torna-se fácil avistá-lo do mar, a uma distância de cinquenta ou mais léguas. O cume, ou pináculo, visto de longe, tem a forma de um Ω grego. Do mesmo modo vi o monte Etna, na Sicília, a uma longitude de trinta léguas, embora não possuísse uma vista tão boa quanto a de Linceu, que, do promontório siciliano de Lilibeia, distinguia os navios surtos no porto de Cartago, – coisa que parecerá a alguns estranho, por não alcançar o olhar humano tão longo horizonte (o que é verdade quando se trata de distender a vista através da planície, mas não para as alturas).

Várias vezes tentaram os espanhóis sondar o cume dessa montanha, enviando alguns dos seus homens, acompanhados de mulas, que transportavam pão, vinho e outras munições; mas ninguém de lá pôde tornar, conforme me afirmaram pessoas que por dez anos viveram na ilha. Por isso há quem julgue que, tanto no cimo quanto no circuito da montanha, habitam os remanescentes das populações nativas, que ali vivem retirados, alimentando-se de raízes ou de animais silvestres. Essas populações saqueiam todo aquele que tenta escalar a montanha.

Ptolomeu teve conhecimento dessa montanha.

Ptolomeu teve conhecimento do pico de Tenerife, pois contava que, para além das colunas de Hércules, havia, em certa ilha, um monte de maravilhosa altura, cujo cume vivia sempre coberto de neve. Por essa montanha desce bastante água, que chega para regar toda a ilha, tornando, assim, mais fértil a cana-de-açúcar e demais culturas. Não há outra fonte de água no lugar, de modo que, se não fosse a oriunda da montanha, todo o país em derredor, situado perto do trópico do Câncer, se tornaria, devido ao excessivo calor, estéril.

Pedras porosas e de outras espécies.

A ilha produz, abundantemente, certas pedras porosas, semelhantes à esponja; são tão leves que qualquer delas, mesmo quando chega a ser do tamanho de uma cabeça humana, não atinge o peso de meia libra. Também produz a ilha outras pedras, parecidas com a escória do ferro[3].

---

3 Thevet refere-se às formações eruptivas da ilha de Tenerife (lavas esponjosas, basaltos feldspáticos, etc.).

Quatro ou cinco léguas mais além, encontram-se ainda certas rochas, que recendem a enxofre. Acreditam os habitantes que existem, nesse sítio, minas sulfúricas[4].

4 Foi diante da ilha de Tenerife que ocorreu o grave incidente, a que me refiro no prefácio, isto é, o bombardeio da ilha.
Em que dia teria ocorrido esse fato? Barré diz simplesmente: num domingo, vinte dias após o terceiro embarque, isto é, vinte dias após a partida definitiva em Dieppe. Mas, o vigésimo dia após 14 de agosto, que é, como se sabe, a data do terceiro embarque, cai numa terça-feira, 3 de setembro. Por outro lado, Thevet afirma que as Canárias foram avistadas pela manhã do dia 1º de setembro. Tratava-se, justamente, da Tenerife. E o dia 1º de setembro era um domingo.
Em suma, o incidente ocorreu num domingo, a 1º de setembro de 1555. Já fazia dezoito dias de viagem, não vinte, como, por engano, diz Barré.

. . . .

Capítulo VII

DA ILHA DO FERRO

A ilha do Ferro. Origem do seu nome.
Fertilidade da ilha do Ferro.

DENTRE AS CANÁRIAS quero particularmente descrever a ilha do Ferro, próxima da de Tenerife, assim chamada por causa de suas minas de ferro (como a da Palma tira o nome das palmeiras, etc.). Embora a menor em superfície, – seu circuito não passa de seis léguas, – é a ilha, todavia, mais fértil que qualquer das outras em cana-de-açúcar, em gado, em frutos e em belas hortas. Habitam-na os espanhóis, assim como as demais Canárias.

Não há, entretanto, trigo suficiente para a alimentação do seu povo, motivo pelo qual os nativos, em sua maior parte, assim como os escravos, são forçados a recorrer ao leite e ao queijo de cabra, de que há bastante. Desse modo, vivem eles frescos, dispostos e maravilhosamente bem nutridos, uma vez que se habituaram, por tradição, ao uso desses alimentos. Demais, favorece-os um bom clima.

O leite e o queijo formam cálculos.

Alguém meio metido a filósofo ou a médico (honra a quem couber) poderá indagar se essas populações não estão sujeitas a sofrer de cálculos, uma vez que o leite e o queijo propendem para essas concreções, como já tem acontecido a diversas pessoas na Europa. E minha resposta é que o queijo pode ser bom ou mau, tende a produzir cálculos ou não,

dependendo isso da disposição de cada um e do fato de usar-se o alimento em maior ou menor quantidade. Entre nós, na verdade, pode resultar mal o uso do leite ou do queijo, uma vez que não nos contentamos, a um tempo só, com uma mesma espécie de alimento ou bebida, mas com vinte e cinco ou trinta, quase sempre tantos quantos apareçam e possam caber no espaço entre a albarda e a cilha[1]; tudo só pelo orgulho de honrar cada uma dessas viandas. A uma natureza, assim carregada pela incontinência, o gasto excessivo do queijo só poderá prejudicar, visto que é alimento assaz difícil de cozer e digerir; mas, quando o estômago se sente bem disposto e não há excesso, pode o mesmo digerir qualquer sorte de queijo, quer seja o de Milão, quer seja o de Betume. Até coisa mais dura.

Alimentos diversos de diversos povos. O leite, muito bom nutrimento.

Os selvagens americanos[2] (vou tornar ao assunto, pois a um cosmógrafo não cabe tratar de medicina) passam sete ou oito meses na guerra, alimentando-se, como já o observei, de farinha feita de certas raízes secas e duras, nas quais ninguém acredita que pudesse haver qualquer valor nutritivo[3]. Os insulares de Creta e de Chipre quase que só vivem de lacticínios, aliás melhores que os das Canárias, pois são feitos de leite de vaca e não de leite de cabra (o leite de cabra é inferior ao da vaca, por ser o desta mais grosso e gordo que o de qualquer outro animal)[4]. Demais, é o leite um bom nutrimento, que de pronto se converte em sangue, pois ele próprio não é mais do que sangue embranquecido nas mamas.

Conta Plínio (liv. II, cap. 42) que Zoroastro passou vinte anos no deserto, comendo somente queijo[5]. Quando guerreavam, os panfilienses não dispunham de outros víveres, senão de queijo de leite de jumenta

1 "Entre le bast et les sangles", velho dito francês, que Thevet pitorescamente põe em uso.

2 No texto, *les sauvages aux Indes*. Como Thevet chamava o Brasil de Índias americanas, os selvagens, de que fala, são os do Brasil, com os quais realmente conviveu alguns tempos.

3 Thevet refere-se à mandioca, de que, adiante, fala mais demoradamente. Sobre o valor nutritivo da mandioca e de seus sucedâneos, cf. Josué de Castro, tábua *in fine*.

4 Pelo contrário. O leite da cabra é mais rico que o da vaca em corpos gordos, caseína e outros albuminoides.

5 Lembra Gaffarel que a indicação de Thevet é falsa, mandando conferir o liv. 97 da *H. N.* de Plínio.

ou de leite de camelo. O mesmo acontece aos árabes, como tive ocasião de observar; quando atravessam o deserto egípcio só bebem leite, em lugar de água, dando também o mesmo alimento a seus cães. E, para não esquecer nada sobre o assunto, convém lembrar que os antigos habitantes de Espanha apenas se alimentavam, na maior parte dos anos, de batatas, das quais faziam pão, sendo a bebida tirada de certas raízes. Assim o dizem Estrabão e Possidônio. E não só os antigos povos de Espanha, mas também outros mais, conforme o afirma Virgílio em suas *Geórgicas*. Com o tempo, foi que adveio um mais agradável e mais humano modo de viver.

Os habitantes das Canárias, embora agrestes e ignorantes, são muito mais robustos e dispostos para o trabalho do que os espanhóis em sua pátria.

A ilha do Ferro está sob a linha diametral.
Valor do grau.

Pessoas bem entendidas em náutica, portugueses e espanhóis, dizem, finalmente, conforme o consignaram em suas cartas marítimas, que a ilha do Ferro se acha precisamente sob a linha diametral[6], limite de tudo o que corre de norte a sul. Assim como a linha equinocial indica as longitudes, de levante a poente, os diâmetros marcam as latitudes, de norte a sul. Os diâmetros são iguais em comprimento, pois cada um deles soma trezentos e sessenta graus, tendo cada grau dezessete léguas e meia[7]. Por outras palavras: se a linha equinocial divide a esfera em duas, com seus vinte e quatro climas, doze no Oriente e doze no Ocidente, a linha diametral, passando pela ilha do Ferro (a exemplo do Equador, que passa pelas ilhas São Tomé)[8], corta pela metade, de norte a sul, os paralelos e a esfera inteira.

Não achei na ilha do Ferro nada mais digno de descrever, senão que há nela muita quantidade de escorpiões. São mais perigosos que os da Turquia, como sei por experiência propria. Têm os, turcos, todavia, interesse de apanhá-los, porque extraem desses animais um óleo medicinal, de que os doutores sabem tirar tão bom proveito.

---

6 Isto é, o meridiano zero. Thevet usa a palavra *diâmetro* no sentido de *meridiano*.

7 Mais adiante, no cap. LXIX, Thevet desenvolve melhor o assunto.

8 Saint Omer, no texto. A f. 33, 34, 40 e 182, escreve Thevet Saint Homer. Estas e outras mais (Santomeri, Santaomé) são formas antigas de São Tomé, ilha portuguesa realmente localizada no Equador, – a 0º 23' de lat. N., em águas do golfo de Mafras (mar da Guiné). À f. 34, acrescenta o frade que essa ilha também se chamava de Santo Tomás, – o que é exato (Bouillet, *Dict.*, p. 1573) e Paulo Perestrello da Câmara, I, p. 450).

. . . .

Capítulo VIII

DAS ILHAS DA MADEIRA

As ilhas da Madeira, desconhecidas dos antigos.

NÃO DIZEM os autores se as ilhas da Madeira teriam sido exploradas antes de há sessenta anos passados[1], quando espanhóis e portugueses se lançaram, em suas ousadas navegações, no mar Oceano. Mas é verdade, como já o fiz ver atrás, que Ptolomeu teve conhecimento das ilhas Afortunadas e mesmo do Cabo Verde. Conta também Plínio que Juba trouxe dois cães da Grande Canária. Das Canárias falam ainda muitos outros escritores.

A Madeira. Seu significado em língua portuguesa.

Foram os portugueses, pois, os primeiros que descobriram as ilhas chamadas, em sua língua, de Madeira, isto é, do lenho, porque eram elas totalmente desabitadas, mas cobertas de árvores. Estão situadas entre o estreito de Gibraltar e as Canárias, para os lados do poente. Distam do equador cerca de trinta e dois graus e das ilhas Afortunadas sessenta e três léguas. Quando passei por suas costas, ficaram à minha mão direita.

---

1 As ilhas da Madeira foram descobertas, casualmente, em 1419, por Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira.

Situação da ilha da Madeira.

A fim de descobrir e cultivar essa região foi preciso, conforme me contou um mestre piloto português, lançar fogo aos bosques, tanto os de grandes dimensões, quanto os pequenos. Isso se deu na maior e principal das ilhas, que tem de circuito perto de catorze léguas e a forma de um triângulo (semelhante ao Δ dos gregos)[2]. Durou o incêndio cinco ou seis dias, tendo o fogo ardido com tal veemência que os portugueses se viram constrangidos a pôr a salvo os seus navios (alguns, que não dispunham desse meio de salvação, lançaram-se ao mar, até que passasse o furor das chamas). E ainda bem não acabara o incêndio, se puseram todos a lavrar, plantar e semear grãos diversos, que deram maravilhosos resultados, em virtude da boa disposição e amenidade do clima. Em seguida ao que edificaram habitações e fortalezas, de modo que não há, hoje em dia, lugar mais aprazível que essa ilha.

O açúcar da Madeira, célebre entre outros.

Plantaram os portugueses canas em abundância, que dão muito bom açúcar, do qual fazem bastante comércio. Atualmente, é célebre o açúcar da Madeira. Os colonos, que hoje em dia habitam a ilha, são muito mais civilizados e humanos que os das Canárias. E, no seu tráfico, também mantêm essas mesmas qualidades.

Doces da Madeira.

O mercado principal é o do açúcar, do vinho (de que tratarei, adiante, mais amplamente), do mel de cera, das laranjas, limas, romãs e dos cordovãos. Fabricam-se, também, em boa quantidade, doces, os melhores e os mais estranhos que imaginar se possa, em forma de homens, mulheres, leões, pássaros, peixes, – alimento agradável à vista e melhor ainda ao paladar. E, demais, frutas várias em conserva, que, desse modo, duram muito e podem ser transportadas para o estrangeiro; – coisa que consola e apraz a todos.

---

2 A lat. N. da ilha da Madeira é 32° 39'; tem 500 km2 e mede 62 X 22 km. Sua configuração é antes a de um hexágono alongado.

Fertilidade das ilhas da Madeira.

As ilhas da Madeira são férteis e de ótimo clima, não só por causa de seus belos bosques montanhosos, repletos de frutos estranhos, desconhecidos na Europa, como por motivo de suas águas e fontes vivas, que regam os campos. Existem, também, abundantes ervas e pastos, com animais selváticos de todas as espécies. Por outro lado, os colonos, com as suas culturas, diligenciaram por tornar mais rico o solo.

Goma.
Espécie de guaiaco.

Entre as árvores[3], algumas há que dão goma; com o decorrer dos tempos, os naturais aprenderam a utilizar essa substância em misteres vários. Existe também uma espécie de guaiaco, ao qual, todavia, não se dá muita importância. Diz-se que é por ser inferior ao das Antilhas; mas, talvez, não se conheça bem a maneira de prepará-lo e acomodá-lo.

Sangue-de-dragão.
O cinábrio de Dioscórides.

Há ainda, algumas árvores, que, em certas épocas do ano, produzem resina chamada sangue-de-dragão[4]. É extraída a resina abrindo-se um talho bastante largo e profundo na base do tronco. A planta dá um fruto amarelo, do tamanho da cereja, muito próprio para refrescar e desalterar a sede, quer se esteja com febre, quer não. Seu suco é pouco diferente do do cinábrio, descrito por Dioscórides. O cinábrio, segundo se diz, foi trazido da África, vendendo-se por preço muito elevado, – visto não haver bastante dele para satisfazer as necessidades dos pintores; é vermelho vivo, de modo que alguns o identificam com o sangue-de-dragão (assim o fez Plínio em sua *História natural*, liv. XXXIII, cap. 38). Tanto o cinábrio como o sangue-de-dragão, ao contrário do que julgavam os antigos, não se encontram em estado natural na Europa. À vista do que observei e dizem os antigos,

---

3 Provavelmente, a *Mimosa gummifera* ou a *Acacia gummifera*, W.

4 O dragoeiro *(D. draco*, L.) nasce, preferentemente, nas Canárias. Observa P. Gaffarel que os *guanches* fabricavam escudos com a madeira dessa árvore.

julgo que a espécie de guaiaco, de que tratei linhas atrás, é inteiramente semelhante ao cinábrio e ao sangue-de-dragão.

Falando dos frutos das ilhas da Madeira, não se devem esquecer os limões, as laranjas, as limas, assim como as abundantes romãs, – doces, vinhosas, agras, agridoces, – cuja casca, por ser muito adstringente, se aplica no curtume e preparo dos couros (prática que, segundo penso, foi Plínio quem ensinou, pois trata disso no livro XIII, cap. 19 de sua *História*).

Em suma, são as ilhas da Madeira férteis e amenas, sobrepujando em delícias as da Grécia, mesmo em se tratando de Quio, que foi tão celebrada por Empédocles, Apolônio de Rodes e vários outros poetas.

. . . .

Capítulo IX

DO VINHO MADEIRENSE

Vinho e açúcar de Madeira.

JÁ TIVE OCASIÃO de dizer quanto os terrenos madeirenses são próprios e adequados para várias espécies de bons frutos; cabe-me, agora, falar do seu vinho, que pode ser considerado, senão o primeiro, pelo menos o segundo em excelência e perfeição entre todos os alimentos de uso ou necessidade humana. Por suas afinidades, exigem o vinho e o açúcar a mesma disposição climática e terrestre. E tanto assim é que as ilhas da Madeira produzem uma enorme quantidade de precioso açúcar de vinho, venham de onde vierem as plantas ou rebentos. Afirmaram-me os espanhóis não os terem trazido do Levante, nem de Cândia, embora seja esse tão bom, ou melhor, que o dessas regiões, – fato que só é possível atribuir à bondade das terras[1].

Malvasia de Cândia.

Sei que Ciro, rei dos medos e assírios, antes da conquista do Egito[2], mandou plantar numerosas videiras, que, depois, deram magnífico vinho, embora não superior ao da Madeira. O mesmo se pode dizer quanto ao vinho de Cândia, embora a excelência de sua malvasia, outrora estima-

---

1 Sobre o vinho madeirense, cf. João Augusto Martins, p. 40 *sq*.

2 Gaffarel chama a atenção para esse engano de Thevet: não foi Ciro quem conquistou o Egito, mas seu filho Cambises.

díssirna nos banquetes dos romanos, os quais a usavam, entretanto, como coisa apetitosa, apenas uma vez na refeição. E a malvasia era muito mais formosa que os vinhos de Quio, de Mitilena e do promontório Arvísio[3], os quais, por sua supremacia e suavidade, se denominavam de bebida dos deuses.

Vinho da ilha da Palma.

Hoje em dia, são os da Madeira que adquirem reputação, assim como os da Palma, uma das Canárias, onde se fabrica vinho branco, tinto e clarete. Dessa bebida se faz muito comércio em Espanha e em outros países. O melhor produto vende-se, no lugar da fabricação, por nove a dez ducados a pipa; mas, transportado para fora, torna-se estranhamente forte, sendo, quando bebido em excesso, mais prejudicial que nutritivo.

Utilidade do vinho, quando tomado moderadamente.

Platão considerava o vinho um bom nutrimento, adequado à natureza humana, porquanto, se era usado moderadamente, conduzia o espírito à prática da virtude e das boas ações. Plínio, do mesmo modo, afirmava que vinho constituía um poderoso remédio. Essa qualidade do vinho não passou despercebida aos persas: nas grandes empresas, era valioso tomá-lo sobriamente e de acordo com o temperamento de cada um. Isso era melhor do que alguém meter-se em tais empresas sem ter bebido nenhum vinho.

Como já o disse, em matéria de alimentação é a quantidade que traz prejuízo.

Penso que o vinho madeirense se torna melhor quando após dois ou três anos de fabricado; pois, com o tempo, perde o ardor primitivo do sol, conservando apenas a sua natural temperatura (o mesmo se pode dizer em relação aos vinhos franceses do corrente ano de 1556); também é possível que o vinho perca o seu calor primitivo, quando é transportado de um lugar para outro.

Nas ilhas da Madeira a vegetação é tão luxuriante qus seus habitantes são constrangidos a cortar ou a queimar parte dela, plantando, em seu lugar, a cana-de-açúcar, de que tiram melhor proveito. A cana-de-açúcar cresce

---

3 No texto, *Arvoise*.

em seis meses; quando plantada em janeiro, só em junho é que pode ser colhida. E assim sucessivamente, o que a livra dos incômodos do calor solar.

Eis, em resumo, as singularidades das ilhas da Madeira, que me foi possível observar[4].

---

4 Nem é provavel que Thevet tenha observado pessoalmente essas singularidades das ilhas madeirenses. Segundo se infere da carta de N. Barré, os navios da expedição de Villegagnon não aportaram em nenhuma das ilhas da Madeira, pois estavam ansiosos por ancorar e fazer aguada em Tenerife. Aliás, o próprio Thevet confessa (f. 13): "en nostre navigation les avons costoyées à main dextre".

. . . .

Capítulo X

DO PROMONTÓRIO VERDE E DE SUAS ILHAS

Promontório é o mesmo que cabo.

P*ROMONTÓRIO* chamavam os antigos a uma língua de terra que avançava de mar adentro, a ponto de ser avistado de muito longe. Os modernos dão-lhe o nome de *cabo*, palavra que quer dizer *coisa eminente em relação ao todo*, como a cabeça o é para o corpo. Por isso alguns autores preferem escrever *promontorium* a *prominendo*, o que me parece adequado.

Jalu, hoje o Cabo Verde. Origem do nome.
O golfo de Arguin.

O cabo, ou promontório, do qual pretendo falar, fica situado na costa africana, entre a Barbária e a Guiné, no reino do Senegal, distando do Equador quinze graus. Outrora era chamado, pelos naturais, de Jalu[1]; mas, depois, tomou o nome de Cabo Verde, que lhe deram, por causa de sua abundante e perene vegetação, aqueles que primeiro o descobriram. Do

1 No texto, *Ialout.* Corruptela, talvez, do nome de um grupo indígena da região cabo-verdense, que é designado por diversas formas: *Yolof, Djolof, Wolof, Wolofe, Jalofes* é como se vê no mapa de Lafitau. – A ponta extrema do Cabo Verde fica a 14º 43' 5" de lat. N.

mesmo modo, o promontório ou cabo Branco tomou essa designação em virtude de estar coberto de areias tão brancas quanto a neve e não aparentar possuir nenhuma vegetação. O cabo Branco dista das Canárias setenta léguas. Existe lá um golfo marítimo, chamado pelos nativos de Arguin[2], – do nome de um ilhéu, próximo da terra firme; também lhe dão o nome de cabo da Palma (por causa de suas abundantes palmeiras).

Promontório da Etiópia.
Enorme, a extensão da Etiópia.

Ptolomeu chamou o Cabo Verde de promontório da Etiópia, do qual teve conhecimento; mas Ptolomeu não conheceu as terras que lhe ficavam além. Estimaria que esse nome tivesse prevalecido, pois a Etiópia prolonga-se através de enorme extensão territorial, a ponto de alguns autores a dividirem em duas partes, a Ásia e a África. Gemma Frisius, por exemplo, diz que os montes etiópicos ocupam a maior parte da África, alcançando mesmo as margens do oceano Ocidental, no Meio-Dia, perto do rio Níger.

O cabo Verde é muito grande e belo, avançando profundamente de mar adentro. Está situado entre duas lindas montanhas[3]. Toda a região é habitada por povos assaz selvagens, mas não tanto quanto os das planícies indianas, que são negros como os da Barbária.

Mouros brancos.

É preciso notar que, desde Gibraltar até o país de Preste João, ou até Calicute, umas três mil léguas de extensão, – a população é totalmente negra. E vi mesmo, em Jerusalém, três bispos das terras de Preste João[4],

---

2 No texto, *Dargin*; à margem, *D'Argin*. É o banco de Arguin, diz Gaffarel.

3 As *Duas Tetas*, como observa Gaffarel.

4 Pelo nome de Preste João eram conhecidos na Europa, desde o séc. XI, os soberanos de certa tribo tártara ou mongólica, isto é, os *queraítas* que viviam ao sul do lago Baical (China). Naquele século, missionários nestorianos haviam atingido a região chinesa dos *queraítas*. A interpretação mais autorizada é a de que o primeiro soberano convertido tomou o nome de João, depois adotado por seus sucessores. Há quem suponha, todavia, que João é corruptela de nomes indígenas (*Ug-Ran, Wan-Ran,* etc.). Outros que procede do persa *Preste Chain*. No séc. XV, d. João II almejou fazer aliança com a personagem célebre, enviando-lhe alguns emissários. Os mensageiros foram ter ao Cairo e lá tiveram notícias dos abissínios, povos cristianizados, acreditando-se, então, que os seus reis eram descendentes de Preste João.

em visita ao Santo Sepulcro, ainda mais negros que os da Barbária, – o que veio a propósito para demonstrar que os africanos não são totalmente iguais em coloração, como o não são em costumes e condições, visto a variedade das regiões, mais quentes umas do que as outras. Os da Arábia e do Egito medeiam entre o branco e o negro; mas alguns são escuros ou pardos, costumando-se chamar-lhes de *mouros brancos*. Há, ainda, os de cor perfeitamente retinta, como se foram queimados.

Os indígenas do cabo Verde vivem, em sua maioria, totalmente nus, à maneira dos indianos, reconhecendo um rei, – em sua língua *mahouat*; quando muito, alguns homens e mulheres cobrem apenas as partes vergonhosas com peles de animais. Mas há também os que vestem camisas de panos ordinários, que recebem traficando com os portugueses.

A população é bastante amiga dos estrangeiros. Antes das refeições, lavam-se o corpo e os membros. Mas, essa gente comete um grave erro, qual o de não preparar convenientemente os seus alimentos, pois comem a carne e o peixe em estado de corrupção. O peixe, por sua umidade, e a carne, por ser tenra, rapidamente se corrompem ao calor elevado, como acontece até em França, no verão, visto ser a umidade matéria para a putrefação e o calor sua causa eficiente.

Costumes e ideias religiosas dos habitantes do cabo Verde.

As casas e choças dos africanos são todas redondas como pombais e cobertas de junco marinho; o junco é usado também em lugar do leito, quando é preciso repousar ou dormir. Quanto à religião, os habitantes do cabo Verde possuem diversas ideias, assaz estranhas e contrárias à verdadeira fé. Adoram uns a ídolos, outros a Maomé (principalmente no reino de Gâmbia[5]); estimam estes que há um deus autor de todas as coisas, enquanto aqueles professam crenças pouco diferentes das dos turcos. Alguns vivem mais austeramente que os demais, levando ao pescoço uma caixinha bem fechada e colada a goma, em forma de um pequeno cofre ou estojo, cheio de certos caracteres próprios para a invocação, que geralmente usam em determinados dias; não o tiram, todavia, do pescoço, pois acreditam que só assim não correm perigo algum.

---

5 No texto, *Gambre*; à f. 24, *Cambra*.

No casamento, nenhuma cerimônia é praticada: fazem-se apenas promessas uns aos outros. É esse povo bastante jovial e amante das danças, que se fazem à noite, com o rosto, de vez em quando, voltado para a Lua, à maneira de reverência ou adoração. Isso me asseverou um amigo, que nesse lugar viveu por algum tempo.

Barbazins e sereres, povos africanos.

Nessa região vivem os barbazins e os sereres[6], contra os quais fazem perpétua guerra os africanos, de que acabei de falar, muito embora sejam todos bastante semelhantes uns aos outros. Os barbazins, entretanto, mostram-se mais selvagens, cruéis e belicosos, ao passo que os sereres têm uma vida errante e são apaixonados, tanto quantos os árabes, pelo deserto, que saqueiam. Os sereres, finalmente, vivem sem lei nem rei, senão que apenas honram ao autor de alguma proeza ou façanha bélica, alegando que, se fossem submissos a qualquer rei, este poderia tomar-lhes os filhos e vendê-los como escravos (a exemplo do que faz o monarca do Senegal).

Almadias.

Combatem os indígenas do cabo Verde, frequentemente, na água, em canoas feitas de cascas de árvores, do comprimento de quatro braças, que em sua língua chamam de *almadias*[7]. Usam, como armas, o arco e a flecha, – uma flecha agudíssima e envenenada, tanto que quem com ela é ferido não se pode salvar. Possuem, também, lanças de canas, cujas pontas guarnecem com dentes de animais ou de peixe, dos quais sabem muito bem usar, em lugar do ferro. Quando cativam inimigos, na guerra, vendem-nos aos estrangeiros em troca de mercadorias, pois não co-

---

6 No texto, *Barbazins et Serrets*. – Os sereres ainda hoje existem e estão localizados entre os rios Gâmbia e Salum (ao norte do cabo Verde). *Barbazins*, provavelmente, é uma abreviatura ou corruptela dos *barbas* (também chamados *bagus, ngabus*), tribos cantonadas na bacia do Alto Volta. – Os costumes dos *yolofs* atuais coincidem, em muitos aspectos (choças redondas, o *gris-gris*, etc.), com os dos africanos de que fala Thevet. Cr. Adenson, *Histoire naturelle du Sénégal*, Paris, 1767; Mol'ien, *Voyage dans l'intérieur de l'Afrique,* Paris, 1820; Hovelacque, *Les nègres de l'Afrique sus-équatoriale,* Paris, 1889.

7 *Almadia* é palavra de origem arábica.

nhecem nenhuma espécie de dinheiro (ao contrário dos canibais e também dos selvagens do Brasil, que os matam e devoram).

O rio Níger, hoje chamado do Senegal.

Não quero omitir que, contíguo a essa região e além do Senegal, existe um belíssimo rio chamado Níger: é da mesma natureza do Nilo, do qual segundo alguns autores, procede. Esse rio passa pela alta Líbia e pelo reino de Organa[8], regando e atravessando ao meio toda essa região, – como faz o Nilo ao Egito, – motivo pelo qual veio a chamar-se de Senegal[9]. Várias vezes quiseram os espanhóis penetrar no país e subjugar o seu povo, subindo pelo Senegal, por onde navegaram umas oitenta léguas; mas foram forçados a retirar-se, a fim de evitar maiores transtornos, dado o temperamento estranho e bárbaro da população.

Traficam os referidos selvagens com escravos, bois, cabras e principalmente couros, que possuem em abundância. Por cem libras de ferro, consegue-se uma junta de bois das melhores.

Os portugueses vangloriam-se de ter sido os primeiros a introduzirem, na região do cabo Verde, cabras, vacas e touros, que depois, ali, se multiplicaram. Como também plantas e sementes várias, a saber, o arroz, as limas, as laranjas. O milho é nativo no cabo Verde e de boa qualidade.

Ilhas despovoadas, próximas do cabo Verde.

Próximo ao promontório Verde há três ilhotas costeiras, que não têm nada que ver com o arquipélago do mesmo nome, das quais tratarei mais adiante. São assaz belas por causa de suas excelentes árvores; todavia se acham despovoadas. As populações vizinhas pescam nelas peixe em muita quantidade, com o qual, depois de seco e reduzido a pó, fabricam farinha.

Estranha árvore.

Em uma dessas ilhotas existe certa árvore de folhas semelhantes às da figueira, cujos frutos têm cerca de dois pés de comprido e cuja grossu-

---

8 No texto, *royaume d'Orgueue*. É o fabuloso reino de Organa, que já aparece no *Mapamundi Catalán* (1375), reimpresso no vol. XIX da *Hist. Univ.* dir. por G. Oncken, Barcelona, 1934.

9 Os antigos confundiam, realmente, o Senegal com o Níger. As fontes do Senegal só foram descobertas em 1818 (Kretschmer, p. 129).

ra é proporcionada ao seu tamanho; esses frutos são muito parecidos com as grossas e longas cucúrbitas da ilha de Chipre. Algumas pessoas comem--nos, do mesmo modo que, na Europa, se comem os melões; dentro há uma semente, do tamanho da fava, cuja forma tem a aparência do rim da lebre. Há quem alimente os macacos com tais sementes, ou faça com as mesmas colares para o pescoço. São muito bonitas, quando secas e bem amadurecidas[10].

---

10 A esquadrilha de Villegagnon alcançou a altura do cabo Verde a 8 de setembro de 1555, segundo se infere da carta de N. Barré (cf. Gaffarel, *Histoire*, p. 376). Como a febre começasse a dizimar a tripulação da nau capitânia, Villegagnon mudou-se cautelosamente para o navio de vice-almirante. "*Pour éviter la contagion, Villegagnon dut se retirer sur le vice-amiral dont l'équipage était indenne. Ce fut alors le tour de la tempête, telle que le vaisseau ou était Thevet faillit couler; le mât se rompit, on le répara aux îles du Cap-Vert. Là au moins on fut délicieusement accueilli par les naturels, moyennant quelques petits cadeaux, miroirs, cauteaux, toile blanche et merceries*" (Heulhard, p. 107).

. . . .

Capítulo XI

DO VINHO DE PALMEIRA

Mignol.

TENDO DESCRITO, tão sumariamente quanto me foi possível, as particularidades mais importantes do promontório Verde, vem a propósito tratar das palmeiras e dos vinhos, ou bebidas, que delas fazem os selvagens negros. A esse vinho chamam de *mignol*[1].

Vê-se como Deus, pai e criador de todas as coisas, dá ao homem os meios de acomodar a sua vida, de maneira a suprir as falhas por indústrias e a evitar que alguém caia em indigência. A não ser quando a culpa é dos vícios e incúrias próprias, pois não deixa Deus de fornecer ao homem os diversos meios de subsistência, segundo as aptidões peculiares a cada indivíduo. Se, portanto, nas regiões do Cabo Verde, não há vinhedos, como acontece, também, em diversas partes da Europa, talvez por não ter sido ali cultivado, a providência divina provê os meios de substituir a falta do vinho. Quero referir-me a certa árvore maravilhosamente bela e bem acabada, quer em grandeza, quer em folhagem perene, quer, ainda, em outros

---

1 Essa palavra já está incorporada à língua francesa (cf. Littré, *Dict. de la Langue Française,* III, p. 557).

mais predicados, – a palmeira, de que há numerosas espécies provenientes de regiões várias.

Várias espécies de palmeiras.

Na Europa, – como, por exemplo, na Itália, – as palmeiras crescem abundantemente. Sobretudo na Sicília. Mas são estéreis. Em algumas partes das fronteiras espanholas há palmeiras, que dão frutos ásperos e desagradáveis ao paladar. Na África, ao contrário, seu fruto é muito doce; do mesmo modo no Egito, em Chipre, em Creta e na Arábia. Na Judeia, quanto mais as palmeiras são numerosas, tanto mais isso é ocasião para magnificência e respeito. Principalmente em Jericó.

O vinho que se faz das palmeiras, embora excelente, ofende o cérebro. Há palmeiras de ambos os sexos, o masculino e o feminino. No macho, os ramos dão flores; a fêmea germina sem elas. E é coisa maravilhosa e digna de admiração o que contam Plínio e outros autores, a saber, que, nas florestas de palmeiras, se alguém decepa os machos, as fêmeas se tornam estéreis e não dão frutos. Tais como as mulheres viúvas, por causa da ausência de seus maridos.

A palmeira é própria dos países quentes, exigindo terra arenosa frouxa e salubre; do contrário, é preciso salgar a raiz antes de fazer a plantação. Seu fruto cria polpa exteriormente, antes mesmo de crescer, encontrando-se dentro um caroço lenhoso, isto é, o grão ou semente da árvore (como se vê nas maçãs europeias). E tanto isso é verdade que, nos frutos ainda novos, que se colhem no mesmo ramo dos maduros, não se encontram caroços.

A ave fênix. Origem do seu nome.
Um dito.
Propriedade da palmeira.

Essa árvore renasce por si mesma (donde, talvez, a origem do nome da ave fênix, que em grego significa *palma*). E tão celebrada é que deu lugar ao dito *levar a palma*, ou seja, alcançar o triunfo ou a vitória. Outrora, realmente, usava-se a palma, por ser sempre verdejante, em lugar da coroa da vitória, sendo que, em cada jogo ou competição, não faltavam também outras plantas, – o loureiro, a mirra, a hera, a oliveira. Por ter sido antigamente, antes do loureiro, consagrada a Febo, é a palmeira um

dos mais remotos símbolos da vitória. E a razão disso explica Aulus Gellius, quando diz que a palmeira tem uma das propriedades que convém aos homens virtuosos e magnânimos: jamais o tronco cede ou se curva ao fardo. Ao contrário, quanto mais carregada mais ela resiste e se ergue. Isso é confirmado por Aristóteles (nos *Problemas*), por Plutarco (no *Banquete*), por Plínio e por Teofrasto. Vem a propósito lembrar os seguintes versos de Virgílio: "Jamais deves ceder ao mal que te importuna. É preciso, com fé, resistir à Fortuna".

Como se faz o vinho de palmeira.

No promontório do cabo Verde – voltando ao assunto – crescem abundantemente as palmeiras, quer em vista do seu clima quente (pois está na zona tórrida e dista quinze graus da linha equinocial), quer por causa da boa qualidade de suas terras. Das palmeiras extraem os indígenas certo suco, que lhes serve de bebida ordinária. Golpeando-se a árvore, a um ou dois pés do chão, sai do estipe um licor, que é recolhido em vasos da mesma altura do corte; depois é o licor transportado para as vasilhas de uso comum.

Propriedade do vinho de palmeira.

A fim de evitar que essa beberagem possa corromper-se, os negros põem-lhe um pouco de sal, como se faz ao agraço: o sal consome toda a umidade do líquido, que, de outro modo, não poderia cozer ou amadurecer. Em cor e consistência, o licor assemelha-se aos vinhos brancos da Champanha e de Anjou; quanto ao gosto, a bebida é boa e melhor que as cidras da Bretanha, sendo apropriada para refrescar, ou desalterar a sede, a que se acham continuamente sujeitos os africanos.

As palmeiras dão pequeninas tâmaras, tão ásperas e negras que dificilmente se podem comer; o suco da árvore, todavia, não deixa de ser agradável ao paladar, sendo, por isso, tão estimado entre os pretos quanto os bons vinhos o são em França. Outrora, antes da embalsamação do corpo, a fim de evitar, como era costume, a putrefação, os egípcios banhavam o cadáver com um vinho semelhante ao de que falo; isso umas três ou quatro vezes, ungindo-o, em seguida, de mirra e cinamomo.

Outra espécie de beberagem.

Essa beberagem é usada em várias regiões etiópicas, à falta de melhor vinho. Alguns mouros fabricam, do fruto de certa árvore, outra

espécie de vinho, porém muito mais áspero, como acontece com o agraço, ou o corme, antes do seu amadurecimento.

Para evitar a prolixidade, deixarei de tratar de numerosos frutos e raízes, alimentícios ou medicinais, de que se servem os indígenas da região do cabo Verde. Esses negros aprenderam a usar as plantas medicinais apenas por experiência. E, desse modo, sabem bem como se tratam as doenças. É verdade que, assim como os negros evitam certas delícias e voluptuosidades que são tanto do nosso gosto, assim se mostram eles robustos ou dispostos a resistir às injurias externas, por maiores que sejam. Ao contrário de nós, que, em virtude de uma excessiva delicadeza, somos molestados pelas mínimas coisas[2].

2 As notas de Thevet, relativas à fabricação do vinho de palmeira (*Raphia vinifera*, Pal.-Beauv.), são confirmadas por numerosos, viajantes da África Subequatorial, tais como: Labat, *Nouvelle Relation de l'Afrique Occidentale*, III, Paris, 1728; Clarke, *Sierra Leone*, Londres, 1846. Laffitte, *Le Pays des nègres*, Tours, 1881; Sanderval, *De l'Atlantique au Niger*, Paris, 1882. Pruneau de Pommegorge chama a árvore de *palmister* (*Description*, p. 41).

. . . .

Capítulo XII

DO RIO SENEGAL

EMBORA não fosse de meus intentos relatar, como compete legitimamente a todo geógrafo, os países, povoações, cidades, rios, golfos, montes, latitudes, localizações e outros assuntos pertinentes ao estudo da Terra, – todavia não é fora de propósito descrever algumas das mais notáveis regiões, que tive ocasião de ver, ou de que me pareceu oportuno falar. E isso para o agrado e contentamento, quer dos meus principais amigos, quer dos meus afeiçoados leitores, em prol dos quais tudo o que eu venha a fazer não valerá a amizade deles. Por outro lado, desde que me tenho dedicado à presente obra, tomei a resolução de tratar fielmente de todas as coisas que conheci, ou que pude pessoalmente observar.

O reino do Senegal, assim chamado devido ao nome de seu rio.

Entre as singularidades, por mim vistas, está o rio do Senegal, que banha o país e reino do mesmo nome, – a exemplo do mar Mediterrâneo, o qual toma várias designações, segundo as diferentes regiões por onde passa. O Senegal nasce na Líbia e vem terminar na região do cabo Verde, a mesma de que já falei anteriormente (do referido promontório à foz do rio do Senegal, o litoral é baixo, arenoso e estéril, o que dá lugar a

não ser essa costa tão povoada de animais de rapina quanto alhures). É esse rio a primeira e a mais importante das bacias fluviais da vertente oceânica, pois serve de separação entre as terras férteis. Estende-se até a alta Líbia e rega numerosos outros países e reinos. Tem cerca de uma légua de largura, extensão, aliás, pequena comparativamente a outros rios da América, de que falarei mais adiante. Antes de desaguar no oceano, divide-se, ao contrário dos rios em geral, em dois braços (distantes um do outro perto de meia légua, mas assaz profundos), por dentro dos quais podem manobrar os navios de baixo calado.

Opinião de alguns autores antigos sobre a origem do Nilo e do Senegal. Montanhas da Líbia.

Alguns velhos autores, como Solinus (no *Polyhistor*), Júlio César e outros afirmam ter o grande rio Nilo, que atravessa todo o Egito, os mesmos montes e as mesmas fontes do Senegal, – o que não me parece verossímil. O certo é que as nascentes do Nilo ficam muito além do Equador, pois se acham localizadas nas altas montanhas de Beda[1], chamadas da Lua pelos antigos geógrafos[2]. Essas montanhas dividem as duas Áfricas, a velha e a nova (como os Pireneus separam a França e a Espanha), estando situadas na Cirenaica e distantes quinze graus da linha equinocial. As fontes do Senegal procedem de duas montanhas[3], uma chamada Mandro e a outra Tala, que ficam a mais de mil léguas das de Beda[4]. E por aí se vê quantos erros cometeram vários autores antigos, por falta de pesquisas adequadas, como já se estão fazendo nos dias atuais. As montanhas da Lua ficam situ-

1 Thevet escreve ora *Bede*, ora *Bed* (f. 23).

2 "*On s'accorde aujourd'hui à considerer comme source du Nil le Nyavarongo, affluent du Kagéra, qui alimente le lac Victoria-Nyanza d'où sort le Nil*" (A. Moret, p. 32).

3 O Senegal inicia o seu curso principal no Bafoulabé, ponto de confluência de dois importantes rios, o Bafing e o Bakhoy.

4 Thevet escreve *Thala* e ora *Mandro*, ora *Maudro* (f. 23). No mapa de Ptolomeu, *Thala* estaria localizado aproximadamente ao norte da bacia do Congo; no de Ruysch (1508), um pouco mais para a direita, no Adamauá. No referido mapa de Ruysch encontra-se o topônimo *Mâdrus Mons*, um pouco a oeste do Hambori. *Mandro* é, talvez, o Mandina.

adas na Etiópia inferior, ao passo que as montanhas, de onde procede o rio Senegal, estão localizadas na chamada Líbia interior. As principais montanhas da Líbia interior são a de Usergate (na qual nasce o rio Bergade), a de Casa (fonte do rio Darde) e a do Mandro. A última é a mais elevada de todos, como me foi possível conjeturar, porquanto todos os sistemas fluviais, do Salate ao Masse (que distam um do outro perto de setenta léguas), vão buscar nela as suas origens. Há, ainda, nessa região, dois montes, o de Girgile (de cujas encostas corre o rio Cinfo) e o de Hagapole (donde advém o rio Subo, que está cheio de bons peixes, mas também de incômodos e perigosos crocodilos)[5].

Nenhum autor antigo teve perfeito conhecimento de toda a África.

É verdade que Ptolomeu, ao tratar de vários países ou nações estrangeiras, disse o que bem lhe aprouve da África e da Etiópia: mas, entre os antigos autores, não encontro nenhum com perfeito conhecimento do mundo africano, ou que me pudesse satisfazer completamente. Quando, por exemplo, Ptolomeu fala do promontório de Prasso[6], que fica aos quinze graus de latitude e passa por ser a mais longínqua região da qual teve conhecimento (assim como também o diz Glareanus, no fim de sua descrição sobre a África), – não trata ele, de nenhum modo, do mundo inferior, embora já falado em seu tempo, por desconhecer grande parte do continente meridional, só de fato descoberto nos dias atuais. E note-se que muitas referências foram adicionadas aos escritos de Ptolomeu; basta que se examine a *tábua geral*, que é propriamente da sua autoria.

Qualquer leitor humilde, mesmo pouco versado em cosmografia e outras ciências, notará que os antigos dividiam o mundo inferior em três desiguais partes, a saber, a Europa, a Ásia e a África, das quais alguns

---

5 Usergate, Bergade, Casa… Muitos desses topônimos estão estropiados (como o monte de Usargala p. e., que figura no *Atlas Classique et Universel de Géographie Ancienne et Moderne*, ed. de J. Andriveau-Goujon); outros são dificilmente identificáveis (como o rio Darde, talvez o antigo Daradus). Por isso achei preferível conservar a originalidade ortográfica do autor. O Salate é o *Salathus fl.* dos mapas antigos, provavelmente o Oued Draa.

6 No texto, *Prasse*. É o Prasum, da carta de Ptolomeu, hoje identificado como cabo Delgado.

autores dizem a verdade, outros o que bem lhes parece, não se referindo nenhum deles às Índias Ocidentais, que formam hoje a quarta parte do globo. Só recentemente se descobriram as Índias Ocidentais, como, também, boa parte das Índias Orientais (Calicut e outros lugares).

O Novo Mundo.
As ilhas Hespérides, outrora descobertas pelos cartagineses.
A Atlântida de Platão.

Às Índias Ocidentais – a França Antártica, o Peru, o México – se dá hoje, vulgarmente, o nome de *Novo Mundo*. O Novo Mundo vai além do Equador, até os cinquenta e dois e meio graus de latitude (no lugar onde fica o estreito de Magalhães[7]) e por outras províncias mais, ao sul, ao norte e ao levante do trópico do Capricórnio, no oceano chamado Meridional. Estende-se, ainda, esse continente às regiões do setentrião, das quais Arriano, Plínio e outros historiógrafos não fazem menção alguma. E não fazem menção porque essas terras só foram descobertas em tempos recentes, se bem que uns poucos de autores já se tivessem referido a certas ilhas encontradas pelos cartagineses, – penso que as ilhas Hespérides ou Afortunadas. Diz realmente Platão, no *Timeu*, que, em tempos remotos, havia um vasto continente no Atlântico. Julgo, todavia, que a afirmativa de Platão deve ser fabulosa, pois, se houvesse tal continente, outros o teriam descrito, ou teriam tido dele ciência[8]. O mundo conhecido dos antigos era o seguinte: no Levante, as regiões até a chamada *Terra Incógnita*, próxima da Ásia Maior; nas Índias Orientais, para o sul, muito pouco; a saber, a Etiópia Meridional (dita Agisimbra[9]); do lado do norte as ilhas da Inglaterra,

---

7 No texto, *destroit de Magello*. – O estreito de Magalhães tem, realmente, a seguinte latitude sul: 52º 12' (saída para o Pacífico) e 52º 22' (saída para o Atlântico).

8 Nota Gaffarel que a erudição de Thevet, nesse assunto, falhou. E lembra os seguintes autores antigos, que se referiram à *Atlântida*: Plutarco, Plínio, Estrabão, Possidônio, Philon Judæus, Proclus, Crantor, Marcelo, Arnobio, Tertuliano e Elius. Uma revisão geral desse problema acaba de ser feita por Armando Vivante e J. Imbeloni, *Libro de las Atlantidas*, Buenos Aires, s. d.

9 *Agisymba* ou *Agisimba* (Ptolomeu), *Agisymba Regio* (Ruysch), etc. No *Atlas Universal* de Bouillet, Agisimbra é identificada com o oásis de Asben (est. I).

da Escócia e da Irlanda, até as montanhas Hiperbóreas, termo, segundo alguns, das terras Hiperbóreas.

Diversidade das regiões e dos costumes no Senegal.

Nas margens do Senegal há regiões de diferentes aspectos; assim são, também, as populações que se servem desse rio. De um lado, negros fortíssimos, altos, ágeis, desembaraçados, no gozo de um país verdejante, cheio de belas árvores frutíferas; do outro lado, justamente o contrário, homens de baixa estatura e de cor acinzentada.

A população senegalesa é, em costumes, semelhante à do cabo Verde, motivo pelo qual nada tenho a acrescentar. Senão que são ainda piores. Por isso os europeus não ousam desembarcar tão facilmente nessas regiões, ou nelas fazer aguada, a exemplo de como procedem em outros sítios, receosos de que sejam capturados e reduzidos à escravidão. As atividades de tal gente são vis e desprezíveis, a não ser certas alianças pacíficas que mantêm uns com os outros. Vivem todos na ociosidade, interrompida apenas pelos trabalhos e semeadura do arroz (pois trigo e vinhedos não há nenhum). O trigo ali não pode medrar, como em outros lugares da Barbária ou da África, porquanto, havendo, quase sempre, pouca chuva, o calor e as secas não permitem a germinação das sementes.

Árvore frutífera e óleo de vastas propriedades.

Logo que os senegaleses têm o solo chovido e regado, se põem a lavrá-lo, nascendo a semente, prestes a ser recolhida, após o terceiro mês da semeadura. Sua bebida é a água e o suco das palmeiras. Entre as árvores dessa região, uma existe tão grossa quanto o carvalho, que produz frutos do tamanho de tâmaras; do caroço tiram os negros certo óleo ou azeite de maravilhosas propriedades. Essa substância torna a água de uma cor amarelo-açafrão, a qual serve para tingir suas cuiazinhas de beber e seus chapéuzinhos de palha de junco ou de palha de arroz. Tendo o odor da violeta de março[10] e o sabor da azeitona, muitos indígenas temperam com esse azeite o peixe, o arroz e outras viandas[11].

---

10 Thevet refere-se à *Viola odorata*, L.

11 Sobre o azeite de palmeira, cf. Grisard & Vanden Berghe, p. 87. A palmeira é a *Elæis guineensis*, Jacq.

Eis o que eu desejava dizer do rio e da região do Senegal, a qual confina, a este com a terra de Thueusar[12], ao sul com o reino de Gâmbia e a oeste com o mar Oceano.

Prosseguindo viagem, dias depois os navios já avistavam o país da Etiópia, ao meio-dia, na parte chamada de reino da Núbia. O reino da Núbia tem uma vasta extensão, compreendendo vários principados e províncias, de que tratarei mais adiante.

12 Eis o que diz Cadamosto, em uma de suas relações escritas em 1507: "E, segundo o que pude saber, esse reino do Senegal confina ao levante com o país chamado Tuchusor", etc. *Tuchusor* é, segundo julgo, uma corruptela de *touscouleur*. Os portugueses davam a esses povos, antigamente, o nome de [...]

. . . .

Capítulo XIII

DAS HESPÉRIDES, TAMBÉM CHAMADAS ILHAS DO CABO VERDE

Situação das ilhas do cabo Verde.

APÓS DEIXAR o promontório à esquerda, andaram os navios quase todo o tempo no rumo do sudoeste (um quarto ao sul). O objetivo era tornar o caminho menos longo, mas aconteceu que, por volta das dez ou onze horas, ventos contrários o lançaram a oeste, em direção de algumas ilhas, designadas, nas cartas marítimas, pelo nome de Cabo Verde. As ilhas do Cabo Verde distam sessenta léguas do promontório do mesmo nome, cem de Budomel[1] (na costa da Guiné, que se dirige para o polo Antártico) e duzentas das Canárias.

Ilha de São Jacques.
Ilha de São Nicolau.

Essas ilhas são em número de dez, duas das quais suficientemente povoadas pelos portugueses, que primeiro as descobriram e conquistaram. A mais habitada das duas, porém, é a chamada por seus colonizadores

1 A terra de Budomel, de que já falava Cadamosto, foi, por Walckenaer, identificada com a posição de Condamel, no reino de Cayor ou de Damel (cf. A. Tardieu, p. 75).

de São Jacques[2]. Mantém um vasto tráfico com os mouros, tanto os da terra firme, quanto os que fazem a navegação das Índias, da Guiné e do Manicongo[3] (na Etiópia); dista dessa ilha quinze graus da linha equinocial[4]. A outra das duas mencionadas ilhas se chama de São Nicolau e é, do mesmo modo, habitada pelos portugueses.

Ilhas de Flera, Plintana, Pintúria e Foyon.

As demais ilhas do arquipélago, – a Flera, a Plintana, a Pintúria, a Foyon[5], – não são tão povoadas quanto aquelas, embora os portugueses tivessem enviado, para algumas das mais importantes, numerosos colonos e escravos destinados ao cultivo da terra[6] e à fabricação de peles de cabra. Há muita quantidade dessas peles e com elas fazem os portugueses um intenso comércio.

Marroquins de Espanha.

A fim de favorecer a indústria dos couros, os portugueses, com navios e munições, visitam o arquipélago duas ou três vezes ao ano, trazendo cães e armadilhas adequadas para a caça das cabras selvagens. Esfolados os animais, são as peles – a única parte reservada – curtidas ao sal, em recipientes apropriados, evitando-se, assim, a sua putrefação. Depois, são esses couros levados até o continente, para a fabricação dos marroquins tão universalmente conhecidos.

Os ilhéus do Cabo Verde pagam tributo ao rei de Portugal, – seis mil cabras salgadas e secas, quer selvagens, quer domésticas. O tributo é entregue aos funcionários reais, quando tocam estes nessas ilhas, com seus grandes navios, em viagem para as Índias ocidentais (como, por exemplo, para Calicute ou para outros portos). Essa quantidade tão grande de carne

---

2 Também chamada, antigamente, de São Jacobo, hoje Santiago.

3 No texto, *Manicongre*. No mapa-múndi de Pedro Bertius (1606), *Manicõgo*.

4 A lat. N. da ilha é de 15º 05'.

5 O arquipélago do Cabo Verde é constituído por dois grupos de ilhas: as do grupo de barlavento (Sal, Boavista, São Nicolau, Santa Luzia, São Vicente e Santo Antão) e as do grupo de sotavento (Santiago, Maio, Fogo e Brava). Existem ainda outras ilhotas, porém menos importantes que as dez acima designadas.

6 No texto, *guerra*. Erro tipográfico.

é destinada a alimentar a tripulação, pois a viagem para as Índias Ocidentais dura dois anos, ou mais, devido à distância dos lugares e aos trabalhos que exige.

O clima das ilhas do Cabo Verde é pestilencial e insalubre, de tal modo que os seus primeiros colonos foram, por longos tempos, acometidos de doenças. Julgo que isso provém da temperatura do ar, que só poderia melhorar se viesse a sofrer mutação. Desse modo, são, ali, familiares e comuns as altas febres e certos fluxos sanguíneos, sobretudo entre os escravos, – males que, tanto uns como outros, são originados dos humores excessivamente quentes e acres, provocados por seu exaustivo labor e por sua má nutrição. Aos inconvenientes da má nutrição e do labor exaustivo, acrescentem-se mais dois: os excessos, que os escravos recebem dos dois elementos seguintes – as águas circunvizinhas e o ar de temperatura bastante elevada.

. . . .

Capítulo XIV

DAS TARTARUGAS E DE UMA PLANTA CHAMADA ORCELA

JÁ QUE ME PROPUS tratar de algumas singularidades, por mim observadas nos diversos lugares onde estive, vem a propósito falar das tartarugas, que o arquipélago do Cabo Verde nutre em tão grande quantidade quanto às cabras.

Quatro espécies de tartarugas.

Quatro são as espécies de tartarugas: as terrestres, as marinhas, as fluviais e as dos brejos. A fim de evitar a prolixidade, deixarei de tratar pormenorizadamente de cada uma dessas espécies, para somente descrever aquelas que são peculiares ao litoral das ilhas cabo-verdenses[1].

A tartaruga marinha.

A tartaruga marinha, quando chega o tempo próprio, vem à praia e, com as unhas, abre uma fossa na areia, onde pões os ovos (pois esse animal pertence ao número dos ovíparos, de que fala Aristóteles), cobrindo-os tão bem que ninguém é capaz de encontrá-los – só as vagas, depois, os desenterram; em seguida, o calor solar, que é, em tais lugares, muito

---

1 Segundo João Augusto Martins (p. 219), as tartarugas das ilhas do Cabo Verde pertencem à espécie *Chelonia mydas*.

veemente, incuba os ovos (como acontece com os da galinha), saindo deles numerosas tartarugas do tamanho dos caranguejos (que é uma espécie de peixe). As tartarugas, assim nascidas, são arrastadas para o mar pelo movimento das ondas.

Entre as tartarugas, algumas há de tão maravilhoso tamanho – mesmo nas ilhas do Cabo Verde – que quatro homens não as podem transportar. Ouvi dizê-lo por pessoas dignas de toda a fé. Conta Plínio que existem, no oceano Indico, tartarugas tão gigantescas, que seu escudo é suficiente para cobrir uma casinhola. E que nas ilhas do mar Vermelho os habitantes fazem, com os seus cascos, canoazinhas navegáveis. Plínio acrescenta, ainda, que há dessas espécies no estreito de Carmânia, no mar Pérsico[2].

Maneiras de pescar as tartarugas marinhas.

Há várias maneiras de pescar a tartaruga. Algumas vezes, esse enorme animal, desejoso de nadar com mais liberdade, ou de mais facilmente respirar, sobe à superfície das águas um pouco antes do meio-dia, quando o tempo está sereno. Com o dorso assim descoberto, logo o sol lhe enxuga o casco, de modo que a tartaruga, sentindo dificuldade em mergulhar, flutua, de bom ou mau grado, por sobre as vagas. Nessa ocasião é ela pescada[3]. Afirmam algumas pessoas, também, que a tartaruga deixa o mar, durante a noite, à procura de alimento, e, depois de farta e saciada, adormece na praia, tornando-se, assim, uma presa fácil, pois ressona quando

2 Conf. esse trecho de Thevet com o de Léry (p. 30 e 31): "*Av surplus, combien qu'il s'eu faìile beaucoup que les Tortues de mer, sous ceste zone Torride, soyent si exorbitamment grandes & monstrueuses, que d'une seule coquille d'icelles on puisse couurir une maison logeable, ou faire un vaisseau nauiguable (comme Pline dit qu'il s'en troune de telles és costes des Indes & és Isles de la mer Rouge) neantmoins parce q'on y en voit de si longues, larges & grosses, qu'il n'est pas aisé de le faire croire… ie diray qu'entre autres vne qui fut prinse au nauire de nostre Vice-Admiral estoit de telle grosseur, que quatre vingts personnes qu'ils estoyent dans ce vaisseau… en disuerent hounestemente.*" Thevet, posteriormente, pôs em dúvida a afirmativa de Léry, na parte em que este diz que a tartaruga deu para o jantar de oitenta pessoas; mas o seu adversário replicou azedamente, alegando que a história não era menos verossímil que a da tartaruga gigantesca, cujo peso venceu a força de quatro homens (cf. *Histoire*, 31-35).

3 Léry (p. 31) repete, com pouca diferença, a narrativa de Thevet: "*En beau temps & calme… qu'elles montent & se tiennent au dessus de l'eau, le soleil leur eschauffant teliemêt le dos & la coquille qu'eles ne le peuvent plus endurer, à fin de se rafraischir*", etc.

dorme. E há mais outras muitas maneiras de pescar a tartaruga, que deixo de mencionar para não tornar muito longa a narração.

Espessura dos cascos das tartarugas marinhas. Para que servem. Escudos de cascos de tartaruga.

A espessura dos cascos desse animal é proporcional ao seu tamanho. Assim, nos litorais do estreito de Magalhães e do rio da Prata, os selvagens fabricam com eles broquéis, à feição dos escudos barceloneses, que usam contra as flechadas de seus inimigos. As amazonas das costas do mar Pacífico, do mesmo modo, fazem baluartes dos cascos das tartarugas, quando se veem assaltadas em suas choupanas. Posso dizer, de minha parte, que vi certo casco de tartaruga, ao qual uma bala de arcabuz não pôde atravessar.

Não é preciso dizer de que modo os insulares do Cabo Verde se servem de sua carne, assim como as demais pessoas fazem com o boi e o carneiro. Em gosto, a carne da tartaruga assemelha-se ou é quase igual à do vitelo[4]. Mas, os selvagens das Índias Americanas de modo algum a comem, levados pelo tolo preconceito de que esse alimento os tornaria morosos, prejudicando-os, sobretudo nos combates; por isso que, se não se tornavam desembaraçados, certamente estariam impossibilitados de perseguir os inimigos, ou escapar de suas mãos[5].

4 "*An reste, la chair approache si fort celle de veau, que sur tout, quand elle est lardce & rostie, en la mangeãt on y troune presque mesme goust*" (Léry, p. 31).

5 Thevet refere-se aos tupinambás, que também evitavam comer da carne das arraias (f. 50). Léry (p. 156 e 157) confirma as observações de Thevet: "*Or auec ces deux sortes de poulailles nos Sauuages nourrissent domestiquemêt des cannes d'Indes, qu'ils appeilent* Vpec: *mais parce que nos panures Tououpinambaou'ts ont ceste folle opinion enracinee en la ceruelle, que s'ils mangeoyent de cest animal qui marche si pesamment, cela les empescheroit de courir quãd ils seroyent chassez & poursuyuis de leurs ennemis, Il sera bien habile qui leur en fera taster: s'abstenans, pour mesme cause, de toutes bestes qui vont lentement, & mesme des poissons, comme les Rayes & autres qui ne nagent pas viste*".
Em compensação, o uso dos animais lestos era muito recomendado. Entre os chiriguanos, p. ex., os homens reservavam para si a carne do veado, animal ágil e ligeiro (Métraux, "*Études*", p. 355). Do mesmo modo, o uso das penas da ema, ou nhandu, pois as mesmas transmitiam ao seu possuidor as qualidades defensivas e obretícias dessa ave (Évreux, p. 22).

História de um gentil-homem português. O português curou-se da lepra.

Contarei, agora, a história de um gentil-homem português, leproso, o qual, procurando, por todos os meios, afastar-se de seu país, tanto o desgostava a doença, deliberou partir para as ilhas de Cabo Verde, assim que teve notícias da conquista desse belo arquipélago. Aprestando, pois, a melhor equipagem possível, a saber, navios, tripulação, munições e gado (principalmente cabras, de que tinha muita quantidade), veio ter a uma das referidas ilhas, na qual, quer em vista do fastio causado pelo mal, quer em vista de estar saciado da carne usada comumente em sua terra, contraiu o hábito, durante dois anos, de comer ovos de tartaruga. Ficou, então, curado da lepra, de modo que me pergunto se essa cura foi proveniente do uso da tartaruga, ou, talvez, da mudança de clima (creio mesmo que deveria ser de ambas as coisas).

Várias pessoas tomaram o exemplo do gentil-homem português e foram bem sucedidas. E, quanto a cabras, se reproduziram elas tão bem que hoje se contam em número infinito. Donde haver quem afirme que é essa a origem das cabras do Cabo Verde.

Animosidade entre a tartaruga e a salamandra.

Plínio, quando estuda a tartaruga, tanto em seu aspecto alimentício quanto em seu aspecto medicinal, não diz que o uso desse réptil é recomendado contra a lepra; mas afirma, entretanto, que a sua carne constitui um poderoso antídoto contra vários venenos, sobretudo o produzido pela salamandra, em virtude da animosidade mortal existente entre ambos os animais. Se, portanto, a tartaruga tem alguma propriedade oculta e peculiar contra a lepra, é o caso de chamar a atenção dos médicos, pois numerosos remédios se têm dado a conhecer à custa de experiências, – processo que, certamente, tem a sua razão de ser. De modo que aconselho, de bom grado, fazer a experiência com as tartarugas do meu país, mesmo com as terrestres, se não se encontrarem as marinhas, – medicação, para mim, melhor e mais segura que o emprego das víboras, tão recomendadas nessas afecções, as quais entram nas composições da grande Teriaga[6]. Visto

---

6 Teriaga ou teriaca. Eletuário antigo, que contém todos os medicamentos então conhecidos, tidos como eficazes contra as mordeduras dos animais (Pedro A. Pinto, p. 301).

como não é de muita segurança o uso dos extratos de víboras nas doenças, em virtude do veneno que elas trazem consigo (mesmo porque qualquer fundamento em que se baseie esse remédio tem por justificativa apenas a primeira experiência). Eis o que me cabia dizer a propósito das tartarugas.

A orcela, uma erva.

Resta, agora, falar de uma planta chamada orcela. Essa erva é assim como uma espécie de musgo, que cresce, abundantemente, no cume dos altos e inacessíveis rochedos. Não precisa de terra para medrar. Quando a querem colher, os nativos prendem algumas cordas às saliências dos montes e por elas sobem; raspando, então, a rocha com certos instrumentos, à maneira do que fazem os limpadores de chaminé, a planta desprende-se, sendo, depois, levada para baixo em cestos ou em outros recipientes.

A orcela serve para a fabricação de tintas, como já o disse linhas atrás[7].

7 Cf. o cap. V, nota correspondente.

. . . .

Capítulo XV

DA ILHA DO FOGO

A ilha do Fogo. Origem do seu nome.

A ILHA DO FOGO é uma das singularidades, que não quero deixar no esquecimento. Tem esse nome[1] porque expele continuadamente tão altas chamas que, se os antigos a tivessem conhecido, estaria ela colocada entre as maravilhas descritas por eles; tais como as montanhas do Vesúvio e do Etna. E, por falar do Etna, na Sicília, lembrarei que esse vulcão lançou fogo, algumas vezes, com extraordinário clamor, como aconteceu, segundo diz Orosius, ao tempo de M. Emílio e de T. Flaminius (erupções que também são confirmadas por vários historiógrafos, inclusive Estrabão, o qual diz ter visto e cuidadosamente examinado o problema). E isso me faz acreditar que deve ter realmente existido alguma coisa nesse sentido, dado o testemunho de vista de tantas personagens. Até porque não há nada,

1 O fato de Thevet dar à essa ilha o nome de Fogo, mostra o erro em que caíram É. Reclus e outros. "*C'est en 1680 seulement que l'îde nomée São-Felippe par Antonio di Noli, reçut des habitants épouvantés l'appellation d'Ilha do Fogo*", – diz Reclus, XII, p. 161. Ora, no tempo em que escrevia Thevet (1556), a ilha de São Filipe já era conhecida pelo nome de Fogo.

mesmo em se tratando dos fenômenos mais remotos, que não possa ser comprovado pelo exame visual, – o elemento mais seguro do historiador.

Montanhas de Pozzuoli.

Sei que alguém, dentre os escritores modernos, já quis fazer crer que uma das Canárias lança perpetuamente fogo; mas é possível que tal autor tivesse tomado a ilha do Fogo por uma daquelas outras. Aristóteles, no *Livro das Maravilhas*, fala de certa ilha desabitada e, entre várias coisas admiráveis, das chamas por ela lançadas. Mas não creio que se trata, com certeza, da referida ilha, nem tampouco, do Etna, que já era conhecido dos povos cartagineses. Igualmente não se trata de montanha de Pozzuoli[2], que é situada em terra firme. Mas, se alguém diz o contrário, nada tenho a opor; de minha parte, todavia, penso que a ilha do Fogo só depois de 1530[3] é que veio a ser descoberta, juntamente com o continente e outras terras do poente, tanto as mais próximas quanto as mais longínquas. Direi, afinal, que há ainda uma outra montanha, de nome Hecla, situada na Islândia[4], que lança, de tempos em tempos, rochas sulfurosas (a ponto de tornar estéril toda a terra em seu derredor, numa extensão de cinco ou seis léguas, por causa das cinzas que nela se acumulam).

A ilha do Fogo tem cerca de sete léguas de circuito[5]. O nome é bem apropriado, pois o seu vulcão, com 679 passos de circunferência e cerca de 1.055 braças de altura, vomita sem cessar, pela cratera, uma chama, que se avista, no mar, a trinta ou quarenta léguas de distância. E esse espetáculo é ainda mais visível durante a noite, – pois ensina a ciência que a luz mais intensa anula a mais fraca, – aterrorizando os nautas ignorantes do fato.

A flama, lançada pelo vulcão, sai em companhia de um mau odor, que recende um tanto a enxofre; isso dá a entender que no âmago da montanha existem minas sulfúricas. Como a montanha está cheia de enxofre e outros minerais inflamáveis, penso que se trata de um vapor

---

2 No *texto*, Pussole.
3 Em 1510 a ilha do Fogo já tinha sido erigida em capitania portuguesa.
4 No texto, *Hirlande*.
5 A ilha do Fogo tem uma superfície de 486 km2; o vulcão 2.975 metros de altura.

quente e seco, semelhante ao fogo, que é, conforme ensinam os filósofos, um fenômeno natural e não tão estranho quanto às chamas vulcânicas. O fogo natural não subsiste sem o ar, motivo por que, quando a atmosfera se agita, procura sair da terra através do primeiro respiradouro ao seu alcance. E assim acontece também com as águas naturais, quentes, insípidas, algumas vezes adstringentes, tal qual se vê nas fontes ou termas da Alemanha e da Itália. Por exemplo: em Esclavônia, perto de Apolônia, há uma fonte rochosa que expele chamas; todas as águas em sua volta como que fervilham.

A ilha do Fogo está sendo colonizada pelos portugueses, assim como várias outras terras dessa região. Mas o ardor da montanha e a temperatura elevada não impedem a fertilidade do solo, que produz numerosas espécies de apetitosas frutas. Há belas e vivas fontes. O mar, que envolve a ilha, não chega a extinguir o seu calor. Assim acontece com a sempre abrasada quimera, cujo ardor, segundo Plínio, só arrefece lançando-se-lhe por cima terra ou feno, pois a água só faz produzir efeitos justamente contrários.

. . . .

Capítulo XVI

DA ETIÓPIA

SE BEM que alguns cosmógrafos já tenham suficientemente falado da Etiópia (até mesmo alguns, entre os modernos, que fizeram excelentes navegações por numerosas e longínquas regiões da costa africana), – todavia isso não me impede de descrever, dentro de minhas poucas aptidões intelectuais, umas tantas singularidades observadas nessa viagem ao longo do litoral etiópico, em direção à América.

Extensão da Etiópia.
O rio do Senegal, antigamente chamado de Níger.

A Etiópia é tão vasta que se estende à Ásia e à África, motivo pelo qual há quem a divide em duas partes. A Etiópia africana, hoje chamada de Índia, termina: ao Levante, no mar Vermelho; ao norte, no Egito ou África propriamente dita; ao sul, no rio Níger (que já disse ter o nome também de Senegal); ao poente na África interior (que vai até as margens do mar Oceano). Sua denominação vem de Etiops, filho de Vulcano; antes teve vários outros nomes. Para as bandas do Ocidente é montanhosa, pouco habitada no oeste e arenosa no centro (como também nas proximidades do Atlântico).

Dizem outros que há duas Etiópias, assim distribuídas: uma sob o Egito, região ampla e rica, que inclui Meroë, considerada entre as maiores ilhas do Nilo (para o oriente reina Preste João); a outra é tão vasta que ainda não se acha bem conhecida, a não ser nas regiões fluviais. Ainda há os que a dividem diferentemente, a saber: uma parte asiática, outra parte africana (isto é, as Índias do Levante, cercadas, na Barbária, pelo mar Vermelho e, ao norte, pela Líbia e pelo Egito).

A Etiópia é muito elevada, sendo as suas principais montanhas as de Beda, Jone, Bardite, Mescha e Lifa. Dizem alguns autores que os primitivos etíopes e egípcios eram populações muito atrasadas, que levavam uma existência tão agreste quanto a dos animais ferozes, – sem abrigo certo e dormindo onde pernoitavam, pior do que os atuais masóvios[1].

O reino de Ettabech.
Os ictiófagos.

Há uma região etiópica, que se estende do Equador às terras antárticas, onde vivem enormes elefantes, tigres e rinocerontes; outra, nos afluentes do Nilo, que produz cinamomo. Ainda existe o reino da Ettabech[2], de uma a outra margem do Nilo habitado por gente cristã. Como também os povos chamados ictiófagos, que só se alimentam de peixe, outrora submetidos por Alexandre o Grande. Os antropófagos vivem perto dos montes da Lua, estando as regiões restantes, para os lados do trópico do Capricórnio e do cabo da Boa Esperança, povoadas de vários povos monstruosos e disformes.

Acredita-se que foram esses monstros as primeiras raças humanas, sendo, por isso, os iniciadores das fórmulas e ideias religiosas, razão pela qual não lhes são elas estranhas. E assim também se explica o motivo por que vivem os mesmos em liberdade e por que são infensos à servitude.

Amizade dos antropófagos para com o seu rei.

É maravilhoso o sentimento de honra e a amizade, que os etíopes guardam ao seu soberano. Se o rei, por exemplo, sofre mutilação em

1 No texto, *Masouites*. Isto é, os *masóvios*, também chamados *masovianos*, *masures*, etc.

2 A Abissínia, cujo nome indígena, conforme lembra Gaffarel, é Habesh.

alguma parte do corpo, os súditos, especialmente os da sua roda doméstica, mutilam-se no mesmo lugar, considerando ser irreverente proceder de outro modo[3]. A maior parte dessa gente vive nua, em virtude do excessivo ardor solar; mas alguns cobrem com peles as partes vergonhosas, ou vestem metade do corpo, ou mesmo o corpo inteiro.

Meroë, capital da Etiópia, outrora Sabá.

Meroë é a cidade principal da Etiópia. Foi Cambises quem lhe deu esse nome, pois outrora se chamava Sabá.

Os etíopes possuem várias religiões. Alguns são idólatras, como mostrarei mais adiante; outros adoram o sol-levante, desdenhando o ocidente. É a Etiópia um país milagroso, que nutre, para o lado da Índia, possantes animais, – cães, elefantes, rinocerontes de admirável estatura, dragões, basiliscos, etc. Do mesmo modo, gigantescas árvores, a cuja coma não chega nenhuma flecha. Assim como muitas outras coisas maravilhosas, segundo ensina Plínio[4] em sua *História natural*, livro XVII, capítulo 2º.

As populações alimentam-se comumente de milho e cevada, com os quais fabricam também algumas beberagens. E usam pouco de outros frutos e plantas, a não ser os de algumas grandes palmeiras. Em certos lugares, há mais pedras preciosas do que em outros.

Por que os etíopes e outros povos são de cor negra.

Não me parece fora de propósito explicar o seguinte: a cor negra desse povo é causada pela adustão superficial e depende da maior ou menor veemência do sol. Também é a temperatura que os faz tão tímidos, arrefecendo-lhes o calor natural do coração e das demais partes do corpo (daí explicar-se por que são os negros, como tantas outras coisas abrasadas, intimamente frios, apesar de sua tonalidade externa). A ação perseverante e violenta do calor, em qualquer parte onde se exerça, só faz desagregar e

---

3 Entre certos povos da Uganda as mulheres suicidam-se, principalmente se o marido é um principal da tribo. Cf.: Johnston, *The Uganda Protectorate*, II, p. 610; Westermarck, II, p. 226 (no vol. I, p. 459 sq., os numerosos exemplos de sacrifícios humanos em prol da vida do chefe ou do rei).

4 Entre certos povos da Uganda, as mulheres suicidam-se, principalmente § 2.

dissolver os elementos; de modo que, evaporados aqueles mais sutis, só restarão as substâncias de consistência terrestre. Tal o exemplo da madeira queimada e das cinzas. Em conclusão – na pele dos negros só fica a parte terrestre do humor, estando as demais dissipadas. Assim a razão de sua cor.

Como já disse, são os africanos tímidos. Isso é devido à algidez interna. A audácia requer um coração ardente, como era o dos gauleses e outros povos próximos do setentrião, os quais, apesar do clima exteriormente frio, mostravam-se ousados, intemeratos e cheios de ânimo.

Os africanos possuem o cabelo crespo, os dentes alvos, os lábios grossos e as pernas cambas; não guardam as mulheres continência, tendo, ainda, vários outros vícios (mas isso é assunto que deixo aos filósofos, a fim de não ultrapassar os limites de meu trabalho).

Os indianos e etíopes praticam a magia.

Etíopes e indianos praticam a magia, dispondo de diferentes ervas e materiais outros próprios para semelhantes ações. E é certo que há, entre as coisas, simpatias ou antipatias ocultas, que só a experiência pode dar a conhecer.

Eis o que me cabia dizer dessa região, por cujo litoral passei antes de atingir o país chamado da Guiné.

. . . .

Capítulo XVII

DA GUINÉ

A Guiné, parte da baixa Etiópia.

DEPOIS QUE, no Cabo Verde, refrescaram os navios, tratou-se logo de prosseguir adiante. Soprava um nordeste maravilhosamente favorável, mas, à altura da Guiné, situada na Etiópia, o vento tornou-se contrário. Nessa região, de fato, as correntes aéreas são muito inconstantes, acompanhando-se de chuvas, tempestades e trovões[1], – o que torna perigosa a navegação costeira. Só a catorze de setembro a esquadrilha atingiu a Guiné, ficando, porém, bem distante da terra.

Os habitantes da Guiné, até o cabo da Boa Esperança, são todos idólatras.

A Guiné é habitada por um estranho povo, que vive na idolatria e na mais tenebrosa ou ignorante superstição. Antes de ser descoberta, julgava-se que os seus habitantes possuíam os mesmos costumes e ideias religiosas das populações do Senegal, ou da alta Etiópia. Mas, foi justamente

---

1 Ao deixar o Cabo Verde, a expedição foi perseguida, durante seis dias, pela calmaria. Menos à noite, em que os ventos impetuosos, diz N. Barré, varriam os navios, "*ioincts avec pluye tant puente que ceulx iesquels estoient mouillez de ladicte pluye, soubdain ils estoient couvertz de grosses postules*" (cf. Gaffarel, *Histoire*, p. 337).

o contrário, que se viu, pois todas as populações, da Guiné ao cabo da Boa Esperança, são idólatras, desconhecendo a existência de Deus verdadeiro e dos seus mandamentos. É tão cega essa gente da Guiné que, encontrando, ao amanhecer, algum pássaro, cobra ou qualquer outro animal, doméstico ou selvagem, logo o traz em sua companhia, durante todo o dia, fazendo do dito animal uma como espécie de divindade protetora de suas atividades. Por exemplo, se alguém vai à pesca, leva, em sua canoa de casca de árvore, o animal assim encontrado, todo envolvido em folhas, acreditando que isso lhe dará felicidade, quer no mar, quer em terra; ou pelo menos, o livrará de qualquer infortúnio.

Os negros da Guiné creem em um deus imortal, mas, que, por não se dar a conhecer materialmente à humanidade, é desconhecido, – erro pouco diferente do dos antigos gentios, que adoravam diversos deuses, sob imagens e simulacros vários. Fato realmente digno de ser contado é o seguinte: esses pobres bárbaros preferem adorar coisas sujeitas à corrupção, – antes que alguém possa pensar que não têm Deus.

Castor e Pollux, chamados estrelas brilhantes do mar.

Diz Diodoro da Sicília que foram os etíopes os primeiros povos a adquirir o conhecimento da imortalidade dos deuses, aos quais ofereciam votos e hóstias. Isso também quis Homero dizer, na *Ilíada*, quando conta que Júpiter e algumas outras divindades visitaram a Etiópia, tanto por causa da amenidade e doçura do país, como por motivo dos sacrifícios ali feitos em sua honra. Castor e Pollux, quando acompanhavam, nos navios, o exército grego, que se dirigia a Troia, sumiram-se no ar e jamais tornaram a ser vistos: acreditou-se que ambos tinham sido arrebatados e conduzidos ao seio das divindades marinhas (motivo por que muitos lhes dão o nome de *estrelas brilhantes do mar*)[2].

Usos e costumes dos povos da Guiné.

Os povos da Guiné não conhecem templos, igrejas ou quaisquer lugares dedicados aos sacrifícios e às orações. Além disso, são comparativamente muito mais perversos que os povos da Barbária e da Arábia, tanto

2 Thevet refere-se ao *fogo* de *Santelmo*.

que os estrangeiros evitam abordar essas paragens, só desembarcando nelas quando garantidos pelos reféns (do contrário poderiam ser assaltados e reduzidos à escravidão). Vive essa gentinha quase sempre nua, se bem que, após o tráfico estrangeiro, uns tantos se vão habituando a vestir certos camisões de palha ou algodão, trazidos de outros lugares.

O comércio de gado não é tão intenso quanto na Barbária. Há poucas frutas, devido às secas e ao excesso de calor (pois a Guiné fica na zona tórrida). Mas os habitantes vivem longos anos, sem decrepitude, – um homem de cem anos parecendo ter quarenta.

A carne, com que se alimentam os povos da Guiné, é a dos animais selvagens, mas sem nenhum cozimento ou preparo. Usam-se também peixes e ostras em abundância. As ostras passam de meio pé de comprimento, mas são alimentos mais perigosos do que outros quaisquer peixes, dando um caldo semelhante ao leite; os nativos comem esses mariscos, todavia, sem que lhes aconteça nenhum mal, – tanto os mariscos da água doce como os da água salgada.

De ordinário, os povos da Guiné guerreiam outras nações. Suas armas são os arcos e flechas (as mesmas que as dos outros etíopes e africanos). As mulheres exercitam-se na arte bélica[3], igualmente aos homens, trazendo, em sua maior parte, largos brincos de ouro fino, ou de outro metal, nas orelhas, nos lábios e nos braços.

A Guiné, mal arejada.

As águas dessa região são muito perigosas, sendo o ar insalubre. A razão, penso, vem do vento do Meio-Dia, quente, úmido, sujeito a toda putrefação, o qual é muito familiar nessas paragens (fato que também se pode comprovar na Europa). As pessoas, oriundas de outras regiões mais bem temperadas, não podem viver muito tempo na Guiné, pois logo adoecem. Isso aconteceu aos meus companheiros, vários dos quais morreram, ficando outros por muito tempo doentes (só dificilmente se curaram), – razão que impediu a permanência dos navios em tais zonas.

---

3 Sobre a organização militar das amazonas de Daomé, cf. Ellis, *The Land of the Fetish*, Londres, 1883; Forbes, *Le Dahomey et les Dahomins*, Londres, 1851; Skertchley, *Dahomey as it is*, Londres, 1874.

A malagueta, especiaria muito disputada.

Não quero omitir que, na Guiné, o objeto mais usual do comércio dos navios estrangeiros é a malagueta[4], a melhor e mais disputada das especiarias. Os portugueses fazem disso um intenso tráfico. A malagueta nasce no campo, semelhantemente à cebola (gostaria de mostrar, em desenho, a pimenta, mas, por falta de tempo e espaço, não me foi possível contentar a curiosidade geral). A malagueta proveniente de Calicute e das Molucas não é tão estimada quanto a da Guiné.

Com os bárbaros vizinhos existe o tráfico do ouro e do sal. O sistema comercial é dos mais estranhos. Os interessados levam suas mercadorias para determinados lugares, os da Guiné o sal e os das terras próximas o ouro amassado. E, sem se comunicarem uns aos outros, por causa da desconfiança recíproca, – a exemplo dos turcos com os árabes e de alguns silvícolas americanos com as tribos vizinhas, – cada parte põe, no referido sítio, os objetos trazidos consigo. Se os etíopes da Guiné acham que o ouro, depositado no lugar apropriado, tem um valor equivalente ao seu sal, a troca está feita; em caso contrário, deixam-no onde se encontra. Mas, percebendo os outros que a quantidade de ouro não satisfaz, aumentam a oferta até que o monte fique a contento dos interessados. Em seguida, uns e outros levam para casa o que lhes pertence[5].

Tráfico de marfim.

É preciso não esquecer que os negros da África setentrional são mais civilizados que os da Guiné, em vista das convivências com os numerosos mercadores, que por lá costumam andar. Trocam o ouro por quaisquer bugigangas, camisas, panos ordinários, canivetes e outras ferragens miúdas. Com isso negociam portugueses e mouros, inclusive com os mar-

---

4 No texto, *maniguette*. Por muito tempo a zona da malagueta ficou conhecida pelo nome de *Costa da Pimenta*.

5 Thevet quer referir-se ao *silent trade*, que existia também entre os tupis da costa brasileira, mesmo em se tratando de tribos inimigas. Em Léry (p. 51 e seg.) lê-se uma referência a esse respeito. É verdade que havia povos primitivos, no Brasil, que nem sequer conheciam tal comércio; a troca só se operava mediante a hospitalidade (Max Schmidt, p. 247), prática, aliás, cujos vestígios se encontram entre os tupinambás. – Moore (p. 87) confirma a existência do *silent trade* na África.

fins conhecidos pelo nome de *dente de elefante*. Isso me contou um desses portugueses, o qual, certa vez, adquiriu doze mil dentes de elefante, sendo que um deles, de maravilhoso tamanho, chegou a pesar cem libras.

A Etiópia, como já o disse, possui elefantes, que se apanham na caça. O método de caçar o elefante é semelhante ao dos javalis, com algumas poucas diferenças nos seus ardis e processos. Os negros comem a carne do animal, afirmando ser saborosíssima (e prefiro acreditar nisso do que discutir mais longamente a questão, ou tirar do fato a prova experimental).

O elefante, animal cuja razão se aproxima da humana.

Não é meu intento prolongar o assunto, descrevendo as virtudes e predicados do elefante, – o mais dócil e racional dos animais, o qual já tem sido celebrado pelos antigos e modernos. Plínio, Aristóteles e vários outros tratam dele suficientemente, afirmando que sua carne é medicinal e própria para a lepra. A carne, destinada à cura da lepra, deve ser ingerida; os dentes, ou os marfins, aplicados exteriormente na pele, em forma de pó. Também a sua carne conforta o coração e o estômago, assim como favorece a criança no ventre materno. Mas, não quero repetir o que outros já descreveram, a fim de não prolongar, repito, o assunto, ou a fim de não me afastar muito de meu propósito.

Todavia, não deixarei de dizer o que vi. Como, por exemplo: os negros, quando apanham os elefantes ainda novinhos, criam-nos e ensinam-lhes mil habilidades, pois são esses animais muito dóceis e facilmente domesticáveis.

. . . .

Capítulo XVIII

DA LINHA EQUINOCIAL E DAS ILHAS DE SÃO TOMÉ

Rio, com mina de ouro e prata.
Castelo da Mina.
Os rios Cânia e Régio.

DEIXANDO, à esquerda, a Guiné, após uma demora de poucos dias, em virtude, como o já disse, da intemperança do ar, os navios prosseguiram viagem. Costeando a região situada à altura de dois cabos, o das Palmas e o das Três Pontas, passei por um belíssimo rio, onde se viam grandes navios, por meio do qual se faz um intenso tráfico, em toda a região, de ouro e prata em bruto. Os portugueses desembarcaram nesse lugar, granjeando a amizade de seus habitantes, depois do que edificaram uma fortaleza, Castelo de Mina[1]. E havia razões para isso, pois o ouro da Mina é

---

1 Diz Gaffarel: "*Castel el Mina* foi, a princípio, descoberto e colonizado pelos mercadores de Dieppe. Foram eles que primeiro, desde 1364, exploraram a região. Em 1383, fundaram, ali, um estabelecimento permanente, abandonado em 1413, em virtude das guerras civis, que tinham trazido a desolação à França e a paralisia ao seu comércio. Substituíram-nos os portugueses tão bem que se perdeu a lembrança dessas expedições francesas à costa africana. Draper (*Description des côtes de Guinée*, 1686), Elbée (*Journal de mon voyage aux îles dans la côte de Guinée*, 1671) e sobretudo Villaut de Bellefonds (*Relation des côtes d'Afrique*, 1669) são unânimes em reconhecer que existiam, ao seu tempo, em *Castel el Mina* e arredores, vestígios materiais da estadia anterior dos franceses na referida região" (em *Les Singularités*, ed. de 1878, p. 85 e 86).

incomparavelmente mais fino que o de Calicute e o das Índias americanas. O Castelo da Mina fica cerca de três graus e meio do Equador. Existem, ainda, nessa região, dois rios: um que tem origem nas montanhas do país, chamado Cânia; o outro, menor, cujo nome é Regio[2]; ambos são rios de excelente peixe, mas possuem, também, crocodilos perigosos, a exemplo do Nilo e do Senegal (diz-se que as fontes do Senegal ficam nessa região).

Um monstro marinho de forma humana.

Na areia desses rios vê-se brilhar o ouro em pó; suas populações caçam o crocodilo, cuja carne é uma espécie de veação para elas. Não quero esquecer que, perto do Castelo da Mina, se viu, conforme me contaram, um monstro marinho, de forma humana, lançado à praia pelas ondas. E que a fêmea do animal apareceu também no fluxo das vagas, soltando grandes uivos de dor por causa da ausência do macho (fato realmente digno de toda a admiração). O mar, como se vê, pode criar e nutrir os mais estranhos animais, tanto quanto a Terra.

Descrição da Linha equinocial.

Como me encontro justamente na Linha equinocial[3], não quero passar adiante sem dizer dela alguma coisa. A Linha equinocial, também chamada círculo equinocial, ou Equador, é um traço imaginário do sol, que divide o universo em partes iguais, passando pelo seu centro duas vezes ao ano, – uma vez a onze de março e outra vez a catorze de setembro[4]. Em ambas as ocasiões o sol, indo de oriente para ocidente, passa diretamente pelo Zênite da Terra, traçando esse círculo imaginário, paralelo aos trópicos e a outras zonas situadas entre ambos os polos, estando no nadir para os que habitam no lado oposto. Durante todo o ano, a não ser nos dias acima indicados, o sol percorre obliquamente a eclíptica, no zodíaco.

---

2 No texto, *Rhegium*. – O rio maior, é talvez, o Volta ou a bacia de Lagos, sendo Cânia, ao que parece, uma corruptela de *Kana*, também chamada *Kana-Mina*. Régio era uma antiga localidade da bacia do Benim.

3 N. Barré fixa o dia em que a esquadrilha de Villegagnon passou a Linha equinocial: "*Nous passasmes ledit centre du monde le dixieme d'octobre près les isles de Saint Thomas, qui sont soubz l'aequinoctial*" (cf. Gaffarel, *Histoire*, p. 377).

4 Datas dos equinócios, anteriores à reforma do calendário.

Origem do nome equinocial. Solstício do inverno. Solstício do verão.

Nos equinócios, o horizonte é igual, sem que um dos polos esteja mais elevado que o outro. Os dias e as noites são também iguais, donde o nome equinocial. À proporção, todavia, que o sol se afasta de um ou de outro polo, isto é, à proporção que se eleva um dos dois polos, os dias e as noites vão ficando desiguais. Mas, deixando o sol, pouco a pouco, a Linha equinocial, quase que atinge ele, por seu zodíaco oblíquo, o trópico do Capricórnio. É o solstício do inverno. Repassando depois, pelo mesmo caminho, até o trópico do Câncer, dá-se o solstício do verão[5]. Nessa trajetória, do Equador a ambos os trópicos, percorre o sol, de cada vez, seis signos.

Os antigos acreditavam que a zona situada entre os trópicos, era, por motivo de seu excessivo calor, inabitável (assim como as regiões vizinhas dos polos, em virtude do seu frio elevado). Recentemente, porém, depois que os navegadores a descobriram, verificou-se a habitabilidade da zona tórrida, não obstante o calor, devido à sua fertilidade e às suas abundantes riquezas – tal como as ilhas de São Tomé e outras, de que falarei adiante.

Comparando o frio das noites com o calor dos dias, alguns autores querem, assim, explicar a razão de ser da boa temperatura dos trópicos. Há outras teorias mais, das quais presentemente deixo de tratar.

Temperatura do ar, na Linha equinocial. Ilha dos Ratos.

Na zona equinocial, quando por lá passei, me pareceu ser o calor mais veemente que o da época sanjuanesca, em França. Um calor acompanhado de trovões, chuvas e tempestades. Daí o motivo por que nas ilhas de São Tomé (e numa outra chamada dos Ratos[6]) há tanta vegetação quando é possível existir, sem nenhum sinal de secas.

---

5 Respectivamente, solstício do verão e do inverno no hemisfério austral.

6 Sobre a ilha dos Ratos, cf. o cap. LXVII.

Ilhas de Santo Homer, ou de São Tomás.

Essas ilhas da Linha equinocial estão indicadas, nas cartas marítimas, pelo nome de São Tomé, ou São Tomás[7]. São habitadas pelos portugueses. Embora não sejam tão férteis quanto outras, produzem algum açúcar. Mas, os portugueses mantêm a sua colonização para facilitar o tráfico com os bárbaros e etíopes, isto é, o comércio do ouro fundido, das pérolas, do almíscar, do ruibarbo, da cássia, do gado, das aves e mais riquezas peculiares a cada região.

As estações são, ali, muito desiguais e diferentes das dos outros países, estando as suas populações mais sujeitas a doenças do que nas zonas do setentrião. Tal diferença e desigualdade provêm do sol, que transmite suas propriedades através do ar, existente entre aquele astro e a Terra. O sol – como todos sabem e repito – passa por essas ilhas perpendicularmente, duas vezes no ano, descrevendo a Linha equinocial. Isto é, em março e em setembro.

Abundância, no Equador, de diversos peixes.

Na zona equinocial há numerosos peixes, das mais variadas espécies[8]. É maravilhoso o espetáculo deles na tona da água, como o vi, fazendo um enorme barulho em torno dos navios – dificilmente alguém podia ouvir a voz de outra pessoa. Se é o calor a razão desse fato, ou há outras explicações, – deixo a solução aos filósofos.

A água do mar, mais doce no Equador.

Resta dizer que, nas cercanias da Linha equatorial, a água do mar, como verifiquei, é mais doce e agradável ao paladar do que em outras zonas; mas há quem afirme justamente o contrário, achando que deve ser mais salgada, por causa do calor excessivo e da sua proximidade em relação à Linha equatorial. Dela (dizem estes) é que vêm a adustão e a salinidade marinha, sendo naturalmente mais doce a água das vizinhanças do polo.

---

7 Thevet, como já se viu (nota ao cap. VI), escreve ora *Homer*, ora *Omer*. O autor refere-se à ilha de São Tomé e aos ilhéus, que lhe são vizinhos (ilhéu das Cabras, ilhéu das Rolas, etc.).

8 Martius observou, na zona do Equador, quando de viagem para o Brasil, os seguintes peixes: o *Squalus carcharias*, o *Gasterosteus ductor*, o *Echenei's remora*, o *Exocœtus volitans*, o *Scomber thynnus* e o *Pelamis*. Cf. Spix & Martius, *Viagem pelo Brasil*, I, p. 83.

Creio, entretanto, que, assim como o clima não é uniforme de um polo a outro, pelo mesmo motivo deve também ser diferente à água do mar. Mas, acontece que, no Equador, a salinidade marinha acompanha a temperatura aérea, vindo daí a razão de ser do fenômeno[9].

Transposta a Linha equinocial, na direção do cabo da Boa Esperança, notei que o mar foi ficando progressivamente mais calmo e mais sereno.

9 Thevet afirma que experimentou a salinidade do mar nas proximidades da Linha equinocial; antes ou depois, não se sabe. De qualquer modo, perto de um dos dois grandes rios, o Níger ou o Congo. Nas vizinhanças das grandes embocaduras fluviais, a salinidade do mar atinge a cifra média de 32 ou 33 mms.

. . . .

Capítulo XIX

NÃO SOMENTE É HABITADA A ZONA EQUATORIAL, MAS TODO O MUNDO, AO CONTRÁRIO DO QUE JULGAVAM OS ANTIGOS

Avidez de saber, própria do homem.

VÊ-SE, evidentemente, quanto é enorme a avidez humana, levada, quer pela necessidade de saber, quer pelo desejo de adquirir cabedais ou fugir à inatividade. Impelida por esse desejo, – assim o diz o Sábio[1] e, após ele, o poeta Horácio em suas *Epístolas*, – a humanidade aventurou-se a todos os perigos e trabalhos, para, afinal, tentando afugentar a pobreza, gozar uma vida mais tranquila e menos ociosa. Não era bastante ter ciência de que o universo, criado pelo soberano obreiro, era todo redondo, com as águas separadas das terras, a fim de que mais facilmente pudesse cada qual viver no seu próprio elemento, ou, pelo menos, viver no elemento com o qual tivesse mais afinidades; era preciso, também, reconhecer se era o mundo habitado em todas as partes. Por essa diligência e por esse espírito de curiosidade são os povos antigos tão dignos de estima quanto os modernos escritores e navegantes, graças aos quais se deve a solução de tantas questões (questões que, de outro modo, só dificilmente poderiam ser resolvidas).

---

1 Thevet refere-se a Aristóteles.

Opiniões de alguns filósofos sobre a habitabilidade do mundo. As cinco zonas, por meio das quais a Terra é medida.

Tales, Pitágoras, Aristóteles e vários autores greco-latinos afirmavam não ser possível que fossem habitadas todas as partes do globo, umas pelo seu exagerado ou insuportável calor, outras pela sua excessiva ou veemente frialdade. Autores havia, também, que dividiam o mundo em dois hemisférios, um dos quais habitado, que é o setentrional, mas no outro de modo algum existindo gente. E, assim, das cinco partes terrestres excluíam três, de modo que só restavam duas realmente povoadas. Explicando melhor (se bem que o assunto não seja alheio às pessoas ilustradas), – os referidos autores, como quisessem provar a inabitabilidade de grande parte da Terra, supunham o mundo dividido e repartido em cinco zonas, duas frias, duas temperadas e uma quente. Agora, se alguém quiser saber como estão colocadas as cinco zonas, aconselho experimentar o seguinte método, que é também o de Probo o Gramático: aplicar a mão esquerda de encontro ao sol nascente, recurvando, depois, um a um, os dedos, bem abertos e afastados.

Primeira zona fria.

No polegar fica a primeira zona fria, a do norte, a qual, devido ao seu excessivo frio, se diz ser desértica, ao contrário do que a experiência tem demonstrado. De uns tempos a esta parte se sabe, realmente, que certo povo muito rude, feroz e selvagem vive nas regiões vizinhas do polo Norte, onde só há gelo e frio perpétuo, mesmo além do círculo ártico, junto aos montes Hiperbóreos, a saber, Escandinávia[2], Dácia, Suécia, Gótia, Noruega, Dinamarca, Tule[3], Livônia, Lapia[4], Prússia, Rússia, ou Rutênia. Assim o afirmou o senhor de Cambray, natural de Bourges, embaixador francês nos países setentrionais (Polônia, Hungria, Transilvânia), homem erudito, conhecedor de muitas línguas, digno de tal missão e empresa. Os antigos nem sempre merecem fé, embora sejam desculpáveis, porquanto falavam mais por conjeturas do que por experiência.

2 No texto, *ScÁvia*. Abreviatura, talvez, de Escandinávia.
3 No texto, *Thyle*.
4 No texto, *Pilappe*. Erro, talvez, tipográfico. Será a península de Lapia? *Lapia*, segundo Pedro Bertius (1606), era a península hoje chamada de Kola, onde viviam os lapões.

Primeira zona temperada.

O segundo dedo (tornando ao assunto) indica a zona temperada, habitável. Estende-se até o trópico de Câncer, se bem que as terras mais próximas desse círculo sejam menos temperadas que as demais regiões situadas no centro da faixa.

Zona tórrida.

O terceiro dedo representa a zona inserida entre os dois trópicos, chamada de tórrida por causa da ardência dos raios solares. A palavra dá a entender que essa zona queima e abrasa tudo, julgando-se, portanto, não ser habitável.

Segunda zona temperada.

O quarto dedo mostra a segunda zona temperada, antípoda à outra, colocada entre o trópico do Capricórnio e o polo Sul. É também habitável.

Segunda zona fria.

O quinto dedo, o mindinho, marca a segunda zona fria, que os antigos, pelos mesmos motivos alegados em relação à zona oposta, julgavam também não ser habitável.

Por esse método, como se vê, facilmente é possível dizer quais as partes, que os antigos acreditavam ser ou não povoadas. Plínio reduz o número das zonas habitáveis, afirmando que não se pode viver em três delas. Essas três zonas são as que foram indicadas pelos dedos polegar, médio e mindinho. Plínio exclui, igualmente, as terras situadas no mar Oceano, acrescentando, em outra parte, que só são habitáveis as regiões situadas abaixo do zodíaco. As causas alegadas em favor de inabitabilidade das três zonas são as mesmas: nos dois polos, muito frio devido à longa distância e ausência do sol; na faixa tórrida, ao contrário, insuportável calor, provocado pela proximidade do sol e sua contínua presença. Essa é a opinião de quase todos os teólogos modernos.

A zona tórrida e os montes Hiperbóreos são habitados.

O contrário, todavia, se pode demonstrar, pelos escritos até dos autores acima citados, pela autoridade dos filósofos (especialmente os atuais), pelo testemunho das Santas Escrituras, e, mais do que tudo, pela experiência, como eu próprio o verifiquei. Estrabão, Pompônio Mela e Plínio,

embora partidários da teoria das zonas, afirmam que havia povos vivendo na região etiópica, chamada pelos antigos de península Áurea, assim como, também, na ilha de Taprobana[5], em Malaca, em Sumatra[6], tudo na zona tórrida. Do mesmo modo, na Escandinávia, nos montes Hiperbóreos e nas regiões circunvizinhas (das quais já falei linhas atrás). E Heródoto coloca os montes Hiperbóreos bem na zona polar, diferentemente de Ptolomeu, que os localiza a mais de setenta graus do Equador.

A zona tórrida é melhor, mais cômoda e mais salubre do que as restantes.

O primeiro autor, que afirmou a habitabilidade das regiões além das zonas temperadas, foi Parmênides. Assim o diz Plutarco. E houve mesmo quem dissesse ser a zona tórrida não só habitável como, certamente, muito povoada. Pelo menos, foi isso o que provou Averróis, com o testemunho de Aristóteles, no capítulo 4º de seu livro intitulado *Do céu e do mundo*. Avicena, igualmente, em sua *Segunda Doutrina* e, afinal, Alberto o Grande, no capítulo 6º da *Natureza das regiões*, – ambos se esforçando por demonstrar, à custa de razões naturais, que as zonas consideradas inabitáveis são mais adequadas à vida humana do que as restantes. Porquanto se a baixa temperatura é desfavorável ao corpo humano, o mesmo não se pode dizer do contrário, visto que vida significa calor e umidade, ao passo que morte significa frio e secura.

Eis por que toda a Terra é habitada, quer nas zonas quentes, quer nas frias. Só nas regiões estéreis não se pode viver, como tive ocasião de verificar na Arábia Deserta e em outras regiões. Deus dotou o homem de meios necessários para ocupar qualquer parte do globo, – zonas frias, quentes ou temperadas. E isso se depreende das palavras que disse aos nossos primeiros pais – crescei e multiplicai-vos.

A experiência, em suma (como já o tenho dito várias vezes), prova quanto o mundo é amplo e capaz de acomodar todas as criaturas, – experiência tirada dos resultados das navegações marítimas e das longínquas viagens terrestres.

---

5 No texto, *Trapobane*. A fls. 41 e 111, *Taprobane*. No século XVI, era esse topônimo aplicado à ilha de Ceilão e à de Sumatra. Cf. o *Fac-símile Atlas* de Nordenskiöld, mapas ns. 32, 35, etc.

6 No texto, *Zamatra*.

. . . .

Capítulo XX

A MULTIPLICIDADE E VARIEDADE DOS PEIXES DA ZONA EQUATORIAL

ANTES DE DEIXAR essas paragens, quero fazer uma referência especial aos peixes peculiares à zona, que se estende cerca de sete ou oito graus, ao norte e ao sul da Linha equinocial. Esses peixes, de diversas cores, são em tal quantidade que não têm conta. Nem há quem os possa amontoar, a exemplo do que se faz, no celeiro, com os molhos de trigo.

O marsuíno: origem desse nome

Muitos dos peixes, de que falo, seguiram os navios da esquadrilha num percurso de mais de trezentas léguas; principalmente os dourados, de que adiante falarei mais a vagar. Os marsuínos, assim que percebiam os navios, nadavam impetuosamente ao seu encontro, indicando aos marujos a orientação dos ventos (pois são animais que andam, em cardumes de quatrocentos a quinhentos, no sentido oposto ao das correntes aéreas). Marsuíno vem do latim *maris sus*, isto é, *porco do mar*, por causa de sua similitude com os porcos terrestres, pois têm os mesmos grunhidos. O focinho é parecido com um bico de pato; na cabeça há um conduto, pelo qual respira, do mesmo modo que a baleia.

Os marujos pescam os marsuínos com instrumentos de ferro pontiagudo e arpoado. Mas não lhes comem a carne, porque há peixes mais gostosos; apenas se servem do fígado, que é muito bom e delicado, tendo sabor aproximado do dos suínos. Quando esse animal é pescado, ou está perto de morrer, solta altos gemidos, como fazem os porcos ao serem sangrados.

A fêmea só pare, de cada vez, dois filhotes, Constituiu admirável espetáculo ver a quantidade desses animais; o tumulto, que faziam, era comparativamente maior do que o de uma torrente a despenhar-se de alta montanha (asseguro que assisti realmente a esse espetáculo, que a muita gente parecerá estranho e inacreditável).

Os bonitos.
Uma fonte, que torna os peixes cor de ouro.

Há, nos mares tropicais, peixes de todas as cores, alguns vermelhos (como os chamados *bonitos*), outros áureos e recobertos de fino azul (a exemplo dos *dourados*). Ainda existem os esverdeados, os negros, os cinzentos, etc. Penso, todavia, que, fora do mar, esses peixes não conservam, indefinidamente, as primitivas cores assim tão vivas. Conta Plínio que há em Espanha uma fonte, cujos peixes têm a cor do ouro, mas só dentro da água. É a água, como está parecendo, colocada entre o olhar e o peixe, que produz o fenômeno (como um vidro verde torna os objetos da mesma tonalidade.)

Os dourados segundo Aristóteles e Plínio.

Vários autores, antigos e modernos, escreveram sobre os peixes, especialmente sobre os dourados; mas muito superficialmente, como de que ouvi dizer, pois não os examinaram pessoalmente. Diz Aristóteles (segundo penso), reafirma que o dourado se oculta no mar por algum tempo. E acrescenta – esse fato se dá na época do calor excessivo, pois o peixe não pode suportar. Gostaria de dar uma gravura do dourado; mas, por falta de tempo, fica a coisa para outra oportunidade.

Descrição do dourado.

Há dourados tão grandes como os salmões; outros menores. Tem esse peixe uma saliência, que vai da cabeça à cauda; toda essa parte inferior tem a tonalidade do ouro de um ducado, donde a origem do seu

nome (Aristóteles chama-lhe de χρυσόφρυς, de que os intérpretes, na tradução, fizeram *aurata*)[1].

O dourado é animal de presa, segundo ensina muito bem Aristóteles. Tem sofreguidão pelos peixes-voadores, que persegue na água, como o cão persegue, no campo, a lebre. Isto é, dá botes no ar para apanhar as presas; se umas se salvam, outras não lhe escapam.

O dourado, peixe muito reputado nos tempos antigos.

Os dourados seguiram os navios noite e dia, por espaço de mais de seis semanas, sem que os abandonassem jamais, até quando não acharam o mar a seu gosto. Foi esse peixe muito reputado entre as pessoas nobres da Antiguidade, por causa da delicadeza e sabor da sua carne. Sérgio, como se conta, achou meio de enviar um deles a Roma, o qual, tendo sido servido na mesa do imperador, foi extraordinariamente apreciado. E desde então, começou, entre os romanos, a reputação do dourado: não se dava um festim suntuoso, sem que fosse o mesmo servido. O prato era, assim, uma espécie de singularidade.

Como não é fácil pescar, no verão, o dourado, Sérgio mandou construir viveiros, a fim de que não faltasse o peixe em nenhuma estação, motivo pelo qual adquiriu aquele senador o apelido de *Aurata* (como A. Licínio, que criava cuidadosamente o murena, tomou também esse nome). Os dourados de mais estimação eram os do lago Lucrino, vindos de Taranto. Assim o diz Marcial, no livro III das seus *Epigramas*.

Os dourados têm melhor sabor no inverno do que no verão, pois todas as coisas dependem do tempo próprio. Cornélio Celso aconselhava-os aos doentes, especialmente aos febris, por ser a sua carne leve, friável e enxuta – em suma um alimento sadio. Existem com mais abundância

1 O peixe descrito por Thevet, é o dourado (*Coriphaene hippurus* L.), de dorsal contínua, mais elevada anteriormente (começando no preopérculo e terminando perto da cauda), peitorais e ventrais na mesma vertical, glauco cerúleo ou brilhante dorso, áureo ou argíreo no ventre (cf. Alípio de Miranda Ribeiro, "Fauna Brasiliense – Peixes", em *Arq. Do Mus. Nac*. XVII, 4)., Chama-se também *dourada*. Não confundir com o *Sparus auratus*.

no mar Oceano do que no do Levante. Como se sabe, nem todas as águas possuem os mesmos peixes: o esturjão[2], por exemplo, que é muito singular, só se encontra em Pamphylia; o *ilus* e o *scarus*[3] só no mar Atlântico. E assim por diante.

Estando no Egito, Alexandre, o Grande, ordenou a compra de duas douradas por um par de marcos de ouro, a fim de verificar se a sua carne era mesmo preciosa, conforme se dizia em seu tempo. Os peixes foram transportados, vivos, no mar Oceano – pois em outra parte não se encontram – a Mênfis, cidade onde se achava o monarca. Tive ciência dessa história por intermédio de um médico judeu, quando em visita a Damasco, na Síria.

Eis, leitor, o que sei a respeito do dourado. Para mais alguma informação, queira consultar o que têm escrito várias pessoas eruditas, entre as quais monsenhor Guilherme Pellicier, bispo de Montpellier. Esse autor trata da natureza dos peixes tão fiel e seguramente como nenhuma outra autoridade moderna.

---

2 No texto *Helops*. Cuvier identificou o *élops* ou *helops* com o esturjão (*Acipenser ruthenus* L.) (cf. a *Histoire Naturelle* de Pline, I, p. 391). Segundo outros naturalistas, o *helops* pertence ao gênero *Acipenser pygmaeus* Pall.

3 No texto, *Ilus et Scarus*. O scarus é o nosso bodião (*Scarus croicensis, Scarus coeruleus, Scarus guacamaia*, etc). Mas o *scarus* também existe nos mares gregos (o *Scarus cretensis* G. Cuv.-Val ou *Lobrus cretensis* L.). Quanto ao *ilus*, penso tratar-se do *labrus* ou *iulis* (por erro tipográfico *ilus*). Thevet, em suma, refere-se a um lubrídeo. *Labrus iulis*, de que fala Plínio (*ob. cit.*, vol. II, XXXI, I).

. . . .

Capítulo XXI

DA ILHA CHAMADA DA ASCENSÃO

A ilha da Ascensão. Origem do seu nome.

PROSSEGUINDO viagem, avistou-se, a 20 de outubro[1], uma ilha desabitada, que estava a oito graus da Linha equinocial[2]. À primeira vista, quiseram dar-lhe o nome de ilha dos Pássaros, em virtude da enormidade de aves que lá existem; consultando-se, todavia, as cartas marítimas, verificou-se que o ilhéu tinha sido descoberto pelos portugueses e chamava-se Ascensão (por ter sido nesse dia encontrada)[3].

Aves de várias espécies e em grande número.

O aparecimento de numerosas aves marinhas dera motivo a que os marujos conjeturassem a existência próxima de algumas ilhas. Quando a ilha foi avistada, inúmeras dessas aves, de todas as cores e de todas as plu-

---

1 A ilha da Ascensão foi realmente avistada a 20 de outubro de 1555, num domingo pela manhã. Assim o diz N. Barré (cf. Gaffarel, *Histoire*, p. 378).

2 A latitude exata é de 7º52' e 7º58'.

3 A ilha da Ascensão, que já figura no mapa de Cantino, foi provavelmente descoberta por João de Nova, a 13 de maio de 1501 (Duarte Leitte, "O mais antigo mapa do Brasil", em *Hist. da Col. Port.*, II, p. 252).

magens, invadiram os navios, vindas de terra, provavelmente à procura de repasto. Os tripulantes apanhavam-nas com as mãos, livrando-se, aliás, delas com muito esforço. Se alguém estendia o punho, as aves pousavam-lhe em cima, familiarmente, deixando-se prender pela maneira que a pessoa quisesse. E nem sequer fugiam quando se baixava o braço, permitindo-se, como antes, as mesmas liberdades. Nessa multidão de pássaros não vi nenhuma espécie semelhante às europeias, coisa que há de parecer singularmente incrível.

O *aponar,* ave.
O cabo da Boa Vista. A ilha dos Aponares; origem do seu nome

Na ilha da Ascensão existe uma espécie de ave, bem grande, a qual ouvi chamar de *aponar*[4]. Tem as asas curtas, a ponto de não poder voar. É grossa e do tamanho da garça real, com o peito branco, o dorso preto como carvão e o bico semelhante ao do corvo-marinho (ou animal semelhante). Ao ser ferida, grunhe qual um porco. Já li a descrição dessa ave, da qual existe grande quantidade numa ilha bem na direção do cabo da Boa Vista, na costa da Terra Nova. O lugar tomou mesmo o nome da ilha dos Aponares[5] e nele há uma tal abundância dessas aves, que de certa vez três navios franceses, que iam ao Canadá, encheram os escaleres com os tais pássaros: bastou que os marujos desembarcassem na praia e tangessem-nas até os botes, como se faz aos carneiros no matadouro. Daí a oportunidade, que tenho, de falar do *aponar*.

A ilha da Ascensão, como tantas outras, não é ainda habitada.

A ilha da Ascensão é, demais, lindíssima, tendo, entretanto, apenas seis léguas de circunferência. Suas montanhas possuem muito belas

---

4 Buffon identificou o *aponar*, visto por Thevet na ilha da Ascensão, com o manco (*manchot*). Cf. o *Dict des Sc. Nat.*, II, p. 296. Seu nome científico é *Alca impennis*.

5 Gaffarel observa que Thevet faz alusão à viagem de Jacques Cartier ao Canadá. Eis a passagem da relação de Cartier (ed. Ramé, p. 3): "*Non obstant ledit banc, noz deux barques furent à ladite isle pour auoir des ouaiscaulx, desquelx y a si grand nombre, que c'est une chosse increable, qui ne la voyt.... Nous nommons iceulx ouaiseaulx aponnatz desquelx noz deux barques en chargerent em moins de demye heure, comme de pierres, dont chaiscun de noz nauires en sallèrent quatre ou cinq pippes.*"

árvores, arbustos verdejantes, ervas e flores, sem esquecer, como já o disse, a abundância de suas aves. Penso que, se essa ilha fosse povoada e cultivada, como tantas outras dos mares de além e aquém do Equador – renderia emolumentos iguais às de Tenedos, Lemos, Mitilena, Negroponto, Rodes, Cândia, as Cícladas e tantas outras situadas no mar de Helesponto. Pois, no mar Oceano, existem ilhas, umas com menos, outras com mais de oitenta léguas de circuito; mas, na maior parte, estão desertas ou despovoadas.

Após a esquadrilha ter deixado a ilha da Ascensão, começaram a ser vistas quatro estrelas de admirável brilho e grandeza, dispostas em forma de cruz, que ficavam, todavia, bem longe do polo antártico[6]. Os marujos, que navegam por essas paragens, dão-lhe o nome de *Carro*[7]. Pessoas da expedição julgam que uma delas é a Estrela do Norte, que se chama de Ursa Menor. A Ursa Menor ocultou-se desde que a Linha equinocial foi ultrapassada, do mesmo modo que várias outras estrelas do setentrião.

6 Trata-se do Cruzeiro do Sul, que já era conhecido antes do descobrimento da América. Diz Gaffarel que essa constelação figurava nos planisférios árabes, sendo conhecida dos venezianos e genoveses desde o século XIV.

7 No texto *chariotz*. O nome de *Carro* era dado às constelações da Ursa Maior e da Ursa Menor. A disposição das estrelas, no Cruzeiro do Sul, lembrava uma daquelas constelações: “Também vimos sobre o mar (diz Cadamosto) seis estrelas claras, luzentes e grandes, e, tirando-lhes o lugar pela bússola, vimo-las diretas ao sul, figuradas por este modo.... E assim julgamos ser o Carro do Sul” (*Coleção de notícias ultramarinas*, II, p. 57). Mestre Johannes, na célebre carta de 1500, escrita ao monarca português d. Manuel, observa: “e estas estrelas principalmente las de la crus son grandes casy como las del carro”. Como se vê, a semelhança entre o Cruzeiro do Sul e as constelações da Ursa, também chamadas constelações do Carro, deu lugar à denominação de *chariotz*, empregada pelos marujos da frotilha de Villegagnon.

. . . .

Capítulo XXII

DO PROMONTÓRIO DA BOA ESPERANÇA E DAS NUMEROSAS SINGULARIDADES NELE OBSERVADAS. MINHA CHEGADA ÀS ÍNDIAS AMERICANAS, OU FRANÇA ANTÁRTICA

Índia Meridional.
Cabo da Boa Esperança. Porque se chama *Leão do Mar*.

APÓS a passagem da Linha equinocial e das linhas de São Tomé, prosseguiram os navios pelo litoral etíope, conhecido pelo nome de Índia meridional, tomando a deliberação de atingir o trópico do Inverno, próximo do qual se encontra esse enorme e famoso promontório da Boa Esperança, que os pilotos também chamam de *Leão do Mar*[1] (tal o temor que desperta sua grandeza e inacessibilidade). Por ambos os lados, é esse cabo cercado de altas montanhas, uma das quais olha o oriente e a outra o ocidente.

Rinocerontes, ou bois da Etiópia.

Encontram-se nessa região numerosos rinocerontes, assim chamados por causa de um corno que têm no nariz. Alguns autores dão-lhes o nome de *bois da Etiópia*. Trata-se de um animal bastante monstruoso, que vive em perpétua guerra e hostilidade com o elefante – motivo pelo qual os romanos gostavam de promover combates entre as duas feras, nos espetá-

---

1 Vj. o prefácio, nota correspondente.

culos de gala, principalmente quando tinha lugar a investidura de um imperador, ou grande magistrado (como se faz ainda hoje, empregando-se, nas festas, ursos, touros e leões). O rinoceronte não é tão grande quanto o elefante, nem tal como em França o pintam. E se falo assim é porque, fazendo a travessia do Egito para a Arábia, vi um antiquíssimo obelisco, onde estavam gravadas algumas figuras de animais, em lugar de letras, assim como outrora se usava. Entre elas se percebia um rinoceronte, embora esse rinoceronte não tivesse pregas, cornos ou tampouco malhas, tais como os desenham os pintores (razão pela qual achei conveniente que, nesta obra, houvesse uma gravura dele). Conta Plínio, enfim, que o rinoceronte prepara-se para a guerra aguçando, na pedra, o corno, que consegue sempre enfiar no ventre do elefante, por ser esta a parte mais vulnerável do corpo do seu inimigo.

Há ainda, nessa região, numerosos asnos selvagens, assim como uma espécie de animal, que se caracteriza por um chifre do comprimento de dois pés, fixo entre os olhos[2]. Vi um dos referidos chifres em Alexandria, cidade do Egito, que um magnata trouxe de Meca. Afirmava o turco que, a exemplo do chifre do licorne, o do rinoceronte tinha virtudes até contra os venenos. Aristóteles chama o animal córneo de *asno das Índias*.

Extensão das Índias Orientais. O oceano Índico. O rio Indus. O rio Tartar.

Nas proximidades do grande promontório encontra-se a rota do poente ou levante; pois os que pretendem ir às Índias orientais, a saber, a Calicute, a Taprobana, a Melinde, a Cananor, etc., tomam a esquerda, costeando a ilha de São Lourenço[3] e pondo o beque do navio a oeste, ou melhor a sueste, com o vento do oeste-nordeste à popa. As Índias orientais são de tal extensão que muitos as consideram a terça parte do mundo. No dizer de Pompônio Mela e de Diodoro, é preciso quarenta dias, no mínimo, assim mesmo com o vento propício, para atravessar o oceano, que cir-

---

2 O animal de que fala Thevet, é o *hart-beest* ou *hartebeest*, – *Bubalis cama* ou *Bos bubalis* de Lineu *(Dict. des Sc. Nat.*, XX, pp. 306 e 307).

3 Um dos antigos nomes da ilha de Madagascar.

cunda essas regiões. O oceano Índico, por isso assim chamado, estende-se do setentrião ao monte Cáucaso. Índia vem do nome do rio Indus, como a Tartária provém do Tartar, no país do grão-cã. E é habitada por povos vários, tanto nos costumes, como nas crenças religiosas, alguns submissos a Preste João e adotando o cristianismo, sendo os demais, muçulmanos (como já observei quando se tratou da Etiópia), ou mesmo idólatras. A rota contrária, tomando a direita, é a da América, pela qual prosseguimos, favorecidos por um vento bom e propício. Demorou-se no mar, todavia, bastante tempo, não só por causa da distância dos lugares, como devido aos ventos contrários, que, depois, a esquadrilha sofreu. Ventos que retardaram os navios e apenas vieram favorecê-los após a passagem da latitude de 18°.

Sinal, aos navegantes, da proximidade da América.

Aproximando-se da América cerca de cinquenta léguas, observei um fato digno de memória e que não quero deixar no esquecimento: comecei a sentir o ar da terra, um ar muito diverso do das marinhas. E a sentir o suave odor das árvores, ervas, flores e frutos do país, melhor e mais agradável que o de qualquer outra região, mesmo a do Egito. E deixo-vos imaginar quanta alegria sentiram os míseros navegantes, há tanto tempo privados e desesperançados do uso desses alimentos.

Montanhas de Croistmouron. Macaé. Cabo Frio.

No dia seguinte, que foi o derradeiro do mês de outubro, cerca das nove horas da manhã, divisaram-se as altas montanhas de Croistmouron[4], bem

4 As montanhas de Croistmouron foram avistadas no dia 31 de outubro de 1555, aproximadamente às nove horas da manhã. Que montanhas seriam essas? A serra do Espinhaço, como julgam Gaffarel e Heulhard? Thevet escreve esse nome geográfico de duas maneiras – *montagnes de Croistmouron* (f. 42) e *pointe de Crouest Mouron* (f. 129). Varnhagen, em nota à obra de Gabriel Soares de Sousa (p. 483), diz que o nome indígena da baía de Todos os Santos era *Quigrigmuré* e acredita que é esse o local a que se refere Thevet, quando fala na *pointe de Crouest Mouron*. "Não andaria, porém, já nesse nome a ideia da residência de Caramuru?" – indaga Varnhagen. É bem possível. "*Quimure vel Bahia de Todos los Santos*", escreve Marcgrave (p. 261), o que Nieuhof repete (p. 11). Também há a hipótese de que o topônimo provenha do nome dos antigos *quimimuras*, ou *quinimuras*, supostos índios que habitavam o recôncavo da Bahia de Todos os Santos,

que não fosse esse o local aonde a esquadrilha pretendia chegar. Mas nele por nada quiseram os franceses aportar, uma vez que houve informações de que os selvagens dessa região eram firmemente aliados dos portugueses; antes, costeando a terra, distante da costa cerca de três ou quatro léguas, no

---

a qual não é, aliás, aceita por Plínio Airosa (nota à p. XCVII de Marcgrave, ed. de 1942). Num vocabulário da língua brasílica, ainda inédito, citado por Plínio Airosa, lê-se "Baía de Todos os Santos – *Querigmúre, Paranguçu*". Thevet, talvez por informações dos nautas, queria referir-se às terras de Caramuru, embora o seu verdadeiro *Crouest Mouron*, provavelmente, fossem os contrafortes meridionais da serra dos Aimorés.

A cronologia de Thevet sobre o assunto é a seguinte:

30-10-1555 (às 9 h. aprox.) ...... Avistam-se as montanhas de Croistmouron (f. 42)
2-11-1555 .... Ancoragem em Macaé (f. 42)
? .... Demora no Cabo Frio, por três dias (f. 46)
10-11-1555... Chegada à baía de Guanabara (f. 48).

Por outro lado, Nicolau Barré, em sua carta de 26 de julho de 1556, datada da baía de Guanabara, afirma que só a 3 de novembro, num domingo, pela manhã, *teve conhecimento da Índia Ocidental*. "*Ce lieu que nous descovrimes est par vingt degrez, appelé des sauvvagens Paraybe. Il est habité des Portugois, et d'une nation qui ont guerre mortelle avec ceulx auquelx nous avons alliance*" (cf. Gaffarel, *Histoire*, p. 378). A região *Paraybe* (*Parabe* numa carta de 1581, enviada ao governador de La Rochelle, *in* Gaffarel, *ob. cit.*, p. 496), Léry assim a descreve (p. 50): "*Vn peu plus auant, & par les vingt degrez habitêt les Paraïbes, autres sauuages, en la terre desquels, comme ie remarquay en passant, il se void de petites mõtagnes faites en point & forme de cheminees*". Hans staden chama o rio Paraíba do Sul de *Paraeibe* (p. 135).

Do exame geral da questão, se podem tirar as seguintes conclusões:

a) A região ao norte do cabo de São Tomé, até perto da latitude 20°, aproximadamente, se chamava genericamente de Paraíba (ainda hoje assim se denomina o maior dos seus rios), devido ao nome dos índios *parahybes*, que povovam, sobretudo, o litoral ao norte do rio Itapemirim ("*Vn peu plus avant*", diz Léry, isto é, um pouco antes de Itapemirim).

b) Provavelmente, a data de N. Barré (3 de novembro) indica a estadia em Macaé (2 de novembro, por engano, em Thevet). Barré diz que 3 de novembro era domingo, o que é exato. Se a ancoragem em Macaé tivesse sido no dia anterior, sábado, – Barré não teria falado em *domingo*.

c) A frotilha de Villegagnon gastou, portanto, cerca de três dias, entre Croistmouron e Macaé, – de 31 de outubro (às 9 h. aprox.) a 3 de novembro (pela manhã).

d) Em três dias, os navios da esquadrilha de Villegagnon deviam ter percorrido a distância que separa Macaé da latitude 21°, ou 20°50' (aproximadamente).

Em conclusão, as montanhas de Croistmouron, ou Crouest Mourron, deviam ser os contrafotes meridionais da serra dos Aimorés, que se supunham ficar nas vizinhanças das terras de Caramuru. E a *pointe de Crouesr Mouron* (outra forma de Croistmouron) algum cabo, mais ou menos notável, localizado nessa zona costeira.

rumo do destino pré-estabelecido, no segundo dia do mês de novembro a expedição ancorou em um lugar chamado Macaé[5], atraída pelo desejo de colher algumas notícias das forças armadas do rei de Portugal. Nesse sítio, de fato, arriaram-se os esquifes, mas, quando os tripulantes desembarcaram em terra, só os receberam quatro velhos selvagens, em virtude de os moços se acharem em guerra. É verdade que, no primeiro momento, fugiram os velhos selvagens, julgando tratar-se dos seus inimigos, os portugueses; pelo que foi preciso dar-lhes as maiores provas de segurança, para que, afinal, viessem ter ao encontro dos franceses. Nessa região, entretanto, a permanência durou apenas o espaço de um dia, depois do que os navios fizeram vela para o Cabo Frio[6], distante de Macaé vinte e cinco léguas.

Gechay.
Costume, que têm os selvagens de devorar os inimigos.

É o Cabo Frio uma região maravilhosa e bela, outrora descoberta e habitada pelos portugueses, antes chamada de Gechay[7], mas agora com o nome que lhe deram os seus colonizadores. Em virtude da amenidade do clima, erigiram ali os portugueses um fortim, com o ânimo de fixarem residência no lugar; poucos tempos depois, porém, – não se sabe por que motivo, – pereceram esses colonos às mãos dos indígenas e por eles, conforme o costume selvagem, foram devorados.[8] Aconteceu mesmo que, à chegada

5 No texto *Maqueh*. Léry escreveu *Maq-hé* (p. 53). Macaé dista do Cabo Frio cerca de 130 km.

6 Thevet escreve *cap de Frie*, demonstrando, com isso, ignorar o sentido do topônimo.

7 O nome geográfico não sobreviveu. Será uma corruptela de *yuquy*, que quer dizer sal, entre os guaranis (“O caderno da língua ou vocabulário português-tupi de frei João de Arronches”, p. 238)? Também temos a forma *jiquie, i-iquei*, o covo diferente. Cf. Plínio Airosa, nota à p. XCIV de Macgrave, ed. do Museu Paulista, São Paulo, 1942.

8 No mss de 1511, conhecido pelo nome de *Livro da Nau Bretoa*, consta que, nesse ano, já existia uma feitoria portuguesa em Cabo Frio (Antônio Baião, p. 345). Assim, a desavença, de que fala Thevet, é posterior à viagem da nau *Bretoa*. Por outro lado, sabe-se que alguns navios franceses foram assinalados na baía de Todos os Santos e mesmo no Rio de Janeiro (respectivamente em 1518 e 1525) (Gaffarel, p. 61 *sq*.). Deve, pois, datar dessa época a destruição da feitoria portuguesa. “Os franceses (informava Anchieta, em 1584) não desistiram de comércio do Brasil, e o principal foi no Cabo Frio e Rio de Janeiro, terra de tamoios, os quais sendo dantes muito amigos dos portugueses, se

da expedição francesa ao Cabo Frio, pretendiam os selvagens devorar dois portugueses, aprisionados em uma caravela, à maneira do que haviam feito com sete outros seus companheiros, – fato ainda de recente memória. E a presença dos franceses foi providencial, pois conseguiram eles, tocados pela piedade, resgatar e livrar os prisioneiros das mãos desses bárbaros.

Pompônio Mela chama ao promontório da Boa Esperança, – ao qual me referi linhas atrás – a testa ou cabeça da África, por causa de sua configuração geográfica, ali se estreitando e formando um ângulo, que, dobrado, abre novamente caminho para o setentrião. Esse cabo, do qual Ptolomeu jamais teve conhecimento, é o Finisterra e cume do continente africano, – dessa nova África, que vai terminar, com as montanhas da Habácia e da Gaiácia[9], no trópico do Capricórnio. A planície vizinha ao cabo é pouco habitada, por causa de sua aspereza, embora não se deva acreditar nos monstros humanos ali existentes, como há quem os descreva como se os houvera visto em sonhos. Povos com orelhas que caíam até os calcanhares, ou com um olho na testa, como os arismases. Outros sem cabeça, ou com um só pé, mas tão grande que com ele se resguardavam do ardor do sol. Tais os monomeres, os monosceles, os ciapodos.[10] E ainda outros mais estranhos, dos quais falam autores, mesmo dos modernos, sem

---

levantaram contra eles por grandes agravos e injustiças que lhes fizeram, e receberam os franceses, dos quais nenhum agravo receberam e iam e vinham, e carregavam suas naus de pau-brasil, pimenta, pássaros, bugios e outras coisas da terra, e davam roupa e todo gênero de armas aos índios e os ajudavam contra os portugueses e deixavam moços na terra que aprendessem a língua dos índios, e homens que fizessem transportar as mercadorias para quando viessem as naus" (*Cartas*, etc, pp. 310 e 311).

9 *Habácia* deve ser uma variante da *Abássia*, que é a mesma Abissínia (Humboldt, I, p. 334). A Abissínia já figura no mapa de Abu-Abdallah-Muhamed al-Edrisi (1154) e no de Frai Mauro (1459), respectivamente, sob as formas de *Abash* e *Abassia*. Na carta de Frai Mauro aparece, também, *Galla*, donde provém, talvez, o topônimo Daiácia. Adiante (f. 130), Thevet volta a falar nas *montagnes arbiciennes*.

10 A. Dembro & J. Imbelloni estudaram, recentemente, as três etapas das doutrinas das deformações do corpo humano; no período mais antigo, que é o de Thevet, predominava a crença de que as deformações fossem de natureza fisiológica, com a tendência para relacionar as regiões longínquas à possibilidade da existência de monstruosidades naturais. Esse período prolongou-se até os meados do séc. XVII (*Deformaciones*, p. 15 sq.).

nenhum discernimento ou razão. Embora não queira eu negar de todo a existência dos monstros sobrenaturais, de que tratam os filósofos, ou que a experiência confirma, mas apenas rejeitar fatos meramente alegados ou tão distantes das vistas.

Nas regiões circunvizinhas ao promontório africano – retornando ao assunto – há diversos animais perigosíssimos, daninhos, sobretudo aos pescadores, nativos ou não, da costa marítima, entre os quais o basilisco. É o basilisco, como todos sabem, um animal venenoso, que mata o homem apenas com o olhar. O corpo mede cerca de nove polegadas. Tem a cabeça serrilhada[11] e com um sinal branco em forma de coroa, as goelas rubras e o restante da face puxando para o negro, segundo pude depreender do exame de sua pele, que vi, no Cairo, nas mãos de um árabe. Esse monstro afugenta as demais serpentes apenas com o seu silvo (como diz Luciano), assim o fazendo para tornar-se o senhor absoluto das selvas. Tem na fuinha, segundo Plínio, um mortal inimigo. Pode dizer-se, com Salústio, que são esses animais selvagens, na África, os principais responsáveis pelo desaparecimento das populações.

E não queria deixar em silêncio tal fato, ao prosseguir minha narração.

11 No texto, *la teste eleuée en pointe de feu*. "Os ferradores chamam *pointe de feu*, um pedaço de ferro comprido, e pontudo, que se aquece para furar a pele de um cavalo em certas partes" (Emanuel de Sousa, II, p. 288). Thevet quer referir-se à crista serrilhada dos *iguanídeos*. Um dos característicos dos basiliscos, de fato, era a expansão cutânea triangular, elevando-se verticalmente acima do occipício, – espécie de aresta escamosa, serrilhada, sustentada pelas apófises espinhosas da vértebra (C. d'Orbigny, *Dict. d'Hist. Nat.*, II, p. 487).

. . . .

Capítulo XXIII

DA ILHA DE MADAGASCAR, TAMBÉM CHAMADA DE SÃO LOURENÇO

O DESEJO de nada omitir de útil ou necessário ao leitor e, por outro lado, a preocupação, como é do dever de quem escreve, de não esquecer nenhum fato relativo ao assunto escolhido, – incitaram-me a dar uma notícia dessa notável ilha, que conta setenta e oito graus de longitude e de latitude, onze graus e meio. Essa região vem sendo, de alguns tempos a esta parte, bastante povoada de negros bárbaros, que adotam crenças religiosas quase iguais às dos maometanos (exceção de alguns idólatras de outras religiões).

Fertilidade da ilha de São Lourenço.

Descoberta pelos portugueses e batizada com o nome de São Lourenço (anteriormente tinha o nome indígena de Madagascar), é, em virtude de sua maravilhosa situação, rica e fértil de todos os bens. Produz a terra, sem que seja preciso plantar e cultivar, árvores frutíferas; as frutas são tão doces e agradáveis quanto as das plantas de enxerto. O que não é comum com as frutas agrestes, em geral rudes e de sabor áspero ou estranho, quando não vêm da terra trabalhada pelo lavrador. Na ilha de Madagascar, entretanto, são elas melhores do que as do continente, embora continente e ilha estejam na mesma zona e temperatura.

O *chicotin*, fruta a que se dá o nome de "noz da Índia". Diversas utilidades dessa fruta.

Nessa ilha cresce o *chicotin,*[1] e a árvore, que o produz, assemelha-se ao *plumier* do Egito ou da Arábia, tanto em altura como em folhagem. É fruta conhecida na Europa (para onde a levam os navios), mas pelo nome vulgar de *noz-da-Índia*. Os mercadores têm-na em muita conta, porque, além dos lucros do frete, é muito bonita e serve para a fabricação de recipientes. Acredita-se, demais, que o vinho, depois de algum tempo guardado nesses recipientes, adquirem melhor gosto, devido ao odor (semelhante ao da noz-moscada) e fragrância da fruta. Os que têm o costume de beber nos cocos – conforme me contou, quando estive no Cairo, um judeu, que ocupava o lugar de médico-chefe do pachá dessa cidade – estão livres de dores de cabeça e de dores nos rins. E, além disso, a fruta tem ainda poder diurético. De tudo isso, enfim, mais do que outro qualquer fato, me convenceu a experiência, mãe de todas as coisas.

O valor dessa planta não passou despercebido de Plínio e outros, os quais afirmam que todas as palmeiras são cordiais e próprias para várias indisposições. O coco é muito saboroso, sobretudo a sua polpa externa; melhor ainda é o caroço, quando cozido novinho. Quando os etíopes e indianos adoecem, colhem-no e bebem-lhe o suco, que é branco como leite, sentindo-se logo aliviados. E, quando o têm em abundância, fazem dele ainda uma espécie de alimento, composto de farinha fabricada de certas raízes, ou feita com o peixe, o qual, depois de cozido, comem. Não é a água do coco de grande duração, mas, quando se pode conservá-la, torna-se comparativamente melhor para a pessoa do que o próprio alimento nele contido. Para preservá-la bem, fervem-na, em bastante quantidade, guardando-a, depois de fria, em vasos para tal fim preparados. Alguns adicionam-lhe mel, com o objetivo de torná-la mais agradável. A árvore desse fruto é tão tenra que, ao menor toque ou talho, destila um suco suave e capaz de estancar a sede.

---

1 No texto, *Chicorin*; à margem, *Chicotin*. O *chicotin* não é o coqueiro, como supõe Gaffarel, mas uma espécie de azebre ou aloés da ilha de Socotorá (*Aloes spicata*, *Aloes succotrina* Lamk, *Aloes soccotrina* D. C., *Aloes vera* Mill). O nome, empregado por Thevet, é uma corruptela de *socotrin*.

Ilha do Príncipe.
Sete espécies de palmeiras americanas.

Todas as ilhas situadas na costa etíope, tais como a ilha do Príncipe (localizada na longitude de 35° e na latitude de 2°)[2], as de Mopata[3], Zanzibar, Mônfia[4], Santa Apolônia[5] e São Tomé, abaixo do Equador, são ricas e férteis, cobertas em geral dessas palmeiras e árvores outras, de frutos maravilhosamente bons (dessas palmeiras e de muitas outras espécies, embora nem todas sejam como as do Egito). Nas Índias americanas e no Peru, tanto em terra firme como nas ilhas, contam-se sete espécies de palmeiras[6], de frutos todos diferentes uns dos outros, entre as quais algumas que dão tâmaras saborosas como as do Egito, da Arábia Feliz e da Síria.

Melões de extraordinárias dimensões.
A espadana, uma erva.
Abundância do legítimo sândalo.

Na ilha de Madagascar encontram-se ainda, melões[7] de extraordinárias dimensões, que mal pode um homem abraçar, avermelhados, alguns, porém, brancos ou amarelos, mais sadios do que os europeus (principalmente os que, com muito prejuízo para a saúde pública, são cultivados em Paris e seus territórios). E também várias espécies de ervas cordiais, entre elas uma chamada espadana[8] (semelhante à nossa chicória silvestre), que os nativos aplicam nas chagas e ferimentos, assim como nas mordeduras das víboras ou outros animais venenosos. Pois essa planta – e muitas outras mais, notáveis, que não possuímos – tem a propriedade de expelir o

---

2 A latitude N. da ilha é de 1° 32' e 1° 42'.

3 *Mopata* é, talvez, algum ilhéu da costa de Mombaça, se não é uma corruptela de Monomopata.

4 O mesmo que Máfia.

5 Um dos antigos nomes da atual ilha Maurícia.

6 Para Léry (p. 188) não existiam mais que quatro ou cinco espécies. Gabriel Soares de Sousa (p. 220), que é, aproximadamente, da mesma época de Thevet, menciona oito.

7 Trata-se do *voatangue* de Flacourt (há, também, as variantes *voantalanghe* e *voatave*). A melancia é a chamada *voamangue*. Cf. *Dict. Des Sc. Nat.*, LVIII, p. 305 e 307.

8 No texto, *spaguin*. Gaffarel confessa que não pôde identificar a planta. Todavia, a espadana (*Butomus umbellatus* L.) já era conhecida, entre os antigos, pelo nome de *sparganium*.

veneno. Quanto ao resto, possuem os bosques e matas da ilha, abundante e puro sândalo, com o qual seria de desejar que houvesse um bom tráfico. O tráfico, pelo menos, teria a vantagem de facilitar a aquisição do legítimo sândalo, dada a excelência e propriedade que lhe atribuem os autores.

Pá, estranho pássaro.
O asno índico.
O orix.

Feras, peixes, pássaros – há-os em Madagascar, dos melhores e em quantidade tal quanto lhe é possível. Tratando, em primeiro lugar, dos pássaros, reproduzo a figura de um, bastante estranho, da feição de uma ave de rapina, bico aquilino, enormes orelhas pendentes até a garganta, o cume da cabeça ornado de pontas de diamante, pés e pernas, como o restante do corpo, veludos, a plumagem, em geral, puxando para o prateado, exceção da cabeça e das orelhas, que são escuras. Chama-se esse pássaro, na língua nativa, *pá*, que quer dizer, em persa, *pé* ou *perna*; nutre-se de cobras, de que há, no lugar, muita abundância e variedade, assim como, também, de outras aves (mas aves diferentes das da Europa). Em relação às feras, contam-se inúmeros elefantes. Notam-se ainda duas espécies de unicórnios: um deles o *asno índico*, que não tem o pé bifurcado como o da Pérsia; outro, o chamado *orix*, que possui, ao contrário, o pé bifurcado. Só em terra firme encontram-se asnos selvagens. Se há licornes, não tive notícias disso, embora, estando nas Índias americanas, alguns indígenas, vindos de cerca de sessenta ou oitenta léguas distantes, por mim interrogados sobre diversas coisas, contassem que em suas terras havia numerosos animais semelhantes às vacas selvagens, com a diferença de que só tinham um chifre na testa, mais ou menos do comprimento de uma braça[9]. Não sei dizer, entretanto, se tais feras eram licornes ou onagros.

Madagascar, que fica bem distante da América, nutre abundantes cobras e lagartos de extraordinários tamanhos. É fácil apanhá-los sem risco de danos. Comem-nos os negros, a esses sapos e lagartos, do

9 Trata-se, segundo parece, do búfalo, ou *bos americanus*, hipótese que vem favorecer a teoria das relações existentes entre as populações indígenas sul-americanas e as do continente áfrico.

mesmo modo que o fazem os selvagens americanos.[10] Dos lagartos há alguns pequenos, menos grossos que uma perna, de fino e delicado sabor, como se veem muitos bons peixes e pássaros, que os indígenas comem quando bem lhes parece.

O âmbar-gris, que é muito cordial.

Entre outras singularidades escolhidas dentre o enorme número de peixes, figuram as baleias, das quais os habitantes do país extraem âmbar, que várias pessoas acreditam ser o âmbar-gris, coisa rara e preciosa. O âmbar, do qual fazem intenso tráfico os mercadores estrangeiros, é, aliás, também muito cordial e próprio para reconfortar as mais nobres partes do corpo humano.

10 Léry confirma, a esse propósito, as informações de Thevet: "*Nos Bresiliens au surplus, prennent des llezards, qu'ils appellent* Touous*, non pas verds, ainsi que sont les nostres, ains gris & ayans la peau licee.... Semblablement nos* Tououpinambaoults *ont certains gros crapaux, lesquels Boucanez auec la peau, les tripes & les boyaux leur servent de nourriture*" (pp. 147 e 148). Do mesmo modo Anchieta (p. 43 e 114). Em sua carta, Nicolas Barré quase que reproduz Anchieta (cf. Gaffarel, pp. 381): Vj. ainda Marcgrave, p. 273; G. Soares de Sousa, p. 306 *et passim*; Fernão Cardim, p. 165.

. . . .

Capítulo XXIV

DA CHEGADA DA EXPEDIÇÃO AO LUGAR CHAMADO CABO FRIO, NA FRANÇA ANTÁRTICA, TAMBÉM CONHECIDA PELO NOME DE AMÉRICA

DEPOIS QUE, por dom da divina clemência, a expedição aportou em terra firme, mais tarde do que era o desejo e esperança de todos, mas no termo de tão longa navegação, em vez de repousar tratou ela logo de descobrir um local apropriado para o seu estabelecimento (nesse momento, o nosso pasmo e o nosso ânimo eram iguais aos dos troianos quando arribaram à Itália)[1]. E assim foi que, mal tendo feito um breve pouso na região, de que já falei precedentemente, de novo se viu a expedição ao mar, com vela para o Cabo Frio, onde, apesar de evidentes mostras de alegria e acolhimento, por parte dos selvagens, não se demorou mais que três dias[2].

---

1 O estilo por vezes confuso de Thevet deu lugar a um engano de Léry. Thevet, como afirma Léry no prefácio de sua *Histoire*, não pretendeu dizer que arribou, no dia 10 de novembro, ao Cabo Frio. Só se pode entender o trecho inicial do capítulo XXIV (f. 46), cotejando-o com o texto do capítulo subsequente (f. 49 e seg.). A frase "*qui fut le dixiesme iour de novembre*" foi posta fora do seu devido lugar, motivo por que a suprimi do presente capítulo.

2 Na sua *Cosmographie Universelle*, liv. XXI, cap. 4, fl. 913, Thevet afirma que demorou em Cabo Frio alguns meses. Essa contradição deu lugar a críticas de Léry, no prefácio de sua *Histoire*.

O cauim, beberagem dos selvagens americanos. O auati, espécie de milho. Superstição dos silvícolas relativa à fabricação do cauim.

Os indígenas saudaram os franceses, conforme o costume da terra, uns após outros, pronunciando a palavra *caraiubé*[3], que é o mesmo que dizer "boa viagem", ou "sejam bem-vindos". E, para os deixar bem informados das maravilhas todas do país, um dos seus maiores morubixabas[4], isto é, o rei, ofereceu-lhes farinha feita de certas raízes e *cauim* (que é uma bebida extraída do milho chamado *auati*[5], fruto cujos bagos são do tamanho de ervilhas). Desse milho, do qual há duas espécies, uma negra e outra branca, misturado a umas raízes, faz-se geralmente o vinho, que,

---

3 "*Ceste premiere solutatiõ ainsi faite de bonne grace, par ces femmes Brasiliennes, le* Moussacat*, c'est à dire, vieillard maistre de la maison..... venant lors à vous, vsera premierement de ceste façon de parler: Ere-ioubé? c'est à dire. Es tu venu?*"(Léry, p. 325; cf. também a p. 347.) O mesmo em C. d'Abbeville (p. 161): "Aproximei-me dele, estendeu-me os braços, abraçou-me estreitamente, beijou-me as mãos, e disse – Eré Ioupé, pay/ Chegaste, padre?" (veja-se também a p. 332). E em I. d'Évreux (p. 194): "Escolhendo o francês um compadre, segue-o e vai para a aldeia, e então o hóspede com certa gravidade, como se nunca o houvesse visto, lhe estende a mão e lhe diz: *Ereiup chetuassap?*" – Chegaste, meu compadre? – coisa digna de ver-se e de contemplar-se." Consultar-se ainda Fernão Cardim (pp. 171 e 339).
A palavra empregada por Thevet, deve ser uma variante ou forma errônea de *ere-iu-pe* ou *erejupe*. No texto, *Cariubé*.

4 No texto, *Morbichaouassoub*. Em Mantoya, *mburubichá*; em Cardim, *Morubixaba*; em Évreux, *Muruuichave*; em Abbeville, *Buruuichaues*. Há, ainda, as variantes *tubichab* e *ubichab*, origem das palavras *tuxaua*. Os índios davam esse nome aos reis de Portugal e de Espanha (Cardim, pp. 253 e 254, nota de Batista Caetano de Almeida Nogueira).
Sobre mais alguns pormenores a respeito desse morubixaba, que se chamava *Pindo* ou *Palmier*, cf. Heulard, p. 108.

5 No texto, *Aauty*. É o milho (*Zea Mays*, L.), indígena na América. No dizer de Hoehne (*Bot.*, p. 114), são inumeráveis as variedades de coloridos dos grãos. O milho era um complexo indígena dos mais importantes. Servia para a fabricação do cauim. Reduziam--no os tupinambás à farinha, de que faziam bolos (bolos de milho zaburro, pão de fubá de milho) (*Diálogos*, p. 180). Comiam-no assado, cozido, ou ainda em pipocas. De acordo com Rodolfo Garcia, o nome *abati* ou *auati* provém de *aba* (cabelo) *e tin* (branco), alusão aos filamentos esbranquiçados, que envolvem a espiga ("Glossário", p. 22). Cf. cap. LVIII, nota correspondente. Mas Plínio Airosa diz que a etimologia proposta por R. Garcia é duvidosa e forçada (nota à p. XC de Marcgrave, ed. do Museu Paulista, São Paulo, 1942).

depois de cozido, adquire a cor do clarete. Embora espesso como o mosto, os selvagens apreciam-no tanto que com ele se embriagam. Na fabricação, usam os indígenas estranha prática supersticiosa, que consiste em mastigar algumas moças virgens o milho[6], cozido em grandes vasilhas de barro, da capacidade de um moio, o qual, depois, transportam para outro recipiente apropriado à operação. Quando é mulher casada quem mastiga o milho, deve abster-se esta, por alguns dias, de relações sexuais com o marido, do contrário jamais atingiria a bebida a necessária perfeição. Após a mastigação, vai a mesma novamente ao fogo, até que é purgada, como quando se ferve o vinho nos tonéis. Em seguida, decorridos alguns dias, bebe-se o cauim[7].

O morubixaba, que assim tratou a todos, conduziu os franceses até uma grande e comprida pedra, de cerca de cinco pés, na qual se viam sinais parecendo feitos por golpes de vergasta, ou bastonete, ao lado da impressão de dois pés. Afirmam os silvícolas que esses sinais foram feitos pelo

---

6 Sobre a mastigação do milho, cf. Anchieta (p. 330) e Marcgrave (p. 274). Afirma este que a mastigação era feita pelas velhas. H. Staden confirma a observação de Thevet: "As mulheres é que fazem também as bebidas. Tomam as raízes de mandioca, que deitam a ferver em grandes potes, e quando bem fervidas, tiram-nas e passam para outras vasilhas ou potes, onde a deixam esfriar um pouco. Então as moças assentam-se ao pé a mastigarem as raízes, e o que fica mastigado é posto numa vasilha à parte" (p. 145). Igualmente, Gabriel Soares de Sousa (p. 376). Pero de Magalhães Gandavo, então, não deixa dúvidas sobre o assunto: "e depois de cozida mastigam-na umas moças virgens" (p. 51).

Diz Léry que os franceses procuraram fabricar o cauim sem a mastigação; mas, para falar verdade, "*la experience nous monstra, qu'ainsi fait il n'estoit pas bon*" (p. 138). Em suma, as informações de Thevet a propósito da mastigação do milho por parte das moças virgens são, a despeito de Léry, confirmadas por H. Staden, Gabriel Soares de Sousa e , sobretudo, Gandavo. Se era a mulher casada – o que podia acontecer – devia a mesma abster-se, por algum tempo, de relações sexuais.

7 O cauim era a mais importante das bebidas fermentadas dos tupinambás. Fabricava-se com numerosas plantas ou frutas – o caju, o milho, a mandioca doce, o abacaxi, a banana, o aipim, o jenipapo, a mangaba, a jabuticaba. Sobre mais informações, cf. Herbert Baldus & Emílio Willems, p. 45 e 46. Fontes em: Gandavo, p. 51; Cardim, p. 58, 60 e 71; diversos autores, inclusive G. Soares de Sousa (p. 376) e Anchieta (p. 330). Era preciso mexer bem a salsada com um pau. Isso feito, despejava-se a beberagem em vasilhas especiais, meio enterradas no solo, onde permaneciam durante dois dias (H Staden, p. 145).

3. O preparo do cauim (Thevet)

maior de seus caraíbas[8], tão reverenciado entre os índios quanto o é Maomé entre os turcos – o qual lhes ensinou o uso do fogo e o plantio das raízes. Até então, alimentavam-se os selvagens exclusivamente de ervas e caças. Guiados sempre pelo mesmo chefe, procederam os franceses a um cuidadoso reconhecimento da região do Cabo Frio, chegando à conclusão de que não havia nela água doce senão bem distante. Pelo que ficou resolvido, com pesar geral, que, não obstante a amenidade do clima, era inconveniente o estabelecimento da expedição nesse lugar, ou a permanência nele por mais tempo.

Rio de água salgada.
Pássaros de plumagens várias.
Manto de plumas, trazido da América.
A arara ave vermelha.

Existe nessa região um rio de água salgada, que corre entre duas montanhas, até cerca de trinta e seis léguas pelo país a dentro[9]. Não distam as montanhas, entre si, mais do que o alcance de uma pedrada. Contém

8 "Na cidade de Cabo Frio, distante dezoito léguas do Rio de Janeiro, em altura de vinte e seis graus e um sétimo para o sul, no lugar chamado Itajuru, se vê um penedo em que estão esculpidos oito sinais de bordão, como se as pancadas foram em branda cera; e é tradição entre os índios que aqueles sinais são do bordão de São Tomé" (Loreto Couto, p. 65). Sobre a mesma lenda, ver ainda: *Diálogos*, p. 266 (em que se afirma ter Santo Tomé ensinado o uso da mandioca, que antes os índios não conheciam); Anchieta p. 332 (o apóstolo é chamado Çumé); Manuel da Nóbrega, p. 91 e 101 (Santo Tomé aparece com o nome de Zomé); *Cartas avulsas*, p. 130; Simão de Vasconcelos, p. 37 *et passim*. Cf, também o estudo de C. Passalaqua (p. 138 sq.). *A Nova Gazeta Alemã* (p. 14, 45 e 46) e A. Métraux, *La religion des Tupinamba* (p. 7 sq.). Esses sinais não existiam só em Cabo Frio, mas em São Vicente, nos sertões da Bahia, etc. Trata-se, necessariamente, de inscrições lapidares ou rupestres. Na sua *Cosmographie Universelle*, Thevet deixou-nos a história de Sumé, o herói civilizador (*Heilbringer* dos alemães), que ensinou muitas práticas úteis aos tupinambás. Os antepassados dos guaranis-pausernas (ou itatins), tinham notícias de um *Pai-Cuma*, que lhes ensinara a tonsurar a cabeça e deixara sinais de seus pés. Os omáguas davam o nome de Zumi-Topana ao autor supremo da natureza. O deus civilizador dos tambés, Maira, ensinou a esses índios o plantio da mandioca. Alusão à mesma lenda, em F. Paucke, I, p. 103.

9 Referência à lagoa de Araruama, que mede 45 km de comprimento, muito menos do que julgava Thevet (Moreira Pinto, I, p. 143).

o rio muito peixe de boa qualidade e de diversas sortes, principalmente grandes bargos ou mugens. Os bargos ou mugens são realmente tantos que, quando estive no Cabo Frio, vi um selvagem pescar mais de mil deles, com um lanço só da rede. Há, demais, numerosas qualidades de pássaros, de plumagens várias, algumas vermelhas, ou de fino escarlate, outras brancas, cinzentas, ou pintadas (como as do esmerilhão). Dessas plumas fazem os selvagens penachos ornamentais de diversas sortes, com os quais se cobrem, quando vão à guerra ou massacram seus inimigos; alguns fazem das plumas mantos ou barretes a seu modo[10]. Fiz presente de um desses mantos, que poderá ser visto por quem o quiser, ao senhor de Troistieux, gentilhomem da casa do reverendíssimo monsenhor, o cardeal de Sens[11].

---

10 Os ornamentos, em que as plumas exerciam papel principal, consistiam nos *diademas*, *sombreiros*, *colares, braceletes*, *ligas, gargantilhas*, *rodelas* e *mantos*. As aves usadas eram as mais diferentes (as araras, os quiruás, os canindés, os guarás, os tucanos, as emas, etc.). Os diademas dos tupinambás são descritos pelo alemão H. Staden da seguinte maneira: "Têm mais um ornato feito de penas vermelhas, a que se chamam *kanittare* e que amarram em roda da cabeça" (p. 148). Léry dá-nos uma notícia mais minuciosa da acanitara à qual se referem também Abbeville, Gabriel Soares de Sousa, Fernão Cardim e outros. Métraux fez um bom estudo de técnica do cocar de plumas, graças a um magnífico exemplar existente no Museu Nacional de Copenhague (*La civilisation matérielle des tribus tupi-guarani*, p. 131). Os ornamentos plumários, que aparecem na gravura da p. 166 da obra de H. Staden (ed. cit.), representam, talvez, alguns desses sombreiros descritos pelos cronistas clássicos.
Os diademas e sombreiros eram ornamentos exclusivamente masculinos; do mesmo modo as rodelas, – enfeites de guerra, construídos com penas de ema, que se prendiam aos rins por dois cordéis. As rodelas, ou rosetas, chamavam-se *arasoyas* (Staden, p. 71; Léry, p. 109, onde se lê *Araroye*, provavelmente por erro do tipógrafo). Os mantos de plumas eram feitos, sobretudo, de penas de guará (*Eudocimus ruber*, Lin.), ou, na falta, com as penas de outras aves vistosas. Sobre o assunto, cf. a erudita nota de Plínio Airosa, à recente ed. bras. de Léry, p. 105.
Sobre a araçoia e outros ornatos plumários, leia-se a interessante nota de Eloísa Torres, à pp. CII e CIII de Marcgrave (ed. de 1942).

11 Acha Métraux que o manto de plumas, originário de *Cabinet du Roi*, depois exposto no Trocadero, é o mesmo ornamento oferecido por Thevet ao gentilhomem da casa do cardeal (cf. Almeida Prado, p. 202). Esse cardeal, Jean Bertrand, ou Bertrandi, chanceler da França (1470-1560), descendia de uma das mais antigas famílias do sul do país, tendo ocupado dois importantes cargos públicos em Tolosa (capitular e presidente do Parlamento). Nos meados do século XV, Bertrand já se encontrava em Paris, exercendo cargos de relevante significação política, inclusive o de guarda dos selos reais, – diz-se que com o amparo de Diana de Poitiers. Ao enviuvar, porém,

Guarda dos Selos de Fança, apreciador de singularidades de tal ordem e amante de todas as pessoas virtuosas. Entre o número das aves tão diferentes dos do hemisfério europeu, existe uma, que os selvagens chamam *arara*[12], fisicamente muito semelhante à garça real, exceção de sua plumagem, rubra como o sangue de dragão.

Os pequenos caramujos e seu uso.
Favas marinhas.

Vi ainda inúmeras árvores e arbustos, que verdejavam durante todo o ano, a maior parte dos quais produz gomas ou resinas, diversas tanto na cor como em outros aspectos. Também se encontram no litoral pequenos caramujos ou *burriés*[13] (que são uma espécie de búzios da grossura de ervilhas), que os selvagens trazem ao pescoço, enfiados à maneira de pérolas, especialmente quando se encontram doentes, pois acreditam que essas conchas estimulam o ventre e lhes servem de purga. Costumam também os índios reduzir os caramujos a pó, que depois é ingerido, para o fim, segundo dizem, de incitar o fluxo sanguíneo (o que nos parece contrário à sua virtude purgativa, embora seja possível, dada a diversidade da substância, que a eficácia de tais elementos venha a ser mesmo dúplice). Motivo pelo qual as mulheres, mais comumente que os homens, trazem os referidos caramujos ao pescoço e aos braços. Nessa região e em todo o litoral existe abundantemente, na areia, uma espécie de fruto, que os espa-

---

ingressou na ordem eclesiástica. Justamente em 1557, isto é, ao tempo da 1ª edição das *Singularidades*, era Bertrand nomeado cardeal de Sens.

Thevet, como já se viu, dedicou-lhe a obra. Pensa Gaffarel que foi graças à amizade de dois cardeais – o cardeal Bertrand e o cardeal Carlos de Lorena – que o nosso franciscano conseguiu algumas boas sinecuras, a saber, o lugar de capelão da rainha Catarina de Médicis e o de historiógrafo e cosmógrafo do rei.

12 No texto, *Arat*. A arara é descrita por Léry (p. 158). Foi Américo Vespúcio quem primeiro assinalou essa ave. A respeito das relações entre a arara e certos mitos ameríndios, cf. H. Baldus, *Ensaios,* p. 223 *et passim*.

13 No texto, *Vignots*. Talvez a *Littorina littorea* L., descrita por Fischer (p. 708). Léry escreve *Vignol* (p. 112 e 116). Em português tem vários nomes (litorina, burrié, caramujo, burgau, etc.). As costas do Cabo Fio são mesmo ricas de conchas, tanto assim que há um local, perto desse promontório, com o nome de Búzios. C. F. Hartt, quando lá esteve, colecionou várias espécies, entre as quais a *Cassis madagascariensis* e a *Cyprara exanthema* (p. 63).

nhóis chamam de *favas marinhas*. Essas favas são redondas como o tostão, todavia mais espessas e grossas, de cor avermelhada (dir-se-ia, pelo aspecto, que são artificiais). Os nativos do lugar não ligam importância às favas marinhas, ao contrário dos espanhóis, que lhes votam singular estima, levando-as para o seu país, no qual as damas e moças de família costumam usá-las, ao pescoço, engastadas em ouro ou prata, pelo fato de acreditarem que curam as cólicas, as dores de cabeça e outros incômodos.

No interior do Cabo Frio estende-se uma planície coberta de árvores diferentes das da Europa, rica, por outro lado, de belos rios, cujas águas são maravilhosamente límpidas e cheias de peixes. Entre estes descreverei um, grande demais para peixe de água doce, tanto quanto é possível ver e o demonstra a figura ao lado. É peixe de tamanho e grossura pouco inferior à do arenque, sendo todo protegido, de cabeça à causa, à maneira do animalzinho terrestre de nome tatu[14]. Ao peixe, de que falo, chamam os selvagens de tamoatá[15].

Tem a cabeça mais grossa do que o corpo. Possui ainda, três ossos no lombo. Serve bem de alimento (pelo menos assim o usam os indígenas).

---

14 No texto, *Tatou*. Isto é, a casca dura, a carapaça. Staden (p. 171) deixou um desenho do animal e Gabriel Soares de Sousa (p. 295 e 296) uma longa descrição.
Ao descrever três das variedades brasileiras do gênero *Dasypus*, houve um erro de paginação na obra de Marcgrave, que originou confusão ao próprio Cuvier.

15 No texto, *Tamouhata*. Compara-se o trecho de Thevet com o de Léry (p. 175): "*Le premier que les Sauuages appelent Tamou-ata n'a communément que demi pied de long, a la teste fort grosse, voire monstrueuse au pris du reste, deux borbillons sous la gorge, les dêts plus aigues que celles d'un brochet, les arestes picquantes, & tout le corps armé d'escailles si bien à l'espreuue, que comme l'ay dit ailleurs du Tatou beste terrestre, ie ne croy pas qu'un coup d'espee luy fist rien: la chair en est fort tendre, bonne & sauoureuse*".
O tamoatá (*Callichthys callichthys*, Linn.) é um peixe de água doce da família dos cascudos, com dupla série de placas laterais. Thevet não observou um interessante costume dos cascudos – a migração por terra, na qual empregam, às vezes, dias consecutivos, vivendo, durante esse tempo, das reservas armazenadas nas guelras (R. v. Ihering, pp. 59 e 60). Inf. em G. Soares de Sousa (pp.). Gandavo (p. 117), Abbeville (p. 285). Outras formas: *tamboatan*, *tamboatá*, (*ilegível*), *camboatá*, *cascudo*, *soldado* (cf. Alberto Vasconcelos, p. 117). Marcgrave escreve *Tamoata* (p. 151) e refere-se à couraça, que o reveste, composta de longos corpos escamosos. Interessante nota de J. de Paiva Carvalho & O. Sawaya, na nova ed. de Marcgrave, p. LV.
Perdeu-se, ao que parece, a gravura do tamoatá, à qual faz referência Thevet.

. . . .

Capítulo XXV

DO RIO GUANABARA (TAMBÉM CHAMADO DE JANEIRO), E DE COMO ESSE PAÍS, ONDE APORTARAM OS FRANCESES, TOMOU O NOME DE FRANÇA ANTÁRTICA

Guanabara, assim chamada por ser semelhante a um lago.

NÃO HAVENDO vantagem em permanecer no Cabo Frio, pelas razões já atrás mencionadas, a expedição tratou logo de deixar o lugar, velejando com os navios para outras regiões. Embora isso fosse feito com o pesar dos índios, esperançosos de maior permanência e aliança, pois assim lhes deram a entender os franceses, quando lá chegaram. De modo que navegamos por espaço de quatro dias, até quando, a 10 do mês[1], foi encontrado esse grande rio, chamado de Guanabara pelos do lugar (por ser semelhante a um lago[2]), ou de rio Janeiro, pelos que primeiro o des-

---

1 No texto, *pourtant nauigasmes l'espace de quatre jours, iusque au dixiesme*. Thevet quer dizer que chegou à baía de Guanabara no dia 10 do mês, que se sabe ser o de novembro de 1555.

2 No texto, *Guanabara* (que se pronunciava *ga-na-ba-rá*). "*Guanabara*, ant. *Guanabará*, o rio semelhante ao mar, ou rio da baía, alusão à barra do grande lagamar" (Teodoro Sampaio, O *tupi*, p. 218). N. Barré repete Thevet: "*la riviere de Ganabara, pour la similitude qu'elle a au lac*" (cf. Gaffarel, *Histoire*, p. 379).

cobriram[3]. O rio da Guanabara dista do Cabo Frio cerca de trinta léguas[4]. Fortes ventos contrários retardaram a viagem.

---

3 Como se sabe, duas importantes expedições visitaram o Brasil no primeiro quinquênio do séc. XVI: a de Fernão de Loronha (1501-1502) e a de Gonçalo Coelho (1503-1505). A de Loronha, que esteve no cabo de São Roque, na foz do rio de São Fransisco e na baía de Todos os Santos, descobrindo, de volta, a ilha de Quaresma (hoje chamada Fernando de Noronha, forma errônea do nome do descobridor); a de Coelho, que tocou no Cabo Frio, na ilha de São Sebastião, na de Santo Amaro e na de Cananeia (Duarte Leite, "O mais antigo mapa", p. 253 sq.). De ambas as expedições fez parte Américo Vespúcio, talvez contratado por seus patrícios, comerciantes em Lisboa. Na célebre *Lettera* dirigida a Soderini, datada de 4 de setembro de 1504, o florentino afirma que, depois de estar na baía de Todos os Santos mais de dois meses, desceu a costa brasileira por espaço de 260 léguas, até chegar a um porto, onde foi construída uma fortaleza. Nesse porto ficaram vinte e quatro homens, com mantimentos para seis meses. E logo houve quem supusesse ter Gonçalo Coelho visitado o Rio de Janeiro durante o percurso da expedição, tendo sido a feitoria de que fala estabelecida no Cabo Frio. Também há quem sustente que o descobrimento do Rio de Janeiro data da viagem de Fernão de Loronha.

O mais seguro é que a baía de Guanabara não foi avistada em nenhuma dessas expedições. Possivelmente, era ela conhecida dos franceses, desde, pelo menos, 1505, – mas nada se sabe de seguro. O nome do Cabo Frio aparece, pela primeira vez, no mapa de Kunstmann III (de 1506, ap.). O do Rio de Janeiro só é consignado muito posteriormente, nas cartas de Reinel, Viegas, Vaz Dourado, Lázaro Luís e Le Testu (João da Costa Ferreira, p. 182). Só em 1515 é que temos notícias exatas de uma visita ao Rio de Janeiro, – a de João Dias de Solis, mas isso mesmo por Antonio de Herrera, que informa: "*llegaron al rio de Genero en la costa del Brasil, que está a veinte y dos graos y un tercio de la Equinocial, al Sur*" (I, dec. 2.ª, liv. 1º, cap. 7). Como esse cronista, além de pesquisador cuidadoso, tinha acesso aos arquivos oficiais, sua afirmativa merece toda a fé. Afrânio Peixoto encontrou uma referência a esse topônimo (*rio... de Yaneyro*) em uma carta de 6 de maio de 1523, publicada na coleção *Alguns documentos .... da Torre do Tombo* (cf. *História do Brasil*, p. 63).

Morales de los Rios (p. 1047 sq.) pensa que o termo *Genero* Herrera o foi buscar em documentação de origem francesa; o topônimo não é nome castelhano, nem português, embora se pareça com *janeiro*, aproximando-se mais da "denominação *Geneure*, que os franceses, de tempo imemorial, davam à indígena *Guanabara*".

A palavra *rio* desperta ainda algumas observações. Afrânio Peixoto (*Rio de Janeiro*, p. 6) acha que o nome de *rio* tem origem na aparência de desaguadouro que tem a baía: "Pela costa do Brasil braços de mar foram chamados *rios* e *ria* é também, em português, águas misturadas, na beira-mar." Apenas tenho a observar que o costume não era só lusitano, mas também francês: "*nous entrasmes au bras de mer, & riviere d'eau salee, nommee Ganabara par les Sauuages*" (Léry, p. 58). E Thevet (f. 47): "*en ce lieu se trouue une riuiere d'eau salee*" (referindo-se à lagoa de Araruama).

4 O Rio de Janeiro fica a 22°23' de lat. S. e dista do Cabo Frio, em linha reta, pouco mais de 75 km. G. Soares de Sousa aproximou-se mais da verdade: "do Cabo Frio ao Rio de Janeiro são dezoito léguas" (p. 87).

A mandioca, raiz da qual os selvagens se servem e fazem farinha.

Após a passagem, não só de numerosas ilhotas do litoral marítimo como, também, do estreito, da largura de um tiro de arcabuz, formado por esse rio[5], achou-se conveniente subir o mesmo, a fim de arrearem-se os barcos e tomar-se pé em terra. E assim, de fato, se fez, logo nos recebendo os naturais tão benignamente quanto lhes era possível, pois, advertidos da vinda dos franceses, construíram um belo edifício ao estilo do lugar, todo atapetado, em seu derredor, por lindas folhas e perfumosas plantas. Congratulando-se, por esse modo, deram mostra os selvagens da mais viva alegria, convidando os recém-chegados a imitá-los. Os mais velhos, sobretudo, que são como os reis ou chefes sucessivos uns dos outros, vieram visitar os franceses, saudando-os efusivamente, a seu modo e em sua linguagem. Depois do que os conduziram ao sítio adrede preparado, no qual se serviram iguarias de todas as qualidades, a saber, farinha (fabricada de uma raiz, que chamam mandioca[6]), raízes diversas, de todos os tamanhos,

---

5 A barra da baía da Guanabara é de 1.825 metros. Cf. a frase de Thevet com a passagem do códice *Naveguaçam q fez p. Lopes de Sousa*, ou *Diário de Pero Lopes*, como é mais conhecido; "a boca não é mais que de um tiro de arcabuz" (Jordão de Freitas, p. 144).

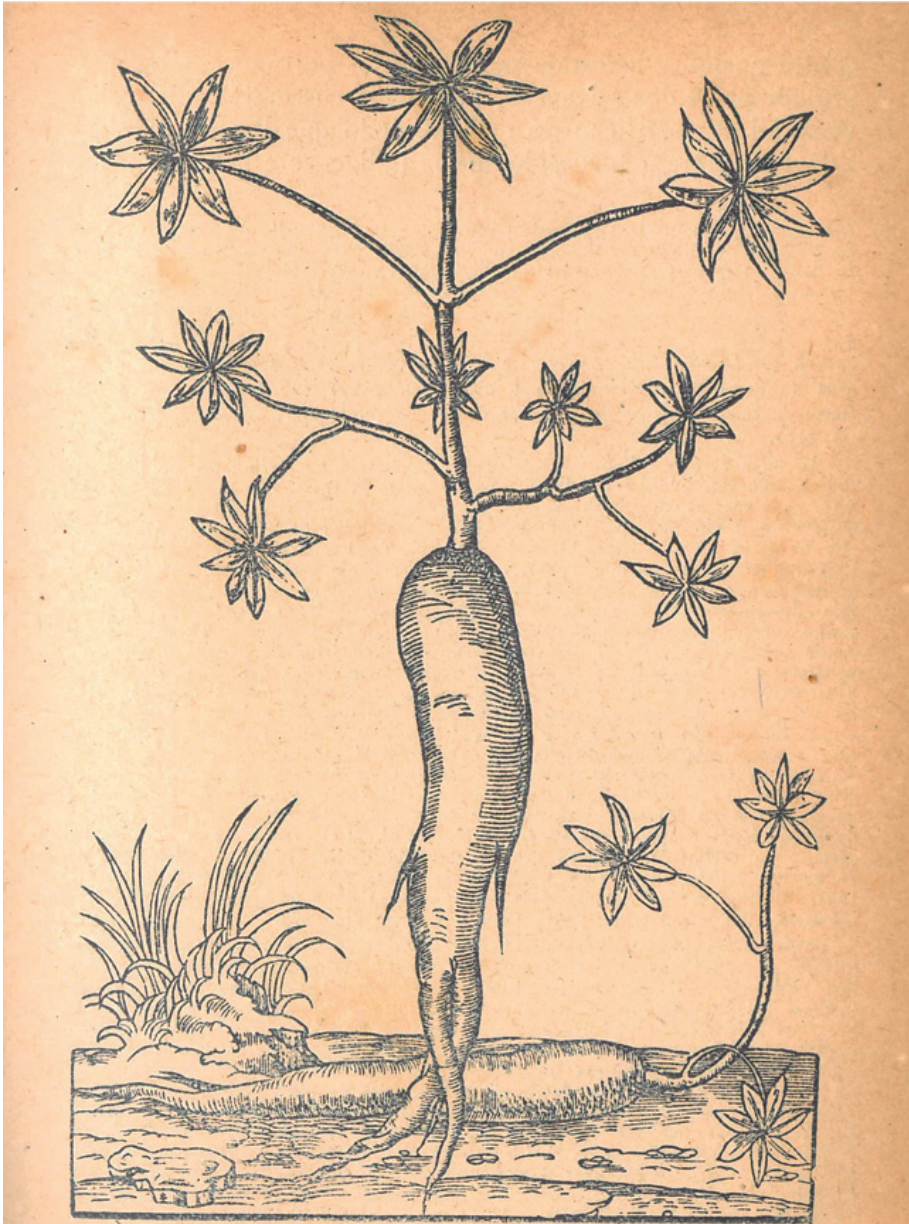
6 No texto, *manihot*. Existem também as *formas maniot, manioch, manioc, mandiba,* etc. Parece que for Martyr de Angleria que vulgarizou o nome nos meios científicos. Martius a inclui entre as plantas místicas (*Natureza*, pp. 239 e 240). Cf. a lenda de Mani, muito conhecida através de Couto de Magalhães (p. 166 sq.). A mandioca (*Manibot utilissima*, Pohl) era um dos alimentos mais importantes dos tupinambás. Houve quem a considerasse tão sadia e proveitosa quanto o trigo. Não exigia celeiros, porque suas raízes se conservavam na terra, por longo espaço de tempo (Abbeville, p. 427; Cardim, p. 69; Gandavo, p. 95). Em breve, tornou-se um prato comum no regime alimentar dos próprios colonos (Anchieta, p. 43).
Descascavam os tupinambás as raízes de mandioca com valvas de ostras; era, em seguida, o alimento lavado e ralado na pedra. Espremida a mandioca no tipiti, os silvícolas peneiravam e coziam a massa em cubas ou frigideiras de barro. Durante essa operação, as mulheres mexiam constantemente a vasilha, até que a farinha se tornava enxuta e torrada. Na fabricação da farinha fresca, as raízes eram curtidas em água corrente: quando perdiam a casca, transformando-se em puba, os índios desfaziam a mandioca a mão e espremiam-na no tipiti.
Descrição mais completa da mandioca encontra-se em Léry (p. 122 sq.). Em Spix & Martius (III, p. 202) há um excelente vocabulário dos utensílios e demais elementos relacionados com a cultura da mandioca. Interessantes os mapas de Nordenskiod e de Wissler sobre a distribuição geográfica da cultura da mandioca na América do Sul. Idem, as notas de José Honório Rodrigues, em Nienhof, p. 283 sq.
N. Barré escreve "*maniel*" e compara as suas folhas com as da *Poemia mas* (?) (cf. Gaffarel, *Histoire*, p. 379).

agradáveis ao paladar, assim como outros mais alimentos nativos. De maneira que, sendo assim todos chegados, após os louvores e agradecimentos àquele que apaziguou o mar e os ventos, em suma, àquele que proporcionou aos navegantes os meios de ultimar tão bela viagem – como é do dever de quem é bom cristão – tratamos logo de nos recrear e repousar no verde campo à imitação dos troianos quando, em seguida a tantos naufrágios e tempestades, se lhes deparou a bondosa Dido. Com a diferença de que saborearam os troianos, segundo Virgílio, um bom e velho vinho, ao passo que só dispúnhamos de água pura.

A França Antártica. Ilha muito cômoda, na qual primeiramente se fortificou Villegagnon.

Depois de uma demora de dois meses, em que se exploraram ilhas e terra firme, batizou-se o país, assim descoberto, com o nome de França Antártica, evidenciando-se que o local mais cômodo para nele a colônia estabelecer-se e fortificar-se era uma ilhazinha, de uma légua de circunferência, situada quase à foz do rio, do qual se falou. A ilha pela razão do forte ali ereto, chamou-se Coligny[7]. Era essa ilha muito aprazível,

---

7 Da narrativa de Thevet se conclui o seguinte: *a*) após a passagem de numerosas ilhotas, os franceses penetram na baía de Guanabara e tomam pé em terra, sendo recebidos festivamente pelos naturais; *b*) em seguida, os franceses, explorando o litoral e arquipélagos adjacentes, estabelecem-se, finalmente, numa ilha situada quase junto da costa.
Vejamos, agora, se os documentos existentes confirmam a história do nosso franciscano. *a*) Sobre a passagem dos cachopos oceânicos, cf. as notas anteriores. Thevet, todavia, não diz nada em relação ao desembarque no ilhéu chamado Ratier (hoje a Laje), a não ser posteriormente, na sua *Cosmographie*, f. 908, o que vem confirmar as informações de Léry: "*Vn peu plus auant dans la rivière il y a un rocher, assez plat, qui peut auoir cent ou six vingts pas de tour, que nous appellions aussi le Ratier, sur lequel Villegagnon à son arrivee, ayant premierement pose sés meuples & son artillerie s'y pensa fortifier: mais le flus & reflus de la mer l'en chassa*" (p. 92). Pensa Morales de los Rios que o desembarque nesse ilhéu não foi definitivo, nem Villegagnon pensaria em ali se estabelecer (p. 1082 sq.). A Laje é um rochedo árido, exposto à ação dos ventos e das marés. Só mais tarde é que se teria nele construído o *fortim de madeira* – a gaiola de pau – origem, talvez, do primitivo nome do rochedo. Heulhard, que teve oportunidade de compulsar documentos ainda inéditos, pertencentes à Biblioteca Nacional de Paris, diz claramente: "*Sur te Ratier, um rocher long de cent pieds et large*

4. A mandioca (Thevet)

por ser coberta de enorme quantidade de palmeiras, cedros, árvores do pau-brasil e plantas aromáticas, verdejantes durante todo o ano, embora não contivesse água doce, que se tinha de buscar bem longe; pelo que o Senhor de Villegagnon, a fim de precaver-se contra qualquer investida por parte dos portugueses, ou mesmo por parte dos selvagens, facilmente suscetíveis de melindres, ali se fortificou do melhor modo que lhe foi possível. Os viveres eram fornecidos pelos indígenas e constavam dos alimentos do país, tais como peixes, veação e outras caças selváticas (pois não se nutrem os índios, como os europeus, da carne dos animais domésticos), além da farinha extraída das raízes, – assunto de que já tive ocasião de tratar.

---

de soixante, *qui barre l'entrée de La baie, il fit* (refere-se a Villegagnon) *élèver un fort de bois ou il plaça une partie de son artillerie*". E acrescenta: "*trois ou quatre mois plustard* (após a chegada da expedição), *Villegagnon y ayant fait placer* (no Ratier) *deux petites pieces de canon pour garder l'entrée de la rivière, la mer, démontée, les coula*" (p. 110). A meu ver, não houve desembarque, provisório ou definitivo, no ilhéu do Ratier. Thevet, que foi testemunha presencial da viagem, não menciona o fato. Léry não acompanhou a Villegagnon e certamente se refere aos acontecimentos posteriores à chegada da expedição, conforme a lição de Heulhard. Onde, então, se teria dado o desembarque? Na ilha de Serigipe (hoje Villegagnon)? Parece que não, e, nesse particular, estou de acordo com Morales de los Rios. Thevet fala em *herbe verte e belle eau*. Se bem que a atual Villegagnon não seja desprovida de vegetação, nela jamais, até hoje, se encontrou nenhum riacho, nem sequer um olho-d'água. "*Ceste isle* (acrescenta Thevet, descrevendo a Serigipe) *est fort plaisante, pour estre reuestue de grande quantité de palmiers, cedres, arbres de bresil, abrisseaus aromatiques verdoyans toute l'année: vray est qu'il n'y a eau douce, qui ne soit assez loing*" (f. 49). Não seria lá, pois, o lugar no qual os silvícolas construíram o belo edifício, todo atapetado, em seu derredor, por lindas folhas e perfumosas plantas. Não seria esse o sítio onde os expedicionários, exauridos de tão longa travessia, se refrigerassem com a linfa pura, a *belle eau* de Thevet. E Morales de los Rios julga que o trecho do desembarque deveria ter sido a ilha do Governador, ou mesmo a do Paquetá. Lá também teria sido celebrada a missa em ação de graças (*apres auoir loué et remercié... celui,* etc.), como era o costume da época – cerimônia religiosa confirmada pela declaração de Heulhard: "*Des qu'on eut touché terre Thevet celebra la messe selon le rite catholique*" (p. 109). Resta fixar o local por onde penetraram as naus na baía. Segundo Jaime Reis, foi o canal entre Santa Cruz e a Laje (p. 296).

b) Foi na ilha de Serigipe, hoje de Villegagnon, que realmente se estabeleceram definitivamente os franceses, após as cerimônias passadas na outra ilha onde os receberam festivamente os naturais. Essa ilhota era conhecida também pelo nome indígena de *Itamoguaia* (Plínio Airosa, nota à recente ed. bras. De Léry, p. 95). Léry assim a

Não havia pão nem vinho. Os alimentos da terra trocavam os indígenas por objetos de pouco valor, a saber, canivetes, foicinhas e anzóis[8].

Rochedo, do qual nasce uma lagoa.

Entre as coisas dignas do lugar figura um alagadiço, ou lagoa, pouco longe da barra do rio; alagadiço que nasce, em grande parte, duma pedra ou rochedo, em forma de pirâmide, de base proporcional à sua elevada e maravilhosa altura. O rochedo está exposto, por todos os lados, às vagas e tormentas do mar[9].

---

descreve (p. 92 sq.): "*Vne lieue plus outre, est l'isle ou nous demeurions laquelle, ainsi que i'ay ia touché ailleurs, estoit inhabitable auparauant que Villegagnon fust arriué en ce pays-la: mais au reste n'ayant qu'enuiron demie lieue Françoise de circuit & estand six fois plus longue que large, anuuirance qu'elle est de petits rochers à fleur d'eau, qui empeschent que les vaisseaux n'en peuuent approcher plus pres que la portee du canon, elle est merveilleusement & naturellement forte... Au surplus y ayant deux montagnes aux deux bouts, Villegagnon sur chacune d'icelle fita ire une maisonnette: comme aussi sur un rocher de cinquante ou soixante pieds de haut, qui esta u milieu de l'isle, il auoit fait bastir as maison. De costé & d'autre de ce rocher, nous auions applani & fait quelques petites places, esquelles estoyent basties tant la salle ou on s'assembloit pour faire la presche & four manger, qu'autres logis.... Voila en peu de mots quel estoit l'artifice du fort, lequel Villegagnon, pensant faire chose agreable à messire Gaspard de Coligni Admiral de France... nomma Coligni en la France Antarctique.*" Segundo Thevet, a ilha de Serigipe veio a ser conhecida pelo nome de Coligny (Villegagnon, em carta a Calvino, datada de 31 de março de 1557, escreve de fato: "De *Coligny en la France Antarctique*"). Conheciam-na, ainda, pelo nome de *Ilha dos Franceses* ou *Monte das Palmeiras*. Na referida carta a Calvino, Villegagnon explica porque escolheu a ilha.

8 O tráfico entre os ameríndios e os europeus iniciou-se, realmente, com notável vantagem para os estrangeiros. *Por um guiso davam quantas pérolas tinham*, diz Américo Vespúcio, referindo-se aos indígenas do extremo norte do continente antártico (Vignaud, p. 325). Cf. ainda Léry (pp. 182 e 183).

9 A lagoa a que se refere Thevet, não é a de Rodrigo de Freitas, como supões Gaffarel. Morales de los Rios esclareceu o problema e vamos resumir o que esse historiador escreveu a respeito do assunto (p. 1182 sq.). O monte piramidal, exposto às tormentas do mar, é o Pão de Açúcar, o *Pot de Beurre* dos franceses. O *lac en maresc*? A baía do Botafogo, como quer J. da Costa Ferreira (p. 229)? Parece que não. Thevet (diz Heulhard, p. 109) entendia um pouco de desenho e é isso que empresta certo valor às suas gravuras. Mesmo que as não tivesse feito, deveria ter fornecido aos outros os elementos necessários para tal. Em ambas as cartas da baía de Guanabara, – uma vulgarizada por Heulhard e a outra por Gaffarel, – aparece o rio *Cariobe* (*Kariauc* na *Carta Factícia*), a povoação de *Henryville* (cuja existência nega Léry), o saco de

O rio de Guanabara acha-se situado no trópico de Capricórnio, a vinte e três graus e meio da linha equinocial.

Botafogo, a *Isle des Margaiatz*, etc. Nas duas vê-se nitidamente o Pão de Açúcar e ao sopé desse mamelão uma paisagem deprimida, indicando águas, vendo-se nela escritas as palavras *Le lac*. "Esse lago extenso (continua Morales de los Rios) ocupa claramente, na estampa, todo o espaço, que hoje abrange o istmo da Praia Vermelha, tendo apenas, do lado do mar e do lado da enseada de Botafogo, uma pequena faixa estreita, fechando o lago de ambos os lados. A dupla informação, de pena e do lápis de André Thevet, vem demonstrar quem em época coeva de Estácio de Sá, o atual istmo, da Praia Vermelha à Praia da Saudade, era um alagadiço impraticável e incapaz de tentar a ideia de nele se estabelecer a sede de uma cidade de gente civilizada e zelando suas comodidades. Essa informação melhor prova ainda que, na época de Martim Afonso de Sousa, menos ainda que em trinta e cinco anos depois, pouco mais ou menos, o istmo estava em período muito atrasado de formação, muito mais alagadiço e mais facilmente varrido pelas águas do mar, no fluxo e refluxo das marés." E um argumento a mais para reforçar a teoria de Morales de los Rios é o fato de o Pão de Açúcar figurar como uma ilha, na carta intitulada *La France Antarctique,* que publica Heulhard (pp. 111), – embora essa carta seja considerada factícia.

Quanto às origens e fundamentos da cidade do Rio de Janeiro, cf.: J. de A. Azevedo Pizarro e Araújo, *Mem. Hist. do Rio de Janeiro*, Rio, 1820-1822; Baltasar da Silva Lisboa, *Anais do Rio de Janeiro*, I, Rio, 1834; Antônio Duarte Nunes, "Mem. do desc. e fund. da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro", em *Rev. do Inst. Hist.* Bras., I, 1839; J. C. Fernandes Pinheiro, "A França Antártica", em *Rev. do Inst.* H*ist. Bras*., XXII, 1ª parte, 1859, Rio; Moreira de Azevedo, *O Rio de Janeiro*, Rio, 1877; Augusto Fausto de Sousa, "A baía do Rio de Janeiro", Rio, 1882; J. M. Pereira da Silva, "A fundação do Rio de Janeiro, na história e na legenda", *Jorn. do Com*., 19-V-1894; Jaime Reis, "A primeira fundação do Rio de Janeiro", em *Rev. Bras*., 2º trim., Rio, 1897; Felisbelo Freire, *Hist. da Cid. do Rio de Janeiro*, Rio, 1912; A. Morales de los Rios, "Subsídios para a história da cidade de São Sebastião", etc., em *Rev. do Inst. Hist. Bras.*, tomo especial, 1ª parte, 1915, Rio; J. Vieira Fazenda, "Fundamentos da cidade do Rio de Janeiro", em *Rev. do Inst. Hist. Bras*., t. 80, Rio, 1917; Carlos Sampaio, *Memória Histórica – Obras da Prefeitura do Rio de Janeiro*, Rio, 1924; C. Delgado de Carvalho, *Hist. da Cid. do Rio de Janeiro*, Rio, 1926; Alfred Agache, *Cidade do Rio de Janeiro*, etc., Rio-Paris, 1926-30; Max Fleuiss, *Hist. da Cid. do Rio de Janeiro,* Rio, 1928; João da Costa Ferreira, "A cidade do Rio de Janeiro e seu termo", em *Rev. do Inst. Hist. Bras*., t. 110, 1931, Rio; Luís Edmundo, *O Rio de Janeiro no tempo dos Vice-Reis*, Rio, 1932; Nelson Costa, *Hist. da Cid. do Rio de Janeiro,* Rio, 1935; Serafim Leite, "Conquista e fundação do Rio de Janeiro", em *O instituto*, v. 90, Coimbra, 1936; Hermeto Lima, "História das ruas do Rio de Janeiro", em *Bol. do Min. do Trab. Ind. e Com*., n. 37, ano IV, 1937; Afrânio Peixoto, Rio de Janeiro, ed. Lello & Irmão, Porto, s/d.

. . . .

Capítulo XXVI

DOS PEIXES DO RIO GUANABARA

Ostras, que contêm pérolas.

NÃO PASSAREI adiante sem fazer particular menção dos peixes, abundantes e de delicado gosto, que existem no belo Rio de Guanabara, ou de Janeiro. Nele se encontram conchas de diversos feitios, tanto grandes como pequenas. Algumas contêm ostras, que são tão reluzentes quanto finas pérolas. Os selvagens comem, geralmente, essas ostras misturadas a certos peixinhos, que pescam as crianças. Em certas ocasiões se encontram nelas pérolas, não sendo o aspecto geral das ostras em nada diferente das similares desse gênero. As pérolas, todavia, são menos preciosas que as de Calicute e de outros pontos do Levante.

Modo de pescar dos selvagens.
***Panapaná*, espécie de peixe.**

As pessoas mais experimentadas apanham o peixe graúdo, abundante nesse rio. Metendo-se nus na água, quer salgada, quer doce, flecham o peixe, no que são muito destros; após o que puxam-no por uma corda de algodão ou de casca de árvores, quando não acontece o peixe, depois de morto, emergir por si mesmo[1]. Para não tornar o assunto mais longo, men-

---

1 Logo que avistavam o peixe, os tupinambás atiravam-lhe a flecha (Léry, p. 173 sq.). Se o animal era ferido, o que quase sempre acontecia, os índios mergulhavam na

cionarei principalmente alguns peixes monstruosos, a exemplo do *panapaná*[2], que se assemelha ao cação e tem a pele tão rude e áspera quanto a da lixa. Tem esse animal seis fendas branquiais, de cada lado das guelras, dispostas como as de lampreia; a cabeça é tal qual se vê na estampa ao lado, com os olhos bem em cima dela, distantes entre si pé e meio. É peixe, por outro lado, bastante raro, cujo sabor, não muito excelente, tem semelhança com a do cação.

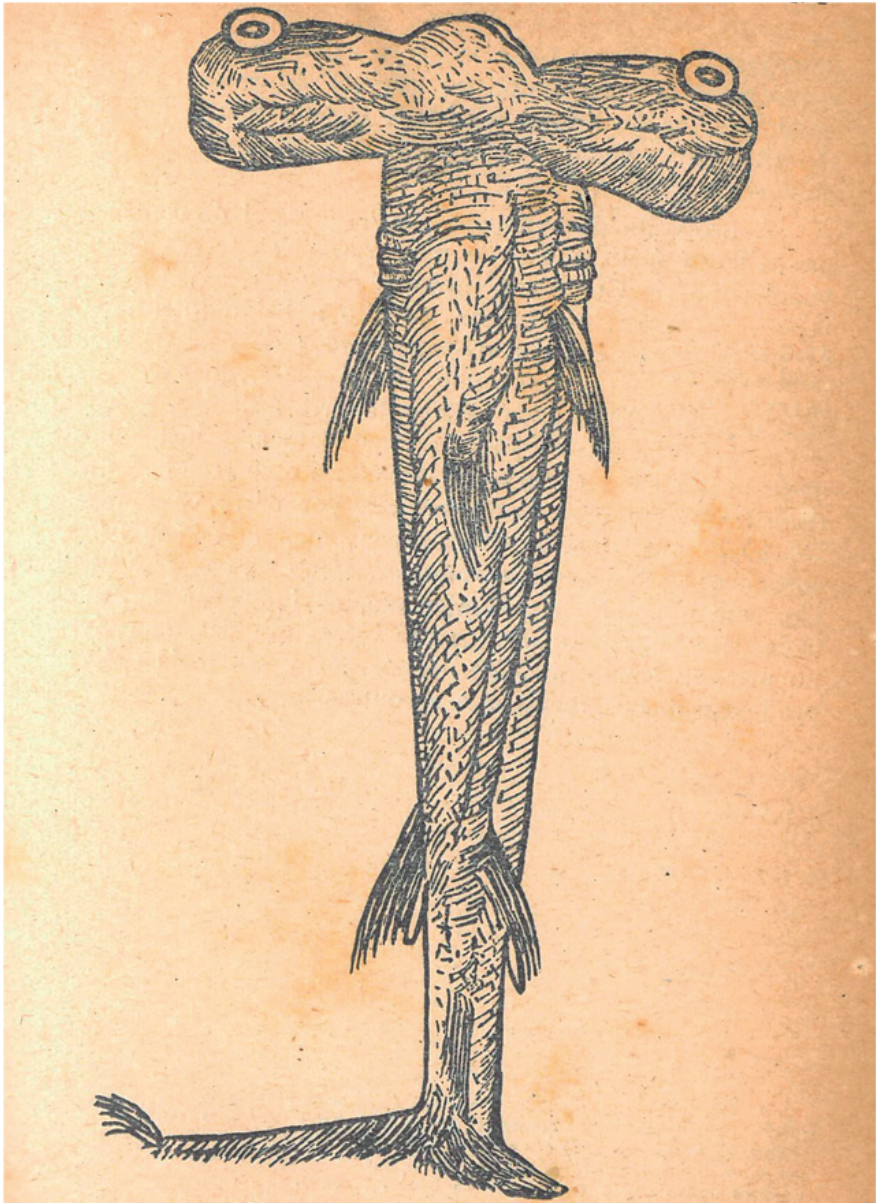
Uma espécie de arraia.
A *ineuoneia*.

No Rio de Guanabara há ainda muita abundância de arraias, mas de espécie diferente das nossas, isto é, duas vezes maiores em largura e comprimento, – a cabeça chata e longa, com os olhos entre dois cornos, cada qual do tamanho de um pé. As arraias, que os indígenas chamam *ineuoneia*[3], possuem seis fendas sob o ventre, umas perto das outras, sendo

---

água e apanhavam-no à mão (Staden, p. 138 e 139). Algumas vezes a seta prendia-se a um fio, o qual por sua vez, estava preso a certa espécie de paleta (Porto Seguro, I, p. 34). As flechas possuíam várias pontas, feitas de esquírolas, à moda das dos *Karimé* (Parima) (Georges Salathé, II, p. 298). Os chiriguanos do alto Pilcomayo, da família linguística tupi-guarani, usam chuços, ou setas terminadas por diversos espinhos de cactos, que aprisionam mais facilmente o peixe. Assim que o pescado caía em suas mãos, os tupinambás penduravam-no às costas. O arpão empregava-se principalmente, na pesca de certos mamíferos (Évreux, p. 13; Cardim, p. 81).
Não resta dúvida de que Thevet se refere ao processo chamado de pescaria de *arco e flecha*. O frade não menciona a palavra *arco*, mas parece que o trecho citado assim o indica. No livro de Staden há uma gravura, que não deixa dúvida a esse respeito. A flecha estava ligada a um fio de algodão, ou de fibra vegetal, por meio do qual se podia puxar o peixe para fora da água.
Seria a flecha, descrita por Thevet, do tipo da *sararaca*? Penso que sim. A sararaca é uma flecha destacável, a cuja haste se prende a corda.
Raimundo Lopes, no seu notável estudo sobre a pesca brasileira do Maranhão (II, p. 154), traça a distribuição geográfica da sararaca (flecha-arpão): a arma figura na baía de Guanabara (séc. XVI).

2 Sobre o panapaná, cf. Léry, p. 175. Em Abbeville, *panapanã* (p. 284). Esse peixe, também chamado *cação panã*, *pata* ou *rodela* (*Sphyrna tiburo*), pertence à ordem dos seláquios pleurotremados (aberturas branquiais laterais).
O nome desse peixe parece ter relação com a raiz *pan*, bater, pois, *paná-paná* é o bate-bate das borboletas em migração.

3 No texto, *Ineuoneia*. Segundo Stradelli, o nome genérico da arraia, na região amazônica, é *iauíra*. O termo, empregado por Thevet, talvez seja uma corruptela do nome amazônico (*i-neu-u-e-á = i-na-u-i-á = i-na-u-i-rá*).

5. O panapaná (Thevet)

a cauda do comprimento de dois pés e fina como a do rato. Não há quem faça um selvagem provar de sua carne, assim como da carne da tartaruga, pois acredita que esse peixe, por ser vagaroso, torna também pouco lesto a quem o come. E não só pouco lesto como incapaz de perseguir o inimigo. Quando não o sujeita a ser facilmente aprisionado. Os demais peixes fluviais são de bom paladar; igualmente os do litoral marítimo, embora não sejam estes tão delicados quanto os de zona equatorial, ou de outras paragens oceânicas.

Árvores sobrecarregadas de ostras. Origem delas.

A propósito do assunto, não esquecerei de contar um maravilhoso fato, digno de memória. Nas terras circunvizinhas ao rio Guanabara, próximas do mar, existem árvores e arbustos, de alto a baixo inteiramente cobertos e sobrecarregados de ostras. Como se sabe, quando sobe a maré, duas vezes no dia, a água avança de terra adentro, cobrindo a maior parte dessas plantas, principalmente as de menor elevação; e as ostras, pouco escorregadias, prendem-se-lhes em quantidade incrível, por entre os ramos[4]. De modo que, quando os selvagens querem comer ostras, cortam os galhos assim carregados, como se faz, por exemplo, com a pereira. Comumente, os indígenas servem-se mais desses mariscos do que das ostras graúdas, que vivem no mar, alegando que têm melhor gosto, são mais sadias e produzem menos febres que as outras.

---

4 Referência ao mangue vermelho (*Rhizophora mangle*, L.). Nele realmente se apegam certas espécies de ostras. "Nos mangues se criam ostras pequenas, a que os índios chamam *lerimirim* e criam-se nas raízes e ramos deles até onde lhes chega a maré de preamar; as quais raízes e ramos estão cobertos destas ostras" (G. Soares de Sousa, p. 349).

Capítulo XXVII

DA AMÉRICA EM GERAL

OCUPANDO-ME, em particular, dos lugares, na América, onde mais tempo me demorei e, sobretudo, da região na qual habitam o Senhor de Villegagnon e outros franceses, sem esquecer, tampouco, esse notável rio, que já disse chamar-se de Janeiro[1], com suas terras dependentes ou circunstantes, descobertas ou novamente achadas nos presentes dias, – resta agora tratar das demais coisas vistas durante a minha permanência no país.

A América, desconhecida dos antigos.
Américo Vespúcio, descobridor do novo continente.
Situação da América.

A América certamente jamais foi conhecida dos antigos cosmógrafos, que dividiam a terra em três partes, também pouco conhecidas

1 No texto, "*ce fleuve notable, que nous auons appellé Ianaire*". Parece que Thevet quis dizer o seguinte – *esse notável rio, chamado, como já o disse, de Janeiro*. Engana-se Gaffarel, quando atribui ao frade outra intenção, como seja, a de pretender que foram os franceses os autores do topônimo. E tanto isso é verdade que Thevet escreve anteriormente (p. 48): "*ceste grande riuiere nommé Ganabara de ceux du pais, pour la similitude qu'elle a au lac, ou Ianaire, par ceux qui ont fait la premiere decouverte de ce pais*".

deles, – a Europa, a Ásia e a África. Dada a sua grande extensão, – pois é maior que qualquer uma das outras, – é duvidoso que os cosmógrafos não tivessem chamado de quarta parte ao continente do qual me ocupo. Esse continente, com razão, se chama de América, do nome de quem primeiro o descobriu, Américo Vespúcio[2], pessoa extraordinária por suas empresas e por seu saber na arte de navegar. É verdade, entretanto, que após Vespúcio, vários outros descobriram a maior parte do continente, de Temistitan[3] até o país dos Gigantes[4] e o estreito de Magalhães. Não vejo é a razão por que lhe chamam de Índia, pois a verdadeira Índia do Levante tomou essa designação do célebre rio Indus, que se acha bem longe do continente americano. Bastaria, pois, dar-lhe o nome de América, ou França Antártica. A América está situada, realmente, entre os trópicos, para além do Capricórnio, limitando-se: ao ocidente, com Temistitan e as Molucas; ao sul com o estreito de Magalhães; a leste e a oeste, respectivamente, com o mar Oceano e com o Pacífico[5]. Perto de Darien[6] e

---

2 Deixo de lado o engano de Thevet quanto à superfície da América, por ser justificável. Do mesmo modo, o erro relativo à prioridade do descobrimento do Novo Mundo, por estar esse assunto, hoje em dia, já bastante esclarecido.
Quanto aos supostos conhecimentos náuticos de Vespúcio, cf. os recentes estudos de Carlos Malheiro Dias, publicados na *Hist. da Col. Port. do. Bras.*, I, p. CXVI sq. e II, p. 178 sq., Porto, 1921 e 1923.

3 Corruptela de Tenochtitlán (cf. W. H. Prescott, p. 17). Adiante (f. 137, por exemplo) Thevet escreve *Themistitan*.

4 O país dos Gigantes – O *Regio Gigantum* do mapa de Munster (1540) – corresponde ao atual território da Argentina, ou melhor, da Patagônia (cf. Thevet, f. 130). *Patagões* foi o nome que Fernão de Magalhães deu aos seus habitantes, por causa do exagerado tamanho dos seus pés. Knivet chegou a afirmar que os patagões tinham o pé quatro vezes maior que o normal (Pericot y Garcia, p. 683). Pigafetta também informa que os patagões eram tão altos que a cabeça de um homem qualquer chegava apenas à cintura deles. Latcham, entretanto, diz que a estatura média desses aborígenes é de 1 metro e 80 (XVI, p. 283).
Estudo completo da estatura dos patagões em R. Verneau, *Les anciens patagons*, pp. 17.

5 Ao que parece, os conhecimentos geográficos de Thevet, em relação à América, ainda eram os do tempo de J. Ruysch (planisfério de 1508), de Lenox (globo de 1510 ou 1511) e de Stobnicza (mapa de 1513).

6 Darien – nome antigo, que se deve ao golfo de Urabá e a certa parte do istmo do Panamá. Era um dos lugares tradicionais da época da colonização espanhola (como Paria, o golfo das Pérolas, o golfo dos Dragões, as ilhas dos Canibais, etc.). Thevet escreve o topônimo de vários modos, *d'Ariane, destroit d'Ariane* (f. 144), etc.

da Furna[7], a América torna-se muito estreita, pois ambos aqueles mares avançam muito de terra adentro.

Quem são os habitantes da América.

É essa região, na parte mais bem conhecida e explorada (cerca do trópico brumal, ou mesmo mais além), habitada por povos maravilhosamente estranhos e selvagens, sem fé, lei, religião e civilização alguma. Isso sem falar nos cristãos, que, após Américo Vespúcio, vieram colonizá-la. Os selvagens vivem à maneira dos bichos, tais como os fez a natureza, alimentando-se de raízes e andando sempre nus, tanto homens como mulheres, pelo menos até que, ao contato dos europeus, se venham despojando, aos poucos, dessa brutalidade e vestindo-se de um modo mais conveniente. À vista do que devo louvar afetuosamente ao Criador por me ter esclarecido a razão e por não ter permitido que eu fosse um bruto semelhante a um desses pobres selvagens.

A América, país fertilíssimo.
Partes da América habitadas, tanto pelos espanhóis, como pelos portugueses.

Quanto às suas terras, é a América fertilíssima em árvores de excelentes frutos. Produzem os campos sem lavoura, nem semeaduras. Não se pode, pois, duvidar de que o solo retribui generosamente o trabalho agrícola, visto sua situação, seus montes belíssimos, suas espaçosas planuras, seus rios cheios de bons peixes e a fertilidade de suas regiões continentais. Atualmente, os espanhóis e portugueses povoam grande parte da América, – as Antilhas (no mar Oceano), as Molucas (no mar Pacífico), as terras firmes de Darien, Pária, e Palmária[8], assim como outras mais ao sul, o Brasil, por exemplo. Eis o que é, de modo geral, a América.

7 No texto, *Furne*. Talvez erro tipográfico em lugar de *Furna*. Como se sabe, Thevet pouco conhecimento tinha da língua portuguesa, escrevendo *cap de Frie* (Cabo Frio), etc. *Furne* pertencia ou era vizinho ao Panamá, pois à f. 119 Thevet escreve "*le destroit de Furne et Dariéne*".

8 A região de Pária era do golfo formado pelo mar das Antilhas, entre a costa da Venezuela e a ilha da Trindade (cf. G. A. Thompson, IV, p. 35 sq.). Palmária – *Palmarie* no texto – provém talvez de Palmar, nome que aparece em várias regiões da América, ao tempo da colonização (Colômbia, Guatemala, etc.).

. . . .

Capítulo XXVIII

DA RELIGIÃO DOS SELVAGENS AMERICANOS

Religião dos selvagens americanos.

JÁ DISSE que essa pobre gente vive sem lei e religião, – o que é real. Todavia não existe criatura, por menos racional possível, que, vendo assim em tanta ordem o céu, a terra, o sol, a lua, o mar e as coisas de todos os dias, não imagine logo ter saído tudo isso das mãos de algum grande obreiro estranho à natureza humana[1]. Assim como não há gentio que, por natural instinto, não possua ideias religiosas, ou o conhecimento de Deus, – seja ele o mais bárbaro. Todos confessam, pois, existir alguma soberania ou poder extraordinário; mas qual seja esse poder, poucos, a não ser os penetrados pela graça de Nosso Senhor, o podem dizer. E, por isso, tal ignorância ocasionou a diversidade de religiões, uns atribuindo a divindade ao sol, outros à lua e às estrelas. Sem falar nas demais formas religiosas, de que trata a História.

Tupã. Hetich, uma raiz. Um caraíba.

Os selvagens (voltando ao assunto) fazem menção de um grande senhor, chamando-lhe em sua língua de Tupã[2], o qual – dizem – lá, no alto,

---

1 Cf. esse trecho de Thevet com o de Léry (pp. 266 e 267), em muitas coisas semelhantes um ao outro.

2 No texto, *Tupan*. Nenhum mito tem sido objeto de tanta discussão quanto o de Tupã. Para certo número de autores, a voz túpica significa o trovão, o raio, o relâmpago, cabendo aos jesuítas a responsabilidade da deificação desse termo. Nóbrega, de fato, diz:

troveja e faz chover; mas de nenhum modo sabem orar ou venerar, nem têm lugar próprio para isso. E se alguém lhes fala de Deus, como o fiz, escutam admirados e atentos, perguntando se o deus de que se fala não será, talvez, o profeta que lhes ensinou a plantar essas grossas raízes, chamadas por eles de *hetich*[3]. Porquanto, segundo a tradição, transmitida por seus avós, alimentavam-se os selvagens, como os animais, de ervas e raízes silvestres, quando lhes apareceu um grande caraíba, isto é, um profeta, o qual dirigindo-se a certa moça, deu-lhe algumas raízes grossas, chamadas *hetich*, semelhantes aos nabos de Limousin. Ensinou-lhe o profeta que cortasse as raízes em pedaços, plantando-as depois. E assim o fez a moça, do mesmo modo que, sucessivamente, todos os seus descendentes, de pais a filhos.

"Esta gentilidade nenhuma coisa adora, nem conhece Deus, somente aos trovões chama Tupane; que é como quem diz coisa divina. E assim nós não temos outro vocábulo mais conveniente para os trazer ao conhecimento de Deus, que chamar-lhe Pai Tupane" (p. 99). Nóbrega e outros jesuítas esperavam encontrar entre os selvícolas, formas religiosas análogas às do continente europeu; daí a decepção com que afirmavam – *os índios não conhecem ou adoram nenhum deus*...

Mas não resta dúvida de que Tupan era uma entidade superior, uma espécie de *nature-god*, isto é, de gênio cósmico, cujos movimentos produziam tempestades e cataclismas meteorológicos. Tupã, como já vimos, troveja e faz chover (Anchieta, p. 372; Abbeville, p. 311). "Por intermédio do intérprete, informei-me dos velhos do país se acreditavam que esse Tupã, autor do trovão, era homem como eles. Responderam-me que não, porque, se fosse homem como nós, seria um grande senhor – e como poderia ele correr tão depressa, do Oriente para o Ocidente, quando troveja ao mesmo tempo sobre nós e nas quatro partes do mundo, tanto em França, como sobre nós? Demais, se fosse homem, era necessário que outro homem o fizesse, porque todo homem procede do outro homem" (Évreux, pp. 248 e 249).

No ponto de vista psicanalítico, Tupã simboliza a imago paterna, o demiúrgo, o ancestral, o antepassado (*tup*, pai, *ang*, alma, conforme a lição de Batista Caetano). *Tupã* primitivamente, diz Teodoro Sampaio (*O tupi*, pp. 9 e 276) significa *o pai alto, o pai que está no alto*.

3 No texto, *Hetich*. Na *Cosmographie Universelle*, porém, Thevet escreve *Yetie*, forma, aliás, mais correta. Ocorre também a voz *jettica*.

A propósito dos heróis civilizadores dos tupis-guaranis (no texto *Charaibe*) veja-se a nota correspondente, no cap. XXIV. Quanto à tradição de que a cultura da mandioca foi transmitida aos indígenas do Brasil por intermédio de um demiúrgo, consulte-se, entre outros, Évreux (p. 203) e H. Baldus (*Ensaios*, p. 224). O descobrimento da mandioca foi mesmo, para os nossos selvagens, na frase de Couto de Magalhães, mais importante do que o descobrimento do trigo o teria sido para os árias. Chegou até a originar uma verdadeira mitologia.

Foram os selvagens tão bem sucedidos com a cultura dessas raízes que hoje as possuem em abundância e quase não comem outra coisa.

Essas raízes, de que há duas espécies, da mesma grossura, são tão comuns aos indígenas quanto o pão o é entre nós. Uma das espécies, cozida, torna-se amarela como o marmelo; a outra é branqueada. Ambas têm folhas parecidas às do maná, mas nunca trazem sementes. Pelo que os índios plantam as raízes cortadas em rodelas, como na Europa se fazem aos rabanetes e como se usam nas saladas. Assim replantadas, multiplicam-se abundantemente.

Há, entretanto, por parte de Thevet, a seguinte confusão: a história do caraíba e da moça refere-se à mandioca; mas a planta, descrita com o nome de *hetich*, é a *Ipomoea batatas*, Lam. Cf. a f. 113 de *Les Singularitez*. Léry não incorreu nesse erro (vejam-se as págs. 203 e 204).

Comentando o trecho de Thevet, diz Hoehne (*Bot.*, p. 114): "Duas linhas depois, Thevet diz que estas raízes eram para os nativos o pão comum, e que as duas espécies têm folhas parecidas com uma mão, mas são distintas pela cor das túberas, sendo que a primeira as dá amarelas e a segunda, brancas; constata-se assim que foi a *batata-doce* que viu ou de que ouviu falar. Ele disse mais que essa planta não produz sementes, porque os nativos aprenderam a multiplicá-las pelos tubérculos cortados em pedaços, e como presumia ser uma espécie inteiramente ignorada na Europa, considerava conveniente reproduzi-la em estampa do natural. Nesta estampa, a que nos reportamos mais acima (refere-se a uma estampa de batata-doce inserta no livro de Heulhard, sob o falso nome de *inhame*), as folhas são dadas redondas, com uma incisão na base, portanto, com as da *batata-doce* branca. Isso discorda com a forma de uma mão que ele usou para comparação."

Apenas um reparo a fazer – Thevet não diz que a folha do *hetich* tem a forma da mão. O que Thevet diz é o seguinte (f. 52): "*d'icelle racine s'en trouue deux especes, de mesme grosseur..... Et ces deux especes ont la feuille semblable à la manne*". E *manne* não é mão, mas planta, nome, aliás, também empregado por Léry. Pelo nome de *manne* – que Tristão de Alencar Araripe e Monteiro Lobato traduzem por *manná* – era conhecida uma planta europeia, ao tempo de Thevet, de folhas semelhantes às da batata-doce. O *Dict. de Botanique*, de H. Baillon, Paris, ed. de 1891, registra duas plantas com esse nome: a *Glyceria fluitans* R. Br. e a *Cantharellus cibarius* Fries. Isso sem falar na planta conhecida, em França, pelo nome de *herbe à la manne* ou *manne de Prusse* (*Poa fluitans* Koel; *Festuca fluitans*). Adotei, também, a forma de *maná*, na tradução de *manne*, mas sem ter absoluta certeza de que seja esse o nome correspondente, em português, ao da planta designada por Thevet.

Uma descrição erudita das várias espécies de plantas ou resinas, conhecidas outrora por esse nome, vem em Lippmann, I, 173 e sg.

Achei conveniente reproduzir essa planta em estampa, no natural, uma vez que a mesma é desconhecida dos médicos e arboristas europeus.

A América, inicialmente descoberta em 1497. Canibais, povos que vivem de carne humana. *Mair*.

Logo que esse continente, como já se disse, foi inicialmente descoberto, no ano 1497[4], por ordem do rei de Castela, os selvagens, admirados com a vista de homens tão estranhos, como eram para eles os cristãos, acreditaram tratar-se de profetas, assim os honrando como se fossem deuses. Quando, porém, essa canalha notou que os europeus adoeciam, morriam e estavam sujeitos às mesmas paixões que eles, deu em desprezar e maltratar os colonos, como aconteceu aos que, depois, espanhóis e portugueses, foram para a América. A tal ponto que, se alguém ofende os selvagens, não hesitam estes em matar e devorar um cristão, à semelhança do que fazem com os seus inimigos. Isso, todavia, só ocorre em certos lugares, especialmente entre os canibais, que não se alimentam de outra carne senão a humana, como os europeus se alimentam da carne de boi ou da de carneiro. Desse modo, os selvagens deixaram de chamar aos europeus de caraíbas, que quer dizer profetas ou semideuses, designando-os, por desprezo e opróbrio, de *mairs*[5], voz que tem origem no nome de um dos seus antigos, mas detestados profetas.

---

4 Léry repete Thevet (p. 44). Nos princípios do séc. XVI era opinião corrente (Wald – semfuller, Apiano, Camers e outros) de que a *Terra Firme* tinha sido visitada em 1497, anteriormente aos resultados obtidos por Colombo em sua terceira viagem. Hoje em dia, se sabe que a expedição de Alonso de Hojeda, na qual tomou parte Vespúcio, só atingiu o continente americano em 1499 (Duarte Leite, *Os falsos precursores*, p. III sq.).

5 No texto, *Mahire*. Thevet engana-se ao supor que o nome *mair* tivesse uma significação pejorativa, muito embora essa interpretação esteja apoiada em Anchieta (p. 332). Cândido Mendes de Almeida (p. 71 sq.) resolveu o problema. *Mair* era o apartado, o solitário, o que vivia distante. Os apelidos davam os selvagens aos franceses e espanhóis, "não só por procederem de longínquas terras, como porque os equiparavam, pelas suas qualidades e superioridade, aos seus feiticeiros, chamados *pajés* ou *caraíbas*, os quais levavam vida solitária no recesso das matas, nas cavernas das montanhas distantes" (T. Sampaio, *O tupi*, p. 243). Aliás, o próprio Thevet desmen-

Veneram muito os indígenas a Tupã, acreditando que, em qualquer lugar onde esteja, esse deus comunique aos pajés seus altos desígnios. Eis em que consiste a religião desses bárbaros, segundo o que pude ver e ouvir por intermédio de um turgimão francês[6], que no Brasil viveu dez anos e entendia perfeitamente a língua dos índios.

---

te, na *Cosm. Unv.*, aquela teoria. Mairmunhã, p. e., era um dos heróis civilizadores da mitologia dos tupinambás. O *Meire Humane* de Staden é identificado com *Mair Zumane*, *Mair Sumé* ou simplesmente *Sumé*, herói civilizador dos tupis-guaranis.

6 No tempo de Villegagnon só na baía de Guanabara existiam uns vinte e cinco turgimões (Gaffarel, *Histoire*, p. 384).

. . . .

Capítulo XXIX

COMO VIVEM OS SELVAGENS AMERICANOS DE AMBOS OS SEXOS

Como vivem os habitantes da América.

Como já tive ocasião de dizer, quando tratei da navegação da costa africana, em geral vivem totalmente nus os bárbaros, etíopes e alguns outros povos das Índias, cobrindo apenas, com estojos de algodão ou peles, as partes vergonhosas, – o que é, sem comparação, mais tolerável que o costume dos selvagens americanos, os quais andam todos nus, homens e mulheres, tais como saíram do ventre materno, sem que disso mostrem nenhum pudor ou vergonha[1].

Se me perguntasse o leitor qual a causa desse costume, – se é, por exemplo; a indigência ou o calor, – responder-vos-ia que os indígenas poderiam confeccionar camisas de algodão tão bem quanto sabem fazer

---

1 Sobre a nudez dos tupinambás, cf. Léry, p. 102. Os tupis andavam geralmente nus, "sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas" (segundo a conhecida frase de Pero Vaz de Caminha), exceção dos carijós e outras tribos das regiões mais frias, que se abrigavam em peles de veado (Anchieta pp. 329). Staden (p.132) diz, referindo-se aos carijós: "As mulheres destes mesmos selvagens fazem de fio de algodão uma espécie de saco, aberto em cima e em baixo, que elas vestem, que na língua deles, se chama *typpoy.*"

suas redes, ou mesmo roupas de pele de animais selvagens, com elas se vestindo à maneira dos índios canadenses; pois dispõem os indígenas de um número abundante de feras, que facilmente apanham, embora não conheçam os animais domésticos. Mas acreditam os selvagens que a nudez, melhor que as vestes, os torna mais ágeis e dispostos. Tanto assim que, estando cobertos com a mais leve camisa, ganha à custa de enorme trabalho, mal encontram algum inimigo, dela se despojam incontinente, antes que tomem suas armas, isto é, o arco e a flecha, – pois creem que todo e qualquer traje lhes tiraria a destreza e agilidade nos combates, ou os impediria de fugir facilmente, ou ainda, mover-se diante de seus adversários, – em suma, que se sentiriam aprisionados nas vestimentas[2]. Tal a razão por que logo se despem os selvagens, tão mal advertidos e rudes são. Todavia desejam muito a posse de vestes, camisas, chapéus e outros atavios, considerando-os tão caros e preciosos que, com receio de danificá-los, preferem ver essas coisas se desgastarem, com o tempo, em suas ocas. Só os usam em determinadas solenidades, por exemplo, nas cerimônias de massacre de seus contrários, ou em algumas *cauinagens* (isto é, quando gastam vários dias em beberagens e banquetes comemorativos da morte de pais ou parentes). E mesmo, quando trazem alguma camisa ou saiote[3] de pouco valor, despojam-na ou a suspendem nos ombros, – tudo pelo receio que têm de estragar o pano[4]. Há alguns velhos, entre os selvagens, que ocultam suas partes vergonhosas com folhas a mais das vezes por motivos de certas indisposições locais[5] . Autores existem segundo os quais a Europa, quando

---

2 Lery dá outra razão – a necessidade, que sentiam os selvagens, de banhar-se constantemente no rio (pp. 118).

3 No texto, *habergeon*. A palavra é *haubergeon*, loriga ou saio, mais curto que *haubert*, sem mangas, que levavam os escudeiros.

4 Cf. Léry, p. 48.

5 "Os homens casados e especialmente os velhos – observa Abbeville – cobrem suas vergonhas com um pedaço de pano vermelho ou azul, que prendem ao redor da cintura com um fio de algodão... A esse pano dão o nome de *carauie* e dele não podem usar de forma alguma os meninos e os rapazes solteiros, nos quais é permitido apenas amarrar o prepúcio com um fio de algodão ou com uma folha de pingoba" (p. 321). Na verdade o estojo peniano era pouco usado, e, quase sempre, pelos velhos, dando isso a impressão a Léry de que estes últimos tinham o objetivo de ocultar alguma enfermidade (p.103). Usam o estojo peniano, atualmente, os apiacás, os mundurucus, os chipaias, os curuaias, os jurunas; a ligadura do prepúcio existe entre os tembés e os manajés.

começou a ser povoada, teria sido habitada por homens e mulheres que andavam nus, cobrindo apenas as partes secretas, como se diz que viveram os primeiros pais. E, como os homens dessa época atingiam uma longa idade e não sofriam tanto de moléstias, pretendem tais autores sustentar que devíamos viver também nus a exemplo de Adão e Eva no paraíso terreal.

Os adamitas, heréticos partidários da nudez

Parece-me, entretanto, que essa nudez não é da vontade ou mandamento de Deus. Bem sei que alguns heréticos, chamados adamitas, defendem falsamente tal teoria e vivem seus sectários nus, à moda dos ameríndios, assistindo e orando em suas sinagogas. Mas seu erro é evidente, pois testemunham as Santas Escrituras que só antes do pecado original viviam nus Adão e Eva, cobrindo-se depois de peles, tal como o fazem, atualmente, os índios do Canadá. Esse erro tem sido imitado por muitos, tais como os *turlupins* e os filósofos, chamados cínicos, os quais ensinavam, publicamente, que o homem não devia ocultar aquilo que lhe proporcionara a natureza.

Opinião dos turlupins e filósofos cínicos em relação à nudez

E mostram-se esses heréticos mais impertinentes do que os selvagens americanos, uma vez que já possuíam o conhecimento das coisas. Os romanos embora observassem certas estranhezas em seus costumes, não viviam nus. Nuas eram apenas suas estátuas e imagens, que colocavam nos templos, conforme ensina Tito Lívio.

Porque Júlio César usava barrete, contra o costume dos romanos.

Os romanos, não obstante, não usavam chapéu ou barrete na cabeça[6], tanto assim que Júlio César tinha o costume de cobrir com o cabelo posterior a parte calva da fronte, tendo mesmo obtido autorização para usar um leve barrete ou boné.

Eis o que eu tinha a dizer sobre o assunto, em relação aos selvagens americanos. Vi também que os índios do Peru usavam algumas ca-

---

6 Engano do autor. Os romanos usavam os mais variados chapéus (*apex, galerus, petassus, pileus,* etc.). Cf. A. Rich, p. 19 *et passim*.

misolas de algodão, talhadas a seu modo. Conta Plínio (o qual jamais teve notícia da América) existir na Índia oriental, do lado do Ganges, certos povos de pequena estatura, que se vestiam com folhas grandes e largas. Mas não é meu desejo prolongar o assunto.

Direi mais que esses pobres selvagens possuem um olhar assustador e o falar austero. Algumas vezes repetem as palavras. A linguagem é breve e obscura[7], todavia, como me ensinou a experiência, mais fácil de ser entendida que a dos turcos e a de outras nações do Levante. Os selvagens mostram muito prazer em falar indistintamente e em louvar as vitórias ou triunfos conquistados a seus inimigos. Mantêm os velhos suas promessas e são mais fiéis que os jovens; todavia mostram-se eles muito dados ao furto, pilhando qualquer cristão que encontram (mas não por ambição do ouro ou da prata alheia, pois não têm nenhum conhecimento dessas matas)[8]. É verdade, entretanto, que não se roubam uns aos outros[9].

Quando irritados, os selvagens não se satisfazem apenas em ferir o agressor; chegam mesmo a ameaçá-lo de morte. São, contudo, muito serviçais, mesmo rudes como são, guiando um estrangeiro por cinquenta ou sessenta léguas, em terra, com dificuldades e perigos, tudo por mero prazer e em troca de uma ninharia. Afora muitas outras obras caridosas e honestas, que praticam, – nisso até sobrepujando os cristãos.

---

7 Os nomes tupis são constituídos de raízes geralmente monossilábicas e inalteráveis. Talvez seja por esse fato que Thevet chama a língua de breve (Plínio Airosa, *Primeiras noções*, p. 34). Quanto ao mais, todos os jesuítas e escritores, que tiveram necessidade de entrar em contato com os aborígenes do litoral brasileiro, são unânimes em afirmar que a língua tupi-guarani era “delicada, copiosa e elegante”, com “muitas composições” e maior número de “síncopes” que a dos gregos (Anchieta, p. 433; Cardim, p.194; Loreto Couto, p. 48; C. Teschauer. pp. 112 e 113). Muito semelhante ao biscainho, na expressão de Nóbrega (p. 93), mesmo mais abundante, que o português, em alguns vocábulos, o idioma desse grupo cultural-linguístico estava subdividido em vários dialetos.

8 Os tupinambás desconheciam, de fato, o ferro, o ouro, a prata, etc. Os objetos de metal encontrados entre os guaranis no Paraguai, seus parentes, eram de procedência andina ou boliviana; do mesmo modo os dos omáguas, também pertencentes ao mesmo grupo cultural-linguístico, os quais provinham da Colômbia ou das Guianas (Métraux, *La civ. mat.*, p.256 sp).

9 “Nunca roubam uns aos outros” (Évreux, p. 70).

Estatura e cor natural dos selvagens americanos.

Os índios americanos têm a tez avermelhada, puxando à cor da pele do leão[10]. Cabe aos naturalistas explicar a razão disso e por que não é ela tão queimada quanto a dos negros da Etiópia. No mais, são de membros bem formados e proporcionais, não obstante seus olhos mal feitos, isto é, negros, tortos, de aspecto quase que selvagem. Possuem elevada estatura, sendo dispostos, alegres e pouco sujeitos às doenças, a não ser quando recebem alguma flechada em combate.

---

10 A comparação da cor da pele do índio com a cor da pele do leão parece ter origem numa carta atribuída a Vespúcio, segundo observa Gaffarel. As descrições dos autores clássicos estavam longe de fixar o tipo do aborígene brasileiro, uma vez que o próprio indivíduo observado variava de latitude em latitude. Prova disso são as anotações a respeito da cor da pele: os tupis do nosso litoral eram *vermelhos* (Anchieta, p. 433), *baços* (Gandavo, p.124 e G. S. de Sousa, p. 306), *castanhos* (fr. V. do Salvador, p. 51) etc. "*Quant à leur couleur naturelle, attendu la region chaude ou ils habitent, n'estans pas antrement noirs, ils sont seulement basanez, comme vous diries les Espagnois ou Prouecaux*" (Léry, p.102).

Paul Ehrenreich, entretanto, observa que o tom da pele dos nossos índios varia de acordo com o clima, não havendo motivo para dizer que os mesmos são *vermelhos*: vermelhos são aqueles que se pintam de urucu. Mais geral é o amarelo-cinzento claro (23 da escala Broca) (*Anthropologische Studien*, p.79). Finalmente, Roquette-Pinto chegou à conclusão de que o tipo antropológico mais parecido com o comum dos nossos selvagens encontra-se, como já o demonstrou Virchow, entre os chamados amarelos cruzados da Malásia. Para o mesmo antropólogo patrício é o *amarello-sienna* a cor dominante (*Seixos Rolados*, p. 144).

Sobre a renovação dos estudos da sistemática humana, em relação ao homem americano, cf. J. Imbelloni, *Três capítulos*, etc., Lima, 1937.

. . . .

Capítulo XXX

COMO BEBEM E COMEM OS SELVAGENS

Os selvagens vivem sem regra.

É FÁCIL COMPREENDER como essa boa gente não pode ter com os alimentos mais apuro do que com as demais coisas. E, do mesmo modo que não tem nenhuma regra de vida, também se sente ela incapaz de eleger o que é bom e evitar o que é mau. Nesse particular, vivem os selvagens sem discrição, embora sejam assaz supersticiosos quanto ao uso da carne de certos animais, quer terrestres, quer aquáticos, isto é, aqueles que são vagarosos no andar (ao contrário de outros mais rápidos na carreira ou no voo, tais como os cervos e corças). Tudo porque acreditam que a carne dos animais vagarosos os tornaria demasiadamente pesados, – condição inconveniente para quem se visse acometido pelo inimigo.

Os indígenas americanos têm horror à carne salgada.

Os selvagens não apreciam os alimentos salgados e interdizem o uso deles a seus filhos. Tanto que, quando assistem a um europeu comer carne salgada, acham isso um costume estranho. Acreditam que a carne salgada encurta a vida[1].

---

1 "Não têm o costume de salgar o peixe ou a carne... Aqueles entre os quais estive prisioneiro comem, às vezes, sal porque viram usar dele os franceses, com os quais negociam" (Staden, p.143). Léry (pp.142 e 143) confirma a observação de Thevet.

Alimentos comuns dos selvagens.

No mais, usam qualquer espécie de alimentos, carne ou peixe, assados sempre a seu modo: caças selvagens, ratos de várias qualidades e tamanhos, certas espécies de sapos maiores que os nossos, jacarés, etc., que põem rodo inteiros ao fogo, com peles e entranhas. E comem, desse modo, os animais, até mesmo os jacarés, que são lagartos da grossura de um bacorinho novo, proporcionalmente mais longos (vianda, aliás, bastante delicada, como testemunham os que dela provaram).

Lagarto da América.

São os jacarés tão mansos que não temem aproximar-se das pessoas, tomando, sem receio ou dificuldade, os alimentos que lhe lançam. Os selvagens matam-nos a flechadas. Sua carne parece com a da galinha. Só as ostras miúdas e outros mariscos marinhos é que vão ao fogo.

Silêncio dos selvagens à mesa.

Ao alimentar-se, não observam os selvagens horas determinadas. Comem a todo tempo, assim que sentem apetite; mesmo à noite, em seguida ao primeiro sono, levantam-se para comer, depois do que retornam ao leito. Mas, durante as refeições, guardam um estranho silêncio, – costume mais louvável que o dos europeus, que têm o hábito de se porem muito sem-cerimoniosamente à mesa[2].

Se a carne ou o peixe não eram salgados, isso não quer dizer que os tupinambás não se servissem do sal. Serviam-se, sim. E o próprio Léry conta como o usavam esses índios: “*Mais quant à nos sauuagens le pùant & broyant* (refere-se à pimenta) *auec du sel ... apellans ce meslange* Ionquet*, ils en vsent comme nous faisons de sel sur table: non pas toutefois qu'ainsi que nous, soit en chair, poisson ou autres viandes, ils saient leur morceaux aunat que les mettre en la bouche: car eux prenans le morceau le premier & à part, pincent puis apres auec les deux doigts à chascune fois de ce* lonquet*, & l'auaient pour donner saueur à ce qu'ils mangent*” (p. 206). Ao sal, misturado à pimenta pilada, chamava Gabriel Soares de Sousa de *juquiraí* (p. 204). O *juquiraí* é a mesma *jequitaia*, pimenta moída, cujo suco, espremido e misturado à seiva da mandioca, constitui um condimento dos nortistas (Hoehne, *A flora do Brasil*, p. 145). Cf. ainda: Marcgrave, p. 273; Abbeville, p. 354; Évreux, p. 12. Ocorrem também as formas *jiquitaí* e *juquitaí*.

2 “Este gentio come em todo o tempo, de noite e de dia, e a cada hora e momento, e como tem que comer não o guardam muito tempo, mas logo comem tudo o que têm e repartem com seus amigos” (Cardim, pp. 164 e 165; Marcgrave, p. 273). Léry quase que repete o frade (cf. pp. 134 e 135).

Os indígenas assam muito bem suas viandas[3], servindo-se delas compassadamente. Por isso se riem dos franceses, que à mesa devoram mais do que comem. Só usam os alimentos quando os mesmos se acham suficientemente frios.

E tem um esquisitíssimo hábito – quando comem jamais bebem, a qualquer hora que isso seja: ao contrário, quando se entregam à bebida, não comem nada, mesmo que a beberagem dure o dia inteiro[4]. Assim acontece, por exemplo, nos banquetes e outras solenidades, tais como as que acompanham os massacres.

A bebida feita com o *avati*.

As bebidas são extraídas do milho, – o branco e o negro, que na língua dos selvagens tem o nome de *avati*. Depois que assim bebem, separam-se uns dos outros, comendo, então, indiferentemente, tudo o que encontrarem.

Os pobres vivem mais dos peixes do mar, das ostras e de outros semelhantes alimentos do que da carne. Os que vivem longe do mar pescam nos rios.

Modo de viver dos antigos.

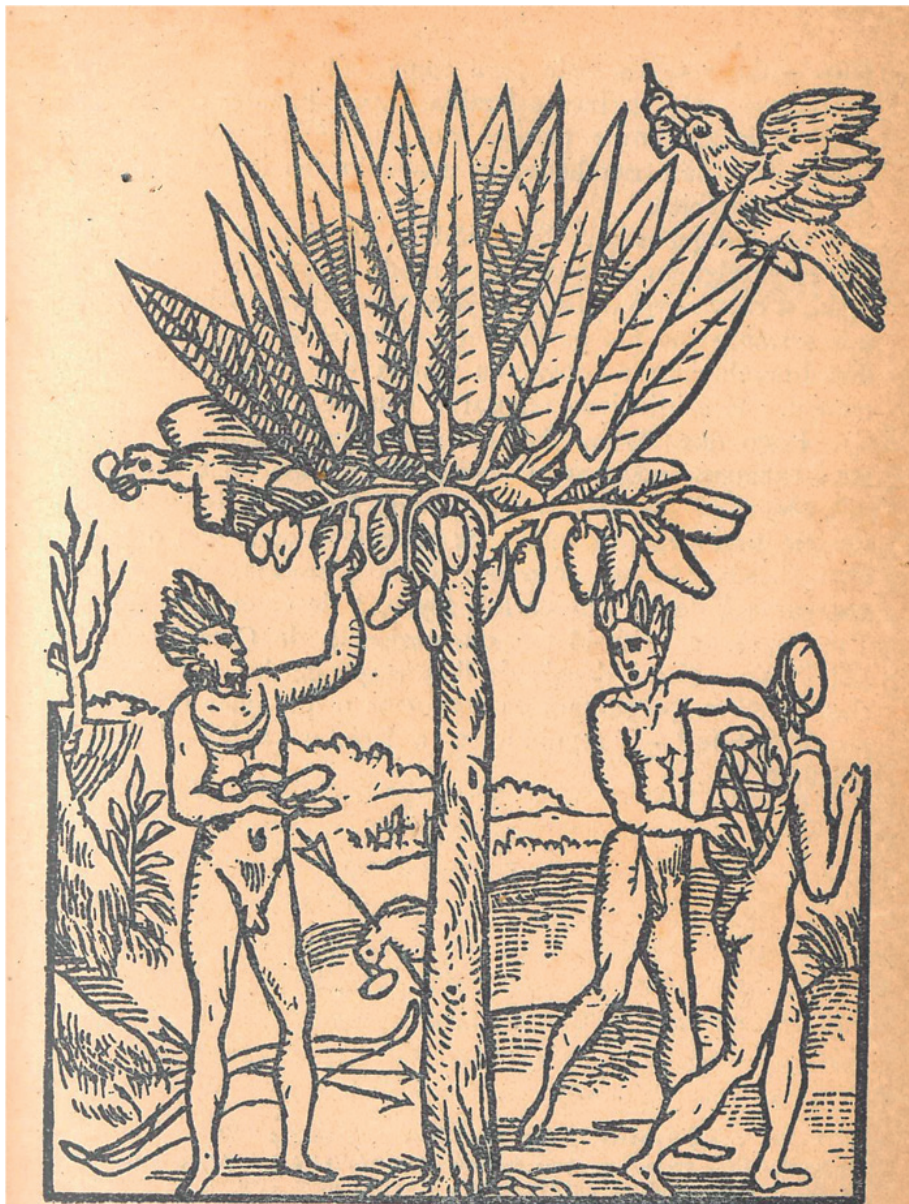
Dispõem os índios das mais variadas frutas, proporcionadas pela natureza. Vivem longos anos, sãos e dispostos. E note-se que os antigos se alimentavam, comumente, mais de peixe que de carne (assim como afirma Heródoto dos babilônios, que só se serviam de peixe.) As leis de Triptolemo, segundo Xenofonte, proibiam os atenienses o uso da carne. Não é, pois, estranho que se possa viver sem o uso de tal alimento.

Tanto mais os homens são nutridos delicadamente, tanto menos são robustos.

Mesmo no começo do povoamento da Europa, antes de a terra ser cultivada e colonizada, viviam os homens ainda mais austeramente, sem carne, nem peixe, nem tendo meios para isso; todavia eram robustos

---

3 No texto, *Ils cuisent fort bien leur viande*. O alimento não era propriamente cozido, mas moqueado na grelha. *Le tout rosti à leur mode*, como diz Thevet, na mesma folha.

4 Loreto Couto, p. 65; fr. Vicente do Salvador, p. 53; G. Soares de Sousa, p. 375.

6. A colheita (Thevet)

e longevos. E não efeminados, como os de hoje. Pelo que creio que tanto mais são os homens tratados delicadamente, tanto mais são eles débeis e sujeitos às doenças.

Ora, os selvagens, como já o disse, usam de carnes e peixes. E da mesma maneira que se vê na gravura ao lado[5].

Alguns estiram-se na rede para comer, ou, pelo menos, nela se sentam. Os chefes de família, especialmente, põem-se na rede, com as outras pessoas ao seu pé, às quais serve[6]. Como se a natureza houvesse ensinado aos índios a prestar honras à velhice.

Os indígenas guardam ainda o seguinte e honesto costume: se alguém apanha uma grande presa, em terra ou na água, a carne logo é distribuída aos presentes, principalmente aos estrangeiros (se os houver). Todos são assim convidados, liberalmente, a provar da vianda, que Deus lhes proporcionou. E é injurioso recusar o convite

Logo que algum visitante entra em qualquer uma das suas cabanas, indagam os selvagens o nome do visitante – *Marabissere*[7], isto é, *Como te chamas*? E podeis ficar certo de que, assim que os indígenas ouvem o nome, não o esquecem jamais, tão boa memória têm. Memória, que se pode comparar à do rei dos persas, Ciro, à de Cineias, legado de Pirro, à de Mitrídates, ou, enfim à de César, segundo diz Plínio. E, só depois de lhes responderdes a determinadas questões, perguntam os selvagens o que quer o visitante – *Marapipo*[8] – seguindo-se, a isso, as afabilidades do costume.

---

5 Perdeu-se, ao que parece, a gravura.

6 Fr. V. do Salvador, p. 56; G. Soares de Sousa, p. 375

7 Em Léry veem-se as duas formas: *Mara-pé-déréré* (p. 347) e *Marape-sere* (p. 365). De *maiabê*, ou *maram*, como?, *c* ou *ce*, dele, *cera* ou *er*, nome. Diz Plínio Airosa que as palavras corretas são *marape* (*marã-pe*) *nde rera, qual o teu nome*? (cf. Léry, nota à recente ed. bras., p. 212)

8 De *marám reportar*, isto é, "que coisas queres"?

. . . .

Capítulo XXXI

CONTRA A OPINIÃO DOS QUE CONSIDERAM OS SELVAGENS PELUDOS

Muitas pessoas pensam, por inadvertência, que esses povos, a quem chamamos de selvagens, pelo fato de viverem quase como animais, nos bosques e campos, têm, semelhante, o corpo todo peludo, à maneira dos ursos, dos cervos e leões. E assim o pintam essas pessoas em suas ricas telas. Em suma, quem quiser descrever um selvagem lhe deve atribuir abundante o pelo, dos pés à cabeça, – característica sua tão inseparável quanto o é do corvo a cor negra.

Tal opinião é inteiramente falsa, embora alguns indivíduos, como já tive ocasião de ouvir, se obstinem em afirmar e jurar que os selvagens são cabeludos. Se têm tal fato como certo é porque nunca viram selvagens. E desse jaez é a geral opinião.

Eu, porém, que já os vi, sei e afirmo seguramente o contrário. Os indígenas, não só os da Índia Oriental, mas também os da América, saem do ventre materno tão belos e limpos quanto as crianças nascidas na Europa. Se, com o decorrer do tempo, lhes nasce o cabelo em algumas partes do corpo, assim como sucede com qualquer pessoa – arrancam-nos às unhadas, conservando apenas o pelo da cabeça. É esse um costume em que têm muita honra, tanto os homens quanto as mulheres.

As sobrancelhas, que crescem sem medida nos homens, tonsuram-nas e raspam-nas as mulheres, por intermédio de uma planta afiada que só

uma navalha[1]. Essa planta assemelha-se ao junco, que nasce nas proximidades das águas. O pelo amatório e a barba do rosto, arrancam também os índios, do mesmo modo que extraem o cabelo do resto do corpo. De uns tempos a esta parte, os selvagens acharam até um meio de fazer umas espécies de pechinchas, com as quais extirpam bruscamente o pelo, porquanto, depois que estiveram em contato com os europeus, já aprenderam um tanto a malhar o ferro[2]. Pelo que, doravante, não se deve, nesse particular, seguir a opinião comum, nem crer nos pintores (assim como aos poetas é permitido criar os contos, aos pintores se concede licença para desenhar as coisas segundo a sua imaginação).

Se, às vezes, nasce entre os índios alguma criança peluda e aumenta-lhe o pelo por todo o corpo, à proporção que cresce, como já aconteceu em França, é isso um acidente natural. Nada menos do que se alguém nascesse com duas cabeças, ou outra coisa semelhante. Esses fatos não são assim tão admiráveis, uma vez que os médicos e filósofos explicam a razão deles. Na Normandia, por exemplo, vi um ser humano revestido de escamas, qual se fora uma carpa. São imperfeições da natureza.

Monstro de forma humana, coberto de escamas.

Confesso – mesmo de acordo com a glosa 13 do livro de Isaías – que existem certos monstros de forma humana. Os sátiros, por exemplo, que habitam os bosques e são peludos como os animais ferozes. E disso estão cheios os escritos dos poetas, – desses sátiros, faunos, ninfas, dríades, hamadríades, oréades e outras sortes de monstros que desapareceram com o tempo, quando então o espírito maligno, tomando mil aspectos, porfiava, por todos os meios, em iludir a humanidade. Mas, hoje, que Nosso Senhor houve por compaixão de comunicar-se à humanidade, tais espíritos malignos foram rechaçados. Deus transmitiu ao homem o poder contra os mesmos,

---

1 A propósito da planta, afiada como navalha, escreve Hoehne (*Bot.*, p.115): "A planta referida como semelhante ao junco, nativa da beira da água, que fornecia o material usado pelos aborígenes para a sua depilação, não é fácil de identificar. Mas no Pará encontrou recentemente o dr. Herbert Baldus uma gramínea, cujos frutos são pelos índios tapirapés, descendentes da tribo tupi, empregados no mesmo mister. Mais tarde recebemos da América do Norte material completo da espécie em apreço e conseguimos identificá-la como *Streptogyne crinita* P.B. Os tapirapés a denominam *capim-flecha*. Os frutos têm junto à base, de um lado, uma aresta rija, que prende os pelos sem deixar escapá-los, quando se passa os mesmos sobre a pele."
Outros instrumentos da tonsura eram a taquara e uma pedra chamada *cristal*. Cf. G. Soares de Sousa (pp. 368 e 369) e Staden (p. 70).

2 Não é possível que os tupinambás já soubessem malhar o ferro, ao tempo de Villegagnon. As pinças deviam ter sido fornecidas pelos franceses. Cf. Léry, p. 102.

conforme o testamento das Santas Escrituras. Entretanto, ainda se encontram na África certos monstros disformes, pelas razões alegadas no começo deste livro e por outras mais, que, no momento, deixarei passar ao largo.

Os selvagens americanos, de resto, trazem os cabelos da cabeça aparados acima das orelhas, à maneira dos monges. É verdade que os raspam na parte dianteira, a fim de evitar, segundo me informou um régulo do país, a possibilidade de caírem nas mãos dos seus inimigos, que os poderiam segurar pelo cabelo, se, acaso, o deixassem crescer no frontal ou no mento[3]. E isso foi o que lhes ensinaram os seus ancestrais, a saber que a rasura empresta a seu dono um extraordinário denodo.

Os abantes, povos da Ásia

Se os silvícolas americanos conhecessem a Ásia, era de crer que tivessem adquirido esse costume com os abantes. Os abantes, do mesmo modo, raspavam a cabeça, com o objetivo (diziam) de tornarem-se mais ousados e mais belicosos. Conta também Plutarco, quando trata da vida de Teseu, que existia entre os atenienses o costume de os éforos, isto é, os tribunos da república, oferecer em Delfos, a cabeleira aos deuses. De modo que Teseu, tendo raspado a parte dianteira da cabeça, à moda dos selvagens americanos, foi a isso levado pelos abantes, povos asiáticos. E, de fato, sei que Alexandre, monarca da Macedônia, segurando-os pelos cabelos e pelas barbas. Seu costume era trazerem-nos longos, pois não havia barbeiros que os soubesse tosar ou raspar. Os primeiros barbeiros chegados à Itália eram originários da Sicília.

Eis o que eu tinha a dizer a respeito do pelo dos selvagens americanos.

---

3 Os tupinambás usavam as mais variadas formas de tonsura, distintivas da nacionalidade, no dizer de Fernão Cardim. Dois tipos de tonsura, sobretudo, atraíam a atenção: o *corcilho* (também chamado de *coroa-de-frade*) e a *meia-lua*. No penteado à meia-lua, raspava-se a parte anterior e a alta da cabeça.
Segundo Ehrenreich, a tonsura chamada coroa-de-frade era genuíno penteado tapuio ("Sobre alguns retratos", p. 31). E parece também que era peculiar aos tupi-guaranis, pois vamos encontrá-la entre as mais diferentes famílias desse grupo linguístico-cultural (M. Fernández de Enciso, p. XXIV; F. R. Ewerton Quadros, p. 250; Anthony Knivet, p. 254; Taribio de Ortiguera, p. 373; O. Canstatt, p. 82).
Por ocasião de sua viagem ao Xingu, K. v.d. Steinen encontrou, entre os índios dessa região, duas espécies de tonsuras: os suiás usavam a tonsura do apóstolo São Paulo; os do Coliseu a tonsura do apóstolo São Pedro (*Entre os aborígenes*, p. 216) Cf. ainda: Cardim (p. 168); Staden (p. 147), Gandavo (p. 53) e G. S. de Sousa (p. 369).

. . . .

Capítulo XXXII

A ÁRVORE, CHAMADA NA LÍNGUA DOS SELVAGENS DE JENIPAPO, DA QUAL OS ÍNDIOS EXTRAEM UMA TINTA

A árvore e o fruto do jenipapo.

O JENIPAPO é uma árvore muito estimada pelos selvagens americanos, por causa de seu fruto do mesmo nome. Não que o fruto seja bom de comer, mas por causa de uma outra utilidade, que dele tiram os índios. Em tamanho e cor, assemelha-se ao pêssego. Do seu suco extraem os selvagens certa tinta, com a qual, algumas vezes, pintam todo o corpo.

Como se faz tinta do jenipapo.

Da seguinte maneira conseguem os selvagens americanos a tinta, uma vez que de outros processos não dispõem esses míseros seres: primeiramente, mastigam os frutos, como se quisessem comer, depois do que os espremem nas mãos, com o fim de extrair-lhes o sumo (tal que se tira o líquido da esponja); depois, passam o suco por todo o corpo, isto é, quando se entregam às solenidades do massacre, ou quando se visitam reciprocamente, ou, em outras cerimônias. O suco do jenipapo é tão claro quanto a água da fonte, mas, ao ser empregado, à proporção que seca se torna mais vivo[1].

---

1 No texto, *Genipat*. O suco do jenipapo, quando passado na pele, torna-se intensamente negro, durando, segundo Staden, por espaço de uns nove dias (p.175). É também Staden quem dá o nome da árvore – *Junipeappceywa*, do tupi *genipayha* (*Genipa ame-*

Como os selvagens pintam o corpo.

A tinta do jenipapo é de cor quase indizível, ou melhor, entre o negro e o azulado. Entretanto, só depois de dois dias de uso, ou depois de tornar-se bem seca, adquire a tonalidade natural. Assim pintados, os selvagens andam tão contentes quanto os europeus com os seus cetins e veludos festivos. Tingem-se as mulheres com jenipapo mais comumente do que os homens.

Se os índios são convidados, por seus amigos, a tomar parte em alguma cauinagem, a dez ou doze léguas de distância, descascam, antes de partir da aldeia, certas árvores, cujo âmago deve ser vermelho, amarelo ou de qualquer outra cor, fazendo pedaços de tudo, após extraem uma goma de outra planta chamada *usub*[2].

O *usub*, uma goma.

Por fim, passam os indígenas essa goma viscosa pelo corpo (aliás é a pomada boa para as chagas, como tive ocasião de experimentar) e só então espalham sobre tal pasta a tinta de jenipapo. É verdade que alguns índios, em lugar dessa tinta, usam peninhas de todas as tonalidades, de modo que os vereis tão vermelhos como se estivessem revestidos do mais fino escarlate. Ou revestidos de outro tecido, se as cores são diferentes. Altos penachos, belos e maravilhosos, adornam a cabeça.

O jenipapo, outra árvore.

Eis o que sei sobre o jenipapo, árvore de folhas semelhantes às da nogueira, cujos frutos nascem quase na extremidade dos ramos, uns singularmente por cima dos outros. Há, na América, outra árvore do mesmo nome, mas seu fruto, além de agradável ao paladar, é maior.

---

ricana L.). O jenipapo servia para "secar as bostela das boubas" (G. Soares de Sousa, p. 215). Refs. Em Léry (p. 105), Gandavo (p. 128) e Abbeville (p. 254).
Foi Thevet, dentre todos os autores antigos, quem nos deixou a primeira e melhor descrição do processo de fabricar a tinta do jenipapo.
Janipaba ou *ienipapo* em Marcgrave, p. 92, ed. do Museu Paulista.

2 No texto, *iusub*. Hoehne identificou-a com o urucu, *Bixa orellana* L (*Bot.*, p. 116). Sinonimia: *rucu* ou *rocu* (Guiana e Venezuela), *achiote* ou *achiott* (língua *nahuatl*), *bixa, bija, biche* (índios das Antilhas donde o costume de os cronistas lhe chamarem de *embijados*), *arnotto* ou *anotto*, *açafrão*, etc. É uma árvore neotrópica, cujas semen-

A erva petum. Como ela é usada.

Outra singularidade americana é uma erva, que os índios chamam de *petum*[3]. Trazem-nas os selvagens ordinariamente consigo, em virtude do maravilhoso proveito que tiram dela. Parece-se com a nossa buglossa e os indígenas colhem-na cuidadosamente, fazendo-a secar à sombra, em suas choupanas.

Os silvícolas americanos usam-na do seguinte modo: envolvem certa porção da planta, já seca, numa grande folha de palmeira, formando,

---

tes foram estudadas por Chevreuil em 1833. Sobre as propriedades terapêuticas dessa planta e a proteção por ela exercida na pele contra os raios solares, cf. Martius (*Natureza*, p. 244, sq., notas de Pirajá da Silva) e A. Osório de Almeida (p. 3).

A espécie de pomada, ou substância untuosa para friccionar o corpo, era preparada com gorduras ou azeite de origem animal, como a banha do jacaré, do iguano, ou com o lambari (*tetragonoperos*) da capivara. Essas gorduras misturavam-se, ainda quentes, às substâncias corantes, dando-se consistência necessária ao oleato resultante à custa do acrescentamento de gorduras mais densas, tais como a da *icica* (*Protium heptaphylum*) (R. Pardal, p. 98). Observa Hoehne que a pasta tirada das sementes do urucu é, ainda hoje, o cosmético de preferência dos aborígenes do Mato Grosso, do Amazonas e do Pará. Em nossos dias, a *Bixa orellana* serve como objeto comensal (para corar o arroz, para dar a cor amarela da manteiga).

A universalidade dos corantes vermelhos deu lugar às mais variadas hipóteses. Que seu uso é ritual ou mágico, não resta dúvida (cf. Gilberto Freire, pp. 74 e 75). Sempre que recebiam valiosos presentes, os tanganis untavam-se de urucu, como sinal de homenagem àquele de quem tinham recebido o obséquio (Roquette-Pinto, *Rondônia*, p. 241). Raphael Karsten, p. e., já aventou a possibilidade de ser o urucu um substituto do sangue (p. 41). Knivet, de fato, informa que os nossos índios só se pintavam de urucu quando executavam um prisioneiro; cf. ainda o interessante costume dos chamacocos, quando vão à guerra ou se inimizam com as esposas (Baldus & Willems, p. 229). Minuciosa descrição em Marcgrave, pp. 61 e 62. Ed. do Museu Paulista.

3 No texto, *Petun*. – Outras formas : *pytyma, betun, bittin, petigma, petume, petim, pitima. Pitar, pitada, pito* parece que se originam do nome tupi do tabaco (Artur Neiva, p. 194 sq.). A propósito da etimologia da palavra *petum*, cf a nota de Vale Cabral (*in* Nóbrega, p. 112). Os petiguaras devem seu nome ao uso do fumo ("Autores há que escrevem potiguaras, que vale dizer – *comedores de camarões*; mas Duarte Coelho, donatário primeiro de Pernambuco, escreveu *pitinguaras* e Antônio Knivet, que viu esse gentio, descreve-o como tendo o hábito inveterado de trazer uma folha de fumo entre o lábio e os dentes, donde lhe descia a baba pelo furo do beiço, daí o nome *petinguara*, que quer dizer *mascador de fumo*" – T. Sampaio, *Os naturalistas*, p. 592).

Relação de algumas importantes monografias sobre o assunto: Mac Guire, "American aboriginal pipes", *Rep.U.S. Nat. Mus*.,Washington, 1887; Günther Stahl, "Der Tabak in Leben Südamerikanischer Völker", *Zeit f. Ethn".,* LVII, Berlim, 1925; R,B, Dixon, I "Words for tobacco in american indian languages", *Amer. Anthrop*., Lancaster, 1921. Há um mapa de distribuição geográfica do tabaco e do cigarro, em Clark Wissler, *The American Indian*. 3ª ed de 1926, Nova York.

assim, um canudo da grossura de um círio; depois disso, põem fogo a uma das pontas do canudo, aspirando-lhe o fumo pelo nariz e pela boca[4].

O *petum* é muito saudável (dizem), por destilar e consumir os humores supérfluos do cérebro. Além disso, aspirado dessa maneira, mitiga, por algum tempo, a fome e a sede, – motivo pelo qual os índios usam com frequência essa planta, sobretudo quando têm algum assunto a tratar entre si (tiram as fumaradas e, depois, falam). E assim o fazem repetida e sucessivamente, uns após os outros, quando estão em guerra, achando que o fumo, nessa ocasião, é muito conveniente. As mulheres é que não usam o *petum*.

Essa erva, empregada excessivamente, na realidade atordoa e embriaga, como faz o espírito de um vinho forte. Os europeus, que entre os índios vivem, sentem-se estranhamente atraídos por tal planta e perfume. Se bem que no começo seu emprego não seja sem perigo. Isso antes de a pessoa acostumar-se com ela. Pois o fumo causa suores e frios, produzindo até síncopes (eu mesmo tive ocasião de experimentá-lo).

A fonte de Lincestida e sua propriedade.

Circunstância que, pode parecer, não é estranha, porquanto existem muitos outros frutos que ofendem o cérebro, embora sejam delicados e agradáveis ao paladar. Diz Plínio que há, em Lincestida, uma fonte, cuja embriaga as pessoas; do mesmo modo, uma outra em Panflagônia.

Haverá quem pense ser totalmente falso o que eu disse a respeito dessa erva, como se a natureza não pudesse dar tal poder a alguma coisa sua, de acordo com cada uma das regiões do globo terrestre. Por que, então, estaria a América privada desse benefício, uma vez que é um país de clima mais temperado que vários outros? Se alguém não se contentar com meu testemunho, é só ler Heródoto, o qual, em seu *Segundo livro*, refere-se a uma população africana, que vive exclusivamente de vegetais. Segundo Apiano, os partos, banidos e expulsos de sua pátria por M. Antônio, foram viver de certas ervas, que lhes embotavam a memória. Mas os partos julgavam que a planta os estivessem alimentando, embora, com o seu uso, morressem pouco tempo depois.

Pelo que não deve a história do *petum* ser considerada sobrenatural.

---

4 "A canguera, como instrumento de fumar ou beber fumo, espécie de cigarro monstro, é desconhecida dos dicionários tupis, onde vem apenas com as acepções de osso, espinha, quiçá devido à semelhança entre os objetos" – escreve Rodolfo Garcia (Cardim, p. 134). A descrição de G. Soares de Sousa (p. 233) é muito semelhante à de Thevet. O uso do tabaco em forma de cigarro ou charuto é peculiar aos auetós, jurunas, apiacás, mundurucus, chiriguanos, tembés, pausernas, guaraiús, amanajés, paias, cocamas e oiampis.

7. O fumador de tabaco e a fabricação do fogo (Thevet).

. . . .

Capítulo XXXIII

DA ÁRVORE CHAMADA *PACOVERA*[1]

JÁ QUE SE ME OFERECE a oportunidade, descreverei agora outra árvore, mais pelo interesse de sua excelente virtude e incrível singularidade do que mesmo pelo propósito de tornar mais extenso meu tema. E esta é das tais que não existem na Europa, na Ásia, ou na África.

Descrição da árvore chamada *pacovera*.

Trata-se da planta que os selvagens chamam *pacovera* porventura a mais admirável das árvores até hoje vistas. Primeiramente direi que a árvore, do chão aos ramos, não ultrapassa aproximadamente a altura de uma braça, não sendo a sua grossura, quando atinge a planta o crescimento normal, tão grande que não possa um homem empunhar o caule, com ambas as mãos espalmadas. E esse caule é tão tenro que se pode cortar com um

---

1 No texto, *Paquouera*. Em Léry (p.192) *Paco-aire* e em G. Soares de Sousa (p. 207) *pacobeira*.

A planta, descrita por Thevet, é a *Musa paradisíaca* L., var. *Normalis* O. Kuntze. Léry e G. Soares de Sousa tratam de outras variedades, que devem ser subordinados à subespécie *sapientum*. A observação é de Hoehne, que acrescenta ser a planta, vista pelo frade no Egito e em Damasco, outra espécie de *Musa* (*Bot.*, p. 121).

K. v. d. Steinen, quando afirma que nenhum dos primeiros descobridores menciona a banana (*Entre os aborígenes*, p. 261), não diz a verdade e demonstra, com isso, que desconhecia as obras de Thevet, Léry e outros.

golpe de faca; as folhas têm a largura de dois pés e, de comprimento, uma braça, um pé e quatro dedos (como posso realmente asseverar).

Vi uma espécie, muito semelhante à pacoveira, no Egito e em Damasco, quando de volta de minha viagem a Jerusalém; suas folhas, todavia, não se aproximavam da metade sequer das da planta americana. A diferença das frutas ainda é maior, pois as da árvore de que falo têm um bom pé de comprimento, isto é, as mais crescidas, sendo tão grossas como o pepino, com a qual, aliás, se parecem muito.

A pacova, uma fruta.

A fruta dessa árvore, que na língua dos selvagens se chama *pacova*[2], estando madura é muito saborosa e de boa concocção. Colhem-na os índios, quando está de vez, levando-a para as suas choças, como em regra se faz na França. As pacovas crescem em cachos de trinta a quarenta, bem juntas umas das outras, em penquinhas quase pegadas ao tronco (como se poderá ver na gravura que vai adiante).

O admirável é que a árvore não produz mais do que uma vez. Quase todos os indígenas, até há alguns tempos passados, alimentavam-se dessa fruta durante uma boa parte do tempo, assim como de uma outra, que existe nos campos, chamada *hoyriri*[3]. Esta, por seu feitio e porte, era de pensar que proviria de alguma grande árvore: mas nasce, entretanto, em certa planta, cujas folhas são semelhantes às da palmeira, tanto em extensão como em largura. E a fruta tem o comprimento de um palmo e a feição de noz de pinheiro, se não é maior, crescendo no meio das folhas, na ponta de uma haste redonda. Dentro se encontram umas espécies de nozezinhas, cujo caroço é branco e gostoso, embora, comido em quantidade, ofenda o cérebro (como, aliás, acontece a todas as coisas). O mesmo sucede, por exemplo, com o coriandro, se não é devidamente preparado. É possível que, submetido ao mesmo processo do coriandro, perdesse aquela fruta o seu vício.

---

2 No texto, *Pacona*. Talvez erro tipográfico, em lugar de *pacova*.

3 Artur Neiva (p. 67) dá-nos uma infinidade de sinônimos dessa fruta. Descrição em Abbeville (p. 256) e em G. Soares de Sousa (p. 222). Hoehne identifica-a com o *Diplothemium maritimum*, Mart. (*Bot.*, p. 121), que possui vários nomes comuns (buri-da-praia, coqueiro-da-praia, c. guriri, imbury, etc.) Cf. M. Pio Correia, I, 338. Se não é que se trata do aricuri (C. *schizophylla* M.), também chamado *ouricuri* ou *urucuri*.

Os selvagens, todavia, não deixam de servir-se da referida fruta, principalmente as crianças. Estão cheios dela os campos a duas léguas do Cabo Frio, nas proximidades das lagoas, que atravessei, ao voltar da viagem, quando pus pé em terra.

Um jacaré morto.

Direi, de passagem, que, além das frutas encontradas nas margens das lagoas, vi um jacaré, do tamanho de um vitelo, proveniente dos brejos próximos, nos quais havia sido morto. Como acontece com os lagartos, de que já falei, os índios também comem da carne do jacaré.

O jacaré-açu.

Os nativos dão-lhe o nome de jacareaçu[4] e são maiores do que os do Nilo. Afirmam os indígenas que, em uma lagoa de cinco léguas de circunferência, do lado de Pernomeri e da região dos canibais[5], distante dez graus do Equador, há certos crocodilos, maiores do que bois, que lançam um vapor mortal pela garganta. Quem deles se aproxima arrisca-se a morrer, – assim o ouviram os índios de seus avós.

Uma espécie de coelho.
A cutia, um animal.

No mesmo lugar onde cresce essa fruta, existem numerosos coelhos, semelhantes aos nossos, exceto no porte e na cor. E lá também se

---

4 No texto, *Iacareabsou*. O jacareaçu da região amazônica atinge quatro metros de comprimento (R. v. Ihering, p. 67). Segundo K. P. Schmidt, os jacarés brasileiros até hoje conhecidos compreendem duas espécies, repartidas em dois gêneros, – o jacareaçu (também chamado jacaré-una) é o *Caiman niger* Spix. Cf. a nota de Olivério Pinto, em Wied Neuwied (p.118).
Paulo Sawaya (nota à p. LXXXV da recente ed. de Macgrave) observa que o jacaré, colocado na espécie *Alligator*, está hoje incluído na espécie *C. sclerops* Schn.

5 Alguma formação lacustre com o nome de *Pernomeri*, ou *Paranamirim, Paramirim, Parnamirim*, etc., talvez nas costas da Venezuela, "*tirant aux Camibales*", diz o texto original, isto é, para o lado da região Cannibaes, nome por que eram particularmente designados vários trechos ou ilhas de parte do litoral sul-americano banhado pelo mar das Antilhas. Todavia, Thevet designava também por país dos canibais as terras continentais situadas acima do cabo de Santo Agostinho. Cf. o cap. LXI, nota correspondente. *Paranamiri*, diz Thompson (IV, p.53) *é um rio da* "*province and country of Las Amazonas*".

encontra outro animalzinho, chamado cutia[6], do tamanho de uma lebre mesclada, tendo dela a boca e as orelhas sendo o pelo, qual o do javali, duro e em pé – mas a cabeça igual à da ratazana e o rabo do comprimento de uma polegada. É inteiramente glabro no dorso (da cabeça à cauda), tendo o pé bifurcado como o do porco.

A cutia vive de frutas. os selvagens alimentam-na não só porque a estimam como por causa do sabor de sua carne.

---

6 No texto, *Agoutin*. – Léry, p. 144 e 145: "*Passant donc outre aux outres Sauuagines de nos Bresiliens, ils une beste rousse qu'ils nomment Agouti, de la grandeur d'un cochon d'un mois, laquelle a Le pied fourchu, la queuë fort courte, Le museau & les orelilles presques comme celle d'um lieure*". Cf. ainda G. Soares de Sousa, p. 297; Cardim, p. 37 e 38; Abbeville, p. 291. Diz Rodolfo Garcia que, nas repúblicas platinas, prevaleceu a forma *aguti* ou *acuti*. Etimologia do nome de T. Sampaio, O *tupi*, p.198. Esse roedor (*Dasyprocta aguti*, Linn.), que Thevet foi o primeiro a descrever, – tal é a opinião de Rodolfo Garcia. – tem, realmente, unhas fortes, comparáveis aos casos dos ungulados.

Paulo Sawaya chama a atenção para o informe de A. Couto de Magalhães (p. 254). a saber, que a cutia é a também responsável pela disseminação das sementes de castanha na região amazônica.

Um erro nos caracteres anatômicos desse roedor, cometido por Marcgrave – os seis dedos nas patas posteriores – foi repetido por numerosos naturalistas, até que Brisson pôde retificar o engano. Cf. Eustáquio Duarte, *Os primeiros estudos de medicina*, p.175.

. . . .

Capítulo XXXIV

DE QUE MODO FAZEM, OS SELVAGENS, INCISÕES NO CORPO

O caramujo, espécie de peixinho.

NÃO BASTA AO SELVAGEM americano andar totalmente nu, pintar o corpo de várias cores e arrancar-lhe o pelo. Para tornar-se ainda mais disforme, perfura, quando ainda jovem, os lábios, empregando, nessa operação, certa planta afiadíssima. O orifício aumenta com o crescimento do corpo, enfiando nele os índios uma espécie de caramujo, – que é um marisco comprido, de casca dura e semelhante às contas de rosário[1].

Os indígenas metem essa cunha (quando o marisco deixa a casca) no lábio inferior, à maneira do que se faz com o batoque, ou o espicho do moio do vinho, ficando a ponta mais grossa para o lado de dentro e a mais fina para o lado de fora.

---

1 Os botoques, *metaras* ou t*embetás* são adornos labiais de uso exclusivamente masculino. Encontram-se em quase todas as tribos da família tupi-guarani. Os tambés, que são tupis puros, devem seu nome ao uso exagerado desses ornamentos (Curt Nimuendaju, p. 287).
Conhecem-se três tipos principais de botoques, a saber:
a) Os botoques cilíndricos ou cônicos, de cerca de duas polegadas, no dizer de Pigafetta (*apud* J. F. de Almeida Prado, p. 178), ou mesmo maiores. Cf. ainda Abbeville,

Pedras de cor puxando à esmeralda.

E, logo que a pessoa atinge a idade do matrimônio[2], trocam-se as conchas por grossas pedras, de cor puxando à esmeralda, às quais guardam os índios tal estima que dificilmente é possível alguém conseguir um desses objetos, mesmo em troca dos mais altos obséquios, pois são coisas raras no país. Seus vizinhos e amigos trazem tais pedras de uma alta montanha, que fica na terra dos canibais, polindo-as tão bem, com outra pedra para isso adequada, que o mais hábil ouvires não o faria melhor. Na montanha, de que falo, talvez se encontrem algumas esmeraldas, pois uma dessas pedras me pareceu realmente verdadeira[3].

---

p. 314; Évreux, p. 37; Staden, p. 148; Cardim, p. 174. Ladislau Netto (p. VIII) e H. v. Ihering (ests. XXI e XXIII) dão-nos algumas reproduções desses tipos de adornos, encontrados nas regiões meridionais do Brasil.

b) Os botoques semelhantes a rolhas de garrafa. É o tipo descrito por Staden (*ib.*).

c) Os botoques da feição de discos, rodelas ou cuias, ovais ou redondos, tão longos "como o côncavo da mão" (Évreux, *ib.*; G. Soares de Sousa, p. 371).

Dembo & Imbelloni (p. 154 sq.) estudaram as consequências morfo-histo-fisiológicos dos processos deformatórios dos botoques.

2 As cerimônias preliminares do uso do botoque começavam no verdor da idade (aos quatro, cinco ou seis anos) (cf. Abbeville, p. 313 e 314; Staden, p. 148); G. Soares de Sousa, p. 371; Barleu, p. 281). Eis a referência de Léry (p.103 e 104): "*Ovtreplus, ils ont ceste coustume, que des l'enfance de tous les garçons, la leure de dessous ou dessus du menton, leur estant parce, chascun y porte ordinairement dans le trou un certain os bein poli, aussi blanc qu'yuoire, ... tellement que le bout pointu sortant un pouce ou deux doigts en dehors, cela est retenu par um arrest entre les gêcines & la leure, & l'ostent & remettent quand bon leur semble. Mais ne portans ce poinçon d'os blanc qu'en leur adolescence, quand ils sont grans, & qu'on les apelle* Conomi-ouassou *(c'est à dire gros ou grand graçon)*", etc.

Os pais ferviam o caium e convidavam os parentes e amigos; nessa ocasião, com chifrezinhos ou ossos de veado, perfuravam o lábio inferior do menino, e no orifício, introduziam o rolete de pau ou de pedra, ou um caracol. Se o paciente chorava, era isso prenúncio de pouco valor. Na puberdade, substituía-se a metara inicial pela pedra verde simbólica e, quando o guerreiro praticava grandes feitos, abriam-se mais orifícios na face. Cf. Simão de Vasconcelos, p. 51; Nóbrega, p. 98; G. Soares de Sousa, p. 371, (afirma existir indígenas que perfuram o lábio superior); Staden, p. 148.

3 O material para a fabricação dos botoques era variado (ossos ou madeira; búzios; pedras de cores variadas – calcedônia, quartzo, berilo, feldspato, nefrite ou jade, etc.). A nefrite era, realmente, a mais estimada das pedras, por constituir, no dizer de

É assim que os selvagens americanos se desfiguram, isto é, à custa de orifícios e grossas pedras no rosto; mas nisso experimentam um prazer como um alto fidalgo francês, quando traz os seus ricos e preciosos colares. E de tal modo que é tanto mais honrado e tido como senhor ou morubixaba quem mais exibe pedras, nos lábios, na boca e nas faces. As pedras, que trazem os homens, são da espessura de um dedo grande e, às vezes, tão largas quanto um duplo ducado, senão mais, impedindo-lhes, por isso, a palavra. Quando estão assim adornados, dificilmente se pode entendê-los, pois é como se estivessem com a boca cheia de farinha.

A cavidade produzida pela pedra torna o lábio inferior do tamanho de um punho e, segundo sua grossura, é possível estimar a capacidade de resistência do orifício. Quando, entretanto, querem os índios falar, retiram a pedra. E, então, se vê a saliva correr pelo conduto, – aspecto hediondo à vista[4]. Essa gentinha, enfim, quando pretende zombar de alguém, costuma estirar a língua pelo buraco destinado ao adorno.

As mulheres não são tão disformes, embora tragam certos brincos às orelhas, semelhantes às velas de um *liard* de largura e comprimento; são feitos com os grandes búzios[5] e conchas marinhas. Os homens, demais, conduzem ao pescoço crescentes do tamanho de um pé (comumente as

---

alguns autores, uma espécie de *muiraquitã* ou amuleto. Cf. Léry, p. 104; Abbeville, p. 313; Évreux, pp. 36 e 37; fr. V. do Salvador, p. 59; *Diálogos*, p. 286. A respeito do assunto, leiam-se ainda: J. Barbosa Rodrigues, O *muiraquitã e os ídolos simbólicos*, Rio, 1899: Camillo Torrend, "O culto das pedras verdes entre os aborígenes do Brasil", em *Rev. do Inst. Hist e Geog. da Bahia*, n. 45, São Salvador, 191; F. E. Simch, "Tembetás", em *Rev. do Inst. Hist e Geog.do Rio Grande do Sul*, ano I, 3º e 4º trim., Porto Alegre, 1924; Raimundo Morais, *País das pedras verdes*, Manaus, 1930. *Tembetá* não é simplesmente o botoque, mas todo enfeite pendente do beiço inferior, explica Afonso A. de Freitas (p. 135).

Interessante nota de Basílio de Magalhães, à obra de Martius, *Viagem pelo Brasil,* III, pp. 205-206; Outra não menos interessante, a de Luís da Câmara Cascudo, à p. 334 das *Viagens* de Koster, ed. de 1942.

4 Léry, p. 104 "*quand ces pierres sont ostees, nos Tououpinamnaoults pour leur plaisir font passer leur langues pàr ceste fente de la leure, estant lor aduis à ceux qui les regardent qu'ils ayent deux bouches*".

5 Sobre o assunto, consultar: Léry, pp. 115 e 116; Staden, p. 149; Cardim, p. 174; Abbeville, pp. 313 e 314; Dobrizhoffer, I. p. 71; J. B. Fernandes Gama, I, p. 32.

crianças de dois ou três anos)[6]. E também alguns colares brancos fabricados com outras espécies de búzios[7], apanhados no mar, aliás muito caros e estimados.

Colares de búzios. Espécie de contas brancas.

As contas de rosário, que se vendem atualmente em França, quase tão brancas quanto o marfim, procedem das regiões americanas e são os próprios indígenas que as fabricam. São transportadas pelos marinheiros, que a adquirem por preços vis. E, quando começaram a ser usadas em França. Acreditava-se tratar do coral branco; só depois se viu que a matéria de que são feitas é a porcelana. É permitido benzê-las, assim o queira o dono.

Braceletes de escamas de peixes.

Vi ainda, braceletes de ossos de peixe. São dispostos à maneira dos braçais dos gendarmes. Os selvagens, finalmente, apreciam muito as nossas contas de vidro.

Deformidade dos selvagens americanos.

O que desfigura os indígenas, sobretudo, são as tintas de certas cores que usam homens e mulheres, extraídas, como já disse dos frutos. Os selvagens pintam-se e adornam-se reciprocamente, mas são as mulheres que tingem os homens, desenhando mil primores, tais como linhas, ondas e coisas assim semelhantes, em traços tão miúdos que mais não é possível.

---

6 O crescente (*jacy*) era um colar simbólico, em forma de meia-lua, "branco como neve" e feito, algumas vezes, de "grandes búzios marinhos" (Staden, p. 148; Léry, p. 105) Os otólitos de certos peixes serviam, também, de pendentes ou placas peitorais (Cardim, p. 82).

7 O nome desse colar é *boü-re*, diz Léry (p. 106) cujo termo, restaurado, é *mboyr*, *boyra* (cf. Plínio Airosa, nota à recente ed.bras. de Léry, p. 103).
Os tupinambás fabricavam colares de ossos (dentes de pirambá, dentes humanos, dentes de animais ferozes). Eram os *aiucarás*, espécies de condecorações que ninguém, diz o padre J. Daniel, se atrevia a usar sem o merecer (*iaiurapora* era o nome também dos colares de ossos, diz E. Stradelli, p. 450). Havia-os ainda de madeira preta, "luzente como azeviche". Alguns desses ornamentos atingiam seis braças de comprimento. Traziam-nos os homens, tanto ao pescoço como nos braços; mas as mulheres preferentemente nos braços (cf. Staden, pp.77 e 148; G. Soares de Sousa, p. 372; Cardim, p. 174; Simão de Vasc., p. 55).

Não diz nenhum livro que existam outros povos com o mesmo costume. É exato que os citas, quando iam visitar seus amigos, por ocasião da morte de alguém, pintavam as faces de preto. As mulheres da Turquia esmaltam as unhas com uma espécie de tinta vermelha ou preta, julgando, desse modo, que se tornam mais belas; mas não tingem o resto do corpo.

As mulheres americanas não tingem o rosto e o corpo de seus filhos apenas de negro, mas de várias outras cores, especialmente de uma que se assemelha ao *boli* armênio. Essa última tinta é fabricada de uma terra gorda como a argila, que dura por espaço de quatro dias. As índias pintam-se as penas com uma tinta de cor igual ao *boli* armênio, de modo que, ao vê-las de longe, julgar-se-á que estão metidas em belas calças de fina estamenha preta.

. . . .

Capítulo XXXV

DAS VISÕES, SONHOS E FANTASIAS DOS SELVAGENS. E DE COMO SÃO PERSEGUIDOS PELOS ESPÍRITOS MALIGNOS

Porque os selvagens americanos são sujeitos a perseguições do espírito maligno.

É ADMIRÁVEL que essa pobre gente, embora privada da verdadeira razão do conhecimento de Deus, seja sujeita não só a muitas fantasias, como à perseguição do espírito maligno. Entre nós já houve casos semelhantes, antes do advento de Nosso Senhor, uma vez que o espírito maligno só tem um objetivo, que é seduzir e depravar as criaturas privadas da revelação divina.

***Agnan*. O que significa na língua dos selvagens.**

Os selvagens americanos veem, muitas vezes, um mau espírito, que se lhes apresenta sob várias formas. Chamam-lhe de *agnan*[1]. *Agnan*

---

1 No texto, *Agnan*. *Anham* ou *anhanga* têm sido objeto de várias interpretações. Métraux encontra em *anhanga* natureza idêntica à de jurupari. Segundo a maioria dos autores, *anhanga* é um espírito mau, temido pelos indígenas (Léry, p. 271 sq.; Staden, p. 138; Cardim, p. 162; Simão de Vasconcelos, p. 72), ou, pelo menos, uma sombra, visão, vulto, consciência (Plínio Airosa, *Os nomes das partes do corpo humano na língua do Brasil* de Pero de Castilho, etc., p. 68). Luís da Câmara Cascudo considera-o um mito de confusão verbal; *anga*, alma dos mortos, é o espírito errante, o maléfico, a diabrura, o pesadelo, "o medo sem forma e sem nome possível"; o *anhanga* 'um nume protetor da espécie, superstição indígena, mito local". "O *anga* assombrador... parece-me ser o *ur-mythus*, a *crendice inicial*" (pp. 79-80).

persegue-os frequentemente, noite e dia, não só à alma mas ao corpo, castigando os índios, ou ultrajando-os em excesso; de tal modo que, em certas ocasiões, vê-los-eis proferir espantoso grito, suplicando, se houver algum cristão por perto, – “Não vês (dizem, em sua língua) que *agnan* me bate? Defende-me se desejas que te sirva e que te corte madeira” – porque, em determinados tempos, trabalham os selvagens, em troca de ninharias, no corte do pau-brasil.

Griri.

Por conseguinte, evitam os indígenas de sair à noite de suas choças sem levar fogo consigo, que acreditam ser um soberano remédio e defesa contra os seus inimigos[2]. E, quando me contaram esses fatos, acreditei tratar-se de fábulas; mas a história é pura verdade, pois tive ensejo de ver um cristão expulsar os maus espíritos só ao invocar e pronunciar o nome de Jesus Cristo. O mesmo acontece no Canadá e na Guiné, onde os indígenas têm várias visões e são atormentados, sobretudo nos bosques, por um espírito chamado *grigri*[3].

Que o mito de *anhanga* tem relação com a *alma dos antepassados*, não resta dúvida. Os atuais chiriguanos temem sair à noite, receosos dos maus espíritos, que afugentam, à maneira dos tupinambás, por meio do fogo. Os chiriguanos chamam precisamente de *anã* às almas dos mortos.

Os tupinambás acreditavam que *anhanga* devoraria o cadáver, se não encontrasse este, na cova, alimentos adrede preparados. Quando morria um guerreiro, sua alma voava para as altas montanhas, ao contrário da dos poltrões, que caía em poder dos *anhangas*. Passando por uma evolução, *anhanga* toma a forma de um mito relacionado com o gênio protetor da caça, simbolizado no veado, animal ágil e arisco (Afonso A.de Freitas, p. 77 sq.). *Anhanga*, diz J. Barbosa Rodrigues aparece comumente ao homem sob a forma de um veado avermelhado, de cornos veludos, de olhos de fogo, de cruz na testa, conhecido pelo nome de *suaçu-caatinga*, ou ainda, veado-catingueiro. Anhanga (ensina Stradelli) é o espectro, o fantasma, o duende, a visagem: “Há *mira-anhanga*, *tatu-anhanga*, *suaçu-anhanga*, *tapira-anhanga*, – isto é, visagem de gente, tatu, de veado, de boi”. Conhecida é a lenda de Couto de Magalhães, na qual um índio tupi, perseguindo uma veada, que ainda amamentava, acabou sofrendo o mais negro castigo. Nessa lenda, quando o caçador vai apanhar o animal abatido, tem a desdita de deparar com a própria mãe, que jazia morta, no chão, varada pela flecha (pp. 162 e 163). Tinha sido vítima de *anhanga*.

2 Léry, p. 327. Cf. o cap. LIII, nota correspondente.

3 Aliás, *gris-gris*, quase sempre sinônimo de fetiche. L. Tauxier (p. 89) acredita que a forma *gri-gri* provém do aditivo bambara *guri*, poderoso. De onde *guri-guri*, *gri-gri*, muito poderoso.

O que pensam os selvagens dos sonhos.

Demais, os selvagens americanos, por serem desprovidos de razão e do conhecimento da verdade, estão facilmente sujeitos a cair em várias loucuras e erros. Por isso, notando e observando diligentemente as coisas, acreditam que tudo o que veem em sonhos deve, na realidade, acontecer[4]. Se, por exemplo, sonham que derrotam os inimigos, ou que serão por eles vencidos, – não há quem os possa dissuadir do contrário, acreditando nisso tanto quanto os cristãos depositam fé nos Evangelhos.

Os filósofos, é verdade, pensam existirem sonhos, que naturalmente se podem tornar reais, de acordo com os humores e disposições do corpo. Tal o caso de sonhar alguém com o fogo, com a água, ou com objetos negros, ou coisas semelhantes; mas, proceder, nesse sentido, à maneira dos selvagens americanos, é tudo o que há de mais impertinente e contrário à religião. Macróbio, falando de Lipião, diz que os sonhos se realizam, alguns porque são incitados pela vaidade, outros porque correspondem aos desejos. Os lacedemônios, os persas e outros povos emprestam fé aos sonhos, do mesmo modo que os selvagens americanos.

Os pajés, profetas.

Os indígenas têm ainda uma outra estranha e abusiva crença, isto é, consideram a alguns dentre eles como verdadeiros profetas. São os

---

4 Os sonhos exerciam importante papel nas expedições bélicas do silvícola, para quem o mundo visível como que se identificava com o mundo invisível. O sonho era uma realidade; a *alma* deixa momentaneamente o corpo e vai aconselhar-se com os mortos (sobre o assunto, cf. Lévy-Bruhl, *La mentalité primitive*, p. 94 sq.).
Entre os tupinambás e demais tribos do litoral brasileiro, o sonho também ocupava notável função nessa ordem da vida coletiva do ameríndio. Thevet informa-nos que esses aborígenes consultavam o Pajé, o qual lhes recomendava prestar especial atenção aos sonhos. Se alguém, p. e., sonhava com a carne do inimigo estendida do moquém, podia partir confiadamente para a guerra (Staden, pp.157 e 158). Todo acontecimento insólito era pressago: o encontro do jaguar ou da cobra, o uivo dos animais, o pio das aves agoureiras, uma flecha que tombava, uma corda que se rompia. "Já aconteceu (diz Gandavo) terem uma aldeia quase vencida e por um papagaio que havia nela, falar umas certas palavras, que lhe eles tinham ensinado, levantarem o cerco, e fugirem sem esperarem o bom sucesso que o tempo lhes prometia, crendo sem dúvida que se assim o não fizeram morrerão todos a mão de seus inimigos" (p. 133).

pajés, a quem contam os sonhos e a quem encarregam de interpretá-los. Pensam os selvagens que os pajés só dizem a verdade.

Anfitrião, o primeiro intérprete dos sonhos.

Aqui caberia dizer que Plínio foi o primeiro a traduzir os sonhos, tendo sido Trogus Pompeu, posteriormente, quem mais se tornou excelso nessa ciência. Plínio, todavia, opina que foi Anfitrião o primeiro intérprete dos sonhos. Poderia ainda acrescentar várias coisas a propósito dos sonhos e adivinhações, dizendo quais os verdadeiros ou não, as suas modalidades e causas, – tudo de acordo com o que ensinam os antigos autores. Esse assunto, todavia, repugna à religião cristã, que não manda crer senão no que ensinam as Santas Escrituras, – motivo pelo qual nada mais direi. Mesmo porque, embora se possam colher alguns resultados, nem por isso se vem a estar livre de muitos erros.

Os pajés ou caraíbas.

Os selvagens americanos (tornando ao assunto) reverenciam altamente aos seus profetas, a quem chamam pajés, ou caraíbas, ou seja, o mesmo que semideuses. São os índios, realmente, idólatras, não menos que os antigos gentios.

. . . .

Capítulo XXXVI

DOS FALSOS PROFETAS E MAGOS DO PAÍS. COMO FALAM AOS ESPÍRITOS MALIGNOS. E TAMBÉM DE UMA ÁRVORE CHAMADA *AHOUAÏ*

Quem são os pajés ou caraíbas e suas imposturas.

ESSE POVO assim afastado da verdade, – além das perseguições que sofre do espírito maligno e além dos seus sonhos errôneos, – mantém-se ainda tão fora da razão que adora o Diabo, por meio de seus ministros, chamados pajés[1], dos quais já falei. Esses pajés, ou caraíbas, são gente de má vida, que se aplica a servir ao diabo com o objetivo de tirar partido de seus companheiros. Tais impostores, para encobrir sua malícia e fazerem-se honrar pelos demais, comumente não permanecem muito tempo no mesmo sítio. Assim se tornam vagabundos, errando, cá e lá, pelos matos e outros lugares, não tornando, juntamente com seus companheiros, senão raras vezes e em determinadas horas.

---

1 No texto, *Pagé*. Outras formas – *paié, paé, piajé, payini, pairu, piaccé, piaché, pautché* (entre os tapirapés), *piaga* (neologismo empregado, como se sabe, por A. Gonçalves Dias, proveniente segundo já demonstrou Batista Caetano, de um erro tipográfico). C. Martius, *O direito*, p. 58. Acredita-se que a instituição do pajé teve uma base mais ampla do que a da cultura chamada *amazônica*, como demonstra o nome *piaché*, peculiar às Antilhas e o nome às Antilhas e o nome *payni*, que é o feiticeiro mexicano. “De qué origen racial fuera este hombre de medicina y donde se elabonaron sus conocimientos y sistemas, no está definitivamente averiguado, pero de seguro no nació

Os pajés fazem crer que se entretêm com os espíritos a propósito do interesse da comunidade. Ou que será preciso agir deste ou daquele modo. Ou, ainda, que acontecerá isso ou aquilo. Com o que são recebidos e animados com todas as honras, sendo nutridos e sustentados sem nada fazerem. Há mesmo quem se julgue feliz em perdurar na raça dos pajés, ou poder oferecer-lhes presentes.

Se acontecer que algum selvagem se toma de indignação, ou vem a ter querela com o seu próximo, é costume procurar-se o pajé. O fim é conseguir que o feiticeiro promova, por meio de venenos, a morte daqueles a quem se desejava mal. Para que o pajé se serve, entre outras coisas, de uma árvore chamada, em sua língua, de *ahouaï*[2], que produz frutas venenosas e mortais.

Essa fruta, da grossura de uma castanha comum, é realmente venenosa, sobretudo o seu caroço. Os homens empregam-no contra as suas mulheres, quando com elas se zangam pelos mais fúteis motivos. E as mu-

---

en el ambiente Tupi, dentro del cual fué nombrado Pay o Caraibe" – diz Imbelloni (cf. Ramón Pardal, pp. 17 e 18).

O pajé surgiu como o *velho*, isto é, com a classe dos indivíduos experimentados nos segredos e vicissitudes da vida (Roquette-Pinto, *Seixos rolados*, p. 155). E, embora comum a todos os grupos cultural-linguísticos sul-americanos, em nenhum deles adquiriu essa entidade uma expressão tão característica quanto entre os tupis-guaranis. Nascia como que predestinado. Não se improvisava. "Só os fortes de coração (diz Stradelli) ... os que têm fôlego necessário podem esperar a ser pajé" (p. 585). Évreux enumera as provas, que elevavam um homem à categoria de pajé. – v. g., curar os doentes com o sopro ou prenunciar as chuvas (p. 254); Hans Staden criou fama de mago por ter tido a boa sorte de fazer crer aos tupinambás que impedira, certa ocasião, a queda de uma tempestade (pp. 114 e 115). É verdade que, algumas vezes, o feiticeiro ignora o seu poder mágico, que só se revela insolitamente.

O pajé, além das curas eu outras práticas mágicas, presidia às cerimônias religiosas em geral. E, se seus sortilégios cresciam de fama, víamo-lo transformado em homem--deus (*pajé-açu*, *caraíba*, *santidade*): por onde transitava grave, pouco comunicativo, seguiam-no todos. Nada lhe faltava e dispunha de quantas mulheres quisesse. Eram acolhidos com danças, cantos e vinhos (Abbeville, p. 376). E limpava-se o caminho por onde o mesmo tinha de passar (Nóbrega, pp. 99).

2 No texto, *Ahouaï*. Em Léry, *Aouai*, com descrição à pp. 189 e 190. Os índios davam o mesmo nome à liga feita com tais frutas (Abbeville, p. 319) "*Ex fructus Aguay, qui triangularis est, corticibus, quos filo annectunt etiam monilia faciunt, quae cruribus*

lheres contra os homens (mas essas infelizes mulheres, quando estão grávidas, se o marido as aborrece, preferem, em lugar do *ahouaï*, certa erva abortiva).

A fruta branca do *ahouaï*, inclusive o caroço, tem a forma de um Δ grego. Dela os selvagens quando tirado o caroço, fazem campânulas, que prendem às pernas. Essas campânulas produzem tanto ruído quanto as nossas campainhas. Jamais os indígenas dariam dessa fruta aos estrangeiros, quando colhidas de fresco, proibindo mesmo que seus filhos lhes toquem antes da saída do caroço. É o *ahouaï* árvore quase da altura da pereira. Tem folhas de três a quatro metros de comprimento e dois de largura, verdejantes durante todo o ano. A casca é esbranquiçada. Quando se decepa algum dos seus galhos, deita um suco também branco, quase da cor do leite. A árvore, cortada, exala um cheiro estranhamente fétido. Como os selvagens não a usam, de modo algum, também com ela não fazem fogo. Deixo para melhor oportunidade a descrição da propriedade de várias outras plantas, de frutos maravilhosamente belos, tanto ou mais venenosos do que o *ahouaï*, do qual dou, ao lado, um desenho ao natural.

Têm os selvagens entanto honra e reverência aos pajés, que chegam a adorá-los, ou mesmo a idolatrá-los. Quando os feiticeiros retornam de alguma parte, o povaréu vai buscá-los no caminho, prosternando-se e

---

infra suras circumligant, qui cortices inter saltandum sonum quendam edunt" (Marcgrave, p. 271).

A planta é a *Thevetia ahouai* DC., conhecida também pelo nome de *chapéu-de-napoleão*. "Além de Linneu (comenta Hoehne, *Bot*., p. 123), Plumier se ocupou da sua descrição botânica e depois disto ela tem sido mencionada a miúdo pelos fitólogos. Análises químicas dela e de afins conhecidos como *jorro-jorro* existem muitas. Veja-se para isto o trabalho *Flora médica brasileira* (1913), pág. 148, de Alfredo Augusto da Mata. Nas Antilhas existe a *Thevetia Neriifolia* L., com o mesmo nome vulgar mencionado por Thevet, o que nos demonstra que naquela parte da América os aborígenes a usavam e conheciam da mesma época em que aqui no Brasil cultivavam aquela. De Vrij a estudou e extraiu dela uma glicose tóxica que denominou *Tevetina*. Acreditamos que a *Thevetia bicornuta* Muell Arg., – é a mesma *T. ahouai* L." Também é conhecida pelos nomes de *agahy*, *aguahy*, *cascaveleira*, *tingui-de-leite* (cf. M. Pio Correia, *Dicionário*, I, 34). à f. 121, Thevet emprega outra forma gráfica- – *Houanay*.

O louro-rosa amarelo, conhecido em Marajó pelo nome de "mama-de-cachorro", também tem o nome científico de *Thevetia amazônica* Ducke.

Perdeu-se o desenho original, de que fala Thevet.

rogando: – *Não nos deixeis cair doentes; não nos deixeis morrer nunca, nem a nós nem aos nossos filhos*. E assim, outras coisas mais. Ao que responde o pajé: – *Nunca morrereis, nunca vos sentireis doentes.* Mas, se acontece que os pajés não dizem a verdade, ou que os fatos não correspondem ao presságio, os selvagens não têm dificuldade em dar-lhes a morte, por considerá-los indignos de título e dignidade do feiticeiro.

Cerimônias dos pajés quando invocam o espírito maligno.

Cada aldeia, segundo a sua população ou tamanho, mantém um ou dois desses veneráveis. Quando se trata de saber alguma coisa nova, de importância, usam os indígenas de certas cerimônias e inovações diabólicas, a saber: levantam, primeiramente, uma choça nova, jamais habitada, estendendo dentro dela uma rede branca e limpa; em seguida, transportam para a referida oca grande quantidade de víveres, inclusive o cauim (que é a sua bebida ordinária, mas fabricada por uma donzela de dez ou doze anos) e a farinha de raízes (que os índios usam em lugar do pão); finalmente, depois de tudo assim preparado, o povo, reunido, conduz esse gentil profeta à cabana, onde o mesmo permanece sozinho, depois que uma das moças lhe der água para lavar-se. É preciso notar, entretanto, que, antes do mistério, o pajé deve abster-se de relações sexuais com a sua esposa. Isso por espaço de nove dias.

Em seguida, quando fica só na cabana e quando todo o povo já se tem afastado do local, estende-se o feiticeiro no leito e começa a invocar o espírito maligno. A invocação dura toda uma hora, havendo ainda outras cerimônias do costume, mas que não podem ser percebidas; de tal modo que, no final do rito, o espírito acaba por chegar, silvando e assobiando (como dizem). Afirmam mesmo alguns índios que esse espírito aparece, em certas ocasiões, na presença de toda a gente. Ninguém o vê, mas todos percebem qualquer semelhança a um ruído ou uivo. Ao que todos exclamam, a uma só voz: – *Rogamos-te dizer a verdade ao nosso profeta, que te aguarda lá dentro*.

Quais são as perguntas, que se fazem ao espírito maligno

As perguntas, com respectivas respostas, dizem respeito aos seus inimigos, a saber, o que pensam eles, quem terá a vitória, se alguém será aprisionado e devorado pelos contrários, ou ferido por algum animado feroz, etc. Um dos selvagens me contou, entre outras coisas, que o seu

profeta lhe havia predito a chegada dos franceses. Chama-se o espírito *houioulsira*[3].

Houioulsira.

Isso e outros fatos me afirmaram alguns cristãos, que há longos tempos vivem entre os selvícolas. E, principalmente, que os selvagens americanos não se lançam a nenhuma empresa sem ouvir aos seus profetas.

Ao terminar o mistério, sai o pajé da palhoça e, sendo logo cercado pelo povo, discorre sobre tudo o que pode entender. E sabe Deus os obséquios e presentes, que lhe faz cada um.

Não foram os selvagens americanos os primeiros a praticar a magia abusiva; antes deles a magia já era familiar a vários povos, mesmo o tempo de Nosso Senhor, que destruiu e aboliu o poder, exercido por Satã sobre o gênero humano.

Duas espécies de magias.

Dessa magia há duas principais espécies: uma, pela qual pode o homem comunicar-se aos espíritos malignos; e outra, que desvenda as coisas mais secretas da natureza. Ambas revelam uma grande curiosidade, embora seja mais viciosa uma do que a outra. Em verdade, quando o homem possui tudo quanto precisa e de tudo entende até a medida permitida por Deus, – por que, então, essa necessidade de pesquisar os segredos da natureza, que Nosso Senhor só a si se reservou conhecer? Tal curiosidade indica mentalidade atrasada, ignorância e falta de fé ou boa religião. E ainda mais iludida é a gente simples, que acredita em impostores desse jaez.

---

3 No texto, *Houioulsira*. Confronte-se a terminação *ira* (pron. *irá*) com *andirá* (morcego), *guirá* (pássaro). "Há também certos pássaros noturnos que não cantam, mas têm um piado queixoso, enfadonho e triste, que vivem sempre escondidos, não saindo dos bosques, chamados pelos índios *uirá jeropari*, *pássaros do diabo*", etc. (Évreux, p. 250). Os tupinambás temiam muito certa espécie de pássaro, que Métraux identifica com o *matim tapirera* (*Cuculus cayanus* L.). Afirmam os mundurucus que é sob essa forma que os mortos vêm caçar na terra. Sobre o assunto, cf. Métraux, *La rel. des Tup*., p. 69. O *matinta-pereira* é, realmente, uma ave da família dos cuculídeos (*Tapera naevia*, L.) talvez parente de alma-de-gato (*Piaya cayana*, L.)

Contra os que creem nos feiticeiros.

Não me canso de admirar como, em um país policiado e civilizado, deixem-se pulular tantas torpezas, com um sem-número de velhas feiticeiras, que põem ervas nos braços, penduram escritos ao pescoço e sabem inúmeros mistérios ou cerimônias próprias para a cura de febres, – tudo verdadeira idolatria, digna de séria punição. E note-se: hoje em dia, são as pessoas de maior importância, entre as quais deveria existir mais razão e entendimento, as primeiras atingidas por essa cegueira, não sendo, pois, de pasmar que a gente simples empreste fé, mesmo levemente, àquilo que vê aceito por outros tidos por mais avisados.

Oh, cega brutalidade! De que servem as Santas Escrituras, as leis e outras boas ciências, das quais Nosso Senhor deu conhecimento à humanidade, se vivem todos em erro e ignorância, tanto quanto esses tristes índios e mais selvagemente que os brutos animais? E pretende o homem, todavia, professar a virtude. E pretende saber muito! Não é de se admirar, pois, que os antigos, ignorantes da verdade (embora a procurassem por todos os meios), tenham caído em erro. Finalmente, muito menos é de se admirar que os selvagens americanos tenham também caído em erro. O certo é que cessará a vaidade humana quando Deus o quiser.

Teurgia, magia danada.
Zabulus.

Há uma danada magia (como ia dizendo) que se chama *teurgia* ou *goecia*, cheia de encantamentos, palavras, ritos e inovações. Algumas outras espécies existem, ligadas à teurgia, de que se diz ter sido inventor Zabulus. Mas, a verdadeira magia, que consiste em buscar a contemplar as coisas celestes, que consiste em honrar a Deus, – essa foi sempre louvada por muitas altas personagens. Magos eram os três reis, que visitaram Nosso Senhor.

Qual é a verdadeira magia.
O que significa *magus* na língua persa.

Tal magia sempre foi considerada perfeita sapiência. Assim, os persas não admitiam no trono do império senão aqueles que se tinham educado nessa magia, isto é, aqueles que eram sábios. Porquanto, *magus*, em sua língua, é o mesmo que *sábio* em a nossa, σοφός em grego e *sapiens* em latim,

tendo sido inventores da ciência dos persas Zamolxis e Zoroastro (este último não o célebre, mas filho de Oromase).

Zamolxis e Zoroastro

Diz Platão, no seu *Alcibiades*, que a magia de Zoroastro não é mais do que o conhecimento e louvor de Deus. Tanto que, para estudar e conhecer essa ciência, atreveu-se, ultrapassando mares e terras, a ir a um país estranho. Como também o fizeram Pitágoras, Empédocles e Demócrito. Sei que Plínio e vários outros autores esforçaram-se por tratar da magia persa, assim como dos lugares onde a mesma era aceita ou professada, ou dos que a criaram ou praticaram, mas sem precisar assaz claramente qual delas, visto existirem tantas espécies.

Eis o que achei conveniente dizer sobre o assunto, que veio a propósito das crenças e costumes dos selvagens americanos.

. . . .

Capítulo XXXVII

IDEIAS DOS SELVAGENS A RESPEITO DA IMORTALIDADE DA ALMA

Contra os ateístas.

ESSA POBRE GENTE, por maior que seja o erro ou ignorância, é, sem comparação, muito mais tolerável do que os condenáveis ateístas dos tempos atuais; os quais, embora feitos à imagem e semelhança de Deus eterno (pois não deixa de ser o homem a mais perfeita das criaturas), pretendem despojar-se de seus predicados, como que se equiparando aos animais selvagens. Isso, apesar dos milagres. Isso, não obstante o ensinamento das Escrituras.

Esses ateístas deviam ser tratados como bichos, pois não há animal irracional que não renda obediência ao homem, – imagem de Deus, – ou não lhe preste serviço (fato que se verifica frequentemente). Decerto, virá o dia em que os mesmos hão de saber se existe alguma coisa depois da morte. Mas, praza a Deus levá-los ao bom caminho, ou que cedo venham a desaparecer da face da Terra, a fim de evitar maiores danos ao próximo.

Ideias dos selvagens sobre a imortalidade da alma. *Cherepicuare*

Os selvagens julgam que a alma, a quem chamam de *cherepicuare*[1], seja imortal. Ouvi essa opinião, quando lhes perguntei em que se tornaria o espírito após a morte. As almas dos que valorosamente lutaram

---

1 No texto, *Cherepicouare*. Na *Cosm. Univ.*, Thevet escreve *Cherippy couares* (pl). Métraux chama a atenção para a sua variante – *cheripiconare* (*La rel. des Tup.,* p. 231).

contra seus inimigos (dizem) seguem, em companhia de várias outras para os lugares deliciosos, – os bosques, os jardins, os vergéis; as dos que, ao contrário, não defenderam bem o torrão natal, vão viver ao lado de *agnan*. Tendo interrogado, a esse respeito, um dos principais chefes do país, que havia viajado trinta léguas para visitar os franceses, respondeu este, assaz furiosamente, em sua língua, confirmando as informações anteriores: – *Não sabes que, após a morte, as almas vão para uma longínqua região, vivendo ali, todas juntas, em lindas paragens, conforme nos dizem os pajés, que as têm visitado frequentemente e com elas têm conversado*? Os selvagens acreditam nessas coisas com segurança, sem nenhuma vacilação.

Pindahuçu, morubixaba do país dos selvagens.

De outra feita, tendo ido visitar um outro morubixaba do país, chamado Pindahuçu[2], o qual se achava em seu leito, acometido por uma febre rebelde, começou o mesmo a interrogar-me, perguntando, entre outras coisas, o que aconteceria, após a morte, às almas dos *mairs*. Respondi-lhe que iriam para a companhia de Tupã, no que acreditou facilmente. E, em contemplação a isso, replicou-me: – *Vem cá. Ouvi tua grande história a respeito de Tupã, que é todo-poderoso. Pois bem. Fala, por mim, a Tupã. Roga-lhe que me cure. Se, de fato, eu vier a curar-me, dar-te-ei belos presentes. Quero honrar a Tupã. Quero andar com roupas iguais às tuas e, do mesmo modo, trazer a barba crescida*. Realmente, ao restabelecer-se, o senhor de Villegagnon deliberou batizá-lo e, para esse fim, o reteve consigo.

Superstição dos selvagens.

Os selvagens mantêm outra crença estranha, a saber, quando navegam, no mar ou no rio, à procura de inimigos, acreditam, se surge alguma tempestade, como sempre sucede, – que a mesma tem relação com as almas dos parentes e amigos. A razão disso não sabem, mas, para apaziguar a tormenta, lançam alguma coisa na água, a título de oferenda. E, por esse meio, esperam acalmar os elementos[3].

---

2 No texto, *Pindahousou*. Deve ser, talvez, o melhor Pindobuçu, de que fala Anchieta (p. 204)

3 À f. 75, Thevet refere-se à mesma prática mágico-religiosa dos tupinambás. Dessa vez menciona o objeto, que os selvagens atiravam na água – penas de perdiz. De um rito semelhante fala Anchieta (p. 331): "Nenhuma criatura adoram por Deus, somente os trovões cuidam que são Deus, mas nem para isso lhes fazem honra algu-

Quando morre algum dos selvagens, seja morubixaba ou não, todo aquele que possui um dado objeto pertencente ao morto, evita retê-lo, antes devolvendo-o publicamente. O objeto deve ser enterrado com o defunto, porquanto, não sendo restituído, acreditariam que a alma os viesse a molestar[4].

Quisera Deus que muitos dentre nós tivessem semelhantes ideias (digo-o sem receio de errar). Só assim se evitaria que tanta gente porfiasse em guardar o bem alheio, como hoje acontece, sem nenhum receio ou pudor.

Finalmente, depois que os selvagens restituem ao morto aquilo que lhe pertencia, ligam-no e amarram-no com algumas cordas, feitas de

---

ma, nem comumente têm ídolos, nem sortes, nem comunicação com o demônio, posto que têm medo dele, porque às vezes os mata nos matos a pancadas, ou nos rios, e porque lhes não faça mal, em alguns lugares medonhos e infamados disso, quando passam por eles, lhe deixam alguma flecha, ou penas, ou outra coisa como por oferenda" (cf. também a p. 128). Eram esses atos cerimoniais simbólicos, que E. Kagarov classificaria entre as "*apopheuctiques*" (II, p. 50)

Sobre os demais ritos mágico-religiosos dos tupis-guaranis, cf. Estêvão Pinto, II, p. 239 sq.

4 Cf. Cardim (p. 178): "mas se o defunto tinha alguma peça, como espada, etc., que lhe haviam dado, torna a tirar do que lhe deu, e a torna a tomar onde quer que a ache, porque dizem que como um morre perde todo o direito do que lhe tinham dado".

algodão ou de casca de certas árvores, de tal modo que, segundo a opinião dos índios, não seja possível ao defunto retornar ao mundo, – coisa, aliás, que muitos temem. Dizem os selvagens que isso já aconteceu, outrora, aos seus maiores ancestrais, motivo pelo qual resolveram tomar a deliberação de enlaçar o cadáver[5]. Tão bem avisada e engenhosa é essa pobre gente.

---

5 Em geral o cadáver tomava a posição fetal (encolhido em si mesmo), ou a de quem está sentado. De um ou de outro modo, sempre o morto descia, enleado, à tumba. Acredita H. Obermaier (p. 106) que a atadura, tão comum nos corpos pertencentes aos túmulos do paleolítico superior (Europa), tinham por objetivo impedir que o morto andasse e movesse os braços, ou que sua *alma* ou *espírito* viesse inquietar os sobreviventes. Isso é, também, como vimos, o que diz Thevet.
Todavia se sabe que os tupinambás punham alimentos na cova e acreditavam que a morte deles se servisse ("aonde todos os dias lhe levam de comer, porque dizem que, como cansam de bailar, vêm ali comer", explica o padre Cardim). Ainda mais. Os tupinambás, no dizer de Évreux, acomodavam os alimentos à mão direita do morto, a fim de que este pudesse pegar em tudo com *facilidade* e, à mão esquerda, os machados, as foices, os arcos, as flechas. Uns (acrescenta o mesmo autor) dão-lhe "presentes para levarem a seus amigos e outros lhe recomendam, entre várias outras coisas, muito ânimo no decorrer da viagem", – que não deixe o fogo apagar-se, que nunca se esqueça de seus machados e foices, quando tiver de dormir em algum lugar ... (p. 114). Certa vez esse mesmo capuchinho encontrou uma velha índia tupinambá, que chorava amargamente na cova do marido, espalhando por ela algumas espigas de milho. Indagando o frade a razão de seu ato, respondeu-lhe a velha que "estava perguntando a seu marido se ele já tinha partido, porque receava haverem amarrado muito as suas pernas".

. . . .

Capítulo XXXVIII

COMO OS SELVAGENS AMERICANOS GUERREIAM OS VIZINHOS, PRINCIPALMENTE OS MARGAJÁS E TABAIARAS. E DA ÁRVORE DE NOME *HAIRI*, DA QUAL FABRICAM OS SEUS TACAPES DE GUERRA

OS SELVAGENS, de que falo, são muito dados à guerra com os vizinhos, sobretudo com os margajás[1] e os tabaiaras[2]. Como não têm outro meio de apaziguar suas querelas, batem-se valente e firmemente. Nesses embates reúnem-se seis mil homens, algumas vezes dez mil e, outrora, até doze mil, isto é, aldeias contra aldeias. Ou, também, se batem quando, casualmente, há encontros entre uns e outros. Do mesmo modo procedem os naturais do Peru e os índios chamados canibais.

---

1 No texto, *Margageas*. *Markayas* escreve Staden (pp. 76 e 121). Os marcaiás, por outra forma maracajás, habitavam os fundos da baía de Guanabara e para os lados do Espírito Santo, sendo inimigos dos tupinambás, ou tamoios. No mapa de Staden (p.120), lá estão localizados os maracaiás. Do mesmo modo na carta de Thevet, – "*isle de Margaiatz*". Afirma Léry que os maracaiás também se chamavam *Tou-aiat* (p. 359) – Devem pertencer a um dos numerosos grupos dos tupiniquins e, segundo a observação de Plínio Airosa (Léry., p. 37, nota à ed. bras. da Livraria Martins, coleção dirigida por Rubens Borba de Morais), eram, provavelmente, o mesmo "gentio de Gato", do qual nos fala Nóbrega.

2 No texto, *Thabaiares* e à f. 130 *Tabaiares*. Sob o nome de *tobajaras*, ou *tabajaras*, ou ainda, *tabaiaras*, designavam-se os tupis das seguintes regiões: o Mearim, o alto Gurupi, a serra de Ibiapaba, a zona oeste dos potiguaras, parte da costa de Pernambuco, trechos do litoral do Espírito Santo e de São Vicente, etc.

Antes de empreenderem algum grande cometimento, quer bélico ou não, os selvagens convocam-se em assembleias, principalmente os mais velhos, nas quais não tomam parte as mulheres e crianças. Nesses conclaves, tão originais e singelos, os participantes arengam uns após os outros, ouvidos sempre atentamente. Cada orador, depois que fala, deixa o lugar ao seu sucessor. E assim continuamente, enquanto os auditores estão todos sentados por terra, ou no meio dos que, em virtude de sua hierarquia, proveniente da linhagem ou outro qualquer motivo, se conservam sentados em suas redes[3]. Maneiras que me fazem lembrar o louvável costume dos governadores de Tebas, antiga cidade da Grécia, os quais, quando deliberavam sobre assuntos da república, permaneciam sempre sentados em terra. Parece mesmo que tal hábito se apoia em um prudente argumento, segundo o parecer dos filósofos, a saber que, estando o corpo assentado e em repouso, torna-se o espírito mais prudente e mais livre, por não estar ocupado com os movimentos físicos.

Não menos estranho é o fato de os selvagens americanos jamais assinarem tréguas, ou pactos, qualquer que seja o grau de inimizade entre si, como fazem as demais nações, mesmo as mais cruéis e bárbaras, a exemplo dos turcos, mouros e árabes[4]. E julgo que Teseu, a quem se deve o primeiro armistício entre os gregos, se estivesse entre os selvagens americanos, ver-se-ia mais embaraçado do que era de crer.

Os indígenas conhecem alguns ardis de guerra, tão bons quanto os de quaisquer outros povos. E, inimizados perpetuamente contra aqueles seus vizinhos, procuram-se, frequentes vezes, uns aos outros, batendo-se com tanta fúria quanto lhes é possível. Por isso, todos se veem constrangidos a proteger suas aldeias com armas e guerreiros.

Estrepes dos selvagens

Os ataques são feitos geralmente à noite, quando, então, se reúnem em massa. Mais do que durante o dia. Assim que são advertidos, ou suspeitam da vinda dos contrários, plantam em terra, em redor de seus

3 Cf. Léry (p. 209): "*les vieillards... doiuent ester respectez...eux se proumenans, ou estans assis dans leurs licts de cotton pendus en l'air, exhortent les autres de telle ou semblable façon*".

4 Léry (p. 209) confirma a observação de Thevet: "*leurs haines sont tellement inueterees qu'ils demeurêt perpetuellement irreconciliables*".

tugúrios, a cerca de um tiro de arco, numerosos paus agudíssimos, cujas pontas, embora saindo à flor da terra, quase que não se veem (comparáveis em tudo aos estrepes), nos quais os inimigos ferem os pés descalços, ou mesmo outra qualquer parte do corpo[5]. Esperam os selvagens, por esse meio, destroçar os inimigos, isto é, trucidar parte deles, fazendo prisioneiros os sobreviventes.

Constitui excelsa honra assaltar o inimigo no próprio solo deste, trazendo, de volta, cativos. Quem mais vítimas fizer, será tanto mais honrado e celebrado por seus companheiros, qual se fora um monarca ou ilustre senhor.

A fim de surpreender a aldeia rival, empregam os índios a tática de ocultar-se, à noite, pelos matos, à semelhança de raposas, ali permanecendo o espaço de tempo necessário e conveniente para o assalto. E, quando alcançam a aldeia, usam o artifício de lançar fogo às cabanas dos adversários, a fim de obrigá-los a sair do abrigo, juntamente com sua bagagem, suas mulheres e filhos.

Arrojando-se uns aos outros, os selvagens descarregam, copiosamente, flechas e espadas de pau, a ponto de não haver mais belo espetáculo do que tal refrega. Isto é, agarram-se em todos os sítios possíveis, mesmo com o botoque nos lábios, mostrando, algumas vezes, com o objetivo de intimidar os inimigos, os ossos daqueles que venceram em combate. Em suma, empregam os indígenas todos os meios destinados a amofinar os seus contrários. Como é de se esperar, os prisioneiros são amarrados e garrotados, como se fossem ladrões. E, então, em torno dos que regressam, vitoriosos, aos lares, ninguém pode imaginar quantas festas e alaridos fazem.

Seguem as esposas a seus maridos na guerra, não porque vão combater, a exemplo das amazonas, mas porque precisam carregar os ali-

---

5 Mais outra observação, que Léry confirma (p. 217): "*Bien est vray, qu'alentour de quelques villages frõtiers des ennemis, les mieux aguerris plantent des paux de palmier de cinq ou six pieds de haut: & encores sur les aduenues des chemins em tournoyant, ils fichent dês cheuilles pointues à fleur de terre: tellement que si les assaillans pensent entrer de nuict (comme c'est leur coustume) ceux de dedans qui sauent les destroits par ou ils peuuêt aller sons s'offenser, sortans dessus, les rembrarrent de telle façon, que, soit qu'ils venient fuïr ou combatre, parce qu'ils se piquent bien for les peds, il en demeure tousiours quelques uns sur la place, desquels les autres font des carbonnades*". Vj. ainda Staden (p. 159).

mentos e deles cuidar, assim como transportar outras munições necessárias à guerra (pois, algumas vezes, empreendem viagens, que duram cinco e seis meses). E, quando partem para essas longas guerras, os selvagens lançam fogo às suas palhoças, ocultando, na terra, os bens de maior valor, que só tornam a buscar quando regressam da empresa[6].

---

6 A propósito das operações bélicas dos tupinambás e demais tupis da costa, cf. Léry, p. 207 sq.; Anchieta, p. 239; *Cartas avulsas*, p. 265; Staden, pp. 34, 35 e 157 *sq*.; Gandavo, p. 50; G. Soares de Sousa, p. 389 *sq*,; *Diálogos*, p. 273; fr. V. do Salvador, p. 64 *sq*.; Évreux, p. 21; Abbeville, p. 335 *sq*.
Com as notas oferecidas por Thevet e os demais autores citados podemos chegar às seguintes conclusões:
a) O ato preliminar da guerra é o conselho dos anciãos guerreiros da tribo, no qual se expressa "cada um por si"... "brindando-se, entretanto, algumas vezes como o fumo da erva santa". Os velhos falam de suas redes. O local de reunião é o centro da aldeia (*carpe*, segundo o autor do *Diálogos*; *carbet*, segundo Léry, Abbeville, etc.) Essa arenga dura, em alguns casos, "mais de seis horas". As mulheres não tomam parte na cerimônia.
b) Se os maiores manifestam-se favoráveis à empresa, a ordem de mobilização é imediatamente levada a todas as casas da aringa. Nessa ocasião, também se determina o tempo da partida, que coincide com o da safra do caju ou o da desova da tainha ou da parati. Ao pajé, do mesmo modo, cabe aprovar ou desaprovar o projeto, praticando certos atos mágicos (mostrar, p.e., uma rede de pescar, significando que o inimigo acaba por ficar manietado).
c) Construídas as canoas, aceradas as flechas, cozida a farinha, consulta-se novamente o pajé, que aguarda o desígnio dos sonhos. Se os sonhos são favoráveis, partem os guerreiros, após as danças e libações rituais do costume. As plumas e adornos em geral fazem parte do material bélico.
d) No ato da partida (também em todas as ocasiões em que levantam acampamento), os "roncadores" fazem soar a *inúbia*, espécie de oboé destinado a alvoroçar e a incentivar os guerreiros.
e) Cada guerreiro transporta suas armas (o pavez, o arco, as flechas, o tacape, o escudo), a rede e a "paquevira" de farinha. Aos principais, acompanham as mulheres.
f) Marcham uns após outros, "porque não sabem andar de outra maneira", os mais valentes na dianteira. No mar, não se afastam muito da costa. Assim que se atingem terras alheias, o espia trata de abrir o caminho do exército.
g) Duas jornadas antes da aldeia inimiga alojam-se; mas não fazem fogo, a fim de evitar que sejam pressentidos pelos contrários.
h) Os ataques são desferidos, preferentemente, à noite, ou então ao raiar do dia.
i) Se os índios encontram as aldeias dos adversários protegidas de caiçaras, erguem outra cerca de ramos e espinhos, próxima dos acampamentos inimigos, e, de reconstrução em reconstrução, em breve estão juntos sitiantes e sitiados. Ao lado dos redutos, abrem-se buracos no chão e constroem estrepes.

Farinha de raízes – viveres dos selvagens.

Quem é maior entre os índios, mais mulheres têm a seu serviço. Os viveres de guerra são os alimentos comuns do país, as farinhas de raízes (essas farinhas, delicadas quando novas, depois que envelhecem são tão agradáveis ao gosto quanto o podem ser a cevada ou a aveia), as caças silvestres, o peixe, tudo torrado ao moquém[7].

Transportam-se, também, as redes de algodão. Carregam os guerreiros somente as armas, levando as flechas na mão.

Armas dos selvagens.

As armas consistem em grossas espadas, de madeira muito maçuda e pesadas[8]; quanto ao mais, arcos e flechas. Os arcos são me-

---

j) Nos sítios ou cercos, usam-se flechas inflamadas e asfixiam-se os contrários com fumo de pimenta.

k) Quando os tupis combatem, movem-se "duma parte para outra com muita ligeireza"; as mulheres apanham as flechas, que põem, em seguida, na mão dos combatentes.

l) Um dos meios de intimidar o inimigo é mostrar-lhe os ossos dos indivíduos devorados de acordo com o ritual costumeiro.

m) Porfiam os índios em quebrar a cabeça dos inimigos, ainda mesmo quando os encontram já mortos, com o objetivo de conquistarem novos *nomes*.

n) Quando a guerra é duradoura, e longínquo o país inimigo, os selvagens lançam fogo às suas palhoças, ocultando, na terra, os bens de maior valor.

o) O objetivo principal das guerras é a vingança ou captura dos inimigos. Por isso, levam os arqueiros cordas apropriadas, com as quais cingem a cintura.

Para o estudo geral da guerra entre os povos elementares, cf. Maurice R. Davie, *La guerre dans les societés primitives*, Paris, 1931.

7 No texto, *le tout seiché à la fumée*. Thevet quer referir-se ao processo de moquear a carne ou o peixe.

8 O tacape era a arma como que sagrada dos tupis-guaranis, lavrada em madeira rija, negra ou vermelha, "ordinariamente do comprimento de cinco a seis pés", oval ou redonda na extremidade. Léry (p. 211) observou que o tacape cortava tão bem quanto um machado. A maça das execuções capitais tinha a cabeça "quase triangular", com os punhos recobertos de palha entrançada (*aterabebé*, segundo Abbeville, p. 340), diz F. Cardim (p. 181); davam-lhe o nome de *tangapema*, ou *tacapema*. No momento de usarem-na, os tupinambás adornavam a mesma com casca de ovos (Staden, p. 162; Abbeville, p. 273). Em viagem, os selvagens trazem o tacape atado ao pescoço, "por detrás".

W. Schmidt (*Etnologia*, p. 28) acha que as clavas espalmadas, com maior alongamento nas extremidades, parece construir uma das influências da cultura exógamo-matrilinear, transmitidas com as migrações de tribos tupis vindas das montanhas andinas.

tade mais compridos que os dos turcos[9]; as flechas, igualmente, umas feitas de madeira[10] extraída da árvore chamada *hayri*.

O ébano, árvore.

O *hayri* tem folhagem semelhante à da palmeira e a cor do mármore negro, pelo que muitos dizem ser ela o ébano, embora tal não me pareça[11]. O verdadeiro ébano é mais luzente e, por outro lado, sua árvore difere da do *hayri*, que tem espinhos por todos os lados. Demais, o legítimo ébano é extraído na região de Calicute e na Etiópia.

---

9 Entre as madeiras empregadas na fabricação dos arcos, figuravam a ubiraparíba, o jacarandá e a sapucaia. Lixava-se o pau com folhas de embaíba. Do algodão ou do tucum teciam-se as cordas, depois tingidas de verde ou vermelho. O padre Schmidt divide os arcos tupi-guaranis em quatro categorias: *a) arcos de seção circular* (carijós, auetós, etc.); *b) arcos de seção plano-convexa* ou *côncavo-convexa* (tupinambás, pausernas, parintintins, etc.); *c*) *arcos de seção convexo-plana* ou *convexo-côncava* (mundurucus); *d*) *arcos de seção quadrangular* ou *abatida* (xiriguanos, guaraius, jurunas).

10 Thevet refere-se, provavelmente, à cana-ubá (*Gynerium sagittatum* Aubl.). Cf. Hoehne, *Bot.*, p. 124.
A descrição das flechas dos tupinambás vem em Léry, p. 211 e 212. Quase sempre escolhiam-se caniços sem nós (Abbeville, p. 337). A emplumação, a que se refere Léry, é a conhecida pelo nome de *brasíleo-oriental* (*East Brazilian feathering*), ou *tupi-jê*, atualmente usada pelos caingás, jurunas, mundurucus, etc. (A. Métraux, *La civ. mat.*, p. 73). H. Meyer divide as flechas brasileiras em vários grupos: *a*) o de *emplumação brasíleo-oriental* (penas inteiras, presas com fibras; *b*) o de *emplumação guaianense* (pena fendida, no meio, longitudinalmente); *c*) o de *emplumação do Xingu* (penas fendidas, como na emplumação guaianense, mas presas diferentemente); *d*) o de *emplumação das araras* (duas meias penas, presas, de espaço em espaço, por anéis); *e*) o de *emplumação do maués* (duas meias penas, presas no ápice e na base); *f*) o de *emplumação peruana* (ligadura com fibras, ou penas amarradas em hélice sobre a base). Cf. Roquette-Pinto, *Rondônia*, pp. 268 e 269.
As pontas de flechas usadas pelos tupinambás eram constituídas por taquaras, ou talos de madeira dura, por ossos de peixes ou, preferentemente, por dentes de tubarão (Cardim, p. 86; Saden, p. 159).

11 "*Vu autre arbre que les Sauvage appelent* Airy... *est à mon aduis une espece d'hebene*" (Léry, p.188). A árvore é o *Astrocaryum ayei* Mart. Hoehne salienta a descrição de Thevet e o fato desse cosmógrafo não confundir a planta com ébano, como, erradamente, o fez Léry (*Bot.*, pp. 124 e 125). O airi também é conhecido pelo nome de *brejaúba*. Cf. cap. LVII, nota correspondente.

O *airi* é tão pesado que, como o ferro, vai ao fundo da água. Dessa árvore fabricam os selvagens suas espadas de guerra. O fruto tem a grossura de uma pela, embora algum tanto pontudo em sua extremidade; dentro existe um caroço de brancura da neve. Desse fruto trouxe numerosa quantidade. Os selvagens fazem da madeira do *airi*, belos colares. As flechas com ela fabricadas atravessam o melhor corselete, tão forte e tão duro é esse pau, como já o disse antes.

Escudo dos selvagens.

A terceira peça do armamento é o escudo[12], que usam os índios na guerra. É muito comprido e feito de peles de um animal, cuja cor é igual à das vacas, todavia diverso no tamanho. Esses escudos são tão fortes e sólidos quanto os barceloneses, de modo que resistem a um tiro de arcabuz, e, consequentemente, a armas menos poderosas.

A propósito de arcabuzes, é fato que vários selvagens possuem alguns deles, por lhes terem sido oferecidos pelos colonos, logo depois que os conheceram[13]. Os índios, entretanto, não sabem manejar essa arma. Atiram, algumas vezes, com enorme dificuldade, mas apenas com o fim de espantar seus inimigos.

12 À f. 26., Thevet fala, como já se viu, em escudos feitos de cascas de tartarugas, Geralmente, porém, os escudos eram feitos de couro de tapir. Cf. Léry, p. 141.

13 Hans Staden (pp. 93 e 105) conta que o cacique, em poder do qual caíra prisioneiro, possuía um arcabuz; embora fosse muito orgulhoso da arma, esta lhe era inteiramente inútil, pois não sabia servir-se dela. Todas as vezes que surgiam inimigos, o cacique entregava o arcabuz ao seu escravo, o europeu, ordenando-lhe que descarregasse a arma contra eles.

. . . .

Capítulo XXXIX

COMO COMBATEM OS SELVAGENS, TANTO EM ÁGUA COMO EM TERRA

Motivo por que se guerreiam os selvagens.

SE PERGUNTAR ALGUÉM por que se guerreiam reciprocamente os selvagens, – visto não haver, entre eles, potentados e excessivas riquezas, ou visto conceder-lhes a terra incomensurável tudo o de que necessitam, – bastará saber que a causa de suas guerras não se apoia em nenhuma razão, a não ser o desejo de vinganças gratuitas, tal como fazem os animais ferozes. Assim, incapaz de chegar a um honesto entendimento, alega essa gente, em forma de justificativa, simplesmente que aqueles a quem combatem são os seus contrários de longa data. Pelo que, como já o disse em outro lugar, partem, reunidos em grande número, no encalço dos adversários (sobretudo tendo havido alguma injúria recente), trocando golpes, quando se encontram, com as armas ou com as mãos, até que se agarram uns aos outros pelos braços e pelas orelhas. Nesses prélios, nenhum guerreiro está montado a cavalo, como se poderia pensar que assim estivessem alguns dos mais destacados.

Os selvagens são obstinados e valorosos.

São os selvagens americanos obstinados e valorosos, a tal ponto que, antes de se juntarem e baterem (como já se viu no precedente capítu-

lo), algumas vezes se colocam na liça, afastados os contendentes, uns dos outros, cerca de um tiro de arcabuz, passando todo dia a ameaçarem-se, – caras mais cruel e espantosamente possível, urros e gritos (com confusão tal que não se poderia ouvir uma trovoada), braços e mãos elevadas para o ar, – todos armados de maça e espadas de pau. – *Valentes somos* (dizem)! *Já devoramos vossos pais; agora chegou a vez da vossa vingança!* E outras frivolidades semelhantes (veja-se a estampa ao lado)[1].

Nisso observam os selvagens, parece, a tática dos romanos, os quais, antes do início da peleja, lançavam espantosos gritos e empregavam grandes ameaças. O que, posteriormente, foi do mesmo modo praticado pelos gauleses, em seus combates, conforme o diz Tito Lívio. Costumes muito diversos dos aqueus, descritos por Homero, os quais, na iminência da batalha e assalto ao inimigo, nenhum ruído faziam, nem sequer falando.

Costumam os selvagens devorar seus inimigos.

A vingança mais injuriosa e cruel, usada pelos selvagens, consiste em devorar o inimigo. Desse modo, captura-se alguém em combate e não têm meios para conduzi-lo à aldeia, cortam, antes do novo ataque, os braços e as pernas do prisioneiro, quando não o devoram antes de abandonar a luta. Acontece mesmo, algumas vezes, que cada guerreiro transporta consigo o seu quinhão, uns maiores, outros menores. Também, se consegue arrastar o prisioneiro às suas tabas, do mesmo modo o devoram.

Um dito.

Os antigos turcos, mouros e árabes possuíam costumes quase idênticos (daí o dito *quisera comer o teu coração*, que ainda atualmente se emprega), usando armas muito semelhantes às dos selvagens americanos; após o contato dos povos cristãos, forjaram-lhes estas armas com as quais são hoje aqueles povos atacados. Não vá acontecer outro tanto aos selvagens americanos.

Os índios do Rio de Janeiro são inimigos dos de Morpion.

Os indígenas, demais, atrevem-se a viajar por água, seja doce ou salgada, em busca de seus inimigos – como fazem os do Rio de Janeiro aos

8. Encontro entre tupinambás e maracajás (Thevet).

de Morpion[1]. Em Morpion habitam os portugueses, adversários dos franceses, sendo os naturais dessa região, do mesmo modo, rivais dos do Rio de Janeiro.

Almadias feitas com cascas de árvores.
Superstição dos selvagens, quando extraem a casca das árvores.

As barcas usadas pelos índios são almadiazinhas, ou canoas feitas de cascas de árvore, sem pregos ou cavilhas de comprimento de cinco ou seis braças e três de largura. Os selvagens não querem embarcações mais maciças, julgando que, de outro modo, não poderiam vogar à vontade, quando tivessem de perseguir o inimigo, ou fugir dele. Quando despojam as árvores de suas cascas, guardam os índios americanos uma tola superstição, a saber, no dia desse trabalho (a planta é descascada da raiz à copa) não bebem, nem comem, temendo, segundo dizem, que, se fizessem o contrário, algum mal lhes aconteceria em viagem.

Nas expedições, os selvagens chegam a conduzir perto de cem ou cento e vinte dessas embarcações, assim construídas; cada uma delas transporta entre quarenta e cinquenta pessoas, homens e mulheres. Encarregam-se as mulheres de esvaziar e lançar fora a água, que entra nas canoas, servindo-se de uma vasilhazinha fabricada com certa espécie de coco. Bem abrigados, nos barcos, estão os homens, com as suas armas[2]. Navegam os

---

1 À f. 128, informa Thevet que Morpion dista do rio da Prata duzentas e cinquenta léguas por mar e trezentas por terra. Morpion era o nome indígena da ilha ou região de São Vicente, segundo Staden (que aliás, escreve *Urbioneme*) (p. 48). Há a variante *Orpion* (Varnhagen, I, p. 154). Esse topônimo aparece no mapa de Cornelis de Jode (1593) e também na carta *Bassilia* de P. Bertius, *Tabularum Geographicarum contractarum libri quinque,* 3.ª ed., Amsterdã, 1906. O Morpion de P. Bertius abrange uma vasta região, que compreende terras de Santa Catarina, Paraná e, talvez, São Paulo. Alguns estudiosos, como observado por Plínio Airosa (nota à recente ed. bras. de Léry, p. 184), pensam que essa voz é estranha ao idioma tupi-guarani.

2 Évreux descreve a operação de cortar, rachar e cavar a canoa (p. 21). Sem levar em conta o exagero desse cronista, é certo que as *igaras* podiam conduzir um número aproximado de cinquenta remadores; Pigafetta informa que os indígenas do Rio de Janeiro possuíam canoas, nas quais remavam trinta a quarenta homens. No *Diário* de Pero Lopes de Sousa a cifra é elevada a sessenta (índios da Bahia). A igara existe entre os tupinambás, os guaranis, cainguás, chipaias, tambés, etc. As pás cortavam a água “a pique e não de travessa”.
O tipo de embarcação, construída com a casca ou cortiça das árvores, é a *ubá*. Afirma o padre Anchieta que as ubás acolhiam “vinte e vinte e cinco e mais pessoas, com

índios sempre perto da costa, desembarcando, quando se sentem bem fortes, nas aldeias porventura encontradas no caminho, as quais atacam e saqueiam.

Índios amigos dos franceses.
Tola superstição dos selvagens.

Antes da chegada da expedição francesa ao Brasil, os selvagens haviam aprisionado um navio português (que se achava atirado a qualquer sítio da praia), apesar da resistência que ofereceram os tripulantes, empregando até à a artilharia. Apresada a embarcação, foram os homens devorados[3] exceto alguns deles resgatados pelos franceses. Os selvagens amigos dos portugueses, como se vê, são inimigos dos selvagens aliados dos franceses. E vice-versa[4]. De resto, combatem os índios tanto em terra, como no mar. Mas, se advém, algumas vezes, que o mar esteja furioso, lançam na água uma pena de perdiz, ou outra qualquer coisa, pensando, por esse meio, apaziguar as ondas. Do mesmo modo fazem os mouros e turcos, quando se veem em igual perigo, banhando-se com a água do mar e à mesma prática querendo constranger seus companheiros de viagem, quaisquer que sejam eles, como já me aconteceu uma vez.

Tamboris, flautas e outros excitantes instrumentos.

Quando os selvagens tornam, vitoriosos, às suas choças, mostram, todos, sinais de alegria, fazendo soar as flautas e tamboris, ou, então, cantando a seu modo. Coisa, aliás, agradável aos ouvidos. Fabricam-se os instrumentos com uns certos cocos, ou com ossos de animais, ou ainda, com os próprios ossos dos inimigos. As armas de guerra são ricamente forradas e decoradas com alguns belos penachos, – o que ainda hoje fazem os

---

suas armas e vitualhas". Staden informa como se fabricavam as canoas com a casca das árvores (p. 156). Observa G. Soares de Sousa que os remadores se conservavam em pé (p. 380; Jaboatão, I, p. 16) – Observação exata, confirmada por J. de Léry. Outros dados em A. Alves Câmara, p. 24 *sq*.

3 Thevet narrou esse massacre (informa Gaffarel) no seu livro *Les vrais portraits et vies des hommes illustres*, II, *in finis*.

4 Em sua *Cosmographie Universelle*, f. 916, que Gaffarel consultou, Thevet conta como quase perecia às mãos dos índios, por ter pretendido salvar uma jovem prisioneira portuguesa. "*Peu s'en fallut que je ne passasse le pas aussi bien que les autres qu'on massacroit en ma présence*."

índios, não sem razão, uma vez que esse foi sempre um costume de longos anos. Flautas, tamboris e outros instrumentos[5] parecem despertar os ânimos adormecidos, ou excitá-los, a exemplo do que faz o fole com o braseiro meio extinto. E não há, segundo penso, melhor meio de inflamar o espírito do que o som desses instrumentos, pois não somente os homens, mas também os cavalos (sem querer comparar uns aos outros) dão a ideia de que, jubilosos, estremecem. Isso sempre se observou em todos os tempos.

É fato que os selvagens americanos usam comumente, em seus assaltos, dessa prática de dar espantosos urros e gritos, como narrarei, mais adiante, a propósito das amazonas.

---

5 A respeito dos instrumentos musicais dos tupinambás, cf. Léry, p. 251. À corneta de osso humano dava-se o nome de *memi* ou *membi*. Staden fala de trombetas feitas de cabaços (p. 158), talvez semelhantes às dos jurunas. Mais inf. em G. Soares de Sousa (p. 290), Cardim (p. 38 e 339, o qual se refere às trombetas feitas com o crânio das onças) e Évreux (p. 39).
O tambor era outro instrumento conhecido dos tupinambás; a toada desse instrumento devia ser um pouco monótona, observando G. Soares de Sousa que os índios *não dobravam as pancadas* (p. 383). Julga Métraux que o tambor é, entre os tupinambás, de origem andina (*La civ. mat.*, p. 224).

. . . .

Capítulo XL

COMO ESSES BÁRBAROS MATAM E DEVORAM OS PRISIONEIROS DE GUERRA[1]

COMO JÁ SE DISSE, os selvagens todos da América, terminado o combate, conduzem às tabas os seus prisioneiros. Resta, agora, descrever as cenas, que se seguem ao aprisionamento.

Tratamento dos prisioneiros selvagens por seus contrários.

É o escravo (um, dois ou mais) excelentemente tratado, sendo-lhe oferecido, cinco dias após a captura, uma jovem, porventura a própria filha do dono, a qual se encarrega de prover as necessidades daquele, na

1 Para o estudo do canibalismo entre os tupinambás e várias outras tribos tupi-guaranis, consultar Léry, pp. 225 e 266; Staden, p. 160 *sq*.; Gandavo, p. 51 *sq*.; Anchieta, pp. 46, 47, 161, 243 e 329; *Cartas avulsas*, pp. 98-100; Nóbrega, p. 100; Cardim, p. 181 *sq*.; *Diálogos*, p. 279 *sq*.; G. Soares de Sousa, p. 392 *sq*.; Knivet, p. 247 *sq*.; Évreux, p. 42 *sq*.; Abbeville, p. 328 *sq*.; fr. V. do Salvador, p. 67 *sq*.; S. de Vasconcelos, p. 53 *sq*.; F. Gama, I, p. 36 sq.; Loreto Couto, p. 61 *sq*.; Métraux, *La Rel. de Tup.*, p. 124 *sq*. – Sobre os povos em geral, que praticam a antropofagia, cf. E. Westermarck, I, p. 398 *sq*. E II, 352, *sq*. – Em Baldus & Willems (p. 38-41), há um estudo das relações entre as palavras *canibal* e *caraíba*.

cabana ou em outro qualquer lugar[2]. Nesse ínterim, é o homem servido das melhores viandas que se possam achar, tudo com o fim de engordá-lo, à maneira do que se faz com o capão em ceva, até que chegue o dia de se lhe tirar a vida.

Conhece-se, facilmente, o tempo que deve durar a ceva, por causa de um colar de fio de algodão, no qual os índios, quais se foram as contas de um rosário, enfiam certos frutos redondos; ou, então, em lugar dos frutos, ossos de peixe ou de outros animais. Se os selvagens desejam conservar a vida do prisioneiro por espaço de quatro ou cinco luas, tantas são as contas enfiadas no calor, que se põe ao seu pescoço, as quais são, depois, retiradas, uma em cada lua. Quando já não existe nenhuma conta, é que chegou o tempo de acabar com o prisioneiro.

Algumas vezes, os indígenas envolvem o pescoço do prisioneiro com diversos colarezinhos, em lugar de um só; os colarezinhos são em número igual ao das luas, que o homem tem de viver. E, a propósito, quero chamar a atenção do leitor para o seguinte fato; os selvagens só sabem contar até cinco[3], não marcando o tempo de acordo com as horas, dias,

2 Léry (p. 225) confirma a observação de Thevet. Os tupinambás davam ao prisioneiro, por esposa, a moça "mais formosa e honrada da aldeia", muitas vezes filha do cacique ou sua irmã, a qual, em alguns casos, tomava amor pelo marido e promovia-lhe a fuga; "entanto que, desejou-se a mulher do principal,... não se lhe nega" (*Diálogos*, p. 279; *Cartas avulsas*, pp. 98 e 99). Todavia, ao prisioneiro não era permitido ter relações sexuais com a mulher do seu senhor.

3 Outro pormenor também confirmado por J. de Léry (p. 348): "*mais s'ils ont passé le nombre cinq, il faut que tu mostres par tes droigts & par les doights de ceux qui sont aupres de toy, pour accomplir le nobre que tu leur voudras donner à entendre, & de toute autre chose semblablement*". Cf. ainda fr. V. do Salvador, pp. 59 e 60. Entre os povos em estado elementar, cinco significa geralmente mão (Labrador, Groenlândia, Patagônia; macuxis, tapuias, esquimós, etc.). *Dez* é representado por *duas mãos* (entre os caiús, *ningi-te-lip* quer dizer *duas vezes a minha mão*). *Vinte*, em tupi, traduz-se por *minhas mãos e meus pés* (em numerosos outros povos primitivos, esse número tem o sentido de homem, homem inteiro).
Os meses, de fato, contavam-se de acordo com a lua; os anos por qualquer acontecimento meteorológico (tempo das chuvas, p. e.), que coincidisse com alguma atividade importante do grupo (época da milha, safra do caju).
Há um recente estudo de Herbert Baldus sobre o conceito do tempo entre os indígenas do Brasil (*Rev. do Arq. Pub*., LXXI. São Paulo, 1940).

meses e anos, mas apenas pelos ciclos lunares. Aliás, esse modo de contar foi, outrora, estabelecido por Sólon entre os atenienses, isto é, a contagem do tempo tendo-se em vista o curso da lua.

Se algum filho nasce da união entre o prisioneiro e a moça, os indígenas alimentam, por algum tempo, a criança, depois do que a devoram, recordando ser o mesmo um rebento de seus inimigos[4]. E dão muito apreço a que o prisioneiro seja bem nutrido e cevado.

Os selvagens não temem a morte.

Por ocasião das solenidades do massacre, os selvagens convidam seus longínquos amigos, a fim de que estes venham assistir às festas e participar do banquete[5]. No momento preciso, depois que o deitam na rede e o acorrentam bem (com os ferros que os próprios colonos lhe deram a usar), canta o prisioneiro, durante todo o dia e toda a noite, as suas canções: "Meus amigos, os margajás (diz), são honrados, fortes e possantes guerreiros. Aprisionaram e devoraram numerosos dos seus inimigos. Quanto a mim, matei e devorei parentes e amigos dos que me conservam prisioneiro, e por isso, é justo que me devorem também, no dia que melhor lhes agradar." E assim por diante. Donde se conclui que os selvagens não fazem conta da morte, ou a temem muito menos do que é possível imaginar. Já tive ocasião de perguntar, por curiosidade, a alguns desses prisioneiros, homens belos e possantes, na véspera da execução, se não temiam ser trucidados; ao que me responderam eles, entre risos e mofas, que seus amigos os vingariam (esses e outros semelhantes discursos são ditos num tom arrogante e cheio de segurança). Mesmo quando se falava em resgatá-los das mãos dos seus inimigos, isso era levado em troça pelos prisioneiros.

Tratamento das mulheres prisioneiras.

As mulheres aprisionadas na guerra, casadas ou solteiras, são tratadas de maneira igual à dos homens. Apenas não lhes dão marido. Também não vivem tão cativas quanto os homens, tendo liberdade de locomover-se, isto é, podendo trabalhar nos campos ou pescar ostras.

---

4 Gandavo, p. 52. O filho, nascido do conúbio entre o prisioneiro e a esposa eleita, chamavam os índios de *marabá*.

5 Léry, pp. 225 e 226: "*Premierement après que tous les vilalges d'alentour de celuy où sera le prisionnier auront este aduertis du iour de l'executio, hommes, femmes & enfans y estans arrivez de toutes parts, ce sera à danser, boire & caouiner toute la matinee.*"

9. A festa do cauim (Thevet).

10. Cena de canibalismo (Thevet).

11. Massacre de prisioneiros (Thevet).

Cerimônias do massacre dos prisioneiros. O cauim, bebida.

O dono do prisioneiro (voltando ao assunto), como já disse, convida seus amigos a tomar parte nos despojos, que são servidos com muito cauim, bebida feita de milho ou de certas raízes. No dia da solenidade, todos os assistentes se paramentam com plumas de várias cores, ou pintam-se o corpo. A pessoa encarregada do golpe mortal, sobretudo, cobre-se com a sua melhor equipagem, não esquecendo a espada de pau ricamente guarnecida de penas.

É o prisioneiro (cuja alegria aumenta à proporção que se aceleram os preparativos fúnebres) conduzido à praça pública, todo manietado e garroteado com as cordas de algodão[6]. Acompanham-no dez ou doze mil selvagens da região, seus inimigos. Lá chegando, concluídas várias cerimônias, abatem-no os índios, tal qual se o prisioneiro fosse um porco. E logo o corpo do executado fica reduzido a postas, tendo-se o cuidado de aparar o sangue e com ele banhar os meninos, a fim de torná-los, como dizem, bravios (nesse momento, os selvagens concitam os filhos a tomar o exemplo dos maiores, sendo de crer que de igual modo procedem os seus contrários). Finalmente, o corpo, assim reduzido a pedaços e assado à moda indígena, passa a ser distribuído por todos, ficando cada um com o seu quinhão, qualquer que seja o número dos presentes[7]. É verdade que as estranhas são comumente comidas pelas mulheres; quanto à cabeça, espetam-na os selvagens na ponta de uma vara, colocada na oca, como sinal de triunfo e vitória[8] (especialmente mostram os índios prazer em espetar as dos portugueses).

É preciso notar que a companheira do morto não deixa de tomar luto, embora leve[9].

---

6 Essa corda, que Thevet, em um dos seus mss. inéditos, chama de *musarana*, era fabricada especialmente para essas execuções, estando sujeita a complicadas cerimônias místicas. Cf. Métraux, *La. Rel. des. Tup.*, p. 138 *sq*. *Mussurana* em Staden (p. 90).

7 Cf. Léry, pp. 234 e 235.

8 Léry, p. 235: "*la premiere chose qu'ils faut quand les François les vont voir & visiter, c'est qu'en recitant leur vaillance, & par trophee leur monstrant ces tects ainsi descharnez, ils disent qu'ils feront le mesme à tous leurs ennemis.*" – Sobre a *cabeça-troféu*, cf. J. Imbelloni, *La esfinge*, p. 229 *sq*.

9 Léry, p. 231: "*Or si tost que le prisonnier aura esté ainsi assommé, s'ii avait une femme… elle se mettant aupres du corps fera quelque petit dueil: ie di nommement petit dueil, car suyuant vrayemet ce qu'on dit que fait le Crocodile: assauoir que ayant tué un homme il pleure aupres auãt que de le mãger, aussi apres que ceste femme aura fait ses tels quels regrets &jette quelques feintes larmes sur son mari mort, si elle peut ce sera la premiere qui en magera.*"

**Os canibais inimigos acérrimos dos espanhóis.
Antropófagos.**

Os canibais e indígenas do litoral do rio do Maranhão[10] são ainda mais cruéis em relação aos espanhóis, excedendo os da Guanabara em atrocidade, quando se entregam a essas mesmas cerimônias. A história não fala de nenhum povo, por mais bárbaro, que use de tão excessiva ferocidade. Apenas se sabe (por Josephus) que, quando os romanos, invadiram Jerusalém, a fome, depois de já não haver um só alimento, constrangeu as mães a matar e a devorar os filhos. Também se sabe que os antropófagos, que habitam a Cítia, vivem de carne humana, à semelhança dos selvagens americanos.

O matador (prosseguindo a narração) logo se retira para a sua choça, onde permanece na rede sem comer nem beber, durante algum tempo, não pondo o pé em terra por espaço de três dias[11]. Mesmo quando este tem necessidade de ir a alguma parte, faz-se carregar, acreditando que, em caso contrário, decerto lhe sucederia algum infortúnio, ou estaria sujeito a morrer. Depois do que, com a ajuda de uma lancetinha, feita com os dentes do animal chamado cutia, faz várias incisões e furos no corpo, – ao peito e em outras partes, – de tal modo que parece inteiramente espicaçado.

---

10 No texto, *Marignan*. Parece tratar-se do rio Amazonas, conhecido entre os castelhanos pelo nome de Marañon (J. Caetano da Silva, I, p. 434 *sq*.). Ou, pelo menos, assim denomina Thevet a um trecho do Amazonas (f. 122).

11 Comentando a obra de G. Friederici ("*Über eine als Couvade Wiedergeburtszeremonie bei den Tupí,* em *Globus*, LXXXIX, p. 59 *sq*., Braunschweig, 1906), Alfredo de Carvalho escreveu uma importante nota sobre o "resguardo do matador" (*Rev. do Inst. Arq. Pern*., XII, p. 112 *sq*., Recife, 1907). Nos *Ind. do Nord*., II, p. 291 sq., fiz também uma descrição do ritual do resguardo.
G. Friederici interpreta o costume da renominação, inerente ao resguardo, como um meio empregado pelo matador para iludir a *vendetta* do morto. O receio do carrasco era, realmente, grande. Quando os tupinambás matavam uma onça, praticavam as mesmas cerimônias usadas no ritual antropófago (Cardim, p. 38): só assim poderia o caçador aplacar a cólera do animal. Quando os apopouwas adoeciam, mudavam de nome. Seria consequentemente, a renominação o processo mais hábil de subtrair-se o matador à revanche da vítima.

A razão de tão estranha prática, segundo me foi possível saber, é a satisfação e honra, que a morte do inimigo dá ao seu matador[12]. Replicam os índios, quando se lhes censuram essa crueldade, ser uma vergonha perdoar os inimigos, aprisionados em combate; demais, era preferível destruir os contrários, a fim de evitar que os mesmos incitassem novas guerras. Eis como se porta essa gente brutal.

Também as moças praticam incisões no corpo, nos três dias seguintes ao do primeiro fluxo menstrual[13] a ponto de se tornarem, algumas vezes, bem doentes. Durante esse tempo, abstêm-se elas de certos alimentos, não saindo de casa, não pondo o pé no chão (como faz o matador, de que já falei), sentando-se apenas em alguma pedra ali colocada para esse fim.

---

12 Léry, p. 236: "*Quant à celuy ou ceux qui ont commis les meurtres, reputans cela à grand gloire & honneur, dés le mesme iour qu'ils auront faict le coup, se retirans à part, ils se feront now seulement inciser iusque au sang, la poictrine, les bras, les cuisses, le gras des iambes, & autres parties du corps: mais aussi à fin que cella paroisse toute leur vie, ils frottent ces taillades de certaines mixtions & pouldre noire, qui ne se peut iamais effacer: tellement que tat plus qu'ils sont ainsi deschiquetez, tant plus cognoist-on qu'ils ont beaucoup tué de prisonniers, & par consequente sont estimez plus vaillans que les autres*." Richard Lasch (p. 16) é da opinião que se deve procurar na superstição e na vingança os motivos principais do canibalismo. Essa explicação, entretanto, não satisfaz plenamente. A complexidade da cerimônia na antropofagia, entre os tupinambás, acompanhada do resguardo do matador, da renominação, das incisões, etc., abre margem a outras teorias. O desejo de incorporar-se o valor, o ânimo, as qualidades másculas do morto são patentes. A vingança, por outro lado, não explica o *endocanibalismo*. Cf. Montandon, p. 689 *sq*.

13 Léry, p. 310: "*car i'ay veu des ieunes filles, en l'age de douze à quatorze ans, lesquelles les meres ou parentes faisans tenir toutes debout, les pieds ioints sur une pierre de gray, leur incisoyent iusques au sang, auec une dente d'animal trenchante comme un conteau depuis le dessous de l'aisselle, tout le long de l'un des costez & de la cuisse, iusque au genouil; tellement que ces filles avec grandes douleurs en grinçant les dents saignoyent ainsi une espace de temps*". Enquanto se submetia à operação, a moça se conservava em pé, numa pedra. Também fazia parte do ritual da menstruação o corte da cabeleira. Depois disso, punham-se ao pescoço da donzela colares de dentes de capivara; nos braços e na cintura, axorcas de fios de algodão. Seguia-se, então, o recolhimento, com jejum que durava três dias, ou mesmo até o segundo fluxo, embora um tanto atenuado.

. . . .

Capítulo XLI

COMO OS SELVAGENS SÃO EXTRAORDINARIAMENTE VINGATIVOS

A vingança não é permitida ao cristão.

NÃO É DE ADMIRAR que essa gente, vivendo por desconhecer a verdade, nas trevas, não só apeteça a vingança como, também, empregue os maiores esforços em executá-la; uma vez que os próprios cristãos, a quem os mandamentos divinos expressamente proíbem a vingança nem sempre assim o fazem. Nesse particular, os cristãos como que pretendem imitar a Melício, segundo o qual ninguém deve perdoar ao inimigo, – erro que perdurou longos tempos no Egito e só foi abolido, posteriormente, por um imperador romano. Amar a vingança é o mesmo que odiar o próximo, o que totalmente repugna à lei.

Deixa de ser, pois, estranho que os selvagens, os quais, como já disse, vivem sem fé, nem lei, ponham na vingança, embora gratuita e desarrazoada, a causa de suas guerras. Loucura que mantêm e manterão por muitos anos, caso não mudem. Esse povo tem tão pouco entendimento que é capaz de pôr o mundo abaixo por causa do roubo de uma mosca[1].

---

1 Por causa de um pato quase perdia a vida o calvinista Léry (p. 334 *sq*.). É muito conhecida a história contada por Simão de Vasconcelos (p. 37) a propósito de um papagaio falador, que deu lugar à divisão da família tupi do Cabo Frio.

Quando, por exemplo, espetam-se nos espinhos, ou se ferem nas pedras, os indígenas fazem mil pedaços o objeto causador do mal, como se o mesmo tivesse entendimento[2]. É a falta de boa razão o responsável que essa mentalidade. Devo dizer, embora a contragosto, mas a bem da verdade, que os selvagens, por vingança, esmagam nos dentes piolhos e pulgas – coisa mais de brutos que de racionais.

Por menos ultrajado que seja, jamais se conseguirá reconciliar o ofendido com o ofensor. Essa obstinação adquirem e conservam os índios, de pais a filhos. Vê-los-eis ensinar às crianças, de três ou quatro anos de idade, a manejar o arco e a flecha, e, de vez em quando, a exortá-los à valentia, a vingar-se dos inimigos, ou a morrer, de preferência a perdoar a quem quer que seja. Assim, quando caem prisioneiros, de modo algum tentam fugir, inteiramente resignados com o dia da morte, que têm em muita glória e honra. E daí a razão por que tanto escarnecem e censuram acremente os franceses, quando estes resgatam com dinheiro, ou por outros meios, os seus inimigos. Reputam esse costume indigno de guerreiros. "Nós (dizem os selvagens) jamais fazemos tal."

História de um português prisioneiro dos selvagens.

Aconteceu que, certa vez, um prisioneiro português julgasse poder salvar a vida à custa de belos discursos, isto é, suplicando o perdão com as humildes e doces palavras; todavia nem assim conseguiu salvar a vida, pois, de repente, foi morto a flechadas por aqueles em mãos de quem caíra cativo. – "Não mereces que te matemos honradamente e em boa companhia, como fazemos aos outros" (explicou o selvagem). De outra feita – mais um fato digno de memória – alguns mercadores normandos trouxeram consigo um meninozinho da região e família dos tabajaras, inimigos mortais dos indígenas entre os quais vivem os franceses. Foi o menino batizado e criado, casando-se, depois, em Ruão, onde vivia honradamente.

2 "*Et au surplus comme i'ay dit quelquepart, qu'ils sont vindicatifs, voire forcenez contre toutes choses qui leur nuisent, mesmes s'ils s'aheurtent du pied contre une pierre, ainsi que chiens enragez ils la mordront à belles dents: aussi recerclauns à toutes restes les bestes qui les endommagent, ils eu despeuplêt leur pays tant qu'ils 'peuuent*'" (Léry, p. 171). Cf. ainda G. Soares de Sousa, p. 379; Nóbrega, op. 91; Staden, p. 150.

Quando já tinha cerca de vinte e dois anos, atreveu-se a tornar ao Brasil, em um dos navios franceses, e, lá chegando, aconteceu que alguns colonos desvendaram a sua identidade. Isso foi o bastante para que seus antigos inimigos, incontinente, quais cães enraivecidos de fome, assaltassem o navio francês, na ocasião desfalcado de tripulantes, ali reduzindo a postas o índio, a quem a sorte abandonara impiedosamente. Isso sem tocar nas demais pessoas, que por perto se achavam. E morreu o pobre rapaz como lhe permitiu Deus, qual bom cristão, isto é, suportando o triste massacre com a fé em Jesus Cristo, – Deus em trindade de pessoas, mas uno em essência, conforme lhe recordavam os presentes (na realidade, porém, os selvagens não o devoraram, segundo o costume comum).

Que ideia de vingança será mais contrária às leis humanas, não obstante existirem, entre nós, pessoas tão obstinadas nesse propósito quanto os selvagens americanos?

Honestidade dos selvagens entre si, mas não em relação aos europeus.

Pensam ainda os indígenas que, se alguém bate em outro, ou o fere, deve o ofensor receber, sem demora, golpe por golpe, senão mais. E é um belo espetáculo vê-los querelar, ou bater-se.

No mais, são muito fiéis uns aos outros, se bem que a respeito dos europeus se mostrem os mais afetados e sutis ladrões possível, muito embora andem nus. E consideram excelsa virtude poder subtrair dos franceses seja o que for. Digo-o por experiência própria. Por volta do Natal, por exemplo, veio um cacique do país visitar o senhor de Villegagnon. Nessa ocasião, seus companheiros furtaram-me as roupas, aproveitando-se de que me achava, no momento, doente[3].

Eis uma amostra de honestidade e dos costumes desses selvagens, quando fazem visitas, em complemento ao que já se disse de sua obstinação e apetite vindicativo.

---

3 Na *Cosmographie universelle*, Thevet dá outros pormenores sobre esse furto. Um morubixaba conseguiu abrir o baú do franciscano, roubando-lhe, entre outras coisas, um precioso astrolábio de cobre trazido de Alexandria. O instrumento foi visto, tempos depois, no pescoço do índio, que só o restituiu em troca do chapéu de um colono escocês, pouco antes falecido. Cf. Heulhard, p. 115.

. . . .

Capítulo XLII

DO MATRIMÔNIO ENTRE OS SELVAGENS AMERICANOS

NÃO DEIXA DE SER DIGNO da maior comiseração o fato de haver gente que viva à maneira dos animais, embora sendo capaz de raciocinar. Donde se conclui que é o homem quem traz essa animalidade do ventre materno, só não permanecendo nela quando Deus, por sua bondade, lhe ilumina o espírito.

Como se casam os selvagens americanos.

Por isso, não se deve esperar que os selvagens sejam mais avisados nos seus casamentos do que nas demais coisas. Assim se unem uns aos outros, sem quaisquer cerimônias[1]. O primo com a prima, o tio com a

1 Léry (p. 301) confirma a ausência de cerimônias ou ritos matrimoniais entre os tupinambás. Do mesmo modo Staden (p. 152), Anchieta (p. 329), G. Soares de Sousa (p. 367), Gandavo (p. 128), Abbeville (pp. 324 e 325), Teschauer (p. 197), A. M. Gonçalves Tocantins (p. 113). Cardim, todavia, informa que nenhum mancebo contraía matrimônio antes de aprisionar um inimigo (p. 164). Algumas vezes, a façanha guerreira podia ser substituída por qualquer outro esforço: prestar, por exemplo,

sobrinha, indistintamente e sem reprovação, mas não o irmão com a irmã[2]. Quando mais se notabiliza o homem na guerra, por suas proezas e valentias, tanto mais lhe é permitido ter mulheres para o seu serviço[3]. Pois, a falar verdade, trabalham elas comparativamente muito mais a saber, colhem raízes, fabricam farinhas e bebidas, recolhem as frutas, lavram os campos,

---

serviços aos pais da donzela (*Diálogos*, p. 269). São ainda de Cardim as informações de que os casamentos eram acompanhados de libações. Aos nubentes ofereciam, então, os velhos da tribo a primeira cuia de vinho e, nesse momento, amparavam-lhes a cabeça "para que não arrevesasse". A prestação de serviços era muito comum entre os aborígenes da América Antártica. Max Schmidt (p. 243) nota que tal costume não tinha, primitivamente, caráter de uma prestação econômica, mas constituía a prova de o pretendente achar-se pronto para preencher seus deveres de chefe de família. Com o decorrer dos tempos, porém, os serviços tomaram forma de prestação econômica.

2 Entre os indígenas observados por Thevet encontramos vestígios do sistema família de classificação por Lévy-Bruhl. Nos tupinambás, o sistema está complicado pela distinção dos dois ramos parentais, o agnático e o uterino. Os tupinambás (diz Anchieta, p. 329) "todos os filhos e filhas de irmãos têm por filhos e assim os chamam; e desta maneira um homem de cinquenta anos chama pai a um menino de um dia, por ser irmão de seu pai". A base do sistema classificador pode variar, de tribo para tribo. Um exemplo típico é o dos tapirapés, que se subdividem em agrupamentos chamados por Baldus de "clans ou grupos de comer" (*Ensaios*, p. 86 *sq*.).
O trecho de Thevet precisa de uma explicação: o irmão mais velho do morto é obrigado a casar com a cunhada viúva e o irmão da viúva é obrigado a casar com a sobrinha, filha daquele, se o houver. Por outras palavras, o tio paterno casa com a cunhada, mas não com a sobrinha (G. Soares de Sousa, pp. 374 e 375; também Anchieta, p. 330). Em suma, era incestuosa a filiação agnática e permitida a uterina, visto a ideia, que tinham os índios da primazia do homem na concepção (nota de A. Peixoto à p. 335 das *Cartas avulsas*; cf. também a p. 328). Esse assunto, como se vê, estava ligado ao problema do avunculado (cf. Baldus & Willems, p. 29 *sq*.).

3 Embora alguns autores deem a entender que a poligamia estava generalizada, por ser uma afirmação dos dotes varonis ou da classificação social do homem, os tupinambás, em sua maioria, contentavam-se com uma esposa (Léry, p. 301 *sq*.; Nóbrega, p. 90; *Cartas avulsas*, pp. 97 e 484; Staden, p. 151; Abbeville, p. 324). Essa monogamia, entretanto, dependia mais da situação econômica dos cônjuges do que de qualquer motivo outro de ordem moral. Cumpre notar, entretanto, que, na organização familiar dos tupinambás, a primeira mulher era geralmente considerada a *verdadeira esposa*, a quem as demais deviam obediência.

– fora os outros misteres relativos à economia doméstica; ao passo que os homens somente, em determinados tempos, pescam, ou apanham caças no mato, para a sua alimentação, quando não se encontram ocupados na fabricação dos arcos e flechas. Tudo o mais é feito por suas mulheres.

Defloramento das moças, antes do casamento. O Senhor de Villegagnon proíbe que os franceses se unam aos selvagens.

Os selvagens autorizam a filha a servir-vos, durante o tempo em que permaneceis entre eles, ou durante o tempo que quiserdes. Depois, tendes liberdade de restituir-lhes a moça, quando assim achardes conveniente, conforme o costume geral. Assim é que, quando alguém vai visitar esses índios, logo o dono da casa interroga o recém-chegado, em sua língua: – *Vem cá. Que me vais dar em troca de minha bela filha, que te entregarei, a fim de servir-te, fazendo farinha e cuidando de outras necessidades?* E foi para obviar tal inconveniente que o senhor de Villegagnon proibiu, logo ao chegar os ajuntamentos entre franceses e selvagens, sob pena de morte, uma vez que se tratava de coisa indigna de cristãos[4].

Quando a mulher, entretanto, é casada, não deve prevaricar, pois, se deixa surpreender em adultério, não perde vasa o marido de matá-la. É esse um dos seus pontos de honra[5], embora não toquem no culpado, porquanto, se assim o fizessem, a vingança acarretaria uma perpétua guerra e separação[6]. Todavia, não temem os selvagens repudiar a esposa, o que é licito quando se trata de adultério, esterilidade e mais outros motivos.

---

4 Léry (pp. 76 e 77): "*Villegagnon, par l'aduis du conseil fit deffense à peine de la vie, que nul ayant titre de Chrestien n'habitast auec les femes des Sauvages. Il est uray que l'ordonnance portoit, que si quelquer unes estoyent attirees & appellees à la cognoissance de Dieu, apres qu'elles seroyent baptizees, il seroit permis de les espouser*."

5 Léry (p. 303) confirma a observação de Thevet, a saber, que o adultério, por parte das mulheres, era considerado falta grave, capaz de acarretar a morte da culpada. Em certas tribos, todavia, o adultério era tido como pecado venial (Anchieta, p. 449; A. de Saint-Hilaire, *Viagem ao Rio Grande do Sul*, p. 186; Terschauer, p. 197). Ou variava, de nação em nação, como observou A. d'Orbigny, p. 170 *sq*.
Sobre o adultério entre os povos primitivos em geral, cf. J. G. Frazer, *L'avocat du diable*, p. 79, *sq*.

6 A respeito da responsabilidade coletiva, cf. Martius, *O direito*, p. 126 sq. E ainda Léry, pp. 311 e 312.

Os indígenas, durante o dia, não têm relações sexuais com as suas mulheres, mas só à noite[7]; nem o fazem nos lugares públicos, assim como muitos acreditam que ocorre entre os cris, povos da Trácia, ou entre certos bárbaros de algumas ilhas do mar de Magalhães, – prática singularmente detestável e indigna de gente cristã, para a qual podem servir de exemplo os selvagens americanos. As mulheres, estando grávidas, não transportam fardos pesados, nem se ocupam de tarefas penosas. Evitam, do mesmo modo, toda e qualquer atividade que as possa molestar e, quando dão à luz, suas companheiras banham a criança no mar ou no rio, restituindo-a, depois, aos braços maternos.

A parturiente não guarda o leito mais do que vinte e quatro anos. É o pai quem corta o umbigo do menino com os dentes, conforme tive oportunidade de assistir[8]. No mais, tratam os índios a mulher parida tão cuidadosamente quanto qualquer pessoa civilizada.

Nutre-se a criança com leite materno, embora a alimentem também, após o decurso de alguns dias, com certas comidas pesadas (farinha mastigada, frutas)[9]. Logo que o filho nasce, fabrica-lhe o pai o seu arco e a sua flecha[10], – sinal e grito de guerra ou vingança contra os seus inimigos. Há um fato, entretanto, que arruína tudo: antes de casar as moças, entregam-nas os pais ao primeiro que aparece, em troca de ninha-

---

8 Léry (p. 304) confirma, mais uma vez, a observação de Thevet. Sobre os ritos do nascimento, cf.: G. Soares de Sousa, pp. 370 e 371; Cardim, pp. 169-171; Staden, pp. 150 e 151; fr. V. do Salv., p. 58; Évreux, p. 81 *sq.*; Abbeville, p. 311; José Cardús, p. 74.

9 O leite materno era, realmente, o principal alimento da criança tupinambá, assim como o milho assado, mastigado pela mãe, reduzido a bolo, posto na boca dos lactentes, "como costumam fazer os pássaros com a sua prole, isto é, passando-o de boca em boca" (Évreux, p. 72). O período da gestação, algumas vezes, prolongava-se até os sete ou oito anos (fr. V. do Salvador, p. 58). "*Pour l'esgard de la nourriture, ce sera quelques farines naschees, & autres viandes bien têdres, avec le laict de la mere*" (Léry, p. 305).

10 Léry (p. 305): "*si c'est vn mosle, il luy fera une petite espee de bois, un petit arc & de petites flesches empennees de plumes de Perroquets: puis mettant le tout aupres de l'enfant, en le baisant, auec vne face riante, luy dirá: Mon fils, quad tu seras venu en gage, à fin que tu te venges de tes ennemis, sois adextre aux armes, fort, vaillant & biê aguerri*". Sobre a educação da criança entre os povos atrasados, cf.: Alex. Francis Chamberlain, *The Child and childhood in Folk-Thought,* Nova York, 1869; F. C. Spencer, "Edu-

rias, sobretudo aos europeus, como já o disse, quando estes por lá andam e consentem em servir-se delas.

Antigos costumes dos lídios, armênios e habitantes de Chipre.

Alguns povos, ao que narra a história, aproximam-se, nesse particular, dos selvagens americanos. Sêneca (em suas *Epístolas*) e Estrabão (em sua *Cosmografia*) ensinam que os lídios e armênios tinham o costume de enviar as filhas para as praias, onde as moças, que queriam contrair casamento, entregavam-se a qualquer viandante. Do mesmo modo, segundo Justino, faziam as virgens da ilha de Chipre, desejavam-se obter matrimônio e dote, oferecendo, depois de assim quites e justificadas, algumas oferendas a Vênus. Possivelmente existem, em França, muitas moças, tidas como pias e virtuosas, que procedem do mesmo modo, ou ainda pior, demais sem permuta de oferendas ou votos. E isso, que acabo de contar, é a pura verdade.

Quanto à consanguinidade, escreve santo Jerônimo que tinham os atenienses o costume de casar os irmãos entre si, mas não as tias com os sobrinhos. Entre os selvagens americanos, dá-se o contrário. Na Inglaterra, igualmente, a mulher tinha, outrora, liberdade de casar com cinco homens; mas não o homem com cinco mulheres. Sabe-se que os turcos e árabes tomam várias mulheres, embora isso não seja honesto nem permitido entre os povos cristãos.

Em suma, são esses os costumes dos selvagens americanos, de tal modo que dificilmente casa uma criatura ainda virgem. Estando, porém, casada, a mulher não ousa prevaricar, pois o marido a vigia de perto, como se dela estivesse cioso. É verdade que a esposa pode deixar o marido, quando por ele maltratada (o que frequentemente acontece), – como era costume, em tempos antigos, entre os egípcios, quando estes ainda não possuíam leis escritas.

---

cation of the Pueblo Child", *em Columbia Univ. Cont. to Philosophy, Psychology and Education*, VIII, n. 1, Nova York, 1899; W. H. Furness, *Home Life of Borneo Head Hunters*, Philadelphia, 1902; B. Malinowski, *The Family among the Australian Aborigines,* Londres, 1913; W. D. Hamly, *Origins of education smong primitive peoples*, Londres, 1926.

Têm os selvagens várias esposas.

Apesar da poligamia, há sempre uma esposa, entre os selvagens, que é a mais favorecida e a mais aproximada do dono da casa, não tendo, além disso, tão sujeita ao trabalho quanto às outras. Nisso ela está mais ao nível das pessoas livres. Todos os seus filhos são reputados legítimos, acreditando-se que o principal autor da geração é o pai e não a mãe[11]. Motivo pelo qual, muitas vezes, os índios matam os filhos dos seus prisioneiros, quando do sexo masculino, uma vez que tais crianças se originam de seus contrários.

11 Essa crença está relacionada com o *choco* ou *covada*, de que não fala Thevet, costume tão característico da civilização indígena do Brasil, segundo a frase de R. R. Schuller (p. 368). Logo que a mulher paria, jejuava o marido. Apenas lhe era permitido provar um mingauzinho de farinha e beber água pura, "porque o filho lhe saiu dos ombros" e a mulher não fez mais do que guardar "a semente no ventre" (G. Soares de Sousa, p. 370; Anchieta, pp. 329 e 452; Nóbrega, p. 90; Teschauer, p. 198).

. . . .

Capítulo XLIII

DA SEPULTURA E DEMAIS CERIMÔNIAS MORTUÁRIAS DOS SELVAGENS

Como os selvagens sepultam os corpos.

PROSSEGUINDO A DESCRIÇÃO dos usos e costumes dos selvagens americanos, tratarei, agora, de suas cerimônias funerárias e de seus processos de inumação. Quando a alma se separa do corpo, os selvagens, não obstante a rudeza natural, sepultam o cadáver no próprio sítio em que a criatura tinha, em vida, satisfação de estar. Segundo dizem, não há lugar mais nobre para o defunto do que a terra. É a terra que gera o homem. A terra que produz tantos belos frutos, tantas riquezas úteis e necessárias ao uso de todos.

Opinião de Diógenes a respeito da sepultura do corpo humano.

Outrora, existiu gente muito mais irreverente do que esses pobres índios. Gente a quem pouco importava o que pudesse acontecer ao corpo, preferindo mesmo expô-lo aos cães e às aves. Tal como Diógenes, que recomendou servisse o seu cadáver de alimento aos pássaros e outros animais. Acreditava Diógenes que, após a morte, o corpo já não podia sentir nenhum mal, sendo preferível que o mesmo servisse antes para nutrir do que para corromper. Opinião igual tinha Licurgo, legislador lacedemô-

12. Sepultamento de um índio tupinambá. (Thevet)

nio, o qual, no dizer de Sêneca, ordenou expressamente fosse o seu cadáver lançado ao mar. E houve quem pedisse que, depois de morto, se mandassem queimar seus restos mortais e reduzi-los a cinzas.

Os selvagens, muito embora rudes e ignorantes, são mais racionais do que os partas em relação aos parentes e amigos mortos, porquanto estes, em vez de adotarem o costume legal de dar honrosa sepultura ao corpo, expõem-no, qual presa, aos cães e às aves. Do mesmo modo os taxilas, que atiravam os mortos às aves do céu, como os caspianos o atiram às feras. Os etíopes jogavam os cadáveres nos rios e os romanos queimavam-nos e reduziam-nos a cinzas, a exemplo de vários outros povos. Por onde se vê que os selvagens americanos não são destituídos de toda decência, isto é, embora sem fé, nem lei, têm, ao menos, até onde os pode induzir a natureza, isso de bom – enterram seus mortos, como já se disse[1], sentados, em fossos, tal qual o faziam antigamente os nasamões.

Por que a inumação do corpo é aprovada pelas Santas Escrituras.

A inumação do corpo e suas cerimônias conexas são práticas aprovadas pelas Santas Escrituras, tanto a velha como a nova, se não devidamente, observadas, uma vez que o corpo humano foi o vaso e órgão da alma divina e imortal. Por outro lado, a sepultura corresponde à esperança de futura ressurreição e permite que o corpo aguarde esse dia terrível em segura guarda. Outras coisas mais se podiam dizer a respeito do assunto, – o mau emprego que alguns fazem da sepultura, quer de um modo, quer de outro, etc. – mas a necessidade de prosseguir a narrativa me obriga a passar adiante.

Luto dos selvagens com a morte de um chefe de família.

Entre os selvagens americanos, se morre algum chefe de família, seus parentes próximos e amigos conservarão um estranho luto, que não dura o espaço de três ou quatro dias, mas de quatro ou cinco meses. Há um luto fechado, todavia, que se guarda apenas nos quatro ou cincos primeiros dias após o falecimento. Nessa ocasião, ouvi-los-eis levantar tal ruído e

1 Thevet não tratou anteriormente, como afirma, da posição do morto, mas apenas do processo de enlaçar o cadáver. Cf. o cap. XXXVII.

harmonia quais os que fazem os cães e os gatos. Isto é, homens e mulheres, alguns estendidos em suas redes, outros acocorados em terra e abraçados uns aos outros (como se vê na estampa ao lado)[2], exclamam em sua língua: – *Como nosso pai e amigo foi um homem de bem! Como combateu na guerra! Como destruiu tantos inimigos! Como era forte e possante, trabalhando bem os campos e apanhando caças ou peixe para o nosso alimento! Morreu! Nunca mais o veremos, senão após a morte, junto aos nossos amigos, na região onde já os viram os pajés, segundo nos contam!* E dizem outras palavras mais nesse mesmo tom, que repetem, em seus lamentos, mais de dez mil vezes, dias e noites, por espaço de quatro ou cinco horas cada vez.

Pássaros, cujo pio se assemelha ao do mocho.

Só no fim de um mês é que os filhos do morto celebram algumas festas e solenidades em honra deste, para o que convidam os seus amigos. Reúnem-se todos, recobertos de pinturas de diversas cores, de plumas e de outros adereços característicos, nessa ocasião praticando mil entretimentos e cerimônias (a propósito do assunto, desejo mencionar certa espécie de pássaro[3], cujo pio, um tanto melancólico, assemelha-se ao do mocho e pelo qual os selvagens têm tanta reverência que não ousam tocar-lhe; dizem os índios que esse pássaro deplora a morte de seus amigos, avivando-lhes a memória dos mesmos). Assim, como dizia, reunidos e paramentados de cores várias, os selvagens americanos entregam-se a danças, jogos, batucadas, ao som de instrumentos, peculiares ao país, inclusive flautas fabricadas com os ossos dos braços e pernas dos inimigos, enquanto os mais velhos não cessam de beber e comer, servidos pelas mulheres e demais parentes do

2 Eis como Thevet descreve o amortalhamento, em sua *Cosmographie universelle:* "*Quand doncques le mary ou la femme ... sont morts, ils le courbent en un bloc et monceau, dans le lict ou il est decedé: tout ainsi que les enfans sont ou ventre de leur mere, puis ainsi envolopé, lié, et garroté de cordes de cotton, ils le mettent dans un grand vase de terre, qu'ils couvrent d'un plat aussi de terre, où le deffunct souloit se laver... Ce fait ils le mettent en ceste fosse ronde comme un puits, et profonde de la hauter d'un homme ou environ, avec un oeu de feu et de farine, de peur, disent-ils, que le maling esprit n'en aproche, et que si l'ame a faim qu'elle mange: puis apres couvrent le tout de la terre qui a esté tiree de ceste fosse*" (Métraux, *La rel. des Tup.*, pp. 116 e 117). Refere-se Thevet à estampa n. 12.

3 Vj. o cap. XLVIII, nota correspondente.

defunto. Esse costume, segundo, fui informado, tem por objetivo elevar o ânimo dos jovens, comovê-los, incitá-los à guerra e encorajá-los contra os seus adversários.

Costume dos romanos e de outros povos, nos funerais dos cidadãos.

Os romanos tinham costumes muito semelhantes. Pois, em seguida ao falecimento de algum cidadão muito prestimoso à república, organizavam jogos, pompas e cantos fúnebres em louvor e honra ao morto, os quais serviam, ao mesmo tempo, para animar os mais jovens e dedicar-se à liberdade e proteção do país. Conta Plínio que foi um tal Licaon o criador das belas danças, jogos, cantos, pompas e exéquias, que se usavam nas cerimônias mortuárias.

Alexandre, o Grande.

Do mesmo modo, os argivos, povos da Grécia, faziam jogos fúnebres em memória do furioso leão derrotado por Hércules. E Alexandre o Grande, após ter visitado o sepulcro do bravo Heitor, ordenou, em memória de suas proezas, que se lhe fizessem muitos louvores e se lhe prestassem solenidades.

Poderia trazer à balha numerosas observações a respeito dos variados costumes mortuários dos antigos. Isso de acordo com os lugares. Mas, a fim de evitar a prolixidade, contentar-me-ei com o que disse sobre os selvagens americanos[4]. Tanto os antigos, como os atuais, enfim, exce-

---

4 Sobre os costumes mortuários dos tupinambás e tribos afins, cf.: Léry, p. 338 *sq*.; H. Staden, gravura à p. 83; G. Soares de Sousa, p. 401 *sq*.; Gandavo, p. 55; Cardim, p. 177 *sq*.; Abbeville, p. 380; Évreux, p. 111 *sq*.; fr. V do Salvador, pp. 62 e 63; Nobrega, pp. 91 e 100; Fernandes Gama, I, p. 34; Loreto Couto, p. 62; *Diálogos*, p. 53 *et passim*; Simão de Vasconcelos, p. 57; Gonçalves Tocantins, p. 117; Francisco de Paula Ribeiro, pp. 195 e 196; Antônio Serrano, p. 126; A. Mètraux, *La rel. des Tupis*., p. 113 *sq*.

O ritual funerário dos tupinambás (sécs. XVI e XVII) era constituído dos seguintes elementos:

a) *O pranto*, com estranhos lamentos, mais intensos nos dois, ou mesmo cinco dias, que se seguiam ao traspasse (*luto principal*, diz Thevet). Cardim afirma que durava um dia; outro mais. Muitas vezes, o choro era acompanhado de terríveis "baques".

b) *O elogio do morto*.

dem-se, em matéria de fastos fúnebres, mais por vã e mundana glória do que mesmo por outra causa. São, todavia, louváveis as festas celebradas em honra do morto, ou de sua alma, pois é um meio de declarar a sua imortalidade e confirmar a ressurreição futura.

---

c) *A ornamentação*, que consistia, tratando-se de algum principal, ou chefe de família, em lavar, pintar, untar de mel e cobrir o cadáver de penas, carapuças e outros adornos.
d) *O amortalhamento*, na rede em que ordinariamente dormia o defunto; quando não era o corpo amortalhado na rede, os tupinambás manietavam-no com fios de algodão ou de outras matérias. No amortalhamento, o cadáver tomava a posição fetal (como observou A. M. Gonçalves Tocantins); mas a posição mais comum era a de quem estava sentado nos calcanhares. Algumas vezes também se dobrava o corpo de tal modo que os pés tocavam na cabeça.
e) *A inumação do corpo no pote* (igaçaba ou camucim), que depois se enterrava na cova. A cova tinha a boca oval ou redonda e a profundidade de quatro a cinco pés (a altura de um homem). Abria-se na própria oca do morto (quando se tratava de um principal ou chefe de família), ou no pátio da taba. No caso de falecer uma criança, cavava-se a fosse atrás da casa. Algumas pessoas eram enterradas nos campos, longe da taba. Da abertura da cova encarregava-se o parente mais chegado do morto. Em certas ocasiões, dispensava-se a igaçaba; mas, nesse caso, construía-se o túmulo de modo a permitir que a terra não tocasse no cadáver (estacadas de pau, uso de uma cuia na cabeça, etc.).
f) *A colocação, na cova, dos materiais necessários ao morto* – à direita, a cabaça de água, o pote de cauim, o alguidar de comida (farinha, carne assada, peixes, aves) e, à esquerda, as armas e instrumentos agrários. Não faltava mesmo a cangoeira e o macinho de tabaco.
g) *A restituição, em ato público, dos objetos*, com os quais o morto havia presenteado aos seus amigos ou parentes.
h) *A construção da chocinha de palha* (pindoba), no alto da cova, junto à qual se acendia o fogo.
i) *O jejum* (no dia do traspasse, ou do enterro, os parentes só se alimentavam à noite).
j) *O luto*. No dia seguinte ao do enterro, a viúva cortava o cabelo bem rente ao couro, o mesmo fazendo todas as parentes e amigas que a iam visitar. Ao contrário do viúvo, ou dos homens, que o deixavam crescer.
k) *A festa do tirado do luto*, realizada geralmente um mês após o traspasse, com danças, jogos, músicas e vinhos. As mulheres pintavam-se de jenipapo e os homens voltavam a tosquiar-se.

. . . .

Capítulo XLIV

QUE TRATA DAS *MORTUGABAS* E DA URBANIDADE COM QUE OS SELVAGENS RECEBEM OS ESTRANGEIROS

COMO ESTOU OCUPADO em falar dos selvagens americanos, direi ainda alguma coisa a respeito dos seus costumes.

***Mortugabas*, cabanazinhas dos selvagens. Como são edificadas. Os árabes e tártaros não constroem casas permanentes.**

Na região habitada pelos selvagens não existem cidades, ou fortalezas de importância, senão as que os portugueses e outros colonos ali edificaram para sua própria comodidade. As casas onde moram os índios são cabanazinhas, chamadas em sua língua *mortugabas*[1], reunidas em lugarejos ou aldeias, tal como acontece em alguns dos lugares franceses. Essas choupanas têm de comprimento de duzentos ou trezentos passos e de largura mais ou menos vinte[2]; são feitas de madeira e cobertas de palmas,

1 No texto, *Mortugabes*. Segundo Teodoro Sampaio (*O tupi na geografia*, p. 250), o termo é corruptela de *mora-tocaba* ou *mora-togaba*, a morada do povo, habitação, rancharia, povoação.

2 As malocas dos tupinambás eram quadrangulares, com "duas braças de altura", "mais ou menos quatorze pés de largura e uns cento e cinquenta de comprimento" (Staden, p. 135).

dispondo-se tudo tão simplesmente quanto é possível. Os tetos das choças são variados e belos, embora tão baixos que é preciso curvar-se a cabeça para entrar em casa, como qualquer pessoa teria de fazer para passar através de um postigo. Várias famílias habitam a mesma cabana, cada uma delas ocupando o espaço de três braçadas[3]. Essas habitações são mais toleráveis que as dos árabes e tártaros, que jamais constroem casas permanentes, errando cá e lá como vagabundos; embora se governem árabes e tártaros por certas leis, ao contrário dos selvagens americanos, que só conhecem as da natureza.

As dimensões variam com os autores: "longues capendat pour la pluspart de quatre vingts à cent pas" ou "bastimans ordinairement longs de plus de soixante pas" (Léry, pp. 217 e 312); "casas mui compridas, de duzentos, trezentos ou quatrocentos palmos, e cinquenta em largo" (Cardim, p. 306); "26 a 30 pés de largura, e 200, 300, 400 ou 500 de comprimento" (Abbeville, p. 211).

A árvore de algodão.
Iny. Manigot.

Assim, pois, vivem os selvagens nessas choupanas, várias famílias em conjunto, e, no meio do lanço de cada uma, suas redes suspensas a fortes e poderosos pilares, as quais são feitas de algodão, pois os índios o possuíam em abundância (o algodão é extraído de certa arvorezinha[4] da al-

---

3 Erigiam os tupinambás primeiramente a armação, constituída de grossos esteios, atravessados por tirantes, que ligavam com cipó, cobrindo os intervalos com palha ou "taipa de mão" (a taipa devia ser um elemento cultural posterior à chegada dos europeus). Vinha, por fim, o teto, abaulado, feito de ripas e palhas de pindoba, ou de outra qualquer palmeira (extraída quando ainda bem tenra). Penetrava-se na casa por "duas ou três portas muito pequenas e baixas", que se fechavam com anteparos de palha; dentro não existia nenhuma divisão notável. Cada família ocupava o seu "lanço", marcado pelos "tirantes", deixando no centro um corredor livre ao trânsito. – Cf. Gonneville (*apud* Almeida Prado, p. 173); Staden, p. 135; Nóbrega, p. 99; Gandavo, p. 126; Léry, pp. 271 e 312; G. Soares de Sousa, p. 366; Cardim, pp. 169 e 307. Ainda hoje os tapirapés conservam a forma do teto côncavo, típico dos tupis (H. Baldus, *Ensaios*, p. 282).

4 O algodoeiro é descrito por J. de Léry, à p. 196. Ao algodão propriamente dito, diz esse autor que os tupinambás chamavam "*Ameni-iou*" (*Manigot*, em Thevet). *Aminiiú* em Marcgrave (p. 59 da recente ed. de 1942).

tura de um homem e seu fruto assemelha-se a um grosso botão, à feição da bolota, diferindo, todavia, do de Chipre, de Malta e da Síria). Essas redes não são mais espessas do que um dos nossos lençóis e os selvagens dormem nelas como geralmente vivem, isto é, inteiramente nus (rede, na língua indígena, chama-se *iny*[5] e o algodão de que é feita *manigot*). As mulheres mantêm o fogo continuamente acesso em ambos os lados da rede do chefe de família, pois as noites são, algumas vezes, frias.

A arara, uma ave. Desvario dos selvagens.

Cada família guarda e reserva para si uma espécie de fruto do tamanho do ovo de avestruz (da cor das cabaças ou abóboras de água), atravessado, de um lado a outro, por um bastão de ébano, com pé e meio de comprimento. Uma das extremidades do bastão fica plantada no solo, ao passo que a outra extremidade é guarnecida por belas penas arrancadas de uma ave muito vermelha, chamada arara. Tem este fruto muita honra e reputação entre os selvagens, que o consideram mesmo como o seu Tupã. E os tais profetas, quando aparecem, fazem-no falar lá de dentro, surpreendendo o segredo dos inimigos ou, como afirmam, recebendo notícias das almas dos mortos queridos[6].

---

5 A respeito da rede, veja-se a descrição de Léry (p. 315). A rede dos tupinambás foi um elemento cultural usado muito cedo pelos colonos. "*Nous ne dormons point en d'autre licts*", diz Barré.
Cf. sobre o assunto a importante nota de Eloísa Torres à p. CIII de Marcgrave (ed. do Museu Paulista, São Paulo, 1942). Segundo W. Schmidt, *Etnologia*, p. 124, a rede é um elemento característico da cultura do arco.

6 O maracá era, realmente, a representação mística do pagé. A cerimônia, de que fala Thevet, é minuciosamente descrita por H. Staden (p. 153 e 154).
Esse instrumento mágico-religioso, espécie do chocalho feito de cabaças, assemelha-se, no tamanho, a um ovo de avestruz, ou a um melãozinho oco (cheio de milho miúdo, de grãos negros, ou de pedras), atravessado por um pau. O pau servia de cabo; pintavam-no, os índios, de vermelho, nas festas religiosas, adornando-o de plumas multicolores. Às vezes, abria-se na abóbora um orifício, que imitava uma boca (Léry, p. 110; G. Soares de Sousa, p. 383; Évreux, p. 384; Abbeville, p. 48). Diz Hoehne que a vareta era feita com a brejaúba (*Astrocaryum Ayri*, Mart.). Mais adiante (f. 104), Thevet faz referência a uma espécie da cabaça, ou cuietê, chamada *cohyne*, com a qual os índios faziam seus maracás. A *cohyne* é a *Crescentia cuyete*. L.

Galinhas. Arigname.
Papagaios.

Os selvagens não criam, em torno da casa, animais domésticos, a não ser algumas galinhas; mas essas aves são assim mesmo raras e só existem em certos lugares, trazidas pelos portugueses (pois antes não tinham delas nenhum conhecimento). Todavia, não dão muito apreço a essas criações, pois, por uma faquinha de nada, quem quiser poder obter duas das aves. E de modo algum as comem as mulheres, mostrando até desagrado quando veem os franceses servir-se, nas refeições, de quatro ou cinco ovos (que chamam *arignane*)[7], pois dizem que cada ovo corresponde a galinha, isto é, alimento suficiente para satisfazer a dois homens. Além das galinhas, os índios também criam papagaios, que traficam com os europeus por algumas ferramentas.

(cf. a nota correspondente, no cap. LIV).

Além da boca, pintavam os índios, no coité dos maracás, cabelos, olhos e narizes (*Cartas avulsas*, p. 97; Anchieta, pp. 331 e 332; Nóbrega, p. 99). Nesse costume de dar forma humana ao chocalho percebemos os primeiros indícios da idolatria, de influência, a princípio europeia, depois africana. Évreux, de fato, afirma que conheceu certo pajé, possuidor de uma boneca, cujo maxilar inferior era móvel. Concitava o feiticeiro a que as mulheres tupinambás trouxessem legumes a fim de serem mastigados pela boneca: a semente, assim triturada, tinha o poder mágico de reproduzir-se facilmente.

7 No texto, *Arignane*. – Léry (p. 156): "*Et mesmes estimans entr'eux que les oeufs qu'ils nomment* Arignanropia, *soyent poisons: quand ils nous en voyoient humer, ils en estoyent non seulement bien esbahis, amis aussi disoyentils, ne pouuans auoir la patience de les laisser couuer. C'est trop grande gourmandisse à vous, qu'en mangeant un oeuf, il faille que uous mangiez une poule*". Cf. nota de Plínio Airosa à recente ed. bras de Léry, p. 133.

Entre os tupinambás, a domesticação dos animais estava, por assim dizer, no seu período incipiente. Isso por diversos motivos. Primeiramente, por causa de certos aspectos de mentalidade de selvagem: as aves e os porcos criados em casa eram tabus. Em seguida, porque não existiam no Brasil animais como o cavalo, o boi, o carneiro, que o homem muito cedo aproveitou para a tração ou a carga, ou dos quais extraía alimento (cf. J. R. de Sousa Fontes, p. 509 *sq*.). Todavia, observa G. Soares de Sousa que os tupinambás amestravam cachorros para a caça e criavam "galinhas e outros pássaros" (p. 379). É verdade, porém, que esses espécimes da fauna doméstica eram destinados à indústria dos adornos, ou reservados ao tráfico usual, tais como o quiruá, o tucano, a arara, o papagaio, etc., ou constituíam o que se chamavam *xerimbabos*, isto é, os animais de estimação.

Nenhum conhecimento de ouro ou de prata entre os selvagens.

Os selvagens não conhecem o ouro, ou a prata amoedada, não usam de nenhum modo esse metais[8]. Aprisionado, certa vez, um navio português, onde havia numerosas moedas de prata, que tinham sido trazidas de Morpion, deram os índios todo esse dinheiro a um francês em troca de quatro machados e algumas faquinhas. Constituem esses instrumentos as coisas que mais estimam os selvagens. E não sem razão, pois as ferramentas são próprias para cortar madeira. Anteriormente, eram os índios constrangidos a cortar, ou abater as árvores, com o auxílio de pedras, ou à custa de fogo; assim como, também, não usavam de outro material na fabricação dos arcos e flechas.

Liberalidade dos selvagens para com os outros.

São os selvagens mais generosos do que lhes é possível permitir a natureza. É verdade que, em relação às coisas recebidas das mãos dos colonos, denotam muita avareza; quanto, porém, às riquezas naturais do país, a saber, caças, frutas e peixes (pois não têm outra coisa), mostram-se eles muito liberais, não só entre si, como de tribo para tribo. Contanto que a tribo seja sua aliada. Assim, mal aparece alguém em visita à aldeia, os índios dão-lhe alojamento e presenteiam-no com víveres, oferecendo-lhe, ainda, uma das filhas para o serviço do hóspede (como já o disse em outro lugar). Nesse momento, sentam-se as mulheres e moças em torno do peregrino, e, em sinal de alegria, gritam e choram[9], exclamando, se o hóspede o

---

8 Já dizia Staden (p. 152): "Nada sabem de dinheiro. Suas riquezas são penas de pássaros; e quem tem muitas é que é rico." Cf. ainda a carta do padre Baltasar Fernandes: "búzios e contas, que é o dinheiro que corre nesta terra" (*Cartas avulsas*, p. 485)

9 A saudação lacrimosa é um rito de polidez vastamente difundido na América Antártica. Cf.: Léry, p. 323; Gandavo, p. 127; Anchieta, pp. 435 e 436; G. Soares e Sousa, p. 382; Cardim, pp. 171 e 308 *sq.*; Loreto Couto, p. 62; *Diálogos*, p. 270; S. de Vasconc., p. 58; Évreux, pp. 34, 83 e 195; Abbeville, pp. 331 e 32; fr. V. de Salvador, p. 65. – A saudação lacrimosa foi objeto de estudo por parte de vários etnógrafos. Só em 1906 surgiram três trabalhos a respeito desse traço cultural: o de Georg Friederici ("Der Tranengruss der Indianer", em *Globus*, Braunschweig, LXXXIX), o de Rudolph R. Schuller ("El origen de los Charrúa", em *Ann. de la Unv. de Chile*, CXVIII, Santiago) e o de Alfredo de Carvalho ("A saudação lacrimosa dos índios", em *Rev. do Inst. Arq. Pern.*, XI). Uma revisão geral do problema realizou Metraux, *La religion des Tupinamba*, pp. 180-188, com uma carta de distribuição à p. 186.

13. Saudação lacrimosa (Thevet).

permite: – *Sê bem-vindo! És um dos nossos bons amigos! Quanto sofreste para vir visitar-nos!* E outras carícias mais do mesmo jaez. Nesse ínterim, o chefe de família, na sua rede, acompanha o choro feminino.

Chegando alguém de uma viagem de trinta ou quarenta léguas, feita por água ou por terra, é certo encontrar abrigo, exceto se outro hóspede já estiver ocupando a cabana. Nesse caso, o dono da casa anuncia aos demais companheiros a vinda do forasteiro, pois pode ser que haja pessoas interessadas na sua hospedagem. Assim procedem os índios em relação aos estrangeiros.

Provérbio.

Quanto mais pobre é essa gente mais curiosidade e pasmo demonstra pelas coisas novas desconhecidas (diz o provérbio que *a ignorância é mãe da admiração*); não são apenas esses, entretanto, os sentimentos que animam os índios, mas, também, a ambição de adquirir presentes por parte dos estrangeiros, pois sabem tão bem agradar que ninguém pode recusar-se aos seus desejos. Os homens, logo que são visitados em suas cabanas, chegam-se ao visitante com a maior segurança e familiaridade, tomando-lhe o chapéu, que põem na cabeça, uns após outros. E assim se olham e admiram, convencidos de que estão mais bonitos[10]. Quando não se apoderam da espada ou outra qualquer arma, que porventura possua o hóspede, ameaçando com ela seus inimigos. Ameaças em que tomam parte, também, as palavras e os gestos. Em suma, os selvagens correm inteiramente o visitante, não sendo conveniente que se lhes negue nada, pois, do contrário, não será o mesmo servido, ou não usufruirá o forasteiro os favores e amizade dos indígenas. É verdade, todavia, que os índios restituem os objetos pertencentes ao hóspede.

---

10 Eis como Léry descreve o modo pelo qual foi recebido entre os tupinambás da baía de Guanabara (pp. 318 e 319): "*& au reste l'vn ayant prins mon chapeau qu'il mit sur sa teste, l'autre mon espee & ma ceinture qu'il ceignit sur son corps tout nud, l'autre ma casaque qu'il vestit: eux di-ie m'esturdissans de leurs crieries & courans de ceste façon parmi leur village avec sens hardes, non seulement ie pensois auoir tout perdu, mais aussi ie ne sauois où i'en estois*". A respeito da hospitalidade entre os indígenas brasileiros, cf. Martius, *O direito*, p. 85 *sq*. Quanto às populações primitivas em geral, veja-se Westermarck, I, pp. 567-593 e II, 651 *sq*.

Os mesmos agrados fazem as moças e as mulheres casadas, tudo com o objetivo de tirar dos estrangeiros algum proveito, embora se contentem com muito pouco. Aproximam-se do visitante, a exemplo dos homens, com frutas e outras coisas, que se costumam dar de presente, dizendo-lhe: *Agatouren eori asse pia*, isto é, "Como és bonzinho! Mostra-me o que tens" (isso tudo por adulação). São desejosas, sobretudo, de novidades, tais como espelhinhos, contas de vidro, etc. As crianças, do mesmo modo, gritam em bando: – *Hamabe pinda*, ou seja, "Dê-me alguns anzóis" (pois empregam o anzol na pesca do peixe). E são bem ensinadas no uso da palavra *agatouren*, cujo significado já se sabe, seguras de que não lhes negareis o que tiveres. Do contrário, fecham a cara e exclamam: – *Hippochi dangarapa aiouga*[11], o que quer dizer "Vai-te! Não vales nada. Merecias que te matassem." Isso tudo acompanhado de muitas ameaças e injúrias.

Os selvagens, em resumo, não dão nada sem que também recebam. E assinalam bem a quem lhes fizer uma recusa, nunca mais esquecendo esse fato.

11 "*De agatorem, amabe pinda: c'est à aire. Tu es bon, donne moy des haims: car Agatorem en leur langage veut dire bon: Amabe, donne moy: & Pinda, est vn hameçon. Que si on ne leur en baile, la canaille de despit tournant soudain la teste, ne faudra pas de dire.* Deengaipa--aiouca, *c'est à dire. Tu ne vaux rien, il te faut tuer*" (Léry, p. 180). Cf. Plínio Airosa, nota à recente ed. bras. de Léry, pp. 109 e 151. *Angaturã*, alma boa; *emeê abé*, dá-me mais; *pindá*, anzol. *Nae angaipá ajuka*, és mau, eu mato.

. . . .

Capítulo XLV

DESCRIÇÃO DA DOENÇA CHAMADA *PIÃS*, À QUAL ESTÃO SUJEITAS AS POPULAÇÕES AMERICANAS, TANTO NAS ILHAS QUANTO EM TERRA FIRME

NADA EXISTE, como se sabe, no perímetro entre a terra e o primeiro céu, que não esteja mais ou menos sujeito a uma contínua mutação e desenvolvimento. Não sendo simples o ar, que nos envolve, mas antes composto, por isso mesmo não se conserva ele inalterável no tempo e no espaço; assim são também as doenças, as quais, no dizer dos doutores, provêm quer da atmosfera, quer das condições de vida. Pelo que achei conveniente descrever uma doença muito difundida nas regiões, recentemente descobertas, da América e do Ocidente.

***Piãs*, doença dos selvagens. Sua origem. Os selvagens são muito luxuriosos e carnais.**

Essa doença, chamada entre os selvagens de *piãs*[1], não se origina, todavia, dos vícios do ar, que, na América, é bom e temperado, como provam os frutos produzidos pela terra com o seu benefício (mesmo porque nada se pode fazer, natural ou artificialmente, sem o auxílio do ar, sendo certo, tam-

1 No texto *Pian*. Thevet foi quem primeiro descreveu a doença, que os tupinambás chamavam de *piãs* (descrição análoga em Léry, p. 339); com o nome de bouba, a mesma doença aparece no *Tratado* de G. Soares de Sousa (p. 386 *sq*.). Évreux

bém, que as moléstias, quando provenientes do vício dele, ofendem moços e velhos, ricos e pobres, tendo-se em vista, todavia, as disposições internas). Parece, portanto, ser o piãs proveniente de certa malversação, com origem, por sua vez, no trato sexual entre machos e fêmeas, visto que esse povo é muito luxurioso, carnal e excessivamente bruto. Especialmente as mulheres, que procuram e empregam todos os meios no sentido de arrastar os homens ao prazer. E isso me faz pensar e afirmar ser mais verossímil que a dita moléstia não seja outra coisa senão a sífilis[2], hoje tão vulgar na Europa (mas falsamente atribuída aos franceses, e, por isso, chamada entre os estrangeiros de mal francês, como se os outros também não estivessem a ela sujeitos).

---

achava que o *piãs* excedia, em sordidez, ao mal de Nápoles (p. 109). O padre Labat encontrou a bouba nas Antilhas (*Nouveau Voyage*, II, p. 120) Cf. ainda: Bernardino Antônio Gomes, "Memória sobre as boubas", em *Hist.* e *Mem. da Ac. Real das Ciên. de Lisboa*, IV, parte I, 1815; Sigaud, *Du climat et des maladies du Brésil*, Paris, 1844; G. Levancher, "Histoire du Piã", em *Guide Medical des Antilles*, Paris, 1847 (3.ª ed.); O. da Silva Araújo, *Contribuição para o estudo da bouba* (Rio, 1911) e *Subsídios para o estudo da framboesa trópica* (Rio, 1928); Valdemir Miranda, *A bouba no Nordeste brasileiro*, Pern., 1935; Otávio de Freitas, *Doenças africanas no Brasil*, São Paulo, 1935. "Quanto à origem das boubas (escreve Rodolfo Garcia, em nota aos *Diálogos*, p. 122), acreditam alguns autores que fossem elas importadas com os negros da África; mas, contra esse parecer há o testemunho de vários viajantes, que afirmam que os indígenas do Brasil também eram sujeitos ao mal, desde os primeiros tempos da colonização. Da confusão entre as boubas e a sífilis deve ter-se originado a lenda de que esta foi levada da América para a Europa."

A opinião de que essa entidade nosográfica seja nativa na América é, atualmente, acatada pelos nossos maiores especialistas no assunto. No fim do presente livro, em apenso, transcrevo uma erudita nota, ainda inédita, que me foi gentilmente cedida pelo Dr. Eustáquio Duarte, da Sociedade de Medicina de Pernambuco.

O termo *piãs* é, provavelmente, de origem típica, não devendo ser levada em conta etimologia de Levacher, que foi buscar a origem da palavra na língua céltica.

Os indígenas do Rio de Janeiro já possuíam um termo próprio para designar essa doença. Já estavam mesmo, como diz Eustáquio Duarte, traquejados na luta contra o mal. Não era possível que os tupinambás, decorridos apenas alguns poucos anos de trato com os colonos europeus, fossem adotar um nome estranho para o *piãs*, contra o qual tinham até seus medicamentos tropicais.

2 No texto, *verolle*. Littré inclui essa palavra entre as velhas denominações populares da sífilis, em França, esclarecendo que o termo, no seu sentido vulgar, não se aplicava à explosão inicial da doença, nem tampouco às suas formas gerais de evolução, mas apenas a determinados sinais secundários: as sífilis pustulosas ou as erupções papulosas,

Verdadeira origem da sífilis.
A *vérolle*. Porque é assim chamada entre os franceses.

Todos sabem, entretanto, que a sífilis assola a França tanto quanto outros países e adveio, originalmente, de Nápoles, para onde a levaram alguns soldados espanhóis, chegados das ilhas ocidentais. Assim, embora fosse essa doença primitivamente descoberta pelos espanhóis e aos mesmos contaminada, ninguém faz menção disso em França, na Grécia e em qualquer outra parte da Ásia ou da África. Lembro-me que ouvi comentários a esse respeito do falecido doutor Silvius[3], médico dos mais doutos dos atuais tempos. Por isso, em virtude de sua origem, acho mais conveniente e razoável chamar-lhe de *mal espanhol*, em lugar de outro qualquer nome: uma vez que em francês já existe nome próprio – *vérolle* (assim chamada porque, frequentemente, segundo o tempo e a constituição do doente, manifesta-se à flor da pele em *postulas*, às quais se dão também o mesmo nome)[4].

O *piãs* (tornando ao mal dos selvagens e aos seus remédios) ataca os indígenas americanos e os europeus só pelo contato ou toque, tal qual a sífilis. Desse modo, apresenta os mesmos sintomas e perigos, sendo mais difícil de curar à medida que é mais antigo. E, às vezes, aflige os índios até nos seus últimos instantes.

Cura da moléstia.
O *hivourahé*, uma árvore.

Se algum colono, na América, se junta às índias, não escapa do mal. Mais depressa ainda do que os nativos. Para a cura, ou para evitar as

---

nas suas múltiplas variedades cutâneas. Lancereaux (p. 732) pensa do mesmo modo. Os franceses do tempo de Thevet emprestavam a mesma designação às boubas, fato que originou, entre os tratadistas, lamentáveis confusões. Outras doenças de caráter eruptivo e ulceroso também eram conhecidas pelo mesmo nome. Ainda hoje, tanto na França como nas colônias francesas da África, o povo adota as expressões *grosse-vérolle* para a bouba, *vérolle* para a sífilis e *petite-vérolle* para a varíola.
O termo *viruela* é a expressão popular correspondente em Espanha. Cf. Doect Cabanès (p. 30, comentário do trad. Francisco Caravaca).

3 Thevet refere-se ao Dr. Jaques Dubois, também conhecido pelo nome de Del Boë ou Silvius, natural de Amiens (1478-1555).

4 Trocadilho, só compreensível em francês: "*car en Français est appellée verole pour ce que.... elle se manifeste au dehors à la peau por pustules, que i'on appelle veroles*" (f. 87).

complicações, que, quase sempre, seguem-se à manifestação da doença, – fazem os selvagens decocção da casca de certa árvore chamada *hivourahé*[5], de tão bom, ou melhor, efeito que o guaiaco. São os indígenas, aliás, mais facilmente curáveis que os europeus, a meu ver em virtude de sua constituição menos corrompida pelos vícios.

Eis o que me pareceu conveniente dizer a propósito do assunto. E, quem se sentir pouco inclinado a acreditar em minhas informações, que peça a opinião dos mais ilustres sábios a respeito da origem dessa doença, procurando indagar quais as partes internas mais facilmente sujeitas à afecção, ou procurando saber quais os elementos de que se nutre esse mal, – pois há, hoje, muitas controvérsias frívolas a respeito de tal assunto, sendo raros os que estão de acordo sobre o mesmo ponto, principalmente em matéria de cura. Está visto que não me refiro aos doutores. Enfim, existem algumas pessoas tão ignorantes que causam muitos transtornos aos pacientes: em lugar de curá-los, precipitam-nos na voragem e abismo das maiores aflições.

Selvagens acometidos de oftalmias. Donde procedem elas. Nem toda doença dos olhos é oftalmia.

Há certas oftalmias (das quais já falei) que provêm do abuso da fumaça[6]. Assim acontece entre os selvagens, que acendem fogo em várias partes e sítios de suas cabanas, – aliás bem vastas, pois nelas se reúnem e hospedam numerosas pessoas. Sei, entretanto, que toda oftalmia, entre os índios, não

---

5 No texto, *Hiu-ourahê*; à fs. 96 e 97, *Hivourahé*. Léry assim descreve essa planta (p. 190): "*Hiouraé, ayant l'escorce de demi doigt d'espais, & assez plaisante à manger, principalement quand elle vient fraischement de dessus l'arbre, est une espece de Goiata, insi que lie l'ay out affermer à deus Apoticaires*". – O Hiuourahé de Thevet é o mesmo *Ymiraéém* de Martius. Trata-se, provavelmente, da casca-doce ou *buranhém* – *Pradosia glyciphloea* (Mart. & Eichel.), ou *Pradosia lactecens* (Radlk). Cf. Hoehne, p. 125 *sq*. Thevet volta a tratar da mesma planta à fs. 94. 96 e 97. O *gaiac*, de que fala o frade, é a *Schotia speciosa* Jacq. Ou o *Fraxinus excelsior* L.
Aliás, Marcgrave assim descreve a planta (p. 171): "*Indigenae Ibiraee, id est, Lignum Dulce, non autem Hiouraee, ut Lerius & Thavetus prodierunt appellant*". Na tradução de mons. José Procópio de Magalhães (ed. do Mus. Paulista, 1942, p. 101), esse trecho, por um lapso, não menciona o nome de Thevet.

6 Trata-se, sem dúvida, da conjuntivite catarral simples, tão disseminada entre os índios. Évreux (p. 111) ensina que essa doença se curava, facilmente, com algumas instilações de um colírio à base de vitríolo.

provém da fumaça; mas, seja como for, sempre se origina dos vícios do cérebro, por qualquer meio que tenha sido ofendido. Também, nem toda doença dos olhos é oftalmia, como acontece mesmo entre os habitantes da América, de que falo, porquanto muitos selvagens têm perdido a vista sem que tivessem sofrido nenhuma inflamação nos olhos. Trata-se, certamente, de algum humor do nervo óptico, impedindo que o espírito da vista chegue até os olhos.

Vento austral doentio.

Parece-me ainda que esse excesso de matéria no cérebro advém do ar e vento austral, que o torna facilmente sobrecarregado. Vento quente e úmido, muito comum na América. Assim o diz, com acerto, Hipócrates. Eu mesmo o experimentei, sentindo o corpo mais pesado, sobretudo a cabeça, em particular quando o vento sopra ao meio-dia.

Cura das oftalmias.

Para curar esse mal dos olhos, os selvagens cortam ramos de certa árvore muito branda semelhantes à palmeira. Levam-nos à cabana e lá espremem o seu suco vermelho nos olhos do paciente[7].

Direi, finalmente, que os índios jamais são sujeitos à lepra[8], à paralisia, a úlceras e a outros males externos ou superficiais, como acontece aos europeus. Quase sempre se sentem sãos e dispostos, marchando audaciosamente, de cabeça em pé, como os cervos.

Eis o que, de passagem, cabia-me dizer sobre a mais perigosa moléstia da França Antártica.

---

7 Hoehne identifica essa planta com o *piná-paná*, *urtiga-de-mamão*, ou *cansação* (*Jatropa urens* L.), também conhecido, em algumas localidades, pelo nome de *queimadeira-do-diabo* (pp. 126 e 127). As folhas, profundamente lobuladas e grandes, acrescenta esse botânico, fizeram nascer em Thevet à ideia de uma palmeira, com que a comparou, tendo sido mais feliz na explicação do caule extremamente mole. Descrição em Pio Correio, I, p. 496.

8 Thevet oferece, aqui, importante subsídio aos investigadores da nosografia primitiva do Brasil. A lepra, endemia generalizada na Europa quinhentista, era desconhecida entre nós, ao seu tempo. Piso, quase um século depois, notaria ainda a inexistência dessa entidade mórbida no Brasil: "*lepra et scabies incognitae sunt*".

. . . .

Capítulo XLVI

DAS DOENÇAS MAIS FREQUENTES NA AMÉRICA E QUAL O MÉTODO OBSERVADO NA CURA DAS MESMAS

NINGUÉM, MESMO POR MAIS RUDE, ignora que os povos americanos são formados pelos quatro elementos, à semelhança de todas as coisas da natureza. E, por esse motivo, sujeitos às mesmas afecções das demais raças humanas (à dissolução da matéria, por exemplo). Mas é também verdade que as moléstias podem tomar diferentes aspectos, de acordo com o clima, ou de acordo com o modo de vida de cada pessoa.

Falso juízo dos selvagens em relação aos seus profetas e às suas moléstias.
Método de curar as moléstias, observado pelos selvagens.

Os habitantes da América, perto da orla marítima, estão sujeitos a doenças corruptivas, febres catarrais e a outros males. Pelo que são os selvagens ludibriados e explorados por seus profetas (já falei deles em outra parte), os quais são chamados a socorrer os índios, mal se sentem estes doentes. Não se pode comparar melhor esses velhacos senão aos numerosos impostores e charlatães de feira, que, em França, conseguem iludir facilmente as pessoas ingênuas, fazendo crer que podem sarar todos os males

curáveis e incuráveis, – no que eu acreditaria perfeitamente se a ciência fosse feita ignorância e a ignorância ciência. Pois tais profetas dão a entender aos brutos dos selvagens que falam aos espíritos de seus antepassados; assim como os convencem de que nada lhes impede de comunicar-se à alma contida no corpo. Assim, quando um doente estertora, sentindo qualquer humor no estômago, ou nos pulmões, não podendo expeli-lo, por debilidade ou por outro qualquer motivo, dizem os profetas ser a alma do doente, que se queixa. E, para curar o mal, chupam a parte dolorida, julgando, desse modo, extrair dela o incômodo[1]. Também os selvagens em geral, é certo, sugam-se reciprocamente, mas não com a mesma fé e ânimos dos pajés.

As mulheres procedem de modo diverso. Põem um longo fio de algodão, de uns dois pés, na boca do paciente, por meio do qual servem e pensam que estão expelindo o mal. E, se alguém fere outrem, de propósito ou não, também se encarrega o ofensor de chupar a chaga do ferido, até que este se cure (nesse ínterim, abstém-se o doente de certas viandas, consideradas prejudicais à cura).

Usam os selvagens, ainda, outro diferente método de cura, a saber, faz incisões nas espáduas, por meio das quais retiram certa quantidade de sangue. Fazem as incisões com uma espécie de planta muito afiada, ou com os dentes de certos animais[2]. Finalmente, os indígenas americanos

---

1 A sucção representava um papel importante na terapêutica tupi-guarani. "*S'il aduient donc qu'aucuns d'eux tombe malade, apres qu'il aura monstré, & fait entendre où il sent son mal, soit au bras, iambes ou autres parties du corps: cest endroit la sera succé avec la bouche por l'un de ses amis: & quelques fois par vne maniere d'abuseurs qu'ils ont entr'eux nomez Pagés... lesquels non seulement leur font accroire qu'ils leur arrachent la douleur, mais aussi qu'ils leur prolongent la vie*" (Léry, pp. 338 e 339). Cf. ainda Anchieta (p. 332) e Cardim (p. 162). Com mais vivacidade, descreve Évreux a cena da sucção: "vós os vedes puxar pela boca, como podem, o mal... do paciente, fazendo-o passar para a boca, e garganta dele, inchando muito as bochechas, e deixando delas sair de um jato o vento ali contido, causando estampido igual ao de um tiro de pistola, e escarrando com grande força, dizendo ser o mal, que havia chupado e fazendo-o acreditar ao doente" (p. 273 *sq*.). Algumas vezes, como diz Thevet, fingia o curandeiro extrair do corpo do doente pedacinhos de pau, espinhos, ossos, etc. Cf. ainda G. Soares de Sousa (p. 388) e Abbeville (pp. 374 e 375). Sobre a extração mágica do *quid* maligno, por sucção, veja-se finalmente R. Pardal, *Medicina*, pp. 69-73.

2 "Curam estes índios algumas postemas e bexigas com sumo de ervas... e, quando se sentem carregados da cabeça, sarjam nas fontes, e aos meninos sarjam-nos nas pernas, quando têm febre, mas em seco; o que fazem as velhas com um dente de cutia muito agudo" (G. Soares de Sousa, p. 387).

14. Tratamento de um doente (Thevet)

nunca alimentam os doentes, a não ser quando os mesmos o solicitam, preferindo deixá-los enlanguescer durante todo um mês[3].

As doenças, como tive ocasião de observar, não são tão frequentes na América quanto na Europa, embora, noite e dia, vivam nus os selvagens. Também é certo que os índios não se excedem na bebida ou comida. Por exemplo: não se servem de nenhuma fruta corrompida, ou que não esteja perfeitamente madura. As carnes, por outro lado, devem ser bem assadas.

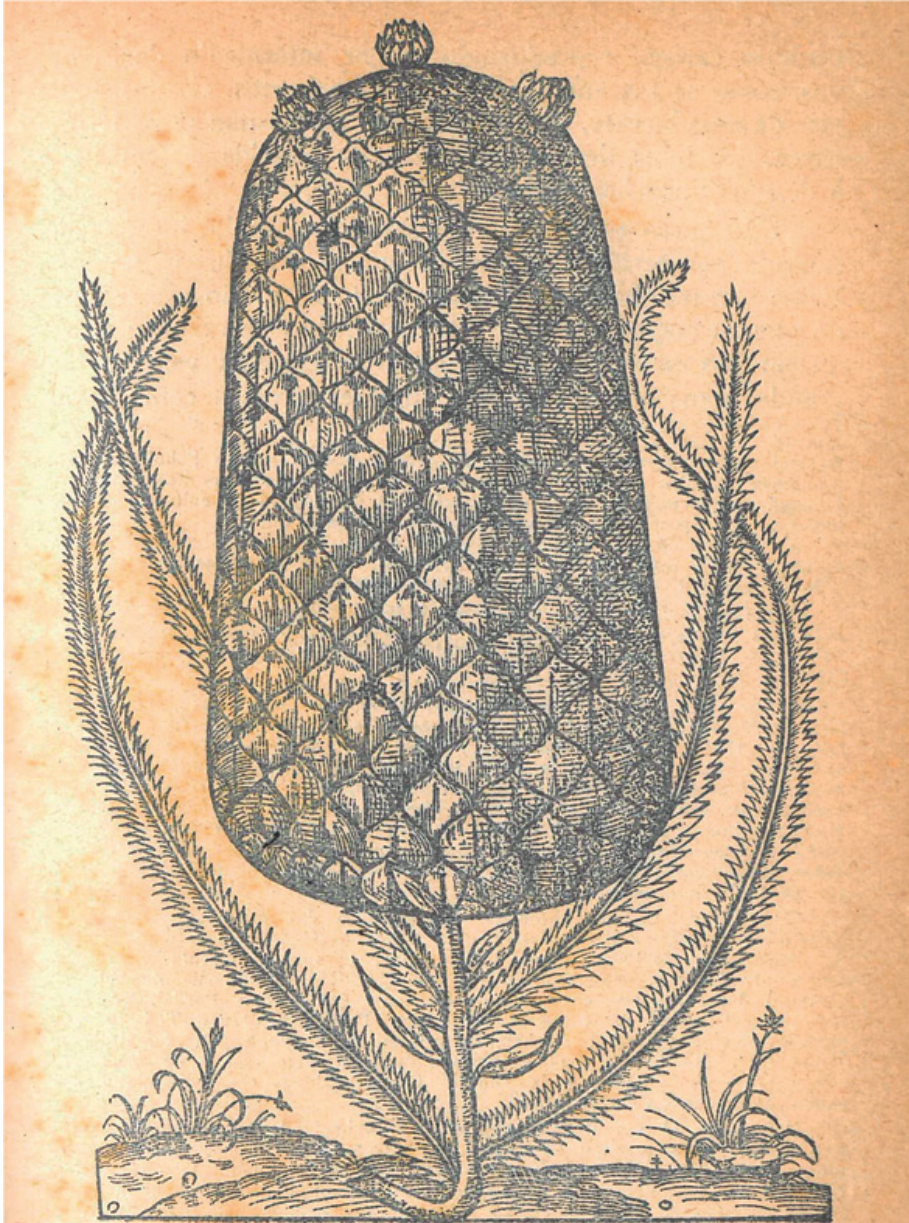
Como vivem os pacientes e doentes.
O ananás, excelente fruta.

São os selvagens, demais, muito curiosos no exame das árvores e frutas, a fim de conhecer-lhes as propriedades medicinais[4]. E a fruta, que mais comumente usam em suas moléstias, é a chamada *ananás*[5]. O ananás

---

3 “*si celuy qui est detenu au lict deuoit demeurer un mois sans manger, ou ne luy en donnera jamais qu'il n'en demade*” (Léry, p. 340).

4 Admiravelmente reconheciam os tupinambás as espécies úteis da flora brasílica. Desse modo, sabiam descobrir a propriedade medicinal de certas plantas, como sejam, o ananás, “cujo sumo come todo o câncer”; a cabureíba, milagrosa na cura das “feridas frescas”; as folhas do caraobuçu, que, pisadas, curavam as boubas; a ubiracica, da qual se faziam “emplastros para defensivo da frialdade”; as raízes de jeticuçu, que eram “maravilhosas para purgar”; a copaíba, de que se extraía um “bálsamo mui salutífero”, etc. Cada um, diz Loreto Couto, “é médico de si mesmo e da sua família”. Cf. Soares de Sousa, p. 225 *sq*.; veja-se ainda Anchieta, pp. 126 e 127; Gandavo, pp. 99 e 100; Cardim, p. 61 *sq*. Sobre o assunto, ler mais uma vez Martius, *Natureza*, p. 224.

5 No texto, *nana*. Essa é também a forma usada por Barré (Gaffarel, *Histoire*, p. 379), Anchieta (p. 340) e Cardim (p. 71). Em Gandavo *ananazes* (p. 97), em Léry *Ananas* (p. 199), em G. Soares de Sousa *ananás* (p. 225), em fr. V. do Salvador *ananases* (p. 32) e em Abbeville *ananás* (p. 262). Todos comparam o ananás à pinha.
Naná diz Hoehne (*Bot*., p. 107) é ainda hoje o nome empregado por muitas tribos indígenas. E acrescenta que, há alguns lustros passados, o Dr. Moisés Bertoni tentou agrupar as espécies do gênero *Ananas sativus* Schultz e “organizou um trabalho, pelo qual se constata que não uma, mas muitas espécies ou subespécies representam as formas originárias do abacaxi de cultura que tanto interesse tem conseguido despertar em todo o mundo”.
À f. 104, Thevet volta a falar do *naná*. Convém notar que o nome ananás é mais reservado à espécie silvestre, “cujos sincarpos possuem sabor mais picante e cor mais avermelhada externamente”.
A frase de Léry, muito semelhante à de Thevet, é a seguinte: “*Elle croist aussi non seulement emmoncelee come vn grand chardon, mais aussi son fruict, qui est de la grosseur d'vn moyen Melon, & de façon comme uve pomme de Pin*” (p. 199).

15. O ananás (Thevet).

é da grossura de uma abóbora média, sendo semelhante, exteriormente, à pinha, como se poderá verificar na gravura ao lado. Quando amadurecido, torna-se amarelo. É maravilhosamente excelente, não só por sua doçura, como por seu sabor, sendo assim como o mais delicado açúcar, senão melhor. Não se pode transportar essa fruta para a Europa, a não ser em conserva, pois, quando sazonada, não tem muita duração. Além disso, não possui nenhum caroço, reproduzindo-se por intermédio dos renovos, como se faz em França com os enxertos. Antes, todavia, de amadurecer, é o ananás tão áspero que pode ferir a boca. A folha dessa planta, quando crescida, assemelha-se à de um junco bem grande.

Não quero esquecer um singular e estranho incômodo, causado por certos vermezinhos que se introduzem nos pés. Esses vermezinhos têm o nome de *tom*[6] e não são maiores do que os ouções. Penso que tais

---

6 No texto, *Tom*. Outras formas: *thon, ton, tum, tung, attun, tumbira, tinga, tunga,* etc. Cf. a analogia entre a descrição de Staden e a de Léry (p. 168): *"petite verminette.... n'est pas du commencement si grosse qu'une petite puce: mais neatmoins se fichat, nommemet sous les ongles des pieds & des mains, oú tout soudain, ainsi qu'un ciron, elle y engender une demanjaison, si on n'est bien soigneux de la tirer, se fourrant tousiours plus auant, elle deuiendra dans peu de teps aussi grosse qu'un petit poix"*. *Tunga* diz G. Soares de Sousa (p. 326). *Bicho*, simplesmente, o autor dos *Diálogos* (p. 111). A propósito desse acaso, escreveu Artur Neiva (pp. 230-240) interessante estudo.
O bicho de pé, na fase de renascimento das ciências naturais, foi objeto de inúmeras discussões, devido à sua confusão com a pulga (origem da denominação *pulex penetrans*. L.). Hoje, já não se discute a sua existência na América pré-colombiana, depois que Roy L. Moodie descobriu na cerâmica dos incas representações de bichentos (cf. Ramon Pardal, *A medicina e a cirurgia na cerâmica do antigo Peru*, p. 276). Toda a velha crônica das conquistas está cheia de referências à *tunga* (Oviedo, Rochefort, Ulloa, etc.). No Brasil, a mais antiga referência parece ser a de Staden (pp. 173 e 174), vindo depois a de Thevet. Os holandeses, em Pernambuco, dedicaram particular estudo ao inseto.
O europeu já encontrou o aborígene experimentado no trato do parasito e o próprio índio apontou ao colono a etiologia animal dos pequenos e estranhos tumores, que lhe cresciam nos pés, ensinando igualmente os meios de cura: processo cirúrgico da extração (com espinhos da macaibeira ou de outras palmeiras), ou terapêutico (óleo de mamona, sumo de caju, etc.). Acredita Scaliger que o bicho de pé foi o responsável pela origem e uso das redes entre os selvagens, que se agasalham dessa forma, suspensos entre paus ou árvores, com o objetivo de fugir à praga dos ácaros. Cf. Eustáquio Duarte. "Uma página de etimologia médica" (Em *Diário da Manhã*, 17-IV-938, Recife) e o curioso estudo de Fernando, São Paulo (II, pp. 339-340).
Parece que foram Piso e Marcgrave os primeiros a observar essa ectoparasita com o auxílio de vidro de aumento (megascópio).

bichos se criam e reproduzem nos próprios pés, elevando-se algumas vezes, a tão grande número, que formam tumores grossos como favas, com dor e comichão na parte afetada. Quando estive na América, aconteceu mesmo que fui atingido pelo tom, de modo que os pés me ficaram cobertos de pequenas bossas. Quando essas bossas são furadas, só se encontra dentro delas um verme todo branco, com um pouco de pus.

O *hiboucouhu*, uma fruta. Sua utilidade.

A fim de curar-se do tom, os selvagens fabricam óleos de uma fruta chamada *hiboucouhu*[7], que se assemelha à tâmara, mas não serve de alimento. O óleo é guardado em cuiazinhas, que fazem dos frutos chamados *caramenos*[8] e com eles untam as partes ofendidas – remédio eficaz,

---

7 Esse nome, acredita Hoehne (*Bot.*, p. 129) ser uma forma afrancesada de *boucouba*, mais conhecido atualmente pelo de *uucuuba* (*Myristica officinalis* Mar., ou *Myristica sebifera* Sw., ou, ainda, *Myristica bicuhyba* Schott). Pela descrição que Léry faz da planta (p. 169), à qual dá o nome de *couroq*, não resta dúvida a Hoehne de que se trata mesmo da *uucuuba*.
Thevet, em um dos seus mss ainda inéditos, deixou outra descrição do bicho de pé, que F. B. Raspail transcreveu em sua *Histoire Naturelle de la Santé et de la Maladie* (I, p. 405): "*Lorsque les Espagnols arrivèrent en Amérique, ils devinrent malades de petits vers només toms, par plusieurs tumeurs qui s'elevèrent surleur pieds; et quand ils ouvraient ces tumeurs, ils y trouvaient un petit animal blanc. Les habitants du pays s'en guerissent par le moyen d'une huile qu'ils tirent, d'un fruit nommé chibou, cachibou, lequel n'est bon à manger. Ils en mettent une goutte sur les tumeurs et le mal gureit en peu de temps*."
O *chibou*, fruta que não servia como alimento e de cujo óleo os antigos ameríndios faziam medicina eficaz contra a parasitose, Raspail identificou com a *Bursera grummífera* L., cuja resina tinha largo uso entre os incas. Mas, se vê que *chibou*, ou *cachibou*, não é mais do que uma corruptela de *hiboucouhu*, planta, como já se viu, que Hoehne afirma ser a *uucuuba*.
Relata Mouffet (cit. em Raspail) que Thevet observou também o bicho de pé no Peru. "*Thevet, lui-même* (diz Mouffet), *fut atteint de ce mal dans la province du Perou*".
Ocorre, também a forma *bicuíba* (Spix & Martius, II, p. 204).

8 "Caramenos *de bois (ainsi nomment-ils les tonneaux & autres vaisseaux)*", diz Léry (p. 137). Hoehne (*Bot.*, p. 129) identifica o fruto, do qual os índios fabricavam as cuias, com a *Lecythis Blanchetiana* Berg. Também os *caramenos* eram feitos com a cabaceira, ou *Crescentia cuyeté* (ou cuiete) L., segundo informações de Martius, *Na-*

como dizem, contra os vermes. Também os indígenas passam esses unguentos por todo o corpo, quando se sentem fatigados. O óleo, por outro lado, é próprio para as chagas e úlceras, como pessoalmente verifiquei.

Eis algumas doenças e remedios, usados pelos selvagens americanos.

---

tureza, p. 244. Outras formas: caramemoa (Marcgrave), *caramengua*, etc. *Caraminguá* "ainda chamam os sertanejos nortistas ao saco, ou alforje da matalotagem e os rio-grandenses-do-sul, por natural extensão do termo, que pluralizam, aos cacaréus, badulaques coisas de pouco valor, que cada um traz consigo em viagem" (R. Garcia, "Glossário", pp. 26 e 27).

. . . .

Capítulo XLVII

COMO TRAFICAM OS SELVAGENS. A AVE CHAMADA TUCANO. A ESPECIARIA AMERICANA

Tráfico dos selvagens.

EMBORA HAJA, NA AMÉRICA, silvícolas de famílias ou facções várias, continuamente em guerra umas com as outras, todavia não deixam os mesmos de traficar com as riquezas nativas, sobretudo os que habitam o trato costeiro. Esse comércio é feito não só entre os próprios indígenas, como entre os indígenas e os estrangeiros. O tráfico mais notável consiste em penas de avestruz[1] ou de outros esquisitos pássaros; comércio também importante é o das guarnições de tacapes feitas com o mesmo material.

Tudo isso é trazido dos sertões do país, de lugares distantes entre cem e cento e vinte léguas, inclusive muita quantidade de colares brancos e negros, ou ainda certas pedras verdes, com as quais, como já se viu, os índios adornam os lábios. As populações da costa marítima, onde preponde-

---

1 No Brasil não existiam avestruzes propriamente ditos. "*Ema* ou *nhandu* é o verdadeiro nome do *avestruz americano*, bem menor que o seu parente africano, que atinge dois metros e meio de altura" (cf. R. v. Ihering, p. 75). Em Marcgrave, *Nhandugnacu*, em cuja nota à p. LXV (ed. de 1942), Olivério Pinto diz que o Nordeste é a pátria típica da ema.

ra o tráfico europeu, recebem machados, facas, adagas, espadas, ferramentas diversas, contas de vidro, pentes, espelhos e outras mais bugigangas. Os índios recebem essas mercadorias e trocam-nas com os seus vizinhos, objeto por objeto, pois não usam outro sistema comercial. – *Dá-me aquilo, que te darei isto* – tudo feito em poucas palavras.

Descrição do tucano, ave da América.
Estranho sombreiro; feito de plumas.

No referido litoral, a mercadoria mais comum é a que consta das penas de uma ave, que chamamos de *tucano*[2]. Como vem a propósito, vou descrever sumariamente o tucano. Essa ave é do tamanho do pombo. Há uma outra espécie, semelhante à pega, porém com a mesma plumagem do tucano, isto é, toda negra, à exceção da cauda (onde se veem algumas penas vermelhas entremeadas com as negras) e do papo (amarelo numa extensão de cerca de quatro dedos, tanto em largura como em comprimento, mas um amarelo cuja tonalidade não tem igual). Algumas pluminhas da rabadilha são vermelhas como sangue. Da parte amarela do papo fazem os selvagens os ornamentos de seus tacapes, mantos, sombreiros e outros objetos. Trouxe para a Europa um sombreiro, feito com essa bela e rica plumagem, o qual, por se tratar de um objeto singular, dei de presente ao rei.

Singularidades trazidas pelo autor, da América para a França.

Só na América, na região situada entre o Prata e o Amazonas, existem tais aves. É verdade que se veem algumas no Peru, mas não tão corpulentas quanto aquelas. Em Nova Espanha, na Flórida, no México, em Terra Nova, não se encontra nenhuma dessas aves, por causa de seu

---

2 No texto, *Toucan*. Léry (p. 162) observa que o frouxel amarelo do papo era de cerca de "*quatre doigts de longuer & trois de largueur*". O ornamento feito com esse papo chamava-se *Toucan-tabouracé*. Cf. ainda: Cardim, p. 54; G. Soares de Sousa, p. 264; Abbeville, p. 274. A referência à dimensão do bico, que poderá parecer exagero para certas pessoas, é confirmada pelas observações de Emílio Goeldi, "o longo bico córneo, que em algumas espécies maiores é quase do tamanho do corpo". Cf. Agenor Couto de Magalhães, p. 163.
Em nota à p. LXXVII de Marcgrave (ed. de 1942), Olivério Pinto afirma que já há uma referência ao tucano em Oviedo, *Sumario de la Natural Historia de las Índias* (Toledo, 1527).

16. O tucano (Thevet).

clima frio, que temem estranhamente. O tucano vive nos bosques, onde só se alimenta de certas frutas indígenas no país (posso afirmar, por ciência própria, que não se trata de nenhuma ave aquática, como alguém poderia pensar). De resto, é um animal maravilhosamente disforme e monstruoso, cujo bico por pouco não é mais grosso e mais largo do que o próprio corpo. Levei comigo um, que, na América, me ofereceram, cujas plumas eram de cores várias, algumas vermelhas como o escarlate, outras amarelas, azuis, etc. Como já se disse, a plumagem do tucano serve de tráfico e é muito estimada pelos selvagens americanos.

Permuta de coisa, antes do uso da moeda. Utilidade do tráfico.

É certo que, antes do uso da moeda, o tráfico consistia na troca de uma coisa por outra. E as riquezas de um homem, fosse ele rei, eram constituídas de animais, tais como camelos, carneiros e outras mais espécies. Há numerosos exemplos disso, tanto em Beroso como em Diodoro, autores que narram o modo – pouco diferente do dos selvagens americanos e de outros povos bárbaros – pelo qual os antigos permutavam as mercadorias, trocando-se a ovelha pelo trigo, ou a lã pelo sal. Considerando-se bem, é o tráfico extremamente útil, por ser um meio de manter a coesão dos laços sociais, motivo pelo qual tem sido celebrado por todas as nações. Plínio, no livro VII de sua *História natural*, atribui a invenção e início do comércio aos fenícios.

Em que consiste o tráfico dos europeus com os selvagens americanos. A especiaria do país. A especiaria de Calicute. A ilha de Corchel.

Em troca das coisas, de que já falei, dão os selvagens americanos macacos, pau-brasil, papagaios e algodão. E certa especiaria – o grão de uma erva, ou arbusto da altura de três ou quatro pés[3], cujo fruto se assemelha ao morango, na cor e em outros mais aspectos. Quando maduro,

3 Thevet refere-se à pimenta (*Capsicum* L.). Descrição também em Léry (pp. 205 e 206). Staden afirma que essa planta era objeto de comércio entre os tupinambás (p. 88). G. Soares de Sousa descreve algumas das suas variedades (pp. 203-206). A pimenta constituía o principal tempero do índio que dela se servia misturada à farinha. “Mais gostosa que todas”, no dizer de G. Soares de Sousa, era a *cumaru* (*Caps. baccatum* L.). Sobre a pimenta há um estudo interessante de Marcgrave (pp. 39 e 40 da ed. de 1942).

encontra-se nele uma sementezinha parecida com a do funcho. Os mercadores europeus sobrecarregam-se dessa sorte de especiaria, embora não seja ela tão boa quanto a malagueta da costa da Etiópia e da Guiné, nem se possa comparar à de Calicute ou à de Taprobana. E note-se, de passagem, que a especiaria de Calicute, apesar do seu nome, não é toda originária desse lugar, mas também de regiões distantes de lá cinquenta léguas (de umas ilhas não sei bem de onde, principalmente a chamada Corchel[4]). Calicute, todavia, é o principal mercado e empório de todo o tráfico da Índia do Levante, donde a origem daquela denominação.

A ilha de Zebut. Abourney.
As ilhas das Molucas e suas especiarias.

A especiaria de Calicute é melhor que a da América. O rei de Portugal, como todos sabem, recolhe vultosos emolumentos desse comércio, embora em quantidade menor do que outrora, isto é, desde que os espanhóis descobriram a rica e extensa ilha de Zebut[5], no caminho além da passagem do estreito de Magalhães. A ilha de Zebut possui ouro, gengibre e abundante porcelana branca. Depois dela se encontrou a de Abourney[6], a cinco graus da Linha equinocial, assim como inúmeras ilhas habitadas por negros, antes de se chegar às Molucas, a saber, Atibore, Terrenate, Nate e Machian[7]. Formam as Molucas, um arquipélago, semelhante ao das Canárias.

Todas essas ilhas estão localizadas muito longe da França, bem no poente, numa distância de mais de cento e oitenta graus. Produzem muitas boas especiarias, melhores que as da América.

Eis o que eu tinha a dizer das Molucas, uma vez que estou tratando do comércio dos selvagens americanos.

4 Talvez Cochim, como supõe Gaffarel.
5 A atual Cebu (antigamente Sogbu), descoberta por Fernão de Magalhães a 7 de abril de 1521.
6 Bornéu, segundo pensa Gaffarel. Essa ilha fica entre 7º3' e 4º5' de lat. S.
7 Respectivamente, Tidore, Ternate, Motir (ou Mortir) e Makian (cf. Molinari, p. 116).

. . . .

Capítulo XLVIII

DAS AVES MAIS COMUNS NA AMÉRICA

Descrição do Canindé, ave de estranha beleza.

ENTRE AS MÚLTIPLAS variedades de aves, que produz a terra, todas com as suas características próprias, diversas entre si e dignas da nossa admiração – existe uma que excede as demais em perfeição e beleza, tanto a natureza porfiou em revesti-la da mais pulcra e excelsa plumagem. Essa variedade, tão comum na América, os selvagens designam pelo nome de *canindé*[1]. O canindé não excede o tamanho de um corvo. O frouxel, do ventre à garganta, é amarelo como ouro puro, sendo as asas e a longa cauda do mais fino azul. Outra ave há que se lhe assemelha em tamanho, mas difere na cor: a plumagem, em lugar de amarela, é de um vermelho escarlate, com o restante azulado[2].

---

1 No texto, *Carinde*. *Canindé* em G. Soares de Sousa (p. 263), em Gandavo (p. 112), nos *Diálogos* (p. 218), em Évreux (p. 181), em Abbeville (p. 270). O canindé (*Ara ararauna* Linn.) faz parte da fam. dos *Psitacídeos*. Léry (p. 159) confirma que os tupinambás desplumam essa ave *três ou quatro vezes ao ano*, assim como se refere ao seu modo de vida, ora nas matas, ora nas ocas. A descrição, que esse autor faz da plumagem da ave, é quase igual à de Thevet: "*le plumage sous le ventre & à l'entour du col aussi iaune que fin or: le dessus du dos, les aisles & la queüe, d'un bleu si naif qu'il n'est pas possible de plus*" (p. 158). Cf. a nota de Plínio Airosa à recente ed. bras. de Léry, p. 136.

2 Talvez a arara-piranga, ou arara-canga (*Ara macao* Linn.).

Pertencem ambas ao gênero dos papagaios, pois têm deles a cabeça, o bico e os pés. Os selvagens apreciam-nas bastante e, três ou quatro vezes ao ano, tiram-lhes as penas[3], com as quais guarnecem os escudos, os tacapes, os mantos e outras coisas esquisitas do seu uso comum.

Possuem os selvagens americanos muitas outras espécies de papagaios, todas diferentes quanto à plumagem.

O ajuru, ave verde.
Maracanãs.

Uns papagaios são mais verdes do que os demais – o *ajuru*[4], por exemplo; outros têm na cabeça penugens azuis e verdes, sendo conhecidos pelo nome de *maracanãs*[5]. Não existe, porém nenhum papagaio cinzento, como acontece na Guiné e na alta África.

Quem foi o primeiro a prender os pássaros em gaiolas.

Os selvagens criam essas aves em suas ocas, sem necessidade, como se usa em França, de gaiolas, porque, segundo julgo, as amansaram quando ainda novinhas. Os antigos assim também o faziam, como diz Plínio, no livro III de sua *História natural*, pois, tratando das aves, afirma que

---

3 Os tupinambás e demais índios do litoral brasileiro conheciam alguns processos para apanhar, vivas, as aves. Simão de Vasconcelos fala mesmo de uma vara, com laço armado na ponta, com que os índios caçavam os periquitos (p. 53). Nieuhof chegou a distinguir três espécies de laços armados na ponta da vara (p. 219; 312 na recente ed. da Liv. Martins, 1942). Usam essa arma os guaranis (Pedro Lozano, I, p. 327). Évreux (p. 181) descreve o modo pelo qual os tupinambás do Maranhão apanhavam vivas as araras e canindés, escondendo-se debaixo das árvores, onde essas aves tinham por hábito passar a noite e atirando nelas, na ocasião propícia, um projétil, que as punha atordoadas. Cf. também J. B. Ambrosetti (p. 729).

4 No texto, *Aiouroub*. O ajuru (*Amazonas æstiva æstiva* L.) pertence também, como o canindé, à fam. dos psitacídeos. Cardim descreve o ajurucurau, da, da mesma família (p. 51). *Iuruue* em Abbeville (p. 271).

5 No texto, *Morganas*. Id. Em Léry (p. 161), que acrescenta não ser essa ave de muita estima entre os tupinambás. *Maracanãos* em Gandavo, p. 113; marcaná em G. Soares de Sousa, p. 267; *Margana* em Abbeville, p. 271. O *maracaná* ou *maracanã* (*Ara maracana* Vieill.) parece, entretanto, ter relação mística com os selvagens (cf. Métraux, *La rel. des Tup*., p. 234 – trecho da *Cosmogrophie* de Thevet), donde, talvez, a sua natureza tabu, que Léry tomou por pouca estima.

foi Estrabão o primeiro a ensinar como se prendiam os pássaros em gaiolas. Antes, tinham esses animais liberdade de locomoção.

As índias, especialmente, criam algumas aves, semelhantes, em tamanho e cor, aos verdelhões de França; têm-nas em tal estima que lhes chamam, na língua nativa, de *seus amigos*[6]. Demais ensinam-lhes a falar, isto é, a pedir farinha (da que se faz com raízes), ou, então, a iniciar os homens à guerra, a fim de aprisionar inimigos e, depois, devorá-los. E outras coisas mais. Evitam os selvagens alimentá-las com frutas, seja qual for a sua idade, as quais, segundo acreditam, produziriam vermes capazes de roer o coração dessas aves.

Abundância de papagaios na América.

Há uma infinidade de outros papagaios silvestres, criados nos bosques, que os indígenas matam a flechadas, em grande quantidade, para seu alimento. Esses papagaios fazem os ninhos no pináculo das árvores, de forma totalmente redonda, receosos das picadas dos animais[7].

Desde quando os europeus conheceram os papagaios. Censura de Marcus Catão a respeito dos costumes delicados do seu tempo.

Houve tempo em que os papagaios eram desconhecidos dos antigos romanos e de outros povos europeus os quais só os vieram a conhecer (de acordo com as informações de alguns autores) depois que Alexandre, o Grande enviou em seu lugar o tenente Onesícrito à ilha de Taprobana. O militar trouxe alguns dessa ilha, que se multiplicaram prontamente, tanto nos países orientais como na Itália, sobretudo em Roma. Segundo diz Columella – no III *Livro dos antigos* – Marcus Porcium Catão (cujas obras e

---

6 Thevet refere-se aos *xerimbabos*, isto é, aos animais de estimação dos tupinambás. Segundo Gandavo (p. 112), um papagaio ensinado valia dois ou mesmo três escravos. Léry (p. 161) mostra como as mulheres estimavam os seus xerimbabos: "*Aussi ceste femme Sauvage l'appellant son* Cherimbaue, *c'est à dire, chose que i'aime bien*, *le tenoit si cher que quand nous luy demandions à vendre... elle respondoit par moquerie,* Moca-ouassou, *c'est à dire, une artillerie: tellement que nous ne le sceusmes iamais avoir d'elle*".

7 Léry (p. 162) nega esse fato, afirmando que os papagaios fazem seus ninhos nas cavidades dos troncos.

ideias constituíam um exemplo para o povo romano), sentiu-se tão escandalizado que chegou a exclamar, no Senado: – *Oh, pais de conscritos! Oh, infeliz república! Já não sei em que tempo estou, à vista das monstruosidades existentes em Roma. Isto é, à vista de homens que carregam papagaios nos dedos e mulheres que alimentam cães e com eles se deliciam!*

Mas vou retornar ao assunto das aves americanas, tão diferentes e estranhas quando comparadas às do hemisfério europeu, como é o tucano, por exemplo, que já descrevi anteriormente (algumas dessas aves poderão ser examinadas através das gravuras deste livro, ou, então, nos próprios espécimes, nunca vistos em França, os quais, em virtude mesmo de sua singularidade, foram dados de presente ao rei – aves de plumagens amarelas, vermelhas, verdes, purpúreas, azuladas e de outras cores mais); porquanto me resta descrever alguns outros exemplares assaz raros e esquisitos.

O *panu*, ave estranha.
***Jerahuva*, espécie de palmeira.**

O *panu*[8], por exemplo, é pássaro do tamanho e tonalidade do corvo, menos no papo encarnado como sangue. Tem o bico cinzento e só se alimenta de uma espécie de palmeira chamada *jerahuva*[9]. Outras aves existem do tipo dos melros europeus; têm o nome de *quiapian*[10] e são vermelhas como sangue-de-dragão.

***Quiapiã*, uma ave.**
O anu.

Ave estranha é a quiapiã (p. 295) que tem a grossura de um pardalzinho, de plumagem toda negra. Quando se farta de alimentar-se de for-

8 No texto, *Panou*. A ave deve ser o tiê-sangue, diz Hoehne (*Bot.*, PL. 130). O tiê-sangue (*Tanagra brasilia* L.) tem, realmente, uma plumagem vermelho-cochonilha, mas só o macho. "Tiê-piranga são pássaros vermelhos do corpo, que têm as asas pretas, e são tamanho como pintarroxos; criam em árvores, onde fazem seus ninhos; aos quais os índios esfolam os peitos para forrarem as carapuças, por serem muito formosos" (G. Soares de Sousa, p. 274). Léry (p. 163) faz uma descrição dessa ave, que muito se assemelha à de Thevet.

9 No texto, *Jerahuua*. Talvez, a brejaúba (*Astrocaryum*), ou a jerivá (*Cocos batryophora* Mart.). Cf. Hoehne (*Bot.*, p. 130).

10 *Quapian* no texto e *Quipiã* à margem do mesmo. *Quiampian* ou *Quiãpian* em Léry (p. 163). Talvez, diz Plínio Airosa, a *guyrá-pyrã* (*Fregata aquila* Spix) ou a *arapirã*. Nota à p. 140 de Léry, ed. bras. de 1941, São Paulo.

migas, ou de outros quaisquer bichinhos, trepa às árvores, onde não faz mais do que voejar de cima para baixo e de ramo em ramo, sem um instante de repouso. Os selvagens chamam-lhe de *anu*[11].

Outra espécie de ave.
O *hivourahé*, uma árvore.
Gonambuch, pássaro muito pequeno.

Entre as aves americanas, uma existe de pio estridente e merencório como o das nossas corujas[12]. Diz essa pobre gente que o seu canto lhes recorda os amigos mortos, acreditando que são estes que lhas enviam – para boa sorte deles e infelicidade dos inimigos. Não é maior que um pombo trocaz, sendo de cor acinzentada e vivendo das frutas de uma árvore chamada *hivourahé*[13]. Não quero esquecer outro pássaro de nome *gonambuch*[14],

---

11 No texto, *Annou*. Cf. G. Soares de Sousa (p. 277). O anu, ou anum (*Crotophaga ani* Linn.) era considerado, entre os tupinambás, uma ave agoureira (Osvaldo Orico, *Vocabulário*, p. 25).

12 O pássaro, como já vimos, é o matinta-pereira. Cf. a nota respectiva, no cap. XXXVI. Interessante a analogia de algumas expressões de Léry com as de Thevet:

THEVET (f. 94)	LÉRY (p. 164)
Il n'est pas plus grand qu'un pigeon…	*... n'est pas plus Gros q'un Pigeon...*
… couleur cêdrée	*... plumage gris cendré...*
… voix fort esclatâte et piteuse, come celle de nostre Chathuant…	*... voix penetrante & encores plus piteuse que celle du Chahuant...*

E assim por diante.

13 Cf. Thevet, fs. 87, 96 e 97. E nota respectiva, no cap. XLV.

14 *Goñabuch* no texto e *Gonambuch* à margem do mesmo. *Gainambî* em G. Soares de Sousa (p. 274). *Gonabuch* e *Gonambuch* (p. 295), em Léry (p. 163), que mostra uma ingênua admiração por essas avezitas: ninguém acreditaria, ao vê-las voejar sobre os milharais, que de um corpo assim minúsculo pudessem sair cantos tão sonoros e fortes. Há, ainda, as formas *guanumby* (Teodoro Sampaio, *O tupi na geografia,* p. 218), *guainumbi* ou *guinambi* (Marcgrave, p. 196), etc. sobre o beija-flor, leiam-se as eruditas notas de Olivério Pinto às pp. LXVII e LXVIII da recente ed. de Marcgrave (1942). Thevet tem sido muitas vezes indicado como o primeiro a descrever o beija-flor (pois é desse pássaro que se trata); Oviedo, todavia, cuja *Historia General de las Indias* remonta a 1525, já faz referência ao beija-flor, ao qual chama de *pájaro mosquito*. Cf. *The Encyclopædia Britannica,* XIII, p. 885.
Vj. ainda a nota de Plínio Airosa à recente ed. bras. de Léry, p. 140.

que não é maior que um escaravelhozinho, ou de uma varejeira. Embora minúsculo, não é possível existir outro mais deleitável aos olhos. Seu bico é comprido e delgado e o corpo tem a cor pardacenta. E, se bem que seja, como julgo, um dos menores passarinhos do céu, possui um canto maravilhoso e agradável aos ouvidos.

Deixo de parte as aves aquáticas, do mar ou da água doce, todas diferentes das da Europa, tanto na estatura quanto na plumagem. E não duvido que os modernos autores de livros de ornitologia se surpreendam muito com as minhas descrições e gravuras de aves. Tudo porque – não há desdouro em dizê-lo – ignoram e jamais visitaram as regiões estrangeiras.

E aqui termino a mais sumária relação possível das aves da França Antártica, que pude observar durante a minha permanência nessa região.

. . . .

Capítulo XLIX

DAS VEAÇÕES OU CAÇAS SELVÁTICAS, QUE APANHAM OS INDÍGENAS

PARECE-ME NÃO SER fora de propósito tratar, agora, dos animais existentes nas matas e montes da América. E também dos meios de que se servem os selvagens, para a caça dessas veações.

Como os indígenas caçam os animais selvagens.

Lembro-me de ter dito, alhures, que os selvagens americanos não se servem de nenhum animal doméstico, alimentando-se, porém, de inúmeros outros que vivem nas matas, tais como os veados, as corças, os javalis, etc. Quando os animais perambulam, à procura de alimentos, são apanhados nos fossos disfarçados por folhagens, que constroem os selvagens nos lugares por eles mais frequentados. São essas armadilhas feitas com tanto artifício e habilidade que as feras dificilmente se lhes escapam: apanhadas vivas, chegam os índios e massacram-nas, algumas vezes à flechadas[1].

---

1 Cf. Léry (p. 150), Abbeville (p. 354) e G. Soares de Sousa (pp. 286 e 287).

O javali americano.

O javali[2] dá mais trabalho para ser caçado. É um bicho semelhante em tudo ao nosso, menos na fúria e no poder agressivo. Tem os dentes mais longos e mais expostos. Totalmente negro e sem cauda, traz no dorso um conduto, semelhante em tamanho ao do marsuíno, por meio do qual pode respirar dentro da água. Esse porco selvático lança espantosos silvos, e, quando come ou faz outra qualquer coisa, ouve-se-lhes o ranger dos dentes. Certa vez, me trouxeram os índios um deles, enlaçado, mas a fera conseguiu escapar em presença de todos.

O cervo da América.

Os cervos e corças[3] da América não possuem o pelo tão liso e solto quanto os da Europa, mas bastante unido e embaraçado, embora longo. Os chifres dos machos são pequenos em relação aos dos nossos. Os selvagens estimam muito tais chifres, pois é com um fragmento deles que enchem o orifício recentemente aberto nos lábios das crianças, para aumentá-lo, acreditando que esse osso não é venenoso e impede qualquer consequência funesta à operação.

Propriedade dos cornos do veado.

Plínio afirma que os cornos do veado constituem um remédio e antídoto contra qualquer veneno. Por isso os incluem os médicos entre os medicamentos cordiais, ao lado do marfim e de outros objetos, aos quais se conferem certas propriedades robustecentes e reconfortantes para

---

2 Léry (p. 144) chama ao javali americano de *Ta-iassou*. Esse autor, à semelhança de Thevet, faz referência à glândula secretora da região renal, que possui o animal, comparando-o à do marsuíno. Em G. Soares de Sousa (p. 292) – tajaçu; em Cardim (p. 37) – porco-montês; em Abbeville (p. 289) – tayaçú. O taaçu (*Taaçu albirostris* Cuv.) é conhecido ainda pelo nome de *queixada*. Thevet não se esqueceu de observar o batido rápido dos dentes da fera, quando assanhada.
Parece que há duas espécies distintas de porcos selvagens, na América do Sul – o chamado "porco de queixada branca" e o "caititu". Cf. Wied Neuwied, pp. 234 e 235.

3 Thevet refere-se aos *suaçú-etês* (*Seou-assou* em Léry, p. 144). Ocorrem, também, as formas *sugoaçu*, ou apenas *suaçu*. Descrição em G. Soares de Sousa (p. 288). Cf. Plínio Airosa, nota à recente ed. bras. de Léry, p. 125.

o estômago. O fumo, produzido pelos chifres queimados, tem o poder de afugentar as serpentes.

Acreditam algumas pessoas que o veado muda anualmente de cornos; nesse momento se ocultam, coisa que fazem quando os chifres começam a cair. Consideravam os antigos de mau presságio o encontro de um veado[4] ou de uma lebre; julgo, entretanto, que tudo isso não passa de tola superstição, aliás contrária às ideias religiosas cristãs. Turcos e árabes ainda hoje guardam esse preconceito.

Ilusão dos selvagens americanos.

Uma ilusão mantida pelos selvagens americanos e difícil de se lhe tirar da cabeça é a seguinte, que vem a propósito do assunto: quando os índios apanham um veado ou corça, primeiramente, antes que tornem à cabana, cortam as pernas dianteiras e traseiras da caça, acreditando que, se assim não o fizessem, isso lhes tiraria o poder, a si e aos filhos, de capturar os inimigos em suas correrias. E mais outros desvarios, que lhes atordoam o cérebro.

É verdade que não sabem a razão desse costume, senão que o mesmo lhes foi indicado por seu principal caraíba, motivo pelo qual os pajés e curandeiros conservam a superstição.

Os selvagens americanos assam as veações, peça por peça, mas com o pelo[5]. Depois de assada, é a carne distribuída entre as famílias, que ocupam a mesma habitação, à maneira da distribuição das merendas nos colégios.

Descrição do quati, animal estranho.

Não se servem os índios de carne dos animais de rapina, ou dos que se nutrem de coisas impuras, por mais familiares que sejam os mes-

---

4 Sobre as lendas em que há encontros com veados mágicos, cf.: Couto de Magalhães, pp. 162 e 163; Antônio Brandão de Amorim, p. 463 *sq*; E. Stradelli, p. 370; Osvaldo Orico, *Contos e lendas do Brasil*, p. 55 *sq*.

5 O moquém (*boucan*) é característico da cozinha dos tupinambás: quatro forquilhas de pau, em quadro, na altura de dois pés e meio, com varas atravessadas, nas quais se punha o peixe ou a carne, que ficava, assim, conservada por vários dias. O fogo lento assava o alimento, que se virava, de meio em meio quarto de hora, diz Léry (p. 142). Cf. Staden (p. 144). A palavra *boucaner* ou *boucanier*, isto é, flibusteiro, vem de *moquém*, *mocaem* (cf. J. B. v. Spix & C. F. P. v. Martins, III, p. 245; A. Neiva, p. 218 sq.) Etimologia em Baldus & Willems, p. 155.

mos. Assim, evitam aprisionar o *quati*[6], por exemplo, que é do tamanho da raposa, tendo também dela as orelhas: o focinho, do comprimento de um pé, negro como o da toupeira e delgado como o do rato; o resto do pelo rude e cor de fumaça; o rabo espigado é igual ao do gato selvagem; o corpo sarapintado de branco e de preto. O quati é animal rapinante e vive das presas apanhadas à beira dos regatos.

Uma espécie de faisão.
A *macuancaná*, espécie de perdiz.

Ainda existem na América certos faisões da grossura do capão; têm a plumagem negra, com exceção da cabeça (que é cinzenta) e possuem uma cristinha vermelha, parecida com a galinha-da-índia. Os pés também são vermelhos. Assim como existem perdizes, chamadas na língua selvagem de *macuacanás*[7]. São maiores do que as nossas.

O tapir, um animal.
Descrição do tapir.
Espécie estranha de peixe.

Finalmente se vê ainda na América muita quantidade de certo animal de nome *tapir*[8], cobiçado e recomendável por causa da sua deformidade. Os selvagens perseguem continuamente o tapir, uma vez que a sua carne é saborosíssima e a pele serve para a fabricação dos escudos, de que

6 No texto, *Coaty*. Cf. Léry (p. 154) e Cardim (p. 43). Gaffarel faz confusão entre o *coati* e o *aguti*.

7 No texto, *Macouacanna*. *Macacoüa* em Léry (p. 157). Descrição em G. Soares de Sousa (p. 261) e Abbeville (p. 274). A perdiz, de que fala Thevet, era a *macucaguá* ou *macaguá* (*Herpetotheres cachinnans* Sharpe). Ocorrem ainda as formas *macuã*, *macanã*, *acanã*, etc. Cf. nota de Plínio Airosa à recente ed. bras. de Léry, p. 135, assim como a de José Honório Rodrigues (em Nienhof, p. 42).

8 À *anta* (*Tapirus terrestris* Linn.) chamavam os tupinambás, também, de *tapiruçu* (G. Soares de Sousa, p. 285). Outras formas: *tapyretê*, *tapüretê*, etc. Apesar de a ciência só reconhecer uma espécie indígena, diz Olivério Pinto (em Wied Neuwied, p. 256) ser plausível a existência de várias raças geográficas, em sua pátria típica, que é Pernambuco. No texto, *Tapihire*.
Léry levou do Brasil alguns dos broquéis feitos com o couro do tapir, que serviram, depois de tostados na brasa, de alimento à tripulação acossada pela fome.

usam na guerra. A pele desse animal, tão caçado quanto o veado e o javali, é tão forte, de fato, que dificilmente um tiro de besta pode atravessá-la. É a fera do tamanho de um grande asno, de colo, todavia mais grosso, cabeça qual a de um touro novo, dentes afiados e agudos. Mas não é perigosa, pois, quando perseguida, a sua única resistência é a fuga para qualquer lugar onde possa esconder-se. Corre mais rapidamente que o veado. O tapir só tem um rabinho de nada, do comprimento de três ou quatro dedos, liso como o da cutia (desses bichos sem rabo existem, aliás, inúmeros na América). O pé é angulado, com um dos dedos mais desenvolvido, tanto para a frente como para trás. O pelo avermelhado, à semelhança do de algumas das nossas mulas ou vacas, donde chamarem os colonos americanos a esses animais de vacas. O tapir não é, realmente, muito diferente da vaca, a não ser quanto à falta de chifres; julgo mesmo que ele participa tanto do asno quanto da vaca, pois não existem animais que, sendo de diferentes espécies, se pareçam tanto. Como é o caso, também, de um peixe do litoral americano, que possui a cabeça igual à do vitelo e tem esquisitíssimo corpo[9].

Com os exemplos acima apontados, poder-se-á avaliar o engenho da natureza, que criou tão variados animais, não só aquáticos como terrestres.

9 Trata-se, parece, do peixe-boi (*Trichechus inunguis* Pelz e seus afins). "Goaragoá é o peixe que os portugueses chamam boi – *tem o corpo tamanho como um novilho de dois anos*, e tem *dois cotos como braços*, e neles uma *mão sem dedos*; não tem pés, mas tem o rabo à feição do peixe e a cabeça e focinho como boi" (G. Soares de Sousa, p. 332). Goaragoá, diz Teodoro Sampaio (*O Tupi*, p. 219) que é corruptela de *guara-guara*, o comilão. *Iauaraná* é outro nome indígena do peixe-boi (Stradelli, p. 285). Há uma interessante descrição desse animal em Cardim (p. 79 *sq.*). A sua ocorrência na Bahia e no Espírito Santo é testemunhada, respectivamente, por G. Soares de Sousa (pp. 332 e 333) e Anchieta (p. 107).
Na opinião de C. de Melo Leitão, a descrição antiga mais perfeita do peixe-boi é a de Acuña, nenhuma havendo que se lhe avantaje, até Wallace (pp. 228-230).

. . . .

Capítulo L

DE UMA ÁRVORE CHAMADA *HYVOURAHÉ*

A árvore *hyvourahé*.

EM VIRTUDE de sua excelência e singularidade, não esquecerei de descrever uma árvore, que os selvagens chamam *hyvourahé*[1] – que é o mesmo que dizer *coisa rara*. Essa árvore tem a estatura alta e a casca argêntea (mas, por dentro, meio vermelha). Seu sabor sente alguma coisa do sal, ou lembra o do alcatruz, conforme tive ocasião de provar várias vezes. É semelhante ao guaiaco, havendo mesmo quem o julgue ser tal (com o que não concordo, pois, embora tenha a sua propriedade, nem por isso se pode dizer que seja aquela planta). E goza a sua casca, entre os selvagens, de muita reputação, sendo de propriedade maravilhosa entre muitas. Os europeus servem-se do *hyvourahé*, em lugar de guaiaco, mas convém dizer que os índios não são tão sujeitos a essa doença comum, da qual tratarei mais amplamente em outra parte.

---

1 No texto, *Hyuourahé*. Vj. a nota respectiva, no cap. XLV. Trata-se de buranhém – *Pradosia glyciphlara* (Mart. & Eichl.) Kuhlm., ou *Pradosia lactescens*, Radlk.
Árvore alta; casca vermelho-escura, lactescente, de sabor amargo-adstringente; fruto baga oblongo-obtuso, externamente recomendável para a cura das úlceras e oftalmias purulentas. A forma *ivuranhê* aparece em M. Pio Correia, I, p. 337.

Uso da casca dessa árvore.

O modo de usar a árvore é o seguinte: tira-se um pouco de sua casca (aliás leitosa, quando é logo arrancada do cerne), que, depois de cortada em pedacinhos; é cozida em água durante três ou quatro horas, até que a decocção adquira o tom do clarete. Em seguida, a beberagem é tomada por espaço de quinze ou vinte dias, consecutivamente, acompanhada de um pouco de dieta. E é o remédio, conforme se diz, proveitoso, isto é, próprio não só para a referida afecção[2], como para todas as doenças frias ou pituitosas, servindo para aliviar e reduzir os humores. Dele usam os selvagens americanos em seus males. Não sendo mesmo caso de doença, o cozimento é recomendável.

Excelência do fruto do *hyvourahé*.

Coisa estranha é o fruto dessa árvore. Tem a grossura da ameixa comum e a cor áurea como a de ouro de um ducado. Seu caroço, suave e delicado, serve maravilhosamente para as pessoas doentes e enfastiadas. Não menos estranho, sendo até incrível para quem não o tenha visto, é o fato de a planta só produzir de quinze em quinze anos, ou de vinte em vinte, como alguém já me quis convencer (cheguei, porém, à conclusão, por informações mais seguras fornecidas pelos anciãos do lugar, não ser isso verdade). Todavia, pedi para ver um desses frutos, afirmando a pessoa, que me mostrou, não ter provado dele, em toda a sua vida, senão três ou quatro vezes.

O lódão homérico.

O *hyvourahé* fez-me lembrar do lódão, cujo fruto é tão precioso que, segundo afirma Homero em sua *Odisseia*, bastou à gente de Cipião saboreá-lo para esquecer-se de retornar aos navios, a fim de servir-se de seus antigos alimentos.

Na América existem ainda algumas árvores de canafístula[3], mas não tão excelentes quanto às do Egito ou da Arábia.

---

2 Thevet refere-se ao *piãs*.

3 A verdadeira canafístula, como observa C. de Melo Leitão, é uma árvore indiana, hoje muito cultivada no Brasil. Thevet queria refletir-se a uma das várias cássias, talvez a *Cassia amazonica* ou a *Cassia spruceana* (notas ao *Descobrimento do rio Amazonas* de G. de Carvajal & outros, p. 190).

. . . .

Capítulo LI

DA ÁRVORE CHAMADA *VEBEAÇU* E DAS ABELHAS QUE NELA VIVEM

INDO CERTA VEZ a uma aldeia, distante de minha habitação perto de dez léguas, em companhia de cinco selvagens e de um trugimão, pus-me a observar as diferentes árvores, que nos rodeavam de todos os lados. E nisso me deparei com uma, que vou descrever em seguida.

Descrição da árvore chamada *vebeaçu.*

Essa árvore, que parece mais obra do artifício do que da natureza, é maravilhosamente alta, saindo os ramos uns de dentro dos outros. As folhas são semelhantes às da couve e o fruto, que brota de alguns dos seus galhos, tem o comprimento de um pé. Perguntando a uma pessoa da companhia que fruto era aquele, logo me chamaram a atenção para as abelhas agrupadas em torno dele, que, aliás, ainda estava bem verde[1]. As abelhas

---

1 No alto do capítulo, *Vebeaçu*; à margem do texto *Vebehaçu*. Hoehne não conseguiu identificar a árvore (*Bot.*, pp. 130 e 131). Penso tratar-se de *enviruçu*, de que fala G. Soares de Sousa (p. 246) – árvore grande, de madeira mole, da qual se tirava a envira para calafetar (a goma vermelha, a que se refere Thevet). O enviruçu, embiroçu (ou imbiruçu) é uma bombácea (talvez a *Bombax cyathophorum* Schumann) ou a

alimentam-se do referido fruto, tendo-se retirado muitos desses insetos de um oco da árvore, no qual fabricavam mel e cera.

Duas espécies de abelhas.
***Hira*, mel.**

Há duas espécies de abelhas[2]. Uma das espécies não difere da europeia, a não ser quanto à cera, que não é tão amarela. Produz excelente mel e vive exclusivamente das flores odorantes. A outra tem a metade do tamanho da primeira; é o seu mel, que todos os selvagens chamam *hira*[3], todavia melhor. Estas últimas não vivem como as anteriores, do mesmo pasto, pois a sua cera é negra como o carvão. Há muita abundância delas, sobretudo nas proximidades de dois rios, o das Vasas e o da Prata.

***Irara*, um animal.**

Nessa árvore se encontra um animal chamado *irara*[4], que quer dizer tanto quanto *bicho-do-mel*, uma vez que vive sempre à procura do mel existente na mesma. A irara é um animal de pelo bruno, do tamanho do gato; tem por costume extrair o mel com as garras, sem tocar nas abelhas e sem que as abelhas lhe toquem.

Bombax retusum Mart.). Spix & Martius, *Viagem pelo Brasil*, II, p. 47 e seg., assim a descrevem: tronco de substância lenhosa, pouco firme, onde predomina o desenvolvimento da medula; casca armada de verrugas ou fortes acúleos; folhas grandes, lobuladas. Dos seus galhos (acrescentam os referidos autores) pendem tufos de parasitas, ervas-de-passarinho (*Loranthus*); outras trazem agarradas a eles esferas negras, listradas: são os ninhos ou labirintos de formigas e de marimbondos... "Os frutos assemelham-se a pequenas abóboras; ao se abrirem, sai deles uma paina branca. Raramente se reproduz a árvore semeada ao pé com esses flocos, porque as sementes se espalham até longe, envolvidas na paina."

2 Cf. Léry (p. 167). Staden menciona três espécies (pp. 174 e 175); G. Soares de Sousa, nove (pp. 279 e 281). Curiosa descrição de Évreux (pp. 169 e 170).

3 No texto, *Hira*. Em Abbeville (p. 296), *Eyre, Eira* ou *ira*, também significa abelha, observa Rodolfo Garcia ("Glossário", p. 35). *Ira* é, segundo Plínio Airosa, alteração de eira, cera, mel, doce (nota à recente ed. bras. de Léry, p. 142).

4 "*Eirera*. – Este animal se parece com o gato de Algalia; ainda que alguns digam que o não é, são de muitas cores, sc. pardos, pretos e brancos: não comem mais que mel", etc. (Cardim, p. 41). Trata-se de *irara* (*Tayra barbara* L.), também chamada *papa-mel*, mustelídeo que corresponde à marta europeia. No texto, *Heyra*.
Descrição também nos *Diálogos* (p. 246).

O uso do mel, muito recomendado por diversos povos.

O mel das abelhas é muito estimado entre os selvagens americanos[5], que o empregam em suas doenças, de mistura com farinha fresca comumente fabricada de raízes. Usam os índios de cera, entretanto, em outros misteres – para grudar as plumas m torno da cabeça, ou para tapar as tabocas grossas de cana, nas quais guardam suas penas (o maior tesouro dos selvagens).

Os antigos árabes e egípcios usavam e empregavam também o mel em suas doenças mais do que outro qualquer medicamento. Assim o diz Plínio. Os selvagens do rio do Maranhão, ao ordinário, comem só mel, misturando algumas raízes cozidas, o qual escorre das árvores e penhascos, como se fora um maná do Céu. É um excelente alimento para esses bárbaros.

Melisso, rei de Creta.
Porque dizem os poetas que as abelhas voavam na boca de Júpiter. Sólon.

Lactâncio, no primeiro livro das *Instituições divinas*, conta, a propósito, se não me falha a memória, que Melisso, rei de Creta, do qual se diz ter sido o primeiro a sacrificar aos deuses, tinha dois filhos – Amalteia e Melissa. Ambos alimentaram Júpiter, quando o mesmo era criança, com mel e leite de cabra. Pelo que, daí em diante, começaram os cretenses a nutrir seus filhos com o mel, em vista dos resultados que deu esse alimento. E, por isso, dizem os poetas que as abelhas voaram na boca de Júpiter. O sábio Sólon, que conhecia o seu valor, permitiu a exportação, para fora de Atenas, de todas as frutas e de várias vitualhas, menos o mel.

Os turcos, do mesmo modo, têm o mel na mais alta estima, esperando, como uma coisa do destino, que após a morte, irão para um lugar de delícias, onde abundem todos os alimentos, sobretudo o mel.

---

5 O mel, como observa Lery, era um dos principais produtos da colheitas dos tupinambás. A extração devia ser feita à maneira dos nambiquaras (Roquette-Pinto, *Ron*., p. 229). Uma interessante carta de dístribuição geográfica da criação das abelhas na América, por parte dos índios, traçou E. Nordenskiod. Pode-ser consultada na obra citada de Roquette-Pinto, 3ª ed.

Goma vermelha.

O *vebeaçu* (tornando ao assunto) é árvore muito procurada pelas abelhas, embora seu fruto não seja tão agradável como tantos outros da América, talvez pelo fato, que observei, de jamais atingir o mesmo a maturidade. Antes disso, comem-nos as abelhas. Produz, de resto, uma goma vermelha, própria para vários fins, como tão bem o sabem empregar os selvagens.

. . . .

Capítulo LII

DE UM ESTRANHO ANIMAL CHAMADO *HAÜT*

Aristóteles (e alguns outros autores após ele) esforçaram-se muito por desvendar a constituição dos animais, árvores, ervas e outras coisas da natureza; não é admissível, porém, que tivessem conhecido a América, ou a França Antártica, no seu tempo ainda não descoberta, embora nos sirva de muito auxílio os escritos que sobre tal assunto deixaram esses filósofos. Se, pois, me encarrego de descrever alguns animais raros e desconhecidos, não se tome isso em outro sentido senão o de satisfazer ao leitor, ao amante das coisas raras e singulares, as quais a natureza não aprouve distribuir igualmente por todas as partes.

Descrição de um animal chamado *haüthi*.

O animal de que falo é, em poucas palavras, tão disforme quanto seria possível crer ou imaginar. Chamam-lhe de *haü* ou *haüthi*[1]. Tem o

---

1 Como se vê, Thevet escreve de três modos a palavra. Em Anchieta e em S. de Vasconcelos, *aig*; em G. Soares de Sousa, *ahy*; em Abbeville, *unaü*; em Marcgrave, *unáu*. Explica Tschudi que *aí* é voz onomatopaica. Cf. nota de Antônio de Alcântara Machado (em Anchieta, p. 137) e a de José Honório Rodrigues (Nieuhof, p. 37). Thevet refere-se à espécie *Bradypus tridactylus* L., que descreve magistralmente. *Unau* é a designação

tamanho de uma bugia grande da África e o ventre quase arrastando por terra. A cabeça assemelha-se muito à de uma criança. E a face também, como se poderá ver da gravura adiante, feita à vista do natural. Quando é apanhada, solta suspiros que só um menino grande, ao sentir alguma dor. A pele é acinzentada e veluda como a de um urso ainda novo. Os pés, compridos, têm quatro dedos, mas só três unhas, feitas à maneira de espinhas de carpa, com as quais trepa às árvores, onde vive mais do que em terra. Sua cauda é do comprimento de três dedos e pouco peluda.

O senhor capitão De l'Espiné. Mogneville.

Outra coisa digna de memória é que ninguém jamais viu comer a esse animal, muito embora os selvagens, conforme me afirmaram, o tenham tido sob observação por longo tempo. Nunca acreditaria nisso se não acontecesse o seguinte: os capitães De l'Espiné e Mogneville (aquele da Normandia), passeando, certo dia, por entre as altas árvores de um bosque, atiraram com o arcabuz, em duas de tais feras, que se achavam trepadas no cimo de uma dessas árvores; ambas caíram em terra, uma seriamente feriada, mas a outra apenas aturdida. Tendo-me sido feito presente da última, verifiquei que esta não quis comer ou beber por espaço de vinte e seis dias,

---

habitual do *Choloepus* ou *preguiça dos dois dedos*. Cf. as notas de Paulo Sawaya, em Marcgrave, p. LXXIX da ed. de 1942. P. Sawaya refere-se a uma crítica de Laet à preguiça de Thevet.

Verifique-se a semelhança entre o trecho de Thevet e o de Léry (pp. 153 e 154), a comparação entre a preguiça e o *guenon*, a face humana, a pele como a do urso, etc.: "*Le plus gros que les Sauvages appellent Hay, est de grandeur d'un gros chien barbet, & a la face ainsi que le Guenon, approchante de celle de l'homme, le ventre pendant comme celuy d'une truye pleine de cochõs, le poil gris enfumé ainsi que laine de mouton noir, la queüe fort courte, les iambes velues comme celle d'un Ours, & les griffes fort longues. Et quoy que quand il est par les bois il soit fort farouche, tant y a qu'estant prins il qu'est pas mal-aisé à appriuoiser. Vray est qu'à cause de ses griffes si aigues nos Tououpinambaoults, tousiours nuds qu'ils sont, ne prennent pas grand plaisir de se iouër avec luy. Mais au demeurant (chose qui semblera possible fabuleuse) i'ay entendu non seulement des Sauvages, mes aussi des truchemens qui auoyent demeuré long-temps en ce pays-la, que iamais homme, ni par les champs, ni à la maison ne vid manger cest animal: tellement qu'aucuns estiment qu'il vit du vent.*"

Interessante estudo de Lüderwaldt (*Rev. do Mus. Pau.*, X, pp. 793-812 e XIV, pp. 393-396). Cf. a nota de Plínio Airosa à recente ed. bras. de Léry, p. 131.

17. A preguiça (Thevet).

permanecendo sempre no mesmo estado, quando, afinal, foi estrangulada por alguns de nossos cães, que os franceses tinham levado para a América.

Acreditam algumas pessoas que esse animal vive somente das folhas de certa árvore, chamada na língua dos índios de *amahul*[2]. Trata-se de uma árvore mais alta que todas as outras da região, de folhas, entretanto, pequeninas e delicadas. E porque o referido animal só ordinariamente vive nessas árvores, deram-lhe os selvagens o nome de *haüt*.

O *haüt*, quando domesticado, torna-se muito amigo do homem, a cujos ombros procura subir constantemente, como se fora de sua índole estar sempre montado em coisas altas – o que penosamente suportam os indígenas, uma vez que andam nus e esses bichos são providos de unhas mais longas e agudas do que as do leão, ou qualquer outro animal feroz, por maior que seja.

O camaleão.

Tive, a propósito do assunto, ocasião de ver, em Constantinopla, certos camaleões engaiolados; afirmava-se que viviam exclusivamente do ar. Motivo pelo qual penso ser verdade o que dizem os selvagens a respeito do *haüt*. Demais, aconteceu que o animal permanecesse noite e dia ao vento e à chuva (à qual essa região está sempre sujeita), conservando-se, todavia, sempre enxuto, como dantes.

Indústrias e obras admiráveis da natureza.

Eis algumas admiráveis obras da natureza e de como ela se compraz em engendrar coisas grandes, diversas e estranhas, as mais das vezes incompreensíveis ao homem. Pelo que é impertinência buscar a causa ou razão desses fatos, como muitos se esforçam diariamente em fazê-lo.

Tudo isso é segredo da natureza, que só ao Criador é dado conhecer. Como a muitos outros mais, de que deixo de falar para que me seja possível ir mais brevemente ao fim do meu trabalho.

---

2 No texto, *Amahut*. É a embaída (imbaúba, ambaúva, umbaúba, imbaíba), conhecida também pelo nome de árvore-da-preguiça (*Cecropia carbonaria* Mart. e Miq., *C. peltata* Vell., etc.). Cf. J. M. Caminhoá (p. 2.249), P. Le Cointe (p. 196) e Spix & Martius (*Através da Bahia*, p. 34).

. . . .

Capítulo LIII

COMO FAZEM FOGO OS SELVAGENS AMERICANOS. O DILÚVIO. DAS FERRAMENTAS QUE USAM

DEPOIS DE FALAR das plantas e animais, que, segundo julgo, são singulares e desconhecidos, tanto na Europa quanto no resto do mundo, pois a América só recentemente foi descoberta e vem sendo explorada, tratarei agora, a fim de concluir esse assunto, do processo realmente estranho pelo qual os selvagens fazem fogo.

Processo pelo qual os selvagens fazem o fogo.

Enquanto aqui se faz o fogo com a pedra e o ferro – invento na verdade celestial, transmitido divinamente ao homem para as suas necessidades – os selvagens americanos empregam um método diferente daquele. E, antes de descrevê-lo, convém notar que os indígenas usam frequentemente o fogo, não só nos misteres idênticos aos do povo civilizado, como também para o fim de resistir ao espírito maligno, que os atormenta. Motivo pelo qual os selvagens americanos jamais dormem em qualquer lugar sem acender uma fogueira ao pé da rede[1]. Assim, quer em casa, quer nas

1 Observação confirmada por Léry (p. 327): os indígenas acendiam o fogo, sobretudo à noite, a fim de evitar que o espírito maligno os atormentasse.

matas (nas quais são forçados a permanecer demoradamente), quer, ainda, quando vão à guerra ou à caça – transportam ordinariamente com eles seus instrumentos de fazer fogo.

Thata. Thatatin.

De acordo com o seu processo, tomam os índios dois bastões desiguais: um menor, de madeira muito seca, do comprimento de dois pés, pouco mais ou menos; o outro um tanto mais longo. E, quando alguém quer fazer fogo, põe o bastão menor, perfurado no centro, em terra, segurando-o com os pés, enquanto introduz a ponta do outro instrumento no orifício do primeiro, juntamente com um pouco de algodão ou palha seca. Em virtude de rotação e atrito do pau, produz-se tal calor que a chama aparece e queimam-se o algodão e as folhas. E assim acendem os selvagens as suas fogueiras. Fogo na língua dos selvagens é *thata*; *thatatin* é a fumaça[2].

---

2 No texto, *Thata* e *Thatatin*. Em Léry, *Tata* e *Tatatin* (p. 326). Às pp. 327-328, vem a descrição, mais minuciosa que a de Thevet: "... *au lieu que nous nous seruons à cela de la pierre & du fusil, dont ils ignorent l'usage, ayans en recompence en leur pays deux certaines especes de bois, don l'un est presque aussi tendre que s'il estoit à demi pourri, & l'autre au contraire aussi dur que celuy dequoy nos cuisiniers font des lardoires: quand ils veulent allumer du feu, ils les accomodent de ceste sorte. Primierement apres qu'ils ont apprimé & rendu aussi pointu qu'un fuseau par l'un des bouts un baston de ce denier, de la longueur d'environ un pied, plantãt ceste pointe au milieu d'une piece de l'autre, que, i'ay dit estre fort tendre, laquelle ils couchent tout à plat contre terre, ou la tiennent sur un tronc, ou grosse busche, en façon de potence renuerce: tournant, puis apres fort soudainement ce baston entre les deux palmes de leurs mains, comme s'ils vouloyent forer & percer la piece de ces deux bois, qui sont ainsi comme entrefichez l'un dans l'autre, Il sort non seulement de la fumee, mais aussi une telle chaleur, qu'ayans du cotton au des feuilles d'arbres bien seiches toutes prestes... le feu s'y emprend si bien.*"

George Montandon (p. 261 e seg.) descreve-nos os diversos processos primitivos de fabricar o fogo. O dos tupinambás da baía de Guanabara, visto por Thevet, era o mais espalhado e universal: o de fricção (*Feuerreiben*), de movimento rotativo, feito com duas peças. Pericot y Garcia (p. 135) vulgariza um mapa de distribuição dos instrumentos ignígenos usados pelos índios sul-americanos, da autoria de E. Nordenskiöd; em Frazer, *Mythes sur l'origine du feu*, pp. 265-266, encontra-se a mais vasta bibliografia sobre o assunto. Os demais processos eram muito raros no Brasil, como, por exemplo, o da serragem.

A madeira mais branda, que se punha no chão, usada pelos indígenas do Nordeste brasileiro, era a *tataíba*, *ambaíba*, ou *caraguatá-guaçu* (Marcgrave, p. 273).

Esse processo tão sagaz de fazer fogo, dizem os indígenas que ensinou o maior de seus caraíbas aos ancestrais, assim como muitas outras coisas das quais dantes não tinham conhecimento[3].

A invenção do fogo.
Vulcano, inventor do fogo.

Vários mitos há a respeito da origem do fogo. Acreditam alguns que foram certos pastores os primeiros a inventá-lo, produzindo fogo à maneira dos nossos selvagens, isto é, sem pederneira e ferro, mas empregando apenas certa madeira. Daí se dizer que o fogo não provém do metal, nem da pedra, como muito bem sustenta Afrodiseu em seus *Problemas* e igualmente a anotação dessa passagem, da autoria de quem, há poucos tempos, verteu tal obra para o francês (confira o leitor tal passagem). Mas diz Diodoro que Vulcano foi o seu inventor, elegendo-o rei, por isso, os egípcios. As mesmas ideias têm os selvagens americanos, os quais supõem que, antes do conhecimento do fogo, eram as carnes assadas ao fumo[4]. O conhecimento do fogo, como já se disse, lhes foi transmitido pelo grande caraíba, em sonhos, durante a noite, pouco depois do Dilúvio[5].

---

3 Cf. Thevet Les *Singularitez*, f. 47.

4 Léry leva ao ridículo Thevet pela frase (p. 328), pois não poderia haver fumaça sem fogo. A frase original é a seguinte: "*Aussi sont presque en mesme opinion nez Sauvages, lesquels paravant l'invention du feu, mangeoient leurs viandes seichées à la fumée*" (f. 101). Dei a esse trecho o sentido que me pareceu mais exato, pois Thevet, erudito, cosmógrafo, não cometeria tal disparate. Foi o desarranjo da frase – o nosso frade, como se sabe, não era lá tão bom escritor – que deu lugar à anedota.
A respeito da origem do fogo entre os silvícolas sul-americanos, há um vasto repertório, que Frazer, *Mythes*, pp. 152-166, resumiu: quase sempre são os animais (e não nenhum caraíba) o portador da invenção. Cf. Krappe, p. 300 sq.; Steinen, *Entre os aborígenes do Brasil central*, 481; Métraux, *La religion*, p. 48.

5 Sobre o dilúvio universal, existem numerosas tradições transmitidas pelos selvagens aos primeiros cronistas e povoadores. Na obra de Thevet há notícias de *Tamendonare*, salvo numa palmeira (Métraux, *La religion*, pp. 44-45 e 228-229). O frade descreve o dilúvio em sua *Cosmographie*. Há alusões a esse mito em Cardim, Staden, Marcgrave, Nieuhof, Simão de Vasconcelos, etc. No *Compêndio narrativo do peregrino da América* (pp. 29-30), lê-se uma referência a respeito. Também em Léry (pp. 286-287), os homens se salvam numa árvore. Baldus, *Ensaio*, p. 176 *et passim*, colecionou várias legendas do dilúvio na América do Sul.

O que pensam os silvícolas do Dilúvio.

Do Dilúvio têm ciência os silvícolas americanos, não através dos documentos escritos, mas por tradição oral, conservada de geração em geração; de tal modo que conseguem perpetuar a lembrança dos fatos passados há três ou quatro séculos – o que é certamente admirável. Conservam os selvagens, de fato, o costume de transmitir a seus filhos os acontecimentos dignos de memória. E nisso passam os velhos a maior parte da noite, depois que despertam, contando histórias aos mais novos. Vendo-os, julgareis que são pregadores, ou mestres em suas cátedras.

Como contam os selvagens.

Ainda a propósito do Dilúvio, afirmam os índios que a água foi tão excessiva que chegou a cobrir as mais altas montanhas do país, ficando toda a população submersa e perdida. Creem nisso com tanta convicção quanto a que têm os cristãos relativamente à doutrina das Santas Escrituras (todavia é claro que estão facilmente sujeitos a errar, visto como não possuem nenhum meio gráfico para guardar a memória dos fatos passados, a não ser, como já se viu, a tradição oral transmitida de pais a filhos). Desse modo, contam os números pelas pedras, ou por outros meios, não sabendo somar senão até cinco; igualmente, contam os meses de acordo com as luas (disso já fiz menção em outra parte), dizendo, "há tantas luas que nasci", "há tantas luas houve esse Dilúvio".

O Dilúvio, por exemplo, ocorreu há bem uns quinhentos anos, fato que afirmam e sustentam constantemente; se alguém põe em dúvida esse acontecimento, procuram os indígenas sustentar sua veracidade com determinados argumentos.

Origem dos selvagens.

Assim que baixaram e se retiraram as águas, dizem os índios que apareceu um grande caraíba, o maior até então visto, conduzindo consigo o povo de um país remotíssimo. Andava esse povo nu, à maneira de como vivem ainda hoje os selvagens. Desde então se multiplicaram tanto que os atuais indígenas acreditam que são originários daquele mesmo povo.

Parece-me não ser de todo admissível que tivesse havido outro dilúvio, diverso do de Noé. Todavia, abstenho-me de falar nisso, porquanto não existe nenhum documento escrito do fato.

Processo primitivo usado pelos selvagens no corte da madeira.

Do fogo – retornando ao tema anterior – fazem os selvagens vários usos, tais como cozer os alimentos e abater as árvores (depois acharam os índios um meio de cortar a madeira, a princípio com enxadas de pedra, em seguida com ferramentas trazidas pelos europeus)[6]. A respeito desse assunto, não duvido de que, na Europa, em certos lugares, os homens desconhecessem, outrora, o uso das ferramentas. Segundo diz, de fato, Plínio, no capítulo VII de sua *História natural*, foi Dédalo o inventor da forja, com a qual fabricou pessoalmente os seguintes instrumentos – a machadinha, a serra, a lima e o prego. Ovídio, entretanto, no capítulo VIII, das *Metamorfoses*, conta que Pedris, sobrinho de Dédalo, inventou a serra, servindo de modelo a espinha de um peixe de dorso elevado (ao passar pela Linha equinocial, de volta da viagem à América, pescou-se um desses peixes, que tinha a espinha dorsal do comprimento de um pé; em outra ocasião mais oportuna, darei uma reprodução do referido animal, o que não me é possível fazer agora).

Alguns selvagens, finalmente, desejosos do uso das ferramentas, aprenderam a forjar os metais, sem que tivessem recebido nenhuma instrução dos colonos. Como se vê, sou constrangido a mudar frequentemente de assunto, tudo pelo desejo de tornar mais variada a leitura.

6 Léry, p. 183: "*car auparavant ainsi qu i'ay entendu des vieillards, ils n'avoyent presque autre industrie d'abbatre un arbre, sinon metre le feu au pied*".

. . . .

Capítulo LIV

DO RIO DAS VASAS, DE ALGUNS ANIMAIS EXISTENTES EM SUAS VIZINHANÇAS E DA TERRA DE MORPION

Situação do rio das Vasas. Marcassitas e outras pedras da França Antártica.

O RIO DAS VASAS[1], na América tão celebrado quanto o é entre nós o Charente, o Loire ou o Sena, situado a vinte e cinco léguas do chamado Rio de Janeiro, no qual aportaram e se encontraram, ainda hoje, os franceses – é muito frequentado, não só por causa das necessidades da navegação, como também, pelo seu bom pescado e por outras vantagens. Banha esse rio uma bela e vasta região, toda em planuras e em montanhas, nas quais existem algumas jazidas de ouro (as minas, todavia, não dão muito resultado ao seu dono, porque o ouro, quando passa pelo fogo, quase que se volatiliza). Em suas terras circunvizinhas (como acontece em vários outros lugares da América), encontram-se numerosas rochas, que contêm muita

1 Gaffarel encontrou dificuldade em o rio das Vasas, que supõe ser, talvez, a lagoa dos Patos. Sergio Millet (nota à recente ed. bras. de Léry, p. 98) acha plausível que esse rio seja a enseada de São Vicente.
Léry assim o descreve (p. 100): "*A vingthuict on trente lieüs plus autre, tirant à la riviere de Plate, & au destroit de Magellan, Il y a un autre grand bras de mer appelé par les Français la riviere des Vases, en laquelle semblablement en voyagens en ce pays-lo, us prennent port; ce qu'ils font aussi au Haure du Cap de Frie*".

quantidade de marcassitas brilhantes como ouro fino e, do mesmo modo, outras pedrinhas luzentes, embora menos preciosas que as do Levante. Rubis, diamantes e outros ricos minerais é que não existem.

Nesses mesmos sítios abundam o mármore e o jaspe, esperando-se ainda descobrirem-se neles minas de ouro e de prata – empreendimento que tem sido retardado em virtude da proximidade dos inimigos. E as montanhas são povoadas de animais rapinantes, tais como leopardos e linces[2]. Não existem leões, nem lobos.

Espécie de mono, chamado *cacuicu*. O animal chamado *saguim*.

Vê-se ainda, nas montanhas, uma espécie de mono, que os selvagens chamam *cacuicu*[3]. Sua estatura é a comum dos outros, dos quais difere apenas por trazer uma barbicha semelhante à da cabra. É animal muito dado à luxúria. Nesses lugares e em vários outros mais existem certos animaizinhos amarelados, com o nome de *saguins*[4]. Os saguis, quando

---

Os dados que possuímos a respeito desse rio, ou braço de mar, são os seguintes:

a) Distância da baía de Guanabara (25 léguas, ou entre 28 a 30 léguas);

b) Os índios da região de São Vicente e de Piratininga;

c) Nas montanhas do interior encontram-se minas de ouro ou de pedras preciosas.

Embora o lagamar de Santos seja formado de terras baixas, mais ou menos insulares, sou inclinado a ver no rio das Vasas qualquer uma das barras formadas pela ribeira do Iguape e por Cananeia. Em primeiro lugar, porque o nome desse rio está sempre ligado às terras do Prata, isto é, à ideia de que ele fica situado mais para o sul, mais próximo das terras platinas; em segundo lugar, porque a região de Cananeia sempre teve fama de possuir ouro. Martim Afonso de Sousa, como se sabe, mandou a Pero Lobo, acompanhado de oitenta homens, em busca do ouro e prata dessa região. Cf. Jordão de Freitas, p. 144.

A interpretação, que Heulhard (p. 112) dá à palavra vase, não é absolutamente aceitável.

2 No texto, *leopards loups-cerviers*. Thevet refere-se às onças (jaguaretês), aos gatos mouriscos, aos guarás, etc.

3 No texto, *Cacuycu*. *Aquigquig* em Cardim (p. 41), Acha *Key* em Staden (p. 171). *Cay* em Léry (p. 151). Spix & Martius, *Viagem pelo Brasil*, III, p. 233 e 234, numeram as diferentes espécies desses mamíferos.

4 Léry, p. 152 e 153: "*Il se trouve aussi en ceste terre du Bresil, un marmol, que les Sauvages appellent Sagouin, non plus gros qu'un escurien, & de semblable poil roux: mais quant à sa figure, ayant le muffle, le col, & le devant, & presque tout le reste ainsi que le Lion: fier qu'il est de mesme, c'est le plus ioli petit animal que l'aye veu par-dela... encore est-il si glorious que pour peu de fascherie qu'on luy face, Il se laisse mourir de despit*". Descrição em Gabriel Soares de Sousa (p. 298) e outros.

acossados, põem-se em fuga, levando seus filhos no colo. São caçados pelos índios, que deles se servem como alimento.

O tatu, animal.

Os macacos dessa família são negros e cinzentos na Barbária e, no Peru, da cor da raposa. Na América não se acham símios do tipo dos da África e da Etiópia. Em compensação, possui a América inúmeros *tatus*[5], que são animais encouraçados, de carne maravilhosamente saborosa, alguns do tamanho de um leitão, outros menores.

Quoniambec, rei muito temido.

As populações dessa região são mais belicosas do que quaisquer outras da América, uma vez que a vizinhança dos inimigos os constrange a um contínuo estado de guerra. Seu rei se chama Quoniambec[6] e é, por seus instintos estranhamente marciais e guerreiros, o mais atemorizante dos principais do país. E penso até que Menelau, ao conduzir o exército helênico, jamais foi tão receado entre os troianos quanto é Quoniambec entre os seus contrários. Os portugueses temem-no mais que a qualquer outro, uma vez que muitos deles têm perecido em suas mãos. A casa real é uma construção adornada, como as demais, com os crânios dos portugueses, pois se tornou costume cortar a cabeça dos inimigos e expô-las no alto das choças[7].

---

5. Léry (pp. 145 e 146) descreve o tatu com mais pormenores, acrescentando que seu casco resiste aos golpes de espada e serve para o fabrico dos caramemos. Cf. Staden (p. 171), G. S. de Sousa (p. 295) e Cardim (p. 40).

6 Algumas variantes: *Quoniam begue* ou *Koniam-Bebe* (Léry), *Konyan-bébe* (Staden), *Cuchambebe* (Simão de Vasconcelos). *O Cunhambebe* ou *Cunhãbêba* de Anchieta (pp. 213 e 449) não deve ser confundido com o de Thevet. O famoso Cunhambebe foi vitimado pela peste logo após a chegada de Villegagnon ao Rio de Janeiro, como observa Capistrano de Abreu, fundado numa informação de Heulhard (p. 114).
Hoje se sabe que Cunhambebe tinha em sua aldeia seis canhões tomados a duas caravelas; que as peças não eram de grande tamanho; é bem possivel que o célebre morubixaba realizasse a façanha de carregar duas delas em seus ombros nus, – motivo de troça para Léry. Heulhard, aliás, observa que, hoje em dia, basta ir a um circo para ver-se a repetição da façanha do célebre tuxaua.
Thevet traduziu para Cunhambebe a *Oração Dominical*, a *Saudação Angélica* e o *Símbolo dos Apóstolos*. Por muitos anos, o nosso frade conservou em sua casa o tacape de Cunhambebe, "*capable d'assommer un beuf*".

7 Observação confirmada por Léry (p. 235).

18. Cunhambebe, célebre morubixaba tupinambá (Thevet).

Perós.

Esse rei, avisado da chegada dos franceses, veio visitá-los, incontinente, hospedando-se entre eles por espaço de dezoito dias; durante a visita passou a maior parte do tempo, principalmente pelas manhãs, durante três horas, a narrar os rasgos guerreiros e suas vitórias contra os adversários, sobretudo em ameaças aos portugueses – aos quais chama de *perós* – acompanhadas de certas gesticulações. Quoniambec é o mais notável e ilustre morubixaba de todo o país. Sua aldeia, com os territórios correspondentes, é vasta, sendo fortificada, em derredor, por bastiões e plataformas de terra, aos quais protegem algumas peças tomadas aos portugueses, semelhantes aos falconetes. Embora as choupanas sejam longas e espaçosas, como já o disse, não se veem entre os índios nenhuma cidade ou casa-forte de pedra. Nos seus primórdios, a humanidade levava uma existência ainda mais simples, sem nenhum cuidado ou preocupação pela segurança coletiva, de modo que não possuía povoações muradas ou amparadas por fossos e baluartes; enfim, uma vida errante e vagabunda, como a dos animais, sem lugar certo e determinado para o repouso, dormindo, sem temer os ladrões, no próprio sítio em que era surpreendida pela noite (o que não fazem os indígenas americanos, embora sejam tão rústicos).

Em conclusão, esse morubixaba se julga tão poderoso que passa o tempo a contar suas grandezas, considerando ser uma elevada honra e glória ter dizimado e, ao mesmo tempo, devorado a numerosas pessoas – umas cinco mil, como afirma. E não há memória humana de uma tal crueldade.

Qual o número de pessoas que Júlio César estima ter dizimado, em combate.

Conta Plínio que Júlio César destruiu, em batalha, noventa e dois mil e cento e dez inimigos[8]. Tem-se notícia, ainda, de muitos outros combates e pilhagens. Mas é certo que nenhum dos antigos guerreiros tinha o costume de devorar o seu adversário.

Descrição do lugar chamado de Morpion.

Quoniambec (tornando ao assunto) e seus súditos vivem em perpétua guerra e hostilidade com os portugueses de Morpion e outros

8 *Histoire naturelle*, II, p. 294: "*undecies centena et XCII M' hominum occisa prœliis ab eo*".

selvagens do país. Morpion é um lugar para a banda do rio da Prata, ou do estreito de Magalhães. Dista da Linha equinocial vinte e cinco graus e está sob o poder dos portugueses.[9] Lá se mantém um capitão-general, acompanhado de numerosa gente de todos os estados sociais, inclusive escravos, de modo que o monarca lusitano tira da colônia consideráveis emolumentos. Logo de início, esses colonos plantaram muitas canas-de-açúcar, cujos cultivos foram, depois, negligenciados, entregando-se a população a outras atividades mais rendosas (pois se haviam encontrado minas de prata).

Fertilidade de Morpion.
O ananás.

Morpion possui boa quantidade de frutas, das quais se fazem conservas, empregando-se os processos do lugar – principalmente de uma chamada *ananás*, de que já falei anteriormente. Entre as plantas frutíferas dessa região, quero falar de uma que os nativos chamam de *cohyne*[10]. As folhas são semelhantes às do loureiro e o fruto tem o tamanho de uma abóbora média (no mais, sua forma é a de um ovo de avestruz). Essa fruta não é boa de gosto, embora, quando a planta se acha carregada, seja esta tão agradável à vista.

Os selvagens fazem do *cohyne* vasos de beber. E também um certo objeto, tanto quanto possível estranho e misterioso. Assim, esvaziando o coco, enchem-no de grãos de milho ou de outros vegetais, atravessando-o com uma vareta toda adornada de belas plumas, da qual fincam uma das extremidades no solo. Cada oca, cada família possui dois ou três desses objetos, a que prestam grande reverência, acreditando os pobres idólatras, quando manejam e fazem soar o coco, que é Tupã quem lhes fala. Esperam

---

9 Cf. o cap. XXXIX, nota correspondente.

10 A *Crecentia cuyete ou Crescentia cujete*, conhecida pelo nome popular de *cuieira*, *cabaceira*, *cuiteseira* (cf. Pio Correia, II, pp. 463 e 464).
Eis a descrição de Léry (pp. 190 e 191): "*Larbre que les sauvages appelent Choyne, est de moyenne grandeur, a les femilles presque de la façon, & ainsi vertes que celles du laurier: & porte un fruict aussi gros que la teste d'un enfant, lequel est de forme comme un œuf d'Austruche, & toutesfois n'est pas bon à manger.*" E na descrição é em tudo muito semelhante à de Thevet, até na comparação do ovo de avestruz.
Nota muito boa de L. da Câmara Cascudo, a propósito de coité, cabaço, ou cabaceira, em Koster, p. 224.

assim, por meio desse objeto, principalmente os pajés, receber a revelação divina. Julgam os selvagens que existe, nesse fruto, alguma coisa de sobrenatural, motivo pelo qual o adoram sensivelmente, sacolejando o instrumento e fazendo-o chocalhar[11].

Consegui subtrair ocultamente um desses instrumentos, que trouxe para a França, juntamente com algumas peles de aves multicores, por se tratar de singularidades. Dei o instrumento ao senhor Nicolas de Nicolaï, geógrafo da corte, homem engenhoso, cheio de virtudes e amante das coisas antigas, o qual o mostrou ao rei, quando este foi à sua casa para examinar a obra, que o referido geógrafo estava imprimindo (relativa aos habitantes do Levante)[12]. E o rei, segundo me afirmou o sr. de Nicolaï, mostrou muita satisfação em ver tais singularidades, visto que não tinha tido, até então, nenhum conhecimento delas

Morpion possui, ainda, muitas laranjas, limões e canas-de-açúcar. É, em suma, lugar agradabilíssimo. Banha-o um rio não pouco volumoso, no qual se pescam algumas perolazinhas e abundante peixe (de uma espécie a que se dá o nome de *pira-ipouchi*, que quer dizer "peixe mau")[13].

Pira-ipouchi.

O *pira-ipouchi* é um peixe estranhamente disforme, que vive no dorso da lixa, a quem segue, quando novo, como se esta fosse a sua tutora.

Em Morpion, que é povoado, como o disse atrás, pelos portugueses, existem, demais, numerosas espécies de animais domésticos, para lá transportados pelos colonos. Fato que veio enriquecer mais ainda a essa região, já de si excelente – isso sem falar em suas plantações, diariamente ali cultivadas e acrescidas.

---

11 O comentário sobre o *maracá* já foi feito no cap. XLIV.

12 Trata-se, segundo Gaffarel, de Nicolas de Nicolaï (1517-1583), militar, diplomata e geógrafo.

13 No texto, *Pira-Ipouchi*. Léry, p. 174: "*Un autre qu'ils appellent Pira-ypochi, qui est long comme une auguille, & n'est pas bon: aussi Ypochi en leur langage veut dire cela.*"

. . . .

Capítulo LV

DO RIO DA PRATA E REGIÕES CIRCUNVIZINHAS

O rio da Prata. Porque é assim chamado.

JÁ QUE O ASSUNTO É OPORTUNO, quero dizer algumas palavras a respeito desse belo rio americano, que os espanhóis chamam da Prata, quer por causa da sua vastidão, quer por causa das minas argênteas descobertas em seu leito (*plata* é o nome castelhano do referido metal). É verdade, todavia, que os selvagens da região o denominaram de Paranaguaçu – isto é, o mar, ou grande volume de águas.

Primeira viagem dos espanhóis ao rio da Prata.

O rio da Prata tem de largura vinte e seis léguas, estando distante da Linha equinocial trinta e cinco graus. Fica a seiscentas e setenta léguas do cabo de S. Agostinho. Esse nome lhe foi dado pelos que primeiro o descobriram, tendo em vista a razão atrás mencionada. Logo que o encontraram, os espanhóis experimentaram uma viva alegria, julgando que o rio tão vasto fosse o estreito de Magalhães, que estavam procurando e através do qual pretendiam passar para o outro lado da América. Depois, reconhecendo o engano, deliberaram saltar em terra. E assim o fizeram.

Os selvagens da região ficaram estupefatos, uma vez que jamais tinham visto nenhum europeu abordar em suas paragens; com o decorrer do tempo, entretanto, os espanhóis, à custa de presentes e outros agrados, conseguiram a confiança dos índios, principalmente a dos mais velhos, que habitavam na zona ribeirinha. De modo que, percorrendo os lugares com

mais liberdade, encontraram várias minas de prata e, após o reconhecimento do lugar, regressaram em seus navios, carregados de pau-brasil.

Segunda viagem.
Massacre dos espanhóis.

Alguns tempos depois, os espanhóis, cobiçosos dessas minas de prata, equiparam três grandes navios de gente e de munição, tornando ao mesmo lugar. E, assim que arribaram ao local primitivo, desceram os esquifes, a fim de alcançar a terra. Iam nos botes o capitão e cerca de oitenta soldados, os quais eram destinados a enfrentar os selvagens, se estes oferecessem qualquer resistência. Aconteceu, porém, que, ao aproximar-se a tripulação, logo esses bárbaros se evadiram em todas as direções, sendo isso uma astúcia dos índios (pois pretendiam estes surpreender os espanhóis e vingar-se das ofensas sofridas por ocasião da visita anterior). Realmente, pousando os europeus em terra, caíram-lhes em cima cerca de trezentos a quatrocentos selvagens, furiosos e enraivecidos como leões famintos; num momento, foram os espanhóis trucidados, fazendo os indígenas, como é seu costume, um gordo banquete de seus despojos. Em seguida, mostraram, aos restantes membros da tripulação dos navios, as coxas e outras partes assadas dos companheiros, como se lhes quisessem dar a entender a sorte que os esperava, caso persistissem nos seus propósitos. Essa história me foi contada por dois espanhóis, que, na ocasião do massacre, estacionavam nos navios. E os selvagens do país, assim que têm oportunidade, não se cansam de narrar o acontecimento, como se isso fosse um fato digno de memória.

Terceira viagem.
Quarta viagem.
Estratagema do capitão Arnal.

Uma terceira expedição tornou ao rio da Prata. Era composta de uns dois mil homens e de numerosos navios. Mas os tripulantes, acometidos por moléstias, nada puderam fazer, tendo sido constrangidos a retornar a seus países. No ano de 1541, o capitão Arnal, apenas acompanhado de duzentos homens e cerca de cinquenta cavalos, foi ter ao rio da Prata, empregando tais artifícios que derrotou terrivelmente os selvagens. Assim, em primeiro lugar, aterrorizou-os com os seus cavalos, que os indígenas desconheciam e julgavam ser animais de rapina; em seguida, vestiu sua

gente de armas polidas e reluzentes. Esses soldados estavam recobertos, ainda, de máscaras espantosas, de diversos tipos, tais como cabeças de lobos, de leões, de leopardos, ou levavam fauces hiantes e figuras de diabos chifrudos – coisas que espantaram e afugentaram os pobres selvagens. E, desse modo, conseguiram os invasores assenhorear-se do país e mesmo, com a sucessão dos tempos, de suas terras circunvizinhas, conquistas que se estendem até as Molucas, no mar do Oceano, ao poente, ou seja, da outra banda da América[1].

Selvagens da estatura de gigantes.

Atualmente, dominam os espanhóis a região em todo o derredor desse belo rio, na qual levantaram cidades e portos, catequizando, além

1 A história do descobrimento e exploração do rio da Prata e regiões circunvizinhas foi revista por F. M. Esteves Pereira, III, p. 351, sq. Das notícias relativas a d. Nuno Manuel (almotacé-mor do rei de Portugal), ao piloto João de Lisboa, Cristóvão Jacques, ou do estudo da *Newen Zeytung auss Presilg Landt*, resultou como muito provável o descobrimento do rio da Prata, em 1514, por uma armada composta de dois navios. Era seu piloto João de Lisboa. João de Lisboa atingiu o cabo de Santa Maria (onde tomou a altura do sol, que achou ser de 35º) e reconheceu o estuário platino. A viagem de Cristóvão Jacques (1516 a 1519?) não está bem comprovada. Em 1515 o rio da Prata foi redescoberto por João Dias de Solis, outro piloto português, este, porém, a serviço de Castela. Desejando conhecer a terra, Solis desembarcou, com alguns companheiros, tendo sido massacrado pelos naturais (fevereiro de 1516): "Saiu em terra com os que podiam caber no batel; os índios, que tinham emboscados muitos flecheiros, quando viram os castelhanos algum tanto desviados do mar deram neles, e cercando-os os matavam sem lhes aproveitar o socorro da artilharia da caravela; e tomando às costas os mortos, e afastando-se da ribeira, até onde os navios os podiam ver, cortando as cabeças, braços e pés, assaram os corpos inteiros e os comeram."

Já na *Newen Zeytung* há notícias de que o rio da Prata era muito rico de ouro, prata e cobre, assim como do machado de prata, que o capitão de um dos dois navios, pilotado por João Lisboa, trouxe para Portugal.

Posteriormente ao seu descobrimento, as expedições mais importantes que visitaram o rio da Prata foram a de Sebastião Caboto (um dos companheiros desse piloto, ao explorar o "rio da Traição", foi massacrado pelos indígenas) e a de Diego Garcia de Moguer. Ambas são de 1527. A colonização, todavia, só foi iniciada com Pedro de Mendonza (1536), com onze velas e oitocentos homens, da qual resultou a fundação de Santa Maria del Buen Aire, com as subsequentes explorações de Ayolas e Irala. Em seguida, vem a expedição de Alvar Núñez Cabeza de Vaca (1540-1544),

disso, algumas das suas populações indígenas mais próximas. É verdade, porém, que, cerca de cem léguas distantes do rio da Prata, vivem outras espécies de índios, excessivamente belicosos, de talhe quase como de uns gigantes[2], que movem guerra aos espanhóis e vivem à maneira dos canibais, exclusivamente de carne humana. É gente que anda a pé com tanta ligeireza, que pode alcançar, a correr, os próprios animais selvagens. Esses silvícolas atingem idade mais avançada que quaisquer outros, até uns cento e cinquenta anos[3], ou pouco menos; mas são sujeito à luxúria, pecado mortal e enorme perante Deus (assunto que deixarei à margem, por considerar mais importante o que tenho a dizer de outras regiões americanas), entregando-se a uma contínua guerra com os espanhóis e demais indígenas das vizinhanças.

Riqueza das regiões ao derredor do rio da Prata.

O rio da Prata (tornando ao tema principal) e seus territórios circunstantes são, presentemente, muito ricos, tanto em prata como em pedras preciosas. Suas águas crescem em determinados dias do ano, como acontece, no Peru, ao Orellana e, no Egito, ao Nilo. Em sua embocadura encontram-se numerosas ilhas, algumas habitadas, outras não. O país é muito montanhoso, desde o cabo de Santa Maria ao cabo Branco, principalmente na parte que fica para a ponta de Santa Helena (a qual dista do rio sessenta e cinco léguas e trinta da referida ponta às Areias Gordas). Mais além, ficam as chamadas Terras Baixas, por causa das grandes planícies que nelas existem; das Terras Baixas à baía da Vazante correm setenta e cinco

---

possivelmente o Arnal de Thevet e não um dos seus companheiros, como supõe Gaffarel. Cabeza de Vaca partiu de Cadiz, em dezembro de 1540, com quatro navios, quatrocentos homens e uns cinquenta cavalos. Cf. L. Ulloa Cisneiros, p. 312 *sq*.

Sobre a origem do nome do rio da Prata, veja-se A. A. Lafone Quevedo, *El nombre "Rio de la Plata"*, Buenos Aires, 1897.

Paranagaçu ou *Paranaguaçu* era o nome pelo qual os índios designavam os grandes braços de mar, os vastos estuários, os caudais imensos.

Outras notícias em Molinari, p. 76 *sq*.

2 Referência aos antigos patagões. Cf. o cap. XXVII, nota correspondente.

3 Há quem ponha dúvida, hoje em dia, a longevidade dos índios americanos. Cf. Roquette-Pinto, *Rondônia*, pp. 189 e 190. Todavia, conhecem-se algumas testemunhas antigas (Anchieta, Léry, Abbeville, *Diálogos*, Marcgrave), que atestam essa longevidade.

léguas. As regiões restantes não são visitadas pelos colonos europeus – até os cabos de São Domingos e Branco. Vem, em seguida, o promontório das Onze Mil Virgens, cinquenta e dois graus e meio além do Equador[4]. Perto fica o estreito de Magalhães, do qual falarei mais adiante.

O *saricouieune*, animal anfíbio.

As planícies do Prata são, presentemente, muito apropriadas para numerosas culturas. Possuem ainda, fontes e rios de água doce, nas quais abundam muitos peixes de primeira. Também frequentam esses rios uns animais, que os selvagens chamam *saricouieune*[5] cuja significação, na língua dos índios, é a de *beste friande*. Trata-se de um anfíbio, que vive mais na água do que em terra. Tem a estatura pouco maior do que a de um gatinho e a pele fina como veludo, com malhas cinzentas, brancas e negras. Seus pés parecem com os de uma ave fluvial. A carne da *saricouieune*, finalmente, é bem delicada e agradável ao paladar.

---

4 Segundo Gaffarel, ainda existem denominações dos cabos de Santa Maria e das Onze Mil Virgens, mas a ponta de Santa Helena e o cabo Branco já não aparecem. Quanto às Areias Gordas e à baía da Vazante, hesita-se entre o porto Desejado, o porto de São Julião, ou São Juliano, e o porto de Santa Cruz – acrescenta Gaffarel, *ponta de Santa Helena, Arenas Gordas*, no mapa de Diego Ribeiro (1529) e em muitas outras cartas antigas. A *abbaie de Fonde* talvez possa ser identificada com a *B. sin fundo* da carta de Pedro Bertius (1606).

5 No texto, *Saricouienne*. Léry (p. 145) dá-lhe o nome de *Sarigoy*. Em Marcgrave, *Carigueya* (p. 222). Gandavo (p. 105) assim o descreve: "Outro gênero de animais há na terra, a que chamam Cerigoês, que são pardos e quase tamanhos como raposas: os quais têm uma abertura na barriga ao comprido, de maneira que de cada banda lhes fica um bolso onde trazem os filhos metidos." Mais pormenorizada é a descrição de G. S. de Sousa (pp. 290 e 291); Hans Staden, além da descrição, deixou-nos ainda o seu retrato (p. 172). Cf. também Cardim (pp. 39 e 113).

Rodolfo Garcia explica que esse nome vem de *coó-r-iguê*, animal de saco ou bolsa. Trata-se do *gambá* (*Didelphys marsupialis*). *Gambá* também quer dizer *ventre aberto*, *barriga oca* (cf. Plínio Airosa, nota à recente ed. bras. de Léry, p. 127).

Thevet não só se enganou na interpretação do nome, como não examinou um dos caracteres mais interessantes do animal, ou seja, a sua bolsa marsupial. Provavelmente, o nosso frade viu uma das espécies que são mais dadas à vida aquática, como por exemplo, a "cuíca-d'água", que vive nos rios, tem quatro faixas transversais no dorso e membranas natatórias entre os dedos das patas traseiras – justamente como a descreve o autor das *Singularidades*.

19. O sariguê (Thevet).

Nessa região se encontram animais muito estranhos e monstruosos, na parte que fica para o estreito; mas, não tão cruéis quanto os da África. Em suma, o país está, atualmente, tão transformado que já não parece o mesmo: porquanto os selvagens, de alguns tempos a esta parte, aprenderam, por intermédio dos europeus, tantas práticas engenhosas, que até envergonhariam muitos povos da Ásia e mesmo da Europa (refiro-me aos povos que seguem a doutrina insana e diabólica de Maomé.

. . . .

Capítulo LVI

DOS ESTREITOS DE MAGALHÃES E DE DARIEN

JÁ QUE O ASSUNTO NOS LEVOU a tão perto desse notável lugar, nada mais oportuno que dizer, embora sumariamente, alguma coisa a respeito.

Situação do estreito de Magalhães.

O estreito de Magalhães (estreito é em grego ϖορθμὸς, o que quer dizer *mar entre duas terras*, assim como ζστμὸς significa *terra entre duas águas*), à semelhante do do Darien, confina, no Meio-Dia, com a América, separando-a de outra região inteiramente desconhecida e desabitada, semelhantemente aos estreitos de Gibraltar e de Constantinopla, os quais separam a Europa, respectivamente, da África e da Ásia. Esse estreito é assim chamado por causa do nome do seu descobridor e está situado a 52 graus e meio do Equador[1]. Tem de largura duas léguas, em toda a sua extensão de este a oeste, distando de Venécula[2] duzentas léguas (na direção sul a norte); demais, do cabo Desejado[3], que é sua entrada à direita, até o outro mar, chamado Oceano do Sul, ou Pacífico, conta uma extensão de

---

1 Como já se viu no cap. XII, nota correspondente, o estreito de Magalhães tem, de fato, a latitude sul de 52º22' (em sua saída para o Atlântico).

2 A Venezuela, segundo Gaffarel.

3 No texto, cap *d'Esseade*. Trata-se do cabo Desejado, hoje chamado dos Pilares.

setenta e quatro léguas, isto é, do cabo Desejado ao promontório localizado no Oceano Pacífico, aos 40 gruas.

Américo Vespúcio.

O estreito de Magalhães foi cobiçado e procurado num percurso de mais de duas mil e oitocentas léguas, a fim de se encontrar um caminho que conduzisse, através do mar Magalhânico[4], também conhecido pelo nome de oceano Pacífico, às ilhas das Molucas. Américo Vespúcio, um dos mais hábeis pilotos antigos, navegou o litoral americano, a serviço do monarca português, no ano de 1501, partindo da Irlanda e alcançando o cabo de Santo Agostinho[5]. Depois dele, outro capitão, no ano de 1534[6], atingiu a região dos Gigantes, que está localizada entre o rio da Prata e o referido estreito. Na dita região habitam indígenas possantes, chamados em

---

4 O oceano Pacífico. Cf. Thevet, f. 122. No globo de Orontio Fineo (1531), realmente, o oceano Pacífico, também chamado Mar do Sul, tem o nome de *Mara Magellanicum*.

5 Américo Vespúcio (cf. cap. XXV, nota correspondente) fez parte de duas expedições ao Brasil – a de Fernão de Loronha (1501-1502) e a de Gonçalo Coelho (1503-1505). Mas Thevet se refere à viagem de Vicente Yañes Pinzón, que não atravessou, em 1500, o equinocial, embora se gabasse de tê-lo feito. "É certo que então não visitou o Amazonas; o seu *Santa Maria del Mar Dulce* era o Orenoco, e *Santa Maria de la Consolación* um cabo situado entre os dois rios, porventura o de Orange. A lenda, que o erigiu em descobridor da faixa do litoral, compreendida entre o cabo de Santo Agostinho e o delta do Orenoco estriba-se parte no depoimento de Pinzón, em 1513, quando firma ter tocado nesse cabo, e, por outra, nos textos de Martir (1516) e de Oviedo (1526 e posteriormente). O capitão espanhol, porém, ignorava qual era o cabo de Santo Agostinho, conhecido na Espanha não somente pelo que dele dizia Vespúcio" (Duarte Leite, *Os falsos precursores*, p. 199).
Nenhuma dessas expedições teve por ponto de partida a Irlanda.

6 Gaffarel pensa que Thevet se refere à viagem de Pedro de Mendoza. Mas Mendoza só arribou ao rio da Prata em 1536 e não consta que tivesse visitado a região dos Gigantes. A expedição que visitou o país dos Gigantes, logo após Fernão de Magalhães foi a de Garcia Joffre de Loyasa; em fevereiro de 1526 tempestades arrojaram um dos buques – o *San Lesmes*, capitaneado por Francisco de Hoces – até os 55º de lat. S., descobrindo-se, assim, novamente, o estreito de Magalhães. Quando Loyasa penetrou no estreito, só lhe restavam quatro navios, dos sete da esquadrilha. Cf. Sophus Ruge, pp. 600 e 601.
Em 1540, temos notícia também de uma expedição de Alonso de Camargo, que explorou o litoral chileno até o estreito de Magalhães.

sua língua de patagões e conhecidos por sua elevada estatura. Os primeiros exploradores dessa região conseguiram, por astúcia, prender um patagão, que tinha doze palmos de altura e uma proporcional robustez. Foram precisos vinte e cinco homens para dominá-lo, assim mesmo à custa de muito esforço e, como o quisessem conservar, tiveram de atar pés e mãos do índio no navio. Apesar de tudo, o gigante durou pouco tempo, pois, segundo se conta, deixou-se morrer de fome, abatido pelo pesar e pelo desgosto[7].

Esse país possui talvez, as mesmas temperaturas do Canadá e de outras paragens próximas do Polo; daí o fato de os habitantes se cobrirem de peles de um certo animal, que chamam de *su*[8], ou seja, *água*, devido, segundo penso, ao costume de viver ele a maior parte do tempo à margem dos rios. É animal rapinante e muito estranho, razão pela qual quis deixar um desenho dele. Ainda uma observação: quando os índios desse lugar, como é de seu costume, perseguem tal bicho, com o objetivo de adquirir-lhe a pele, este toma os filhotes às costas e, cobrindo-os com a sua grossa cauda, se escapole e se salva. Os selvagens, não obstante, empregam certa astúcia para apanhá-lo: fabricam uma profunda fossa no local onde o mesmo costuma estar, cobrindo-a de folhagem verde, caindo nela o pobre animal, ao correr, com suas crias, sem suspeitar sequer de tal emboscada. Diremos ainda que, vendo-se presa, a fera, enraivecida, mutila e mata os filhotes, soltando tão espantosos uivos que torna os indígenas amedrontados. Finalmente, é o animal morto a flechadas, depois do que o esfolam.

Viagem de Fernão de Magalhães. O cabo das Virgens.

O capitão de que falamos atrás, de nome Fernão de Magalhães, homem bravo, tendo tido informações das riquezas possivelmente existentes nas Molucas, tais como abundantes especiarias, gengibre, canelas, noz-moscada, âmbar gris, mirobálano, ruibarbo, ouro, pérolas e outras preciosidades mais, sobretudo nas ilhas de Matel, Mahian, Tidore

7 Cf. o cap. XXVII, nota correspondente.

8 No texto, *Su*. Thevet refere-se, talvez, ao *Otaria jubata*, ou leão-marinho da terra do Fogo. Os *tehuelches*, outrora, tinham efetivamente uma vida muito semelhante à dos onas, "*assomant les otaries l'été sur la cote*" (Paul Deschamps, p. 158).

e Terrenate[9], situadas muito próximas umas das outras – achou que esse estreito era o caminho mais curto e cômodo para lá chegar e assim o fez, partindo das ilhas Afortunadas e, depois, do arquipélago do Cabo Verde, seguindo diretamente ao promontório de Santo Agostinho (a oito graus além do Equador) e costeando o continente durante cerca de três meses, até atingir o cabo das Virgens, que dista da Linha equinocial 52 graus e se acha localizado nas proximidades do mencionado estreito; depois do que o capitão, atravessando o estreito, de este para oeste, numa viagem de cinco dias, com as velas enfunadas pelo vento do Oceano do Sul, afinal alcançou o outro lado[10] – o que lhe proporcionou uma extraordinária alegria, muito embora sofresse a perda da melhor parte de sua tripulação, vitimada pela intemperança das maresias e, sobretudo, pela fome e pela sede.

Nesse estreito encontram-se várias belas ilhas, que não são, entretanto, habitadas. E a região circunvizinha é muito árida e montanhosa, não se encontrando nela senão animais rapinantes, aves de muitas variedades (principalmente avestruzes) e diversas árvores (como, por exemplo, cedros e certos espécimes, que dão um fruto quase semelhante à nossa ginja[11], porém mais delicado ao paladar). E foi assim que se descobriu o estreito. Depois, encontrou-

---

9 A. f. 92, Thevet grafa diferentemente o nome de três dessas ilhas – *Mate*, *Machian* e *Atidore*. Cf. o cap. XLVII, nota correspondente. Trata-se, como já vimos, das ilhas Motir (ou Mortir), Makian, Tidore e Ternate.

10 A flotinha de Fernão de Magalhães partiu de Sevilha a 1º de agosto de 1519, estacionando em San Lúcar de Barrameda cerca de dois meses. Em Tenerife houve aguada. A arribada ao sul de Santo Agostinho teve lugar a 8 de dezembro e o descobrimento do cabo das Virgens se deu a 21 de outubro de 1520, dia de Santa Úrsula ou das Onze mil Virgens. Esse cabo está localizado, realmente, a 52º e 20' de lat. S. A travessia durou três semanas, na realidade doze dias, descontando-se o tempo perdido à espera do navio desertor, ou em sua busca. Quando, entretanto, não houve mais notícias do navio, F. de Magalhães deu ordem, a 23 de novembro, para prosseguir a viagem. E realmente, cinco dias depois, isto é, a 28, o navegador avistava o oceano Pacífico.

A duração da travessia de Magalhães faz-nos lembrar que Loyasa necessitou, em 1526, de três meses para percorrer o estreito; Byron, 51 dias (1767); Wallis, 116 dias (1767); Bougainville, 60 dias (1768).

Sobre a viagem de Magalhães, cf. Pastells, *El descubrimiento del estrecho de Magallanes*, Madri, 1920.

11 No texto, *guines*. *Guin*, *guigne*, *guinie*, fruto do *guignier* (*Cerosus Juliana* DC. ou L.) – a *ginjeira*.

-se outro caminho para as Molucas, navegando através de um caudaloso rio do litoral do Peru, na costa chamada de Nome de Deus, no país de Chagres[12], a quatro léguas do Panamá[13] e a vinte e cinco do golfo de São Miguel.

Terca.
Atorizo.

Realmente, em seguida à viagem de Magalhães, outro capitão, tendo navegado por alguns tempos pelo rio acima referido, atreveu-se a visitar a região. E recebeu-o, com a maior urbanidade, o rei dos bárbaros desse lugar, chamado em sua língua de Terca, presenteando ao capitão com ouro e pérolas (como assim nos contaram alguns espanhóis, que estavam em sua companhia), embora essa exploração terrestre não fosse isenta de muitos perigos, tanto por causa dos animais ferozes, como por outras causas. Nessa viagem, o capitão deparou-se com outros povos mais selvagens e temíveis que os anteriores, muito embora, por menos confiança que merecessem, tivessem assegurado sua amizade e seus serviços ao rei principal, chamado de Atorizo. Deste recebeu o capitão vários belos presentes, tais como grandes peças que pesavam cerca de dez libras, retribuindo-lhes os obséquios com o que dispunham, no momento, de mais agradável e estimado aos indígenas, a saber, ferragens miúdas, camisas e outras roupas de pouco valor. Finalmente, servido por alguns bons guias, o capitão alcançou Darien.

O estreito de Darien. As ilhas das Molucas.

Nessa ocasião foi descoberto o mar do Sul, que fica da outra banda da América, em cujas águas estão as Molucas. Em como a travessia dessa península viesse abreviar consideravelmente o caminho das Molucas, sem que fosse necessário passar pelo estreito de Magalhães, com vantagem para o tráfico e outras comodidades, foram levantadas fortificações à beira-mar da mesma[14]. Desde então, começou o comércio das ilhas Molucas, as

12 Do nome do rio Chagres, na Terra Firme (Panamá).

13 No texto, *Paunnana*.

14 Gaffarel julga que Thevet se refere, provavelmente, à expedição de Vasco Núñez Balboa (1513).
Pelo nome de *Peru* se designavam, na primeira metade do século XVI, às regiões americanas situadas ao norte do Amazonas e a parte da América Central. O porto

quais são grandes e presentemente habitadas, estando os naturais reduzidos à fé cristã. Os naturais das Molucas eram, outrora, gente muito mais cruel que a da América, vivendo cegos e ignorantes das riquezas produzidas por esse arquipélago.

É verdade que, nessa mesma região, banhada pelo mar do Poente, há quatro ilhas desertas, apenas habitadas, segundo se afirma, pelos sátiros (donde o seu nome de ilhas dos Sátiros)[15]. No mar do Poente se encontram, ainda, dez outras ilhas, chamadas Manioles[16], habitadas por povos selvagens e privados de toda e qualquer crença religiosa. Próximos delas se encontram altos rochedos, que atraem os navios, por causa das suas ferragens. De tal modo que os traficantes dessa região são levados a pregar as suas embarcações com cavilhas de madeiras, para assim evitarem aquele perigo[17].

---

de *Nombre de Dios* está, de fato, ligado à história da viagem de Balboa. A referência aos guias também é exata, assim como a referência ao ouro abundante e às pérolas recebidas dos caciques – ou conquistadas aos mesmos. Balboa chamou ao oceano Pacífico de *Mar do Sul*, por estar este precisamente ao sul do istmo, que havia atravessado de ocidente para oriente. Os nomes dos caciques estão, naturalmente, adulterados, como por exemplo, o de Torecha, morubixaba de Cuaracuá. Torecha, ao contrário do que diz Thevet, resistiu ao invasor, perecendo no combate, com seiscentos dos seus súditos. Os sobreviventes submeteram-se e serviram de guias ao capitão espanhol.

A crença de que, na região panamenha, havia uma passagem marítima ou fluvial para o Oceano Pacífico, perdurou por muito tempo – *o detroit de Dariène* de Thevet. Nas cartas ou globos de Ruysch (1508), de Le Lenox (1510 ou 1511), de Leonardo da Vinci (1514), de Johannes Schöner (1515 e 1520), etc., a América do Sul se acha seccionada da América Central. No planisfério de Sebastião Caboto, que remonta a 1544, ainda persiste a ideia do estreito, convertido agora num vasto rio, ou reentrância marítima, noção que ainda vamos encontrar, renitente, no mapa de Joan Martines (1587).

15 O arquipélago dos Sátiros, segundo Gaffarel, corresponde ao da Sonda. Os navegadores, que descobriram as ilhas da Sonda, supunham ter reencontrado as *Insulae Satyrides* de Eufemos de Caria.

16 Identificadas, por Gaffarel, com as Filipinas.

17 O monte magnético, que atraía o ferro, faz parte do ciclo de legendas antigas, que a cartografia medieval registrou, juntamente com o pássaro Roca, com a árvore do Sol e da Lua, com o Ararat da arca de Noé, com os animais fantásticos, com os monstros humanos, etc. Cf. Kretschmer, p. 52.

Terra Austral, ainda não descoberta.

Eis o que tinha a dizer sobre o estreito de Magalhães. A chamada Terra Austral, que fica à sinistra do estreito, ainda não foi explorada pelos europeus, embora me afirmasse certo inglês ter desembarcado nela. Esse piloto era um homem dos mais experimentados em assuntos de navegação. Perguntando-lhe eu, por curiosidade, se era a mesma habitada, respondeu-me o inglês que sim e por uma raça possante e negra – o que não parece verossímil, por, como já se disse, a Terra Austral ter quase o mesmo clima da Inglaterra e da Escócia, pois é terra de um alvor ofuscante e perpetuamente imersa no gelo e no inverno[18].

---

18 A Terra Austral é a mesma Terra do Fogo, que não era desabitada, pois foi Magalhães quem lhe deu tal nome justamente por ter avistado, à noite, nessas regiões, fogueiras acessas pelos naturais.
Se o inglês, de que fala Thevet, não pertenceu à expedição de Loyasa, devia ter viajado em algum navio solitário, de cuja viagem não se conhece a relação. A informação do frade, todavia, não é de ser desprezada, pois os fuoguinhos realmente borram o rosto de carvão, como observa Gaffarel, dando, assim, a impressão de que eram negros.

. . . .

Capítulo LVII

OS QUE HABITAM A REGIÃO ENTRE O RIO DA PRATA E O ESTREITO DE MAGALHÃES SÃO NOSSOS ANTÍPODAS

Importa saber se há ou não dois mundos.

EMBORA EXISTAM, tanto nos mares quanto nos rios, diversas ilhas separadas dos continentes, é a Terra, que se nos apresenta em toda a sua grandeza e amplitude, realmente um só e mesmo corpo. Esse corpo constitui a própria superfície e redondeza do globo. Tal era a opinião de Tales de Mileto (um dos sete sábios da Grécia) e também a de outros filósofos, conforme o diz Plutarco. Segundo ensina esse notável filósofo pitagórico, é a terra formada de duas partes, a saber: uma, na qual habitamos, isto é, o hemisfério propriamente dito; a outra, a dos antípodas, que chamamos, semelhantemente, de hemisfério inferior. O historiógrafo Teopompeu, refutando Hermógenes, diz, apoiado em Tertuliano, que Sileno afirmara, outrora, ao rei Midas, existir um mundo ou globo terrestre diferente do nosso. Macróbio, aliás (para terminar as citações), trata amplamente desses dois hemisférios e partes terrestre, podendo o leitor recorrer a esses autores, se quiser conhecer mais de perto a opinião dos sábios. O que importa conhecer, todavia, é se essas partes terrestres estão totalmente separadas e divididas, como se fossem terras e mundos diferentes. E isso é que não parece verossímil, considerando-se que a Terra é um só elemento, embora interrompida em duas partes pelo mar, tal como escreve Salino, em seu *Polyhistor*, ao tratar dos povos hiperbóreos.

Penso, na verdade, que o universo é dividido em duas partes iguais, pelo círculo imaginário chamado Equador. Demais, basta olhar a imagem do mundo, em um globo, ou carta qualquer, para reconhecer claramente que o mar divide a Terra em duas partes, não de todo iguais – as quais são os dois hemisférios assim designados pelos gregos. Uma das duas partes constitui a Ásia, a África e a Europa; a outra, a América, a Flórida, o Canadá e demais regiões designadas pelo nome de Índias Ocidentais. Nestas, segundo a opinião de vários autores, habitam os antípodas.

Diversas teorias sobre os antípodas.

Sei que há várias teorias sobre os antípodas. Acreditam alguns que não existem antípodas; outros que, se existem, habitam eles outro hemisfério, oculto para nós. Quanto a mim, penso não errar ao dizer que os habitantes dos dois polos (pois já mostramos que estão povoados) são verdadeiramente antípodas uns em relação aos outros. Os que vivem no setentrião, por exemplo, ao contrário dos que moram no polo oposto, se encontram tanto mais elevados quanto mais próximos do polo, de modo que é forçoso que uns e outros sejam necessariamente antípodas, como menos o são os povos que se encontram mais perto do Equador.

Quais os povos antípodas e antíctones, uns em relação aos outros.

Assim, creio que são verdadeiramente antípodas os habitantes dos dois polos, ou os das duas regiões opostas, isto é, o Levante e o Poente; os das partes intermediárias são, porém, antíctones.

Não há dúvida de que os povos do Peru (isto é, os habitantes de Lima, Cuzco e Cariquipa) são antes antíctones do que antípodas em relação aos povos que vivem ao redor desse vasto rio Indus (na região de Calicute, na ilha de Sri Lanka e em outras terras asiáticas). E os habitantes das ilhas das Molucas, donde nos vêm as especiarias, aos da Etiópia, hoje chamada Guiné. Donde a referência de Plínio à *Taprobana dos Antípodas*, confundindo, como tantos outros, antípodas com antíctones[1], pois, certamente, os que vivem naquelas ilhas são antíctones dos que vivem nessa

---

1 Gaffarel observa que Thevet confunde antípodas e antíctones. Embora a palavra antíctone tivesse sido realmente empregada como sinônimo de antípoda, é certo, porém, que aquele termo se aplicava propriamente aos povos de igual latitude, mas de

parte da Etiópia (compreendendo a região a começar das fontes do Nilo à ilha de Meroë). Do mesmo modo, os povos do México são diretamente antípodas dos povos da Arábia e dos habitantes dos confins do cabo da Boa Esperança.

Diferença entre antípodas e antíctones.
Antecos. Periecos.

Os gregos davam o nome de antípodas aos que andavam com os pés opostos uns aos outros, isto é, planta com planta, segundo os exemplos apontados; davam, porém, o nome de antíctones aos que habitavam terras contrariamente situadas. Antíctones são ainda, por exemplo, os chamados antecos (espanhóis, franceses e alemães), embora estes sejam, por sua vez, antípodas dos povos do rio da Prata e dos patagões, vizinhos do estreito de Magalhães, dos quais já tratei no capítulo antecedente. E se denominam de periecos os povos que habitam uma mesma zona – tais como os franceses e os alemães – ao contrário dos antecos.

Os periecos e antecos não são propriamente antípodas, mas, no comum, assim são designados e confundidos. E, por isso observei que os habitantes do cabo da Boa Esperança não são, na realidade, nossos antípodas. São antes embora diversos, como o são também os que moram além da linha equinocial – em relação a nós, que vivemos aquém dela, quase a tocar nos antípodas.

A teoria que pretende explicar o modo de andar dos antípodas não foi bem compreendida e aprovada pelos antigos.

Acredito que várias pessoas dificilmente pudessem compreender a teoria que pretende explicar como andam os antípodas, – o que foi causa de ser tal teoria desaprovada por muitos dos antigos, inclusive santo

---

hemisférios opostos, de modo que uns estariam no verão e outros no inverno. Mas, enquanto os antíctones possuem o mesmo meridiano, o meridiano dos antípodas é sempre oposto. Donde se conclui que os antíctones eram possivelmente os mesmos antecos dos gregos. Entretanto é verdade que Thevet não dá uma noção exata de antecos e periecos, e, na realidade, não sabemos bem o que ele queria entender por antíctone.

Agostinho (*Cidade de Deus,* liv. XV, cap. IX). Mas, com algum esforço, será fácil a qualquer um compreendê-la. Se é verdade que a Terra é um globo todo redondo, suspenso no centro do universo, necessariamente está cercada de céu por todos os lados. Logo, os habitantes do hemisfério superior, como nós o somos, veem uma parte do firmamento, que lhes é própria; e os habitantes do hemisfério inferior, – veem outra parte do firmamento particularmente aos mesmos reservada. Há uma razão igual e análoga para uns e outros. E, todavia, ambos os hemisférios têm um centro comum.

Eis, de passagem, algumas considerações sobre os antípodas.

. . . .

Capítulo LVIII

COMO OS SELVAGENS EXERCEM A AGRICULTURA E FAZEM PLANTAÇÃO DE UMA RAIZ *MANIHOT.* E DA ÁRVORE, A QUE DÃO O NOME DE *PENO-ABÇU*

Ocupações comuns dos selvagens.

EM TEMPO DE PAZ os silvícolas americanos não se ocupam senão de suas plantações e só na estação propícia são arrastados à guerra. É verdade que certos índios, como já o disse, algumas vezes se entregam ao tráfico; todavia, a contingência os constrange a laborar a terra, para, com isso, se sustentarem, como o fazem os europeus.

Nisso os selvagens quase que repetem os costumes dos antigos povos, os quais nutrindo-se, a princípio, dos frutos silvestres, se viram, por não serem estes suficientes, levados à necessidade de apropriarem-se de terras, que, depois, cercavam ou limitavam. E daí começaram a surgir os governos populares e as repúblicas.

Lavoura dos selvagens.

Os selvagens, do mesmo modo, aprenderam a lavrar a terra, embora não usassem, como nós, bois, e outros animais domésticos (os lanígeros ou outras quaisquer espécies), pois não os possuem nenhum[1]. A

---

1 Cf. o capítulo XLIV, nota correspondente.

lavoura é fruto apenas do suor e esforço puramente humanos, costume que existe também em certos lugares da Europa. E suas plantações são de pouca monta, ou seja, algumas hortas afastadas das habitações ou aldeias, cerca de duas ou três léguas, nas quais semeiam quase que somente grãos de milho, ou nas quais plantam algumas raízes.

Milho branco e milho preto.

A colheita é feita duas vezes por ano: ao Natal (que é o tempo de verão, quando o sol está no Capricórnio) e por ocasião dos Pentecostes. O milho, de que falo, é do tamanho das ervilhas comuns, existindo do branco e do preto, mas sendo a planta grande e à semelhança dos caniços marinhos[2].

Hetich.

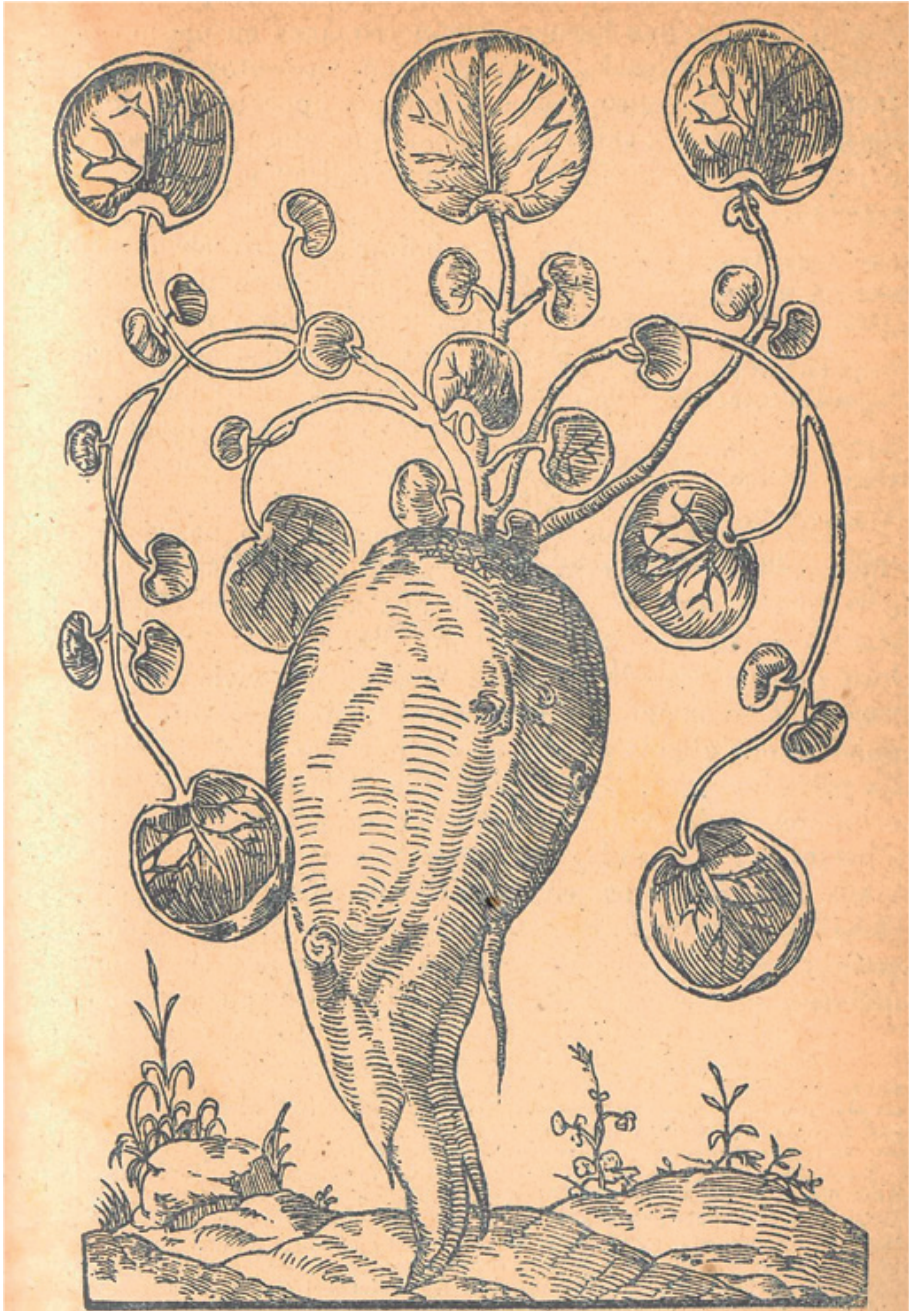
O processo agrário dos selvagens é o seguinte: primeiramente, cortam sete ou oito jeiras de mato, ficando em pé apenas os troncos, à altura de um homem; depois ateiam fogo ao mato, deixando tudo raso; em seguida, vem o trabalho de esgaravatar o solo com estacas de pau[3] (ou com instrumentos de ferro, quando dele tiverem conhecimento), no qual as mulheres plantam o milho e as tais raízes, chamadas de *hetich*[4], fazendo um sulco na terra com os dedos, como aqui se faz ao plantarem-se ervilhas ou favas.

---

2 Cf. o capítulo XXIV; nota correspondente. *Negro*, isto é, escuro, quer dizer Thevet. Léry (p. 127) define melhor a cor: "*deux especes de gros mil, assauoir blanc & rouge, que vulgairement ou appele en France bled Sarrazin*".

3 No texto, "*certains instruments de bois*". São as estacas de cavar (*digging stick, Grabstock*), um dos mais antigos instrumentos de lavoura (Baldus & Willems, p. 136). Thevet refere-se à *coivara*, que consiste em roçar e queimar o mato, quando este, após doze ou quinze dias, se tornava seco (Abbeville, p. 329). Cf. Bernardino José de Sousa, p. 140.

4 Cf. o capítulo XXVIII, nota correspondente. Léry assim descreve a batata-doce (pp. 203-204): "*Quant aux racines… encore en ont-ils d'autre qu'ils appellent Hetich, lesquelles non seulement croissent en aussi grande abondance en ceste terre du Bresil, que font les raues de Limosin, & em Savoye, mais aussi il s'en trouue communément d'aussi grosses que les deux poings, & lonques de pied & demi, plus on moins… dautant qu'en cuisant les vnes deuienent violettes, comme certaines pastenades de ce pays, les autres iaunes comme cains, & les troisiesme blancheastres… Quãt à leurs fueilies, lesquelles traisnêt sur terre, comme Hedera terrestris, elles sont fort semblables à celles de concombres, ou des plus larges espinars…. non pas toustefois qu'elles soyent si vertes, car quant à la couleur, elle tire plus à celle de* Vitis Alba".

A descrição, que Thevet faz da *hetich*, na *Cosmographie universelle*, f, 921. é muito semelhante à de Léry.

20. A batata (Thevet).

Os indígenas não têm nenhum conhecimento do adubo e amanho da terra, que, aliás, é bastante fértil e ainda não está, como a nossa, cansada. Todavia, admira como lá não medra o trigo, que levamos conosco, pois eu mesmo o semeei, por experiência, sem nenhum proveito[5]. Mas esse fato, segundo penso, não é devido às imperfeições do solo, mas, talvez, a um certo vermezinho que ataca os grãos (com o tempo, os colonizadores poderão realizar uma prova mais segura).

Na América não se usa o trigo.
Antiguidade da agricultura.
Como se veio a usar o trigo.

Não é de admirar que os selvagens não conheçam o trigo, pois, mesmo na Europa e em outras partes, a princípio vivia-se apenas das frutas naturais produzidas pela terra. É verdade que a agricultura é muito antiga, como se vê das Escrituras; mas, se a humanidade teve conhecimento do trigo, não soube logo fazer uso dele.

Diz Diodoro que o pão foi introduzido na Itália por intermédio de Ísis, rainha do Egito. Ísis ensinou a moer o trigo e a cozer o pão, sendo que antes só se comiam os frutos da terra lavrada ou não. Entretanto, é mais fabuloso do que real dizer que a humanidade vivia, primitivamente, como os animais selvagens. Os poetas é que têm essa opinião, que alguns autores acolhem, como se vê em Virgílio, na primeira de suas *Georgicas*. Creio antes nas Santas Escrituras, onde se faz menção dos trabalhos de lavoura de Abel e das oferendas que este fazia a Deus[6]. E, assim, ainda hoje, fazem os selvagens farinha com as raízes chamadas de *manihot*, as quais são

---

5 Essa experiência agrícola, que data de 1555, é muito interessante. Anchieta diz que os campos de Piratininga eram propícios à cultura da vinha, da cevada, dos marmelos, inclusive do trigo (p. 320), fato que é confirmado por frei Vicente do Salvador (p. 36).

6 Como se vê, Thevet pode ser considerado um dos precursores da escola cultural-histórica, da qual são modernamente principais intérpretes Graebner, Foy, Schmidt, Koppers e outros. A tendência filosófica atual, de fato, propende para o relativismo das culturas, ou seja, para o descontínuo das formas em que se processa a evolução histórico-social. A agricultura deixou, assim, de ser uma etapa, um meio de classificação social; os nambiquaras, v. g.., cuja civilização é tão primitiva, são eméritos agricultores (Roquette-Pinto, *Rond*., pp. 244 e 245).

de grossura de um braço e do comprimento de um pé e meio, ou de dois pés, comumente oblíquas ou tortas. Tais raízes nascem de um arbusto, que se eleva acima do solo cerca de quatro pés e cujas folhas são quase iguais às do *pataleonis*[7] (como demonstrarei nos desenhos, que são em número de seis ou sete); no fim de cada ramo está uma folha do tamanho de meio pé e da largura de três dedos.

Como se faz a farinha das raízes.

A farinha é fabricada da maneira que se segue: começa-se por reesmagar ou raspar as raízes secas ou verdes, por uma grossa casca de árvore, toda guarnecida de pedrinhas duríssimas, à semelhança do que se faz, aqui, com a noz-moscada; depois, a massa é levada ao fogo, num pote, adicionada a certa quantidade de água, que os selvagens mexem, de modo a reduzi-la a farelos parecidos com os do maná granulado[8]. Quando a farinha é nova, nutre muito bem e tem um maravilhoso sabor. E é preciso notar que, no Peru, no Canadá, na Flórida e em todo o continente situado entre o mar Oceano e o mar de Magalhães, isto é, na América propriamente dita e na terra dos Canibais, até o estreito, – os indígenas servem-se dessa farinha. Tal alimento é muito comum nas referidas regiões, apesar de sua extensão superior a duas mil léguas terrestres, usando-o os índios com a carne ou o peixe, como o fazemos com o pão.

Estranho modo de vida dos selvagens.

O método de alimentar-se dos selvagens é muito estranho, pois jamais levam a mão à boca; lançam-lhe o alimento de longe, a distância de um bom pé, mostrando-se nisso particularmente destros e rindo-se da maneira de comer dos europeus[9].

---

7 *Sanicula liberta* Cham (Baillon, III, p. 517).

8 Sobre o processo da fabricação da farinha de mandioca, cf.: Léry, pp. 123 e 124; Gandavo, pp. 95; Staden, pp. 141 e 142; Gabriel Soares de Sousa, p. 164; *Diálogos*, p. 176. Para descascar o fruto, também usavam os tupinambás valvas de ostras. Thevet esqueceu de referir-se ao *tipiti*. Vj. ainda Estêvão Pinto, II, p. 78 e 79.

9 A prática de atirar o bolo farináceo à boca foi também observada por Léry (p. 125). O mesmo costume entre os índios chiriguanos, da família tupi-guarani (Métraux, *Études sur la civilisation des indiens Chiriguano*, p. 360). Cf. ainda Marcgrave, p. 273.

Tudo o que diz respeito ao preparo dessas raízes pertence às mulheres, porquanto acreditam não ser própria dos homens tal ocupação[10].

Espécie de favas brancas.
Como os selvagens fazem o sal.
Pão misturado à especiaria e sal.
Farinha de peixe.

Plantam os ameríndios, ainda, certa espécie de favas, totalmente brancas, muito chatas, maiores e mais largas que as nossas. Também têm os índios certos legumes brancos, abundantes, pouco diferentes dos que se veem na Turquia e na Itália; cozinham-nos e comem-nos ao sal[11]. O sal é feito com a água do mar, reduzida à metade na fervura e, depois, submetida a outros processos. Com o sal e certa especiaria pisada fazem, então, bolos de pão do tamanho de uma cabeça humana, que comem com a carne ou o peixe, sobretudo as mulheres. Também misturam, algumas vezes, a especiaria com a farinha, tal qual como é colhida, isto é, sem ser pulverizada. Finalmente, os indígenas preparam farinha de peixe bem seco, que é muito agradável ao paladar quando experimentada com uma certa mistura que sabem fazer[12].

Nenúfar, que é uma espécie de couve.

Não quero esquecer uma sorte de couve, externamente parecida com essa planta aquática, a que damos o nome de nenúfar[13], como tam-

---

10 A respeito da agricultura como atividade primitivamente feminina, cf. Westermarck, I, pp. 130, 631 e 633.

11 Hoehne identifica as favas brancas, descritas por Thevet, com as do *Phaseolus lunatus* L., que são nativas no Brasil e conhecidas pelo nome de "favas-de-belém". Quanto aos feijões, também brancos, pensa Hoehne tratar-se de alguma variedade do *Phaseolus vulgaris* L. ou da *Vigna vexillata* Benth (*Bot.*, p. 132).

12 Cf. o cap. XXX, nota correspondente. O sal, empregado de mistura com a pimenta pilada (*juquiraí)*, era tomado, alternativamente, em pitadas, com os pedaços de alimento. Cf. Abbeville, p. 354 e Évreux, p. 12.
Sobre a farinha de peixe, vj.: Léry (p. 143), Staden (p. 140) e G. Soares de Sousa (p. 293). Os índios amazônicos conhecem o processo da *mixira*, que é o preparo do peixe a fogo lento (Stradelli, p. 527).

13 Trata-se da *taioba* (*Colocasia antiquorum* Schott), segundo Hoehne, que acha muito boa a comparação de suas folhas com as do *Nuphar* (*Bot.* p. 133).

bém não quero esquecer uma outra erva de folhas iguais às da sarça. Estas crescem como se foram grandes sarças espinhosas.

Peno-absou, uma árvore.

Resta falar da árvore, a que os índios dão o nome de *peno-abçu*[14]. O fruto é redondo como uma pela e grosso como uma maçã, sendo tão bom de comer quanto é, por seu veneno, perigoso; contém seis sementes parecidas com amêndoas, embora um pouco mais largas e achatadas lateralmente: em cada uma delas há um miolo, que serve, segundo se afirma, de excelente medicamento para as chagas (pelo menos assim o usam os selvagens, quando são flechados na guerra, ou feridos por outros meios). Trouxe comigo certa quantidade desse remédio, quando de volta ao meu país. Reparti-o com os amigos. Os índios fabricam-no extraindo o azeite de tal caroço, bem pisado; depois, aplicam-no na parte ofendida.

A casca dessa árvore recende a um odor muito esquisito; as folhas, sempre verdes, têm a espessura de um tostão e assemelham-se às da beldroega.

Pássaro admirável e de estranha beleza.

Frequenta ordinariamente a árvore um pássaro do tamanho do picanço, atrás de certos bichinhos que vivem na madeira. Tem um comprido topete à cabeça – como se pode ver na página ao lado – e é amarelo como ouro fino, sendo negro na cauda e em parte da plumagem. Na plumagem se notam, também, raias de várias cores. É de notar ainda que, nas faces, as penas são vermelhas, tornando-se escarlates na parte situada entre o bico e os olhos.

Variedade das palmeiras. O gerahuva e o iry.

Deixando, de parte, várias espécies de plantas, direi, em resumo, que existem lá cinco ou seis espécies de palmeiras, que não produzem tâmaras, como as do Egito, mas outras espécies de frutos, uns grandes como

---

14 No texto, *Peno-absou*. Hoehne (*Bot*. p. 133) identificou-o com o *Carapa guianensis* Aubl. que Martius pretendia ser a penaíba e conhecida vulgarmente pelo nome de jandiroba ou andiroba (*cachipu* da Guiana, *carapa tree* dos ingleses, *carapo* da ilha da Trindade). O fruto é uma cápsula ovoide, contendo número variável de sementes vermelhas, achatadas lateralmente. A casca é tônica e febrífuga, sucedânea da quini-

pelas, outros menores. Entre as palmeiras, uma tem o nome de *gerahuva*; outra, de fruto diferente, se chama de *iry*[15]. Há ainda uma terceira cujo fruto, bem redondo, tem a grossura da ameixa e a sua cor (quando maduro). Seu gosto, ao primeiro momento, lembra o de certa espécie de uva preta[16]. Tem o caroço, que os selvagens comem e é grosso como o da avelã, totalmente branco.

Eis o que queria contar, o mais sumariamente possível, da América, depois de lá ter observado as mais singulares coisas. É provável que ainda virei a escrever mais amplamente sobre essa região, inclusive a respeito de suas numerosas árvores e plantas medicinais, com as respectivas propriedades descobertas pelos naturais. Não o faço agora para evitar prolixidade.

Demais, era meu propósito não deixar de dizer algumas palavras sobre o assunto, relativamente à terra do Brasil.

---

na. Das sementes se extrai um óleo amargo, insetífugo, usado na conservação das cabeças mumificadas (troféus da guerra dos mundurucus), útil também nas úlceras e picadas de insetos (M. Pio Correia, pp. 113 e 114).

15 *Pour suyvant doncques à parler des arbres de ceste terre du Bresil,il s'y trouue de quatre on cinq sortes de Palmiers, dont entre les plus communs, sont un nommé par les Saunages Geraii & un autre Yri… l'Yri parte un fruict rond comme prunelles serrees & arrengees ensemble, ainsi que vous diriez un bien gros roisin… mais encor n'y a'il que le noveau, non plus gros que celuy d'une cerise*" (Léry, p. 188).
No texto, *Gerahuua* e *Iry*. Tratam-se ambas da mesma árvore, a *Astrocaryum ayri* Mart. Thevet também escreve ora *Hairy* (f. 70), ora *Hairi* (f. 72). Cf. o cap. XXXVIII, nota correspondente. Também Léry, repetindo Thevet, diz que nenhuma das palmeiras produz tâmaras. A *iry* é a mesma *airy* dos outros autores. Léry recaiu no erro de Thevet, ao descrever três palmeiras, quando na realidade, se referia apenas a uma.

16 No texto, *verius*. Parece tratar-se de *vérot* ou *verrot*, que M. P. Joigneau & M. C. Moreau dizem ser uma espécie de uva da Borgonha (p. 640).
Thevet possivelmente refere-se a alguma variedade do *A. ayri* Martius. Observe-se, por exemplo, que Léry compara o fruto da *Yri* a "*un bien gros raisin*" (p. 188).

Capítulo LIX

COMO SE DESCOBRIU A AMÉRICA E SE ENCONTRARAM O PAU-BRASIL E OUTRAS ÁRVORES NÃO CONHECIDAS NA EUROPA

Terra do Brasil, descoberta pelos portugueses.

TEMOS COMO CERTO que foi Américo Vespúcio[1] quem descobriu esse vasto continente, cercado por dois oceanos, embora não tivesse visitado toda a região, mas a sua melhor parte.

Depois vieram os portugueses, os quais, não satisfeitos com as suas conquistas, esforçaram-se, cada vez mais, por encontrar novos países, – tudo com o fim de apoderar-se das riquezas ou coisas singulares, das quais lhes davam notícias os naturais. Visitando, pois, a América, tal como fizeram os troianos no território cartaginês, – conheceram os portugueses certos objetos de plumas, que logo foram introduzidos no tráfico. E, procurando informar-se de como os indígenas pintavam essas plumas (comumente tintas de vermelho), mostram-lhes estes a árvore do pau-brasil.

O *araboutan*, árvore do pau-brasil.

É o pau-brasil, que na língua selvagem tem o nome de *araboutan*[2], árvore de muito bela aparência; a casca é toda acinzentada, mas a

---

1 Sobre a prioridade do descobrimento de Vespúcio, cf. o cap, XXVII, nota correspondente.

2 Léry também fala da árvore do pau-brasil, que escreve ora *Araboutan*, ou *Araboutã* (p. 181), ora *Arabotã* (p. 184). Trata-se da *Casalpina echinata* L., que conta com uma

madeira interna vermelha, sobretudo o cerne, que é dos mais excelentes, motivo pelo qual aumenta sempre a sua procura.

Desde então, os portugueses carregam cada vez mais uma crescente quantidade de pau-brasil. Esse tráfico ainda hoje continua e é feito também pelos franceses, depois que estes vieram a conhecer tal mercadoria. Verdade é, todavia, que os portugueses não suportam, de bom grado, a concorrência dos franceses, que lá traficam em vários lugares, sob o argumento, aliás, verdadeiro, de que são os proprietários dessa região, uma vez que foram eles os primeiros a descobrirem e dela tomarem posse[3].

Dalmagin.
Viagem de Onesícrito, capitão de Alexandre o Grande, ao Levante.

A árvore do pau-brasil (retornando ao assunto) é dotada de folhas semelhantes às do buxo e, como as do buxo, miúdas, embora espessas

---

vasta sinonímia (pau-brasil, brasilete, ibirapitanga, pau de tinta, etc.). *Brasileiro* se chamava o mercador que se dedicava ao comércio do pau-brasil e *fazer brasil* ora, uma expressa corrente nos séculos XVI e XVII. *Brasil*, *braxilio*, *verzill*, *versino*… são nomes correntes muito antes do descobrimento do Brasil (cf. Pedro Calmon, I, p. 80). Já no planisfério de Cantino (1502) se vê um *rio de brasil,* identificado com o atual rio Pitanga (Antônio Baião, pp. 319-320). Brasil veio a ter, nos primórdios da colonização, várias acepções: *brasil* (a madeira), *Brasil* (a terra), *brasil* (a gente), *brasil* (a língua). Cf. *Cartas avulsas*, nota de Alfredo do Vale Cabral, p. 211.

A costa brasileira rica de pau de tinta abrangia os tratos costeiros situados entre o cabo de São Roque e o cabo Frio. Gandavo (p. 99) dá a distribuição geográfica do *Casalpina echinata* L. e observa que não havia tal planta na capitania de São Vicente, nem daí para o sul.

O estudo econômico dessa madeira corante foi feito por Roberto S. Simonsen (I, p. 99, sq.). Uma revisão completa do assunto deve-se a Bernardino José de Sousa, *O pau-brasil na história nacional*, São Paulo, 1939, ed. da Companhia Editora Nacional. Também há um estudo exaustivo de A. L. Pereira Ferraz, *Terra da Ibirapitanga*, Rio, 1939, contendo um esquema da propagação do nome *brasil*, vindo dos confins do Levante.

3 No comércio inicial das feitorias, os portugueses sofreram, de fato, a competição dos franceses (os quais tinham a vantagem de não pagar quintos e levar os gêneros de resgate diretamente aos mercados consumidores). As reclamações foram inúteis, pois se, de um lado, os portugueses argumentavam com o descobrimento, a prioridade da ocupação, as doações pontificiais, de outro lado, os franceses se escusavam com a liberdade dos mares e o direito de livre navegação. É conhecida a célebre frase de Francisco I: "*Le soleil luit pour moi comme pour les autres; je voudrais bien voir le clause du testament d'Adam qui m'exclut du partage du monde*". Cf. A. Baião & C. Malheiro Dias, III, pp. 63 e 64.

21. Corte e embarque de pau-brasil (Thevet).

e abundantes. Não produz nenhuma goma, como algumas outras, nem, tampouco, frutos. Outrora ainda era mais estimada do que atualmente, sobretudo no Levante: acreditou-se a princípio que essa madeira é a mesma de nome *dalmagin*[4], referida no livro primeiro dos Reis, a que a rainha de Sabá levou a Salomão. O grande capitão Onesícrito trouxe, de sua viagem à ilha de Taprobana, situada no oceano Índico, ao Levante, enorme quantidade dessa madeira, assim como outras coisas muito esquisitas, – o que foi muito apreciado por Alexandre, seu chefe.

O pau-brasil do litoral do rio de Janeiro, de Morpion e do cabo Frio é melhor que o das costas da região dos Canibais e do Maranhão[5]. Quando os europeus, franceses ou espanhóis vão a esses lugares carregar o pau-brasil, os próprios naturais o cortam e decepam, trazendo-o, algumas vezes, de matas distantes, três ou quatro léguas, até o local onde se encontram os navios. E é fácil imaginar com que trabalho fazem isso, só pelo gosto de conseguirem uma pobre camisa, ou qualquer atavio de pouco valor.

Pau amarelo. Madeira cor de púrpura.
Uma cena de combate em madeira cor de púrpura.

Nesse país há também um pau amarelo, do qual os índios fabricam seus tacapes[6]. E ainda uma certa madeira cor de púrpura, a qual, segundo penso, se prestaria para o fabrico de belos lavores, – não seja esse lenho o mesmo de que nos fala Plutarco, quando diz que Caio Mário Rutílio, primeiro ditador da ordem popular, entre os romanos, reconstituiu uma cena de combate com personagens, que não tinham mais que três dedos de altura, feitos de madeira de púrpura. A madeira tinha sido trazida da alta África, tanto eram os romanos ávidos pelas coisas raras e singulares.

---

4 No texto, *Dalmagin*. É a *Almug-tree*, ou *almuggim*, também conhecida pelo nome de *madeira de tino*. John D. Davis (pp. 591 e 592) informa que o nome vem do sânscrito (*valgu*, *valgum*, seg. Lassen e Max Müller). A madeira foi empregada nas harpas e saltérios e, no dizer de Josephus, se parece com a da figueira. É comumente identificada com o sândalo, *Santalum Album* dos britânicos.

5 Thevet escreve ora *Marignan* (f. 166), ora *Marignã* (f. 119).

6 Cf. Léry, p. 189. Hoehne identifica a madeira purpúrea, isto é, roxa, com o guarabu (*Peltogyne confertiflora* Benth.) (*Bot.*, p. 135).

Madeira branca. Bétula. Variedade das regiões terrestres.

Há, também, outras árvores, cujo lenho é, além de tenro, branco como o mais fino papel[7]. Os selvagens não as têm em conta. Não me foi possível saber qual a sua propriedade, mas lembrou-me a bétula, madeira do mesmo modo branca e tenra, da qual fala Plínio. Com a bétula se fabricavam as varas, que se conduziam diante dos magistrados romanos. Assim como há diferentes árvores e diferentes frutos, na forma, cor, tamanho e outras propriedades, – assim, do mesmo modo, existem as mais variadas regiões terrestres, umas mais férteis, outras menos (como, por exemplo, os barros resistentes, com os quais os índios moldam, tal qual o fazemos, vasilhas de comer e beber).

Eis o que eu queria dizer da América, não de tanto quanto tive oportunidade de ver, mas apenas daquilo que me pareceu digno de ser transmitido. Tudo na boa intenção de corresponder à curiosidade do leitor, se tem este a mesma paciência que me foi preciso para escrever minhas observações, – após todos os trabalhos ou perigos suportados em tão difícil e longínqua viagem.

Muitos julgarão minha obra muito sucinta; outros, demasiadamente prolixa. Motivo pelo qual adotei o meio-termo, a fim de agradar a ambas as partes.

---

7 Hoehne identifica-a com o pau-cetim ou marfim, *Baifourodendron Riedelionum* Engl. (*Bot.*, ib.).

. . . .

Capítulo LX

PARTIDA DA FRANÇA ANTARTICA, OU AMÉRICA

Regressa o autor da América.

JÁ TENDO AMPLAMENTE FALADO das nações, cujos costumes e particularidades nunca descreveram ou celebraram, por não os conhecerem, os antigos historiógrafos; e como quer que permanecesse algum tempo na América, atraídos pelo lugar e por tantas coisas mais agradáveis ao espírito, só me veio uma preocupação, a de partir, pois não era meu propósito demorar por mais longo tempo naquela colônia. E assim, de fato, o fiz, estando entregue a direção dos navios a Bois-le-Comte[1]. Bois-le-Comte, capitão da esquadra real na França Antártica, era um homem tão magnânimo e tão instruído em assuntos navais, que parecia não ter feito outra coisa em toda a sua vida. Isso sem falar nos demais predicados ou virtudes desse capitão.

A partida ocorreu no derradeiro dia de janeiro, às quatro horas da manhã, quando os navios fizeram velas, deixando o Rio de Janeiro,

1 O regresso de Thevet se deu, pois, a 31 de janeiro de 1556 (segundo N. Barré a 14 de fevereiro), tendo o frade viajado na esquadrilha chefiada pelo sobrinho de Villegagnon, M. de Boissy, *seigneur de Bois-le-Comte* (Cf. Heulhard, p. 119).
Quanto tempo se demorou, pois, Thevet no Brasil? Uns três meses, ao todo, isto é, o espaço compreendido entre 10 de novembro de 1555 (ou um pouco antes, data da ancoragem em Macaé) e 31 de janeiro de 1556. E, assim, teria razão Léry quando nota

rumo do alto-mar, isto é, de um mar situado abaixo da outra costa, a do poente, a qual, na viagem de vinda, fora acompanhada de perto e agora, em deixando a destra, – por um caminho, pois, inteiramente contrário. E

---

que, em um tempo tão exíguo, não era possível ao nosso franciscano observar e descrever tantas coisas, – as plantas exóticas, os animais americanos, os costumes dos selvagens, etc.

Todavia, creio que Thevet fez duas viagens ao Brasil. "*Nos meilleures sources on ce qui concerne les croyances religieuses de ces Indiens sont sons contredit les auvres de Thevet qui, en 1550 et en 1554, fit deue voyages au Bresil*", – diz Métraux *(La religion des Tupinamba,* p. 2*). Métraux consultou a Histoire d'André Thevet Angoumoisin, cosmographe du Roy, de deus voyages par luy feicts aux Indes Australes et Occidentales*, etc., mss da Biblioteca Nacional de Paris (na opinião desse americanista há um erro: o da segunda data da viagem, que ocorreu em 1555).

Heulhard (p. 91), referindo-se ao assunto, nota que Thevet, ao escrever o mss acima referido, já estava em idade avançada, motivo pelo qual sua memória o induzia frequentemente a cair em erros e em contradições. Sobre a data mesmo de sua primeira viagem, por exemplo, embora a que menciona com mais frequência seja a de 1550… *l'an mil cinq cens cinquante, souls la conduitte de ce valeureux pilote et capitaine Testu* [refere-se a Guilherme-le-Testu] *qui depuis a fini ses jours en la terre continente du Péru. Depuis, l'an cinq cinquante cinq je feis un autre voyage et accompagney le seigneur de Villegagnon, avec lequel je demeuray quelques années. Je scay bien que ce menteur Léry s'est persuadé que je retournay en France la même année que j'arrivay là. Et per son propre témoignage et pour plus illustrer sa lourde menterie, il confesse en un autre endroict* (f. 101) *que je party de ce païs là et pris congé de la compagnie pour retourner en France l'an mil cinq cens cinquante huit. Depuis, estant ce galand adverty par queques-uns de mes amis de la faute par lui faite, à la seconde edition imprimée à Genève, pour se justifier, s'est contredit*".

Há quem pretenda que Villegagnon, antes da sua expedição oficial, empreendeu uma viagem de reconhecimento ao Brasil. Assim o diz Heulhard (pp. 93 e 94), fato também confirmado por Baltasar da Silva Lisboa (cap. II, § 3º). Da mesma opinião é Antônio Duarte Nunes (p. 97). "A lógica, antes de tudo (escreve A. Morales de los Rios, p. 1.074), admite facilmente a ideia de uma expedição pessoal, de reconhecimento, antes de um capitão aventurar-se por mares que dantes ele não navegou. Além disso, Léry não é infalível e ele apenas aqui chegou depois do acontecimento de 1555"… E conclui (pp. 1.076 e 1.077): "Se a data dessa primeira viagem é ainda hoje incerta, pode, no entanto, ser estabelecida, com certa aproximação, entre os anos de 1552 e 1554. Efetivamente, em julho de 1552, André Thevet voltava a Dieppe de sua primeira expedição feita em companhia de Guilherme-le-Testu e é certo e positivo que o mesmo franciscano acompanhou Villegagnon na expedição de 1555, que este último comandava e à qual ele soube incorporar o experimentado cosmógrafo, cuja reputação crescia depois de cada nova viagem e que sem dúvida bastante influenciou nas decisões de Villegagnon, pelas narrações que este, na sua volta, não deixaria de fazer entre os cortesãos , aos quais distribuiu belos presentes de

tomou-se essa rota tendo em vista a direção dos ventos, muito embora não haja dúvida de que ela aumentaria de mais de quatrocentas ou quinhentas léguas a viagem de retorno, ou torná-la-ia mais difícil.

No começo da navegação foi o vento bastante propício, não obstante sua pouca duração, pois logo sobrevieram outros ventos, furiosos,

---

penas e penachos que daqui levou. Essa primeira viagem de Thevet parece ter sido muito mais longa que a segunda."

Assim o diz Morales de los Rios. Penso, todavia, que o ano de 1550 é o mais indicado para ser o da primeira viagem de Thevet ao Brasil. Referindo-se a ela, observa Heulhart (pp. 92 e 93): "*Malgré les contradictions de Thevet, il semble positivement que l'année 1550 fut celle de son premier voyage avec Le Testu. L'inscription de Nane, Tourangeau, étant de décembre 1551, et Thevet n'étant rentré qu'environ juillet à Dieppe, il se confirmerait bien que ce voyage fut, comme il le dit, le plus long des deux. Sur ce premier voyage Thevet nous conte un peau tout ce qu'il vent. Il prétend avoir habité chez Ise Tapouyz, lisez: Tupis, et au village de Margariampin. De cette région, il nous dit mille horreurs, des raffinements de cannibalisme qui font frémir: une vieille femme vampire coupe la tête de son petit-fils agé de sept ans, et pour ce trou lui boit la cervelle et le sang… C'est à ce voyage qu'il vit ces sacrifices de prisonniers promenés dans tout le village, coiffés de bonnets, ornés de bracelets et de robes de plumes, celles-ci de couleur si magnifique qu'il en rapporte une au president Bertrandi, depuis cardinal. Bertrandi en fit ensuite present à Henri II: elle était plumes* 'arrassoit ou arait assoja-boucou, touapuap *et autres'. Il se vaute d'être allé à cent quarante lieus dans les terres, en avant du cap Frio au delà des montagnes, sur la rivière du Paraï. Ici la nudité des habitants était absolue, irrémédiable même, car, émerveillés des robes rouges, vertes ou jaunes qu'on leur donnait après la coude du brésil, ils n'osaient les porter et les laissaient s'abiner dans leurs cabanes. Assis par terre, les genoux contre les yeux, dans leurs assemblées, ils posaient leurs chemises sur les épaules de peur de les gâter. Thevet prétand également qu'il a recouvert une île à laquelle il a donné son nom. Il en est question au chapitre IV du 23º livre de la Cosmographic. Au* Grand Insulaire, *manuscrit du même Thevet, est annexée une carte gravée de l'île. Cette ilê est située sous le pays des Margageats à l'embouchure de la rivière du Plantin. Thevet la découvrit après avoir passé la rivière de Monpion et celle des Vases. Il en fait une description digne du paradis terrestre. C'était un pays immense, puisque quelques-uns de la troupe y coururent plus de cent lieues. On sait ce qu'il faut entendre por une ile: c'est une terre où on aborde du côté de la mer et dont on ne connait pas les limites. Il est donc bien difficile de savoir à quoi correspond l'ile de Thevet.* "

Em suma, Thevet teria vindo ao Brasil em 1550. Há, porém, uma importante circunstância, que lança dúvida sobre a viagem de 1550. É que Thevet, em sua obra *Les Singularitez de la France Antarctique*. não faz nenhuma referência a essa misteriosa expedição de Le Testu, – fato realmente estranhável e desconcertante.

do norte e do noroeste, fustigando-nos o rosto – com o que, juntamente à instabilidade e à insegurança dos mares dessas regiões, foram as embarcações jogadas em todas as direções. E, só após muitas dificuldades, se avistou o cabo Frio, no qual desembarcou a expedição em sua viagem anterior.

O cabo de Santo Agostinho.

No cabo Frio estiveram as naus paradas por espaço de oito dias até que, ao nono, o vento do sul soprou pela popa e conduziu-as a umas noventa léguas de mar adentro. Deixou-se, pois, atrás, o país, evitando os perigos da costa de Mahouac, visto que nela estacionam os portugueses e os selvagens seus aliados, ambos, como já se disse em outra parte, inimigos dos franceses (dois anos antes, realmente, os portugueses encontraram em Mahouac minas de ouro e de prata, motivo pelo qual lá se estabeleceram e construíram habitações)[2]. E, sempre assim navegando, atingiu-se, à custa de muitos sacrifícios, à altura do cabo de Santo Agostinho; para dobrá-lo e vencê-lo (tanto esse enorme cabo se lança de mar adentro) os navios gastaram cerca de dois meses, jogando de um lado para outro[3], embora tal fato não seja para admirar, porquanto me lembra ter havido navios que gastaram três ou quatro meses. Se o vento, realmente, não nos tem favorecido, correríamos o risco de demorar muito mais, ou passar por outros percalços.

O cabo da Boa Esperança: porque se chama "Leão do Mar". Outro cabo perigoso: o de Santo Ângelo.

O cabo de Santo Agostinho tem cerca de oito léguas de extensão e dista do Rio, de onde partimos, trezentas e duas léguas. Lança-se de mar adentro no mínimo umas nove ou dez léguas. É tão temido dos navegantes

2 Thevet ora escreve Mahouac (f. 118), ora Mahouhac (f. 129). Gaffarel identifica Mahouac com Macaé. Cf. o cap. XXII, nota correspondente. Mas é possível que Thevet queira referir-se à costa do Espírito Santo, chamada pelos índios de Moah ou Mboab (Porto Seguro, I, p. 216), *Moaba* ou *poaba*, isto é, o presídio, a fortaleza (nota de Plínio Airosa à recente ed. bras. de Léry, p. 70), pois à f. 42 Thevet, referindo-se a Macaé, escreve *Maqueh*.
Sobre os primórdios ou origens da capitania da Paraíba do Sul, vd. C. Malheiro Dias ("O regime feudal das donatárias", III, p. 237 *sq*.).

3 Léry, no cap. XXI, confirma as dificuldades, que teve de suportar o navio *Jacques* em sua viagem de volta para a Europa. O *Jacques*, tendo deixado a baía de Guanabara a 4 de janeiro de 1558, em fins de fevereiro ainda se achava a três graus da Linha equinocial.

quanto o da Boa Esperança, na costa da Etiópia, por esse motivo chamado de Leão do Mar, conforme já o disse. Ou tanto quanto o de Santo Ângelo[4], no mar Egeu ou de Acaia (hoje chamada de Moreia).

Descobrimento do país, feito pelo capitão Pinzón.

Foi assim chamado pelo que primeiro o descobriu, isto é, o espanhol Pinzón, de acordo com as indicações das cartas marinhas. Pinzón e seu filho descobriram várias regiões desconhecidas e das quais antes ninguém tinha notícia.

Castelmarin. Pernambuco.

No ano de 1501, o monarca português d. Manuel enviou três grandes navios à América do Sul, em busca do estreito de Furna e de Darien e, desse modo, encontraram uma passagem para as Molucas mais fácil que a de Magalhães[5]. Navegando-se, então, por essa costa, descobriu-se o belo promontório, acima referido, no qual desembarcaram os portugueses: o lugar era tão bom e temperado, embora estivesse situado a 340 graus de longitude e a oito graus de latitude – minutos 0 – que os descobridores lá se estabeleceram, seguindo-se-lhes muitos outros portugueses, com o seus numerosos navios e colonos. E, com o decorrer dos tempos, já agora familiarizados com os naturais, edificaram o fortim chamado Castelmarin[6], ao qual se seguiu um outro, muito próximo, de nome Pernambuco.

---

4 No texto, Saint Ange. O cabo de Santo Ângelo não é o Matapã atual, como supõe Gaffarel, mas o Malia. Cf. V. de Saint-Martin, III, p. 587.

5 Thevet, como observa Gaffarel, esquece que, ao tempo do Pinzón, o estreito de Magalhães ainda não tinha sido descoberto. A viagem de 1501 é a de Fernão de Loronha (nome hoje corrompido para Fernando de Noronha), da qual tomou parte Vespúcio. O descobrimento do cabo de *Santa Maria de la Consolación*, geralmente identificado com o promontório pernambucano, remonta a 1500. Mas, é provável que o *S. M. de la Consolación* seja o cabo de Orange, como bem o demonstrou o prof. Duarte Leite, "Os falsos precursores", II p. 126, *sq*.

6 Staden assim descreve a sua passagem pelo litoral pernambucano: "Continuamos a viagem através do oceano, com bom vento. A 28 de janeiro [1548] houvemos vista de terra, vizinha de um cabo chamado Sanct Augustin. A oito milhas daí, chegamos a um porto denominado *Prannenbucke*. Contavam-se oitenta e quatro dias que tínhamos estado no mar sem ter avistado a terra. Aí os portugueses tinham estabelecido uma colônia cha-

Em ambos há muito tráfico. Os portugueses levam dali algodão, peles de animais, especiarias, e, entre outras coisas, prisioneiros. Isto é, os selvagens cativados em guerra, por seus inimigos, os quais os portugueses vendem em Portugal[7].

---

mada Marin" (p. 32). A colônia era a vila de Olinda, a que o gentio dava o nome de *Mairy*, a saber, a cidade ou *povoação* (nota de Teodoro Sampaio, *ib*.), citando Hans Staden até o nome do governador da colônia, Arto Koslio, isto é, Duarte Coelho. A f. 129, Thevet escreve *Chasteaumarin*.

Trata-se, pois, do Castelo de Marim, que, realmente, era, em seus primeiros tempos, um *blockhause* artilhado, ou fortim. Todavia o Castelmarim de Thevet não deve ser confundido com a "*petite forteresse de bois, qui sert d'asile à quelques Portugais exilés*", de que nos fala Gaffarel (*Histoire du Brésil Français*, p. 63) e do qual tratam alguns antigos documentos (J. F. de Almeida Prado, *Pernambuco e as Capitanias do Norte do Brasil*, I, pp. 46 e 47).

7 Curiosa referência de Thevet ao tráfico de escravos brancos. Desde muito cedo, realmente, o indígena incorporou-se, como escravo, ao sistema econômico do explorador europeu. A frota de Pinzón levou consigo trinta e seis escravos, "para não tornar sem ganho". Pouco mais do que isso é o número de peças pertencentes a uma das cargas da nau *Bretoa*, que traficava, de preferência, na feitoria do cabo Frio (1511). A *Newem Zeytung* fala-nos dos escravos, que iam na coberta dos dois navios, capitaneados possivelmente por Cristóvão Jacques e João de Lisboa, sendo que essa carga humana pouco custara aos portugueses, pois os naturais, julgando partir para a terra da promissão, entregavam-se, na maior parte, por livre vontade (Clemente Brandeburger, p. 40). Diz Gandavo, de fato, que, cobiçando os nossos índios coisas vindas do reino, a saber, camisas, pelotes, ferramentas, "vendiam-se a troco delas". Demais, existindo a escravidão dentro do próprio regime político-social das comunidades indígenas, era natural que os silvícolas cedessem aos colonos os seus prisioneiros de guerra, os chamados gêneros de resgate.

. . . .

Capítulo LXI

DOS CANIBAIS – TANTO OS DA TERRA FIRME QUANTO OS DAS ILHAS. E DA ÁRVORE CHAMADA *ACAIOU*

A ilha de São Paulo.

DOBRADO E VENCIDO, muito embora dificilmente, o enorme promontório, era preciso tentar a sorte e avançar, tanto quanto possível, pelo nosso caminho, mesmo porque os ventos se mostravam, alguma coisa, favoráveis. Isso sem nos afastar demasiadamente da terra firme, sobretudo, de uma ilha chamada de São Paulo[1] e de outras pequenas, desabitadas, próximas do continente, isto é, da região onde vivem os canibais, a qual, como explicarei adiante, serve de divisa entre as terras pertencentes ao rei de Espanha e as terras pertencentes ao rei de Portugal. E, já que estamos à vista dos canibais, direi, a propósito deles, algumas palavras.

---

1 Começa Thevet dizendo que era intenção da esquadrilha não afastar-se muito da terra firme e, sobretudo, de uma ilha chamada de São Paulo, assim como de outras, pequenas e desabitadas, próximas da *terra dos canibais*. Thevet designava pelo nome de *terra dos canibais* as regiões do cabo de Santo Agostinho para cima (até a Venezuela) e por *ilhas dos canibais* todas as ínsulas vizinhas do continente, sobretudo as Antilhas. *Canibalor Terra*, ou simplesmente *Canibali*, são duas nomenclaturas, que aparecem na região à margem direita da foz do Amazonas (J. Schöner, 1520; S. Münster, 1540). As *ilhas dos canibais* eram propriamente as Pequenas Antilhas (*Insule Canibalor sive Antiglie* é como está

22. O cajueiro (Thevet).

na carta de J. Schöner, a de 1520; por *y de los Canibales* se designavam também as Bahamas, conforme se vê no mapa de Canerio, 1505-1506), embora por *Canibales* I fosse também conhecida uma ilha perto da foz do Orenoco, possivelmente a Trindade (J. Ruysch, 1508; J. Schöner, 1508).

Aproveitando, então, a oportunidade, o nosso frade conta algumas histórias dos canibais. Em seguida, escreve: *Le païs au surplus est trop milleur qu'il n'appartiet a telle canaille*: *car il porte fruits en abondance, herbes, et racines cordiales, avec grande quantité d'arbres qu'ils nomment Acaïous*", etc. À margem do texto, onde se encontra essa descrição, lê-se:

Fertilité du
païs des
Canibales.

Em nota à p. 316 (*Les Sing*., ed. de 1878), Gaffarel supõe que a ilha de São Paulo seja o penedo mais conhecido pelo nome de São Pedro e que as *outras ilhasinhas desabitadas*, próximas do continente, a que se refere o autor das *Singularidades*, são a da Trindade, a de Martins Vaz e a de Fernando de Noronha. E, comentando o trecho acima, observa Hoehne (*Bot*., p. 135) que Thevet não se refere ao caju como nativo do Brasil, citando-o, entretanto, na ilha de Fernando de Noronha. – engano que repete J. F. de Almeida Prado, *Pernambuco e as capitanias do Norte do Brasil*, I, p. 108.

E bem possível que a ilha de São Paulo, a que se refere Thevet, seja a penedia solitária do mesmo nome, à qual as cartas britânicas dão o nome de *St. Paul Rocks*, situadas a 0º 55' 28" de latitude N. e 29º 22' 32" de longitude W. G. (também conhecida pelo nome de *Rochedos de São Pedro e de São Paulo*). As outras ilhazitas desabitadas, próximas da terra firme, são, talvez, as Rocas. Faz-se preciso, porém, esclarecer o seguinte: Thevet não diz que avistou a ilha de São Paulo, mas apenas que era propósito da esquadrilha não afastar-se muito dela. Essa parece ser a boa interpretação do texto, porquanto, mais adiante, a esquadrilha aborda a ilha dos Ratos, que identifiquei, sem nenhuma dúvida, com a Fernando de Noronha. Não era possível que os navios de Bois-le-Comte tivessem atingido a lat. de 0º, 55', para, depois, descerem à de 4º, que é onde está localizado o arquipélago de Fernando de Noronha.

Também há outra coisa, que é preciso esclarecer: Thevet, ao descrever a ilha dos Ratos (incontestavelmente a Fernando de Noronha), não fala no cajueiro. Por outro lado, esse autor refere-se aos cajueiros existentes na *região*, que ele chama dos *canibais*, do cabo de Santo Agostinho ao Maranhão (Amazonas), isto é, a região de uma gente cruel e desumana, que usava botoques de nefrite, mas vivia numa terra abundante de frutos dos melhores, inclusive de cajus. Em suma, Thevet, na realidade, descreve o cajueiro do norte ou, talvez, o cajueiro gigante (*Anacardium giganteum,* Hange) das matas hidrófilas do vale do Amazonas e do Pará. É possível, porém, que o franciscano se referisse mesmo ao cajueiro do Nordeste, que, embora indígena nas regiões litorâneas de todas as zonas

Desumanidade dos canibais.

Esses povos, do cabo de Santo Agostinho até perto do Maranhão, são mais cruéis e desumanos que quaisquer outros da América[2], comendo ordinariamente carne humana, assim como a gente come carneiro (senão com maior prazer ainda). E assevero-vos que é difícil, quando se apoderam de algum prisioneiro, livrá-lo das suas mãos, pois têm a avidez dos leões famintos. Não há animal feroz, nos desertos da África ou da Arábia, que apeteça tão ardentemente o sangue humano quanto esses mais que brutais selvagens. Por isso, ninguém pôde ainda harmonizar-se com eles, quer os europeus, quer os demais povos americanos.

Seria inimizade entre os espanhóis e os canibais.

Quando alguém quer traficar com os canibais, ou visitar o seu país, deve, preliminarmente, enviar-lhes reféns tanto são desconfiados. Do contrário não será recebido. Não há confiança que sirva a nenhum desses

---

quentes e temperadas, é tipicamente halófilo (Hoehne, *A flora do Brasil*, p. 153). O *Anacardium occidentale* L., nos bons terrenos, chega a atingir a altura de vinte metros (M. Pio Correia, I, p. 401), – o que está de acordo com a observação de Léry.

Que o caju devia ser uma planta característica da zona do Nordeste, não resta dúvida, pois era a safra dessa planta que marcava o movimento deambulatório dos tapuias (Elias Herckmans, p. 279). Barleu menciona-o (p. 77) e Nieuhof (p. 291) observa que o caju existia em todo o território brasileiro, mas especialmente na ilha de Itamaracá. As "chuvas dos cajueiros" marcam a "estação verde", em contraposição à "estação seca" (A. J. de Sampaio, p. 117). "Chuva de caju" se chama no Ceará às chuvas peculiares aos meses de setembro e outubro (Bernardino José de Sousa, *Dicionário*, p. 136). No vocabulário pernambucano, coligido por F. A. Pereira da Costa, figuram expressões como estas: *Quantos cajus tem você? – Eu não sou caju. – Cara de castanha mandinga. – Quebrar a castanha* (p. 156 e seg.).

Em que ponto da costa do norte do Brasil Thevet teve oportunidade de observar o cajueiro, – não se sabe. Em Fernando de Noronha é que não o foi, pois a ilha estava desabitada e a gravura do cajueiro mostra um índio trepado à arvore e três outros, que recolhem os cajus e espremem-lhes o suco em um vaso.

Um estudo interessante de João Peretti, lê-se nos *Arquivos*, publicação da Prefeitura Municipal do Recife, 2º, Recife, 1942, pp. 145-150, a qual, sob a orientação e direção do prefeito Novais Filho, já vai no seu segundo volume. Nesse particular, como em muitos outros aspectos, o prefeito Novais Filho tem realizado uma boa administração.

2 Thevet, quando menciona a América, refere-se à região continental abaixo do equador, ou melhor à sua França Antártica. O Maranhão (no texto *Marignã*) é o rio Amazonas. Mas é também certo que Thevet, mais adiante, confunde o Orenoco com o Amazonas. V., sobre a palavra *Marignã*, o cap. XL, nota correspondente.

índios, mesmo em se tratando dos mais dignamente colocados. E eis a razão por que, espanhóis e portugueses, algumas vezes têm feito aos canibais represálias, em lembrança das quais, quando lhes é possível, Deus sabe a vingança que tiram (pois os selvagens também devoram os europeus). Há, pois, perpétua inimizade entre uns e outros, sendo os índios, em certas ocasiões, bem castigados (de tal modo que vivem o mais possível afastados dos europeus).

Fertilidade da terra dos canibais.
Árvores mortíferas. O *haounay*.

Os canibais usam, nos lábios, pedras verdes e brancas, como os demais indígenas do continente, porém comparativamente muito maiores, algumas chegando-lhes até os peitos. A terra, de resto, é das melhores que possui essa gentalha, dando frutos em abundância, ervas e raízes cordiais, inclusive grande quantidade das árvores chamadas *acaious*[3]. O fruto do acaiou é da grossura de um punho e tem a forma de um ovo de pato. Alguns fazem dele certa beberagem, se bem que não tenha muito bom sabor, pois o seu gosto é o da sorva meio madura. Da ponta desse fruto pende uma espécie de noz da grossura das castanhas e da feição dos rins da lebre; o caroço é muito saboroso, mas precisa ser levado brandamente ao fogo, sendo a casca muito oleosa e acidulada. Os selvagens poderiam recolher essas castanhas em maior quantidade do que o fazemos com as nossas nozes. As folhas da árvore, avermelhadas no ápice, são semelhantes às da pereira, embora mais alongadas. Também um tanto avermelhada é a casca e bastante amarga. Os selvagens, finalmente, não empregam a madeira dessa árvore, por ser um pouco branda, a não ser as das ilhas, onde há muita quantidade, assim mesmo para fazer fogo (pois, a não ser o guaiaco, não possuem outra mais apropriada). Eis o que eu queria dizer do *acaiou*, acres-

---

3 No texto, *Acaïous*. Léry grafa *Aca-iou* (p. 192) e, acompanhando Thevet, compara o cajueiro à sorveira europeia e o receptáculo carnoso, na forma, ao ovo da galinha.
Acaju é também a maneira de escrever de Anchieta (p. 430) e de Cardim (p. 57), sendo que Cardim também diz que a madeira serve para o fogo. Rodolfo Garcia observa que o termo *acaju* é, hoje em dia, reservado à *Cedrela guyanensis* J., da família das meliáceas, que vegeta na região amazônica (nota à p. 122 da obra de Cardim). Abbeville menciona as suas diversas variedades, o *caju-ête*, o *caju-pirau*, etc., também observando a forma de rim de castanha: a utilidade desta ninguém a mostrou melhor do que Gabriel Soares de Sousa (pp. 206 e 207). Interessante o vocabulário coligido por Artur Neiva, p. 73 *sq*.

centando à descrição o desenho ao lado. Outras árvores há ainda, em tais regiões, mas cujo fruto é venenoso, entre as quais uma de nome *haounay*[4].

Riqueza da terra dos canibais.

O país é muito montanhoso, sendo, aliás, rico de algumas minas de ouro. Em uma dessas altas e ricas montanhas, os selvagens extraem as pedras verdes[5], que trazem nos lábios, acreditando eu ser possível que nela se encontrem esmeraldas e outras riquezas (assim esse terrível povo permitisse a sua exploração segura); ou, semelhante, mármores brancos e negros, jaspe e pórfiro.

O rio de Maranhão separa o Peru da terra dos canibais.
O Orellana, rio do Peru.

Em toda essa região, do promontório de Santo Agostinho, que passamos, ao rio do Maranhão, os selvagens têm um meio de vida igual aos dos demais indígenas do cabo Frio. O rio do Maranhão, que separa a terra do Peru da dos canibais, conta, mais ou menos, quinze léguas de embocadura, com algumas ilhas povoadas e ricas de ouro, tendo os selvagens aprendido o processo de fundir o metal. Assim, do ouro fabricam anéis grandes como argolas e pequenos crescentes, que penduram, por galanteria ou pompa, nas narinas e nas faces. Afirmam os espanhóis que o rio chamado Orellana, oriundo do Peru, se une ao do Maranhão.

A ilha da Trindade, que é muito rica.
Espécie de árvore semelhante à palmeira.

No Maranhão existe ainda outra ilha, de nome Trindade, que dista dez graus do Equador; tem de comprimento cerca de trinta léguas e oito de largura, sendo tão rica quanto a que mais for, porquanto possui todas as espécies de metais. Mas, os espanhóis, desembarcando lá várias vezes,

---

4. No texto, *Haounay*. O "Aouai… *put et sent fort les aulx, que quand on le coupe ou qu'on en met au feu, on ne peut durer aùx près*", diz Léry (p. 189 e 190), repetindo Thevet ("*L'arbre sent mal, et a l'odeur merueilleusement puante quand on le coupe: qui est cause qu'ils n'en usent aucunement en leur mesnage*", em *Cosm. Univ.*, f. 922).
   Trata-se do agaí, *Thevetia Ahouai* DC. (*Cerbera ahouai* L.), em que pese a opinião contrária de Hoehne (*Bot.*, p. 135). As folhas do agaí, como se sabe, são ictiocidas.
5 Cf. o cap. XXXIV, nota correspondente.

com o objetivo de conquistar o país, maltrataram de tal modo os naturais que foram rudemente repelidos. A melhor parte da ilha já foi saqueada. A ilha da Trindade, enfim, produz abundantemente certo fruto, cuja árvore lembra a palmeira. Do fruto fabrica-se uma espécie de bebida[6]. E, ainda, incenso muito bom, assim como o hoje celebrado pau de guaiaco (como, também, acontece em outros arquipélagos próximos da terra firme).

Entre o Peru e a terra dos indígenas, de que falo, há umas ilhas chamadas dos Canibais. Ficam bem perto da terra de Zamana[7], estando a principal distante da Espanhola perto de trinta léguas. Estão todas sob a jurisdição de um rei, a que dão o nome de ca*cique*[8] e ao qual obedecem estritamente. A maior das ilhas dos Canibais tem de comprido sessenta léguas e de largura quarenta e oito, sendo tão rude e montanhosa quanto a da Córsega. Nela é que vive, quase sempre, o cacique. Seus habitantes são inimigos tão mortais dos espanhóis que estes, de maneira alguma, podem lá traficar. Tal é esse espantoso, arrogante e intrépido povo, todavia dado à pilhagem.

Direi ainda que existem nas ilhas dos Canibais várias árvores de guaiaco; assim como outra espécie de planta, cujo fruto tem a grossura de uma pela, de boa aparência, mas venenoso. Com o suco[9] desse vegetal, os índios embebem suas flechas, reservadas para os inimigos. Mais uma árvore venenosa se encontra na região: o líquido, que se extrai da planta sarjada, é mortífero como o do rosagal; mas a raiz é comestível, pelo que os silvícolas fazem farinha, da qual se alimentam, embora seja a árvore, quanto ao tronco, aos ramos e às folhagens, diferente da planta similar da América. A razão pela qual uma mesma planta é, ao mesmo tempo, venenosa e alimentícia, os filósofos que o digam.

O modo de guerrear dos índios, de que trato, é o mesmo dos demais canibais e indígenas americanos, já descritos, exceto no que diz res-

---

6 Trata-se do *cumaru* (*Coumarouna odorata* Aublet), que toma o nome de *sarrapia* em Venezuela.

7 *Zamana*, no texto. Xamana, Samaná, baía e cabo da costa oriental da República Dominicana.

8 No texto, *Cassique*. Cacique é palavra de origem haitiana.

9 Sobre as flechas envenenadas, cf. J. Nipgen, p. 141. Interessante nota de Spix & Martius à pp. 255-257 da sua *Viagem pelo Brasil*, vol. III.

peito ao uso das fundas[10], feitas com peles de animais, ou de cascas de árvores. E nisso são tão destros quais os baleares, que, como diz Vegécio, foram os inventores dessa arma e os mais excelentes fundibulários do mundo.

---

10 Thevet trata, possivelmente, dos caraíbas. Mas, a funda só existia esporadicamente na planície amazônica, sendo frequente no litoral do Pacífico, do México à Terra do Fogo. Sabe-se que a funda era, em geral, usada no exército incásico. Cf. Montandon, pp. 396 e 397.

As fundas, ou armas semelhantes, eram também empregadas por algumas tribos tupis-guaranis do Chaco (ou chiriguanos) e do Brasil meridional, contrariamente ao que supõe Métraux (*La civilisation materielle*, p. 80), pois Cardim menciona as "bolas de arremesso" dos carijós (p. 36). H. v. Ihering ("*Arqueológica comparativa*", p. 572) e Carlos Teschauer (p. 213) confirmam a existência de bolas de jato em regiões do atual Estado do Rio Grande do Sul.

. . . .

Capítulo LXII

DO RIO DAS AMAZONAS, TAMBÉM CHAMADO DE ORELLANA, PELO QUAL SE PODE NAVEGAR ATÉ O PAÍS DAS AMAZONAS E ATÉ A FRANÇA ANTÁRTICA

O mar Pacífico ou Magalhânico.

JÁ QUE ESTOU COM A PENA NA MÃO, escrevendo sobre as regiões descobertas e habitadas de além-Equador, entre o Meio-dia e o Poente, tudo com o objetivo de ilustrar e vulgarizar tais acontecimentos, ocorreu-me relatar uma viagem árdua e longínqua ousadamente empreendida por alguns espanhóis, através de oceanos e terras, até as regiões banhadas pelo Pacífico (também chamado mar Magalhânico), nas quais se acham as ilhas das Molucas e outros arquipélagos. E, para melhor compreender minha narrativa, é preciso notar que o príncipe espanhol mantém sob a sua jurisdição uma vasta extensão continental, nas Índias Ocidentais, constituída tanto por ilhas como por terras firmes, no Peru e na América; com o decorrer dos tempos todas essas regiões foram pacificadas, de modo que hoje dão as mesmas apreciáveis rendas e emolumentos.

Situação do rio da Prata.

Assim, esse capitão espanhol[1], estando no Peru a serviço de seu rei, deliberou, certo dia, sair a explorar o continente, por mares e terras, até o rio da Prata (que dista do cabo de Santo Agostinho, para lá da linha equino-

---

1 Thevet refere-se à viagem de Francisco de Orellana (1541-1542). A narrativa do frade é falha e truncada e as anotações de Gaffarel, em grande parte, já hoje não têm muito valor diante dos recentes estudos realizados sobre o assunto.

cial, setecentas léguas e do referido cabo às ilhas do Peru perto de trezentas), – isso sem levar em conta nem a longitude dos caminhos, ou inacessibilidade das montanhas, nem a hostilidade das populações ou dos animais ferozes.

Esperava o seu autor, com a execução de tão alta empresa, adquirir, não só incomensuráveis riquezas, como também um nome imortal, cuja glória se perpetuaria pela posteridade afora. E, de fato, tendo posto tudo em boa ordem, como o merecia a empresa, isto é, estando munido de suficiente equipagem e de mercadorias necessárias para trocar, em caminho, por víveres e outras munições, partiram, em algumas pequenas caravelas, das margens do rio de Orellana. Acompanhavam-no cinquenta espanhóis, certo número de escravos para os serviços pesados e alguns insulares, já cristianizados, destinados a servir de guias e de intérpretes[2].

Situação e admirável grandeza do rio de Orellana. Origem do Nilo. O rio de Orellana ou das Amazonas.

O Orellana, posso assegurar, é o maior e mais largo rio do mundo, pois tem, de margem a margem, cinquenta e nove léguas e excede de

2 A respeito da expedição de Orellana, cf.: C. B. Ramusio, *Primo volume*, & *seconda editione delle navigatione et viaggi in motti ivoghi*, etc… Venezia, 1554; Agustín de Zárate, *Historia del descubrimiento y de la conquista del Perú*, Madri, 1886 (a 1ª. ed. é o do século XVI); F. López de Gomara, *Historia general de las Indias*, Madri, 1877 (a 1ª ed. é do século XVI); Garcilaso de la Vega, *La Florida del Inca*, Madri, 1723 (a 1ª ed. é de 1605); Antonio Herrera, *Historia General de los Hechos de los Castellanos en las Islas i tierra firme del Mar oceano,* Madri, 1601; *Simão Estacio da Silveira, Relação sumária das cousas do Maranhão*, Lisboa, 1624; Cristoval de Acuña, *Nuevo descubrimiento del gran Rio de las Amazonas*, Madri, 1641; La Condamine, *Relation abrégée d'un voyage fait dans l'interieur de l'Amérique Méridional, depuis la côte de la Mer du Sud, jusqu'aux Côtes du Brésil & de la Guiane, en descendant la Rivière des Amazones*, Paris, 1745.
A obra de Gaspar de Carvajal, que é um relatório sincero e fiel da expedição de Orellana, foi aproveitada por G. F. de Oviedo (cf. *Historia General y Natural de las Indias*, IV, p. 541 sq., Madri, 1855) e publicada integralmente por José Toribio Medina (cf. *Descubrimiento del Rio de las Amazonas*, etc., Sevilha, 1894). Recentemente, a narrativa de Carvajal foi traduzida por C. de Melo Leitão e publicada na coleção "Brasiliana", São Paulo, 1941, Companhia Editora Nacional, acompanhada do Novo Descobrimento de Acuña e de uma relação anônima atribuída ao jesuíta Alonso de Rojas.

mil em comprimento[3]. Muitos o denominam de Mar Doce. Procede das fraldas das altas montanhas de Moullubẽba[4], juntamente com o rio Maranhão, com o qual se associa, a cerca de seiscentas léguas de continente adentro, muito embora suas embocaduras distem, uma da outra, cento e quatro léguas. A maré invade o rio por umas quarenta léguas, o qual cresce em dadas épocas do ano (como acontece com o Nilo, que banha o Egito e nasce, segundo a opinião possivelmente exata de alguns, nas montanhas da Lua)[5]. Seu nome provém daquele que primeiro tentou tão longa navegação, pois antes tinha o nome de rio das Amazonas dado pelos seus descobridores e assim registrado nas cartas geográficas.

A navegação do Orellana é assombrosamente difícil, por causa da correnteza, perene em todas as estações, sem falar de alguns altos penedos situados na foz, que só arduamente se pode evitar. Quando se sobe bastante, de rio acima, surgem algumas belas ilhas, umas povoadas, outras não. De resto, é o Orellana perigoso em todo o percurso, por estar com suas águas e margens repletas de diferentes povos, bárbaros e desumanos, os quais, temendo o saque dos estrangeiros, hostilizam-nos há longos tempos: quando os bárbaros têm a sorte de apanhar algum europeu, matam-no sem remissão, devorando-o assado e cozido, como outra qualquer carne.

A ilha de Santa Cruz.

Partidos, pois, de uma dessas ilhas do Peru, chamada de Santa Cruz, no grande mar, à procura de uma passagem para o rio, os navegantes, aproveitando o vento maravilhosamente propício, velejaram por bem perto da costa, a fim de reconhecer-lhe, preliminarmente, o povo, os cos-

---

3 As dimensões estão, naturalmente, exageradas, exceto quanto ao seu comprimento, que é, de fato, de mais de 6.000 km. A respeito desse assunto, cf. Spix & Martius, *Viagem pelo Brasil*, III, p. 434 sq.

4 Mayobamba é como está escrito na obra de G. A. Thompson, III, p. 354. Sobre as controvérsias e recentes estudos a respeito das nascentes do rio Amazonas, cf. Gilberto Osório de Andrade, p. 38 sq.
A referência ao *Mar Doce* é exata. Cf. Duarte Leite, *Os falsos precursores*, p. 159 *sq*.

5 Thevet parece que trata do fenômeno da pororoca, que se faz sentir até 960 km da linha ideal do estuário. O regime do rio Amazonas é sujeito, realmente, às enchentes periódicas (época das chuvas torrenciais e do degelo dos Andes).

tumes, etc[6]. E, percorrendo assim o litoral, de um lado para outro, segundo lhes era possível, avistaram numerosos selvagens nas praias, os quais davam mostras de admiração por aquela estranha equipagem de pessoas, navios e munições adequadas para a guerra e a navegação. Mas, é verdade que, por sua parte, não menos admirados se mostravam os navegantes, diante dessa população brutal e agressiva, cujo ar, em suma, era o de quem os desejava abater. De maneira que a expedição prosseguiu a viagem por um longo espaço de tempo, sem encontrar oportunamente de ancorar e descer em terra.

Somente quando apertou a fome e outras necessidades, os navegantes se viram, finalmente, constrangidos a fechar o pano e lançar âncoras. O que fizeram perto da costa, à distância de um tiro de arcabuz, não lhes restando outra coisa senão solicitar dos naturais, por meio de sinais amistosos e outros expedientes, alguns víveres e o consentimento para a tripulação repousar em terra. Pelo que alguns indígenas, atraídos assim de longe, ousaram aproximar-se, em canoazinhas de cascas de árvore, que usam ordinariamente nas bacias fluviais, embora meio receosos, porquanto jamais tinham visto gente dessa espécie tão próxima de suas margens. E, como dessem sinais de crescente temor, mostraram-lhes os espanhóis algumas facas e outras reluzentes ferramentas, que tanto cobiçavam.

Com isso, isto é, depois de recebidos os pequenos presentes, os selvagens empenharam-se em buscar os alimentos pedidos, trazendo, de

---

6 A expedição começa propriamente com o avanço de Pizarro até o rio Coca, tributário do Napo. Ia atrás do chamado País da Canela. Nessa ocasião, começaram a faltar os víveres. Francisco de Orellana, um dos principais tenentes de Pizarro, ofereceu-se, então, para ir em busca de provisões, que os índios informavam existir, em abundância, na confluência do Coca com o Napo. Pizarro, que havia mandado construir um bergantim em Coca, entregou o barco a Orellana, assim como numerosas canoas tomadas aos índios.

Orellana levou em sua companhia 57 homens. Só a 9 de janeiro de 1542 os expedicionários puderam descer em terra e satisfazer a fome, que os torturava. O encontro com os omáguas, os incessantes combates com os índios, o episódio das amazonas, etc., – tudo vem minuciosamente narrado na relação de Carvajal. Em fins de agosto, Orellana entrou atrevidamente no mar e a 11 de setembro arribava à ilha de Cubágua.

Carvajal reabilitou o nome do grande aventureiro da pecha de traidor e de trânsfuga, que lhe lançaram Oviedo, Zárate e outros, pois, segundo o testemunho imparcial e honesto do frade, Orellana tentou, mais de uma vez, voltar ou enviar notícias a Pizarro, no que foi obstado pela tripulação.

fato, de acordo com as possibilidades do lugar, muito peixe de qualidade e muitas frutas de excelente sabor. Sucedeu mesmo que um desses selvagens, tendo massacrado, no dia anterior, quatro dos seus inimigos, os canibais, veio trazer aos visitantes dois membros humanos assados, – alimento esse que foi recusado.

Estatura dos selvagens.

Os índios, nessa ocasião avistados (como afirmaram os espanhóis), eram de alta estatura e de boa compleição, andando todos nus, como os demais silvícolas. Traziam ao peito largos crescentes de fino ouro, bem polidos, em forma de espelhos redondos. E não é preciso indagar se os espanhóis adquiriram tão belas preciosidades, que – creio firmemente – não lhes escaparam (pelo menos, não pouparam eles esforços para consegui-los).

Assim, reconfortados e providos de alimentos (sem falar das reservas que levavam), os navegantes só pensaram em desfraldar as velas, prosseguir viagem e abrir caminho. Antes, entretanto, fizeram nova distribuição de presentes.

Continuando, realmente, a viagem, a expedição percorreu mais de cem léguas, sem descer em terra, observando-se, nas margens do rio, selvagens dos mais variados aspectos, como os que foram vistos em sua segunda abordagem (adiante contarei esse encontro, a fim de evitar que a presente dissertação fique muito longa).

. . . .

Capítulo LXIII

ABORDAGEM DOS ESPANHÓIS EM UMA REGIÃO ONDE HABITAVAM AS AMAZONAS

As amazonas da América.

TANTAS JORNADAS FIZERAM OS ESPANHÓIS que foram ter, enfim, a uma região habitada pelas amazonas, cuja existência, aliás, jamais ninguém imaginara, pois os historiógrafos, visto não conhecerem os países recém-descobertos, nenhuma referência tinham feito dessas guerreiras.

Ao contrário da opinião de alguns autores, quero crer que são essas mulheres realmente amazonas, porquanto têm os mesmos costumes de suas homônimas da Ásia. E, antes de ir adiante, é preciso notar que as amazonas, das quais falo, vivem segregadas em certas ilhotas, as quais lhes servem também de fortaleza. Demais, quase não têm outra atividade senão a das guerras perpétuas contra os seus inimigos, – justamente como as amazonas descritas pelos historiógrafos. De fato, essas ilhas são frequentemente acometidas pelos inimigos, que lhes vão ao encontro, em canoas ou em outras embarcações, atacando-as a flechadas, embora se defendam estas por si mesmas, corajosamente, com ameaças, urros e os mais espantosos gestos.

As amazonas fabricam os seus escudos com os cascos das grandes tartarugas[1], como o leitor poderá observar na gravura seguinte. E, já

1 À f. 26, Thevet já se referiu aos escudos fabricados com as carapaças de tartarugas, usados pelas amazonas, acrescentando que chegou a ver uma dessas armas.

que chegou a oportunidade, direi algumas palavras a respeito dessas rudes e bravias mulheres, junto às quais os pobres selvagens não encontram lá tão grande consolo.

Antigamente haviam três espécies de amazonas.

Há, segundo ensina a História, três espécies de amazonas, em tudo semelhantes umas às outras, muito embora a diferença do meio em que viviam. As mais antigas existiam na África, entre as quais as górgonas, que tinham Medusa por sua rainha. As duas outras espécies de amazonas habitavam em Cítia, perto do rio Tanais, indo dominar, depois, uma parte da Ásia, próximo das águas do Termodonte. A quarta espécie de amazonas são as de que trata a presente narração.

Variedade de opiniões sobre o nome e etimologia da palavra *amazonas*.

Variam as opiniões a respeito da origem de seu nome. A mais comum era a de que essas guerreiras, ainda na juventude, queimavam os próprios seios; o objetivo dessa prática era torná-las mais destras na guerra. Acho estranho, entretanto, que isso seja verdade – embora a maior parte seja dessa opinião. E digam os médicos se tais partes do corpo podem ser, desse modo, cruelmente decepadas, sem causar isso a morte, visto que são tão sensíveis e vizinhas do coração. Se assim é, por uma que conseguisse escapar da morte, perder-se-iam cem.

Explicam outras a etimologia pela significação da partícula a (negativa) e do nome *maza* (pão), tendo em vista que as amazonas não viviam do pão, mas de outro qualquer alimento, – hipótese não menos absurda, porquanto teríamos de chamar de amazonas a muitos antigos povos, que não conheciam o pão, a exemplo dos trogloditos. E até mesmo a alguns dos da atualidade, como os selvagens americanos.

Filostrato.
As amazonas, mulheres belicosas.

Um terceiro grupo ensina que as amazonas (de *a*, negativa, e de *mazos*) quer dizer *mulheres criadas sem o leite materno*. Essa é, de fato, a etimologia mais razoável, de acordo com a lição de Filostrato. Se é que a origem não provém da Amazônida, nome de certa ninfa, ou de uma outra

23. *As amazonas (Thevet)*

chamada Amazonas, sacerdotisa de Diana e rainha de Éfeso. Essa é também a etimologia que eu considero melhor; dispute o contrário quem o quiser. Seja como for, as amazonas são mulheres belicosas.

A Ásia, tributária dos citas por espaço de quinhentos anos.

Para completar, lembro que, quando os citas, também chamados tártaros, foram expulsos do Egito, subjugaram a melhor parte da Ásia, reduzindo-a à obediência e tornando suas populações deles tributárias. É verdade que os citas consumiram muito tempo nessa expedição e conquista, devido à resistência dos soberbos asiáticos; tanto que as suas mulheres, aborrecidas por tão longa demora (com a boa Penélope de seu esposo Ulisses), através de várias graciosas missivas, advertiram-nos a retornarem aos penates, do contrário essa longa e intolerável ausência as forçaria a contrair novas alianças com os povos vizinhos, estando, em perigo de desaparecer a antiga linhagem dos citas. Mas, os citas, sem levar em conta os doces requestos das esposas, abstiveram-se corajosamente, por espaço de quinhentos anos, em manter a sujeição da altiva Ásia, até que Nino a livrou dessa miserável servidão. E, durante esses longos tempos, as mulheres citas não contraíram nenhuma aliança matrimonial, pela razão de que o casamento não seria para elas um meio de liberdade, mas, antes, de sujeição e servitude. De modo que deliberaram todas, por virtuoso acordo, tomar armas e exercitarem-se na arte bélica, porquanto os citas se reputavam descendentes do célebre Marte, deus da guerra.

Lâmpedo e Martésia, as primeiras rainhas das amazonas.

Tal propósito executaram virtuosamente as mulheres citas, sob a direção ora de Lâmpedo, ora de Martésia, suas rainhas. E não só defenderam seu país das invasões inimigas, mantendo-o em liberdade e magnitude, mas, ainda, realizaram belas conquistas, tanto na Europa quanto na própria Ásia (até o rio de que falei atrás, edificando nessas regiões, sobretudo em Éfeso, vários castelos, cidades e fortalezas. Feito o que, muitas delas foram reconduzidas ao seu país, com os ricos despojos dos inimigos, permanecendo o restante na Ásia. Finalmente, as guerreiras, para perpetuação da espécie, prostituíram-se voluntariamente com os povos vizinhos, sem, todavia, contraírem matrimônio, matando os filhos do sexo masculino e criando, com a maior diligência e cuidado, os do sexo feminino, as quais reservavam às armas.

As mulheres citas davam preferência aos exercícios bélicos e cinegéticos, antes que a qualquer outra atividade. Suas armas eram o arco e a flecha, assim como certos escudos, de que trata Virgílio na *Eneida*, quando, ao descrever o cerco de Troia, conta o socorro prestado por elas aos troianos, contra os gregos. E julgam alguns (pois já é tempo de voltar às amazonas americanas) que foram as mulheres citas que primeiro iniciaram os combates a cavalo.

Maneira de viver das amazonas da América.
Como as amazonas tratam os prisioneiros.

As amazonas americanas[2] vivem em cabanazinhas, ou nas cavernas rochosas, alimentando-se de peixes e veações outras, assim como de algumas excelentes frutas produzidas em suas terras. Matam os filhos

---

2 Spix & Martius (*Viagem pelo Brasil*, III, p. 198 e 199) assim resumem os fatos, que deram origem à lenda das amazonas americanas: *a)* Orellana foi avisado, por um cacique, acerca de uma comunidade de mulheres guerreiras, que os índios chamavam de *cunhá-puiara*, talvez pertencentes à família das omáguas, e, no rio Cunuris, hoje Trombetas, encontrou, entre os homens, mulheres combatentes (Herrera); *b*) Fernando de Ribeira depôs, sob juramento, ter ouvido falar de um reino de amazonas, existente em 1542, por ocasião de sua expedição ao oeste do Paraguai, abaixo do 12º de latitude sul; *c)* o missionário Baraza, em 1700, na mesma região visitada por Ribeira, registra uma notável lenda sobre o povo das amazonas; *d)* La Condamine ouviu contar que se avistaram amazonas, vindas do rio Caiamé, em Cuchinara, uma das embocaduras do Purus (segundo outras notícias, citadas por esse viajante, parece que as amazonas habitavam às margens do rio Irijó, afluente do Amazonas, e, também, a oeste das cataratas do Oiapoque). "A crença cega e sonhadora dos índios (continuam Spix & Martius) facilmente espalhou essa lenda por vastos territórios… A essa característica do índio, de admitir o prodígio, acrescentou-se ainda o pendor dos descobridores europeus, que se esforçavam por apresentar ao Velho Mundo, espantado, as suas façanhas, com os reflexos de tais fantasmagorias. Talvez quisessem impressionar Orellana com a feição belicosa de certa tribo, contando que até as mulheres pegavam em armas e a de algumas dessas mulheres, que combatiam ao lado dos maridos, na refrega à beira do rio Cumaris (ou Canuris?), veio completar a fábula." Realmente (concluem) os mundurucus, conforme explica Ribeira, costumavam acompanhar-se de suas mulheres, quando iam à guerra: estas tinham por mister fornecer aos guerreiros as flechas de combate.

O fato de a palavra *cunhá-puiara* pertencer à língua geral, cofirma a opinião de Métraux, a saber, de que o mito das amazonas foi grandemente espalhado pelos tupi-

machos, assim que nascem, devolvendo-os a seus prováveis pais; quanto às meninas, guardam-nas consigo, justamente como faziam as antigas amazonas da Ásia. Ordinariamente, guerreiam algumas outras nações e tratam com muita desumanidade os que caem em seu poder. Isto é, penduram-nos

---

nambás, ou melhor, pela família tupi-guarani (*La religion des Tupinamba*, p. 179). As informações, aliás, magras que Évreux deixou das amazonas, foram-lhe fornecidas pelos tupinambás (p. 23 e 24), como também as de Acuña (II, p.175). Os apapocuvas, segundo Curt Nimuendaju (p. 364), ainda se recordam das lendas das mulheres misógamas.

Mas, não só entre os tupi-guaranis. Os carajás, por exemplo, possuem, como os tupi-guaranis, suas lendas de mulheres guerreiras (H. Baldus, *Ensaios de etnologia brasileira,* p. 265). Sabe-se que Jules Crévaux encontrou, em 1878, nas ourelas do rio Paru, uma aldeia exclusivamente habitada por mulheres separadas de seus maridos (Sophus Ruge, p. 580). Mulheres guerreiras sempre existiram em todos os tempos, como, v. g., se pode ver no sistema militar da Dahomay (A. B. Ellis, *The Ewe-speaking Peoples*, p. 183). Em Cuba (América Central), as mulheres tomam parte ativa nas operações de guerra (Bancroft, I, p. 764). O mesmo entre os *aïnous* (Batchelor, p. 288), na Austrália (Smyth, I, p. 155), etc.

As amazonas são, assim, de todos os tempos.

Carvajal conta, realmente, que, por duas vezes, Orellana fora avisado acerca das *cunhá-puiaras* (no texto, *coniupuiara*). Afinal, após vários dias de tormentosa viagem, deram de chofre "na boa terra e senhorio das amazonas", cujo começo é situado, geralmente, nas cercanias da embocadura do Trombetas-Jamundá. Logo se travou uma encarniçada peleja, na qual tomaram parte também as mulheres (muito altas e alvas, com o cabelo comprido entrançado e enrolado na cabeça). Mais tarde, deu, então, informações a respeito dessas amazonas: não são casadas, vivem em casas de pedra, dentro de aldeias fortificadas, cobrando impostos de barreira; de vez em vez, empreendem uma *razzia* contra as populações circunvizinhas, raptando os homens, com os quais coabitavam por alguns tempos; matam as crianças do sexo masculino, enviam-nas depois aos pais, ao passo que filhas, ao contrário, são criadas cuidadosamente na arte da guerra; a rainha vive numa grande cidade, em meio de uma classe nobre, que usa baixelas de ouro e veste finas roupas de lã. É com o padre Alonso de Rojas que aparece, pela primeira vez, a referência à falta de um seio. Em Acuña vem o nome de *ycamiaba*, isto é, as mulheres sem seio, dada às amazonas (G. de Carvajal, pp. 24, 30, 58 *sq*., 111 e 267).

Sobre a explicação do termo icamiaba, cf. Osvaldo Orico, *Vocabulário*, pp. 120 e 122. Curioso o fato de serem idênticos os sentidos originários de ambos os nomes, *amazonas* e *camiaba*. *Amazonas* quer mesmo dizer, em grego, *sem mamas*.

Há uma explicação moderna da origem da lenda americana, em *Historia de América*, III, por E. de Gandía & R. Levene, Buenos Aires, 1940, p. 158 *sq*.

pelas pernas a um galho alto de árvore, onde os deixam por algum tempo; se, porém, quando tornam ao lugar do suplício, os prisioneiros ainda estão, por acaso, vivos, atiram-lhes milhares de flechas. É verdade que não devoram os inimigos, como os demais selvagens, mas deitam-nos ao fogo, até os mesmos fiquem reduzidos a cinzas. No combate, as amazonas avançam lançando horríveis e espantosos gritos. Isso para amedrontar os contrários.

É incerta a origem das amazonas americanas.

Não é fácil saber qual a origem das amazonas americanas. Creem alguns que, após a guerra de Troia, na qual, como já se disse acima, as primitivas amazonas tomaram parte, sob a direção de Pentesileia, – dispersaram-se elas por todos os lados. Outros acreditam que as amazonas, vindo de certos lugares da Grécia para a África, dali foram expulsas por um cruel monarca. Existem ainda muitas outras notícias semelhantes, inclusive as das proezas bélicas das amazonas e de outras mulheres, conforme se leem nos antigos autores gregos e latinos (embora alguns tratem o assunto muito descuidadamente), – os quais deixo de parte para prosseguir minha narrativa.

Chegada dos espanhóis ao país das amazonas. Como foram recebidos.

Como ia dizendo, mal desembarcaram os espanhóis à procura de repouso e de alguns víveres, as amazonas, admiradas com aquela estranha equipagem, reuniram-se, incontinente. Em menos de três horas, contavam doze mil, no mínimo, mulheres e crianças, todas nuas, mas de arco e flecha em punho, urrando como se estivessem diante de seus inimigos. E algumas flechadas mesmo chegaram a ser atiradas, pelo que os espanhóis, não querendo resistir, retiraram-se a salvo, – âncoras levantadas e velas despregadas.

Verdade é que, no momento da partida, à guisa de adeus, os navegantes saudaram-nas com alguns tiros de canhão. E a isso se seguiu debandada geral, sendo provável, todavia, que as guerreiras não se salvassem assim tão facilmente.

Antes disso, deveriam ter sentido o efeito dos tiros.

. . . .

Capítulo LXIV

CONTINUAÇÃO DA VIAGEM. MORPION E O RIO DA PRATA

Continuação da viagem dos espanhóis à terra de Morpion.

PERCORRENDO CERCA DE OITENTA LÉGUAS, em prosseguimento à sua viagem, os espanhóis tomaram, com o astrolábio, a latitude do lugar e, assim, reconheceram o local onde se achavam. Esse instrumento é muito necessário à navegação, principalmente para aqueles que visitam os países longínquos, sem o que ninguém estaria em segurança. A arte de medir a altura do sol, na verdade, excede a todas as outras, sendo uma ciência largamente reconhecida e praticada pelos antigos, sobretudo por Ptolomeu e outros notáveis mestres. E, desse modo, os espanhóis abandonaram as caravelas, que foram postas ao fundo, cada um dos tripulantes se encarregando, em seguida, dos víveres, munições e mercadorias (principalmente os escravos, aos quais estava afeto tal mister). Depois do que marcharam, por espaço de nove dias, através de montes cobertos de todas as espécies de árvores, arbustos, flores, frutos e verduras.

Nessa marcha, abordaram os viajantes um enorme rio, cujas fontes nasciam de altas montanhas. Nele viviam alguns selvagens, muitos dos quais, temerosos, fugiram ou refugiaram-se nas árvores. Aos velhos, únicos que permaneceram nas choças, os espanhóis ofertaram facas e espelhos, – coisa muito do seu agrado. E os bons velhos, então, se esforça-

ram por chamar os companheiros, fazendo-lhes ver que os estrangeiros recém-chegados eram nobres senhores, vindos sem nenhum intento de incomodá-los e, antes, desejosos de presenteá-los com as suas riquezas. Ao que os selvagens, comovidos por essa liberalidade, se julgaram no dever de angariar-lhes víveres, a saber, peixes, caças silvestres e frutos do país.

À vista desses fatos, os espanhóis decidiram, então, passar o inverno no referido lugar, aguardando a estação seguinte e, simultaneamente, explorar a região, na expectativa do descobrimento de minas de ouro ou de prata, ou na expectativa do encontro de qualquer preciosidade, da qual pudessem tirar algum proveito. E lá estacionaram, realmente, sete longos meses, embora as coisas não correspondessem às suas esperanças: os tempos passaram e os espanhóis a andar de um lugar para outro, guiados por oito dos selvagens, com os quais percorreram não menos de oitenta léguas e em cujos caminhos encontraram-se, sempre, numerosos outros indígenas, todavia mais rudes e mais intratáveis (no que os guias lhes foram de muito proveito).

Divide-se a companhia, seguindo uma parte para o rio da Prata.

Nesse ínterim, descobriram os espanhóis achar-se na altura de Morpion, no momento povoado pelos portugueses. Alguns, nessa ocasião, foram de aviso que se tomasse a direção de tal lugar, enquanto os restantes perseveraram em seguir o caminho do rio da Prata, distante ainda, por terra, cerca de trezentas léguas. E, de fato, assim se fez, de acordo com a resolução de seu chefe e capitão. Aliás, perto de Morpion, os nossos peregrinos exploraram toda a região, na esperança de possíveis riquezas, até que realmente encontraram, na encosta dos montes, um rio; quando nele bebiam água, perceberam algumas pedras, reluzentes como prata. Levaram, então, os espanhóis certa quantidade dessas pedras para Morpion, que distava do rio dezoito léguas. Afinal, examinadas as pedras, verificou-se que se tratava, na verdade, de uma mina de prata, da qual, depois dos devidos preparativos e sondagens, tirou o rei de Portugal muitos proveitos.

Minas de ouro e de prata. O rio da Prata: origem de seu nome.

Após se repousarem e restabelecerem em Morpion, em companhia de seus vizinhos os portugueses, os espanhóis resolveram seguir atrás dos companheiros, que tinham tomado o caminho do rio da Prata. O rio

da Prata fica, por mar, a duzentas e cinquenta léguas de Morpion e, por terra, a trezentas. Nesse local os espanhóis descobriram várias minas de ouro e de prata (donde a origem do nome daquele rio), pelo que, com a intenção de lá se estabelecerem, construíram algumas fortificações. Em seguida, uns poucos de exploradores, seguidos de outros espanhóis recentemente chegados à região platina, não satisfeitos com a sua fortuna, ousaram navegar até o estreito de Magalhães, assim chamado por causa do nome do seu descobridor.

O estreito de Magalhães. O mar Pacífico. As ilhas das Molucas, habitadas pelos espanhóis.

O estreito de Magalhães confina a América, ao meio-dia. Por esse estreito, os espanhóis penetraram no mar Pacífico, da outra banda da América, onde existem várias belas ilhas, atingindo, afinal, as Molucas, as quais ainda hoje mantêm e habitam. E disso tudo tira o príncipe de Espanha apreciáveis tributos em ouro e em prata.

Eis, em suma, o que foi essa expedição, da qual me propus dizer algumas palavras. E, – devo acrescentar, – a presente narrativa chegou ao meu conhecimento por uma pessoa que, segundo assevera, tomou parte na viagem[1].

---

1 O episódio do desembarque e demais cenas subsequentes, com pouca diferença, ocorreu, de fato, no decurso da viagem acidentada de Orellana. Mas, não a dispersão dos expedicionários, um grupo para Morpion e outro para o rio da Prata. Não era possível atingir, por terra, Morpion (as terras da capitania de São Vicente, no mínimo). Entretanto, é possível que o castelhano, narrador da história, tivesse tomado parte na expedição de Orellana e, depois, em outras viagens ao litoral do sul do Brasil.

. . . .

Capítulo LXV

SEPARAÇÃO DAS TERRAS DOS REIS DE ESPANHA E DE PORTUGAL

O cabo das Três Pontas.

OS REIS DE ESPANHA E DE PORTUGAL, depois que consolidaram, em comum, suas vitórias e felizes conquistas, tanto no levante como no poente, por terras e mares nunca dantes conhecidos ou descobertos, convencionaram, para maior segurança, dividir e limitar as respectivas possessões. O objetivo era impedir futuras querelas, como aconteceu com a mina de ouro do cabo das Três Pontas (na Guiné), com o arquipélago do Cabo Verde e com tantas outras povoações: todos devem imaginar que nenhum reino pode estar sujeito, simultaneamente, a dois monarcas, do mesmo modo que um mundo não recebe a luz de dois sóis.

Terras do rei de Espanha.
Parte adjudicada ao rei de Portugal.

A partir do rio do Maranhão, entre a América e as Antilhas, numa extensão que vai do Peru à Flórida (próxima da Terra Nova), – tudo ficou sob o domínio do monarca espanhol, ao qual pertence, ainda, uma vasta parte do continente americano, a começar das regiões meridionais do Peru, na costa oceânica, até, como já se disse, o rio do Maranhão. Ao rei português coube o território desde o mencionado rio do Maranhão até o

do Prata, que fica a trinta e seis graus além da linha equinocial[1]: a partir do estreito de Magalhães a primeira praça[2] é Morpion, a segunda Mahouhac[3] (onde se encontram minas de ouro e de prata), a terceira Porto Seguro (perto do cabo de Santo Agostinho), a quarta a ponta de Crouest Mouron[4], o Chasteaumarin[5] e Pernambuco (que confinam com a região dos canibais da América)[6]. Mas não me é dado, no momento, declarar todos os lugares, de rio a rio, juntamente com a sua situação e demais particularidades, – à exemplo de Curtana, das Caribas (próximas do rio Doce e do rio Real[7]), etc., bastando saber que todos esses locais estão sob o domínio português. Os portugueses, aliás, sabem bem como tratar os selvagens, vivendo eles pacificamente e com eles trocando várias mercadorias. Demais, levantaram por lá habitações e fortins, a fim de assegurarem-se contra os seus inimigos.

Regiões ainda não exploradas.

O rei de Espanha não fez por menos em seus territórios, os quais, como já o disse, vão do rio Maranhão, ao poente, até as Molucas,

---

1 À f. 106, Thevet diz que o rio do Prata dista da linha equinocial trinta e cinco graus.
2 No texto, *place*, isto é, estabelecimento, fundação, quase sempre uma feitoria.
3 Cf. o cap. LX, nota correspondente.
4 Cf. o cap. XXII, nota correspondente.
5 Cf. o cap. LX, nota correspondente.
6 Referência ao tratado de Tordesilhas (7-VI-1494), por meio do qual os domínios portugueses e castelhanos ficaram divididos por um meridiano imaginário, que passava a oeste das ilhas do Cabo Verde, numa distância de 370 léguas. Na realidade, como observa Pedro Calmon (I, p. 36), nunca foi determinado, “em virtude de miúdas e múltiplas divergências, quanto à contagem dos graus, à ilha que seria fonte de partida, à aplicação da linha abstrata na geografia sul-americana”. Basta observar o gráfico de H. Harrise. *The diplomatic history of America*, Londres, 1897, por onde se vê o meridiano, de acordo com os critérios adotados por Cantino, Oviedo, Enciso e outros, percorreu a escala entre os 42º, 30’ e os 49º 45’ W. G.
Valioso estudo sobre o assunto acaba de fazer José Carlos de Macedo Soares, *Fronteiras do Brasil no regime colonial,* Rio, 1939.
A foz do Amazonas (o Maranhão de Thevet) era, de fato, o marco tradicional divisório das possessões luso-castelhanas.
7 No texto, *Curtane, Caribes… riviere douce*, etc. Thevet acumula nomes, muitos dos quais dificilmente identificáveis. Caribes, p. e., é uma referência às ilhas dos *Caraíbas*; nas cartas britânicas uma parte das Antilhas tem o nome de *Caribbee Islands.* O rio Doce era o Essequibo (Navarrete, III, p. 5).

abrangendo regiões banhadas pelos dois oceanos, inclusive suas ilhas, assim como a terra firme do Peru. De tal modo que todo o conjunto forma uma admirável extensão, sem levar em conta o que futuramente se poderá explorar – Cartagena, Cate, Palmaria, Parise (a grande e a pequena), etc.

Ambos os reis, principalmente o de Portugal, descobriram vários países do Levante. Esses descobrimentos tinham por objeto o tráfico, embora ainda não existente em muitos lugares, mesmo na América e no Peru, porquanto, para reinar nessas regiões, faz-se mister angariar a amizade dos nativos, pois, de outro modo, os mesmos se rebelam e atacam, frequentemente, os europeus que lhes caem ao alcance. Antes de tudo, é preciso considerar as alianças, querelas, amizades ou rivalidades de selvagens para selvagens.

Não se julgue que tais descobrimentos se fizeram sem muita efusão de sangue, especialmente o dos pobres europeus, os quais expuseram a vida sem olhar dificuldades, ou sem levar em conta a crueza e desumanidade desses povos. Sabemos, por exemplo, como os romanos, querendo ampliar seu império, – comparativamente muito pequeno em relação ao que conseguiram, depois, numa campanha de sessenta anos, – derramaram tanto sangue, não só o deles, como o dos inimigos.

Quantas violações da lei, da disciplina e dos honestos costumes evitar-se-iam, se não foram as guerras civis de Cila e de Mário, de Cina e de Pompeu, de Brutus, de Antônio e de Augusto, – todas mais prejudiciais que quaisquer outras? Assim sobreveio a ruína da Itália pelos godos, hunos e vândalos, que, antes, tinham invadido a Ásia e destruído o império dos gregos. E vem a propósito o seguinte verso de Ovídio: "Todas as coisas, como vemos, mudam: | Domina hoje, por exemplo, um povo, | Que antes nada era. E o, que em tudo | Tinha poder, agora lhe obedece".

Todas as coisas humanas, em suma, estão sujeitas à mutação, umas mais facilmente, outras não, segundo o seu maior ou menor poderio.

. . . .

Capítulo LXVI

DIVISÃO DAS ÍNDIAS OCIDENTAIS EM TRÊS PARTES

ANTES DE PROSSEGUIR na descrição do país, hoje (por legítimo direito, segundo penso), chamado de França Antártica, mas anteriormente de América, – já expliquei as razões desse nome, – achei que, em vista de sua extensão, era conveniente dividir o mesmo em três partes. O assunto, assim, tornar-se-á mais fácil de ser compreendido pelo leitor.

Após o seu recente descobrimento, a América propriamente dita, o Peru, a Flórida, o Canadá e outros lugares circunvizinhos (até o estreito de Magalhães) vêm recebendo a denominação geral de Índias ocidentais. Isso porque os povos americanos, bárbaros e rudes, andam nus, ou possuem quase os mesmos costumes das atuais populações das Índias do Levante, país que, como já o disse em outro lugar, tira legitimamente esse nome do rio Indus[1]. O rio Indus, desaguando no mar do Levante, ou mar Índico, por sete bocas, – como faz o Nilo no Mediterrâneo, – provém das montanhas arbicianas e becianas[2]; enquanto o Ganges, penetrando, do mesmo modo, no referido mar, por cinco braços, divide e separa a Índia em duas partes.

---

1 Thevet volta a repetir um assunto já versado duas vezes, nos caps. XXII e XXVII.

2 Cf. o cap. XXII, nota correspondente

Estando a Índia tão longe da América, porquanto esta fica no Ocidente e aquela no Oriente, os primeiros descobridores, vendo a selvageria e crueldade de uma gente assim tão bárbara, tão sem lei e tão sem fé, quase semelhante a diversos povos indianos, asiáticos e etiópicos, dos quais fez menção Plínio em sua *História natural,* – os primeiros descobridores, dizia eu, impuseram àquela região o mesmo nome da outra. E eis que – pois não sei de outro motivo – a América tomou o nome da Índia, isto é, por causa da similitude dos hábitos, ferocidades e barbaria (como algures já expliquei) dos nossos selvagens com os de certos povos levantinos.

A primeira parte do continente compreende a extensa região do Meio-Dia, a começar pelo estreito de Magalhães, localizado a 52º 30' de latitude austral (não inclui a terra mais ao sul, por ser desconhecida e não estar ainda habitada, mas apenas territórios existentes entre o estreito e o rio da Prata). Daí, para o poente, ficam as províncias de Patália, Paranaguaçu, dos Margajás, dos Patagões (ou região dos Gigantes), de Morpion, dos Tabajaras, dos Tupinambás, das Amazonas, o país do Brasil (até o cabo de Santo Agostinho, aos oito graus além do equinocial)[3], do país dos Canibais, ou Antropófagos, todos situados na América e banhados, de um lado, pelo mar oceano e, do outro, pelo mar do Sul ou Pacífico (também chamado de mar Magalhânico). Em suma, termina essa terra índica no rio das Amazonas, o qual, à semelhança do Ganges, que no Levante divide a Índia em duas, também, por sua vastidão (pois tem cinquenta léguas de largura) separa a chamada Índia Americana do Peru.

Quanto à segunda parte, começa esta no rio das Amazonas e abrange, com os seus diversos reinos e províncias, todo o Peru, o istmo de Darien, a Furna, Popayán, Auzerma, Carapa, Quimbaya, Cali, Paste, Quito, Canaris, Cusco, Chile, Patália, Párias, Temixtitlan, o México, Catai,

---

3 Que entendia Thevet pelo *païs du Bresil*? A sucessão em que estão colocados os topônimos dá a entender que o Brasil do nosso franciscano era o trato costeiro ao sul do cabo de Santo Agostinho, embora a palavra *Amazonas* esteja, aí, arbitrariamente intercalada. *O rio de Brasil* aparece abaixo de Porto Seguro, no mapa de Canerio (1505-1506), no de Kuntsmann II (1506?) e no de Waldseemüller (1507), identificado com o rio Pitanga, ou de Frade. Na carta de P. de Vaux, que é de 1613, o nome do Brasil está situado bem em frente mesmo da região, que compreendia, outrora, as capitanias de Ilhéus e de Porto Seguro.

Panuco, a terra dos Pigmeus e a Flórida (aos 25º de latitude norte)[4]. Deixo de parte as ilhas, embora sejam elas tão vastas quanto as da Sicília, Córsega, Chipre ou Cândia, terminando, assim, essa parte na Flórida.

Resta, finalmente, descrever a terceira parte, que começa pela Nova Espanha e alcança todas as províncias de Anauac, Iucatã, Culhuacán, Xalixe, Chalco, Mixtecapan, Fezenco, Guzanes, Apalaches, Xancho. Ante o reino de Michoacán, – ou seja, da Flórida à terra do Bacalhau[5] (enorme região, da qual fazem parte o Canadá e a província de Chicora[6], aos 33º graus acima do Equador), ao Labrador, a Terra Nova (toda rodeada pelo mar Glacial), tudo para o norte.

---

4 Outro amontoado de topônimos. Curiosa a *denominação* de Toupinambau, dada aos tupinambás (Léry escreve *Tououpinambaoults*), que quer dizer, segundo a explicação de Batista de Almeida Nogueira, "*tupinambá*" escuro ou "*preto*", ou *tupinambá aú*, "esses tais *tupinambás*" (Cardim, p. 273 e nota de Plínio Airosa à p. 71 da recente ed. bras. de Léry). Popayan (Colômbia) aparece em várias cartas antigas (no atlas de P. Bertius, p. e.). Como também Auzerma (*Ancerma*, no citado atlas de p. Bertius), Panuco (mapa de Sebastião Münster, 1540), etc.
Alguns nomes estão naturalmente corrompidos, como, por exemplo, Culhuacán (aliás Cubiacán).
No texto, *Canares*. Aliás, Canaris, província do antigo reino de Quito.

5 No texto, *La terre des Baccales*. *Bacalieu*, outrora *Bacalhau*, diz V. de Saint-Martin (I, p. 298) que era o nome dado a uma ilha da costa oriental da Terra Nova. *y. dos bacalhas* é o nome, de fato, que aparece junto a uma espécie de península da costa oriental da Terra Nova, entre os 52º e 53º de lat. N., segundo a carta de Pedro Reinel (1505). Vj., também, a carta da Terra Nova extraída de um *Atlas Português* da Biblioteca Ricardiana de Florença e reproduzido por Kretschmer, fls. XXXIII. Adiante, à f. 148, Thevet escreve *Baccalos* e diz que essa região avança de mar adentro duzentas léguas, distando da linha equinocial 48 graus.
A Terra Nova foi, realmente, conhecida pelo nome de *Terra Nova dos bacalhaus*, ou *Ilha dos Bacalhaus,* sobretudo a parte hoje chamada de península de Avalon. Esse nome, escrito de diversos modos, se encontra no planisfério de Cantino (1502), no de Palestrina (1503-1504), no mapa já mencionado de Reinel (1505), no mapa-múndi do Ruysch (1508), no portulano do visconde de Maggiolo (1511), etc.

6 Trata-se de uma região fabulosa, situada ao norte da Flórida, mais ou menos em terras da atual Carolina do Sul, da qual deu notícias ao ouvidor Lucas Vázquez Ayllón um indígena capturado no rio Jordão. Ayllón, autorizado por uma real cédula de 1523, partiu, nesse mesmo ano, em busca da ambicionada Chicora, percorrendo a costa norte-americana até perto do cabo Fear. Shophus Ruge (p. 539) localiza essa região entre os 32 e 33 graus de lat. N. Chama-se, também, Gualdape.

As Índias ocidentais, assim sucintamente divididas e descritas, isto é, do estreito de Magalhães, por onde se começou, até o fim da última terra índica, estendem-se por mais de quatro mil e oitocentas léguas de comprimento. E por aí se pode avaliar quanto é larga, exceto no mencionado istmo de Pária. Por isso mesmo, é o continente americano chamado, geralmente, de Índias Maiores, pois são, de fato, mais vastas que as do Levante.

Concluo pedindo ao leitor receber de bom grado essa divisão, esperando que Deus me conceda tempo para levar a cabo melhor estudo e, consequentemente, uma descrição mais bem acabada do país. De qualquer modo, incluindo-a aqui, foi minha intenção dar maior brilho ao presente trabalho.

. . . .

Capítulo LXVII

DA ILHA DOS RATOS

DEIXANDO, BREVE, a região dos Canibais, pelo pouco proveito que dela se pôde tirar, vagamos levados pelo vento do sul, até uma belíssima ilha, distante da Linha equinocial quatro graus. Não é sem grande perigo que se pode abordá-la, tanto quanto se fora um grande promontório, não só porque essa ilha avança de mar adentro, como por causa dos recifes circunvizinhos, ou emersos à beira-mar.

Naufrágio de um navio português.

A ilha, de que falo, foi descoberta casualmente e com muitos danos para quem o fez. Certo navio português, navegando imprudentemente por essas paragens, chocou-se, por falta de bom governo, contra um escolho, que lhe ficava próximo. O navio arrombou e foi para o fundo do mar, refugiando-se na ilha, a salvo, vinte e três dos seus homens, que ali permaneceram por espaço de dois anos, morrendo quase todos, exceto dois: estes sobreviveram à custa de ratos, aves e outros animais. Passando, depois, por lá um navio da Normandia, que voltava da América, os tripulantes, em busca de repouso, tomaram o escaler e seguiram para a ilha. E assim encontraram os dois míseros portugueses, únicos sobreviventes do naufrágio, os quais foram reconduzidos para bordo.

A ilha dos Ratos. Porque é assim chamada.

Os referidos náufragos deram àquela terra o nome de ilha dos Ratos, em virtude da abundância e variedade desses animais, lá existentes: seus companheiros – segundo afirmaram – tinham morrido, em parte, do asco que lhes causavam tais bichinhos. E ainda hoje isso sucede a quem salta na ilha, sendo que só muito dificilmente pode qualquer pessoa defender-se deles.

Os ratos vivem dos ovos da tartaruga, que encontram nas praias[1], assim como dos das aves ali abundantes. Realmente, quando lá estivemos, em busca de água doce, da qual tínhamos tanta necessidade (pois alguns dos nossos tripulantes se viram forçados a beber a própria urina, durando esse estado de coisas três meses e a fome quatro), vimos inúmeras aves, tão mansas que facilmente poderíamos carregar com elas os navios. Água foi que não se encontrou, pois não penetramos muito de terra adentro[2].

---

1 "Bandos de aves marinhas recolhem-se na ilha para procriar e as tartarugas do mar, em grandes bandos, põem seus ovos nas areias da costa durante certos meses" (C. F. Hartt, p. 476).

2 Gaffarel confessou-se incapaz de identificar a ilha dos Ratos acrescentando que Theet, em sua *Cosmographie universelle*, descreve novamente a ilha e acompanha a descrição com uma planta.

Como já o disse, em nota ao cap. LXI, a ilha dos Ratos é a Fernando de Noronha. O erro de Gaffarel foi identificar o rochedo de São Paulo, de que fala Thevet no referido capítulo, com a mencionada ínsula. Provavelmente foi F. de Noronha a ilha avistada por Léry quando regressava de sua viagem ao Brasil, ilha verdejante, com bandos de aves que vinham pousar nos mastros e cordoalhas do navio, na qual se viam rochedos em forma de sinos.

Fernando de Noronha fica situada a 3º 56' 20" de latitude sul, segundo Alfredo Moreira Pinto (II, p. 15; esse também é o cálculo de Beaurepaire Roban, p. 156). Cf. também F. A. Pereira da Costa (*A Ilha de Fernando de Noronha*, p. 7), 3º 35' 30" é o cálculo de Ridley (H. von Ihering, "As ilhas oceânicas do Brasil", em *Revista Brasileira* IV, Rio, 1895, p. 102), estando o seu ponto mais saliente, o morro do Pico, a 3º 50' 37", 6 (*Dic. Hist. Geog, e Estat. do Brasil*, I, p. 42). Thevet, adotando a cifra 4º, foi, para a época, de uma admirável precisão. Também o *Esmeraldo de situ orbis* indica a latitude de 4º (Duarte Leite, "A exploração do litoral", p. 416) e, do mesmo modo, Abbeville (p. 49) e Nieuhof (p. 7).

A história do naufrágio é contada por Vespúcio na *Lettera* a Sodenini, de 4 de setembro de 1504: "Navegando dali para o sudoeste… e quando tínhamos andado bem 300 léguas através do monstruoso mar, estando já da Linha equinocial para o sul bem 3

graus, se descobriu uma terra de que podíamos estar distantes umas 22 léguas, de que ficamos maravilhados e achamos que era uma ilha no meio do mar, coisa de grande altura, verdadeira maravilha da natureza, pois não tinha mais de duas léguas de comprido e uma de larga e nunca habitada por gente nenhuma. Foi esta ilha para a armada malfazeja: porque saberá V. M. que por mau conselho e regimento do nosso capitão-mor aqui ele perdeu a sua nau, dando com ela em um escolho, e se arrombou… dela se não salvou coisa alguma senão a gente. Era uma nau de 300 toneladas... e como toda a esquadra trabalhasse por lhe achar algum remédio, o capitão mandou-me que fosse com a minha nau a dita ilha em procura de um bom surgidouro onde pudessem surgir todos os navios: e porque o meu batel, tripulado por 9 dos meus marinheiros, estivesse em serviço e ajuda de ligação entre os navios não quis que o levasse comigo... Fomos à dita ilha, que distava cerca de 4 léguas, na qual encontramos um excelente porto onde bem seguramente podiam surgir todos os navios, onde esperei bem uns 8 dias pelo meu capitão e a frota, que não vieram. De modo que estávamos muito descontentes, e a gente que tinha ficado comigo mostrava um tal terror que não conseguia consolá-la. Estando assim, avistamos no oitavo dia uma nau, e receando que não nos visse, fizemo-nos à vela com o nosso navio e fomos ao seu encontro, pensando que nos trazia o batel e os meus homens, e quando estávamos borda com borda e depois de nos termos saudado, disseram-nos que a capitânia afundara, salvando-se a tripulação, e que o batel e os seus homens tinham ficado com a prata... Tornando à ilha, provimo-nos de água e lenha com o batel da minha conserva. Esta ilha é desabitada, com muitas águas doces e correntes, infinitas árvores, e tantas aves marinhas e terrestres que eram inumeráveis e tão familiares que se deixavam apanhar à mão, e assim caçamos tantas que carregamos um batel delas. Não vimos outros animais senão ratos grandes, lagartos de duas caudas e algumas serpentes" (C. Malheiro Dias, *A expedição de 1503*, II, p. 289-291).

Que a ilha de Fernando de Noronha, além dos seus vários nomes (Quaresma, São Lourenço, São João, etc.), também foi designada pelo de ilha dos Ratos – não resta dúvida. Ainda por muito tempo um dos ilhéus componentes do arquipélago tinha a denominação de ilha dos Ratos (hoje, por corruptela, ilha Rata). Cf. Aires do Casal, II, p. 194 e Milliet de Saint-Adolphe, I, p. 364. E também, ainda hoje, o que não faltam lá são os ratos (Aires do Casal, II, p. 194; H. v. Ihering, *ibidem*, p. 102; John C. Branner, p. 143). É sabido que os holandeses abandonaram a colonização da ilha devido à praga dos ratos, que aniquilaram as culturas incipientes (H. Wätjen, p. 128 e Nieuhof, p. 7).

O lagarto de duas caudas, de que fala Vespúcio, é uma espécie de *Amphisbaena*, conhecida também pelo nome de "cobra de duas cabeças". Os três principais répteis da ilha são o *Amphisbaena Ridleyi*, o *Mabouia punctata* Grey e o *Hemidactylus mabouia* Mor.

Quase cem anos depois de Thevet, o missionário capuchinho Abbeville encontrou, na ilha de Fernando de Noronha, a mesma abundância de aves, tão mansas que facilmente se deixavam apanhar à mão (p. 50). Eram elas o alcatraz, o xique-xique, o maria-já-é-dia, o rabo-de-junco, etc.

Vantagens da ilha dos Ratos.

A ilha dos Ratos, embora próxima da linha equinocial quatro graus, é lindíssima e recoberta de árvores, que verdejam a maior parte do ano, dando a impressão de um verde prado em mês de maio. Não é difícil que seja ela habitável, como tantas mais da mesma zona (as ilhas de São Tomé e outras). E, assim que estiver povoada, creio realmente na possibilidade de tornar-se uma das mais belas e ricas do mundo. Poderá produzir muito bom açúcar, especiarias e tantos outros produtos dos grandes rendimentos.

Habilidade da zona intertropical.

Sei que vários cosmógrafos acreditavam na inabilidade da zona intertropical, por causa do seu excessivo calor; todavia, a experiência vem demonstrando justamente o contrário, sem necessidade de discussões. Do mesmo modo, as zonas polares. Heródoto e Solino afirmam que os montes Hiperbóreos são habitáveis e, semelhantemente, o Canadá, que fica muito perto do setentrião. Mesmo algumas regiões mais próximas, cerca do mar Glacial, do qual já tratei.

Abundância de ratos.
O *sohiatan*, uma espécie de rato.
O *hierousou*, outra espécie de rato.

A ilha dos Ratos – voltando ao assunto, pois não há mais necessidade de prosseguir nessa discussão – é com razão assim chamada devido, como já se disse, à abundância dos ratos, que lá vivem e são de várias espé-

---

Numa das cartas, que acompanham as *Œuvres* manuscritas de Jacques de Vaulx, a ilha dos Ratos aparece um pouco acima de São Roque. Em outra obra, Thevet diz que descobriu essa ilha em 1551, tendo, nela, escalado um monte piramidal, ao qual deu o nome de *Mont Angoumoisin* (Heulhard, p. 209).

Beaurepaire Rohan, na sua completa e rara descrição da ilha de Fernando de Noronha, também observou, justamente como Thevet e Vespúcio, a falta de água, a dificuldade do acesso, a abundância dos ratos e a cobra de duas cabeças (p. 158 *sq*.).

O monte da ilha de Fernando de Noronha, que aparenta a forma mais aproximada de uma pirâmide, é o Pico, rochedo inacessível em sua parte setentrional; mas Thevet talvez se refira a outros relevos de menor imponência, como, por exemplo, o morro do Francês.

cies. Entre as quais se conta o *sohiatan*[3], que os selvagens americanos comem. Tem a pele acinzentada e a carne, boa e delicada, lembra a do lebracho. Há uma outra chamada *hierousou*[4]. É maior que a anterior, mas não tem bom sabor. Esses animais são do tamanho dos do Egito, isto é, chamados *ratos-de-faraó*. Mas existem alguns maiores, do porte das fuinhas, que os indígenas não comem, porque, conforme já vi, quando mortos exalam mau cheiro.

A cobra jararaca.

Na ilha dos Ratos se encontram também muitas variedades de cobras, chamadas *jararacas*[5]. Não são agradáveis ao paladar, tanto estas quanto as que têm o nome de *theirab*[6]. Há várias espécies de cobras que não são venenosas, nem se parecem com as da Europa. De modo que a sua mordedura não é mortal, nem, tampouco, perigosa. Existem cobras vermelhas e encarnadas, mas de diversas tonalidades; outras, como observei, verdes – de uma cor tão verde quanto seria possível encontrar nas folhas do loureiro[7]. De corpo, são mais grossas que os ratos, embora mais longas. Portanto, não é de admirar que os selvagens dessas redondezas comam esses ratos e cobras, sem nenhum perigo, assim como o fazem com os lagartos, segundo já o disse em outra parte.

---

3 No texto, *Sohiatan*; à margem, *Sohiatã*. Talvez se refira Thevet ao *saviá*, de que nos fala Gabriel Soares de Sousa (p. 299), ou *sauiá*, como observa Varnhagen, que, com os seus compostos S. *tinga* e *S. coca*, são espécies dos gêneros *Mus* e *Kerodon* de Wied Neuwied, isto é, uma espécie de pequena cutia, o *Cavia aguti* Linn. O *S. tan* seria também uma das variedades conhecidas por Thevet. E Stradelli registra o termo *sauiá*, rato-d'água (p. 309).
Os sauiás (também conhecidos pelo nome de *torós*, *corós* ou *cururuás*) são roedores do feitio de ratos, mas que pertencem ao grupo dos histricomorfos, família dos equinoides.

4 No texto, *Hierousou*.

5 No texto, *Gerara*. A jararaca propriamente dita é a *Bothrops jararaca* Wied; outra espécie, muito conhecida no Nordeste pelo nome de "caiçara", notavelmente semelhante à anterior, é a *Bothrop atrox* Linn.

6 No texto, *Theirab*. Talvez a *taraiboia* de Gabriel Soares de Sousa (p. 307). Ocorre também a forma *Tarehuboy* (Abbeville, p. 293).

7 Trata-se da *burra*, árvore da família dos euforbiáceas, que, segundo Branner (p. 148), é uma espécie de loureiro de suco venenoso.

O uperu, espécie de peixe.

Perto da ilha dos Ratos e, também, em toda a costa americana, vive ainda uma qualidade de peixe. É peixe muito perigoso e temido pelos selvagens, porque é tão voraz quanto um leão ou lobo esfaimado. Tem o nome de *uperu*[8]. O uperu devora os outros peixes, menos um, que tem o tamanho de uma carpazinha, como se houvesse qualquer simpatia ou oculta atração entre os dois, o qual peixinho o segue a toda parte, como quem requer defesa e garantia contra os demais. Quando os selvagens pescam, nus como o fazem ordinariamente, têm muito medo do uperu. E não sem razão, pois este, assim o pode, arrasta-os e estraçalha-os, ou lhes arranca um pedaço do corpo. Os índios, enfim, evitam comer desse peixe, mas, se o apanham vivo, matam-no, por vingança, a flechadas.

Espécie de peixe monstruoso.

Demorando-me ainda, por lá, certo espaço de tempo, de um lado para outro, observei alguns peixes estranhos, que não existem na Europa. Entre os quais dois muito monstruosos, que têm, abaixo da garganta, duas espécies de tetas de cabra e, demais, uma papada no queixo, dando a ideia de barbas (para o resto do corpo, ver a gravura adiante).

Eis como a natureza, obreira máxima, se compraz em variar as suas obras. Tanto no mar, como em terra. Igualmente aos grandes artistas, que não se contentam com a tradição comum, antes enriquecendo sua obra de cores e imagens.

8 No texto, *Houperou*. O uperu, ou iperu, é o mesmo tubarão ou cação. Cf. A Vasconcelos, p. 27. "Uperu é o peixe a que os portugueses chamavam tubarão" (G. Soares de Sousa, p. 331).
Os inseparáveis companheiros do tubarão, observados por Thevet, são o *Gasterosteus ductor*, o *Echnei's remora*, etc., conhecidos vulgarmente pelos nomes de "agarrador", "pegador", "piolho de tubarão", "piraquiba", "uperuquiba".

. . . .

Capítulo LXVIII

CONTINUAÇÃO DA VIAGEM. DESCRIÇÃO DO ASTROLÁBIO NÁUTICO

Inconstância do ar, perto da Linha equinocial.

COMO NÃO SE ENCONTRASSEM muitos recursos na ilha dos Ratos e a fim de não prolongar nela a nossa estadia, prosseguimos viagem, com vento bastante propício, em direção à Linha equinocial, em cujas imediações o mar e as correntes aéreas são muito variáveis. O ar, nessas regiões, é, de fato, sempre inconstante, ora sereno, ora ameaçador, com frequentes chuvas e tempestades, que não deixam de ser um perigo para os navegantes. Por isso, antes de alcançar a Linha equinocial, os pilotos e marujos experimentados sempre consultam os astrolábios, a fim de reconhecerem a distância e a latitude dos lugares. Como vem a propósito, direi alguma coisa desse instrumento tão necessário à navegação e à instrução dos que seguem o mister de marujos – ciência tão vasta que só muito dificilmente pode ser entendida pela inteligência humana. E, ao falar do astrolábio, não se deve esquecer a bússola, ou agulha de marear, por meio da qual também é possível guiar corretamente o navio.

O que representa o astrolábio.

A bússola é tão singular e simples que, com um pouco de papel, ou pergaminho, do tamanho da palma da mão (onde se traçam linhas indicativas dos ventos) e um ferrinho apropriado, mostra ela – sem ninguém

lhe tocar e só pela natural influência de certa pedra – o oriente, o ocidente, o setentrião e o meio-dia. Do mesmo modo, marca a bússola os trinta e dois ventos da navegação, em qualquer ponto do globo onde esteja a mesma colocada, assim como tem outras mais aplicações, que, no momento, prescindo de mencionar. Pelo que resulta, claramente, ser admirável a perfeição e habilidade do astrolábio, da bússola e das cartas de marear. Basta ver como o incomensurável mar se reflete em tão pequeno espaço. Tanto assim que são esses instrumentos os guias da navegação através do mundo.

O útil e precioso astrolábio não é outra coisa que a esfera achatada e representada em um plano, em cuja orla circular estão indicados os trezentos e sessenta graus correspondentes aos da circunferência terrestre, subdivididos em quadrantes. Cada um dos quadrantes contém noventa graus, marcados, por sua vez, de cinco em cinco. Suspendendo-se o instrumento pelo anel e elevando-o ao sol, de modo que os raios penetrem pela abertura da alidade, e, observando-se, em seguida, pela declinação, a posição do ano, do mês e do dia, é tomada a altura do sol, subtraindo-se dela tantos graus quantos forem os em que esse astro se afasta, ao sul, da Linha equinocial – isto é, se o observador estiver colocado diante do norte e o sol no meio-dia, que é o lado por onde se estende a América. Se, todavia, ao tomar a altura do sol, o observador estiver no meio-dia, além do equinocial, com o sol ao norte, a subtração é feita relativamente ao declínio do sol para o polo norte. Por exemplo, estando o sol entre a linha equinocial e o observador, este, ao tomar-lhe a altura, deve, a fim de reconhecer o lugar em que se encontra, quer no mar, quer em terra, pôr em concordância os graus de afastamento do sol com os graus da altura. E assim é encontrado o que se pretende. O mesmo processo, quer o sol esteja no polo ártico, quer no antártico[9].

---

9 A descrição que Thevet faz do astrolábio é um tanto obscura. Para tomar a altura do sol com o astrolábio náutico, suspendia-se o instrumento de uma das mãos, estendendo-se o braço para a frente; o observador devia colocar-se de modo a orientar a roda no plano vertical do sol. Com o astrolábio, assim mantido em frente, o observador dirigia a medeclina com a outra mão, da maneira que a sombra da pínula mais alta viesse a cobrir a pínula inferior. Nesse momento, a leitura do limbo dava a altura do sol. Cf. Luciano Pereira da Silva, II, p. 40 *sq*.

Eis, aqui, leitor, algumas palavras a respeito do astrolábio, deixando aos matemáticos, que dele fazem profissão comum, explicar as demais aplicações e usos desse instrumento. Pareceu-me suficiente dar uma breve noção de sua utilidade em matéria de náutica, feita especialmente para os poucos letrados ou menos entendidos no assunto.

. . . .

Capítulo LXIX

PASSAGEM DO EQUADOR, OU LINHA EQUINOCIAL

TODA PESSOA LETRADA penso que sabe ser o Equador um círculo ou linha imaginária. Essa linha divide o mundo, do levante ao poente, em duas partes iguais, de modo que dista de ambos os polos, igualmente, noventa graus. Isso já expliquei em outro lugar, mas falta tratar agora do clima equatorial e dos mares ou peixes – assunto que omiti na descrição anterior.

Passagem do autor pela Linha equinocial.
Águas pluviais viciadas.

Cruzamos a Linha equinocial a primeiro de abril. Os ventos eram tão propícios que mantivemos facilmente a direção do norte, sem despregar as velas um só momento, embora molestados, dia e noite, por incessantes chuvas. Molestados é modo de dizer, pois as chuvas vieram a propósito, considerando-se que há dois meses e meio sofríamos pela falta de água, visto não ter sido possível fazer, em caminho, aguada. Bebemos, pois, a fartar e à goela solta, visto que o excessivo calor nos requeimava todo. É verdade, porém, que as águas fluviais, nessas regiões, são corrompidas, em virtude da impureza dos ares, donde elas procedem ou donde são formadas. De maneira que, quando se lavavam as mãos com tais águas,

tínhamos, na pele, erupções e pústulas[1]. Creem os filósofos que as águas de chuva não são sadias, sendo diferentes das demais. E dão suas razões, que deixo de parte a fim de evitar a prolixidade. Mas, por maiores vícios que contivessem as águas, era preciso bebê-las, mesmo com risco de morte. Notei ainda que, quando as chuvas caíam em algum pano ou fazenda, deixavam manchas dificilmente laváveis.

Assim que deixamos a linha equatorial, começaram os pilotos a contar os graus – medida que é preciso tomar até as proximidades da Europa, ou quando se faz a viagem da Europa para o Equador.

Dimensões do universo.

Os antigos, segundo ensinam Plínio, Estrabão e outros, adotaram três unidades para a medição da Terra – o *estadio*, o *passo* e o *pé*. Essas unidades ainda hoje poderiam ser adotadas, mas agora a medida empregada é o grau.

Foi Ptolomeu quem inventou o grau, para medir em comum terras e mares – prática muito mais fácil. Anteriormente, a medição dos mares e terras não se fazia em comum. Demais, dividiu o universo em graus, que são, tanto de largo como de comprido, trezentos e sessenta, valendo cada um setenta milhas, ou seja, dezessete léguas e meia, conforme me afirmaram os pilotos franceses, gente muito experimentada na arte náutica. Desse modo, o universo contém trezentos e sessenta graus, aos

---

1 "*Av surplus* (diz Léry), *la pluye qui tombe sous & és environs de ceste ligne, non seulement put & sent fort mal, mais aussi est si contagieuse que si elle tombe sur la chair, il s'y levera des pustules & grosses vessies: & mesme tache & gaste les habillements*" (p. 36). À f. 32, Thevet já afirmara que as águas da região da Guiné eram insalubres e perigosas. Do mesmo modo, os ares.
As chuvas equatoriais, supostamente corruptíveis, foram observações que não escaparam também a Paulmier de Gonneville ("*pluyes puantes qui tachoient les habits: cheutes sur la chair, faisoient venir bibes*") e a Nicolau Barré ("*pluye tant puante, que ceulx lesquels estoient mouilles de ladicte pluye, souldain üs estoient couverts de grosses pustules*"). Ambas as referências são citadas por Gaffarel, em nota à p. 357 de *Les Singularitez*, ed. de 1878, Paris.
Hoje sabemos que as erupções cutâneas, de que falam quase todos os viajantes do século XVI, eram manifestações evitáveis, produzidas pela alimentação deficitária dos viajantes (carência de frutas e verduras frescas).

quais correspondem os doze signos, tendo cada signo trinta graus (doze vezes trinta fazem justamente trezentos e sessenta).

Divisão do grau.

O grau, por sua vez, contém sessenta minutos, o minuto sessenta terços, o terço sessenta quartos, o quarto sessenta quintos. E assim por diante, até os décimos, sendo que as dimensões do céu também podem ser divididas de acordo com o critério acima indicado.

Como se pode conhecer a latitude, a longitude e a distância dos lugares.

Pelos graus, acha-se a longitude, a latitude e a distância dos lugares. A latitude é contada a partir da Linha equinocial, sendo de noventa graus até o polo norte e de outros tantos até o polo sul; toma-se a longitude a partir das ilhas Afortunadas[2], no Levante. Em conclusão, o piloto, ao navegar, deve ter em mira três coisas: *a*) a altura do grau em que se encontra e a altura do lugar para onde se dirige; *b*) a distância entre os dois pontos; *c*) os ventos que lhe serviriam nessa navegação. Tudo isso pode o piloto logo saber através de suas cartas e instrumentos náuticos.

Quero agora dizer que, continuando o nosso caminho, sempre com a proa ao norte, aos 15 de abril, estávamos a seis graus acima do Equador, nesse tempo o sol se via diretamente sob o zênite, pelo que, como se pode imaginar, tivemos que suportar um excessivo calor, levando-se em conta, relativamente, a temperatura da Europa, na qual habitamos, isto é, quando o sol se encontra no Câncer, mas, ainda assim, distante do zênite. E, antes de ir adiante, tratarei de alguns peixes-voadores, circunstâncias que omiti ao falar dos peixes existentes na zona equatorial.

Uma espécie de peixe que voa.

Cerca de dez graus ao norte e de dez graus ao sul da Linha equinocial, encontram-se abundantes peixes. Esses peixes, quando perseguidos pela voracidade de outros, voam alto, acima do mar. E, pela quantidade dos peixes-voadores, pode-se facilmente imaginar a quantidade dos peixes

2 Isto é, da ilha do Ferro (Canárias). Vj. o cap. VII.

rapinantes. Entre estes últimos está a dourada (da qual já falamos atrás). A dourada, mais que qualquer outro, persegue o peixe-voador, atraída pela sua carne muito delicada e gostosa[3].

Há duas espécies de peixes-voadores. Uma delas tem o tamanho do nosso arenque e é esse, justamente, a mais perseguida. O peixe-voador possui quatro asas, duas grandes (do feitio das do morcego) e duas, menores, colocadas perto da cauda. A outra espécie parece-se algum tanto com uma grossa lampreia. Ambas as espécies não se encontram além dos quinze graus, tanto ao norte como ao sul – segundo penso porque daí em diante já não existem os seus inimigos, estando, assim, livres dos mesmos.

Pirauene.

Os selvagens americanos chamam ao peixe-voador de *pirauene*[4]. Seu voo é muito semelhante ao da perdiz, sendo que os de pequenas dimensões voam melhor e mais alto que os de grandes dimensões. E, algumas vezes, quando são perseguidos e caçados nas águas, voam em tal quantidade, sobretudo à noite, que frequentemente se vêm chocar contra as velas dos navios, por lá ficando.

---

3 “Bandos de peixes-voadores se erguiam de ambos os lados do navio, acima da superfície das águas; quanto mais próximo do Equador, mais numerosos se tornam; são mais raros antes de chegar ao trópico” (notou o príncipe de Wied Neuwied, p. 23, ao atravessar o Equador, no primeiro quartel do século XIX). Os peixes-voadores não voam propriamente, mas saltam, sendo a sua nadadeira peitoral, como observa Agassiz, uma espécie de vela, que os transporta com o vento (Luis Agassiz & Elisabeth Cary Agassiz, p. 35)
Os principais inimigos dos peixes-voadores – o voador-do-alto, ou tainhota (*Cypsilurus heterurus*), o voador-holandês (*Cypsilurus cyanopterus*), o voador-cascudo, ou *coié*, também chamado *cajaleó* (*Cephalacanthus volitaus*), etc., mas, em geral, são eles designados pelo nome científico de *Exocœtus volitans*. E, ainda, inúmeras outras variedades, como o testilhão, o feijão-de-leite, a trigla, a cabrinha. A comparação das nadadeiras peitorais do peixe-voador com as “asas” do morcego, também vem em Staden (p. 30) e em Cardim (p. 86).

4 No texto, *Pirauene*. *Pirabebe* é também o nome indígena do peixe-voador, conforme se verifica em Marcgrave. Ou melhor *pirabebê* (de *pirá + bebê* ou *pirá + ueué*, o peixe que voa, o voador). Cf. Barleu, notas de Cláudio Brandão à p. 402. Thevet registrou uma das suas formas, apenas ligeiramente corrompida (*pirauene*, cuja primeira letra tem o som do nosso *é*, em lugar de *piraueué*).

O *albacora*, outro peixe.

Há ainda outro peixe chamado albacora[5], muito maior do que o marsuíno. O albacora faz, também, perpétua guerra ao peixe-voador, do mesmo modo que o dourado, sendo saborosíssimo e melhor que os demais peixes do mar, quer os do poente, quer os do levante. Demais, é peixe que dificilmente se pode apanhar; mas os pescadores fazem, de certo pano, peixinhos brancos, que arrastam à tona da água, à maneira de iscas, conseguindo, assim, quase sempre pescá-los.

5 Às albacoras os índios chamavam de *caraoatá*. Cf. Gabriel Soares de Sousa, p. 338.

. . . .

Capítulo LXX

DO PERU E SUAS PRINCIPAIS PROVÍNCIAS

O Peru, uma das três divisões das Índias ocidentais. A região do Peru: origem de seu nome.

PROSSEGUINDO VIAGEM, com ventos favoráveis, costeamos a terra do Peru e as ilhas do mesmo nome, no mar Oceano, até a altura de Espanha, da qual se falará mais adiante. O Peru, segundo a divisão já feita, é uma das três partes das Índias ocidentais. De norte a sul, tem de comprimento setecentas léguas e cem de largura, de levante a poente, começando por Themistitan (em terra continental) até o istmo de Darien, entre o referido mar Oceano e o Pacífico. É assim chamado por causa do seu rio de igual nome[1], largo de cerca de uma pequena légua: do mesmo modo, muitas regiões africanas, asiáticas e europeias tomaram o nome de seus rios mais famosos, a exemplo do Senegal.

---

1 Observa Gaffarel que *Peru* não é propriamente indígena, mas uma corruptela da palavra "rio". Aparentemente, o topônimo provém de Biré, nome de um riozinho da costa da Colômbia, visitado por Pizarro. E o padre Valera, de fato, assegura que Peru significa "rio" na língua indígena (V. de Saint-Martin, IV, p. 713). Todavia, alguns autores acreditam na origem patronímica da palavra (S. A. Thompson, IV, p. 109). Balboa, segundo outros autores, ao chegar a Tumaco travou relações com um cacique, que se referiu a certo fabuloso país, cujo nome era *Viru*, *Piru* ou *Peru*.

Províncias mais notáveis do Peru.
A região de Quito.
A província das Canaris.
Santiago do Porto Velho.

O Peru é, desse modo, cercado pelos citados oceanos. Possui, de resto, espessas florestas e montanhas, que tornam o país, em muitos trechos, quase inacessível, pelo que só dificilmente se pode, ali, conduzir um carro ou animal de carga, como fazemos em nossas planícies, sendo a principal ou mais renomada a de Quito, que se estende, do levante ao poente, por umas sessenta léguas e, de norte a sul, por trinta. Depois de Quito vem a das Canárias, que se limita, a leste, com o rio das Amazonas e possui várias montanhas e povos assaz bárbaros, tanto assim que ainda não foi possível civilizá-la. E, em seguida, é a vez da que os espanhóis chamam de Santiago de Porto Velho. Começa um grau acima da Linha equinocial.

Taxamilca.
Cuzco.
O reino dos incas.

A quarta província peruana é aquela que os indígenas chamam de Taxamilca. Confina com a grande cidade de Tongille[2], na qual, após o envenenamento do seu rei Atabalyba[3], Pizarro, atraído pela fertilidade do lugar, mandou erigir e construir uma vila e castelo. Há, ainda, outra província chamada Cuzco, onde reinaram, por longo tempo, os poderosos incas (*inca* é palavra assim como rei). O reino dos incas era, ao seu tempo, tão vasto, que abrangia mais de mil léguas, de ponta a ponta.

Certo castelhano, que lá permaneceu por algum tempo, contou-me, quando com ele estive no cabo Finisterra de Espanha, que, no reino de Cuzco – assim chamado devido ao nome de sua principal cidade, como aconteceu, também, a Rodes, Mitilene, Cândia e outros países – existem povos de orelhas pendentes até as espáduas[4]. As orelhas estavam ornadas,

---

2 Provavelmente Truxillo.

3 Atabalyba, corruptela de Atahualpa. Cf. *The Americana – A Universal Reference Library,* vol. XIV, Nova Iorque, s/d. Atahualpa, porém, não morreu envenenado.

4 Thevet refere-se aos membros dos primeiros clãs de Cuzco, de cuja linhagem saíam os soberanos, os quais se distinguiam pelo costume de alargar desmesuradamente o

por extravagância, com grandes peças de ouro puro, luzentes e bem polidas. Eram esses povos mais ricos que quaisquer outros do Peru, acreditando eu mais nessa informação do espanhol que em muitas das dos historiógrafos da atualidade, os quais, como certos galantes observadores, escrevem mais por ouvir dizer. Lembro-me, a propósito, de que já houve quem me quisesse convencer da existência de um povo da alta África, povo esse portador de orelhas pendentes até os calcanhares – coisa manifestamente absurda.

Canar, região muito fria.

A quinta província peruana é a de Canar, banhada pelo mar do Sul, região extraordinariamente fria, com neves e gelos que duram todo o ano. E, se bem que em outros territórios peruanos o frio não seja tão violento, havendo, nessa época, abundância dos mais ricos frutos, todavia neles não se nota, no estio, uma tão baixa temperatura. Pelo contrário. Algumas regiões do Peru sofrem até um clima excessivamente quente e mal temperado, o que causa a deterioração, sobretudo, das frutas. Do mesmo modo, as animais venenosos não se encontram tanto nas regiões frias quanto nas quentes. Donde se conclui, tudo assim considerado, que não se deve julgar, de antemão, qual o país preferível à vida: não há comodidade que não tenha também as suas inconveniências.

A província de Callao.
O lago de Titicaca.

Outra província, a sexta, tem o nome de Callao. Por causa do seu intenso tráfico é muito mais povoada que qualquer outra. Limita-se, a oeste, com a cordilheira dos Andes e a este com a montanha Nevada[5]. Suas populações têm vários nomes – são os *xulis*, os *chilenos*, os *aços*, os *pornatas*, os *cepitas*, os *trianguanachos*[6] – as quais, embora selvagens e bárbaras, são muito dóceis. Creio que essa docilidade é devida ao tráfico ou comércio, lá existente, do contrário seriam os mesmos tão rudes quanto os demais

---

lóbulo das orelhas por meio de pendentes. Os espanhóis chamavam-lhes de *orejones*. Cf. Luís Ulloa Cisneiros (VI, p. 115) e A. Dembo & J. Imbelloni (p. 141).

5 No texto, *montagens des Nauados*.

6 No texto, *Xuli*, *Chilane*, etc. Ainda hoje, alguns nomes podem ser identificados. Acos, Cepita e outros são nomes geográficos, que figuram no dicionário histórico e geográfico de S. A. Thompson.

povos americanos. No Peru há um grande lago, chamado na língua nativa de Titicaca, isto é, a ilha das *plumas*[7], porque, nesse lago, se encontram várias ilhotas nas quais abundam numerosas aves de todos os tamanhos e espécies – coisa que parece incrível.

Carcas, país do Peru.
Plata, rica e vasta cidade.
O Peru tem a configuração de um triângulo.
O istmo de Darien.

Resta falar, finalmente, da última região, de nome Carcas[8], vizinha do Chile. Nela existe a mais bela e opulenta cidade de La Plata[9] – lugar riquíssimo, por causa de seus lindos rios e minas de ouro ou de prata. Compreende, pois, o reino e país do Peru todo o território, que vai da cidade da Prata a Quito, como já se disse, com as oito principais províncias ou regiões atrás mencionadas – continente amplo e espaçoso, tendo a configuração de um triângulo equilateral; muito embora alguns autores lhe chamem de ilha, sem levar em conta a diferença entre ilha, península e continente, pois não há dúvida, realmente, de que estamos diante de uma terra firme. Essa terra firme se estende desde o estreito de Magalhães (aos 52º30' de latitude sul e 363º de longitude até mais de 68º de latitude norte). Se tal continente, cuja largura, na junção entre Nova Espanha e o Peru, não contém mais de dezessete léguas (do mar Oceano ao mar do Sul), fosse, realmente, separado pelos dois referidos mares, o Peru seria, de fato, uma ilha – o que não se dá devido ao istmo de Darien (assim chamado por causa do rio de igual nome).

Superstição de alguns povos peruanos.

Quanto à religião – pois quero dizer mais alguma coisa sobre o Peru – os indígenas ainda não cristianizados têm uma estranha crença. Acreditam, por exemplo, que o mar, com todas as suas águas e peixes, saiu, outro-

---

7 Sobre a etimologia da palavra Titicaca, cf. J. Imbelloni, *La esfinge indiana*, pp. 235 e 236.

8 Gaffarel identifica-a com a cidade de Caracas, notando, todavia, que Caracas não fica perto do Chile.

9 Chuquisaca, na Bolívia, segundo Gaffarel. La Plata foi, realmente, a capital da província de Charcas (G. A. Thompson, I, p. 469) e esse nome significa "montanha de prata". Hoje, Sucre.

ra, de um grande vaso. Guardam esse vaso, como coisa muito rara[10]. Pensam, também, que de outro vaso saíram o sol, a lua e o primeiro casal humano.

Os *bohitis*, sacerdotes.

Semelhantes crenças lhes foram transmitidas por seus maus sacerdotes (chamados *bohitis*[11]) e duraram até a época dos espanhóis, os quais conseguiram dissuadir a maior parte das populações peruanas desses devaneios e imposturas.

Idolatria desses povos.

Os peruanos são mais idólatras que quaisquer outros povos. Uns adoram aquilo que mais lhes agrada (os pescadores, por exemplo, a um peixe de nome *liburon*[12]); outros a feras e a aves. Os que trabalham nos campos adoram, porém, a terra. Todavia, têm o Sol como uma grande divindade e, semelhantemente, a Lua e a Terra. Todas as atividades terrestres são dirigidas e governadas por aqueles dois corpos celestes. E, assim, quando juram, olham para o sol e tocam a terra com a mão.

Guardam os peruanos a tradição do Dilúvio, à semelhança dos demais silvícolas americanos, falando de um profeta, que lhes veio do setentrião. Esse profeta realizava maravilhas, pois, apesar de o *matarem*, ainda pôde *sobreviver*.

Os espanhóis são senhores de todo o Peru. Riquezas das ilhas do Peru.

Os espanhóis ocupam todo o Peru, desde o rio do Maranhão até a Furna e Darien. Dominam mesmo as regiões aquém da costa ocidental, isto é, o lugar mais estreito da terra firme, por onde se podem alcançar as Molucas. E estenderam-se, ainda, até o rio da Palma. Assim, povoaram e erigiram fundações em todo o território, que é hoje como o dilatado reino de

---

10 Mito talvez originado de certas festas e cerimônias rituais. Na chamada “festa do sol”, por exemplo, o inca, isto é, o rei em pessoa, levantava em direção ao astro um vaso de ouro (*aquilla*), cheio de *aka* (bebida feita com milho especial), fazendo, nesse momento, uma libação. A respeito das demais crenças religiosas, vj. Arturo Capdeville, p. 83 *sq*.

11 Os *bohitis* eram os sacerdotes ou curandeiros dos primitivos habitantes de Haiti.

12 No texto, *Liburon*. Erro tipográfico por *tiburón*, tubarão, voz caraíba.

onde tiram inúmeras riquezas, sobretudo das minas de ouro e prata existentes em quase todas as ilhas, ou das suas minas de esmeraldas e turquesas (estas não têm, entretanto, uma cor tão viva quanto as da Malaca ou de Calicute).

Os incas, povo muito rico e belicoso.

Os mais ricos povos do Peru são os incas. Em belicosidade excedem às nações vizinhas. Criam bois, vacas e outros animais domésticos[13], mesmo em maior quantidade do que na Europa, devido às condições propícias da região. Por isso, há entre os incas um intenso tráfico de couros de todas as qualidades, acontecendo mesmo que esses índios matam os animais somente para extrair-lhes a pele. Mas os animais domésticos já vão se tornando selvagens, pois são em tal quantidade que os incas foram constrangidos a deixá-los soltos, dia e noite, nos matos. E assim não lhes é possível recolhê-los e abrigá-los em casa.

Os incas caçam os animais acossando-os, ou usando determinados ardis, como, na Europa, se faz na caça aos cervos e a outros animais selvagens.

O trigo e o vinho não se usam nos países ocidentais.
A cassava, espécie de alimento.

O trigo, segundo ouvi dizer, não nasce no Peru, quer nas ilhas, quer em terra firme. Do mesmo modo, na América. Pelo que, todas as pessoas, qualquer que seja a sua classificação social, vivem de certo alimento, chamado *cassava*[14]. A cassava é como um bolo que se faz da raiz de nome *manihot*. Milho e peixe, há, porém, em abundância. A videira também não dá ali, de modo algum. Em lugar do vinho, usam-se outras bebidas. Eis o que é a região continental do Peru.

O Peru, que presentemente é quase uma outra Europa.

O Peru, inclusive suas ilhas, das quais tratarei adiante, foi de tal modo colonizado, que, hoje em dia, lá se contam povoados, vilas, cidades, castelos, sedes episcopais, municípios e uma porção de costumes muito semelhantes aos da Europa. E assim se vê quanto é grande o poder e bon-

---

13 Os animais domesticados pelos incas eram o guanaco, a alpaca, a vicunha, a lhama, etc.

14 No texto, *Cassade*.

dade de Deus, ou a sua previdência em relação ao gênero humano. Pois, enquanto turcos, mouros e bárbaros, inimigos da fé, porfiam em aniquilar e destruir a nossa religião, esta cada vez mais se robustece e espalha por outras comarcas.

Em minha viagem de volta, naveguei com o Peru à mão esquerda. Também à esquerda ficou a África, em minha viagem de ida para a América.

. . . .

Capítulo LXXI

DAS ILHAS DO PERU E, SOBRETUDO, DA ESPANHOLA

Da ilha Espanhola, antes chamada de Haiti e Quisqueya.

DEPOIS DE TRATAR da parte continental do Peru, quero, agora, descrever, do mesmo modo, algumas das suas ilhas, situadas no mar Oceano. Essas ilhas, que foram costeadas na viagem de retorno, são chamadas, por estarem próximas daquele país, de ilhas do Peru. E, a propósito, chegamos à altura de uma dessas ilhas – a chamada outrora pelos nomes de Haiti (isto é, a *terra áspera*) e Quisqueya (ou seja, a *grande*) – à qual os seus descobridores batizaram de Espanhola[1].

Os três promontórios da ilha Espanhola: o do Tubarão, o de Higuey e o dos Lobos.

A Espanhola é realmente belíssima e vasta, pois conta, de levante a poente, cinquenta léguas de comprimento e mais de quatrocentas de

---

1 "*A esta otra gran isla, a la que unos indígenas denominaban* Haiti *y otros Quisqueya, Colom la nombró la Isla Española... El vocativo Española envuelve el concepto de un homenage conjunto a los reinos de Aragón y Castilla, no de uno exclusivo a este último*" – Luís Ulloa Cisneiros, VI, p. 192. – Quisqueya era a "grande terra"; os indígenas chamavam-lhe também de Bohio, isto é, a "terra onde há muitas aldeias". Haiti vem do velho caraíba e significa a "região montanhosa", a "região alta". Cf. V. de Saint-Martin (II, p. 606 sq.) e E. Regnault, *Histoire des Antilles*, p. 2.
No texto, *Haïti* e *Quisqueia*.

circuito. Está situada a dezoito graus de latitude norte, tendo, a oriente, a ilha de São João[2] e outros insignificantes arquipélagos, muito temíveis e perigosos para a navegação. No oeste ficam Cuba e Jamaica, ao norte as ilhas dos Canibais e ao sul encontra-se, já em terra firme, o cabo de Vela. A Espanhola lembra um tanto a Sicília, que, primitivamente, por causa de seus três salientes promontórios, se chamava Trinácria. A ilha, de que falo, possui, do mesmo modo, três cabos: o primeiro é o do Tubarão, o segundo o de Higuey e o terceiro o dos Lobos (este último para os lados da ilha Beata, que está cheia de bosques de guáiaco).

O rio Orane.
Santo Domingo, capital, da ilha Espanhola.
Rios mais notáveis da ilha Espanhola.

Na Espanhola correm preciosíssimos rios. O mais conhecido, isto é, o Orane, passa nas vizinhanças da principal cidade da ínsula, à qual os espanhóis chamam de Santo Domingo. Os outros rios são o Nequée, o Hatibonice e o Haqua[3], todos maravilhosamente ricos de excelentes peixes – o que é devido à temperança do clima e à bondade da terra ou da água. Esses rios, lançando-se, quase todos, na costa oriental, reúnem-se e formam uma corrente mais volumosa e navegável.

Antiga religião dos insulares.
Caio Calígula, imperador romano.

Antes de ser descoberta, a Espanhola era habitada por selvagens. O Diabo mostrava-se-lhes sob diversas formas, correspondentes aos seus numerosos ídolos, de acordo com as visões e delírios noturnos desses indígenas (ainda hoje assim sucede em numerosas ilhas e terras firmes dessa região). Também se adoravam vários deuses, sobretudo a um que os índios tinham na conta de dirigente de todas as coisas; este era representado por um ídolo de madeira, que guarneciam de folhagens e penas, elevando-o em certa árvore[4]. Além disso,

2 A *San Juan Bautista*, Boriquén, hoje Porto Rico.

3 O Orané é talvez o Ozama; o Nequée, o Neiba; o Hatibonice, o Artibonite; o Haqua, o Yaque.

4 Sobre a religião dos *taínos* (aruaques), cujos espíritos protetores tomavam a forma de figuras humanas, ou de animais, vj. Luis Ulloa Cisneiros, VI, p. 72 *sq*.

adoravam os selvagens ao sol e a outros corpos celestes. Hoje, porém, a não ser alguns raros e em número muito pouco importante – conforme se vem verificando há alguns tempos – os nativos já não mantêm esses costumes religiosos, visto que foram civilizados à fé cristã. Caio Calígula, imperador romano, por maior desprezo que tivesse pela divindade, tremia horrivelmente ao menor sinal da ira de Deus.

Casco e Alpina, ilhas ricas e férteis.

Antes que a ilha Espanhola fosse submetida à obediência dos colonos, os selvagens, como me contaram alguns espanhóis que haviam tomado parte na conquista, dizimaram entre dez a doze mil europeus, antes que estes se pudessem fortificar em terra, e, depois, viessem a destruir e a escravizar seus inimigos. Do mesmo modo procederam os espanhóis em Cuba, em São João, na Jamaica, em Santa Cruz, nas ilhas dos Canibais e em vários outros arquipélagos e regiões do continente. É verdade que, a princípio, espanhóis e portugueses, para mais fácil domínio dos silvícolas, adaptaram-se ao modo de viver destes, alimentando, por meio de presentes e outros obséquios, a sua amizade; assim, porém, que, com o decorrer do tempo, se sentiram mais fortes, tomaram a ofensiva, fazendo de alguns índios escravos e constrangendo outros a cultivar a terra (pois, de outra maneira, jamais teriam chegado ao fim almejado). Os reis mais poderosos dessa região são os de Casco e de Apina, ilhas ricas e famosas, não só por causa da fertilidade do solo como por suas minas de ouro e de prata. Os indígenas só se adornam com ouro – largas argolas pesando duas ou três libras, pendentes das orelhas, de tal modo que o peso dilata estas, alongando-as meio pé (daí os espanhóis chamarem-lhes de *orelhudos*[5]).

Fertilidade e riqueza da ilha Espanhola.

A Espanhola é riquíssima de minas de ouro, como, aliás, várias outras ilhas da região, sendo certo que só em poucas não se encontra esse metal, ou a prata. Demais, é muito povoada de animais de chifre – bois, vacas, carneiros, cabras, numerosos porcos, bons cavalos. Os animais, como

---

5 Confusão de Thevet. Os *orejones*, como já vimos (cap. LXX, nota correspondente), eram os membros dos clãs incásicos donde saíam os soberanos.

já se disse que aconteceu em terra firme, na sua maior parte se tornaram selvagens. Não existe trigo, nem vinho, a não ser o que vem de fora. Em lugar do trigo, come-se cassava, feita com farinha de certas raízes; o vinho é substituído por algumas bebidas boas e doces, que se extraem das frutas, tal qual a cidra da Normandia.

Descrição do *manati*, um estranho peixe.
Pedras, que dissolvem os cálculos.

Peixes excelentes há em infinidade, sendo que alguns muito esquisitos, como acontece com o de *manati*[6]. O *manati* é peixe de rio e de mar, sendo, todavia, mais encontrado na água doce. Parece-se com um odre cheio de azeite ou de vinho e tem, nas espáduas, dois pés, com os quais nada. Sua grossura diminui a partir do umbigo. A cabeça se assemelha à do boi, embora a face seja menos cheia e o queixo mais carnoso e mais grosso. Para o corpo, que conta dez pés de grossura e vinte de comprimento, os olhos parecem pequenos. Sua cor é pardacenta, estando recoberto de um pelozinho espesso como o do boi (tanto assim que os nativos fazem do couro umas espécies de calçados). Os pés são, de resto, arredondados, semelhantes aos do elefante, guarnecidos, cada um deles, por quatro unhas bastante alongadas. É o mais disforme peixe, que jamais se viu nesses países, tendo, não obstante, uma excelente carne, cujo gosto sabe mais ao do vitelo. Os habitantes da vila fazem muitas reservas do óleo desse peixe, que aplicam nos couros de cobras, das quais fabricam muitos bons marroquins. Com esses óleos os negros escravos untam comumente o corpo, a fim de

---

6 No cap. XLIX (vj. a nota correspondente), Thevet já se referiu ao manati das costas sul-americanas, que diz ter a cabeça igual à do vitelo, ignorando, todavia, que se tratava do mesmo animal.

Designando o peixe-boi – goaragoá dos nossos selvagens – M. de Wied Neuwied (pp. 147 e 205) usa também a forma *manati* (em outros *manatim*). A referência às *pedras*, reputadas benéficas na cura dos cálculos, encontra-se em Gabriel Soares de Sousa (p. 333) e em Fernão Cardim (p. 80).

O peixe-boi das Antilhas (*Manatus australis*) é conhecido, realmente, desde a época da colonização; Gonçalo Fernández de Oviedo afirma que levou carne do *manati*, salgada, para a cidade de Ávila, tendo a imperatriz de Espanha achado o seu sabor excelente. Cf. F. Ortiz & Rafael A. Fernández, p. 148.

torná-lo mais disposto e lesto, justamente como fazem os africanos com o azeite de oliveira. Na cabeça do *manati* encontram-se certas pedras, muito estimadas, que foram experimentadas, com êxito, na cura do cálculo dos rins ou da vesícula (as pedras, por suas propriedades ocultas, dissolvem os cálculos). As fêmeas desse peixe parem os filhos já vivos, sem o ovo, igualmente como a baleia e o lobo-marinho. Por isso mesmo, as fêmeas têm duas tetas iguais às dos animais terrestres, por meio das quais amamentam suas crias. Certo espanhol, que viveu longos tempos na ilha acima referida, me afirmou que houve quem alimentasse o *manati*, em um tanque, por espaço de trinta anos, tornando-se o animal tão manso a ponto de quase deixar-se acariciar. Os selvagens, finalmente, pescam esse peixe perto da terra, assim que o mesmo vai à procura das ervas.

Diversos trabalhos, que os selvagens fazem com as plumas das aves.

Deixo de parte a descrição de muitas lindas aves, revestidas de variadas e ricas plumagens, das quais os indígenas confeccionam mantos adornados de figuras humanas, de feras, de pássaros, de árvores, de frutas, sem empregar nelas outro material senão as próprias cores e ornamentos plumários, aplicando-as, entretanto, numa espécie de tecido. Também os índios guarnecem de plumas os chapéus, barretes e roupas – coisa muito agradável à vista.

***Hulias* e caris, duas espécies estranhas de animais.**

Animais quadrúpedes, entretanto, não existem, a não ser os já mencionados. É verdade, porém, que se veem dois outros espécimes desconhecidos, do tamanho do coelho. Acodem uns pelo nome de *hulias*[7] e outros pelo de *caris*. Ambos são saborosos.

A ilha de Santiago.
A ilha de São João.

O que se disse da Espanhola, pode repetir-se em relação à ilha de Santiago, outrora chamada Jamaica. Fica a este da ilha de Santo Domingo.

---

7 Aliás, *hutía* ou *jutía* (*Capromys pilorides* ou *C. melanurus*), da ordem dos murídeos. Desse animal contam-se apenas três espécies. O *cari* é, talvez, o *S. paradoxus*.

Há, ainda, outra bela ilha, chamada Boriquén[8], na língua nativa, mas figurando, nas cartas marítimas, com o nome de São João. Acha-se localizada a oriente da de Santa Cruz. Beriquén tem, de levante a poente, cinquenta e duas léguas e acha-se a trezentos graus de longitude.

Nessa região veem-se mais algumas ilhas, em parte habitadas e em parte desertas. Embora sejam em grande quantidade, deixo de falar delas por não as conhecer particularmente.

Terminando, quero observar que em todos esses arquipélagos não existem animais rapinantes. O mesmo acontece na ilha da Inglaterra e na de Creta.

---

8 Boriquén não é uma corruptela de Porto Rico, como dá a entender Gaffarel, mas, realmente, o nome indígena dessa ilha. Ocorrem, ainda, as formas *Borinquén* e *Burichena*. Cf. Sophus Ruge, XIX, p. 431.
No texto, *Bouriquan*.

. . . .

Capítulo LXXII

DA ILHA DE CUBA E DO ARQUIPÉLAGO DAS LUCAIAS

Descrição da ilha de Cuba.

RESTA, para terminar a descrição das ilhas do Peru, falar de algumas das singularidades de Cuba e de outras ínsulas circunvizinhas, embora, na verdade, quase nada se possa dizer destas que já não tenha sido atribuída à da Espanha.

Cuba é mais larga e mais longa que qualquer das outras ilhas do Peru, pois conta, do promontório oriental ao promontório ocidental, trezentas léguas, tendo de norte a sul setenta. Sua temperatura nem é excessivamente quente, nem fria. Nela existem ricas minas de ouro, prata e outros metais. Do lado do mar, estendem-se altas montanhas, das quais procedem belíssimos rios de excelentes águas, cheios de peixes. Ao tempo do descobrimento era muito mais povoada que qualquer das outras. Hoje, os espanhóis são os senhores ou donos da terra. O centro de Cuba passa por duzentos e noventa graus de longitude e vinte graus de latitude norte.

Montanha de sal.
Sal terrestre.
Espécie de perdiz.

Cuba possui certo monte, próximo do mar, todo de sal, mais alto que o de Chipre, assim como infindas árvores do algodão, do Brasil e

do ébano. Isso sem falar no sal terrestre, que se extrai do monte acima referido. Esse sal é da mesma espécie do da ilha de Chipre (e tem em grego o nome de δρύκτος), o qual também é retirado de um monte situado perto do mar. E possui ainda, em abundância, lazulita, vermelhão, pedra-hume, salitre, galena, etc., que se tiram das entranhas da terra. Quanto às aves, vê-se, em Cuba, uma espécie de perdiz, pequenina, de plumagem de cores várias, externamente avermelhada, cuja carne é muito delicada. Os montanheses criam, em suas casas, grande quantidade delas, tal qual fazemos com as galinhas.

Em Cuba há outras coisas mais dignas de memória. Em primeiro lugar, releva notar que existe nela um vale de cerca de três léguas, no qual se encontra uma infinidade de seixos, redondos como pelas – pedras que, embora de forma natural, parece terem sido feitas artificialmente. Algumas pedras são tão grandes que dificilmente podem ser carregadas por quatro homens; mas há, também, outras de tamanho médio e mesmo tão pequenas quanto umas pelotinhas.

Admirável líquido saído de um monte.
O breu, uma espécie de óleo.
Por que, outrora, as muralhas da Babilônia eram tão resistentes.

Uma segunda coisa digna de nota, na ilha de Cuba, é a existência de um monte, vizinho da praia, donde sai certa substância semelhante ao breu, fabricado, como já se disse, nas ilhas Afortunadas. Esse líquido escorre do monte e perde-se no mar. Quinto Cúrcio, ao narrar as façanhas de Alexandre Magno, diz que este, ao chegar a uma cidade chamada Memi[1], foi ver, por curiosidade, determinada fossa ou caverna, cuja fonte lançava grande quantidade de resina extraordinariamente forte, própria, até, para ser aplicada nas construções. Daí julgar esse autor que teria sido tal matéria a causa da robustez das muralhas da Babilônia. O líquido, de que falo, também se encontra no país de Themistitan e para os lados da Flórida.

1 Aliás, Mênfis, cidade da Assíria, que possui minas de asfalto, perto do lugar hoje chamado Dus-Chur-Malu.

As ilhas Lucaias.

As Lucaias[2], assim chamadas por serem muito numerosas, são ilhas situadas ao norte de Cuba e de Santo Domingo. Excedem de quatrocentas, todas de pouca superfície e desabitadas, menos uma, a Lucaia, que dá o nome às demais. Seus habitantes traficam, geralmente, com os indígenas da terra firme e dos demais arquipélagos da região e, quanto à cor, são mais alvos que os restantes selvagens.

A montanha do Potosi, muito rica em minas.

Já que estou tratando das riquezas das ilhas do Peru, não quero olvidar a do Potosi. Potosi é o nome de certa montanha, que tem de altura uma légua e de circuito meia; quanto à forma, assemelha-se a uma pirâmide. Essa montanha é maravilhosamente rica, por causa das suas minas de prata, cobre e estanho, descobertas quase ao cume dela. As minas de Potosi são tão boas que, por um quintal de matéria, se pode extrair meio de pura prata. Os escravos não têm outro trabalho senão transportar a matéria para a principal cidade da região, localizada ao sopé da montanha e ali edificada pelos espanhóis.

Eis o que desejava dizer do Peru e das suas ilhas, aliás povoadas por selvagens, os quais andam tão nus quanto os seus semelhantes da América.

---

2 *Cayos*, *yucaios*, etc., era o nome que se dava aos indígenas do arquipélago das Bahamas. O topônimo *los Yucaios* figura no mapa, de origem espanhola, publicado na 1ª das *Décadas* de Pedro Martir de Anghiera. *Yucayo*, simplesmente, no planisfério de S. Caboto (1544). Os yucayos das ilhas Bahamas eram parentes dos ciboneyes (araucos). Cf. Pericot y García, p. 575 e 576. Ocorre também a forma *lukayan* (Jorge Bartolaso Stella, p. 54).

. . . .

Capítulo LXXIII

DESCRIÇÃO DE NOVA ESPANHA E DA GRANDE CIDADE DAS ÍNDIAS OCIDENTAIS, DE NOME THEMISTITAN

Themistitan.

COMO A NENHUM SER HUMANO é possível, em sua existência, ver, pessoalmente, todos os bens terrestres, não só porque o universo vive em perfeita transmutação, como, também, devido à vastidão do mesmo – Deus concedeu-nos os meios de tornar essas coisas acessíveis aos nossos olhos, que através dos escritos ou gravuras, quer através das obras ou indústrias dos que delas tiveram conhecimento. Assim, muitas antigas fábulas (por exemplo, as de Jasão, de Adonis, de Acteon, de Eneias, de Hércules) são representadas por figuras, creio que só para a satisfação humana; ao passo que podemos ver, sem necessidade de representação, várias outras coisas, como é o caso das numerosas espécies de animais diariamente ao alcance da nossa vista. Daí a resolução de descrever, da mais simples maneira possível e nos limites das minhas possibilidades, a grande e vasta cidade de Themistitan[1]. Raros dentre vós tiveram a oportunidade de vê-la e em número muito menor são aqueles que ainda a poderão visitar, tendo em vista a longa, maravilhosa e difícil viagem que, para tal, é preciso empreender.

---

1 Aliás, Tenochtitlán. Cf. o cap. XXVII, nota correspondente. Conforme os dados mais seguros, Tenochtitlán foi fundada no ano de 1325.

A Nova Espanha, outrora Anahuac. Situação de Nova Espanha.

Themistitan está situada em Nova Espanha, que começa no estreito de Darien (limítrofe do Peru) e termina, ao norte, no rio Panuco. Esse país foi, outrora, chamado Ananhuac[2], tomando, depois de ser descoberto e colonizado, o nome de Nova Espanha; entre as suas províncias mais cedo habitadas figura a de Yucatão. O Yucatão possui uma ponta de terra avançada, como a Flórida, para o mar (se não aparece nos mapas é porque os nossos cartógrafos esquecem de ilustrar o seu trabalho com o melhor das coisas). Nova Espanha é toda rodeada pelo mar Oceano, menos ao norte, por onde se liga ao Novo Mundo, o qual, embora povoado, possui regiões ainda desconhecidas dos povos modernos – motivo por que sou forçado a não prosseguir na descrição do mesmo.

Themistitan, cidade forte, vasta e riquíssima dessa país, está situada ao centro de um grande lago. O caminho, que conduz até lá, não excede à largura de duas lanças. Foi assim chamada por causa do nome daquele que primeiro lançou os seus fundamentos, apelidado de Tenuth[3], filho mais moço do rei Iztacmircoatz. A cidade tem apenas duas portas, uma por onde se entra e outra por onde se sai. Não longe dela se vê uma ponte de madeira, da largura de dois pés, construída para atender à alta e à baixa das águas (pois o lago cresce e vaza à semelhança do mar). Assim como outras várias pontes, destinadas à defesa da cidade, por ser Themistitan edificada, como Veneza, no mar.

Teoria sobre os dois lagos. Com que se pode comparar Themistitan.

Nova Espanha é toda cercada de altas montanhas; no planalto, cujo circuito mede cerca de cinquenta léguas, há dois lagos, que ocupam grande parte do território, porquanto sua circunferência estende-se por cinquenta léguas. Um desses lagos é doce e possui inúmeros peixinhos de

---

2 No texto, *Anauach*; adiante (f. 146), Thevet escreve *Anahuac*. Anahuac era o nome com que se designavam várias regiões do México, inclusive a meseta central desse país, considerada o centro do antigo império asteca. Cf. Carlos Pereyra, pp. 95 e 96.

3 Os astecas, de fato, estabeleceram-se em Tenochtitlán e em Tlaltelolco, tendo por chefe Tenuchtzin (Tenuth em Thevet).

delicado sabor; o outro é salgado, sendo a água, além de amarga, venenosa e incapaz de nutrir os peixes – fato que, por si só, inutiliza a teoria da unidade dos dois lagos. A planície acha-se separada dos referidos lagos por alguns montes e a extremidade destes termina em um estreito, por onde se vai, em barcos, até a cidade. Themistitan fica no lago salgado, sendo distante da terra firme, do lado da calçada, quatro léguas: por sua grandeza não é possível compará-la senão a Veneza.

Para alcançar essa cidade tomam-se quatro caminhos, revestidos artificialmente de pedras; nos caminhos correm condutos da largura de dois passos e da altura de um homem: por uma passa a água doce da população, a qual, correndo a cinco pés por sobre o do solo, chega ao centro da cidade. Essa água bebem os habitantes e dela usam em todas as suas necessidades. Há, ainda, outro conduto, que sempre se acha vazio, pois, quando a população quer limpar o conduto de água doce, é por aquele que descarregam os dejetos resultantes desse serviço. Como os canais passam por cima das pontes e nos locais por onde entra e sai a água salgada, a água doce é conduzida por canais da altura de um passo.

No lago, que rodeia a cidade, os espanhóis construíram várias vivendas e casa de recreio[4], algumas edificadas em rochedos, outras em esteios de madeira.

Fernando Cortés.
Mutueczuma.
Costumes comerciais.

Themistitan, demais, fica situada a vinte graus acima da Linha equinocial e a duzentos e setenta e dois graus de longitude, tendo sido conquistada por Fernando Cortés, capitão espanhol, no ano da graça de 1521[5]. Contava, então, setenta mil fogos, entre grandes e pequenos. O pa-

4 Essas casas de recreio foram mesmo imitadas dos astecas. F. Cortés, Bernal Díaz de Castillo e outros referem-se, com a maior admiração, às vivendas campestres dos indígenas. Cf. Luis Ulloa Cisneiros, p. 37.

5 Cortés entrou em Themistitlan a 8 de novembro de 1519; porém a conquista definitiva da cidade só se deu realmente em 1521. Existem de F. Cortés cinco relações por ele escritas e endereçadas ao monarca castelhano. A primeira (1519) foi publicada por Navarrete em sua *Colección de documentos inéditos*; a segunda (1520) e a terceira-

lácio do rei Mutueczuma[6] e os dos principais da cidade eram muito belos, grandes e espaçosos. Os índios, que então viviam nessa cidade, reuniam-se, de cinco em cinco dias, em uma praça especialmente escolhida para o seu mercado[7]. Os objetos do tráfico consistiam em penas de aves (com os quais confeccionavam várias lindas coisas), tapetes e outras mercadorias. Desse comércio se encarregavam sobretudo os velhos, quando vão estes adorar o seu principal ídolo, ereto no centro da cidade em um majestoso templo[8]. Um dos costumes religiosos era matar e devorar os inimigos capturados na guerra, sacrificando-os, assim, aos seus ídolos[9]. Viam-se, ainda, no mercado, peles de animais, com as quais os indígenas faziam roupas, calçados e umas espécies de capelos destinados a resguardá-los do frio e de certas moscas muito picantes.

As cruéis populações de Themistitan tornaram-se, com o decorrer dos tempos, menos bárbaras, e, presentemente, abandonaram seus maus costumes, como seja, o de matarem-se uns aos outros, o da antropo-

---

ra (1522) foram ambas impressas em Sevilha, respectivamente, nos anos de 1522 e 1523; a quarta (1524) apareceu em Espanha, no ano de 1525; a última (1526) publicou-se em Madri (1844).

6 Aliás, Montecuzoma.

7 Eis como Cortés a descreve, em sua carta de 1519 ao imperador Carlos V: "*Tiene esta ciudad muchas plazas donde hay contínuos mercados y tratos de comprar y vender. Tiene outra plaza tan grande como dos veces la de la ciudad de Salamanca, toda cercada de portales alrededor, donde hay cotidianamente arriba de sesenta mil ánimas comprando y vendiendo, donde hay todos los generos de mercadorias que en todas las tierras se hallan, ansi de mantenimentos como de vituallas, joyas de oro y de plata, de plomo, de latón, de cobre, de estaño, de pedra, de huesos, de conchas, de caracoles y de plumas... Hay calle de caza, donde venden todos los linajes de aves...*"

8 Thevet refere-se ao templo (*teocalli*) de Huitzilopochtli, deus da guerra, "o colibri do sul".

9 Os principais sacrifícios humanos propiciatórios eram dedicados ao deus da guerra, Huitzilopochtli. Os astecas conduziam os prisioneiros, feitos em combate, com grande pompa, ao *teocalli*, estendendo-os em uma pedra, geralmente de jaspe, denominada *techcatl*. Ali, o sacerdote abria o peito da vítima, de um só golpe, com a faca ritual (de sílex ou de obsidiana). O cadáver, depois, era recolhido por outros sacerdotes e servia, à noite, para o banquete macabro. O sangue, misturado à farinha de milho, formava também parte do festim.
Cf. F. Rock, "Der Sinn der astekischen Menschenopfer", em *Völkerkunde*, I, p. 86, Viena, 1925.

fagia e o da incontinência social (isto é, o homem coabitar com a mulher sem nenhuma consideração pelos impedimentos do sangue ou de parentesco)[10]. Assim como outros vícios e defeitos semelhantes. Suas casas estão magnificamente construídas, salientando-se o belo palácio onde se guardam as armas da cidade. As ruas e praças de Themistitan são tão retilíneas que, de porta a porta, as pessoas se podem ver mutuamente.

Em suma, Themistitan está, hoje em dia, fortificada, circulando-a baluartes e possantes muralhas iguais às das cidades europeias. Trata-se de uma das maiores, mais formosas e mais ricas praças das Índias Ocidentais, em toda a sua extensão, que começa no estreito de Magalhães (aos cinquenta e dois graus abaixo da Linha equinocial) e termina nos confins da terra do Labrador (aos cinquenta e um graus de latitude norte).

10 O matrimônio entre os astecas era exogâmico e, em geral, monogâmico.

. . . .

Capítulo LXXIV

A PENÍNSULA DA FLÓRIDA

COMO JÁ FIZ REFERÊNCIA à Flórida[1], acho oportuno dizer alguma coisa dessa região. Embora não me tivesse aproximado bastante dela – pois a rota a seguir não exigia tal desvio – é verdade que o navio rumou para lá a fim de apanhar o vento do este. E quero também falar dos territórios do Canadá, que ficam no setentrião e estão separados da Flórida apenas por algumas montanhas.

Um mar lameiroso.

Navegando, pois, na altura da Espanhola, que ficava à destra, a fim de alcançar a Europa, encontrei, todavia não tão cedo e nem tão precisamente quanto era do desejo de todos – um mar bastante favorável. E tendo, por acaso, posto a cabeça de fora para contemplá-lo, vi-o – até onde poderia alcançar a minha vista – todo coberto de ervas e mesmo, em alguns trechos, de flores. À primeira vista, essas plantas, algum tanto semelhan-

---

1 Observa Gaffarel que a Flórida compreendia, então, a península e grande parte do território dos atuais Estados Unidos.

tes ao zimbro comum[2] da Europa, deram-me a impressão de que o navio estivesse perto de terra, visto o mar não apresentar o mesmo aspecto em nenhuma outra parte; mas, logo, reconheci meu erro: as plantas procediam do próprio mar. Por espaço de quinze a vinte dias as águas estiveram sempre recobertas das referidas ervas. E ali não existem peixes, pois essa região parece antes um lameiro ou brejo, do que mesmo outra coisa.

Uma estrela de cauda.

Foi em seguida a isso que se avistou uma estrela de cauda. Sua posição era de levante para sul. Pareceu a todos como um novo sinal ou presságio (fato que deixo ao exame dos astrólogos e outras pessoas entendidas na matéria)[3]. Finalmente – o que foi pior – fomos agitados por um vento fortemente contrário; tal situação durou nove dias, isto é, até que atingimos a altura da Flórida.

---

2 No texto, *geneures*, forma variante de *genièvre*. A *geneure* é o *Juniperus communis* L., ou zimbro comum. Cf. H. Baillon, II, p. 684, e Caminhoá, p. 929. A comparação é boa, pois as algas lembram mesmo o zimbro; menos feliz foi Léry, comparando-lhe as folhas com as da arruda, embora acrescentando que as suas favas ou *sementes* eram parecidas com as do zimbro.

Eis como Léry descreve o mar de Sargaço (pp. 398 e 399):

"*Davantage nous fusmes en ces endroits-la, l'espace d'environ quinze iours entre des herbres, qui flotoyent sur mer, si espesses & en telle quantité, que si pour faire voye ao navire, qui avoit peine à les rompre nous ne les eussions coupees avec des coignees, le croy que nous iussions demeurez tout court. Et parce que ces herbages rendoyent la mer aucunement trouble, nous estans aduis que nous fussions dans des marescages fangeux, nous couiecturasmes, que nous devions estre pres de qualques Isles; mais encores qu'on iettast la sonde avec plus de cinquante brasses de corde, si ne trouva-on ny fond ny rine, moins descouvrismes nous aucune terre: surquoy ie reciteray ce qui l'historien Indois a aussi escrit à ce propos. Christofie Colomb, dit-il, au premier voyage qu'il fita u descouvrement des Indes, qui fut l'na 1492, ayant prins refraischissement en une des Isles des Canaries, apres avoir singlé plusieurs iournees, recontraviant d'herbes qu'il sembloit que ece fust un pré: ce qui luy donna une peur, encores qu'il n'y cust aucun danger. Or pour fair ela description de ces herbes marines desquelles i'ay fait mention: s'entretenans l'une l'autre par longs filaments, comme Hodera terrestres, floitans sur mer sans aucunes racines, ayant les plus grosse que celle de Geneure, elles sont de couleur blafarde ou blanchastre comme foin fené*"...

3 Referência ao chamado *cometa de Carlos* V. Os cometas, realmente, eram considerados, outrora, um sinal de mau presságio. Cf. Suetônio, II, p. 40.

Situação da Flórida.

A Flórida é uma ponta de terra, que se projeta de mar adentro nada menos de cem léguas, tendo vinte e cinco de quadrado. Está a vinte e cinco graus acima da Linha equinocial e a cem do cabo da Baixa[4]. Essa vasta região é assaz perigosa para os que navegam nas costas, onde se encontram Catai, as ilhas dos Canibais, Panuco e Themistitan. De longe, lembra antes uma ilha em pleno oceano. E é perigosa principalmente por causa das longas e impetuosas correntes e dos seus habituais ventos e tempestades.

A oriente da terra firme propriamente dita, encontram-se a província de Chicoma e as ilhas chamadas Bahamas ou Lucaias; a oeste fica Nova Espanha, confinando, aí, com Anahuac, da qual já tratei anteriormente. Seus territórios mais férteis e melhores são os de Panuac, também limítrofes de Nova Espanha.

Os indígenas desse lugar mostram um aspecto muito possante e cruel. E, assim que as suas plantações e raízes, das quais se alimentam cotidianamente, sentem falta de água ou de sal – prosternam-se diante dos ídolos, pois são todos idólatras. Esses ídolos têm forma de homens ou de animais. Acresce que são povos mais dissimulados e sagazes, nas artes bélicas, do que os do Peru. Assim, quando vão à guerra, o rei veste peles de animais e é carregado por quatro homens todos vestidos e ornamentados de ricas plumagens, permanecendo, até o final, no meio do combate. E, se, ao sentirem-se fraquejar, o rei tenta escapulir, é este morto – costume ainda hoje observado por alguns países e raças bárbaras do Levante. Suas armas são o arco, a flecha envenenada e a lança (cuja ponta é feita com ossos de animais selvagens, ou ossos de peixes, mas bem agudas). Alguns desses povos devoram os prisioneiros, semelhantemente aos demais selvagens americanos, de que já falei.

Embora idólatras, os indígenas da Flórida creem na imortalidade da alma. Também acreditam que há um lugar muito frio e reservado

---

4 No texto, *cap de Baxa*. No planisfério de Sebastião Caboto lê-se o topônimo *rio Baxo*, aproximadamente à altura do atual rio Altamaha. Adiante (f. 148), Thevet escreve *promontoire de Baxe*, que Gaffarel identifica com o cabo Whittle, ao sul de Labrador. Parece-me, entretanto, que o *promontoire de Baxe* é o mesmo *cap de Baxa*, que o franciscano escreve, como frequentemente faz, ora de um modo, ora de outro.

aos maus, punindo os deuses as faltas ou crimes cometidos pelos mesmos. Julgam, por outro lado, que há numerosos homens, vivendo tanto no céu como no seio da terra. E mil outros desatinos, só comparáveis aos das *Metamorfoses*, de Ovídio – ideias que só servem de motivo para rir. Mas estão persuadidos de que tudo isso é pura verdade, tanto quanto os turcos e árabes dão fé aos escritos do *Corão*.

Porque a Flórida tomou esse nome.
Touros selvagens.

A Flórida é menos fértil nos trechos banhados pelo mar, sendo as populações mais rudes do que as do Peru ou da América, por falta de contato com a gente civilizada. Seus descobridores deram aquele nome ao promontório no ano de 1512, por encontrá-lo todo verdejante e revestido de numerosas flores de todas as espécies e tonalidades[5]. Entre a Flórida e o rio da Palma se encontram várias sortes de animais monstruosos, entre os quais certos grandes touros, guarnecidos de cornos de um pé de comprimento; o dorso desses animais é saliente como o de um camelo e o pelo, cuja cor se assemelha muito ao fulvo da mula, alongado, em todo o corpo, sendo ainda mais longo sob o queixo. Já se levaram para a Espanha dois dos tais touros selvagens, vivos, de um dos quais vi somente o couro. Não puderam viver lá muito tempo. O touro selvagem, segundo se diz, é inimigo perpétuo do cavalo. Não se pode conservar um perto do outro[6].

O cabo da Baixa.
Ostras com pérolas.

Para o lado do cabo da Baixa, encontra-se um riozinho, onde os escravos pescam ostras que contêm pérolas. E já que estou no assunto, não quero esquecer de contar como se faz a extração das pérolas – processo que é o mesmo em ambas as Índias, as orientais e as ocidentais. Assim como

5 É tradição que o descobridor da Flórida foi Juan Ponce de León. Em fins de março de 1512, no dia da Páscoa da Ressurreição (chamada, na Espanha, de *Paschoa Florida*), tocou Ponce de León, pela primeira vez, em um trecho da costa próxima da foz do rio de São João, ao norte da Flórida. Por essa razão e também por causa da abundância e encanto de flora indígena, o descobridor denominou a região de *Florida*.

6 O touro selvagem descrito por Thevet é o bisão.

24. O bisão (Thevet).

os chefes de família possuem numerosos escravos, mandam-nos, à falta de outra ocupação, à pesca das ostras. E estes, trazendo os balaios cheios de tais mariscos, põem-nos em determinadas vasilhas, que enchem, a meio, de água; sucede, então, que as ostras, após conservadas ali alguns dias, abrem-se e, assim, o líquido despoja-as das pérolas. Ou melhor os escravos retiram as ostras das vasilhas e deixam escorrer a água por um furo, sob o qual colocam panos (a fim de que as pérolas não se percam). Essas ostras, finalmente, são muito diferentes das nossas, quer quanto à cor, quer quanto às conchas, possuindo certos orifícios que parecem artificiais. É na parte interna dos ditos orifícios que as pérolas ficam coladas – eis o que eu queria dizer, de passagem.

No Peru há também dessas pérolas, assim como um bom número de outras pedras; as mais finas, entretanto, encontram-se nos rios da Palma e do Panuco, que distam entre si trinta e duas léguas. É verdade que em tais lugares não se pode pescar à vontade, por causa dos selvagens ainda não catequizados – selvagens que adoram os corpos celestes e consideram a respiração como alguma coisa de origem divina (tal qual alguns povos do passado, inclusive os citas e os medas).

O país do Bacalhau.
A ponta do Bacalhau.
O bacalhau, um peixe.
As ilhas de Cortés.

Costeando a Flórida, que deixamos à nossa esquerda, por motivo dos ventos contrários, aproximamo-nos do Canadá e de uma outra região chamada do Bacalhau; aliás, com pesar nosso, tendo em vista sobretudo o excessivo frio, que nos molestou por espaço de dezoito dias. A terra do Bacalhau avança, em forma de ponta, pelo mar adentro bem umas duzentas léguas. Fica no setentrião e dista da Linha equinocial somente quarenta e oito graus. Tomou esse nome por causa de um certo peixe, ali existente, chamado *bacalhau*. Entre tal ponta e o cabo do Gado existem diversas ilhas povoadas, dificilmente abordáveis em virtude dos numerosos penhascos adjacentes. Chamam-se de ilhas de Cortés[7], mas há quem as julgue terra firme ligada à ponta do Bacalhau.

7 Gaffarel identifica as ilhas de Cortés com o arquipélago de Terra Nova e a ponta do Bacalhau com o rochedo isolado ao norte da baía da Conceição. Thevet, entretanto, designava pelo nome de *pointe de Baccales* a atual península de Avalon, ou mesmo toda a Terra Nova. Cf. o cap. LXVI, nota correspondente.

Viagem do inglês Sebastião Caboto.

A terra do Bacalhau foi descoberta pelo inglês Sebastião Caboto[8], o qual persuadiu ao rei da Inglaterra, de nome Henrique VII, ser fácil atingir Catai[9] pelo norte e, assim, adquirir as especiarias e outras riquezas, do mesmo modo como o monarca português as vai buscar nas Índias. Caboto também propôs uma viagem ao Peru e à América, a fim de povoar essas regiões com gente nova e lá estabelecer uma outra Inglaterra.

Sebastião Caboto, na verdade, não executou seus planos, embora tivesse deixado cerca de trezentos homens em terras situadas para o lado da Irlanda, ao norte, nas quais o frio, apesar de ser o mês de julho, dizimou quase todos os colonos. Depois de Caboto, Jacques Cartier empreendeu duas viagens à mesma região, isto é, nos anos de 1534 e 1535[10], conforme ele próprio me contou.

---

8 Gaffarel observa que não foi o veneziano Sebastião Caboto (no texto Sebastian Babate) quem descobriu a chamada Terra do Bacalhau, pois essa região foi visitada, anteriormente, pelos normandos e pelos bascos. E lembra, a propósito, que os topônimos de origem basca abundam na Terra Nova (Bacalhau; Raye, que lembra *arraico*; Rougnouse, que recorda Aurongue, localidade próxima de Saint-Jean-de-Luzy; Ylicillo, que significa o buraco das moscas; Ophorportu, isto é, *a vasilha de leite*; Portuchoa, ou seja, *o pequeno porto*).

Estudos modernos, não obstante, levam à conclusão de que a Terra Nova dos Bacalhaus foi provavelmente visitada pelos Cortes Reais. O *Atlas hydrographique* de 1511 (de d'Avezac), assinala, ao sul da *Terra do Lavrador de rey de Portugall*, uma região denominada *Terra de Corte Reale de Rey de Portugall*; na *Carta Portuguesa Anônima*, de 1520, publicada por Kunstmann, a região do Lavrador ostenta a legenda *Terram istam Portugalensis viderunt, tamen non intraverunt* e a do Bacalhau *Terra istam Gaspar Costerealis Portugalensis primo invenit*, etc.; a carta de Diogo Ribeiro (1529) traz a legenda *Tierra de los bacallaos la qual descobrieron los cortes* reales, etc. Cf. a vasta bibliografia sobre o assunto no quadro apenso ao estudo de C. Malheiro Dias, em *Hist. de Col. Port. do Bra.*, I.

9 Cata, ou Cathay, isto é, a China.

10 Cartier fez três viagens à América, entre 1534 e 1542. Na primeira (1534) atingiu a embocadura do São Lourenço, à qual deu o nome de "*golfe de la Chaleur*", depois *baía dos Calores*, assim chamada por causa da alta temperatura ali sentida, apesar de achar-se o descobridor no mês de julho; na segunda (1535-1536) remontou o curso do São Lourenço até a aldeia índia de Hochelaga (Montreal); na terceira e última (1541-1542); na terceira e última (1541-1542) chegou até o território de Quebec.

. . . .

Capítulo LXXV

DO CANADÁ, ANTES CHAMADO TERRA DO BACALHAU, DESCOBERTO NOS TEMPOS ATUAIS. COMO VIVEM SEUS HABITANTES

Viagem de Jacques Cartier do Canadá.

COMO ESSAS REGIÕES do setentrião foram recentemente descobertas por Jacques Cartier, mestre-piloto de origem bretã e capitão experimentado em ciência náutica, o qual se achava a serviço do falecido rei Francisco I, que Deus abençoe, – é oportuno escrever algumas linhas sobre as coisas de maior mérito de tal país, embora essa descrição devesse ter feito parte do capítulo anterior. Levou-me sobretudo a semelhante propósito o fato de ninguém, até hoje, ter ainda tratado do assunto[1], se bem que a matéria não seja pouco meritória. Demais, estas informações me foram fornecidas, diretamente, pelo referido descobridor, o piloto Cartier.

Localização do Canadá.

O Canadá, estando quase situado no polo ártico zenital, confina: no ocidente, com a Flórida e as ilhas do Peru, sendo banhado pelo

---

1 Não é exata essa afirmativa de Thevet, porquanto, como nota Gaffarel, desde 1545 já tinha sido publicada a primeira relação da 2ª viagem de Cartier: *Brief recit, et succincte narration de la navigation faicte es ysles de Canada, Hochelage et Saguenay et autres, etc*. Paris, Ponce Rosset et Authonie Leclerc, in-8.º, 48 fls.

mar Oceano até a região já dita do Bacalhau; no oriente com o mar que fica logo abaixo do Glacial ou Hiperbóreo; ao sul, finalmente, com a terra firme de nome Campestre de Berge. Mas, penso que a Terra do Bacalhau é o mesmo Canadá, pois acontece que muitas vezes dá-se nome a um lugar sem esse fato chegar ao conhecimento de outrem.

O cabo de Lorena, ou terra dos bretões. A pesca do bacalhau.

No Canadá há um cabo, o dos Bretões[2], segundo o nome que lhe deram os seus descobridores, – próximo da Terra Nova, onde hoje se pesca o bacalhau. Entre a Terra Nova e a terra alta dos Bretões, a que se dá também o nome de cabo de Lorena, medeiam de dez a doze léguas. No nordeste fica uma assaz espaçosa e longa ilha, entre ambos os ditos lugares, cujo circuito mede cerca de quatro léguas. Começa o Canadá no cabo dos Bretões, ao sul, cujas terras bordeja na direção oeste, nordeste, oeste e sudeste, a maior parte da qual se estende para a Flórida, formando, ao limitar-se com Themistitan, um semicírculo.

Situação do cabo de Lorena.
A baía do Calor, um rio.

A ponta de Lorena, de que acabo de falar, liga-se à terra pelo norte, sendo esta cercada por um mar mediterrâneo (como já se disse); tal qual a Itália, que fica situada entre o mar Adriático e o Ligústico[3]. Do referido cabo, em direção a oeste e a sudoeste, correm umas duzentas léguas de praia arenosa, sem nenhum porto ou enseada. Nessa região vivem povos vários, muito corpulentos, perversos, que trazem ordinariamente o rosto mascarado ou rajado por traços vermelhos e verde-gaios, – tintas que os indígenas extraem de certos frutos. Foi ela descoberta, repito, inclusive seus mares interiores, no ano de 1535, por Cartier, piloto natural de Saint-Malo. Com a frota, de que usou nessa expedição, acrescida de algumas embarcações carregadas de sessenta a oitenta homens, Cartier ladeou ter-

---

2 A denominação de *terre des Bretons*, *coste aux Bretons*, etc., é muito antiga. Vj. a nota, endereçada por Catarina de Médicis ao embaixador francês em Espanha, de 28 de novembro de 1565 (*apud* Gaffarel). O cabo de Lorena é, possivelmente, o Sable.

3 Isto é, da Ligúria, que ainda hoje conserva o nome (Mar Ligúrio).

ritórios até então desconhecidos, alcançando um grande e espaçoso rio, ao qual deu o nome de baía do Calor[4] e onde encontrou, em abundância, excelentes peixes, principalmente salmões. Nessa ocasião traficou em vários lugares circunvizinhos, dando achas, facas, anzóis, etc., em troca de peles de veados, de lontras e de outros animais silvestres, os quais os índios possuem em bastante quantidade. Os bárbaros fizeram-lhe mesmo um bom acolhimento, mostrando-se muito contentes com a sua vinda e firmando amizade com o descobridor.

O rio Hochelaga.

Passando adiante, Cartier encontrou outros povos, muito diferentes dos primeiros, tanto na língua quanto nos costumes. Dizem ter descido o grande rio Hochelaga[5] para fazer guerra àqueles, – segundo informações que foram fornecidas ao próprio piloto por sete índios, apreendidos e conduzidos, na qualidade de reféns, ao rei de França[6]. Ambos, depois, voltaram ao Canadá, por ocasião da segunda viagem de Cartier, adotando o cristianismo e, nessa religião, falecendo em França. Até então, ninguém tinha ouvido falar do país, da religião e de como vivem esses indígenas, pois, anteriormente, não havia nenhuma comunicação ou tráfego com o Canadá.

---

4 Cf. o cap. LXXIV, nota correspondente.

5 No texto, *Chelogua*, que Thevet escreve, também, *Ochelagua* (f. 155).

6 A relação de Cartier – nota Gaffarel – só menciona cinco homens. Os dois hurões (iroqueses), que partiram com o célebre piloto, chamavam-se Taiguragni e Domagaya.

. . . .

Capítulo LXXVI

NO QUAL SE TRATA DE OUTRA REGIÃO DO CANADÁ

Outra região do Canadá descoberta por J. Cartier.

A OUTRA REGIÃO DO CANADÁ, descoberta depois por Cartier, a mandado do rei de França, onde vivem habitualmente os selvagens atrás mencionados, fica acima do rio Hochelaga umas trezentas a quatrocentas léguas. Como aconteceu em sua primeira navegação, o piloto também encontrou, na segunda, o país bastante povoado.

Costumes amáveis dos canadenses.

Os canadenses têm costumes tão amáveis e pacíficos quando possível. Por seus hábitos familiares dão a impressão de que sempre viveram em perfeita comunidade, sem ódios nem asperezas. Ali erigiu Cartier um fortim e se estabeleceu, para nele invernar juntamente com os seus companheiros e, do mesmo modo, defender-se contra as injúrias do clima frio e rigoroso, tendo sido bem tratado pelos naturais, os quais lhe traziam, diariamente, canoas carregadas de peixes (enguias, lampreias, etc.) e de veações, no lugar tão abundantes.

Umas espécies de raquetas.

Os indígenas do Canadá são grandes monteiros ou caçadores, – isso tanto no inverno como no verão, – empregando, nessas operações,

engenhos e instrumentos vários. Assim, usam umas espécies de raquetas[1], de cordas entrelaçadas como as de uma peneira, tendo o comprimento de dois pés e meio e a largura de um; trazem-nas adaptadas aos pés, especialmente quando vão à caça dos animais ferozes, pois a raquetas evitam que os caçadores se enterrem na neve.

Como os canadenses caçam o cervo e outros animais selvagens.

Os canadenses vestem-se com peles de cervo[2], confeccionadas e preparadas a seu modo. Para apanhar esses animais, dez ou doze índios se juntam, armados de lanças de quinze a dezesseis pés, cujas pontas são guarnecidas de ossos do dito animal, ou de outro qualquer, do comprimento de um pé, ou mais (em lugar de ferro) e de arcos e flechas (também providas de ossos); em seguida, acompanhando o rasto profundo deixado, na neve, pelo animal, descobrem-lhe a pista, na qual se ocultam por trás de galhos de cedro, que, naquela região, verdejam todo o ano, plantados e dispostos à maneira de tarrafas. E logo o cervo, atraído pela vegetação e pela trilha aberta, lança-se na armadilha, sendo, então, à custa de flechadas e golpes de lança, constrangido a correr para a neve, onde se afunda até o ventre e é, aí, uma vez que não pode correr, facilmente abatido. Isso feito, é a caça esfolada e esquartejada no próprio local, envolvendo-se as peças, depois, no couro do animal. Finalmente, carne e pele é tudo arrastado até a cabana do caçador e, em seguida, conduzido para o fortim francês, as quais trocam os índios por algumas ferragenzinhas e bugigangas da mesma espécie.

---

1 A raqueta canadense provém da região dos Grandes Lagos. A mais perfeita é a dos hurões, justamente a que foi vista por Cartier. Em Montandon (p. 583) pode ver-se uma boa gravura da raqueta dos hurões.

2 Trata-se da caça ao caribu. Gaffarel transcreve um trecho de Nicholas Perrot, no qual se faz a descrição da caça à rena, ou rangífer do Canadá, muito semelhante à de Thevet.
Os hábitos familiares, que deram a impressão de que os hurões viviam em perfeita comunidade, são devidas, em grande parte, às atividades cinegéticas. É a vida econômica, é a necessidade de caça coletiva que explica, como observa Westermark (II, p. 194), a existência dos índios de certas regiões canadenses.
A obra de N. Perrot é a *Mémoire sur les moeurs, costumes et relligion des sauvages de l'Amérique septentrionale*, Leipzig & Paris, 1864.

Beberagem soberana no tratamento de certas doenças, usada pelos canadenses.

Não quero omitir, aqui, mais singular costume dos canadenses, a saber, quando esses silvícolas são acometidos de febres e outras doenças internas, recolhem eles as folhas de certa árvore, – muito semelhante ao cedro, que existe em abundância nas montanhas de Tarare, no Lyonnais, – das quais extraem o suco e que servem de bebida[3]. Não há doença, por mais pertinaz, que tal beberagem não cure no espaço de vinte e quatro horas. Os próprios franceses já experimentaram, várias vezes, o medicamento, trazendo a planta para a Europa.

3 A árvore tinha o nome de *aneoda*, sendo identificada, segundo Gaffarel, ora com abeto (*Abies canadensis*), ora com o berberia ou pilriteiro (*Crategus oxyacanthus*), que os ingleses chamam de *berberry*. As folhas do *uneoda*, em decocção, têm propriedades antiescorbúticas.

. . . .

Capítulo LXXVII

COSTUMES E IDEIAS RELIGIOSAS DOS POBRES CANADENSES. QUE FAZEM ESSES ÍNDIOS PARA RESISTIR AO FRIO

Casamentos dos canadenses.
Osannaha.
Andouagni, deus dos canadenses.

QUANDO AOS SEUS costumes e relações sociais, vivem os canadenses segundo a lei da natureza[1]. No casamento, por exemplo, toma o homem duas mulheres, sem quaisquer cerimônias, justamente como o fazem os selvagens sul-americanos, de que já falei. Do mesmo modo no que diz respeito à religião, não havendo nenhum rito, para orar ou reverenciar a Deus, pois só fazem contemplar a lua crescente, à qual dão o nome de *Osannaha*: é *Andouagni*[2] (dizem) quem, de tempos em tempos, chama e envia a lua crescente, do que resultam as enchentes e vazantes. E Andouagni, segundo creem firmemente, é o grande Criador todo poderoso, maior que o sol, a lua e as estrelas, não havendo, porém, como já o disse, nenhum rito de adoração (não obstante, em algumas regiões, adorarem os indígenas e ídolos, havendo, algumas vezes, nas cabanas, quarenta ou cinquenta deles, conforme me contou um piloto português, que os visitou em duas ou três aldeias).

---

1 Sobre a organização político-social dos iroqueses (*sibs* e outras unidades sociais), especialmente a respeito da *maternal family*, cf. Alexandre Goldenweiser, pp. 334-337 e 361-366. Os contratos matrimoniais são bem complexos, ao contrário do que supunha Thevet.

2 Citando Sagard (*Histoire du Canadá*, § 30), Gaffarel nota que o nome dessa divindade variava (*Coudoüagni, Youskeka*).

Opinião dos canadenses sobre a imortalidade da alma. Donacona, rei do Canadá.

Os canadenses acreditam na imortalidade da alma. Se alguém procede mal, ao morrer uma grande ave arrebata-lhe a alma; em caso contrário, vai a alma para um lugar recoberto de belas árvores e povoado de maviosos pássaros. E essas informações foram fornecidas por Donacona[3], *agahanna*[4] ou rei do Canadá, que viveu em França quatro anos, chegando a falar francês e lá morrendo como muito bom cristão.

O extremo frio do Canadá. As choças dos canadenses.

Os pobres canadenses – encurtando a história – vivem perpetuamente atormentados pelo rigor do clima, devido, como é fácil compreender, à ausência do sol. Moram em vilarejos ou aldeias, cujas choças são semicirculares, longas de vinte a trinta pés e largas de dez. E só Deus sabe o frio que nelas penetra, pois são mal construídas e cobertas, com os pilares e caibros inseguros: ao peso da neve, acontece que muitas vezes desabam as palhoças. Cumpre dizer, entretanto, que, apesar desse excessivo frio, são os índios fortes, belicosos e incansáveis no labor.

Porque os povos do setentrião são mais bravos que os do meio-dia. Mar Glacial. Penúria frequente no Canadá. Sua razão.

Os povos do setentrião são todos mais ou menos destemidos, ao contrário dos que habitam nos trópicos ou no Equador. A estes a veemência da temperatura lhes tira e dissipa o calor natural, que, naqueles, é conservado pelo frio. Como se sabe, a força e as faculdades do corpo dependem do calor natural. Também o mar, em derredor do Canadá, é glacial,

---

3 Donnacona, diz Gaffarel, foi realmente levado para a França por Cartier, em sua segunda expedição, lá falecendo em menos de dois anos. Os três únicos selvagens sobreviventes foram batizados na igreja de Notre Dame de Saint-Malo (1538). Cartier serviu de padrinho a um deles.

4 No texto *Aguanna*; à margem, *Aguaña*. Adiante, porém (f. 155), Thevet adapta a grafia *Agahanna*.

estendendo-se para o norte. Isso porque as águas se acham muito afastadas do sol, que passa, embora obliquamente, pelo centro do universo, no seu movimento, de oriente para ocidente. E, quanto maior é o calor natural, tanto melhor se faz a concocção e digestão dos alimentos, sendo o apetite, portanto, também maior. Por esse motivo, as populações do setentrião comem mais do que as das terras opostas, – vindo, daí, a frequente fome por que passam os povos do Canadá, onde, por outro lado, por espaço de três ou quatro meses, param os rios e gelam as raízes e frutos alimentícios.

**A terra do Labrador, descoberta pelos espanhóis.
Vida comunal dos índios canadenses.**

Os canadenses cobrem suas choças com cascas de árvores, das quais também fabricam canoas para as pescarias no mar ou nos rios. Os povos do Labrador, vizinhos dos primeiros, – descobertos pelos espanhóis em suas viagens à procura de uma passagem para as Molucas, o país das especiarias, – estão, do mesmo modo, sujeitos aos rigores do clima frígido e cobrem suas choupanas, à maneira dos demais canadenses, com a pele dos peixes[5] e dos animais selvagens. Vivem os índios canadenses em comunidade, como os demais selvagens sul-americanos, cada qual ocupado em seu trabalho: alguns fabricam potes de barro, outros pratos, escudelas e colheres de pau; estes arcos, flechas, cestos, aqueles as roupas de peles, com as quais se defendem do frio.

**Modo de lavrar a terra. O milho, um legume.
Favas brancas.**

São as mulheres que lavram a terra. Remoem-na com certos instrumentos compridos, de pedra, nela semeando sementes, sobretudo as de milho do tamanho da ervilha, de várias cores, igualmente como se plantam os legumes na Europa. O talo desse milho[6] cresce como o da cana-de--açúcar, dando três ou quatro espigas, uma sempre maior que as restantes; suas folhas lembram, por sua disposição, a alcachofra. Também plantam

---

5 Thevet quer dizer *com a pele de certos cetáceos ou sirênios.*

6 Os iroqueses distinguiam cerca de quinze ou dezesseis variedades de milho. Cf. F. W. Waugh, "Troquois Foods and Food Preparation", em *Memoir 86,* n. 12*, Anthropological Series, Geological Survey*, Canadá.

os índios umas favas achatadas, da alvura da neve, aliás muito boas. Há de tais espécies na América[7] e no Peru.

Como os índios comem as abóboras.

No Canadá existem, ainda, muitas abóboras ou melões, que os índios comem assadas em brasas, como se faz em França às peras. E certas sementezinhas, miúdas, semelhantes às da manjedoura[8], que produzem uma erva bastante avantajada[9]. Essa erva, extraordinariamente estimada, secam-na os índios ao sol, em molhos, trazendo-a, depois, de ordinário, nas suas bolsinhas de couro, como os respectivos canudos. É em tais canudos que os selvagens põem a erva seca, esfregando-a nas mãos e aspirando o fumo pelo orifício oposto ao do fogo.

Uso dessa erva perfumada.

Os índios canadenses levam horas inteiras aspirando esse perfume, a ponto de sair-lhes o fumo pelos olhos e pelo nariz.

Os selvagens sul-americanos[10], como já o disse em outra parte, também têm um costume semelhante.

---

7 Isto é, na América do Sul.

8 No texto *graines de Mariolaine*. Trata-se do *Origanum Majorana* L.

9 Referência ao tabaco, que os indígenas chamavam de *hoüan-hoüan* (Sagard, *apud* Gaffarel). A descrição de Cartier é quase idêntica à de Thevet. O tabaco era sagrado entre os cheroquis (Cherokecs), do grupo iroquês. Cf. James Mooney, p. 439.

Sobre os iroqueses em geral, descritos por Thevet, vj. F. X. de Carlevoix, *A voyage to North America*, trad., Dublin, 1766; L. H. Morgan, *Leogue of The Ho-dé'-no-sau-nee, ar Iroquois*, Rochester, 1851; G. Sagard, *Le Grand voyage ou pays des Hurons*, Paris, 1865; E. A. Smith, "Myths of the Iroquois", *Ann. Rep. Bur. Ethn.*, II, Washington, 1883: W. M. Beauchamp, "The Iroquois White Dogs Feast", *American Antiquarian and Oriental Journal*, VII, Chicago, 1885; J. N. B. Hewitt, "Ethnology of the Iroquois", *Smiths Mus.*, LXVIII, n. 112, Washington, 1918; E. Starr, *History of the Cherokee Indians and their Legends and Folklore*, Oklahoma, 1921; R. B. Orr, "The hurons", *An. Arch. Rep.*, XXXIII, Toronto, 1922; A. C. Parker. "Analytical history of the Seneca Indians", *Researches and transactions of the Nova York State Arch. Assoc.*, VI, Nova York, 1926; F. Hougthon, "The migrations of the Seneca nation", em *Am. Anthr*. XXIX, 1927; W. R. L. Smith, *The story of the cherokees*, Cleveland, 1928.

10 No texto, *Ameriques*. Thevet, como já observei, refere-se aos indígenas por ele visitados no Brasil.

. . . .

Capítulo LXXVIII

TRAJE DOS ÍNDIOS CANADENSES. SUAS CABELEIRAS. COMO CRIAM OS FILHOS

O traje dos índios canadenses.

Em matéria de vestes, os índios canadenses estão acima dos aborígenes sul-americanos, pois se cobrem com peles de animais selvagens, confeccionadas, segundo já o disse, à sua maneira. Os pelos são conservados. Esse costume é, talvez, oriundo da necessidade de precaver-se o índio contra o frio e não de qualquer sentimento ou ideia moral. Como os demais indígenas americanos não se veem abrigados por tal necessidade, andam todos nus, sem mostras de nenhum pudor.

É verdade que os índios canadenses, isto é, os homens, não se vestem totalmente, mas apenas se cobrem com um couro peludo, cortado à maneira de avental. A peça cobre-lhes o peito e as partes vergonhosas, prendendo-se, entre as coxas, por botões. Também os índios envolvem o ventre com uma cinta, que lhes aperta o corpo, deixando os braços e as pernas nuas. Por cima disso tudo, um grande manto, também de pele, de tal modo costurado e preparado como se fora obra de algum hábil peleiro. Tais mantos são feitos do couro de vários animais, a saber, lontras, ursos, martas, panteras, raposas, lebres, coelhos, ratos, etc., curtidos com o pelo, – donde, segundo penso, advém o costume do que afirmam, por ignorância, serem os selvagens peludos.

Dizem certos escritores que Hércules da Líbia, ao chegar à França, encontrou uma população vivendo à maneira dos selvagens da América

ou das Índias orientais, isto é, sem nenhum grau de civilização, homens e mulheres quase nus alguns, outros apenas cobertos de peles. Essa devia ter sido mesmo a condição primitiva do gênero humano, rude e inculto, até que, com o decorrer dos tempos, a luta pela conservação da vida levou-o a inventar várias utilidades. E, assim, ainda hoje vivem os míseros selvagens da América, admirando as nossas vestes e indagando, como já me sucedeu, de que árvore era extraído o material das roupas europeias (pois julgavam que a lã, como o algodão, vem de alguma árvore).

O uso da lã. Quem a inventou.

O uso da lã foi por muito tempo ignorado e teria sido, de acordo com o dizer de vários autores, uma invenção dos atenienses. Há também quem a atribua a Palas, visto ser a lã empregada anteriormente à existência dos atenienses e à edificação de sua cidade, – motivo pelo qual esses tinham aquela deusa, de quem haviam recebido o benefício, em grande estima e reverência. Mas é verossímil que os atenienses e outros povos da Grécia se cobrissem de peles, à moda dos índios canadenses. Ou melhor, à semelhança do primeiro homem, o qual, com esse exemplo (di-lo são Jerônimo), ensinou à posteridade a prática de evitar a nudez. E, por isso, é de louvar a Deus a sua particular afeição pela Europa, – de todas as partes do mundo a única favorecida por esse costume.

**Como os índios canadenses usam a cabeleira.
A zibelina, uma espécie de murta.**

Cabe, agora, tratar da maneira pela qual os índios canadenses usam o cabelo. Nesse particular, diferem eles dos selvagens sul-americanos. Homens e mulheres conservam seus cabelos negros bem crescidos. Há apenas uma diferença: os homens os usam enfeixados (à maneira do que se faz à cauda do cavalo), atravessando-os com cavilhas de madeira; por cima desse tope, uma pele de tigre, de urso ou de outra qualquer fera. Assim adornados, dão os índios ideia de que vão aparecer em cena, lembrando a figura de Hércules[1], tal qual, para a delícia dos antigos romanos, era ele

1 Gaffarel transcreve um trecho de Marc Lescarbot, extraído da *Histoire de la Nouvelle France*, VI, 9 (Paris, 1613). Interessante é o fato de Lescarbot comparar, também, o traje do índio canadense, descrito por Thevet, com o de Hércules. "*Et ne le scauroy mieux comparer qu'aux peintures que l'on fait de Hercule*".

representado (ainda hoje, Hércules é desenhado do mesmo modo). Alguns índios também costumam envolver a cabeça com peles de zibelina, uma espécie de murta comum às regiões do norte, a qual, na Europa, é, por sua raridade, muito apreciada, – donde o costume de ser essa pele reservada para o ornamento dos príncipes e dos grandes senhores. A raridade da zibelina iguala à sua beleza.

Traje das mulheres do Canadá.

Semelhante aos índios do Brasil, os homens não usam barba, arrancando-a logo que ela nasce. As mulheres também envolvem o corpo, mas com peles de veado, preparadas como as dos homens (é artigo esse melhor que o existente em França); e empregam uma cinta, que dá três ou quatro voltas no corpo, presa, na espádua, como o boldrié dos peregrinos, embora deixem a descoberto um dos braços e um dos seios. Usam as mulheres, ainda, umas espécies de calçados de couro curtido, muito bem trabalhados, que tingem com certo suco extraído de determinadas ervas e frutas, ou extraído de umas terras de cor, ali tão abundantes. O sapato propriamente dito é do mesmo material, inclusive os ornatos[2].

O matrimônio, entre os índios canadenses.
Agahanna.

Os índios canadenses observam rigorosamente os deveres matrimoniais, evitando, sobretudo, a prática do adultério. Mas é verdade, como já se disse, que cada homem mantém duas ou três mulheres. Agahanna, morubixaba do Canadá, pode ter tantas quanto lhe apeteça. A moça não perde a estima por ter servido, antes de casar, a algum mancebo; o mesmo sucede entre os selvagens sul-americanos. E, para esse fim, possuem, na aldeia, determinadas cabanas, nas quais os adultos travam relações sexuais, afastados dos menores.

A viuvez é muito honrada entre as mulheres canadenses.

As viúvas jamais tornam a contrair matrimônio, qualquer que seja o número delas, guardando luto para o resto da vida. E, por isso,

---

2 Thevet refere-se ao mocassim dos iroqueses. Cf. Montandon, p. 344.
No texto, *cadelure*, palavra antiga, inusitada, que deriva de *cadeler*, "*enjoliver* (*des majusculos*) *de traits, d'ornements*" (Adolphe Harsfeld & Arsène Darmesteter, I, p. 325).

conservam o rosto besuntado de pó de carvão e óleo de peixe, tendo, por cima, os cabelos esparsos e desgrenhados (e nunca atados para trás, como as demais mulheres).

Como as índias educam as crianças.

As índias canadenses tratam as crianças do seguinte modo[3]: ligam-nas e envolvem-nas em quatro ou cinco peles de marta, cosidas umas nas outras; depois, prendem-nas em uma prancha ou tábua de madeira, perfurada, de modo que a criança dispõe, entre as pernas, de uma espécie de funil ou goteira, feita de casca de árvore, bem branda, pela qual urina sem molhar ou manchar nenhuma parte do corpo ou do seu envoltório.

Superstição dos turcos.

Se o Canadá fosse uma região vizinha da Turquia, era de crer que os indígenas canadenses tivessem aprendido tal costume com os turcos. Ou vice-versa. Todavia, os selvagens canadenses têm o hábito como uma medida higiênica, – o que os coloca acima dos demais indígenas (e mesmo acima daqueles povos em matéria de civilidade); os supersticiosos turcos, ao contrário, consideram maléfico a criança molhar-se na própria urina.

Direi, finalmente, que as índias plantam em terra a referida tábua, por sua ponta inferior, ficando, ali, a criança a dormir, em pé, com a cabeça inclinada ou pendente.

---

3 Sobre as práticas relacionadas com a saúde, a conservação e modo de viver das crinaças, entre os povos primitivos da América, of. F. C. Spencer, "Education of the Pueblo Child", em *Columbia University Contributions to Philosophy, Psychology and Educatton,* VII, n. 1, Nova York, 1899; Alexandre Francis Chamberlain, *The Child and Childhood in Folk-Thought*, Nova York, 1896; W. D. Hambly, Origins *of Education among Primitive Peoples*, Londres, 1926.

. . . .

Capítulo LXXIX

COMO GUERREIAM OS ÍNDIOS CANADENSES

Os canadenses, povos belicosos.

QUANTO AOS HÁBITOS BELICOSOS, são os canadenses, com pouca diferença, em tudo iguais aos demais silvícolas. Os *tontanianos*, os *gualdapes* e os *chicorins*[1] fazem, ordinariamente, guerra aos índios do Canadá e a outros diversos povos, originais dos rios Hochelaga e Saguenay[2], ambos majestosos e belos, cheios de excelentes peixes, pelos quais os canadenses podem subir umas trezentas léguas, até os territórios inimigos, em canoas, pois, em virtude dos saltos, não são, por outra forma, navegáveis. Dizem os antigos povos dessa região que, em poucas luas, – de acordo com o seu modo de contar o tempo, – é possível, subindo os dois rios, alcançar terras das mais variadas populações, nas quais abundam o ouro e a prata. Os referidos rios, a princípio separados, encontram-se em determinado sítio (como o Ródano e o Saône em Lyon) e, assim reunidos, vão ter a Nova Espanha – pois Nova Espanha e Canadá são ambas confins, tal qual a França e a Itália.

---

1 Os *chicorins*, como já vimos (cf. cap. LXVI, nota correspondente), habitam uma região ao norte da Flórida, que Sophus Ruge localiza entre os 32 e os 33 graus de latitude N. Justamente nessa região habitam os *cheroquis*, cujo nome parece proceder da palavra *chiluk-ki*. Cf. C. Royce, "The cherokee nation", em *Annual Report of Bureau of American Ethmology*, V, 1883-1884. Penso que *chicorius* é, pois, uma corruptela de *cheroqui*. Os *gualdapes* (no texto *Gualdapes*) eram seus parentes ou afins. Os *tontanianos* lembram os *tetons* (da família dos *siux* ou *syús*).

2 No texto, *Saguené*. O Saguenay é um afluente da margem esquerda do São Lourenço.

Preparativos bélicos dos canadenses.

Quando os canadenses estão em guerra, o seu *agahanna*, isto é, o grande rei, comanda os demais caciques, a ele sujeitos, os quais, nesse sentido, estão na mesma dependência das aldeias para com os seus maiorais. E, assim, os tais caciques reúnem-se ao rei, acompanhados de sua gente devidamente equipada de víveres e munições, conforme o costume geral, esforçando-se os guerreiros por obedecer aos seus chefes e por nada faltar à empresa.

Estratagema de guerra usado pelos canadenses.
Outro estratagema.

Chegados, por água, em suas compridas canoas de cascas de árvore – em tudo semelhantes às dos selvagens sul-americanos – ouvem a deliberação da assembleia e, depois, vão, em ordem de combate e assalto, à procura dos inimigos, empregando, nisso, uma infinidade de estratagemas e artimanhas. E estes, então, fortificados em suas choupanas, acendem fogueiras, cujo fumo grosso e negro, perigoso à inalação em virtude de seu extremo mau cheiro, envenena e cega os atacantes. Os índios sabem mesmo dispor as fogueiras, de modo que o vento leve a fumaça para os lados onde se encontram os adversários. Outro estratagema, usado pelos indígenas, é o de pôr, nos ramos ou lenha da fogueira, veneno extraído de algumas folhas, plantas ou frutos, previamente ressequidos ao sol. O fogo é ateado logo que os índios percebem, ao longe, a aproximação do inimigo.

Aconteceu, mesmo, que, a fim de defender-se dos europeus, os quais vinham em busca de descobrir ou explorar o seu país, os índios procuraram atear fogo aos navios surtos na praia, usando, para isso, de certas graxas ou óleos. Mas os espanhóis, avisados, impediram tal intento. Estou, entretanto, informado de que os míseros selvagens canadenses só maquinaram essa empresa em justa e legítima retribuição aos danos por eles sofridos. Realmente, tendo os europeus desembarcado, alguns mancebos brincalhões, mas inconsequentes e depravados, só por mera barbaridade, deceparam braços e pernas dos pobres índios, com o fito de experimentar (como diziam) se suas espadas estavam bem afiadas, – isso sem consideração à mansidão e hospitalidade com que tinham sido recebidos. E, desde então, proibiu-se que os europeus desembarcassem nessa região e nos territórios vizinhos, ou mantivessem com as suas populações qualquer espécie de tráfico.

Marcha dos índios canadenses, quando estão em guerra.

Os índios canadenses, em resumo, marcham, quando em guerra, de quatro em quatro, soltando espantosos gritos e urros assim que avistam o inimigo (igualmente como as amazonas). O objetivo é aterrorizar ou amedrontar os contrários. Levam, nessa ocasião, várias insígnias, feitas com ramos de bétulas ornados de penas ou plumagens de cisnes. As peles dos tamborins são esticadas e presas, à maneira do pergaminho, no bastidor, sendo esses instrumentos carregados por quatro homens, dois de cada lado: o tocador vai atrás, rufando, com duas varetas, tão impetuosamente quando lhe é possível. Das tíbias do veado, ou de qualquer animal selvagem, fabricam-se as flautas.

Como pelejam.

Flechas, clavas roliças, tacapes de quatro faces, lanças, chuços de pau com pontas de ossos (em lugar de ferro), – são as armas com que combatem os índios canadenses. Os escudos, recobertos de plumas, pendurados ao pescoço, os índios trazem ora ao peito, ora às costas, conforme julgam melhor. Põem os indígenas, ainda, um capacete de pele de urso, muito espessa, para defender a cabeça.

Maneira de combater dos antigos.
Combate das virgens nas festas de Minerva.
Antigo costume de guerra dos tebanos e lacedemônios.

Os povos antigos também combatiam do mesmo modo que os selvagens, golpeando-se com os punhos ou os pés, mordendo-se, agarrando-se ao cabelo do inimigo, etc. Depois foi que veio o uso de atirar pedras, uns nos outros, segundo ensina a santa Bíblia. Diz Heródoto, no livro 4º., que certo povo tinha o hábito de guerrear com bastões e clavas, narrando, ainda, que as virgens desse país também costumavam usar pedras e maças, nos combates travados, anualmente, em honra ao dia de Minerva. Diodoro, no livro 1º, conta que as armas próprias de Hércules eram a pele de leão e a maça, pois não se conheciam, até então, outras armas. Quem consultar Plutarco, Justino e outros autores verá que os antigos romanos combatiam inteiramente nus. Os tebanos e os lacedemônios vingam-se dos inimigos a golpes de barras e fortes clavas de madeira. E é de crer que esses povos primitivos tenham sido tão valorosos quanto os atuais; sobretudo se conside-

rarmos que andavam totalmente nus, ao contrário dos índios canadenses, cujas grossas peles são para eles como uma espécie de proteção e de arma de guerra. Poderia ainda indicar, a propósito da arte bélica dos antigos, muitos outros autores, mas, como quero retornar ao assunto principal do presente capítulo, acho que já são suficientes os exemplos dados.

Como tratam os índios canadenses a seus prisioneiros.

Os índios canadenses não devoram os seus inimigos – ao contrário de muitos outros povos da América – costume realmente mais tolerável. É verdade, porém, que, quando saem vencedores do combate e apanham alguns deles, arrancam-lhe a pele da cabeça e da face[3], pondo-a, depois a secar. Em seguida levam essa pele para as suas terras, mostrando-as, como sinal de vitória, aos amigos, isto é, às mulheres e aos velhos incapacitados, pela idade, de tomar parte na guerra. Todavia, não são os índios canadenses tão inclinados à guerra quanto os do Peru e os do Brasil. E talvez isso seja devido às dificuldades causadas pela neve e por outros empecilhos da região.

---

3 Thevet refere-se ao costume de arrancarem os índios a pele do crânio, juntamente com a cabeleira (escalpo, de *scalp*). Cf. Montandon, pp. 644-646.

. . . .

Capítulo LXXX

DAS MINAS, PEDRARIAS E OUTRAS PRECIOSIDADES DO CANADÁ

Benignidade da região canadense.

A REGIÃO CANADENSE é bela, bem situada e muito benigna, exceto, como se pode imaginar, quanto à inclemência de seu céu.

Suco de uma árvore, com o sabor de vinho.
O *couton*, árvore.

O Canadá possui várias árvores e frutos, que na Europa não são conhecidos, entre os quais uma[1] da grossura e do aspecto da nogueira. As propriedades dessa árvore foram por longo tempo desconhecidas até que, ao ser casualmente cortada produziu um suco tão saboroso e delicado quanto o melhor vinho de Orléans ou de Beaume, conforme o verificaram os próprios franceses, isto é, Cartier e outros gentis homens de sua companhia. Em um instante, recolheram-se do referido líquido quatro ou cinco jarras. A planta, cujo nome na língua nativa é *couton*, vive hoje, como se supõe, ciosamente resguardada pelos índios canadenses, devido à sofreguidão que têm por essa bebida.

---

1 A árvore decrita por Thevet, é, segundo Gaffarel, uma espécie de faia. Identificando essa planta, Gaffarel transcreve o segunte trecho da *Cosmographie universelle* (f. 1014) do referido franciscano: "*Le capitaine Iaques Cartier auec lequel me suis tenu*

Videiras nativas no Canadá.

Outra coisa que parece incrível a quem não o viu, são as belas videiras existentes em várias regiões do Canadá. Nascem por si próprias, sem necessidade de cultivo, dando enorme quantidade de uvas bem nutridas e deliciosas. Não há notícia, porém, de que o vinho seja da mesma qualidade da fruta. E é de supor como isso pareceu estranho e admirável aos nossos descobridores.

Pedrarias da cor de ouro nativo.
Minas de ferro e cobre.
A frase: *É diamante do Canadá*.

É o Canadá todo cheio de montanhas e planaltos. Nas montanhas mais altas se encontram certas pedras, em peso e cor muito semelhantes ao ouro nativo, embora se reduzam a cinzas quando submetidas ao calor do fogo. Se, acaso, a terra fosse escavada mais profundamente, talvez lá se descobrissem minas tão preciosas quanto as das ilhas do Peru. Ferro e cobre, contam-se em abundância. E, também, certas pedras à feição das pontas-de--diamante, originárias tanto das montanhas como dos planaltos. Os franceses, ao descobrirem esses falsos diamantes, pensaram logo que estavam ricos e por isso trouxeram para a Europa grande quantidade do minério. Daí o conhecido dito da atualidade: *é diamante do Canadá*. A pedra, de fato, tem muita aparência com o diamante de Calicute e das Índias orientais, sendo que alguns a consideram uma espécie de cristal de primeira.

Teorias sobre a origem dos cristais.

A respeito do assunto não posso tirar nenhuma conclusão, a não ser a de que o cristal, segundo o dizer de Plínio, provém da neve ou da água excessivamente gelada. Assim, nos lugares sujeitos à neve, ou ao gelo,

---

cinq mois, en sa maisom à Saint Malo en Bretaigne, et autres capitaines et gentils hommes dignes de foy, mesmes un chanoine de la ville d'Angers qui assista à l'ambarquement, m'assenererons tous la chose estre veritable: Les Canadees, n'oubiiront pas l'excellence de ceste liqueur, et se souuiendront tousiours de ceux qui en trouuerent l'usage."

Todavia, penso que se trata do *Juniperus communis* L., cujas "bagas" entram na composição da famosa aguardente chamada genebra e na do gim, originária do hemisfério setentrional (norte da Europa, Alasca, Estados Unidos). Cf. M. Pio Correia, p. 174 e 175.

este, com a sucessão dos tempos, solidifica-se e forma um corpo brilhante e transparente. Mas, Solino considera tal teoria errônea, pois, se o cristal proviesse exclusivamente da neve, esse mineral só existiria em regiões muito frias, – como o Canadá e outras similares; a experiência, entretanto, vem provando o contrário, uma vez que foi o mesmo encontrado em Chipre, em Rodes e em vários lugares do Egito ou da Grécia (realmente assim é, porquanto, quando estive nesses países encontrei lá bastante cristal). Donde a seguinte conclusão: o cristal não é água congelada, visto serem as referidas regiões, ao contrário do Canadá, mais sujeitas ao calor do que ao frio. Diodoro afirma, todavia, que o cristal provém da água pura; não da água congelada pelo frio, mas da água solidificada pelo calor excessivo.

O cristal do Canadá.
Como os antigos estimavam o cristal.
Qual a sua aplicação.

O cristal canadense, não obstante, é muito oscilante e dá melhor ideia de uma pedra fina do que o de Chipre e o de outros lugares. Os antigos imperadores romanos apreciavam muito o cristal de qualidade, do qual mandavam fabricar taças ou estatuetas, que guardavam cuidadosamente em seus camarins e erários. O mesmo faziam os reis egípcios, ao tempo do esplendor de Tebas a Grande, ornamentando as sepulturas com objetos de um precioso cristal importado da Armênia Maior e das regiões para o lado da Síria. E com esse material eram esculpidas, em tamanho natural, as imagens reais, para assim perpetuar-se a memória dos monarcas.

Eis de que modo os antigos estimavam o cristal, ou dele faziam uso. Ainda hoje, é o cristal empregado na fabricação de vasos e copas, – costume realmente apreciável, se não fora a sua fragilidade.

Jaspes e cassidônias.

No Canadá, afinal, existe uma boa quantidade de jaspes e de calcedônias.

. . . .

Capítulo LXXXI

DOS TREMORES DE TERRA E DAS SARAIVAS, MUITO FREQUENTES NO CANADÁ

O Canadá é muito sujeito aos tremores de terra.
Causa desse fenômeno.
A saraiva, também frequente no Canadá.

AS REGIÕES DO CANADÁ são excepcionalmente sujeitas aos tremores de terra e às saraivas. Mas as populações, ignorando as causas dos fenômenos naturais, embora frequentes (sobretudo os fenômenos celestes), ficam tão aterrorizados que os atribuem aos seus deuses, por qualquer motivo irritados ou ofendidos. Os tremores de terra, todavia, originam-se dos ventos encerrados nas cavidades da Terra, os quais, agitando-se, produzem movimentos, iguais, pelo mesmo motivo, aos das árvores e aos de outros objetos. Assim o explica Aristóteles nos *Meteoros*. Também não é de admirar que a saraiva apareça, ali, igualmente amiúde, dada a intemperança e inclemência do clima, sempre frio em qualquer trecho do seu território, pois o sol jamais se aproxima tanto do Canadá quanto das regiões situadas nos trópicos. E, assim, a água, devido à baixa temperatura, cai do céu sempre congelada, isto é, em forma de neve ou de granizo.

Os selvagens, logo que se sentem atingidos por essas calamidades, recolhem-se, aflitos, às próprias cabanas, inclusive os animais criados domesticamente, entregando-se, logo, ao culto dos seus ídolos, – umas figuras semelhantes, no aspecto, à fabulosa Melusina do Lusignan, metade

serpente, metade mulher. Realmente, a cabeça dos referidos ídolos, com sua cabeleira, é, de acordo com a mentalidade primitiva, a representação tosca da mulher, tendo o resto do corpo em forma de serpente, – imagem que poderia dar motivo aos poetas para fazer de Melusina a deusa dos selvagens canadenses, porquanto, segundo esse romance, guardado comumente em casa pelos narradores ou cantadores, foi voando que aquela fada desapareceu.

Os tremores de terra são perigosos.

Embora conheçamos suas causas evidentes, os tremores de terra são realmente perigosos. E, já que vem a propósito, lembrarei as teorias de alguns filósofos naturalistas sobre esses fenômenos e suas consequências ou efeitos.

Teoria de alguns filósofos sobre os tremores de terra.

Tales de Mileto, um dos sete sábios da Grécia, ensina que a água foi o começo de todas as coisas e, flutuando a terra nos mares, qual navio em pleno oceano, sofreu ela perpétuos tremores, uns maiores, outros menores. Da mesma opinião Demócrito. A água (acrescenta Demócrito), infiltrando-se, por meio das chuvas, de solo a dentro, chega a um tal excesso que não cabe nas veias e interstícios da terra. Daí os tremores; daí os mananciais e fontes. Já Anaxágoras pensa que os tremores de terra são devidos ao fogo. Impulsionado para o alto, isto é, para as suas fontes originárias, o fogo causa o dito fenômeno, abrindo, em certos lugares do globo, frinchas, sorvedouros, etc. Tanto isso é verdade – observa – que há fogo em vários trechos de sua crosta. Diz Anaxímenes, por sua vez, que é a própria terra a causa do fenômeno, pois, estando a princípio aberta, o ar, impelido pelo ardor forte do sol, penetrou em seu interior excessiva e violentamente e de lá não pôde mais sair: a crosta terrestre se tinha ajustado e comprimido. São os movimentos do vento, ali preso, que produzem os tremores de terra.

O que é o vento.

A teoria de Anaxímenes é, segundo me parece, a mais acertada, porquanto, de acordo com Aristóteles, o vento não é mais do que o ar impetuosamente agitado. Mas também é certo que os tremores de terra podem ser explicados por outras razões, estranhas a todas essas teorias. A

simples vontade do Senhor, de todos nós desconhecida, pode muito bem justificar a causa do dito fenômeno.

Consequências dos tremores de terra.

As consequências dos tremores de terra são a destruição de vilas e cidades. Assim aconteceu, por exemplo, a sete cidades da Ásia, ao tempo de Tibério César e à metrópole da Bitínia, durante o reinado de Constantino. Várias povoações também foram tragadas pela terra ou submersas pelas águas, a saber, Hélice e Bura, próximas de Corinto. Os tremores de terra, em resumo, são, algumas vezes, de tal veemência que, além da destruição de cidades, faz dos continentes ilhas (como aconteceu à Sicília, a certos lugares da Síria, etc.), ou une as ilhas aos continentes (tal foi, segundo Plínio, o caso de Dromisco[1], de Perna, de Mileto). Sucedeu mesmo que, na velha África, diversas planícies e campos estão, hoje em dia, transformados em lagos. Conta Sêneca, finalmente, que um rebanho de quinhentas ovelhas (fora as aves e outros animais), desapareceu, certo momento, em consequência dos tremores de terra. E daí, a razão por que esses animais, levados mais pela experiência, buscam, preferentemente, os litorais ou ribeiras, por serem tais lugares menos sujeitos aos tremores de terra. Atendendo-se às causas acima indicadas, fácil é imaginar a razão desse fato[2].

O templo de Diana, em Éfeso.

Para evitar a destruição produzida pelos tremores de terra, o célebre templo de Diana, em Éfeso, foi edificado sobre estacas fincadas num sítio alagadiço. O templo de Diana, considerado, por sua suntuosidade, uma das maravilhas do mundo, durou dois séculos, até que foi des-

---

1 No texto, *Doromisce*.

2 Thevet refere-se aos movimentos *tectônicos*. Mas há, também, *tremores vulcânicos* e os tremores denominados de *desabamento* ou *derrubamento*, estes produzidos pela filtração das águas. Cf. Sigmund Günther, p. 38, *sq*.
O Canadá não é zona de vulcões, nem está situado em nenhum dos onze grandes focos ou hipocentros, delimitados por Montissur de Ballore, donde partem os movimentos sísmicos ou tremores. Todavia, posteriormente aos estudos de Montissur de Ballore, isto é, em 1925, foram verificados abalos mais ou menos fortes na zona da bacia do São Lourenço.

truído por certo louco chamado Helvídio, ou, como pretendem outros, Eratóstenes[3]. Esse louco, para perpetuar o seu nome, pôs fogo no templo e reduziu-o a cinzas, pelo que os romanos levantaram outro magnífico templo, o de Hércules, perto do Tibre, fazendo nele seus sacrifícios e orações.

Os tremores de terra, no Canadá, são muito violentos.

Os tremores, no Canadá, são, algumas vezes, tão violentos que, a cinco ou seis léguas das aldeias indígenas, encontram-se umas duas mil árvores caídas no chão, assim como rochedos subvertidos e terrenos afundados. E tudo isso, que também pode acontecer a outros países às agitações do globo.

Eis o que são os tremores de terra.

3 Aliás, Eróstrato, conforme lembra Gaffarel.

. . . .

Capítulo LXXXII

DA REGIÃO CHAMADA DE TERRA NOVA

As ilhas dos Diabos.
O cabo do Marco.

DEIXANDO A ALTURA do golfo do Canadá, rumamos para o norte e afastamo-nos da terra do Lavrador, das ilhas dos Diabos[1] e do cabo do Marco[2] (o qual dista da Linha equinocial cinquenta e seis graus). E, assim, costeamos, à nossa esquerda, o país conhecido pelo nome Terra Nova.

A Terra Nova é uma região extraordinariamente frígida, motivo por que os seus descobridores nela não se estabeleceram definitivamente; os traficantes também lá não permanecem muito tempo. Prolongando uma das extremidades do Canadá, possui um rio, que, por sua amplitude e

---

1 As ilhas dos Diabos figuram, segundo Gaffarel, em todas as cartas geográficas do século XVI: *"La carte de l'Atlantique* (observa esse historiador) *insérée dous le Ramúsio* (II, 336) *place ou nord de Terre-Neuve l'ile dos Diables, dont on voit, en effet, une légion voltiger à l'entour. Cortereal* (Ramúsio, III, 127) *donnait à une île sur la côte du Labrador le nom d' Isola de los* Demonios. *Ruysch dans son Atlas de 1507-1508 insère encore dans ces parages une* insula daemonum. *Thevet dans sa* Cosmographie universelle et Ortelius dans son Theatrum mundi l'enregistrent avec soin. Ces îles paraissent correspondre aux nombreux îlots qui entourent Terre-Neuve."

2 O cabo do Marco aparece, realmente, no mapa de Diego Ribeiro (1529) e em duplicata, desde 1505, na carta de Reinel.

largura, quase se confunde com o mar. Esse rio, chamado dos Três Irmãos, dista do arquipélago dos Açores quatrocentas léguas e da França novecentas, separando aquele país do Canadá[3]. Algumas pessoas, hoje em dia, consideram-no uma espécie de estreito, semelhante ao de Magalhães, servindo de comunicação entre o mar Oceano e o mar do Sul, ou Pacífico: Gemma Frisius, de fato, embora perito em assuntos de geografia matemática, caiu nesse engano, querendo persuadir que o referido rio é um estreito, ao qual dá o nome de Setentrional (e, assim, o desenhou em seu *Mappa-mundi*). Mas, se isso fosse verdade, em vão espanhóis e portugueses não teriam procurado outra passagem para o mar do Sul, em busca das especiarias das Molucas, distante daquele nada menos de três mil léguas.

Azeite fabricado da gordura do lobo-marinho.
Superstição peculiar a diversos povos do Levante.

A Terra Nova está povoada de povos bárbaros, que se vestem, como os do Canadá, de peles de animais selvagens. São muito cruéis e indóceis, segundo puderam observar os que vão ali pescar o bacalhau, peixe que serve de alimento aos europeus. Essas populações marítimas só vivem de peixes, que apanham em grande quantidade, especialmente os lobos-marinhos, cuja carne é muito saborosa. Da gordura do lobo-marinho fabricam os indígenas certa espécie de azeite, que, depois de derretido, torna-se amarelado e é bebido, às refeições, tal qual o vinho e a água. Da pele desse peixe, a qual, em dureza e tamanho, iguala a de qualquer outro animal terrestre, dos grandes, fazem os índios, a seu modo, mantos e roupas. E admira, realmente, como de elemento tão úmido quanto o mar, – possam nascer animais de pele seca e consistente. Nos mares da Terra Nova existem, ainda, muitos peixes revestidos de couro endurecido (os marsuínos e as lixas), ou recobertos de placas ou conchas resistentes (as tartarugas, as ostras e os mexilhões). Isso sem falar nos demais peixes, de todos os tamanhos, tão abundantes, que servem de alimento comum aos nativos. Admira-se como os turcos, gregos, judeus e diversos povos mais do Levante não comem o golfinho, nem vários outros peixes desprovidos de escamas, quer os do mar, quer os da água doce. E nesse particular, isto é, na

---

3 Trata-se, na realidade, do estreito de Belle-Isle, ou talvez, do golfo de São Lourenço.

escolha dos alimentos mais delicados, os selvagens da região acima referida são mais inteligentes do que essa mixórdia supersticiosa de turcos árabes.

De que peixes se alimentam as baleias.

Na Terra Nova encontram-se baleias (ou melhor, no alto-mar do litoral). A baleia vive dos peixes miúdos, os quais, ordinariamente, não são maiores do que as carpas, – coisa realmente incrível, tendo-se em vista a estatura da baleia. A explicação, segundo alguns, está na sua garganta proporcionalmente estreita, pela qual, portanto, não podem passar bocados muito grandes. Essa particularidade, realmente admirável, passou despercebida a todos os autores, antigos e modernos, que trataram ou descreveram os peixes. A fêmea da baleia, ao contrário dos demais peixes ovíparos, pare à maneira dos animais terrestres, um filhote de cada vez, amamentando-o, – o que é ainda mais estranho, – logo que este nasce (no ventre da fêmea veem-se mesmo as mamas, abaixo do umbigo). Nenhum outro peixe do mar, ou da água doce, a não ser o lobo-marinho, amamenta as suas crias. Tal é, também, a opinião de Plínio.

O encontro da baleia, no mar, é perigoso.

O encontro da baleia, no mar, é muito perigoso, como, por experiência própria, o sabem os pescadores baionenses. Quando estive na América, aconteceu, por exemplo, que o barco de certo flibusteiro, ao navegar de um porto a outro, virou com a carga e tudo, só por ter sofrido a rabanada de uma baleia.

Um peixe, inimigo natural da baleia.

Na região onde vive a baleia, também se encontra o seu perpétuo inimigo. Esse inimigo é um peixe, que, aproximando-se dela, ataca-a no ventre, – a parte mais frágil do animal. A língua de tal peixe é cortante e agudo como a lanceta de um barbeiro: quando assim ferida (segundo dizem os habitantes da Terra Nova e os pescadores em geral), só dificilmente se pode salvar a baleia.

Na Terra Nova há outros peixes de escamas, entre os quais um, a que os selvagens dão o nome de *hebec*[4]. Tem a boca semelhante à do papagaio. Tratando ainda dos peixes, mencionarei, finalmente, os mexilhões

4 Talvez o *papagaio* (*Holocanthus tricolor*), espécie de paru-tucano.

(dos grandes) e os golfinhos, ambos ali abundantes. Os golfinhos aparecem frequentemente, à flor das vagas, ou à tona da água, aos saltos e aos rodopios. A sua presença é, na opinião de algumas pessoas, presságio de tormenta, acompanhada de ventos impetuosos partindo do lugar donde surgem esses peixes. Assim o ensinam Plínio, Isidoro (nas *Etimologias*), etc., e, mais do que todos esses autores antigos, a minha própria experiência. Sem o propósito de afastar-me do assunto, quero lembrar que, no dizer de certos escritores, há, para quem viaja no mar, cinco espécies de presságios ou prognósticos, conforme diz Políbio, companheiro de Cipião Emiliano na África.

Animais estranhos.

Os animais terrestres são, do mesmo modo, muito numerosos, selvagens e perigosos. Tais como os grandes ursos, quase todos brancos. Outro tanto direi das aves, cuja cor é também, em geral, quase branca. A cor branca dos animais é devida ao clima excessivamente frio do país.

Os ursos, noite e dia, importunam os selvagens, indo às suas cabanas à cata das reservas de peixe e de azeite. Pelo que os indígenas, a fim de evitá-los (já contei isso na minha *Cosmographia do Levante*), abrem profundos fossos, cobrindo-os, em seguida, levemente, de ramos e folhas. Os fossos são abertos perto das árvores ou rochas, ou melhor, nos sítios onde existem enxames de abelhas, – alimentos que os ursos procuram com avidez e do qual são muito gulosos, principalmente, segundo julgo, para a cura dos olhos e da cabeça (partes dos animais, por sua próprias natureza, pouco resistentes e que, quando picadas pelas abelhas, sobretudo a cabeça, deitam sangue). O mel traz aos ursos bastante alívio.

Na Terra Nova existe uma espécie de animal como o búfalo, de cornos assaz possantes e de pelo acinzentado. Desse couro fazem os índios roupas. E mais diversas outras feras de peles muito preciosas e singulares. Essa região é montanhosa, porém pouco fértil, não só por causa da intemperança do clima, como porque se acha incompletamente habitada e, por consequência, mal cultivada.

Duas espécies de águias.

Os pássaros não são tão numerosos e belos quanto os da América e do Peru. Há duas espécies de águias, uma das quais aquática, vivendo quase que só de peixes e de certos grossos moluscos. Essas aves, levando os

moluscos para o alto, deixam-nos cair em terra; com a queda, estes partem-se e, assim, as águias os podem facilmente comer. As águias, de que falo, nidificam nas grossas árvores existentes no litoral marítimo.

Regam a Terra Nova vários belos rios, cheios de excelente peixe. As populações só apetecem o necessário para a sua subsistência; de modo que não mostram interesse por comidas estranhas, nem as vão procurar em países longínquos. Os alimentos usados são os mais sadios, vivendo todos em duradoura saúde e paz, sem ambição pelas coisas alheias, – visto que há igualdade quanto aos bens patrimoniais. Também não se veem dissensões a respeito do emprego da justiça, uma vez que ninguém procura cometer nenhum ato reprovável, embora, como acontece entre os selvagens da América e de outras partes do continente, suas únicas leis sejam as da natureza.

Os habitantes da faixa marítima vivem comumente de peixe, como já se disse; os do interior de frutos, que a terra produz, na maior parte sem ser preciso nenhuma cultura ou trabalho, isto é, à maneira dos antigos, segundo a lição de Plínio. Pois é verdade que a terra ainda hoje produz sem o auxílio do labor humano. Diz Virgílio que a agricultura começou com o fato de a floresta de Dodone já não poder satisfazer às necessidades de população crescente, talvez por causa da sua idade, – o que a constrangeu a laborar o solo para dele retirar os proventos. E eis o que eu tinha a dizer quanto à agricultura dos povos da Terra Nova.

Maneira de guerrear dos selvagens da Terra Nova.

Os selvagens dessa região não são muito dados à guerra, exceto se os inimigos os vão provocar, defendendo-se, nesse caso, à maneira dos índios do Canadá. Flautas de ossos de veados e tambores redondos, feitos de pele esticada, – são os seus instrumentos excitantes. As flautas assemelham-se às dos silvícolas canadenses.

Logo que os indígenas da Terra Nova percebem, ao longe, o adversário, preparam-se para combatê-lo com os seus arcos e flechas. Antes do encontro, o rei, principal guia dos guerreiros, aparece à frente de todos, revestido de belas peles e plumas e montado às espáduas de dois possantes selvagens, – a fim de que os combatentes o reconheçam e mais facilmente lhe prestem obediência. E só Deus sabe como é esse chefe festejado, se a vitória o favorece.

Pendões estranhos.

Finalmente, assim que os guerreiros retornam, contentes, às suas cabanas, exibem seus pendões desfraldados. Tais pendões consistem em ramos adornados de penas de cisnes, que esvoaçam no ar: na ponta dos ramos, em sinal de triunfo, trazem os índios a pele do crânio[5] dos inimigos, esticada e formando uma espécie de rodela, – tal qual como se vê na gravura precedente[6].

---

5 No texto, *la peau du visage*. Mas, Thevet quer referir-se propriamente à pele do crânio, arrancada com o cabelo (*scalp*).

6 Essa gravura, ao que parece, perdeu-se.

. . . .

Capítulo LXXXIII

DAS ILHAS DE AÇORES

O arquipélago de Açores.

DA NOSSA VIAGEM resta apenas tratar de algumas ilhas, chamadas dos Açores, que ao bordejar, deixamos à destra, com sério perigo de naufrágio, porquanto, ao norte e ao sul desse arquipélago, numa extensão de três ou quatro graus, sopra o mais frio, violento e assombroso vento possível. Daí o temor e respeito, que os pilotos ou navegantes têm pelas referidas ilhas, as quais constituem, realmente, uma perigosa rota para a América.

Os Açores.

Nessas regiões, o mar jamais se acha tranquilo, mas, ao contrário, levanta-se frequentemente, formando turbilhões ou redemoinhos, – tal qual faz ao pó e à palhinha seca da terra, – isto é, uma espécie de pirâmide de fogo, que, conforme já vi várias vezes, atrai a água para o alto, parecendo que o vento tem, também, movimentos circulares de baixo para cima (sobre esse particular, já tratei alhures). E daí a origem do nome dessas ilhas, porquanto é o vento, ali existente, que causa esse ímpeto do turbilhão (note-se ainda, que *essorer* que fizer secar ou enxugar ao vento)[1].

---

1 O arquipélago dos Açores deve seu nome às numerosas aves de rapina (falcões, milhafres), que os portugueses chamavam de *açores*. Cf. D'Avezac, 2ª parte, p. 42.

Fertilidade das ilhas dos Açores.

Os Açores distam da França cerca de dez graus e meio, sendo em número de nove. As mais importantes estão hoje povoadas pelos portugueses, que para lá transportaram muitos escravos destinados à lavoura. Devidamente trabalhadas, as terras se tornaram férteis, produzindo todos os bons frutos necessários à existência humana, sobretudo o trigo, cuja abundância é suficiente para suprir a metrópole.

***Hirci*.**

O transporte do trigo é feito em magníficos navios, juntamente com vários outros produtos da região açoriana e das demais colônias, inclusive uma a que dão o nome de *hirci*[2]. O *hirci* foi trazido das Índias, pois, antes, não existia em nenhum desses arquipélagos, quer nos Açores, quer nas ilhas Afortunadas, – nem mesmo na Europa, onde, anteriormente ao cultivo da terra e à plantação ou semeadura dos frutos, contentavam-se os homens apenas com o que lhes fornecia a natureza (bebida, a água pura das fontes; roupas, as cascas das árvores, as folhagens, algumas peles, como já se disse). Por onde se pode perceber claramente a admirável providência divina, semeando os mares, – o mar Oceano, o mar Mediterrâneo, etc., – de numerosas ilhas, umas maiores, outras menores; ilhas que, sem sofrer o menor abalo, ou sem incômodo para os naturais, suportam a investida das vagas e das tempestades (pois o Senhor, como dizia o profeta, tendo traçado os limites do mar, este não os poderá ultrapassar), estando algumas habitadas, quando outrora eram desertas, outras, ao contrário, desertas, quando, antigamente, eram habitadas, – como, por exemplo, aconteceu a numerosas vilas e cidades do Império grego, de Trebizonda e do Egito. Em

---

No texto, *Essores*. Daí o trocadilho de Thevet, "*pourquoy eiles sont ainsi nõmmées pour le grand essor que cause le vent esdites isles*" (f. 165).

2 No texto, *Hirci*; à margem, *Hircy*. Gaffarel identifica-a com a cana-de-açúcar. Henri Cassini (*Dict. des Sc. Nat*., XXVIII, p. 199) registra o *hirci-barbula* e diz que esse era o nome antigo do *tragopogon*. As *tragoponoides* são as mesmas plantas, que Linneu reuniu às *salsifis*. A *hirci*, de que fala Thevet, talvez seja a escorcioneira (*Scorzonera hispanica* L.), também chamada *Salsifi negro* ou *Salsifis d'Espagne*. As raízes da escorcioneira constituem um "legume" bastante apreciável. Cf. M. Pio Correia, II, p. 566 e 567.

suma, as coisas terrestres, segundo os desígnios do Criador, são de natureza vária e mutável, – pelo que os cosmógrafos modernos, reconsiderando o problema, acrescentaram às tábuas de Ptolomeu as indicações novas, que vieram ao nosso conhecimento após elas terem sido feitas.

***Oracantin*, uma espécie de cedro. Cofre de cedro. Navio de cedro. Uma frase latina.**

Os Açores eram, pois, desertos[3], anteriormente à colonização portuguesa, estando recobertos de madeiros de todas as sortes, entre os quais, uma espécie de cedro que os indígenas chamam de *oracantin*[4], com o qual se fabricavam várias lindas obras (mesas, cofres, barcos). Essa madeira é maravilhosamente odorante e não está sujeita, como as demais, à corrupção, quer esteja em contato com a terra, quer com a água. Plínio, realmente observa que, ao seu tempo, em Roma, foram descobertas, em certo sepulcro, entre duas pedras, alguns livros de filosofia, guardados num cofre de cedro, que tinha estado enterrado por espaço de quinhentos anos. Recordo-me, também, ter lido que Alexandre o Grande encontrou um navio de cedro, que havia permanecido submerso, no mar, por duzentos anos. A madeira estava perfeita. E daí vem a frase latina *digna cedro*, isto é, digno de merecer eterna memória.

A ilha de São Miguel.

Parece-me que os cedros dos Açores não são tão elevados quanto os do estreito de Magalhães, nem, do mesmo modo, tão odoríferos, embo-

---

3 Observa Gaffarel que os Açores já eram conhecidos dos marujos e geógrafos europeus, muito antes dos portugueses. “*Le perè Cordeyro, auteur d’une histoire de l’archipel* (acrescenta), *raconte qu’un Grec y fut jeté par la tempête em 1370. Sur youtes les cortes du XIVº siècle, en remontante jusqu’au Partulan Médicien de 1351, sont figurées les îles avec une remarquable exactitude dans leur groupement, elles portent toutes des noms italiens* (L’Ovo, Cabrera, Brazil, de Colombis, de la Ventura, San Zorzo, de Corvis marinis, etc.). *Le hasard des courses maritimes avait donc révellé l’existence de cet archipel longtemps avant 1431, époque de l’arrivée des Portugais.*”

Dados mais completos sobre o assunto no *Dicionário de Geografia Universal por uma “Sociedade de Homens de Letras*”, I, p. 16 (sob a direção de Tito Augusto de Carvalho)

4 Talvez o *if blanc* (*Taxus baccata* L.)

ra não haja muita diferença na estrutura de ambos. Nessas ilhas existem, ainda, várias outras árvores e arbustos, de excelentes frutos, sobretudo na principal e mais povoada, de nome São Miguel. Em São Miguel há uma bela cidade, com seu forte, construída em tempos passados, onde ancoram, em busca de repouso, os navios espanhóis ou portugueses que retornam das Índias.

Em certa ilha do arquipélago dos Açores vê-se um monte quase tão elevado quanto o Tenerife, de que já tratei em outra parte. Na referida ilha existem, em abundância, pastel e açúcar, assim como um pouco de vinho[5]. Nela não se encontra nenhum animal de rapina, mas apenas algumas cabras selvagens e, nos bosques, inúmeras aves.

O cabo Finisterra.

Deixando o arquipélago dos Açores, ancoramos no cabo Finisterra, situado em terras da costa espanhola, a fim de conseguir, embora tardiamente, os víveres, dos quais havia, a bordo, tanta indigência e, em seguida, continuamos o nosso caminho para a Bretanha, território sob a jurisdição do rei de França.

Epílogo do autor.
Cartas do autor contendo a localização e distância dos lugares.

Eis, aí, leitores, a narração de minha longa viagem ao Poente, que fiz, não só para tornar-me útil, como porque ninguém ainda a descreveu, até o presente, em termos o mais sumariamente possível, todavia não tão precisos quanto o merece a delicadeza dos vossos ouvidos, ou quanto possa satisfazer ao vosso juízo crítico apurado. Peço-vos escusas por Deus não ter permitido que eu consumasse a mocidade no estudo das belas-letras, em vez de gastá-la em viagens com o que só assim poderia adquirir a perfeição de tantos escritores. Se, todavia, receberdes de bom grado o meu trabalho, elaborado tumultuariamente, em virtude das tempestades e outras aflições passadas tanto em terra, como no mar, – isso me animará, após o devido repouso e sossego de espírito (esse espírito como que difun-

5. O frade refere-se à ilha do Pico. Nos Açores, realmente, existiam todas as culturas, de que fala Thevet, inclusive a do pastel (*Isatis tinctoria* L.)

dido ou esparso), a escrever mais amplamente sobre a distância e situação geográfica dos lugares, por mim observados pessoalmente, no Oriente, no Sul e no Ocidente, dos quais pretendo ainda dar uma ideia através das mais vivas estampas ou páginas.

As cartas geográficas modernas (ouso dizer, sem ofensa de ninguém) são, em muitos aspectos, defeituosas, por falta, talvez, de desenhistas ou artistas que tais. Demais, é penoso e mesmo impossível projetar, com precisão, os lugares e as regiões notáveis, localizá-los, indicar-lhes as distâncias, etc., sem os ter observado visualmente, – pois é essa, como todo o mundo sabe, a melhor maneira de adquirir-se o seu conhecimento. Basta lembrar quanto, por longos tempos, viveu a humanidade na ignorância da existência de vários países, – ilhas ou continentes, – não indo além do que haviam visto ou escrito os antigos. Até quando, de certos tempos a esta parte, com a ousadia dos navegantes, descobriu-se todo o nosso hemisfério. Esse hemisfério, que estava habitado, Ptolomeu e os demais geógrafos só o conheciam pela metade.

. . . .

Apenso

NOTAS SOBRE O "PIÃ"

Pelo dr. Eustáquio Duarte
(Da sociedade de medicina de pernambuco)

A MAIS ANTIGA REFERÊNCIA ao *piã* na América, dentro do período histórico, não data, como se pretende, de 1535, com o aparecimento da *Historia Geral das Índias Ocidentais*. Alguns anos antes de Oviedo e de Valdés, notava Díaz del Castillo (1519), cronista da expedição de Cortés ao México, que as boubas haviam infestado o exército da conquista antes mesmo da invasão do império tolteca.

Através desses primeiros relatos, pode-se concluir que o mal era velho entre as populações primitivas das Antilhas. Mas a crônica primária não fixou a sua designação indígena; registrou a denominação vulgar de *bouba*, peculiar aos países ibéricos, dando margem à superstição de que a doença já era conhecida do europeu antes de suas aventuras por terras da América.

Os vestígios do *piã* se perdem nos tempos mais recuados da história do mundo. Segundo López Benzoni e Pedro Cieza de León (*Chrónica del Perú*), os incas conheciam e tratavam de boubas. Pusey (*History of Dermatology*) informa que o mal infestara os hebreus do tempo de Moisés. E Levacher, cujas pesquisas remontam ao ano de 46 a.C. (*Histoire du Pian*

– *Origine des ses differents noms*, Paris, 1847) testemunha que a doença existia entre os exércitos de Júlio César. Essa referência coincide com as dos pesquisadores D'Alibert e Swediaur (*Maladies Venériennes*, t. II) sobre a existência da bouba entre os povos antigos da Escócia e os primitivos celtas, a qual era comum na Gália à época da invasão da Irlanda. Embora, afirme este último autor não haver encontrado vestígio algum do *piã* nos velhos livros gregos e latinos, a história da queda do império romano assinala a presença do mal entre os bárbaros.

As crônicas da época dos descobrimentos vão dando notícia da bouba, como doença peculiar às populações selvagens das mais distanciadas regiões continentais. Para Koeniger, a doença é autóctone em Samoa. Os que navegaram a Oceania, como o famoso explorador Cook, encontraram o *pian* nas tribos polinesianas. Smith, igualmente, observou a doença entre certas tribos dos mares do sul, isentas ainda de contato com outros povos (*Voyages aux iles de Java*, *Sumatra et dans celles de l'Archipel des Molusques*, 1761).

Não se pode afirmar a existência do mal no continente africano antes do nosso período histórico. Mas D'Alibert, que dirigiu as suas pesquisas nesse sentido, chegou a dizer que a bouba não existia na África "antes dos séculos da Idade Média" (*Dictionnaire des Sciences Médicales*, vol. XVI, *apud* Levacher). Sem embargo, há indícios que levam à crença de que a bouba já infestava a faixa ocidental africana ao tempo das primeiras expedições portuguesas. Gomes d'Azurara (*Crônica do descobrimento da Guiné*), que enriqueceu a botânica médica no séc. XV com subsídios valiosos, refere-se a certa planta africana com aplicação sobre a doença, cujos sinais coincidem com os da treponemose.

Os depoimentos sobre as conquistas castelhanas no séc. XVI enriquecem o documento histórico da bouba na América. Nicolau Monardes, célebre médico sevilhano, mostrava, em 1565, como os indígenas americanos combatiam a doença (*De Simplicibus Medicamentis ex-Occidentali India delatis*, 2ª ed, Antuérpia, 1574). Fr. Bernandino de Sahagun, que viveu cinco lustros entre populações toltecas, divulgava, em 1569, a terapêutica mexicana primitiva na sua *Histoire Générale des choses de la Nouvelle Espagne* (ed. de 1880). Francesco Hernández, médico do rei Phillipe e por este enviado ao México após a conquista, publicava, em 1575, a primeira nar-

rativa espanhola do seu clássico *Rerum Medicarum Nova Thesaurus*, onde se acham indicados os medicamentos vegetais dos ameríndios contra as boubas. O padre Barnabé Cobo (*Historia del Nuevo Mundo*), Pedro Cieza e Antonio Herrera falam do emprego tradicional da salsaparrilha contra o mal no antigo Peru.

*

Não há dúvida de que as boubas eram também doença familiar às populações aborígenes do Brasil. Já as modernas pesquisas afastam de vez a hipótese de importação do mal.

Todas as crônicas da nossa primeira idade colonial aludem às boubas como doença particular ao gentio. Desde Thevet (1557) até Piso (1648), não se encontra entre os anotadores da nossa velha história qualquer referência tendente a explicar o exotismo da endemia. Ocupam-se dela, nesse período, entre outros. Jean de Léry, Pero Gandavo, Gabriel Soares, José de Anchieta, Brandônio, Yves d'Évreux, Vicente do Salvador e Fernão Cardim. Mas só o médico holandês, na *Medicina Brasiliensis*, fala, pela primeira vez, da presença de boubas em pele de negro.

O tráfico para o Brasil começou na segunda metade do século XVI. Nina Rodrigues (*Os africanos no Brasil*) fixa em 1549 a entrada das primeiras levas de negros no país. Pedro Calmon (*Espírito da sociedade colonial*) calcula-a em 1548, João Ribeiro (*História do Brasil*), Calógeras (*Formação histórica do Brasil*) e Renato Mendonça (*A influência africana no português do Brasil*) informam que aqui chegaram, no terceiro decênio de vida da colônia, os primeiros punhados de escravos da Guiné. Com base nestes depoimentos não se pode responsabilizar o negro pela expansão das boubas entre as tribos do país. Porque já então o mal grassava endemicamente entre o gentio de toda a nossa faixa atlântica.

Convém notar que o colono encontrou aqui o índio traquejado na luta contra o *piã*. "*Elle sa guerit promptement par les remédes indigénes*", registrava, admirado, o cronista. E esses serviram prodigiosamente aos povoados brancos.

A terapêutica vegetal indígena contra as boubas era antiga, experimentada e vária: a tinta do *jenipapo* (Gandavo, Gabriel Soares e outros), a *copaíba* (Gandavo), as folhas do *camará* e do *carobuçu* (Gabriel Soares), a *caroba* específica (Vicente do Salvador, Fernão Cardim, Piso e Marcgrave),

a curupicaíba e as folhas do maracujá (Fernão Cardim), etc., – a tainiaa ou salsaparrilha (Brandônio, Piso e Maregrave), etc., – tinham largo uso entre os selvagens contra a doença. A crônica descreve a prática indígena de manipulação e aplicação dos remédios e os resultados surpreendentes que os índios obtinham com a singular medicina, sempre eficiente e exata para o mal. Serviam-se os aborígenes da tinta de *jenipapo*, não só como curativo, mas também como preventivo e profilático. Untavam-se com a tintura para evitar a doença, da mesma forma que usavam, nos seus rituais, para fins místicos, a *tatagiba* ou o *urucu*.

*

A velhíssima endemia, a que André Thevet dedicou todo um capítulo do seu precioso livro, oferece aos estudiosos da história a mais variada sinonímia: *bubac*, no antigo idioma céltico; *pian*, no francês (Levacher); *bubas* ou *boubas*, no espanhol e no português; *boba*, na língua malaia; *siwin*, no velho dialeto escocês; *yaws*, para os ingleses e norte-americanos; *framboesia* ou *polypapillum*, na designação moderna dos tropicalistas. O padre Labat descreveu-a em 1722 com o nome de *Doença de Loaco* (*Voyages en Afrique et en Amérique*) e pouco depois recolhia, nas Antilhas, o termo *epian* (*Nouveau voyage aux Isles de l'Amérique*, 1724).

Deve-se talvez a Hillary a vulgarização científica da expressão *yaws*, que ainda hoje predomina nos tratados ingleses. Aquele médico de Oxford observou o mal nos Barbados, em 1759 (*Observations on the changes of the air and the concomitants epidemical diseases in the island of Barbadoes*). Sob o nome de *siwi*, então vulgar na Escócia, a doença foi descrita pela primeira vez por Gilchrist, em 1754 (*Physical and Litterary essaies of Edimburg*).

Os cronistas franceses do Brasil colonial registraram a designação, ainda hoje comum na França, de *pian*; os portugueses e espanhóis a de *bouba*; os holandeses a expressão latina *lues venerea*, até hoje ainda não encontrada em outro autor antigo. Devemos referir que Piso, na 2ª ed. do seu livro (*De Indiae Utriusque Re Naturali et Medica*, 1658) gravou a palavra *miá*, recolhida dos ameríndios.

Rodolfo Garcia, nos seus comentários a Brandônio (*Diálogos das grandezas do Brasil*) e Angione Costa (*Migrações e cultura indígena*), com apoio em Batista Caetano (*Vocabulário da conquista*), afirmam que *piã* é

termo tupi. Levacher nos ensina precisamente o contrário no seu erudito estudo acerca das origens dos diferentes nomes da doença:

"*En consultant l'histoire générale du Pian, nous voyons qu'il a sévit sur le gendre humain presqu'à son berceau. Nous descouvrons que les differents noms qu'il porte provienent tous de la langue celtique el nous le trouvons designée non seulement chez les Celtes et les Gaulois, mais aussi chez les Irlandais, les Escossais, les Anglais, les Espangnls et les Portugais, des l'origine de ces peuples.*" (*Histoire du Pian*)

Nos seus trabalhos de procura dos radicais correspondentes, encontrou Levacher nos antigos vocabulários da língua céltica a construção do termo piã, quase em estado de pureza, exprimindo "*maladie*, *douleur*, *tourment*". O mesmo esforço de pesquisa etimológica do historiador-médico francês estendeu-se aos demais vocábulos designativos da doença, levando-o à conclusão de que, com exceção da palavra latina *framboesia*, "*toutes les expressions consacrés au pian sont d'origine celtique*", inclusive a usual denominação portuguesa bouba, que "*vient du mot celtique bubac*, *maladie honteuse*". Ora, o dialeto celta pertence às primeiras idades da história do mundo e sendo as etimologias dos termos consagrados ao mal, segundo Levacher, inteiramente de criação céltica, fácil será concluir-se pela antiguidade das boubas no continente europeu.

Não devemos deixar de mencionar que o jesuíta Ruiz de Montoya, missionário entre os guaranis do Paraguai do séc. XVII, fixou, na sua *Arte e Vocabulario de la Lengua Guarany* (Madri, 1640), a expressão *pian* como indígena. Von Martius, por sua vez (*Reisen in Brasilien*), recolheu e escreveu *pynhã*. Mas é difícil conceber-se como, sendo esse vocabulário de natureza tupi, houvesse escapado à argúcia dos pesquisadores holandeses. Guilherme Piso, que em todos os capítulos de sua *Medicina brasiliensis* adotou as designações indígenas das doenças, das plantas, dos animais, etc., não mencionou o termo *pian*, fato que intrigou a Levacher. No vocabulário tupi-guarani de Marcgrave (*Historia Naturalis Brasilia*) não se encontra igualmente a discutida palavra. Piso estudou a doença sob o rótulo de *lues venerea*, designação que, talvez na falta de um termo local mais apropriado, foi empregada para ressaltar a natureza transmissível da endemia pelo contato sexual.

O médico de Leyde empregou a designação *venerea*, como aliás o fizeram muitos escritores do seu tempo, não no sentido mórbido restrito, mas na sua significação erótica.

*

A curiosa expressão *lues venerea*, única, conforme salientamos na vasta bibliográfica das boubas, tem conduzido alguns estudiosos do assunto a justificadas confusões. Pirajá da Silva, na sua tradução recente ao livro de Von Martius (*Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros*), inclui uma versão portuguesa do trabalho de Piso sobre as boubas; nos comentários ao ensaio citado, afirma que o holandês errou, do ponto de vista médico, reconhecendo a natureza sifilítica da bouba. Ora, o que mais impressionou aos tropicalistas franceses, que se ocuparam dos estudos clássicos de Piso, foi precisamente a exata diferenciação clínica que ele fez naquela época entre a bouba e a sífilis.

Escreveu Piso no seu célebre capítulo de *Lues Venerea*:

"Esta doença, aqui endêmica, é chamada pelos espanhóis e brasileiros *bouba*. E assim como se cura mais facilmente com aplicação de medicamentos comuns indígenas, mais facilmente também contamina do que *a outra, vulgarmente chamada gálica, que se transportou aos habitantes da terra*" (*Medicina brasiliensis*, Amsterdã, 1648)

Evidente a distinção entre *lues venerae* e *mal gálico*; entre a bouba peculiar aos índios e a sífilis trazida de fora pelo colono. George Marcgrave, na *Historia Rerum Naturalium Brasília*, publicada em conjunto com a obra de Piso, também faz distinção entre a *lues venerea* e o *morbo gálico*. Veja-se o seu capítulo sobre a *salsaparrilha*.

A expressão *lues* tinha antigamente uma significação larga e genérica, dentro do campo científico. Os que estudam a história médica encontram frequentemente, nos autores antigos, as expressões *lues divina* para a epilepsia e *lues gálica* para a sífilis. Alguns empregaram a designação *lues indica* para as doenças venéreas que infestavam os índios.

A sífilis, cujo aparecimento em caráter epidêmico, na Europa, coincidiu com a fase das descobertas, em virtude da virulência com que dizimou a França, foi apelidada de *mal gálico* ou *mal francês* e com esses nomes disseminou-se por todo o continente, em particular menção pelos países mediterrâneos.

O primeiro trabalho médico sobre a sífilis, aparecido a Europa, foi o de Ruy Díaz de Isla (Barcelona, 1493). Lacumarcino, em 1524, publicava um estudo sobre a doença, então em plena ordem do dia, subordinado ao título *De Morbo Galico.* A palavra *syphilis* apareceu pouco depois com a obra de Joronymo Fracastor, *Syphilis sive de Morbo Gallico* (Verona, 1530). Desde então numerosos escritos foram divulgados sobre o mal, subordinados ao termo *gallico*. Nesse sentido, o documentário bibliográfico é vastíssimo. Encontraram-se referências nos trabalhos de Paracelso, G. Fallopio, Jean Fernel, Ambrosio Paré, Valsava, Astruc, etc. E, por interessar particularmente aos estudos americanos, merecem citação os livros *De cura Morbi Gollici per Lignum Guaiacum*, 1517, de autoria de Nicolau Poll, médico de Carlos V; *Liber de Guaiaci Medicinae et Morbo Gallico*, de Ulrico van Hutten (Mogúncia, 1519); *Dialogo del Morbo Gallico*, de Mattiolio (Bolonha, 1530) e *De Morbo Gallico*, de Victorio Benedicto (Florença, 1551).

Não há dúvida de que os antigos empregavam o termo *gálico* particularizando a infecção sifilítica. Alberto Saavedra ("Linguagem médica popular", "*Portugal médico*", 1915) diz acerca do termo: "Esta palavra *gálico* foi primitiva e propriamente aplicada *somente à sífilis.*"

Francisco da Fonseca Henriques, autor do *Madeira ilustrada* (Lisboa, 1751), dedicou um capítulo do seu livro ao *Método de conhecer e curar o mal gálico*. A esse propósito, diz Fernando São Paulo, que, "dos escritos venerandos fornecidos pela antiga medicina lusa, retira-se o conceito de ser a *sífilis o denominado gálico*". Até os meados do século XIX era comum nos livros médicos essa expressão aplicada à sífilis. Imbert, que escreveu em 1834 o seu *Tratado doméstico das enfermidades dos negros*, intitula de *Virus Gallico* o seu capítulo sobre a sífilis e demais infecções do grupo venéreo. Da palavra *gálico* surgiu e generalizou-se o derivativo *galicado* ou *engalicado* (Fernando São Paulo – *Linguagem médica popular no Brasil*, 1936), que passou às gentes incultas, aplicando-se, ainda hoje, geralmente, aos portadores de males venéreos.

*

Levacher ressaltou o espírito clarividente de Guilherme Piso, distinguindo a bouba da sífilis, numa época ainda nebulosa para a dermatologia. Mas o curioso é que os próprios índios faziam essa distinção e, graças a isso, talvez Jean de Léry não chegou a incorrer no erro de outros

cronistas como Oviedo, Brandônio ou Évreux, que, levando em conta a natureza venérea das doenças, emprestam às duas os sinais de uma só entidade. Léry, nesse ponto, foi também exato: "...os que são acometidos de boubas ficam com cicatrizes toda a vida, *como acontece com os sifilíticos e portadores de cancros" (Histoire d'une voyage faict en la Terre du Brésil*, 1578).

Os nossos indígenas tinham designações diferentes para os dois males e, segundo vários autores, entre eles Von Martius, os aborígenes responsabilizavam o povoador branco pela introdução da sífilis nas tribos.

A nossa história das boubas, como a da sífilis, – salientava há pouco Valdemir Miranda (*A bouba no Nordeste brasileiro*), tem sido uma constante fonte de discórdia. As duas treponemoses se confundem até sob o ponto de vista histórico.

Alguns escritores médicos autorizados, como Sigaud, Alphonse Rendu, Cruz Jobim, Gama Lobo e Silva Araújo, sustentaram a opinião de que não existia a bouba entre os aborígenes do Brasil, antes da descoberta, reforçando a convicção de que o mal fora transportado da África com os negros. Hoje, esse juízo não mais prevalece. Silva Lima *(Nosologia das boubas, do maculo e dracontíase no Brasil*, 1894) e, com ele, Plácido Barbosa, Cássio Resende, Rodolfo Garcia, Angione Costa e outros, já procuraram desfazer aquela afirmativa em favor da tese de existência do mal na América pré-colombiana. E, à vista dos novos e definitivos subsídios, que juntaram ao assunto os modernos pesquisadores da medicina pré-histórica sul-americana, ninguém mais, conscientemente, deixará a afirmar que a bouba esteve ligada à tragédia racial do tupi-guarani, como igualmente dos povos primitivos das Américas.

Já é tempo de situarmos o verdadeiro papel do africano na modificação do nosso primitivo quadro nosográfico. Em trabalho anterior (*Os primeiros estudos de medicina no Brasil*), lembramos que não foi pequeno o contingente negro na aplicação do nosso vasto grupo de afecções parasitárias. Mas é certo que ainda se aponta ao africano um exagerado papel disseminador de endemias no Brasil colônia. A ele se tem erradamente atribuído a introdução no país da sífilis, da febre, de febre amarela (Rocha Pita, *História da América portuguesa*), da malária (Roseneau, *Clinique des Maladies Tropicales*), da doença do sono (Harry Johnson, *apud* Roy Nash – *The Conquest of Brasil*, 1926), da peste bubônica (Hoffman, *in Mon-*

thy Weather Review, 1932), da febre tifoide (Lévy, *Higiene Publique*), das verminoses em geral (Roy Nash), do bicho-de-pé, da ancilostomose, das disenterias, do alastrim e até dos mosquitos (Otávio de Freitas, *Doenças africanas no Brasil*, 1935).

Os atuais trabalhos brasileiros de procura vão aliviando o negro da pecha de importador exclusivo de endemias, como já se fez com as boubas, honrando o segundo juízo do piedoso missionário André Thevet, cujo depoimento, nesse sentido, é o mais antigo e, por isso mesmo, o mais valioso da nossa história médica.

. . . .

Bibliografia

– A –

Abbeville (C. de), – *História da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão*, etc., Maranhão, 1874.

Acuña (Christoval de), – *Nuevo descubrimiento del gran río de las Amazonas*, em *Colección de libros que tratan de América, raros ó curiosos*, II, Madri, 1891.

Adanson (Michel), – *Histoire naturelle du Sénégal*, Paris, 1767.

Agache (Alfred), – *Cidade do Rio de Janeiro*, etc., Rio-Paris, 1926-1930.

Agassiz (Luis) & Elisabeth Cary Agassiz, – *Viagem ao Brasil* (1865-1866), São Paulo, 1938.

Almeida (Cândido Mendes de), – "Por que razão os indígenas do nosso litoral chamavam os franceses *mair e os portugueses peró*?", em *Rev, do Inst. Hist. Bras.*, XLI, 2ª parte, Rio, 1878.

Alvarado (Salústio), – "África", em *Geografia Universal*, IV, Barcelona, 1930.

Ambrosetti (J. B.), – "Los Indios Cainguá del Alto Paraná (Misiones)", em *Bol. del Inst. Geog. Arg.*, XV, Buenos Aires, 1894.

Amorim (Antônio Brandão de), – "Lendas em nheengatu e em português", em *Rev. do Inst. Hist. Bras.*, t. C, vol. CLIV, Rio, 1928.

Anchieta (Joseph de), – *Cartas*, *informações*, *fragmentos históricos e sermões*. Com introdução de Afrânio Peixoto e notas de Antônio Alcântara Machado, Rio, 1933.

Andrade (Almir de), – *Formação da sociologia brasileira*, I, Rio, 1941.

Andriveau-Goujon (A.), – *Atlas Classique et Universelle de Géographie Ancienne et Moderne,* Paris, 1850.

Andrade (Gilberto Osório de), – *Um complexo antropogeográfico* (*Lineamentos para uma geografia total da Amazônia*), Recife, 1940.

Araújo (J. de A. Azevedo Pizarro e), – *Memorias históricas do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Rio, 1820-1822.

Avezac (P. d'), – *Iles de l'Afrique*, Paris, 1848.

Airosa (Plínio), – "O Caderno da Língua ou Vocabulário Português-Tupí, de frei João de Arronches", em *Rev. do Mus. Paul.*, XXI, São Paulo, 1937.

Airosa (Plínio), – *Primeiras noções de tupi*, São Paulo, 1933.

Airosa (Plínio), – Os *Nomes das partes do corpo humano pela língua do Brasil* de Pero de Castilho, São Paulo, 1937.

Azevedo (Moreira de), – O *Rio de Janeiro, Rio*, 1877.

– B –

Baillon (H.) – *Dictionnaire de Botanique*, Paris, I (1876), II (1886), III (1891) e IV (1892).

Baldus (Herbert), – *Ensaios de etnologia brasileira,* São Paulo, 1937.

Baldus (Herbert), – "Conceito do tempo entre os indios do Brasil", em *Revista do Arquivo Público*, LXXI, São Paulo, 1940.

Baldus (Herbert) & Willems (Emílio), – *Dicionário de etnologia e Sociologia*, São Paulo, 1939.

Bancroft (H. H.), – *The Native Races of the Pacific States of North America*, 5 vol., Nova York, 1875-1876.

Barleu (G.), – *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil*, etc. Trad. e anotações de Cláudio Brandão, Rio, 1940.

Batchelor (John), – *The Ainu of Japan*, Londres, 1892.

Baião (Antônio), – "O comércio do pau-brasil", em *Hist. da Col. Port. do Bras*., II, Porto, 1923.

Baião (A.) & Malheiro Dias (C.), – "A expedição de Christovão Jacques", em *Hist. de Col. Port. do Bras.*, III, Porto, 1924.

Beaurepaire Rohan (H. de), – "A ilha de Fernando de Noronha", em *Arquivos* (pub. da Prefeitura Municipal do Recife, n. 1, Recife, 1942.

Biographie Universelle Ancienne et Moderne… dirigée par une Societé des Gens de Lettres et de Savants, vol. XLV, Paris, 1826.

Bouullet (N.), – *Dictionnaire Universelle d'Histoire et Géographie*, Paris, 1857.

Bouillet (N.), – *Atlas Universal d'Histoire et Géographie*, Paris, 1877.

Branner (J. C.), – "Apontamentos para a fauna das ilhas de Fernando de Noronha", em *Rev. do Inst. Arq., Hist. e Geog. Pern*., n. 55, Pern., 1901.

Brunet (Pierre) & Mieli (Aldo), – *Histoire des Sciences-Antiquité*, Paris, 1935.

– C –

Cabanès (Doct.), – *El gabinete secreto de la Historia*, I, Madri, 1927.

Calmon (Pedro), – *História do Brasil*, I, São Paulo, 1939.

Câmara (A. Alves), – *Ensaio sobre as construccções navais indígenas do Brasil*, 2ª ed., São Paulo, 1937.
Câmara (Paulo Perestrelo da), – *Dicionário geográfico*, etc., I, Rio, 1877.
Caminhoá (J. Monteiro), – *Elementos de botânica geral e medicinal*, Rio, 1877.
Constatt (O.), – *Brasilien, Land und Leute*, Berlin, 1877.
Capdevilla (Arturo), – *Los incas*, Barcelona, 1937.
Cardim (Fernão), – *Tratados da terra e gente do Brasil*, Rio, 1925. *Cartas avulsas* (1550-1568), – Com introdução de Afrânio Peixoto e notas de Alfredo do Vale Cabral. Rio, 1931.
Carvajal (Gaspar de), Alonso de Rojas & Christobal de Acuña, – *Descobrimentos de rio Amazonas*. Notas de C. de Melo Leitão, São Paulo, 1941.
Carvalho (Afredo de), – "A saudação lacrimosa dos indios", em *Rev. do Inst. Arq., Hist. e Geog. Pern.*, XII, Pern., 1907.
Carvalho (C. Delgado de), – *História da Cidade do Rio de Janeiro*, Rio, 1926.
Casal (Manuel Aires de), – *Corografia brasílica*, II, 2ª ed., Rio, 1845.
Cascudo (Luís da Câmara), – "Anhanga, mito de confusão verbal", em *Rev. do Inst. Arq., Hist. e Geog. Pern.*, vol. XXXII, n. 151-154, Pern., 1934.
Castro (Josué de), – *O problema da alimentação no Brasil*, São Paulo, 1934.
Chamberlain (Alex. F.); – *The Child and childhood in Folk-Thought,* Nova York, 1896.
Cisneiros (Luis Ulloa), – "América", em *Historia Universal – Novísimo estudio de la Humanidad*, VI, Barcelona, 1931.
Coleção de noticias ultramarinas, II, Lisboa, 1812.
Correia (M. Pio), – *Dicionário das plantas uteis do Brasil e das exóticas cultivadas*; Rio, I (1926) e II (1931).
Costa (F. A. Pereira da), – *A ilha de Fernando de Noronha*, Pernambuco, 1887.
Costa (F. A. Pereira da), – "Vocabulário pernambucano"; em *Rev. do Inst. Arq., Hist. e Geog. Pern.*, XXXIV, n. 159-162, Pern., 1937.
Costa (Nélson), – *História da cidade do Rio de Janeiro*, Rio, 1935.
Couto (Domingos do Loreto), – "Desagravos do Brasil e Glórias de Pernambuco", em *An. da Bib. Nac. do Rio de Janeiro*, XXIV, Rio, 1904.

– D –

Dobrizhoffer (M.), – *História de Abiponibus equestri*, etc., Viena, 1784.
Davie (Maurice R.), – *La guerre dans les sociétés primitives*, Paris, 1931.

Davis (John D.), – *Dicionário da Bíblia*, trad., Rio, 1928.
Dembo (A.) & Imbelloni (J.), – *Deformaciones intencionales del cuerpo de carácter étnico*, Buenos Aires, s/d.
Denis (Ferdinand), – *Une fête brésillienne célébrée à Rouen en 1550*, etc., Paris, 1850.
Deschamp (Paul), – *État social des peuples sauvages*, Paris, 1930.
Diálogos das grandezas do Brasil, – Introdução de Capistrano de Abreu e notas de Rodolfo Garcia. Rio, 1930.
Dias (Carlos Malheiro), – "Introdução", em *Hist. da Col. Port. do Bras.*, I, Porto, 1921.
Dias (Carlos Malheiro), – "A expedição de 1501" e "A expedição de 1503", em *Hist . da Col. Port. do Bras.*, II, Porto, 1923.
Dias (Carlos Malheiro), – "O regime feudal das donatarias", em *Hist. da Col. Port. do Bras.*, III, Porto, 1924.
Dicionário histórico, geográfico e estatístico do Brasil – Introdução Geral, I, Rio, 1922.
Dicionário de Geografia Universal – por uma "Sociedade de Homens de Lettras", sob a direção de Tito Augusto de Carvalho, I, Lisboa, 1878.
Dictionnaire des Sciences Naturelles (por vários professores do Jardim do Rei), Estrasburgo e Paris, II (1816), XX (1821), XXVIII (1821), LVII (1829), etc.
Duarte (Eustáquio), – "Uma página de entomologia médica", em *Diário da Manhã*, Recife, 17-IV-938.
Duarte (Estáquio), – "Os primeiros estudos de medicina no Brasil", em *Atas Ciba*, VI, n. 6, Rio, junho de 1939.

– E –

Edmundo (Luís), – *O Rio de Janeiro no tempo dos vice-reis*, Rio, 1932.
Ehrenreích (P.), – *Anthropologische Studien uber die Urbewohner Brasiliens*, Braunschweig, 1897.
Ehrenreich (P.), – "Sobre alguns retratos de índios sul-americanos", em *Rev. do Inst. Arq., Hist. e Geog. Pern.*, XII, Pern., 1907.
Ellis (A. B.), – *The Land of the Fetish*, Londres, 1883.
Ellis (A. B.), – *The Ewe-speaking Peoples of the Slave Coast of West Africa*, Londres, 1890.

Enciso (M. Fernández de). – *Descripción de las Indias occidentales*, Santiago de Chile, 1897.
Encyclopaedia Britannica (*The*); vol. VII, Nova York, 1910-1911, 11ª ed..
Évreux (Ivo de), – *Viagem ao Norte do Brasil feita nos anos de 1613 a 1614*, Maranhão, 1874.

– F –

Fazenda (J. Vieira), – "Fundamentos da cidade do Rio de Janeiro", em *Rev. do Inst. Hist. Bras.*, t. 80, Rio, 1917.
Ferreira (João da Costa), – "A cidade do Rio de Janeiro e seu termo", em *Rev. do Inst. Hist. Bras.*, t. 110, Rio, 1931.
Fischer (P.), – *Manuel de conchyliologie*, *etc.*, Paris, 1887.
Fleiuss (Max), – *História da cidade do Rio de Janeiro*, Rio, 1928.
Fontes (J. R de Sousa), – "Quais foram os animais introduzidos na América pelos conquistadores?", em *Rev, do Inst. Hist. Bras*. XIX, Rio, 1856.
Forbes, – *Le Dahomey et les dahomins*, Londres, 1851.
Franco (Affonso Arinos de Melo), – *O índio brasileiro e a revolução francesa*. – *As origens brasileiras da teoria da bondade natural*, Rio, 1937.
Frazer (J. G.), – *L'avocat du diable ou la tâche de Psyché*, Paris, 1914.
Frazer (J. G.), – *Mythes sur l'origine du feu*, Paris, 1931.
Freire (Felisbelo), – *História da cidade do Rio de Janeiro,* Rio, 1912.
Freitas (Afonso A. de), – *Vocabulário nheengatu*, São Paulo, 1936.
Freitas (Jordão de), – "A expedição de Martim Afonso de Sousa (1550-1533)", em *Hist. da Col. Port. do Bras.*, III, Porto, 1924.
Freitas (Otávio de), – *Doenças africanas no Brasil*, São Paulo, 1935.
Freire (Gilberto), – *Casa grande & senzala*, 3ª ed., Rio, 1933.
Freyre (Gilberto), – *Um engenheiro francês no Brasil*, Rio, 1940.
Friederici (Georg), – "Der Tranengruss der Indianer", em *Globus*, LXXXIX, Braunschweig, 1906.
Furness (W. H.), – *Home Life of Borneo Head Hunters*, Philadelphia, 1902.

– G –

Gaffarel (Paul), – *Histoire du Brésil français au seizième siècle*, Paris, 1878.
Goldenweiser (Alexander), – *Anthropology*, New York, 1937.

Galvão (Ramiz), – "O livro de Paul Gaffarel", em *Rev. do Inst. Hist. Bras.*, t. 102, Rio, 1927.
Gama (José Bernardo Fernandes), – *Memórias históricas de Pernambuco*, I, Pernambuco, 1844.
Gandavo (Pero de Magalhães), – *Tratado da terra do Brasil e História da Província de Santa Cruz*, Rio, 1924.
García (L. Pericot y), – *América indígena*, I, Barcelona, 1936.
Garcia (Rodolfo), – "Glossário das palavras e frases da lingua tupi, contidas na *Histoire de la mission des pères capucins en l'isle de Maragnon et terres circonvoisines* do padre Claude d'Abbeville", em *Rev. do Inst. Hist. Bras.*, t. 94, vol. 148, Rio, 1927.
García (E.) & R. Levene, *Historia de América*, III, Buenos Aires, 1940.
Góis (Damião de), – *Crônica do Serenissimo Senhor Rei D. Manuel*, Lisboa, 1747.
Gomes (Bernardino Antônio), – "Memória sobre as boubas", em *Hist. e Mem. da Acad. Real das Ciên. de Lisboa*, IV, parte 1ª, Lisboa, 1815.
Grammont (H. de), – *Relation de l'expédition de Charles-Quint contre Argel*, Paris e Argel, 1874.
Grisard & Vandan Berghe, – *Les palmiers utiles*, Paris, 1889.
Günther (Siegmundo), – *Geografia física*, Barcelona, s/d.

– H –

Hambly (W. D.), – *Origins of education among primitive peoples*, Londres, 1926.
Harrisse (H.), – *The diplomatic history of America*, Londres, 1897.
Hartt (Charles Frederick), – *Geologia e geographia física do Brasil*, São Paulo; 1941. Hatzfeld (Adolphe) & Darmesteter (Arsène), – *Dictionnaire Générale de la Langue Française*, etc., I, Paris, s/d.
Herckmans (Elias), – "Descrição Geral da Capitania da Paraíba", em *Rev. do Inst. Arq., Hist. e Geog. Pern.*, V, Pern., 1886.
Heulhard (Arthur), – *Villegagnon, Roi d'Amérique – Un homme de mer au XVII siècle* (1510-1572), Paris, 1897.
Histoire Naturale de Pline. – Trad. e not. de É. Littré, Paris, 1855.
Hocart (A. M.), – *Les progrès de l'homme*, Paris, 1935.

Hoefer (F.), – “Empire de Maroc”, em *l’Univers, Paris*, 1848.
Hoehne (F. C.), – “A Flora do Brasil”, em *Recenseamento do Brasil*, I, Int., Rio, 1922.
Hoehne (F. C.), – *Botanica e Agricultura no Brasil* (*Século XVI*), São Paulo, 1937.
Hovelacque (Alexandre-Abel) – *Les negres de l’Afrique sus-équetoriale*, Paris, 1889.
Humboldt (A. de), – *Examen critique del’histoire de la géographie du Nouveau Continent*, I, Paris, 1836.

– I –

Ihering (H. v.), – “As ilhas oceânicas do Brasil”, em *Revista Brasileira*, IV, Rio, 1895.
Ihering (H. v.), – “Arqueologia comparativa do Brasil”, em *Rev. do Mus. Paul.*, VI, São Paulo, 1904.
Ihering (R. v.), – *Fauna do Brasil*, São Paulo, 1917.
Imbelloni (J.), – *La esfinge indiana*, Buenos Aires, 1926.
Imbelloni (J.), – *Três capítulos sobre sistemática del hombre americano*, Lima, 1937.

– J –

Jaboatão (fr. A. de S. M.), *Novo orbe seráfico brasileiro*, I, Rio, 1858.
Johnston (Harry H.), *The Uganda Protectorate*, Londres, 1902.
Joigneauae (M. P.) & Moreau, (M. C.); – *Dictionnaire d’Agriculture Pratique*, Paris, s/d.

– K –

Kagarov (E.), – “Essai de classification des rites populaires”, em *Rev. del Inst. de Etnol. de la Univ. Nac. de Tuc.*, II, Tucumán, 1931.
Karsten (R.), – *The Civilization of the South American Indians*, Londres, 1926.
Knivet (Anthony), – “The admirable adventures and strange fortune of Master Antoine Knivet”, etc., em *Hakluystus Posthmus or Purchas his Pilgrimes*, XVI, Glascow, 1906.
Koster (Henry), – *Viagens ao Nordeste do Brasil* (trad. e notas de Luís da Câmara Cascudo), São Paulo, 1942.

Krappe (Alexandre H.), – *La genèse des Mythes*, Paris, 1938.
Kretschmer (K.), – *Historia de la Geografía*, Barcelona, 1926.

– L –

Labat (Jean-Baptiste), – *Noveau Voyage aux l'isles de l'Amérique, contenant l'histoire naturelle de ces pays*, etc., II, Haia, 1724.
Labat (Jean-Baptiste), – *Nouvelle Relation de l'Afrique Occidentale*, III, Paris, 1728.
Laffitte, – *Le Pays des nègres*, Tours, 1881.
Lash (Richard), – "Einfübrung in die vergleichende völkerkund", em *Illust. Völk*, Stuttgart, 1922.
Latcham (Ricardo E.), – "Antropologia chilena", em *Rev. del Mus. de la Plata*, XVI, Buenos Aires, 1909.
Le Cointe (Paul), – *A Amazônia brasileira*, III – *Árvores e plantas úteis*, Belém, 1934. Lefranc (Abel), – *La vie quotidienne au temps de la Renaissance*, Paris, 1938.
Leite (Duarte); – "O mais antigo mapa do Brasil", em *Hist. da Col. Port. do Bras.*, II, Porto, 1923.
Leite (Duarte), – "Os falsos precursores de Álvares Cabral", em *Hist. da Col. Port. do Bras.*, II, Porto, 1923.
Leite (Duarte), – "A exploração do litoral do Brasil na cartografia da primeira decada do século XVI", em *Hist. da Col. Port. do Brasil*, II, Porto, 1923.
Leite (Serafim), – *História da Companhia de Jesus no Brasil*, I, Lisboa, 1938.
Leite (Serafim), – "Conquista e fundação do Rio de Janeiro", em O *Instituto*, vol. 90, Coimbra, 1936.
Léry (Jean de), – *Histoire d'un Voyage faict en la terre du Bresil, avtrement dite Amerique*, ed. de Antoine Chuppin, (Genebra), 1858.
Léry (Jean de), – *Viagem à terra do Brasil*. Ed. da Livraria Martins, coleção dirigida por Rubens Borba de Morais, com notas de Sergio Milliet e Plínio Airosa, São Paulo, 1941.
Levacher (G.), – "Histoire du Pian", em *Guide Médical des Antilles*, Paris, 1847 (3ª ed.). Lévy-Bruhl (L.), – *La mentalité primitive*, Paris, 1933.
Lima (Hermeto), – "História das ruas do Rio de Janeiro", em *Bol. do Min. do Trab., Ind. e Com.*, n. 37, ano IV, Rio, 1937.

Lima (Oliveira), – *Bibliographical and historical description of the rarest books*, etc., Washington, 1926.
Lippmann (Ed. o. v.), – *História do Açúcar*; I, Rio, 1941.
Lisboa (Baltasar da Silva), – *Anais do Rio de Janeiro*, I, Rio, 1834.
Littré (É.), – *Dictionnaire de la Langue Française*, Paris, 1878-1881.
Lopes (Raimundo), – "Pesquisa etnológica sobre a pesca brasileira no Maranhão", em Rev. do *Serv. do Pat. Hist. e Art. Nac.*, II, Rio, 1938.
Lowie (Robert H.), – *Manuel d'anthropologie culturelle*, Paris, 1936.
Lozano (Pedro), – *Historia de la Conquista del Paraguay*, etc., I, Buenos Aires, 1873.
Lüderwaldt (H.), – "Observações sobre a preguiça", etc. em *Rev. do Mus. Paul.*, X, São Paulo, 1918 e "Mais algumas observações sobre a preguiça", *ib.*, XIV, 1926.

– M –

Magalhães (Couto de), – *O selvagem*, São Paulo, 1935.
Magalhães (Agenor Couto de), – *Ensaio sobre a fauna brasileira*, São Paulo, 1939.
Malinowski (B.) – *The Family among the Australian Aborigenes*, Londres, 1913.
Marçal (Heitor), – "Os indios do Brasil", em *Cultura Política*, n. 12, fev. Rio, 1942.
Marcgrave (G.), – *Historia Naturalis Brasilia*, etc., Lugdun. Batavorum et Amstelodomi, 1648.
Marcgrave (Jorge), – *Historia Natural do Brasil*. Trad. de mons. José Procópio de Magalhães e ed. do Museu Paulista comemorativa do centenário da fundação da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1942. Prefácio e escorço biográfico de Affonso de E. Taunay, com notas de Alberto J. de Sampaio, João de Paiva Carvalho, Paulo Sawaya, Olivedo Mário de Oliveira Pinto, Frederico Lane, Plínio Airosa e Eloísa Torres.
Margoliouth (D. S.), – *Islamismo*, 2ª ed., Barcelona, 1929.
Martins (João Augusto), – *Madeira*, *Cabo Verde e Guiné,* Lisboa, 1891.
Martius (K. F. Phil. v.), – O *direito entre os indígenas do Brasil*, São Paulo, 1938.
Martius (K. F. Phil. v.), – *Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros* (1844), São Paulo, 1939.

Meininger (P.), – *Histoire générale de l'Antiquité*, I, Paris, 1929.
Métraux (A.), – *La civilisation matérielle des tribus tupi-guarani*, Paris, 1928.
Métraux (A.), – *La religion des Tupinamba et ses rapports avec celle des autres tribus tupi-guarani*, Paris, 1928.
Métraux (A.), "Études sur la civilisation des Indiens Chiriguano" em *Rev. del Inst. de Et. de la Univ. Nac. de Tucumán*, I; Tucumán; 1930.
Miranda (Valdemir), – *A bouba no Nordeste brasileiro*, Pernambuco, 1935.
Mollien (G. T.) – *Voyage dans l'intérior de l'Afrique*, etc, Paris, 1820.
Molinari (Diego Luis), – *El Nacimiento del Nuevo Mundo*, Buenos Aires, 1942.
Montandon (G.), – *Traité d'Ethnologie culturelle*, Paris, 1934.
Medina (José Toríbio), – *Descobrimiento del Rio de las Amazonas*, etc. Sevilha, 1894.
Mooney (James), – "Myths of the Cherokee", em *Nineteenth Annual Report of the Bureau of American Ethnology*; 1ª parte, Washington, 1900.
Morais (Raimundo), – *País das Pedras Verdes*, Manaus, 1930.
Moret (A.), – *Le Nil et la civilisation égyptienne*, Paris, 1926.
Moore, (F.), – *Travels into the inland Parts of Africa*, Londres, 1938.

– N –

Navarrete (M. F. de), – *Colección de los viages y descubrimientos*, etc., III, Madri, 1829.
Neiva (Artur), – *Estudos da língua nacional*, São Paulo, 1940.
Neto (Ladislau), – "Investigação sobre a arqueologia brasileira", em *Arq. do Mus. Nac.*, VI, Rio, 1885.
Nieuhof (Joan), – *Memorável viagem marítima e terrestre ao Brasil*. Tradução de Moacir N. Vasconcelos e introdução, notas, etc. de José Honório Rodrigues. São Paulo, 1942.
Nimuendaju (Curt), – "Die Sagen von der Erschaffung und Vernichtung der Welt als Grundlagen der Religion des Apopacuva-Guarani", em *Zeit. f. Eth.*, XLVI, Berlim, 1914.
Nimuendaju (Curt), – "Sagen der Tembé-Indianer", em *Zeit. f. Ethn.*, XLVII, Berlim, 1915.
Nipgen (J.), – "Les flèches empoisonnées de l'Amérique du Sud", em *Rev. d'Ethn. et Trad. Pop.*, Paris, 1922.

Nobrega (Manuel da), – *Cartas do Brasil*. Prefácio de Afrânio Peixoto e notas de Vale Cabral e de Rodolfo Garcia. Rio, 1931.

Nova Gazetta Alemã (A.), – Com notas de J. Ribeiro, B. Achüller e C. Brandenburger, Rio, s/d.

Nunes (Antônio Duarte), – "Memória do descobrimento e da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro", *em Rev. do Inst. Hist. Bras.*, I, 1839.

– O –

Obermaier (O.), – *El hombre prehistórico y los orígenes de la humanidad*, Madri, 1932.

Orbigny (C. d'), – *Dictionnaire d'Histoire Naturelle*, II, Paris, 1849.

Orico (Osvaldo), – *Vocabulário de crendices amazônicas*, São Paulo, 1937.

Orico (Osvaldo), – *Contos e lendas do Brasil*, São Paulo, s/d.

Ortiguera (Toribio de), – "Jornada del río Marañon", em *Nueva Biblioteca de autores españoles*, II, Madri, 1909.

Ortiz (Fernando) & Raphael A. Fernández, – "Antillas", em *Geografía Universal-Descripción moderna del Mundo*, V, Barcelona, 1931.

Osorio de Almeida (A.), – "A ação protetora do urucu", em *Bol. do Mus. Nac.*, VII, Rio, 1931.

Oviedo (Gonzalo Fernández de), – *Historia General y Natural de las Indias*, IV, Madri, 1855.

– P –

Pardal (R.), – *Medicina aborigene americana*, Buenos Aires, s/d.

Pardal (R.), – "A Medicina e a Cirurgia na cerâmica do antigo Peru", em *Atlas Ciba*, n. 9, Rio, 1937.

Paucke, S. I. (Florian), – *Hacia allá para acá*, I, – Tucumán-Buenos Aires, 1942.

Peixoto (Afrânio), – *Rio de Janeiro*, ed. Lello & Irmão, Porto, s/d.

Peixoto (Afrânio), – *História do Brasil*, Porto e Lisboa, 1940.

Passalaqua (C.), – "O apóstolo Santo Tomé na America", em *Rev. do Inst. Hist*. de São Paulo, VIII, São Paulo.

Pereira (F. M. Esteves), – "O descobrimento de rio da Prata", em *Hist da Col. Port. do Bras.*, II, Porto, 1923.

Pereira (Nuno Marques), – *Compêndio Narrativo do Peregrino na América*, 6ª ed., II, Rio, 1939. Com notas de Varnhagen, Leite de Vasconcelos, Afrânio Peixoto, Rodolfo Garcia e Pedro Calmon.

Peretti (João), – "O cajueiro", em *Arquivos*, pub. da Pref. Mun. do Recife, 2º, Recife, 1942.

Pereira Ferraz (A. L.), – *Terra da ibirapitanga*, Rio, 1939.

Pereyra (Carlos), – *Breve história da América*, Madri, 1930.

Pinheiro (J. C. Fernandes), – "A França Antártica", em *Rev. do Inst. Hist. Bras.*, XXII, 1ª parte, Rio, 1859.

Pinto (Alfredo Moreira), – *Apontamentos para o Dicionário geográfico do Brasil*, Rio, I (1894) e II (1896).

Pinto (Estêvão), – *Os indígenas do Nordeste*, II, São Paulo, 1938.

Pinto (Pedro A.), – *Dicionário dos termos médicos*, 2ª ed., Rio, 1938.

Pommegorge (Pruneau de), – *Description de la Nigritie*. Amsterdã, 1789.

Porto Seguro (Visconde de). – *História geral do Brasil*, I, 4ª ed., São Paulo, s/d.

Prado (J. F. de Almeida), – *Primeiros povoadores do Brasil*, São Paulo, 1935.

Prado (J. F. de Almeida), – *Pemambuco e as capitanias do Norte do Brasil*, I, São Paulo, 1939.

Prescott (W. H.), – *History of the conquest of Mexico*, I, Londres, 1878.

– Q –

Quadros (E. R. Ewerton), – "Memórias sobre os trabalhos de observação e exploração efetuados pela Segunda Seção da Comissão encarregada da linha telegráfica de Uberaba a Cuiabá, em *Rev. do Inst. Hist. Bras.*, LV, 1ª parte, Rio, 1892.

Quevedo (A. A. Lafone), – *El nombre "Rio de la Plata*", Buenos Aires, 1897.

– R –

Raspail (F. V.), – *Histoire Naturalle de la Santé et de la Maladie*, etc., Paris, 1843.

Reclus (Elisée), – *Nouvelle Géographie Universelle*; Paris, vol. X (1885), XI (1886), XII (1887) e XIII (1888).

Regnault (Élias), – *Histoire des Antilles*, Paris, 1849.

Reis (Jayme), – “A primeira fundação do Rio de Janeiro”, em *Rev. Bras.*, 2º trim., Rio, 1897.
Rengger (J. R.), – *Reise nach Paraguay in den Jahren 1818 bis 1826*, Aaran., 1835.
Ribeiro (Alípio Miranda), – “Fauna Brasiliense – Peixes”, em *Arq. do Mus. Nac. do Rio de Jan.*, XVII, Rio, 1915.
Ribeiro (F. de Paula), – “Memória sobre as nações gentias”, etc. em *Rev. do Inst. Hist. Bras.*, III, Rio, 1841.
Rich (A.), – *Dict. des Ant. Rom. et Grecq.*, Paris, 1883.
Rios (A. Morale. de los), – “Subsídios para a história da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro”, em *Rev. do Ins. Hist. Bras.*; tomo especial, 1ª parte, Rio, 1915.
Rock (F.), – “Der Linn der astkischen Menscrenopfer”, em *Völkerkunde*, I, Viena, 1925.
Rodrigues (J. Barbosa), – *O muiraquitã e os ídolos simbólicos*, Rio, 1899.
Rodrigues (J. T.), – *Biblioteca brasiliense*, parte primeira, 1907.
Roquette Pinto (E.), – *Seixos rolados* (*Estudos brasileiros*), Rio, 1927.
Roquette Pinto (E.), – *Rondônia*, São Paulo, 1935.
Royce (C.), – “The cherokee nation”; *em Annual Report of the Bureau of American Ethnology*, V, Washington, 1883-1884.
Ruge (Sophus), – “La época de los descubrimientos geográficos”, em *Hist. Univ* de G. Oncken, XIX, Barcetona, 1934.

– S –

Saint-Adolphe (J. C. R. Milliet de), – *Dicionário geográfico, histórico e descritivo do Império do Brasil*, I, Paris, 1845.
Saint-Hilaire (A. de), – *Viagem ao Rio Grande do Sul*, Rio, 1935.
Saint-Martin (V. de), – *Nouveau Dictionnaire de Géographie Universelle*, Paris, I (1879), II (1884), III (1887) e IV (1890).
Salathé (George), – “Les Indiens Karimé”, em *Rev. del Inst. Et. de la Univ. Nac. de Tuc*, II, Tucumán, 1932.
Salvador (Frei Vicente do), – *História do Brasil*, São Paulo e Rio, 1918. Com notas de Capistrano de Abreu.
Sampaio (A. J. de), – *Fitogeografia do Brasil*, São Paulo, 1934.

Sampaio (Carlos), – *Memória Histórica* Obras da Prefeitura do Rio de Janeiro, Rio, 1924.
Sampaio (Teodoro), – *O tupi na geografia nacional*, São Paulo, 1914.
Sampaio (Teodoro), – "Os naturalistas viajantes dos seculos XVIII e XIX", em *Rev. do lnst. Hist. Bras.*, tomo especial, 2ª parte, Rio, 1915.
Sanderval, – *De l'Atlantique ou Niger*, Paris, 1882.
São Paulo (Fernando), – *Linguagem médica popular no Brasil*, Rio, 1936.
Schmidt (Max), – "Sobre o direito dos selvagens tropicais da América do Sul", em *Bol. do Mus. Nac.*, VI; Rio, 1930.
Schmidt (Wilhelm), – *Etnologia sul-americana*, São Paulo, 1942.
Schuller (R R). – El origen de los Charrúa", em *Ann. de la Univ. de Chile*, CXVIII, Santiago.
Schuller. (R. R), – "A covada", em *Revista americana*, I,. n. 12, Rio, 1910.
Seligman (C. G.), – *Les races de l'Afrique*, Paris, 1935.
Serrano (Antônio), – *Los primitivos habitantes del territorio argentino*, Buenos Aires, 1930.
Sigaud, (J. F. X.), – *Du climat et des maladies du Brésil*, Paris, 1844. Silva Araújo (O. da), – *Contribuição para o estudo da bouba*, *Rio*, 1911.
Silva Araújo (O. da), – *Subsídios para o estudo da framboesia trópica*, Rio, 1928.
Silva (J. Caetano da), – *L'Oyapoc et l'Amazone*, I, Paris, 1861.
Silva (J. M. Pereira da), – "A fundação do Rio de Janeiro, na história e na legenda", *Jornal do Comércio*, Rio, l9-V-1894.
Silva (Luciano Pereira da), – "A arte de navegar dos portugueses em *Hist. da Col. Port. do Bras.*, I, Porto, 1921.
Simch (F. R.), – 'Tembetás", em *Rev. do Inst. Hist. e Geog. do Rio Grande do Sul*, ano I, 3º e 4º trim., Porto Alegre, 1924.
Simonsen (Roberto S.), – *História econômica do Brasil*, I, São Paulo, 1937.
Soares (João), – *Atlas histórico-geográfico*, Lisboa, 1925.
Sousa (Augusto Fausto de), – *A baía do Rio de Janeiro*, Rio, 1882.
Sousa (Bernardino José de), – *Dicionário da Terra e da Gente do Brasil*, 4ª ed., São Paulo, 1939.
Sousa (Bernardino José de), – O *pau-brasil na história nacional*, São Paulo, 1939.

Sousa (Emanuel de), – *Dictionnaire François-Portugais* (rev. e aum. por Joachim Joseph da Costa & Sá e Vincent Pierre Nolasco da Cunha), Lisboa, 1811.

Sousa (Gabriel Soares de), – *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, 3ª ed., São Paulo, 1938.

Spencer (F. C.), – "Education of the Pueblo child", em *Columbia Univ. Cont. to Philisophy*, *Psychology and Education*, VII, Nova York, 1899.

Spix (J. B. v.) & Martius (K. F. Phil. v.), – *Através da Bahia*, São Paulo, 1938.

Spix (J. B. Y.) & Martius (K. F. Phil. v.), – *Viagem pelo Brasil*, I e III, Rio, 1938.

Staden (Hans), – *Viagem ao Brasil*, Rio, 1930.

Smith (R. Brough), – *The Aborigines of Victoria*, Londres, 1878.

Steinen (K. v. d.), – *Entre os aborígenes do Brasil Central*, São Paulo, 1940.

Stela (Jorge Bertolaso), – *As linguas indígenas da América*, São Paulo, 1929.

Stradelli (E.), – "Vocabulários da língua geral, português-nheengatu e nheengatu-português", etc., em Rev. do *Inst. Hist. Bras.*, tomo CIV, vol. CLVIII, Rio, 1929.

Suetônio, – *As vidas dos doze cesares*, Rio, 1937.

Skertchley, *Dahomey as it is,* Londres, 1874.

– T –

Tardieu (A.), – "Sénégambie et Guinée", em *L'Univers ou Histoire et Description de tous les peuples*, etc., Paris, 1848.

Taunay (Afonso de E.), – *Zoologia fantástica do Brasil*, Paulo, 1934.

Taunay (Afonso de E.), – "Monstros e monstrengos do Brasil", em *Rev. do Mus. Pau.*, XXI, São Paulo, 1937.

Tauxier (L.), – *La religion bambara*, Paris, 1927.

Teschauer (C.), – *Poranduba rio-grandense*, Porto Alegre, 1929.

Thevet (André), – *Les Singvlaritez de la France Antarctique, avtrement nommée Amerique: & de plusieurs Terres & Isles decouuerts de nostre temps*, Paris, 1558.

Thevet (Artdré), – *Les Singvlaritez de la France Antarctique*, Paris, 1878 (com prefacio e notas de Paul Gaffarel).

Thompson (G. S.), – *The Geographical and Historical Dictionnary of America and West Indies*, Londres, I (1812), III (1812) e IV (1814).
Tocantins (A. M. Gonçalves), – "Estudos sobre a tribo *Munducuru*", em *Rev. do Inst. Hist. Bras.*, XL, Rio, 1877.
Torrend (C.), – "O culto das pedras verdes entre os aborígenes do Brasil", em *Rev. do Inst. Hist. e Geog. da Bahia*, n. 45, São Salvador, 1919.

– V –

Vasconcelos (Alberto), – *Vocabulário de ictiologia e pesca*, Recife, 1938.
Vasconcelos (Simão de), – *Crônica da Companhia de Jesus*, Rio, 1864.
Verneau (R.), – *Les anciens patagons*, Mônaco, 1905.
Vidal-Lablache, – *Atlas Classique*, Paris, s/d.
Vignaud (Henry), – *Améric Vespuce*, Paris, 1917.
Vivante (Armando) & Imbelloni (J.), – *Libra de las Atlántidas*, Buenos Aires, s/d.

– W –

Wallace (Alfred Russel), *Viagens pelo Amazonas e rio Negro*, São Paulo, 1939.
Wangh (F. W.), – "Iroquois Foods and Food Preparation", em *Memoir 86*, n. 12, Anthropological Series, Geological Survey, Canadá.
Watjen (Hermann), – O *demônio holandês no Brasil*, São Paulo, 1938.
Westermarck (E.), – *L'origine et le développement des idées morales*, Paris, I (1928) e II (1929).
Wied Neuwied (Maximiliano, Príncipe de), – *Viagem ao Brasil*. Trad. e notas de Olivério Pinto, São Paulo, 1940.

. . . .

Índice das Estampas

. . . .

Índice onomástico

Singularidades da França Antártica

O livro do fr. André Thevet vem se somar a uma bibliografia extensa sobre os primórdios das descobertas do Novo Mundo e, junto de Gabriel Soares Sousa, Gandavo, Simão de Vasconcelos, fr. Vicente do Salvador, os capuchinhos do Maranhão Claude d'Aubeville e Yves d'Évreux, agrega mais vivacidade e informação sobre o Brasil.

Nenhuma bibliografia que se refira ao período, com todos acertos e erros naturais para um viajante que se depara com um mundo desconhecido, pode dispensar este volume que encerra a visão de um mundo fantástico, ignoto, desafiador. Thevet foi antes de tudo um atento observador da fauna e da flora brasileiras, e dos hábitos e costumes dos ditos selvagens que aqui habitavam.

Vindo com Villegagnon para a missão francesa da França Antártica no Rio de Janeiro, fr. André Thevet revelou não apenas o que registrou no Brasil recém-descoberto, mas também acrescenta à sua lista de singularidades uma extensão territorial muito mais ampla, que chega até o Canadá. Abandona o hábito após a publicação de suas *Singularidades* e dedica-se a ocupar o cargo de historiador e de cosmógrafo real na corte da rainha Catarina de Médicis. Morreu em 1952, ainda apegado a suas lembranças de um mundo encantado e de experiências vitais que nutriram seu amor às suas *Singularidades.*